JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 17 de setembro de 1978 | Ano LXXXVIII — N.º 162

TEMPO

Nublado com possível instabilidade. Temperatura estável. Ventos: variáveis, fracos, ocasionalmente moderados. Máx.: 30.6 (Santa Cruz). Mín.: 17.5 (A. B. Vista). (Mapas na pág. 20)

O JORNAL DO BRASIL de hoje circula com 120 páginas em quatro cadernos de **Classificados**, Noticiário, **Cad. Especial, Cad. B** e **Cad. de Quadrinhos**, mais **Revista do Domingo.**

PREÇOS, VENDA AVULSA: Estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais:

Dias úteis . . . Cr$ 5,00
Domingos . . . Cr$ 6,00

Outros Estados:

Dias úteis . . . Cr$ 9,00
Domingos . . . Cr$ 10,00

ASSINATURAS — Domiciliar (Rio e Niterói): Tel. 264-6807:

3 meses . . . Cr$ 420,00
6 meses . . . Cr$ 730,00

São Paulo — (CAPITAL)

3 meses . . . Cr$ 600,00
6 meses . . . Cr$ 1 200,00

Postal, via terrestre em todo o território nacional, inclusive Rio de Janeiro:

3 meses . . . Cr$ 420,00
6 meses . . . Cr$ 730,00

Postal, via aérea, em todo o território nacional:

3 meses . . . Cr$ 500,00
6 meses . . . Cr$ 900,00

EXTERIOR — Via aérea: América Central, América do Norte, Portugal e Espanha:

3 meses . . . US$ 207.00
6 meses . . . US$ 414.00
1 ano . . . . US$ 829.00

América do Sul:

3 meses . . . US$ 150.00
6 meses . . . US$ 300.00
1 ano . . . . US$ 600.00

Demais países:

3 meses . . . US$ 304.00
6 meses . . . US$ 608.00
1 ano . . . . US$ 1 216.00

VIA MARÍTIMA: América, Portugal e Espanha:

3 meses . . . US$ 41.00
6 meses . . . US$ 82.00
1 ano . . . . US$ 164.00

Demais países:

3 meses . . . US$ 58.00
6 meses . . . US$ 116.00
1 ano . . . . US$ 232.00

Faoro diz que 15 de novembro testa o regime

Um ano depois de ter encontrado o Senador Petrônio Portella para discutir pela primeira vez as reformas políticas propostas pelo Governo, o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Raymundo Faoro, afirma que deve ser em 15 de novembro, e não no Colégio Eleitoral de 15 de outubro, o teste do que pensa o país sobre o regime.

Ele acha que, com a sucessão presidencial, o debate "sofreu um retardamento", porque escoou para "o âmbito burocrático e militar" e nega que um golpe de estado possa fazer a democracia. O Congresso, em sua opinião, não pode "voltar as costas" ao projeto do Governo: deve ampliá-lo e melhorá-lo, agora ou mais tarde. (Pág. 4 e editorial na pág. 10)

"Sinto a mesma emoção". Todos os anos, o cabo Adão Rosa da Rocha dispara no dia 16 de setembro um canhão de 90 mm, com um tiro de festim. Ex-combatente da FEB, hoje com 58 anos, esse é o seu único contato com armas. Mas tem um significado muito especial, pois o cabo Adão foi o primeiro brasileiro a dar um tiro na II Guerra Mundial. "Primeiro tiro jamais disparado pela Artilharia Brasileira fora do Continente americano", como ressaltou o Comandante da FEB, Marechal Mascarenhas de Moraes, é o grande orgulho do 21.º Grupo de Artilharia de Campanha, que este ano tomou o nome do lugar onde se deu o feito, tornando-se Grupo Monte Bastione. (Página 26)

Somoza garante dominar León e mais cidades

Horas depois de anunciar a reconquista de León, a segunda cidade da Nicarágua tomada pelos rebeldes semana passada, a Guarda Nacional nicaraguense informou ter recuperado o controle de Chinandega e Esteli, onde restabeleceu a calma, também já reinante em Masaya, Diriamba e Jinotepe.

Iludindo a censura total imposta ao país nas últimas horas, todas as organizações católicas da Nicarágua subscreveram carta ao Presidente americano Jimmy Carter pedindo o fim de toda ajuda a Somoza "para que o povo nicaraguense determine seu futuro". Salienta que a violência atual no país se deve à violência generalizada e institucionalizada pelo Governo. (Páginas 16 e 17)

Editoriais

Por motivos técnicos, os editoriais e os artigos de opinião dos colaboradores, que vinham sendo publicados aos domingos no Caderno Especial voltam a ser publicados nas páginas 10 e 11 do primeiro caderno como de costume.

* * *

• Os militares não fazem politica? A sucessão presidencial tornou-se explosiva? As reformas trarão o estado de direito democrático? Walder de Góes coteja no **Caderno Especial** Os Mitos e os Fatos.

• Ainda no **Especial**: o semanário britanico **The Economist** analisa **Quem está ganhando a corrida armamentista** e o especialista Christoph Bertram sonda os **Dilemas do desarmamento**, em **150 anos de Justiça**, está a história do Tribunal Federal, com depoimentos de quatro de seus ex-Ministros, Prado Kelly, Medeiros Silva, Hermes Lima e Themistocles Cavalcanti; em **Maquiavel, mestre de príncipes**, Marcilio Marques Moreira descobre no controvertido florentino um "precursor da tradição democrática moderna".

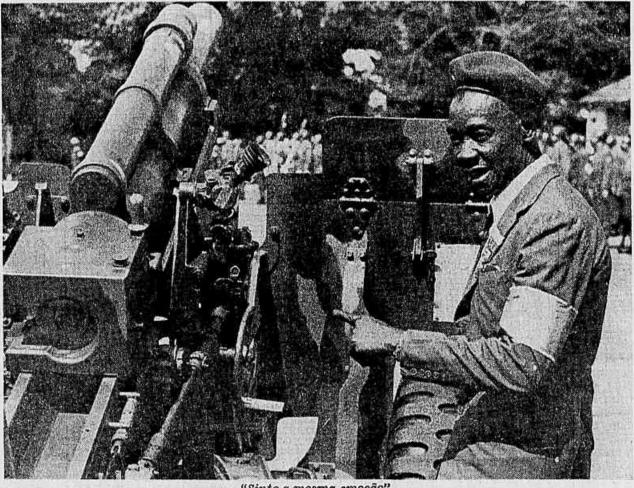
* * *

• **No Caderno B:** Michel Couraud, o maestro francês que veio reger Offenbach no Municipal; o entusiasmo do público carioca na estréia do Balé Municipal de São Paulo, o lançamento de **A Casa das Tentações de Rubem Biáfora**, cineasta bissexto; Jo and Co, uma nova **boutique** em Ipanema; o início, amanhã, na TVE, de um programa infantil de alto nivel: **Porque Sim, Porque Não.**

• Zózimo registra a volta glamourosa do Barão Empain; Mário Pontes conta uma lenda canina, a de que existiram cidades e homens; e Carlos Eduardo Novaes põe o Alferes da República das Laranjeiras diante do Movimento a Vida é um Custo.

* * *

• A **Revista de Domingo** traz maquetes e figurinos da opereta **La Périchole**, de Offenbach; a moda pronta para o homem formal; a exposição de flores do JORNAL DO BRASIL no Rio Center; o boi dos antigos romanos, que pode acabar com a falta de carne no Brasil; Elsa Martinelli e seus maiôs; Luiz Fernando Verissimo e Henfil.

• **Em encarte** na Revista do Domingo **uma experiência inédita: a Telerj lança um cupom, fácil de preencher, para inscrição em seu plano de expansão.**

Justiça do Trabalho espera 10 novas juntas

A média máxima prevista em lei, para cada uma das 25 Juntas de Conciliação e Julgamento, de 1 mil 500 reclamações anuais está há muito superada. A jornada de trabalho é exaustiva e as instalações vexatórias. Nessas condições, juizes e funcionários da Justiça do Trabalho do Rio só têm uma esperança paliativa: a de que o Governo federal sancione lei criando mais 10 juntas, para superar seu atraso.

Os advogados, frequentemente, têm audiências na mesma hora em juntas diferentes. Por isso constantemente são adiados os julgamentos ou perdidas as causas. As audiências são fixadas de cinco em cinco minutos e consomem quase o dia inteiro dos juizes. (Página 20)

Dívida externa do Brasil sobe a US$ 30 bilhões

A divida externa liquida do Brasil deverá alcançar no fim do ano de 29 a 30 bilhões de dólares, o equivalente a duas vezes e meia o valor das exportações em 78, estimadas em 12 bilhões de dólares. Só de juros, o pais pagará o correspondente a 25% dessas exportações, que ficarão 1 bilhão de dólares acima das importações, exigindo-se que se cubra a diferença com mais divida.

Também a divida pública interna em ORTN (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional) e LTN (Letras do Tesouro Nacional) alcança este ano niveis e custos recordes: em julho, chegou a Cr$ 296 bilhões, com um aumento de Cr$ 55 bilhões (23%) sobre dezembro de 1977. Seu custo corresponde a 30% do total, o mais alto indice desde 1974. (Página 35)

Tropa argentina invade Chile e pede desculpas

Duzentos soldados argentinos, em manobras de combate na região austral, invadiram território chileno, na Provincia de Última Esperanza, setor do Posto Laurita, e depois apresentaram desculpas, alegando violação involuntária. O incidente, ocorrido sexta-feira, foi confirmado pelo Governador provincial chileno, Coronel Jaime González Vergara.

Apesar das desculpas, informa-se em Santiago que o Governo chileno vai apresentar protesto formal junto ao Governo argentino. O Governador Jaime González Vergara disse que todos os movimentos dos soldados argentinos foram atentamente acompanhados pelos carabineiros chilenos, a partir do momento em que começou a invasão do território. (Pág. 17)

Foto de Antonio Teixeira

Especialista em turistas, José Carlos foi a primeira prisão do reforço policial na Zona Sul. Ele acabara de assaltar o alemão Karl Hermann na Av. Atlântica. (Pág. 36)

Centro tem hoje antigüidades e duas exposições

Uma feira de antiquários na Praça Marechal Ancora; exposição de arte ingênua na estação do metrô na Cinelandia; uma feira de artesanato na Praça 15 são atrações especiais para hoje no Centro da cidade, que o Prefeito Marcos Tamoyo deve querer transformar numa área de lazer nos fins de semana. Tudo pode ser visto das 9h às 19h.

A 2a. Mostra de Arte Ingênua ficará aberta até 16 de outubro, e há a intenção da Prefeitura de fixar a feira de antiquários na Praça Marechal Ancora, onde em breve deverá surgir um mercado de trocas. Na feira há muita coisa curiosa, velharias e bugigangas, mas também antiguidades, com os preços indo de Cr$ 200 a Cr$ 20 mil. Uma caixa de música avaliada em Cr$ 100 mil, a grande atração, não está à venda. (Página 26)

Vigilância de alimento causa expurgo no SIPA

A represália contra os técnicos do Ministério da Agricultura que se levantaram contra o Projeto 20 — que dispõe sobre a vigilancia sanitária de alimentos, retirado do Congresso pelo Presidente Geisel — começou: o Secretário Nacional de Defesa Agropecuária exigiu a demissão de José Pinto da Rocha do cargo que ocupa no SIPA — ex-Dipoa — onde há mais três técnicos ameaçados de demissão, inclusive o diretor do órgão.

O SIPA é subordinado à Secretaria Nacional de Defesa Agropecuária, cujo titular, o Sr Alberto Lira, defende a imediata aprovação do Projeto 20 — no momento está sendo reescrito para voltar ao Congresso — contrariando a opinião dos técnicos e dos industriais do setor. (Página 30)

Coluna do Castello

Informação e propaganda

Brasília — *A troca da informação pela propaganda ou a tentativa de confundir informação com propaganda sempre esteve presente nos regimes autocráticos. Os Governos dessa índole são por natureza avessos a transmitir informações dos seus atos, a prestar contas à opinião pública das suas decisões. A esse dever, preferem a propaganda e a promoção, mediante as quais transmitem a meia-informação acompanhada de esclarecimentos e interpretações destinadas a influir na mente do leitor ou do ouvinte. Essa informação dirigida, ou empacotada, às vezes simplesmente trocada pela propaganda, é a tônica dos regimes de força, que recebem mal a crítica, ou não a recebem de jeito algum.*

Nos regimes que sofrem de ambiguidades, que têm um objetivo declarado, mas operam de maneira a contrariar esse objetivo, procura-se manter a aparência — só a aparência — da informação distinta da promoção, hoje dita relações públicas. É o que tem acontecido a partir de certa fase dos Governos oriundos do Movimento de Março de 1964, cujos dirigentes, em dado momento, parece que por saudosismo ou por vocação irresistível, voltaram a considerar válida a experiência do Departamento de Imprensa e Propaganda, o famoso DIP do Estado Novo. A pretexto de manter a nação informada, o DIP, pela Hora do Brasil, vendia diariamente a imagem de um regime ditatorial e a imagem de um ditador que ficaria indelevelmente fixada na memória do povo brasileiro.

O Marechal Castello Branco não pensou em recorrer a métodos de promoção. Talvez por convicção democrática excluísse da sua mente a idéia de que a verdade não deve ser transmitida ao povo ou que a imprensa não deve pesquisar para anunciar. Ele limitou-se a ter uma Secretaria de Imprensa, como a têm os regimes democráticos. No Governo Costa e Silva, surgiria a Assessoria Especial de Relações Públicas, pouco notada na época. Chefiava-a o então Coronel D'Aguiar, mas não terá encontrado ele ambiente, num momento em que vigoravam normas constitucionais democráticas, para impor a técnica comercial da promoção. O Presidente tinha de resto Secretário de Imprensa responsável, de personalidade, o jornalista Heráclito Sales, substituído depois por Carlos Chagas, que iria dar da agonia da carta de 67 e da agonia física do Presidente dramático depoimento.

A Assessoria Especial de Relações Públicas iria funcionar na plenitude sob o Governo Médici e à sombra da supressão da liberdade de imprensa ou do seu quase total esmaecimento. A AERP era dirigida por um especialista competente, o então Coronel Otávio Costa, hoje General-Comandante da 6a. RM. Ele soube dosar a presença do seu organismo, utilizando com cuidado os mecanismos de que dispunha, contrabalançando o lançamento em forma de impacto dos projetos governamentais, aos quais se atribuía caráter de salvação nacional, com filmetes de divulgação social. Este último tipo de atividade poderia ser mantido mediante repartição especializada localizada no Ministério da Educação ou em outro setor desse nível. A Secretaria de Imprensa, na época, entrou em colapso e a AERP teve o seu apogeu em todos os sentidos, favorecida pelo clima do "milagre brasileiro". Não lhe cabe a culpa pelo apagamento da liberdade de imprensa.

No Governo Geisel o Sr Humberto Barreto incorporou a AERP à Secretaria de Imprensa e praticamente a desativou. No entanto, antes da eleição de 1976, e provavelmente em função do malogro eleitoral de 1974, o Presidente Geisel restaurou a Assessoria de Relações Públicas, confiada ao então Coronel Toledo Camargo, com atribuições específicas e verbas não especificadas. Tratava-se evidentemente de dotar aquele órgão de missão político-eleitoral, a mobilização da opinião pública e na sua preparação para receber a mensagem que o Presidente se achava em condições de transmitir. A operação não era ortodoxa mesmo para uma agência de Relações Públicas, mas foi cumprida. O Coronel Ludwig, hoje no cargo, de postura menos contundente, está cumprindo uma espécie de fim de mandato.

O que há de preocupante na situação é que, em processo de renovação dos métodos democráticos, há quem pense que os graves problemas sociais e políticos que enchem o horizonte pós-eleitoral possam ser enfrentados pelo sucessor mediante técnicas de comunicação de massa e de mobilização da opinião pública em moldes semelhantes aos usados pelo Estado Novo. Não se sabe se o General João Baptista de Figueiredo encara com bons olhos essa formulação. No entanto, não custa lembrar-lhe que a democracia que ele afirma estar disposto a devolver ao país mais rapidamente do que outros candidatos exclui o processo da utilização de métodos de propaganda comercial nas relações entre Governo e imprensa, ou seja, entre Governo e povo. A técnica válida para essas relações é a informação, dada com idoneidade e precisão, e o livre acesso aos meios de informação. Acesso livre tanto para os parlamentares, que têm poder fiscalizador, quanto para os jornalistas, que têm o dever de informar a população sobre o que se passa nos bastidores do Governo. O resto é técnica de comercialização de produtos, incluídos produtos políticos.

Carlos Castello Branco

Congresso pensa em sessão solene para valorizar reformas

Brasília — O Senador Petrônio Portella, Presidente do Senado, espera realizar até o fim deste mês uma sessão solene do Congresso Nacional para promulgação da reforma constitucional cuja votação se iniciará amanhã.

O projeto, segundo expectativa de todos os políticos arenistas e do Governo, deverá ser aprovado esta semana. Dez dias depois de sua aprovação, conforme o Senador Petrônio Portella, o Congresso poderá promulgá-lo em clima de solenidade, com a provável presença de todos os Ministros.

Análise conjunta

Amanhã pela manhã, antes do início das sessões de debate do projeto pelo plenário do Congresso, o Presidente Geisel reunirá no Palácio do Planalto o Conselho de Desenvolvimento Político para, conforme o Senador Petrônio Portella, realizar uma "análise conjunta" das reformas constitucionais e dos problemas políticos do momento.

Esse conselho, de existência informal, estará reunido com a presença dos Ministros Golbery do Couto e Silva (Casa Civil), e Armando Falcão (Justiça), do Presidente do Senado, Petrônio Portella, do Presidente da Camara, Deputado Marco Maciel, e dos líderes das duas Casas, Senador Eurico Rezende e Deputado Dib Cherem (líder em exercício).

O Senador Petrônio Portella acredita que haverá uma troca de informações e análise sobre a conjuntura política, apreciando-se também os aspectos relacionados com a votação da reforma constitucional e com as possibilidades da Arena nas próximas eleições parlamentares, em 15 de novembro.

Paralelamente, a direção da Arena já convocou seus deputados e senadores para que estejam em Brasília a partir de amanhã para garantir o quorum necessário à aprovação do projeto.

Faoro julga que a sucessão atrasou debate da abertura

Neste semestre, o debate que preparava a abertura política desde o ano passado "sofreu um retardamento", ao derivar para a sucessão presidencial, afirma o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Raymundo Faoro, o interlocutor da missão Portella a quem se atribui a inclusão, no projeto de reformas, do pleno restabelecimento do habeas-corpus.

Ele foi, nos meses que antecederam o lançamento pelo MDB de candidato à Presidência da República e a apresentação pelo Governo do projeto de extinção do AI-5, uma das principais personagens da política nacional, embora não seja um político. E acha, atualmente, que as deficiências da proposta de emenda constitucional só poderiam ser corrigidas pelo Congresso.

Arquivo

Raymundo Faoro

Marco

Há pouco mais de um ano, o encontro com o presidente da OAB no Rio de Janeiro marcou, para o programa de conversas sobre reformas políticas com setores independentes do Governo, a mudança de tratamento pela opinião pública: a missão Portella passou a ser considerada com mais atenção, antes de ser confirmada oficialmente pelo Presidente Geisel.

O primeiro contato do Senador Petrônio Portella com o advogado Raymundo Faoro iniciou, também, uma série de concessões do Governo às exigências de representantes da oposição ao regime. As reformas, originalmente, não incluíam a restauração do habeas-corpus, nem o fim da suspensão perpétua de direitos políticos, nem a devolução das garantias dos juízes.

O Senador Petrônio Portella reconheceu, quando encerrou a *missão*, que o Sr Raymundo Faoro foi, das pessoas que havia procurado, um dos negociadores mais hábeis e, ao mesmo tempo, menos transigentes. Tinha a idéia clara do que pretendia obter do Governo. O Sr Raimundo Faoro define assim as idéias que tentou pôr em prática na ocasião:

"A tática possível comportava duas opções — o compromisso, que não se confunde com a barganha e é inerente ao jogo democrático, ou a passiva espera da dissolução do núcleo do Poder, pelo choque catastrófico de forças. O primeiro caminho levava à definição de prioridades, com reformas que, uma vez implantadas, se alargassem em outras, até comprometer o sistema autoritário". Foi esse que ele seguiu.

— *A abertura política foi uma febre?*

— Depois dos fatos de abril, no ano passado, o país entrou num impasse, com a ameaça de ser convulsionado — o espírito de abril poderia progredir, devorando o que restava da legalidade. De outro lado, com a imprensa tolerada, manifestava-se, em todos os setores, sinais de inconformismo da sociedade civil. O fechamento do sistema era reclamado para se defender desse inconformismo. Debaixo da superfície política, ninguém ignorava, tratava-se uma luta surda e tenaz, com a articulação de setores radicais de direita, reagindo contra a expansão das liberdades. A hora exigia, para evitar o confronto, que tudo indicava fatal para a democracia, uma definição tática da sociedade civil. A tática possível comportava duas opções: o compromisso, que não se confunde com a barganha e é inerente ao jogo democrático, ou a passiva espera da dissolução do núcleo de poder, pela corrosão do tempo ou pelo choque catastrófico de forças. O primeiro caminho levava à definição de prioridades, com reformas que, uma vez implantadas, se alargassem em outras, até comprometer o sistema autoritário. Pelo segundo caminho, devia-se confiar no movimento espontaneo da sociedade, sem prazo, como se o tempo conspirasse em favor da redemocratização.

— *E o terceiro caminho, o do golpe?*

— Na aparência, um golpe de Estado é neutro, como instrumento de tomada de Poder. Em tese, servirá à direita ou à esquerda. Isto em tese e aparentemente, como tipo puro e conceitual. Na prática histórica, os golpes se associam a empresas conservadoras ou de direita e, embora no conceito possam ser neutros, não o são nas consequencias. Um golpe se articula sempre dentro do Estado, de um segmento dele, seja a burocracia ou força armada, segmento que não se legitima como representante do povo, por via de mandato, em eleições. Monta-se sobre minorias, que, vitoriosas com o golpe, organizam o Governo de acordo com seus interesses Há uma contradição instrumental entre golpe e o possível comando posterior das maiorias.

— *Mas, se for um golpe para realizar o sentimento democrático da maioria?*

— As maiorias, se realmente forem maiorias, não precisam dele para dirigir e governar. O que há no golpe é, praticamente, uma minoria que comandará como minoria, se vitoriosa, servindo-se da coerção de cima para baixo, para manter o Poder, ou do aliciamento manipulatório, com o consenso fraudado, por meio de técnicos populistas. Tudo começa e tudo acaba nos círculos internos do Estado, sem que abram os condutos, salvo com o risco de anular-se, para o Governo real das minorias. O golpe vitorioso estabiliza suas próprias forças, as militares e as burocráticas, buscando, para durar, o apoio das massas, com o controle, pelo Estado, das agências representativas — sindicatos, associações, Partidos. Não há, desta sorte, golpe democrático e nenhum golpe levará à democracia, comprometido, para governar, com interesses minoritários, que se oligarquizam ao criar raízes.

— *Qual era a sua idéia, ao tratar com a missão Portella?*

— Segui, naquele momento, e isso se refere aos setores mais atuantes da sociedade civil, a via do compromisso. Esclareça-se que o compromisso não versa sobre princípios: é integrante da própria natureza da democracia. Supõe o caminho pacífico de aplainar o conflito, ainda que a solução não seja tudo o que uma parte deseja e nem tudo o que a outra quer. Fixamos a base das reivindicações na proteção à liberdade física, com a restauração integral do habeas-corpus, certos de que, assegurada uma liberdade, outras se seguiriam, em curso sempre mais ampliado. Grandes foram as dificuldades para convencer a opinião pública e o Governo de que esse remédio básico não poderia ser mutilado, concedido depois de alguns dias de restrição ou com limite a certas infrações. Daí se partiu para a conquista mais larga. Enquanto os intérpretes credenciados do Governo falavam em aperfeiçoamento das instituições, em institucionalização revolucionária, levamos à frente, com base nas reivindicações que abrangiam as liberdades públicas, a bandeira do estado de direito. Num certo momento, engajadas as discussões que se colocaram em nível público, partimos para mais um passo: o estado de direito democrático e não só o estado de direito.

— *A sucessão presidencial acelerou esse debate?*

— Seria desejável, se fosse possível elaborar um esquema preorientado, que as mudanças se fizessem antes da sucessão e a condicionassem. Como isso não ocorreu, convém aceitar os fatos como são e, se possível, orientá-los. Para o país, o que há de relevante é a transição do regime autoritário para o regime democrático e a ela deve subordinar-se a sucessão e não o contrário, isto é, fazer que a transição dependa da sucessão presidencial.

— *As plataformas têm compromissos de abertura?*

— Parece que os dois candidatos partidários compreenderam essa equação e sabem que suas plataformas só terão apelo popular se levarem em conta esse fato. Na verdade, o debate político travado pelas suas correntes adquiriu essa nota, que comanda a orquestração dos pronunciamentos públicos de ambos. O candidato da Arena iniciou sua campanha com base na ordem vigente e nas afirmações conservadoras, insistindo em limitar o campo das concessões. Com o influxo popular, passou a admitir reformas e projetos mais amplos, antes que se mantivesse como atualmente, mais reservado. Sem dúvida, a proposta do candidato do MDB foi mais ousada, embora em termos moderados e não radicais, evitando deslocar o debate para os quartéis ou para insinuações de golpe de Estado.

— *E isso não é bom para o debate político?*

— Houve, apesar dessa sincronização de programas, certo retardamento no debate institucional, o debate realmente importante na hora presente. Por quê? Em primeiro lugar, porque a sucessão se artificializou com as reformas de abril, antecipando a decisão sucessória à decisão das urnas de 15 de novembro. Em segundo lugar, o debate institucional se cristalizaria em 15 de novembro, o verdadeiro encontro de opinião pública com o Governo, sem o desvio de 15 de outubro, num colégio que daquele fato não depende. Resultou daí visível deslocamento da discussão para o âmbito burocrático e militar, segmentos não dependentes da representação popular e, por estamentais, pode inibi-la e, em caso de crise, traumatizar o curso normal.

— *Foi um erro do MDB ter ignorado o projeto de reformas?*

— Se esse desencontro de datas não se interpusesse no processo de mudanças políticas e de transição institucional, seria mais provável o engajamento do Congresso no debate, um Congresso aberto à sua soberania e, como tal, disposto ao compromisso. O projeto de reformas apresentado pelo Governo é duplamente insuficiente: insuficiente no seu corpo e insuficiente na medida em que não alcança o núcleo decisório do Poder, em caminho inverso às reformas de abril e à própria Emenda n.º 1, a chamada Carta de 1969. Todavia, essas insuficiências, que não tornam o projeto irrelevante em muitos aspectos, só poderiam ser supridas, agora ou em acordos sucessivos pela soberania do Congresso, um Congresso que delibera sem, para se definir, atravessar a Praça dos Três Poderes, em busca de ordens ou autorizações.

— *Que consequência as eleições de novembro podem trazer para as reformas? A vitória do MDB em novembro anula as da Arena em outubro?*

— Ouve-se, com frequência, o argumento de que, em 15 de novembro, deve vencer o Partido atualmente majoritário, para que se assegure a normalidade das reformas. O argumento prevê que a vitória da Oposição deslegitimaria o Governo, prévia e eventualmente eleito. Pressupõe o argumento, visto de um lado ou de outro, o risco golpista. Esse risco só haverá, como a deslegitimação só ocorrerá, se a situação vigorante após 15 de novembro se obstinar em ignorar a maioria, em não se compor com ela, encastelada em preconceitos minoritários, para governar de acordo com as reivindicações da sociedade civil, nesta altura já revelada nas urnas.

Figueiredo é alertado para crises que podem provocar um retrocesso democrático

Tarcísio Hollanda

Brasília — Parlamentares arenistas estão advertindo o General João Baptista de Figueiredo, nos últimos dias, para as dificuldades políticas e econômicas que o país terá de enfrentar no próximo ano, com sérios reflexos na situação social, o que poderá obrigar o seu Governo a seguir uma orientação inversa à expectativa de abertura que foi criada no país.

Um político arenista, da bancada nordestina, em recente encontro com o candidato da Arena a Presidente da República, disse-lhe que a realidade crítica do país provavelmente o levará a adotar, não medidas liberalizantes, mas atos restritivos à liberdade, a fim de evitar o pior.

ARGUMENTO

Diante do silêncio do candidato a Presidente da República, esse político argumentou que o Brasil estava por enfrentar uma das crises mais sérias dos últimos tempos, no campo econômico, justamente quando a inflação retomava a sua ofensiva destruidora, comprimindo os salários e provocando a ameaça do desemprego, enquanto as taxas de aumento populacional mantinham-se em níveis de 3% ao ano.

Ao prever maiores dificuldades ao abastecimento da população brasileira, sobretudo nos grandes centros urbanos, assim como maior inquietação social, esse parlamentar disse claramente ao General Figueiredo que, ao invés de adotar uma postura liberalizante, seu Governo teria que adotar ações restritivas às liberdades públicas e individual, se quisesse se manter no Poder.

O General Figueiredo, embora atento ao quadro de dificuldades que seu Governo terá de enfrentar proximamente, disse estar consciente de que poderá consolidar o processo de abertura democrática — e para isso empenhará todas as suas forças. Contudo, necessitará da ajuda de todos os brasileiros, muito especialmente dos políticos, para levar a bom termo essa tarefa, depois de 10 anos de excepcionalidade.

O futuro Presidente da República também acha que o Brasil já demonstrou, em diferentes oportunidades, suas grandes potencialidades e a extrema capacidade que possui para enfrentar e superar quadros críticos. Confia em que, com uma boa equipe de auxiliares e com a ajuda de todos, terá condições de vencer as dificuldades e recolocar o país nos caminhos de um intenso desenvolvimento econômico.

A CRISE

Entre militares de alta patente que têm acesso ao Presidente da República, registra-se uma grande preocupação com as dificuldades econômico-financeiras que o país enfrenta e, mais ainda, com a retomada do processo inflacionário.

Anota-se que o nível de investimentos caiu brutalmente, sobretudo os de origem norte-americana, ao mesmo tempo em que os Estados Unidos adotam uma política de **dumping**, sobretudo na América Latina, na competição com os produtos fabricados no Brasil.

Por outro lado, esses setores manifestam apreensões com a taxa inflacionária, que não deverá se situar em 40%, como diz o Ministro da Fazenda, mas em torno de 60%. Esse dado, acrescido da dívida externa de 40 bilhões de dólares, e de compromissos da ordem de 8 bilhões de dólares só com o pagamento do serviço dessa dívida, provoca grandes preocupações.

Teme-se que o General João Baptista de Figueiredo encontre uma situação de tal modo crítica, quando assumir a Presidência da República, diante de um quadro de inquietação social intensa, que não lhe reste outra alternativa senão se valer dos instrumentos excepcionais criados no corpo constitucional pela reforma do Governo Geisel.

Ministro do STM estranha em Curitiba as posições do MDB

Curitiba — "O MDB deve achar que o *pacote* de abril está certo, tanto que tem um candidato. Deve concordar com Governo militar, tanto que escolheu um militar, deixando uma opção de candidatura civil como a do Magalhães Pinto." A declaração é do Brigadeiro Délio Jardim de Matos, Ministro do Supremo Tribunal Militar, nesta Capital, onde esteve ontem numa missão de entendimento com o Senador Acioly Filho, ex-Governador Paulo Pimentel, futuro Governador Ney Braga e o atual Governador Jayme Canet.

Para o Ministro — que foi recebido na fazenda do político João Mansur, num churrasco com representantes das alas arenistas dissidentes do Paraná — o MDB está aceitando tudo que sempre combateu: um militar, indireto e *biônico*. Por outro lado, deu certeza que o próximo Presidente será eleito por via direta, baseando-se no "espírito democrático do General Figueiredo, que em primeiro lugar deve ser visto como um homem da ala de Geisel".

Deve-se promover, até o final do ano, modificações na Lei de Segurança Nacional, disse o Ministro Délio Jardim de Matos, porque as penas para crimes de "idéia" — como se expressou — devem começar de zero a um infinito de anos, e não "da metade", isto é dois anos. E o escalonamento e qualificação do crime, devem depender do tipo de delito cometido.

Dizendo-se contra a anistia ampla e irrestrita aos exilados, explicou-se através da prática terrorista, "que não deve ser perdoada. Se você tivesse perdido um parente num assalto a banco ou uma bomba no aeroporto, você também seria contra esta anistia total e irrestrita". Mas garantiu que todos os exilados podem voltar ao Brasil, "sem problemas", porque "Almino Afonso voltou e não houve problema nenhum. Mas quem tem crimes e está condenado, tem que responder pela sua condenação, mas nada há que impeça a sua volta".

Disse desconhecer problemas de perseguição política ou dificuldades de trabalho para os que já retornaram do exílio e que "o Presidente Geisel é o primeiro contra a tortura. Em São Paulo houve um caso, e ele destituiu o responsável", mas, examinar casos passados há sete ou oito anos atrás, "seria revanchismo".

Também não existe cisão nas Forças Armadas, para o Brigadeiro. "O Exército é muito grande, e, se analisarmos, a divisão é muito pequena. Tem gente que vai apoiar o General Euler Bentes, tem gente que vai apoiar o Figueiredo", mas, "como eu acho que o General Figueiredo é melhor, fico com ele".

Também não quis falar objetivamente sobre as possibilidades do General Euler Bentes assumir a Presidência, caso eleito, porque "não vejo razão para lidar com esta hipótese. Como acredito na vitória do General Figueiredo, nunca pensei no aspecto de levar ou não levar", e, comentando ainda sobre isto logo depois falou no tempo futuro do pretérito, dizendo que, caso eleito "Euler levaria".

Oposição denuncia intimidação

Salvador — As ruas que dão acesso ao Terreiro de Jesus, no centro de Salvador, foram policiadas ostensivamente ontem, quando se realizava no local um comício do MDB com a presença do Deputado Airton Soares (MDB-SP). E' a segunda manifestação da Oposição na Capital, desde a abertura da campanha para 15 de novembro, que é acompanhada por forte contingente da Polícia Militar do Estado.

O comício foi marcado pelo comitê eleitoral do candidato a deputado estadual Adelmo Oliveira e recebeu autorização da Secretaria de Segurança Pública. Os organizadores denunciaram, no entanto, ilegalidade na fixação pela polícia do horário de início da manifestação, prevista inicialmente para as 18h30m e adiada para às 20h por determinação do Secretário de Segurança substituto, delegado Antônio Medrado.

Os oradores no comício da Oposição denunciaram o "arbítrio policial da ditadura", iniciado, segundo eles, no comício de encerramento do encontro de entidades que lutam pela anistia, realizado no Largo da Lapinha. Um contingente de 300 policiais foi mobilizado para acompanhar a manifestação que reuniu apenas 500 pessoas.

Embora tenha sido utilizado o método de colocar policiais do transito mais próximos da manifestação, para evitar que pessoas em carros parassem para escutar o comício, como ocorreu na Lapinha, ontem não ocorreu o trilar insistente dos apitos, porque o movimento de veículos no Terreiro de Jesus era bastante reduzido.

Os organizadores do comício pretendiam atingir os que se dirigiam ao terminal da Praça da Sé após o horário de trabalho, mas a Polícia Militar colocou em cada ponto de ônibus quatro policiais, dois *camburões* e um caminhão com soldados do Batalhão de Choque ficaram estacionados a 500 metros do local do comício.

Informe JB

Preciosidade

A professora Maria Beatriz Nizza da Silva acaba de publicar seu livro A Primeira Gazeta da Bahia: Idade d'Ouro do Brasil.

Trata-se do primeiro jornal de província do país, que circulou entre 1811 e 1823. Num trabalho simples e assentado sobre meticulosa pesquisa, a professora fez um livro pequeno, sem as pretensões e os engodos megalomaníacos de obras do gênero, sobretudo quando estão ligadas à comunicação. Graças a isso, ele oferece ao leitor o que é realmente essencial: a visão do que foi o jornal.

• • •

A Idade d'Ouro *pode ser o patrono do jornalismo oficialista. Lusófilo, bajulador e censurado, morreu com a inevitabilidade da Independência.*

Merece transcrição um de seus editoriais, para se notar que em mais de 150 anos, a retórica oficialista da República de hoje pouco mudou em relação às bobagens que se escreviam sob o guante de El Rey. Senão, veja-se o que se dizia em 1811:

"Atentando para a face atual das nações civilizadas do universo inteiro, vendo guerras intermináveis deturpar o risonho semblante da polida Europa, não podemos deixar de sentir uma doce emoção se conferimos o convulsivo estado de uma política devastadora com a tranquilidade pacífica de que se goza neste vasto Império do Brasil".

Havia fumaça e fogo

A Previdência Social ocupa centenas de imóveis no Rio de Janeiro.

Incendiou-se logo o andar onde estava a papelada da coordenação das auditorias do INAMPS.

• • •

Havia fumaça, houve fogo e agora é o caso de a perícia olhar bem para ver se não há algo mais.

O futuro das exportações

Amanhã o Presidente Geisel preside uma reunião dos Ministros da área econômica com o Chanceler Azeredo da Silveira.

Vão tratar da posição brasileira nas negociações do GATT e, nessa discussão, será fixado o alcance das mudanças na política de subsídios às exportações.

• • •

O Ministro Mário Henrique Simonsen acredita que a posição brasileira de subsídio torna-se cada dia mais difícil de ser defendida e sustenta a necessidade de uma mudança nas regras do jogo a partir do fim do próximo ano.

Óbvio ululante

A montagem da arquibancada metálica para o espetáculo de balé que será organizado na enseada de Botafogo exibiu um dos mais crassos erros de planejamento urbanístico da cidade: o Aterro não tem uma concha onde se possam realizar espetáculos ao ar livre.

Tem museu, tem coreto, terá marina e restaurante, além de quadras de tênis. Só não tem, apesar da topografia privilegiada, um lugar para espetáculos artísticos ao ar livre.

* * *

Descoberto o erro, que se deixe de acrescentar bugigangas ao jardim e se comece a pensar na construção de uma concha.

Fora do balcão

Apesar de estar a caminho da adolescência, a indústria brasileira de material bélico conseguiu dar diversas demonstrações de maturidade internacional.

Nos últimos meses foram dispensados diversos intermediários que procuravam o Governo para comprar equipamentos capazes de abastecer algumas das pequenas guerras existentes no mundo.

O último intermediário dizia que tinha malas de dólares sauditas e queria armamento para a guerra do Chifre da África. Ficou a pé.

Para planejar

Através de seu sistema de fundos, o Governo liberou verbas para que todos os governadores eleitos comecem organizar equipes de planejamento de forma a assumirem com planos concretos.

Na semana passada representantes dos futuros governadores nordestinos reuniram-se em Recife com técnicos da Sudene e começaram a estudar papéis.

Portanto, quem disser que precisa perder os primeiros meses de Governo para estudar a situação do Estado, fica como mentiroso de recibo passado.

Segundo o trato

No início do ano, quando os Senadores Paulo Brossard e Franco Montoro disputavam a liderança do MDB, o Sr Montoro, no final das negociações, propôs que o seu colega gaúcho, em troca de sua retirada, se comprometesse a trabalhar na sua campanha pela reeleição. O acordo foi feito e o Sr Paulo Brossard levou o lugar.

Amanhã, estará em São Paulo para saudar o Sr Montoro num jantar de arrecadação de fundos organizado pelo Comitê Feminino pela Reeleição do Senador paulista.

Novo Partido

Esta semana o Deputado Faria Lima, da Arena paulista, lança seu livro *Democracia Agora*, com prefácio do Sr Tancredo Neves, candidato a senador pelo MDB mineiro.

o novo Partido começa a funcionar.

De volta

Esta semana o Deputado José Bonifácio deixa o Hospital Vera Cruz, de Belo Horizonte, onde se internou há 10 dias com uma descompressão diabética.

Serviço e sucesso

Mais uma vez o Rio demonstrou que havendo iniciativa há sensibilidade. Organizou-se a Feira de Antiquários na Praça 15 e, em poucas horas, os vendedores tiveram de mandar buscar peças nos depósitos, pois haviam vendido quase tudo o que levaram.

• • •

A feira, onde são vendidas mercadorias a preços nunca superiores a Cr$ 10 mil vai até o próximo fim de semana

Graça

Do Deputado Murilo Santa Cruz (MDB-PE):

"O Senador Petrônio Portella acha que o brasileiro é sagui, que tem medo de careta".

Para fazer cabeças

Entre 19 e 22 de outubro realiza-se no Rio um Simpósio Internacional de Psicanálise.

Participam da reunião Félix Pierre Guattari, co-autor do *Anti-Édipo*, o antropólogo Erving Goffman e o sociólogo Homard Becker. Os dois últimos são especialistas em questões de marginalidade.

Oportunidade

A reorganização partidária poderia servir para se acabar com uma das pragas do caciquismo na política. O número de membros do Diretório Estadual de um Partido deveria ter uma cota máxima para ser ocupada por parlamentares no exercício de mandatos. Essa providência impediria que os parlamentares, ocupando quase todos os lugares, impedissem o aparecimento de novos candidatos, capazes de ocupar suas vagas.

Na maioria dos Estados repetiu-se o que ocorreu em grande escala na Arena do Rio: os titulares fecharam as chapas para se livrarem do estorvo de adversários dentro do próprio Partido.

Lance-livre

• O CIP concluiu um estudo propondo a liberação dos preços dos azulejos (branco, colorido e decorado) e dos pisos de cerâmica. O trabalho será analisado, e aprovado, na primeira reunião plenária de ministros.

• **O candidato a senador direto no Maranhão, do grupo Nunes Freire, Américo de Souza, utilizará um helicóptero nos seus deslocamentos para a campanha eleitoral no interior do Estado. Campanha rica.**

• Continua a alta do preço da arroba do boi. Em Araçatuba, São Paulo, que funciona como termômetro para o mercado, a arroba está sendo comercializada a Cr$ 430. Em janeiro deste ano estava a Cr$ 360.

• **O Ministro Mário Henrique Simonsen embarca sábado para os Estados Unidos. Irá às reuniões do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, em Washington. E, em Nova Iorque, participará de um seminário com 400 empresários americanos sobre investimentos no Brasil.**

• No dia 21 o diretor-geral do Instituto Interamericano de Ciências Agrárias da OEA, José Emílio Gonçalves, faz uma conferência, na Comissão de Agricultura da Câmara dos Deputados, sobre Desenvolvimento da Agricultura na América Latina e sua Correlação com o Brasil.

• **O orçamento total para as siderurgias estatais em 1979 será pouco superior a Cr$ 45 bilhões.**

• Toda a frota de veículos de Furnas está sendo adaptada para utilizar álcool anidro como combustível. Até agora já foram preparados 80 motores de Volkswagen. A adaptação custa, em média, Cr$ 7 mil 500 por carro.

• **A Neiva está desenvolvendo um projeto para um novo tipo de avião de treinamento, derivado do T-25. Terá um motor mais possante. O protótipo entra em fase de testes em seis meses.**

• Um novo trem, para ser utilizado nas linhas do subúrbio de São Paulo, está sendo testado pela Fepasa. Ele desenvolve uma velocidade média de 90 quilômetros horários.

• **Esta semana estará concluída a distribuição dos cheques devolução do Imposto de Renda. Totalizam Cr$ 16 bilhões.**

• A ponte de concreto (343 metros) sobre o rio Parnaíba, ligando Barão de Grajaú, no Maranhão, a Floriano, no Piauí, será inaugurada dia 27 pelo Vice-Presidente Adalberto Pereira dos Santos e pelo Ministro Dirceu Nogueira. A ponte está localizada na BR-230, a Transamazônica.

• **Proposta na Câmara dos Deputados a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para analisar a situação da Medicina no Brasil e a proliferação de faculdades de Medicina no país.**

• Em Florianópolis, o ex-Prefeito da cidade que disputa um cargo nas eleições de novembro, está fazendo a campanha eleitoral acompanhado de uma dupla de cantores caipira. E no Oeste do Estado, um outro candidato, está pagando Cr$ 180 mil mensais a um trovador gaúcho para acompanhá-lo nos comícios.

• **A partir de amanhã a Universidade Santa Úrsula inicia uma série de palestras e debates sobre cinema.**

• A Câmara dos Deputados lança na primeira quinzena de outubro uma coleção com as conferências e debates do 1º Simpósio Nacional de Pecuária e do 1º Simpósio Nacional de Classificação de Cargos.

• **A Portobrás conclui no final do ano os estudos prévios para a ligação da bacia dos rios Jacuí e Ibicuí. E, em janeiro, será aberta a concorrência para a obra.**

• **Joãozinho Trinta** será o responsável pela organização e desfile, no carnaval de 1979, da Escola de Samba da Gamboa, bairro no qual se criou em São Luís.

• **Saiu ontem o número um do Jornal do Bar, impresso sobre uma toalha de mesa de papel descartável. O jornal tem chargistas, crônicas de humor, além de jogos e passatempos, informações sobre shows e um torpedo com lugar para nome e telefone, que se manda "via garçom" para o vizinho ou vizinha da mesa ao lado.**

Dinarte pede explicação a Jessé

Brasília — O Senador Dinarte Mariz (Arena-RN) enviou telegrama ao Senador Jessé Pinto Freire, candidato à reeleição no Rio Grande do Norte, pela Arena, reclamando urgente esclarecimentos de seu correligionário sobre declaração do ex-Governador Aluízio Alves (do MDB) anunciando seu apoio ao nome do presidente da Confederação Nacional do Comércio.

"Qualquer entendimento à revelia dos quadros partidários, envolvendo o conceito da Revolução, macula as melhores tradições da nossa terra e degrada a vida pública do país", afirma o Sr Dinarte Mariz no telegrama.

O Sr Dinarte Mariz disse que passou o telegrama porque a manifestação de apoio do Sr Aluízio Alves, que pertence ao MDB, ocorre depois de muitos rumores de que existiria um acordo entre ele e o Sr Jessé Pinto Freire para apoiar seu nome.

Giscard vem ao Brasil com três de seus Ministros em busca de negócios perdidos

Arlette Chabrol
Correspondente

Paris — É para muitos evidente, na França, que ao visitar o Brasil de 4 a 8 de outubro próximo, o Presidente Valéry Giscard d'Estaing espera dar a seu país os meios para recuperar seu atraso no que diz respeito à participação econômica no país líder da América do Sul.

E é preciso reconhecer que o atraso é enorme. O General De Gaulle encarava a presença francesa neste continente como uma forma de indispor os Estados Unidos, simplesmente. O Presidente Georges Pompidou não se preocupou com a questão. Só foi, portanto, com a chegada de Giscard d'Estaing, em 1974, que pouco a pouco se reataram as relações econômicas entre o Brasil e a França.

INTERESSES

Ocorrendo dois anos e meio depois da viagem do Presidente Geisel a Paris, esta visita pode ser encarada apenas como uma iniciativa de continuidade nas boas relações franco-brasileiras. Mas na verdade, pelo menos do lado francês, ela pretende ser muito mais que isso.

Basta considerar o interesse que esta viagem oficial vem despertando, tanto nos meios governamentais e empresariais quanto nos jornalísticos. Se ainda não se conhece o número exato de pessoas que acompanharão o Presidente francês, já se tem como praticamente certo que o Ministro da Indústria, André Giraud (ex-diretor do Comissariado para a Energia Atômica), o Ministro do Comércio Exterior, Jean-François Deniau, e naturalmente o chefe da diplomacia, Jean de Guiringaud, participarão da viagem, assim como Jean-François Poncet, secretário-geral do Eliseu. Comenta-se inclusive que Simone Veil, Ministra da Saúde e da Família, ou Alain Peyrefitte (ou ambos) podem juntar-se à comitiva presidencial. Todo este grupo ministerial, mais numeroso que de costume, diz bem das esperanças que a França deposita no Brasil.

Isto fica ainda mais patente quando se considera o lado dos jornalistas: mais de uma centena querem participar da viagem (que estretanto não lhes será gratuita). E a Embaixada do Brasil em Paris está há um mês assoberbada de pedidos e visitas. Todos os órgãos de imprensa querem publicar suplementos especiais sobre o Brasil e saber tudo sobre o país. Mas a grande novidade é que não estão interessados no carnaval, em Pelé ou menos ainda nos encantos de Copacabana ou Ipanema. Eles pedem números e mais números não se cansando de tomar notas sobre a extensão da Transamazônica ou a produção das grandes centrais hidrelétricas.

Em suma, depois de tantos outros — ou seja, os Estados Unidos, a Alemanha e o Japão — os franceses descobrem que o Brasil não é apenas um país exótico, mas também um país que se desenvolve rapidamente. Foi o que descobriram, sobretudo, com certo amargor, ao saberem que seus vizinhos de além Reno ganharam a corrida do século — a do setor nuclear. E agora querem ter também sua parte no bolo deste gigantesco empreendimento.

Mas, como dizem às vezes os brasileiros, com um toque de mal dissimulada ironia, os franceses chegaram um pouco tarde, e já não restam muitos lugares a conquistar no mercado brasileiro. Todos ou quase todos os bons lugares já foram tomados. Ou então, seria necessário muita audácia, o que os franceses não têm em grau suficiente.

Além disso, as condições se tornam cada vez mais difíceis: é o que bem demonstram os problemas por que passa atualmente a Michelin (diga-se de passagem que esta questão será sem dúvida abordada durante a visita de Giscard).

Mas restam, de qualquer forma, alguns setores em que as empresas francesas públicas ou privadas ainda podem se inserir, e estes certamente serão cuidadosamente examinados, mesmo que isto não leve imediatamente à assinatura de contratos. Fala-se, por exemplo, do setor nuclear. A Nuclebrás se interessa há mais de dois anos pela tecnologia francesa de reatores regeneradores. Mas é mais provável que se possam esperar resultados concretos no que diz respeito à energia solar (terreno em que se desenvolvem negociações há vários meses) ou ainda à tecnologia para a central hidrelétrica de Candiota, aos transportes urbanos e às telecomunicações.

Finalmente, como assinalou Jean-François Deniau no início do mês, durante sua missão preparatória no Brasil, deverão ser consideradas formas de associação entre empresas médias francesas e brasileiras. Os contratos iriam de 100 milhões a 1 bilhão de francos, segundo informações recentes do Ministério do Comércio Exterior. Em todo caso, a França espera reduzir o déficit da balança de trocas com o Brasil, que se elevou a 1 bilhão 500 mil francos em 1977.

Mas as conversações entre os dois Presidentes não se limitarão às questões econômicas. Para ser realista, Giscard não deixará de abordar com o General Geisel as grandes questões da política internacional. Neste setor, a questão africana será a mais importante, já que ambos os países têm ou procuram ter relações estreitas com as jovens nações do continente negro.

Senador do MDB acusa o Governo de pôr a máquina oficial do lado da Arena

São Paulo — O Senador Franco Montoro (MDB-SP) denunciou ontem, em Ribeirão Preto, "o uso da máquina administrativa no país para ajudar a Arena nas eleições de novembro", dizendo que a atitude "chega às raias do escandalo". Prometeu que, com documentos em mãos, o MDB vai denunciar o fato à nação.

O Senador revelou que no Espírito Santo teriam ocorrido tantas nomeações que o *Diário Oficial* do Estado "saiu com 92 páginas a mais" do que o habitual. Disse que aviões de autarquias "estão à disposição da campanha de candidatos do Governo. É um dos maiores escandalos de corrupção eleitoral registrados no país".

O Sr Franco Montoro acrescentou que "não sabe se o mito Brizola existe", mas garantiu: "Paradoxalmente ele está sendo incentivado por seus adversários, e o Presidente Geisel prestou um grande favor ao mito Brizola". O Senador revelou não acreditar no adiamento das eleições de novembro, alertando: "Não há força política ou militar capaz de impedi-las. O Governo que tentar isto, cai, pois as Forças Armadas não darão cobertura a uma aventura destas."

Disse não acreditar em divisão nas Forças Armadas. "O que há é divisionismo entre algumas pessoas.

Ex-Governador de Sergipe afirma que povo já cansou das soluções prometidas

Aracaju — "Não creio em vida longa para a Revolução. O povo cansou de esperar pelas soluções prometidas. A crise econômica e social se aprofunda. A corrupção aí está triunfante. A inflação continua aviltando cada vez mais a nossa moeda." Estas afirmações são do ex-Governador Seixas Dória, último dos governantes sergipanos eleito pelo voto popular. Ele foi cassado e deposto pela Revolução de 64, dois anos depois de ter assumido o Governo do Estado.

Afastado da política há 14 anos, Seixas Dórea continua o mesmo líder político de antes de 64, quando comandava a ex-UDN, em Sergipe. Hoje, está integrado totalmente à Oposição, fazendo comícios e planejando a campanha dos candidatos do MDB, principalmente a do Deputado federal José Carlos Teixeira, para o Senado.

PREOCUPAÇÃO

Apesar dos 14 anos do Movimento de 64, o ex-Governador sergipano acha que "a Revolução está com os dias contados". Para ele, um dos graves problemas que vive a nação é com relação "a nossa divida externa que, antes do fim deste ano, ultrapassará, de muito, a casa dos 40 bilhões de dólares. Com esta realidade, por toda a parte reina o desespero, a desconfiança e o desencanto. Acredito, portanto, que o Governo sendo derrotado a 15 de novembro (e esta eleição vale como um plebiscito), será coagido, moralmente, a convocar uma Assembléia Nacional Constituinte, como solução mais justa e patriótica para os nossos problemas institucionais".

Lembrando que o Brasil jamais precisou, mesmo preventivamente, de um regime de força, o Sr Seixas Dória salientou que, "os militores devem voltar aos quartéis. Eles têm uma nobre missão: defender a pátria, quando ameaçada em sua soberania e segurança e velar pelas leis e pela Constituição". Para ele, "a missão politica somente cabe aos politicos. Além disso, numa ditadura militar, o povo é coagido e marginalizado, motivando o silêncio que muitas vezes é quebrado inesperadamente, com prejuizos incalculáveis para a sociedade".

O ex-Governador Seixas Dórea, amigo particular do Senador Magalhães Pinto é de opinião de que, "numa democracia todas as forças vivas da nação devem se manifestar livremente, desde que dentro da lei e da ordem. Lutar e reivindicar por direitos que se julguem postergados é um ato legitimo e não subversivo". Para ele, as ameaças que foram feitas pelo Governo, diante das últimas manifestações dos Sindicatos de São Paulo, "são próprias dos regimes ditatoriais". "Quem não luta pela liberdade não merece viver. A força, a pujança e a grandeza de um regime democrático estão precisamente no livre debate", frisou.

Escolhido pelo Diretório Regional do MDB para dirigir campanha do Partido no Estado, Seixas Dórea vê o comportamento da Oposição com "muita bravura, altivez e dignidade". "Ela vem criticando os erros e combatendo os crimes, mas sempre sem excessos condenáveis, e por isso vem crescendo na opinião pública brasileira".

— Sou um democrata e por isso estou, como eleitor, pois o Art 185 da Constituição, me torna inelegivel, no MDB, defendendo os meus candidatos que estão na luta pela anistia ampla e irrestrita, pelas eleições diretas e por uma Assembléia Nacional Constituinte.

O Sr acredita que o futuro Presidente, General João Baptista de Figueiredo, realizará o que está prometendo?

— Tomara que ele seja mais correto que os outros Presidentes da Revolução, que prometeram e não cumpriram. De qualquer forma, estou absolutamente convencido, o próximo Presidente não terá condições de fugir aos compromissos.

Delfim acha que o regime não é arbitrário e acredita na Arena

São Paulo — O ex-Ministro da Fazenda, professor Delfim Netto, afastou qualquer hipótese de vitória do MDB nas eleições de novembro, em nivel nacional, mas chega a admitir dificuldades que a Arena encontra para fazer a campanha politica no Estado. Definiu o regime politico brasileiro como "autoritário, sem ser arbitrário".

Eleito para coordenar a campanha da Arena em São Paulo, pela quase totalidade de votos dos membros da Comissão Executiva Regional, o Sr Delfim Netto explica que a politica econômica imprimida no pais, depois da Revolução de 1964, "criou condições necessárias para a abertura politica". Negou que, na qualidade de Ministro, "impunha decisões", mas garante que a democracia no Brasil "precisa principalmente de quem a pratique".

São Paulo
Delfim Netto

Esperança e convicção

Mais do que esperançoso, o ex-Ministro está conveido de que após a aprovação do projeto de reformas enviado pelo Executivo ao Congresso, o pais não correrá risco "para um retrocesso politico". Contrariando a tese do candidato do MDB ao Senado, sociólogo Fernando Henrique Cardoso, o Sr Delfim Netto não admite uma dissociação entre Estado e nação, caso o MDB vença as eleições (diretas) de 15 de novembro e a Arena (as indiretas) de 15 de novembro.

— O MDB não é uma coisa monolitica — diz o professor.

Para o ex-Ministro da Fazenda, a aprovação do projeto de reformas será a forma "mais rápida" de se estabelecer "o regime efetivamente politico" assim como a vitória eleitoral da Arena em novembro. Na eventualidade de ocorrer uma vitória do MDB, no pais, mesmo assim o Sr Delfim Netto não acredita em endurecimento do regime. "A abertura virá do mesmo jeito, só que de forma mais trabalhosa". Esta convicto do que o pais passará por uma reorganização politica, que "precederá o processo de aperfeiçoamento democrático".

O professor Delfim Netto não duvida, em momento algum da vitória do General João Baptista de Figueiredo no Colégio Eleitoral diz que após as eleições de novembro "vai continuar fazendo politica." Não se coloca desde já como candidato ao Governo do Estado nas eleições de 82 e se nega a fazer qualquer comentário sobre sua eventual indicação para a Prefeitura da capital, no Governo do Sr Paulo Salim Maluf.

Reciclagem

O ex-Ministro reconhece que quando deixou o pais, para ser Embaixador na França, "não viviamos numa sociedade polticamente aberta, mas é um absurdo dizer-se que ela era inteiramente fechada. Hoje, reconheço que ela é mais aberta, pois estamos construindo algumas institutições mais ajustadas".

"Como o Sr define o regime em que vivemos?"

— Ainda estamos vivendo num regime autoritário, muito mitigado. Dispomos de liberdade de imprensa, os Partidos estão funcionando normalmente, o Congresso também. A Oposição no Brasil exerce sua função normal e o Governo está sujeito às leis revolucionárias, embora não inseridas num ordenamento juridico perfeito. O Governo está submetido a essas leis, mas não há arbitrio. Todos os instrumentos utilizados pelo Governo são permitidos pelo AI-5. Pode-se não gostar da **Lei Falcão**, mas ela está aí como lei e estamos subordinados a ela. Você pode trabalhar por sua revogação, mas não pode desrespeitá-la.

"Há quem diga, no entanto, que o Sr não disputou a Convenção da Arena que escolheu o Sr Maluf, porque o General Figueiredo não deixou".

— Quando fomos candidato e formalizamos uma coaligação com outros três igualmente candidatos, assumimos um compromisso implicito: uma vez feita a escolha do Governador não iriamos à Convenção. O Maluf não tinha esse compromisso.

" E como explicar que a Arena queira, agora, acabar com o voto de legenda?"

— A discussão sobre o voto de legenda é extemporanea.

Prática democrática

" O Sr demonstra ter sofrido uma reciclagem completa, tornando-se um teórico da democracia. Mas, no entanto, quando no poder, durante oito anos, não foi tido como um democrata praticamente. Ao contrário, era tido como o Ministro do monólogo, das decisões de cima para baixo, do "cumprase". Como se processou essa mudança de atitude?"

— Teórico da democracia? Desde quando se publicou a Declaração dos Direitos do Homem como preambulo à Constituição dos Estados Unidos da América, a democracia passou do terreno da teoria para a prática. Muito mais do que teorizar em torno do assunto, a democracia no Brasil necessita principalmente de quem a pratique. Creio não ser dificil demonstrar que a politica econômica posta em prática pelos Governos da Revolução, desde 1964, ao manter a economia aberta, ao manter o sistema de mercado, criou as condições necessárias à abertura politica. O fato de que eu tomava decisões não quer dizer que eu impunha as decisões. Pelo contrário, se formos buscar os jornais da época vamos verificar que havia uma permanente discussão sobre os objetivos da politica econômica, de tal forma ampla que às vezes esta discussão era acusada de tomar o espaço dos temas politicos. E não se tratava apenas de discussões ao nivel de gabinete; basta conferir o número de vezes que compareci ao Congresso Nacional, seja no plenário, seja nas Comissões Técnicas, para debater assuntos os mais variados com os representantes eleitos. Não sei se após 64 outro Ministro registra um número semelhante de comparecimentos. E as viagens pelo interior do pais? Foram mais de 100, dialogando com os setores mais diferenciados, tentando a mobilização da sociedade brasileira para o esforço que se fazia necessário para retomar o desenvolvimento econômico e conter a inflação. Na época era o que se podia fazer, o que se devia fazer. Não tenho porque me envergonhar dos resultados, já que foi possivel manter o pais em crescimento acelerado, reduzir a inflação a menos de 20% ao ano, ampliar extraordinariamente as oportunidades de emprego e produzir a melhoria geral do nivel de bem estar da população brasileira. E isto mantendo o principal, que era o sistema econômico aberto, base sem a qual nenhuma abertura politica teria sido possivel nos anos seguintes.

— E a sua concepção de poder aético? Ela se compatibiliza com a prática democrática?

— Isto é uma coisa que nunca existiu. Ou melhor, o que eu disse na ocasião foi exatamente o contrário: o Governo é um ser essencialmente ético. Algumas pessoas que me atribuem intuitos maquiavélicos entenderam diferente e sairam por aí repetindo a frase errada. É alguma coisa parecida com a questão da distribuição de renda. Quando eu disse que não era possivel distribuir sem cresoer, que não era possivel distribuir o que não se produzira, algumas pessoas entenderam que eu só admitia a distribuição da renda **após** o crescimento do produto. Esta é uma bobagem que eu nunca disse.

— Como Ministro, detentor de forte dose de poder, o senhor mantinha contatos com a classe empresarial? Elas eram consultadas? E com as classes assalariadas? Alguma vez o senhor manteve contato com representantes dos empregados que não fossem pelegos?

— Vou responder com outra pergunta. Por que você acha que os jornais saudaram com tanta alegria e deram tanta cobertura ao surgimento do Luis Ignácio, o **Lula** dos metalúrgicos de São Paulo na vida pública, na luta sindical? Não lhe parece provável que foi porque se tratava de algo **novo**, no sentido estrito da novidade, da originalidade, do sinal de tempos novos? Eu até podia ter todo o poder que vocês me atribuem, mas certamente não teria o poder quase divino de criar um lider sindical autêntico. No máximo, se tentasse, teria conseguido fabricar mais um pelego. Mas eu não estava interessado em conversar com pelegos. E se conversei agora com o **Lula** não é porque já não sou mais Ministro, mas sim porque considerei válido e porque acredito que a sua é uma liderança autêntica e não fabricada artificialmente. Quanto aos empresários, eu conversei e conversei muito. É preciso não esquecer que eu era exatamente um Ministro da área econômica e não o Ministro da Educação, do Trabalho, nem Chefe de Estado.

— Se assumisse outra vez o poder, como Ministro, Secretário ou Governador, mandaria novamente enquadrar um jornalista na Lei de Segurança Nacional, como fez com o falecido Vicente Leporace?

— Leporace morreu este ano. Com ele, o rádio e a imprensa brasileiros perderam uma de suas personalidades mais extraordinárias. Se ele fosse vivo, tranquilamente viria testemunhar que jamais eu pedi seu enquadramento na Lei de Segurança ou em quaquer outra lei. Nem eu, nem o Governo a que pertenci. Leporace foi advertido pela Policia Federal porque inadvertidamente deu curso a um boato que provocou uma enorme **corrida** de especuladores contra o cruzeiro. Seu programa tinha uma audiência enorme e também gozava de merecida credibilidade. Quando ele disse, às sete horas da manhã, que iria haver uma grande desvalorização do cruzeiro naqueles dias, desencadeou-se uma enorme especulação contra a moeda nacional e em poucas horas milhões de cruzeiros foram sacados das contas bancárias para a compra de dólares. Foi pedido a ele um desmentido que ele deu na manhã seguinte e o assunto se encerrou aí. Seu programa, **O Trabuco**, prosseguiu no ar e durou até pouco tempo atrás sob sua direção.

Empresariado e sensibilidade

— Qual o seu conceito sobre o empresariado brasileiro? A classe empresarial tem ou mostra indicios de vir a ter sensibilidade para a função social da empresa ou se mostra ainda presa à concepção sintetizada por Roberto Campos de que a filosofia predominante do empresariado no Brasil é a da "socialização dos encargos e privatização dos lucros?"

— A sintese de Campos se referia a um determinado setor empresarial e a uma determinada situação particular, conjuntural. Creio que não há ninguém no Brasil, por maior que seja seu viés ideológico, que possa desconhecer a existência de um empresariado ativo e tomador de riscos. Não creio que o percentual de empresários alienados (para usar uma expressão da moda) seja no Brasil maior ou menor do que a maioria dos paises capitalistas.

— Quando o senhor se mostra sensibilizado pela "miséria absoluta", surge uma pergunta: por que, durante seus oito anos de Ministro da Fazenda, não cogitou de taxar os ganhos de capital, de forma a aliviar inclusive o achatamento que impede ao trabalhador obter uma realidade salarial?

— Quem lhe garante que um imposto sobre os ganhos de capital iria melhorar os niveis salariais dos trabalhadores? Pode até ocorrer o contrário: pode ocorrer maior desemprego, via redução da capacidade de investimento. O que você chama de "achatamento salarial" a meu ver não decorre do fato de o capital ser mais ou menos taxado. Decorre, isto sim, do afrouxamento da batalha contra a alta do custo de vida. Quem **rouba** o salário do trabalhador não é o indice da Fundação Getúlio Vargas, nem o Sr Delfim Netto. É a alta nos preços dos gêneros de primeira necessidade. É a inflação que provoca uma distribuição de renda às avessas, uma distribuição tanto mais perversa porque atinge mais duramente as pesoas de menor salário. Os ricos sempre encontram um meio de se defender da inflação e até mesmo ganhar mais dinheiro às custas da desorganização que ela provoca na vida de todos nós. É isto que é importante. Nos paises capitalistas onde o movimento sindical obtém melhores resultados na participação da renda nacional, os trabalhadores pressionam simultaneamente por melhores salários e por menos inflação. Nos Estados Unidos, França e Alemanha, para citar apenas três paises onde a renda é um pouco melhor distribuida, os trabalhadores exigem dos Governos politicos coerentes combate à inflação, ao reivindicarem os reajustes salariais.

— A recuperação dessas faixas populares brasileiras atingidas pela "miséria absoluta" é viável. Neste caso bastaria um programa especifico de Governo. O Governo poderia agir sem que fosse sensibilizada a comunidade nacional?

— Acho que a mobilização da sociedade sempre será necessária. Tanto mais que um programa dessa natureza terá que se basear em recursos orçamentários, embora se exija muito menos do que possa parecer à primeira vista. Não estou querendo inventar nada original, pois diversos programas desta natureza existem em outros paises e são corretamente executados. Estou convencido de que esta é uma tarefa urgente no Brasil, se quisermos realmente contribuir para chegar a uma sociedade mais justa e mais humana. Além de razoavelmente igualitária.

— Em que circunstancias o Sr Paulo Maluf foi guindado à presidência da Caixa Econômica, sabendo-se que ele não é banqueiro, economista, nem ligado a qualquer programa ou empresa financeira ou de construção. Quais os seus méritos ou qual foi a "força oculta" que promoveu a nomeação quando o senhor era Ministro da Fazenda? Há inúmeras histórias, que já são lenda, sobre o inicio da carteira do Sr Maluf?

— Não vejo nenhuma razão porque a Caixa Econômica deveria ser presidida exclusivamente por um economista ou um banqueiro. Por que não por um administrador, um engenheiro ou um jornalista? O que importa é ter o Sr Paulo Maluf realizado uma boa administração, que mais tarde o credenciou para a Prefeitura de São Paulo e em seguida para a Secretaria dos Transportes no Governo do próprio Sr Laudo Natel. O resto, como diz a própria pergunta, é lenda.

Mais política nas páginas 18 e 19

JORNAL DO BRASIL

Vice-Presidente Executivo: M. F. do Nascimento Brito
Editor: Walter Fontoura

Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1978
Diretora-Presidente: Condessa Pereira Carneiro

Diretor: Bernard da Costa Campos
Diretor: Lywal Salles

Caminho Natural

É fatal que regimes de força acabem se enredando num cipoal de restrições e façam derivar de sua insegurança todos os conceitos políticos. Já os regimes assentados sobre a lei se aprimoram, e mesmo ganham segurança, na diversidade de participação de alguma forma entendida como exercício de política. Esta é, aliás, a primeira responsabilidade das muitas que decorrem do usufruto da liberdade, e que nem de longe ocorre nas ditaduras que, com o passar do tempo, tendem a se tornarem sociedades anônimas de arbítrio e crueldade.

Na passagem de um regime nutrido no autoritarismo a um estado de direito suscetível de pronta e segura evolução democrática, como se antevê para o Brasil, trata-se menos de caracterizar normativamente a fase de transição e mais de convencer a sociedade a assimilar novos padrões de comportamento político para, através deles, ampliar sua participação política.

Nossa experiência nesse tipo de transição já por duas vezes demonstra a precariedade das instituições esperadas de braços cruzados. Se em 1945 tivéssemos conseguido maiores responsabilidades participantes, ao lado do mecanismo de atuação política de que o Congresso é o centro de irradiação representativa, talvez o regime constitucional de 46 se tivesse reforçado em tempo útil para impedir o seu desmoronamento. Havia um difuso pressentimento social de que, sem o princípio da maioria absoluta, a aferição da vontade social, expressa pelo voto majoritário, poderia ser insuficiente para assegurar sólida base aos eleitos. E todas as demais imperfeições poderiam ter sido expungidas em favor de uma coerência realmente democrática que nos tem faltado. Chega a parecer espantoso como o país não se tenha dado conta, naquela época, do sentido perigoso de eleger governantes por uma legenda e admitir como seus vices nomes apresentados pela legenda derrotada.

Está longe de mostrar-se satisfatória a diversificada participação política que, no sentido mais lato, os brasileiros, já orçados acima dos 100 milhões, podem garantir um novo teor democrático através das entidades de classe e demais formas sob as quais se organiza e se representa o desenvolvimento nacional. Em comparação com o sentido de resistência que a sociedade demonstrou ao processo autoritário, a ponto de inverter-lhe a tendência por uma paciente capacidade dissuasória, estamos fazendo muito pouco nesta fase e deixando de obter mais do que já temos ao nosso dispor.

Há um ritmo insatisfatório, sobretudo irregular, nas iniciativas que deveriam convergir em demonstrações realmente democráticas. Se o regime, de seu lado, sente-se incapaz de enfrentar os riscos das urnas e prefere os métodos da eleição indireta para se compor politicamente, nada impede que a sociedade ultrapasse o Governo nas demonstrações de índole democrática, e se mostre mais dinamica.

É certamente insatisfatório assinalar a ausência de provocações e o reflexo vivo que nos move a repelir automaticamente palavras ou gestos suscetíveis de turvar a confiança política. De braços cruzados teremos de nos contentar com a democracia que for possível ao Governo, quando podemos, mediante o exemplo, ganhar a batalha do esclarecimento.

Tínhamos uma Constituição com 18 anos de aplicação. Usufruíamos de franquias, numa convivência por vezes áspera mas nem sempre marcada pela consciência de bem perecível. E não soubemos preferir a via do entendimento quando as instituições — cujo funcionamento certos conceitos contraditórios desgastavam sempre — por nossa culpa, nossa máxima culpa, conheceram o impasse de 64.

O que sobreveio ao 13 de dezembro de 68, quando o castigo pela nossa insuficiência democrática começou a vigorar, foi a perda maior de participação, pois à medida que se fechava a ótica do Governo a sociedade incorria em suspeita política. Até que a própria sociedade se encarregou de ratificar as expectativas, depois de muitos anos de humilhações. Em todos os comportamentos responsáveis, dos empresários aos universitários, dos sindicatos à Igreja, da Arena ao MDB, multiplicaram-se os avisos emitidos por um sentimento de repúdio ao anonimato de irresponsabilidades socialmente perigosas.

Temos hoje um quadro político em que as tendências antidemocráticas não mais ousam declarar-se pelos seus nomes apropriados. Mas não é bastante para refletir as novas posturas que, das entidades de classe ao Congresso Nacional, através de todo o tecido representativo, deverão constituir nossos hábitos democráticos e refletir a consciência de que só a lei — obedecida por quem a faz, quem a aplica, quem a cumpre e quem zela pela sua vigência — poderá dizer que somos ou poderemos ser uma democracia.

Mas para que a lei possa existir socialmente, será indispensável que se ampare na consciência que cada um seja capaz de traduzir em tolerancia pela divergência política, respeito pela vitória eleitoral alheia e aceitação da derrota como contingência. Mas principalmente a certeza de que os erros e imperfeições só podem ser reparados pelos mecanismos normais, e não pela química da violência legal ou pela mecanica dos golpes.

Quando nos emanciparmos da dependência messianica, já que provado ficou que não pode haver regimes providenciais, homens especiais ou leis excepcionais com eficácia milagrosa, então estaremos preparados para enfrentar nossos problemas. É indispensável saber de antemão que a democracia nunca poderá ser dádiva do Estado à sociedade, nem favor de governantes aos governados, e muito menos herança legada em testamento para quando o autoritarismo morrer e, à falta de descendentes, ela couber a cidadãos que só se tornam livres por atos de responsabilidade política.

Aí então começaremos a ser uma democracia.

"Homo Sovieticus"

Fora dos compêndios de teoria social que o retratam como um ser feliz dentro do igualitarismo inaplicável, o *homo sovieticus* se apresenta muito mais próximo da criatura humana como se tornou mais conhecida, através de defeitos e qualidades tidos como traços comuns e universais. Pelo menos aí já se esboça uma derrota para as teorias e para o próprio regime que se fundamenta na crença de que os homens são sempre o produto do meio em que nascem e vivem.

O livre arbítrio consegue, mediante a resistência passiva, sobreviver à modelagem dos regimes que pretendem promover uma liberdade como o Estado a concebe e a concede. No caso soviético, o depoimento de um professor universitário — Alexander Zinoviev — chega a desestimular a esperança de uma pronta mudança pela influência da cidadania. É que, no seu modo de avaliar o problema, os regimes de força acabam por engendrar o homem que lhes convém.

No perfil desse cidadão comum que vive a existência soviética no dia-a-dia, Zinoviev, autor de dois livros de análise do sistema político vigente na URSS, assinala com cores fortes os traços que permitem identificá-lo pelos modos grosseiros, vulnerável à inveja, temperamento irritável, mas não obstante sentimental e hospitaleiro. A matéria-prima é a mesma, como se depreende da comparação, tanto no comunismo quanto no capitalismo. Falhou o regime socialista sem liberdade, no entanto, em aproveitar melhor as qualidades medianas do homem e em atenuar os defeitos que se contrapõem às virtudes.

E por ter-se mostrado inviável o prometido paraíso, que o homem já havia perdido ao cair em pecado, o novíssimo testamento — que pretendeu ser o marxismo — esvaziou-se da esperança.

Poucos se dispõem a pagar o alto preço da dissidência. "São muito raros" afirma um professor que, apesar de não ser crente do marxismo, lecionava no Instituto de Filosofia de Moscou. A exceção servia apenas para confirmar a regra geral e favorecer ao regime a propaganda de uma liberalidade incompatível com ele. Os dissidentes, lembra Zinoviev, servem para constituir o rebanho dos bodes expiatórios sem os quais não passam os regimes de força.

O segredo da sobrevivência do regime sem liberdade, está, paradoxalmente, na circunstancia de que os cidadãos soviéticos recebem pouco como paga de trabalho, mas também, em compensação, trabalham pouco.

Assim pode Zinoviev concluir, com um sentido eminentemente pragmático, que "a ideologia é um meio de organização das massas" que o Estado utiliza. Tanto mais prestativo quanto o marxismo-leninismo, como ideologia, por ser primário é facilmente assimilável, e por impreciso consegue sobreviver aos seus erros.

A sociedade soviética é assimétrica em seus resultados, mas guarda a proporção da ausência de liberdade em todos os campos. Tecnologicamente tem uma face de atraso irremediável em relação ao mundo ocidental, onde a liberdade de pesquisa e a liberdade política são idênticas. Ao tempo de Stalin, os computadores deixaram de ter no marxismo o sinal de uma necessidade histórica que Breznev, tarde demais, quis dispensar por pragmatismo anacrônico.

No fundo de tudo, porém, a inarredável desconfiança move toda a engrenagem do regime, para dentro e para fora das fronteiras. Apesar de não existir institucionalmente qualquer oposição, o seu fantasma — talvez gerado pelo sentimento de culpa — percorre dia e noite a União Soviética. E' o fantasma da liberdade.

Chico

— Dessa vez erramos, gente. Lançamos o Brizola para Presidente!

Cartas

Militares

Com a atual **onda** de trabalhadores reclamando que ganham pouco, venho dizer que os militares também não estão **por cima da situação** no que se refere a salário. De um modo geral, o civil pensa que o militar é **o dono da situação**; todavia, quando se fala em militar, todos só olham para os generais, esquecendo-se de que a maioria ocupa postos abaixo de major e só executam suas funções; não têm cargo no Governo.

Muitos não sabem, também, que a maioria dos militares não e somente militar; por exemplo, o sargento não é mais aquele homem que só sabe ensinar o recruta a marchar. Hoje em dia, o pessoal das Forças Armadas, além das obrigações militares, desempenha uma função de alto nível técnico, tais como: manutenção de equipamentos eletrônicos, como radar e outros; mecanico de avião e de sistemas elétricos; controle de vôos civil e militar, inclusive do Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, e muitas outras funções altamente técnico-especializadas.

Para exemplicar como o pessoal **está por baixo** em salários, cito o exemplo de um sargento, com 10 anos de excepecionais serviços, o qual, além das tarefas militares, executa outras técnicas, como grande número de cursos, e percebe em torno de Cr$ 8 mil, pagos a um auxiliar de escritório iniciante do Banco do Brasil, Petrobras ou outra qualquer empresa. Não têm 13º ou 14º salários e horas extras e está alerta 24h por dia, **para o que der e vier**, além de estar sujeito a rigida disciplina.

O pessoal civil técnico que trabalha nas Forças Armadas, executando função técnica que um sargento executa, quando indagado se gostaria de passar a militar, responde sempre negativamente. Isso por quê? Porque esses civis que trabalham junto com os militares sabem o regime a que estão os mesmo sujeitos e o que o vencimento não compensa. Essa é a realidade dos fatos. **Paulo Lara da Silva — Niterói (RJ).**

Idade em questão

O JORNAL DO BRASIL de 7 de setembro (...) publicou declaração do senhor Ministro da Saúde no sentido de "nada adiantando o controle da natalidade para aumentar a renda, como andam dizendo por aí". Manifestou-se contrário a este controle, pois "dentro de 30 ou 40 anos a população de aposentados será maior do que a população ativa". Declarou mais que, "hoje em dia, as crianças podem ser criadas com higiene, meia dúzia de vacinas e alimentação" e "amanhã a população de aposentados vai ficar mais cara, mais complexa e quem vai trabalhar para dar assistência médica à população envelhecida?"

Perdoe-me o senhor Ministro, mas esta pergunta dá a idéia absurda de que deve ser eliminada "a população envelhecida" para "aumentar a renda". Disse mais que o "crescimento da população envelhecida não traz perspectiva para o futuro" e "como ficaremos sem as crianças para avolumar a taxa produtiva?"

Esqueceu-se o senhor Ministro das pessoas idosas, maiores de 60 anos, que ainda estão prestando grandes serviços à sociedade, tais como o senhor Presidente da República, alguns ministros do Poder Judiciário, juristas como Sobral Pinto, intelectuais como Tristão de Athayde e outros. Querer comparar numericamente o Brasil com os Estados Unidos é incidir em grande engano. Primeiro, porque 55 milhões de norte-americanos nunca equivalerão ao mesmo número de brasileiros e segundo porque a porcentagem da "população envelhecida" jamais será igual à de nascimentos (...).

O senhor Ministro da Saúde desistirá da aposentadoria compulsória? Coerentemente, não pleiteará esta **vantagem** antes de completar os 70 anos de idade. Acresce notar que eliminar faixas etárias não aumenta a renda. Para isto o indispensável é fazer com que a produção cresça e com ela a demanda de mão-de-obra. De nada servirá a **taxa produtiva** se não houver condições de trabalho. Como produzir sem trabalhar? **E. Cabral — Rio de Janeiro.**

Natalidade

O Ministro da Saúde disse que o controle da natalidade é uma ilusão. Ao que parece, o Ministro está confundindo controle com extinção. Entre reduzir nossa teratológica taxa de crescimento populacional e cessar todo e qualquer aumento demográfico há um abismo. Pelo que afirma, todos os países civilizados do mundo estão perigosamente iludidos, já que estão, praticamente, estabilizando suas populações. Naturalmente, alertados pelas declarações do Ministro da Saúde abandonarão a política errada de **birth control** e voltarão à reprodução anárquica, tão ao gosto dos politicos e dos clérigos da América Latina. **Roberto Porto — Rio de Janeiro.**

Nordestino

Infelizmente neste Brasil amado as pessoas que o assessoram se confundem em comunicações descabidas, sem o devido respeito à origem de milhões de brasileiros. Refiro-me à propaganda da Semana da Pátria, que mostra uma figura como sendo a de um nordestino, trabalhando para subir no aviãozinho, e é necessário que alguém o puxe para cima e coloque aquela pessoa maltrapilha para voar. Bem que os nordestinos gostariam de achar esse alguém que lhe estendesse a mão, para figurar entre os outros, sem a sorte de aparecer como mendigo. **João Carlos M. de Araújo — Rio de Janeiro.**

Imobiliárias

A falta de liquidez do mercado imobiliário vem provocando um aumento na oferta de imóveis para alugar. As imobiliárias, aproveitam-se disso, cobram, para elaboração dos contratos de locações, um preço que varia em função da cara do freguês.

Não será hora de o Governo estabelecer um critério para essa cobrança? Já não basta a denúncia vazia? **José Luís Ribeiro — Rio de Janeiro.**

Sindicatos

Durante dois dias — domingo e segunda-feira — as notícias mais importantes, no setor da política nacional, foram as advertências do Ministro do Trabalho. Advertências em tom de indisfarçável ameaça aos dirigentes sindicais que, segundo o ilustre Ministro, não podem opinar sobre o projeto governamental das propaladas reformas do modelo político atualmente em vigor. (...)

Na realidade, o Ministro do Trabalho está fazendo uma tempestade em copo dágua. Afinal, a simples presença de uma caravana de dirigentes sindicais em Brasília para marcar posição em relação ao projeto de reformas, não abala a segurança nacional. (...)

As reformas anunciadas pelo Governo federal vão influir — de maneira benéfica ou prejudicial — sobre todos os que habitam este país. Logo, nada mais natural que os dirigentes sindicais troquem idéias sobre o assunto e transmitam suas opiniões a quem de direito. Isso nem é novidade. Não faz muito tempo assim que o Senador Petrônio Portella esteve dialogando sobre as reformas com inúmeras personalidades. Inclusive, como não poderia deixar de ser, com dirigentes sindicais. Do Ari Campista ao Lia.

O próprio Ministro do Trabalho promoveu a ida de caravana de dirigentes sindicais a Brasília, para diálogos com o Presidente Geisel. Diálogos sobre problemas políticos, embora não partidários. Caravanas intersindicais, sim senhor. Se reuniões e caravanas intersindicais de acordo com a velha CLT que está aí funcionando como camisa de força do sindicalismo, são ilegais, devemos advertir o Sr Arnaldo Prieto que a lei é feita para todos e que nem mesmo um ministro tem imunidades para infringi-la. Resta pedir ao Sr Arnaldo Prieto que seja, pelo menos, coerente. Ele sempre fez questão de afirmar ser contra a intervenção ministerial nas entidades sindicais. Então por que agora está ameaçando promover intervenções? **Arthur Cantalice — Rio de Janeiro.**

Febeapá

Foi com pesar que — após um dia duro de trabalho — travei conhecimento com a reportagem sob o título **Caixa Alega Desinteresse do Cotista para Reduzir PIS** (JB, 25 de agosto de 1978), na qual o diretor de Fundos e Programas da Caixa Econômica Federal, Sr Gil Macieira, classifica de desinteressados os participantes do PIS que percebem acima de cinco salários mínimos.

Gostaria de mencionar que meu desinteresse em retirar os rendimentos do PIS — bem como de resgatar as cotas do Dec.-Lei nº 157 que possuo — decorre de um espírito de previdência, coisa esta talvez não imaginada pelo Sr diretor acima citado.

Lamento, apenas, que essa minha atitude, como a de muitos compatriotas, tenha sido encarada de forma negativa por quem, por dever de ofício deveria se congratular com esses desinteressados. Não retirando meus rendimentos do PIS e não resgatando minhas cotas do Dec.-Lei 157, acredito estar contribuindo para minha poupança (a Caixa Econômica também tem caderneta de poupança) e o progresso do país. Se o meu dinheiro está se tornando incômodo para aqueles que não têm competência para girá-lo, resta-me um consolo — não estou contribuindo para a inflação.

Se o pranteado Stanislaw Ponte Preta estivesse vivo, provavelmente estaríamos lendo o Febeapá número 2 mil e tantos. **José Stockler Canabrava — Rio de Janeiro.**

As cartas são selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.

JORNAL DO BRASIL LTDA., Av. Brasil, 500 CEP-20940. Tel. Rede Interna: 264-4422 — End. Telegráficos: JORBRASIL. Telex números 21 23690 e 21 23262.

Assinaturas: Tel.: 264-6807.

SUCURSAIS

São Paulo — A. Paulista nº 1 294 — 15º andar — Unidade 15-B — Edifício Eluma. Tel.: 284-8133 PABX.

Brasília — Setor Comercial Sul — S.C.S. — Quadra I, Bloco K, Edifício Denasa, 2.º and. Tel.: 225-0150.

Belo Horizonte — Av. Afonso Pena, 1 500, 7º and. — Tel.: 222-3955.

Niterói — Av. Amaral Peixoto, 207 — Loja 103. Telefone: 722-2030.

Curitiba — Rua Presidente Faria, 51 — Conj. 1 103/05 — Ed. Surugi Tel.: 24-8783.

Porto Alegre — Av. Borges de Medeiros, 915, 4º andar. Tel.: Redação: 21-8714, Setor Comercial: 21-3547.

Salvador — Rua Conde Pereira Carneiro s/nº (Bairro de Pernambues). Tel.: 244-3133.

Recife — Rua Gonçalves Maia, 193 — Boa Vista. Tel.: 222-1144.

CORRESPONDENTES

Macapá, Boa Vista, Porto Velho, Rio Branco, Manaus, Belém, São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Maceió, Aracaju, Cuiabá, Campo Grande, Vitória, Florianópolis, Goiânia, Washington, Nova Iorque, Paris, Londres, Roma, Moscou, Los Angeles, Tóquio, Madri, Buenos Aires, Bonn e Jerusalém.

SERVIÇOS TELEGRÁFICOS

UPI, AP, AFP, ANSA, DPA, Reuters, e EFE.

SERVIÇOS ESPECIAIS

The New York Times, The Economist.

As cores da pátria

Fernando Pedreira

O Brasil está ficando cada vez menos verde e cada vez mais amarelo, disse Otto Lara Resende. Eis aí o que se deveria definir como uma legítima iluminação poética: uma sentença que pode interpretar-se de mil e uma maneiras sem nada perder da sua força; uma descoberta que, em vez de esgotar a realidade dos fatos, na verdade a enriquece e desdobra inesperadamente. As professoras de Português e Literatura, sem falar dos mestres das escolas de jornalismo, deviam partir de frases assim, para tentar desvendar diante dos seus alunos os mistérios da língua.

A frase ocorreu ao seu autor, sabidamente mineiro, na Semana da Pátria. Não se ignora que a melhor poesia de Minas banha-se com freqüência na ironia e numa inclinação do espírito que os ingleses chamam *self-deprecating* e que se pode talvez traduzir por uma certa acidez crítica geralmente bem-humorada, em relação ao próprio poeta e ao que lhe é mais caro.

O mestre de tudo isto, como de tantas outras coisas, é Carlos Drummond de Andrade. Num nível mais rude, porém, deve-se reconhecer que os próprios ingleses levam algumas vezes seu gosto pelo humor até o prosaico. Assim fez há alguns anos Richard Burton, quando o obrigaram a falar de sua mulher Elizabeth Taylor: "Ela tem olhos bonitos", disse ele. "Mas tem quadris muito largos, um busto exagerado e pernas finas".

As cores da pátria. Há mães que dizem com severidade: Este menino anda muito pálido: precisa comer mais. Quanto à pátria, não há dúvida de que é nossa. Melhor: a pátria somos nós, motivo pelo qual a sua Semana nos leva a indagar, a cada ano, o que somos, o que andamos fazendo, o que conseguimos, afinal. E é certo que essas indagações, nos espíritos mais críticos, acabem provocando crises de indignação cívica, nem sempre saudáveis ou fecundas, mas em geral menos temíveis que determinados impulsos de exaltado fervor nacionalista ou patriótico.

É o caso dos militares argentinos e chilenos que agora ameaçam engalfinhar-se por causa do canal de Beagle. É o caso, ainda, dessas penosas disputas sobre as águas da bacia do Prata, que são de todos, mas que são bem mais importantes para os nossos vizinhos do que para nós. Afinal, esses rios são pouco menos que a artéria jugular deles.

Num plano menos portentoso e mais alegórico, é também o caso da homenagem que prestou há dias o nosso futuro General-Presidente, plantando uma árvore, ainda tenra, à qual se deu o nome de *Gorila*. O próprio General esclareceu que se tratava de um gorila deitado, um gorila feito tapete, embora vivo. Na verdade, não me parece que se possa recusar homenagens a um animal que, entre outras virtudes, apresenta a peculiaridade de não ter rabo, conforme se costumava assinalar em históricas e memoráveis assembléias do Clube Militar do Rio de Janeiro.

O que pode haver de desconfortável, no caso, é que os gorilas têm uma certa tendência a se considerarem mais patriotas do que os outros animais da floresta. Diria um biólogo que este chauvinismo das espécies é até certo ponto natural, embora cientificamente injustificado. Todos os animais, cada um a sua maneira, amam igualmente a floresta, e o que se pode dizer é que um certo grau de tolerancia e de competição entre eles é indispensável ao equilíbrio do conjunto. Mesmo o mais orgulhoso e o mais hábil dos animais sem rabo, que é o homem, não está hoje muito distante de admitir a sabedoria deste preceito ecológico.

O sentido mais inocente e mais direto da frase de Otto Lara Resende é, aliás, precisamente este. O Brasil está trocando o seu verdor original pelo negrume do asfalto, pelo cinzento do cimento armado, pelo pardacento da terra rasgada e desnudada por tratores cada vez maiores e cada vez mais numerosos. As águas de Itaipu vão afogar o Parque Nacional das Sete Quedas — com as próprias Quedas. Em São Paulo, a *penúltima* floresta, a da Cantareira, ainda corre o risco de transformar-se num aeroporto.

Dir-se-á que é o progresso. Mas é um progresso, convenhamos, exageradamente (e desnecessariamente) devastador e mortífero. Hoje, entre nós, um simples caçador de perdizes e codornas, se quiser encontrar boa caça, tem que pegar um avião e ir até os cafundós de Mato Grosso, e mesmo lá não achará grande coisa. Ao contrário, na velha Europa pode-se caçar javalis e veados até nas cercanias de cidades como Paris e Madri.

Outra manifestação, certamente mais grave, do amarelecimento nacional é a esqualidez dos humildes, melhor, são os cinturões de miséria em torno das nossas principais metrópoles e as crescentes legiões de menores abandonados. Trata-se, sem dúvida, de mais outra consequência do rápido processo de desenvolvimento econômico. Mas, uma consequência que seria decerto menos escandalosa e menos preocupante, se outra fosse a nossa escala nacional de prioridades: os recursos da Transamazônica, da ponte Rio-Niterói, os bilhões e bilhões que "desaparecem" nos estouros e negociatas do sistema financeiro podiam certamente ter destinação mais útil.

O amarelo do ouro. O futuro Governador Maluf ganhou merecida fama de ser um imbatível cara-de-pau. Mas, esses grandes responsáveis pelo sistema financeiro, que fingem não ouvir as críticas e as denúncias e que continuam trabalhando em silêncio, enquanto cobram dos consumidores (ou permitem que se cobre) juros de 120, 150, até 300 e 500% ao ano, não são melhores que Maluf. De que material serão eles feitos?

A pátria e suas cores. Sempre à revelia do autor da frase, que não é responsável pelos eventuais exageros dos exegetas, não se negará que, também em matéria política, o país anda muito amarelo. Arena e MDB, generais-candidatos, governadores novos, não há por onde pegar sem sujar os dedos de tinta ou de coisa pior. Mesmo esta reforma que o Congresso vai agora aprovar, saiu amarela, anêmica. Seus próprios autores reconhecem o fato e prometem reverdecê-la mais adiante. Esperemos. Apesar de tudo, é preciso continuar acreditando que a primavera tarda, mas vem. Haja paciência.

N. do A. — Glauco Carneiro escreveu ao JORNAL DO BRASIL longa carta, magoado com referências que fiz, em meu último artigo, ao seu livro sobre Baptista Luzardo. Minhas restrições eram menos ao livro, que é obra útil, do que aos seus personagens, que são figuras até muito reais da história recente do país. Há quem goste de ser chamado caudilho e até infle o peito e projete a mandíbula, como o malogrado Benito Mussolini, ou como Francisco Franco, *"caudillo por la gracia de Dios"*. Perón, Getúlio, Borges, Goulart, se ao menos ficassem lá entre eles, na fronteira, trocando balaços ou elogios, ainda bem. O mal é que homens assim costumam juntar seguidores e apaniguados, às vezes muito numerosos, para virem assaltar o Poder e cavalgarem a seu gosto a nação inteira.

Carneiro não deve entristecer-se se o Rio Grande, mais do que outras regiões, produziu levas de homens públicos assim primitivos e violentos. Até mesmo a Grécia Antiga gerou caudilhos populares que destruíram a sua democracia. Quem não conhece a história de Siracusa, terra do sábio Arquimedes, aquele que gritou *Eureka*? Tiranos houve muitos, e o pior é que eles sempre encontram quem os admire e sirva, pelos mais variados motivos e até por gosto.

Ainda as salvaguardas

Barbosa Lima Sobrinho

O que vem prejudicando o projeto das reformas políticas é o capítulo das salvaguardas constitucionais, pois que deixam em dúvida se o que vier a sobrar dos entendimentos ainda represente uma democracia, tantas são as concessões feitas à segurança do Estado, com prejuízo da segurança do cidadão. A sabedoria estaria num justo equilíbrio entre as duas seguranças, quando se sabe que o Estado foi criado para o homem e não o homem para o Estado.

O Brasil já fez experiência de numerosos tipos de salvaguardas, tanto as que garantiam o Estado Novo do PSD, como as que vieram a prevalecer no Estado Novo da UDN. Das cinco Constituições que tivemos, as que mais duraram foram as que se limitaram ao nosso velho conhecido estado de sítio, com o qual atravessamos bem mais de um século de vida constitucional e de estado de direito. As que não resistiram à passagem do tempo, marcadas sempre como Constituições provisórias, foram as que recorreram a medidas extraordinárias, transformadas em estados de emergência ou até mesmo em estado de guerra. A terapêutica procura agir com maior prudência, quando não recorre a tipos de remédio que tanto podem curar como matar. Pois que há salvaguardas que podem valer como sobrevivência da ditadura.

Vale a pena recordar alguma coisa da medicina do passado, lembrando o texto da Constituição de 25 de março de 1824, que dizia, nos incisos 34 e seguintes do Artigo 179:

■

"Os poderes constitucionais não podem suspender a Constituição, no que diz respeito aos direitos individuais, salvo nos casos e circunstancias especificadas no parágrafo seguinte. No caso de rebelião ou invasão de inimigo, pedindo a segurança do Estado que se dispensem, por tempo determinado, algumas formalidades que garantem a liberdade individual, poder-se-á fazê-lo por ato especial do Poder Legislativo. Não se achando, porém, a esse tempo reunida a Assembléia e correndo a pátria iminente perigo, poderá o Governo exercer essa mesma providência, como medida provisória e indispensável, suspendendo-a imediatamente, quando cesse a necessidade urgente que a motivou: devendo, em um e outro caso, remeter à Assembléia, logo que reunida for, uma relação motivada das prisões e de outras medidas de prevenção tomadas; e quaisquer autoridades que tiverem mandado proceder a elas serão responsáveis pelos abusos que houverem praticado a esse respeito".

Nada mais. Eis aí em que consistiam as salvaguardas com que se protegia a Constituição de 1824, e com que se assegurava a continuidade do regime monárquico. E foi com esses meios que vivemos 65 anos de nossa vida política. E não se diga que os tempos de hoje são mais difíceis, ou que os perigos cresceram de importancia. Nunca o Brasil viveu dias mais tormentosos do que os que assinalaram o período da Regência quando, para evitar a discussão de um projeto que extinguia os direitos da dinastia dos Bragança, houve apenas uma diferença de seis votantes entre os deputados que a respeito se pronunciaram. Os movimentos da Balaiada e dos Cabanos perturbaram vastas regiões do país. E não há como esquecer as revoluções liberais que agitaram diversas províncias brasileiras, como o Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Pernambuco. Sem falar nas guerras externas em que nos envolvemos, a da Cisplatina, a que travamos com Juan Manuel Rosas, a do Paraguai, com os seus cinco anos de duração.

Se houve alguma mudança entre as duas fases, a de ontem e a de hoje, foi quanto aos órgãos de repressão, que se esforçaram para fazer avultar ameaças, como justificação de sua autoridade e de seus serviços, e argumento para a sua sobrevivência. Observe-se como cresceu o noticiário de episódios irrelevantes, que antes passariam despercebidos ou escondidos num canto de coluna, e hoje avultam com cabeçalhos de toda a página, apoiadas em informações que procuram, acima de tudo, demonstrar a necessidade da presença dos órgãos de repressão. Isso deve ter acarretado o desenvolvimento da imaginação de muita gente, no arquitetar conspirações como as do falecido Plano Cohen ou fantasias semelhantes às que foram atribuídas aos protocolos de Sião. Coisas, no fundo, comparáveis aos imensos perigos daqueles famosos Grupos dos Onze, de que se valia o Sr Brizola na sua campanha revolucionária. Contaram-me que, certa vez, num tribunal que os devia julgar, foram apregoados os réus, e apareceu um indivíduo franzino, sentado numa cadeira de rodas, que os guardas empurravam para o recinto do tribunal. Um paralítico, como responsável por um desses temíveis Grupos dos Onze.

■

Poder-se-ia objetar que as salvaguardas da Constituição de 1824 não puderam impedir a queda da monarquia, o que pareceria demonstração irrespondível de sua ineficiência. Seria, porém, o caso de retrucar, perguntando quais as salvaguardas que podem garantir a continuidade de um Governo, ou de um regime, em face de um golpe militar que reúna as maiores patentes da corporação e os chefes de maior autoridade. E' possível que Pedro II pudesse contornar o movimento militar se, em vez da candidatura de Silveira Martins, houvesse pensado em Lucena, que era amigo de Deodoro da Fonseca. Mas não poderia dispor de nenhuma salvaguarda que existisse na Constituição, em face da força que se levantava contra ele.

Mas já não é pouco o pensar que a Constituição de 1824 garantiu 65 anos de existência de um regime monárquico, num continente arrastado pelas idéias republicanas. Porque as salvaguardas funcionam em circunstancias previsíveis, não para o caso de insurreições, como a Revolução de 1930, ou diante de crises que ponham em perigo a própria sobrevivência nacional. De que valeu o famoso Art. 48 da Constituição de Weimar, tão cioso no proporcionar faculdades excepcionais ao Governo do Reich, quando faltava ao Marechal Hidenburgo o desejo de dar paradeiro à expansão do movimento nazista? Tanto mais quando os poderes concedidos podem valer como uma faca de dois gumes. Se o Presidente João Goulart quisesse, realmente, chegar à tal República sindicalista que lhe atribuem, e na qual nunca pude acreditar, e tivesse à mão as faculdades reunidas na institucionalização da ditadura, que foi o Ato nº 5, teria sido muito mais difícil afastar a ameaça revolucionária de que tanto se falava, e poderia ter agido muito antes de que houvesse chegado ao nosso litoral a esquadra da Brother Sam, para apoiar o Embaixador Lincoln Gordon. O que vale dizer que, como defesa do Estado, as salvaguardas acabam sendo de eficácia relativa. Haja vista o exemplo da derrubada, em Portugal, do regime salazarista. E de tantas outras ditaduras que desapareceram da face da Terra. Onde as salvaguardas são terríveis é quando servem como armas de opressão, esmagando os direitos dos cidadãos.

■

Um notável publicista, professor na Universidade de Harvad, nos Estados Unidos, Carl J. Friedrich, num livro admirável a respeito do Governo Constitucional e da Democracia, subordina todas as salvaguardas a algumas normas, que podem atenuar os seus efeitos ou seus excessos. Defende, para a sua instituição e para a sua aplicação, algumas normas que considera essenciais à sobrevivência da democracia. Entende que a decretação das salvaguardas deveria depender de outro poder, que não fosse o Executivo, interessado, naturalmente, na expansão de sua própria autoridade. Exige limites de tempo para a sua duração. E considera mais importante do que tudo que exista "um povo alerta, como um autêntico poder constituinte, decidido a exigir que essas limitações sejam utilizadas efetivamente no assegurar o emprego legítimo de tais faculdades extraordinárias". Tudo para impedir que exista concentração despótica de poderes. Pois que a finalidade a que se destinam as salvaguardas permitidas e limitadas, é tão-somente a de garantir a liberdade. O que equivale a dizer que somente a liberdade pode valer de justificativa à concessão das salvaguardas. Pois que elas também se destinam à defesa do cidadão. Mas como imaginar que sejam essas as idéias que inspiram a criação das salvaguardas brasileiras, quando não autorizam o julgamento do Poder Judiciário, nos atos praticados no exercício dos poderes de exceção, nem proporcionam, através de imunidades parlamentares reais e efetivas, a necessária autoridade do Poder Legislativo, para acompanhar e fiscalizar o uso de tais poderes? O que se podia esperar das reformas políticas era que viessem reforçar os dois poderes do Estado, e não a apresentação da democracia como uma esperança para o futuro. Tudo indica que o Presidente Geisel teria todas as condições para realizá-la de imediato, em vez de se limitar à renúncia de louros e de benemerência que poderia conquistar.

Rebelião socialista ameaça deixar PC isolado na Itália

Araújo Netto
Correspondente

Roma — Hoje todas as atenções do mundo político da Itália estão concentradas em Gênova, onde o Secretário do Partido Comunista italiano Enrico Berlinguer, lerá mais um de seus longos e meditados discursos para as bases populares do Partido, no encerramento de outro festival de **L'Unità**, órgão oficial do PCI.

Inevitavelmente, esse discurso transformar-se-á em nova etapa do debate político-ideológico reaberto e sustentado há mais de um mês por socialistas e comunistas italianos — uma discussão que só na aparência é acadêmica, pois muitos vêem como ameaça à unidade de toda a esquerda histórica em que se apóia o quarto Governo Giulio Andreotti, voluntária ou involuntariamente — outro aliado da mais recente campanha anticomunista que pretende desgastar e isolar (devolvendo-o ao papel de Partido oposicionista) o maior PC ocidental.

Duelo das esquerdas

Até aqui, as iniciativas mais agressivas nesse autêntico duelo foram tomadas pelo Partido Socialista, hoje galvanizado, quase coeso, por uma jovem direção (de homens de 40 anos), liderada pelo Secretário Bettino Craxi, talvez o mais incômodo e provocador dos chefes partidários da Itália nestes dias.

Foram suas e sempre as maiores provocações. São suas as críticas mais irreverentes ao passado e aos métodos marxistas-leninistas, a denúncia mais feroz do centralismo-democrático, das ambiguidades não dissipadas pela reaproximação do PCI ao Ocidente, da insistência com que passou a defender o princípio do pluralismo democrático e a condenar a ortodoxa e intolerante aplicação do **Socialismo real** na Europa do Leste.

Embora poucos acreditem que Enrico Berlinguer hoje, em Gênova, ofereça qualquer pretexto aos que estão **torcendo** pela ruptura definitiva, pela guerra total entre os dois maiores partidos da esquerda italiana, todos acham que não conseguirá superar, sequer esfriar a crise que se tornou indispensável para o êxito do programa (político-eleitoral) de relançamento de um Partido Socialista diferente, forte, voz e força autônomas na política italiana.

Uma crise que repropõe e atualiza a mais antiga e clássica das disputas ideológicas nas áreas das esquerdas. A eterna, interminável discussão sobre as qualidades, os tipos, os conceitos do socialismo que deve prevalecer como força hegemônica. E que, neste momento italiano, reabriu-se, foi publicamente deflagrada por uma entrevista do vice-secretário do PSI, Cláudio Signorile, divulgada dia 28 de julho passado.

Em síntese e com grande ênfase, o vice-secretário socialista — um modesto deputado de Bari, eleito com menos de 38 mil votos, que se fez o primeiro escudeiro de Bettino Craxi — julgou e ilegitimou, de uma vez só, toda a longa, paciente e ponderada evolução democrática do PCI como a sua pregação eurocomunista.

"O PCI" — disse Signorile — "ainda não é um Partido de Governo, e não o será até o dia em que der respostas convincentes, inequívocas a três questões fundamentais: ao problema de suas relações com a URSS, ao da sua colocação dentro da Europa, ao da sua clara opção pela liberdade. Toda uma sequência de contradições que só depois de bem esclarecidas pelo PCI podem legitimar sua presença no Governo de uma democracia ocidental. Mas como na sua origem se encontra o conflito entre democracia ocidental e a concepção leninista do Estado, não se deve esperar muito de qualquer esforço do PCI nessa direção".

Réplica comunista

A réplica comunista não se fez esperar. Veio três dias depois, através de uma entrevista de seu maior expoente — Berlinguer — agitando ainda mais as águas. O fato de Berlinguer ter dito que, mesmo sem ter valor dogmático, Lênine continua a ter o seu lugar na elaboração teórica e na **história do PCI** — foi suficiente para reforçar a certeza dos que nunca quiseram ter dúvidas sobre o seu leninismo. Sua proposta, de procurar uma terceira via, uma terceira solução para as democracias européias — excluindo tanto as experiências de socialismo até hoje em prática quanto o modelo social-democrata — foi considerada inaceitável e impraticável.

"Inclusive porque" — segundo o filósofo Norberto Bobbio, oraculo do novo curso do socialismo italiano, do Secretário Craxi e de sua equipe de **novos teóricos**, "não se pode voltar às costas aos caminhos já percorridos pelas socialdemocratas européias. E é hora de darse conta de que a socialdemocrata é um método, e não a meta".

Desde a primeira pedra lançada pelo vice-secretário Signorile, a discussão todos os dias vem-se envenenando e agigantando. Mais fácil hoje, será talvez contar os poucos — entre a multidão de políticos, filósofos, analistas, editorialistas, doutores e professores deste país — que ainda não intervieram no debate que ainda não se decidiram a dizer a sua palavra sabia a propósito.

De quantos falaram ou escreveram, o mais prolixo, original e confuso foi o próprio secretário do PSI, Bettino Craxi, autor de um ensaio apresentado como o **novo evangelho socialista**, que é também um saboroso coquetel de citações.

Benedetto Craxi — em política apenas Bettino — um milanês de 44 anos de idade, de quase dois metros de altura, 95 quilos de peso depois dá uma severa dieta. Cumpre atualmente seu terceiro mandato de Deputado por Milão, com a melhor votação que já obteve: 36 992 votos. Jornalista e escritor. Desde 1965 membro da direção do PSI, graças ao apoio que recebeu do velho Pietro Nenni, de quem se fez pupilo. Em julho de 1976, dias depois da pior derrota sofrida pelo PSI numa eleição política nacional, assumiu a Secretaria do Partido, liderando a rebelião contra o velho Francesco de Martino, identificado como responsável pelo insucesso eleitoral de 20 de junho de 1976, virtualmente deposto numa reunião do Conselho Nacional, reunião ainda hoje recordada como a da **conjura do Hotel Midas**, cenário histórico da ascensão da geração quarenta ao comando do mais antigo e tumultuado Partido da Itália.

Recuperação socialista

Apoiado e legitimado por quase 85% dos votos do último Congresso Nacional do Partido (em abril deste ano), graças a acordos com as numerosas e diversas correntes do PSI — Craxi passou a agir com a maior energia e determinação para executar um programa de recuperação e renovação de bases populares que, nas eleições de junho de 1976, tinham-se reduzido a pouco mais de 8% do eleitorado nacional.

Excelente jogador de pôquer, com a fibra e a impetuosidade do campeão de basquetebol que foi na juventude, Craxi vem jogando forte e duro, distinguindo-se como um político inusitado num país em que o jogo político sempre se faz com requintadas sutilezas e filigranas. Vem arriscando muito e desafiando todos. Sem receio de celebrizar-se como o elefante que baila numa casa de louças.

Desagradável, incômodo a quem estiver na estrada que decidiu percorrer, na tentativa de distinguir e oferecer um Partido Socialista autônomo e válido como alternativa na Itália que estiver insatisfeita ou saturada do dilema de optar entre comunistas e democrata-cristãos. Nos dias dramáticos que precederam a morte trágica de Aldo Moro, fazendo do Partido Socialista o único disposto a renunciar **à razão de Estado** em defesa da vida do homem. Uma vida que ele mesmo sabia que não poderia ser salva — mas cuja **defesa** poderia transformar-se em votos e consensos de áreas nunca sensibilizadas pelo PSI. Votos que poderiam vir de uma esquerda radical, anticomunista, que pretendia impor a negociação política do Estado com as Brigadas Vermelhas — e também da família e dos amigos de Aldo Moro, que há poucos dias presentearam Craxi com um automóvel blindado.

O ensaio teórico de Bettino Craxi — documento básico, ponto de referência obrigatório de toda a polêmica — foi divulgado dia 27 de agosto pela revista **Espresso**, um dos muitos órgãos de imprensa laica, da área de esquerda, reconquistado pelos socialistas nos últimos tempos. E' apenas o primeiro de uma série que sua **assessoria** elabora para divulgação próxima e a breves intervalos. Sua proposta básica — já se disse — equivale a uma refundação ideológica do socialismo italiano: de seu pensamento e seus objetivos. Pouco falta para propor um novo nome ao PSI, fundado em Gênova em 1862, concluindo um processo de politização das classes populares e de revisão da linha e dos métodos radicais da **anarquia internacional**, teorizada pelo russo Michail Bakunin (grande adversário de Marx, que estabeleceu sua base na Itália) e liderada pelo italiano Andrea Costa. Fundador do **Partido Operario** (1882), o mesmo que, 10 anos depois, seria um dos pioneiros do socialismo italiano.

"Leninismo e pluralismo" — sustenta Craxi — "são termos antiéticos: se o primeiro prevalece, o segundo morre. A democracia (liberal ou socialista) pressupõe a existência de uma pluralidade de centros de poderes (econômicos, políticos, religiosos, etc.) em concorrência entre eles, cuja dialética impede a formação de um Poder absorvente e totalitário".

Reexumação de Proudhon

Recordando que desde seus primeiros passos, a história do socialismo foi perturbada por divisões e posições internas entre Partidos, correntes e escolas que se disseram antagonistas do capitalismo, propondo como boa prova as divergências entre "estatizantes" e "antiestatizantes" nos dias em que os bolcheviques tomaram o Poder na Rússia — Craxi justifica um retorno à **revolução francesa** e ao pensador francês Pierre Joseph Proudhon (1809-1865), célebre pela afirmação de que "a propriedade é um furto".

Na **revolução francesa**, Craxi localiza "as raízes das duas concepções diversas da sociedade ideal, ambas em luta contra o **ancien regime**: uma, autoritária e centralista (como a do PCI), outra libertária e pluralista (como no caso, o PSI)".

A reexumação de Proudhon — dos primeiros teóricos da anarquia socialista — é explicada por Craxi como antecipação profética que ele fez da dramática opção que se põe hoje para a Itália, a Europa e todo o sistema democrático. O Proudhon de Craxi — **malgré lui** poderia ser o grande formulador do liberal-socialismo, possivelmente o mais brilhante advogado da economia de mercado.

Em Proudhon, o secretário do PSI descobre o primeiro que viu e denunciou o objetivo comunista de "suprimir o mercado, de promover a estatizaçao integral da sociedade, de cancelar qualquer vestígio de individualismo. "Um comunismo que o mesmo Proudhon de Craxi teria denunciado também "como um absurdo antidiluviano, que arriscaria a asiatização da sociedade européia". Da mesma forma que teria profetizado para o socialismo o melhor papel: um socialismo que "seria a instauração do controle social da economia, o potenciamento da sociedade em relação ao Estado, o plano desenvolvimento da personalidade individual, o superamento histórico do liberalismo".

Para a refundação ideológica do socialismo italiano e europeu, preconizado pelo ensaio de Craxi, o velho Proudhon presta outros serviços. Sua seria a melhor formulação de um pacífico sistema de autogoverno de cooperativas de trabalhadores. Sem a luta de classe. De um autogoverno que pode ser aceito como sinônimo da nova idéia que Craxi defende para o socialismo italiano e europeu: a autogestão da propriedade, com o reconhecimento do direito à herança.

Devastador, implacável em sua ofensiva contra os mitos e a proclamada originalidade do comunismo **alla italiana** — Craxi não se limita a desossar e exorcizar Lênin. Disseca e degrada até mesmo Antonio Gramsci, principal ideólogo do comunismo italiano. Foi buscar um texto de sua juventude, escrito em 1916, publicado (sem assinatura) nas páginas de **L'Avanti**, à época do jornal de um Partido Socialista furiosamente anticlerical. Uma crônica que Gramsci escreveu como resposta polêmica a um ataque de um grupo católico ao socialismo. E na qual refere-se ao marxismo como "a religião que matará o cristianismo realizando suas exaltantes promessas e fazendo passar da potência ao ideal a sociedade perfeita."

Arquivo-1978/AP

Craxi (E) quer livrar seu Partido da tutela do PC de Berlinguer

As metas de Bettino

Quais os objetivos visados, a curto e médio prazos, pelo evangelho socialista de Bettino Craxi?

O primeiro, mais evidente, o da reconquista de uma força e de uma autoridade comprometidas pelos resultados eleitorais de 1976. O de voltar a ser grande para evitar o esmagamento do Partido pelo compromisso histórico entre a Democracia Cristã e o PCI.

O segundo leva em conta a proximidade e a importancia das eleições de junho do prómo ano para o Parlamento europeu. Deve assegurar ao PSI um peso continental capaz de eleger para o Palácio Bernard de Estrasburgo (sede (sede do Parlamento europeu) pelo menos 12 deputados. Resultado que já significaria uma alteração da atual relação de forças na Itália, com uma visível recuperação do PSI, útil, válida para a ação do Partido no plano nacional.

Terceiro, o de manter o PSI permanentemente mobilizado, em guerra de movimento, pronto para enfrentar a qualquer hora a eventualidade de uma eleição nacional antecipada, que não desagrada nem espanta a atual direção do PSI.

Quatro qualificar-se como o Partido menos conformista. O Único que ainda faria oposição mesmo estando na maioria de Governo.

Por último, propor-se como o Partido capaz de atender e recolher as exigências e os consensos de eleitores de todas as áreas e extrações sociais e ideológicas, com a única exclusão dos fascistas contumazes.

Um projeto ambicioso, ao mesmo tempo simples e evidente demais, que hoje não incomoda e preocupa somente o PCI. Já foi identificado com plano de usurpação até pelos social-democratas e pelos liberais, para os quais Bettino Craxi já se apresenta como o novo Átila. Um novo rei dos hunos que vem colhendo aplausos até da direita conservadora, que tem no Il Giornale Nuovo de Indro Montanelli o seu porta-voz. Uma nova versão do Flagelo dos Deuses, que por onde passa com seu cavalo a grama não cresce mais.

Um Bettino Craxi que hoje estaria quase certo de fazer da viúva e de um dos filhos de Aldo Moro candidatos socialistas às primeiras eleições que se realizarem na Itália.

"Premier" do Irã tem voto de confiança com desacordo do Partido

Teerã — O novo Governo nomeado pelo Xainxá Mohammed Reza Pahlavi para fazer frente à crise iraniana, e liderado pelo *Premier* Jaafar Shari-Emami, obteve voto de confiança no Parlamento por 176 votos a favor, 16 contra e duas abstenções, mas observadores viram na ausência de 74 deputados sinais de divergências no Partido oficial.

A violência voltou à cena, agora na Cidade de Tabriz, onde três guerrilheiros disfarçados como soldados atacaram uma patrulha que vigiava o cumprimento da lei marcial decretada pelo Governo em 12 cidades iranianas. Seis militares, dois atacantes e um civil morreram na luta, enquanto o terceiro guerrilheiro foi capturado.

"Anão político"

Homem de confiança do Xainxá, Emani, de 68 anos, apresentou um programa de Governo que contempla algumas liberdades políticas para os cidadãos, dá ênfase ao combate à corrupção e prevê medidas moralizantes para contentar o clero xiita.

O novo *Premier* justificou a adoção da lei marcial em Teerã e mais 11 cidades dizendo que, do contrário, as demonstrações antigovernamentais das últimas semanas transformar-se-iam numa "sublevação comunista".

Recordando o fato, o *Kayhan* — o maior diário de Teerã — comentou que o Irã é hoje "um gigante econômico, mas um anão político", acrescentando que "pode-se dizer que, politicamente, estamos mais pobres e atrasados que em 1945".

Um dos episódios mais dramáticos da revolta popular contra o regime do Xainxá foi o incêndio criminoso de um cinema em Abadan, no mês passado, no qual 377 pessoas morreram. Ontem, o Ministro da Justiça do Irã, Mohammed Baheri, informou a prisão do segundo suspeito do atentado, conseguida através de informações fornecidas pelo primeiro detido, preso no Iraque e depois entregue às autoridades iranianas.

Londres apóia Xainxá e o exorta a persistir

Londres — "A estabilidade e prosperidade do Irã são de importancia vital para seus amigos e aliados", diz um trecho da mensagem com a qual o Governo britanico expressou seu apoio ao Xainxá Mohamed Reza Pahlavi, exortando-o a prosseguir com seu programa político.

No documento, entregue ao monarca pelo Embaixador britanico em Teerã, Sir Anthony Parsons, o *Premier* James Callaghan lamenta que os distúrbios antigovernamentais no Irã ocorram no momento em que o país avança para a industrialização, instando Pahlavi a não desistir de seu plano de convocar eleições livres no ano que vem. A Grã-Bretanha mantém amplos vínculos econômicos com o Irã.

Índia assegura à URSS que amizade com Pequim não prejudica relações

Moscou (do correspondente) — O Ministro do Exterior da Índia, Atal Bihari Bajpai, declarou aos correspondentes ontem que havia assegurado aos líderes soviéticos que "a Índia não normalizará suas relações com qualquer país à custa da amizade de amigos de confiança como a Rússia soviética".

Bajpai está em visita oficial à União Soviética — fato de considerável importancia política — pois ele anunciou antes de sua chegada que visitará Pequim no início de novembro. Diante da contínua e áspera deterioração nas relações sino-soviéticas, acreditava-se que qualquer melhoria nos laços sino-indianos não seria vista com bons olhos pelo Kremlin. Bajpai está certamente consciente deste fator, considerando-se seus gestos tranquilizadores privados e públicos a este respeito.

Bajpai também explicou os fundamentos da política indiana para com a China e sustentou que ela fazia parte dos novos esforços da Índia, desde que o Partido Janata chegou ao Poder em março de 1977, de melhorar as relações com todos seus vizinhos. Mas destacou que o processo de normalização foi iniciado pelo Governo anterior de Indira Gandhi, que concordou em trocar embaixadores, após uma longa interrupção.

O Ministro incluiu a questão territorial, a reivindicação chinesa de grandes áreas do território indiano, combinada com a ocupação de partes dele, desde a derrota militar da Índia em 1962, entre os problemas a serem discutidos.

Presos fazem cinco reféns em Nicósia

Nicósia — Vários presos membros do mvimento de resistência greco-cipriota Eoka-B mataram um guarda e capturaram cinco re-féns, numa tentativa de es-capar da prisão central de Nicósia, onde também estão os dois palestino sendenados à morte pelo assassínio d jrnalista egípcio Yussef Sebai — amigo e cnfidente do Presidente Sadat.

Informu-se que a operaçã de fuga foi rganizada pr Vassos Pavlides, apelidado **Dutr**, preso n mês de abril e acusado de conspirar contra o Estado, de espionagem e de posse ilegal de armas. Os amotinados mantêm cinco guardas da prisão, mas ainda não tinham apresentado suas exigências.

Comands da Guarda Nacional e da polícia foram colocados em frente à prisão, enquanto os Ministros do Interior e da Justiça se reuniram com chefes mi-litares para estudar uma tática de negociação.

OLP explode bombas em Jerusalém

Jerusalém — A Organização para Libertação da Palestina (OLP) assumiu a responsabilidade pela explosão de duas bombas, ontem, em Jerusalém, provocando ferimentos leves em sete pessoas — três judeus, três árabes e um turista australiano.

Um porta-voz do escritório da OLP declarou, em Beirute, que "a ação foi executada de acordo com as ordens do Comando Geral das Forças da Revolução Palestina". Foi o segundo atentado a bomba em Jerusalém nos últimos 15 dias, mas as autoridades israelenses já esperavam um aumento da atividade terrorista durante a reunião de Camp David.

TÚNICAS NO AR

As duas bombas explodiram, com pouco tempo de intervalo, perto da porta de Jafa, uma das portas que dão entrada para o centro histórico da Cidade Santa. A primeira explosão, num grupo de arbustos junto à calçada que vai da parte judaica da cidade para a porta, não causou vítimas. A segunda ocorreu cerca de 200 metros além da porta, na entrada para o velho bazar árabe, e feriu sete passantes.

Esta bomba foi colocada sob a vitrina de uma loja de lembranças, e a explosão jogou túnicas, tapetes de lã de cabra e selas de camelos para todas as direções. Várias túnicas ficaram penduradas na fiação elétrica, sobre a praça.

A polícia prendeu dezenas de pessoas para interrogatórios e cercou a área da porta de Jafa por duas horas. No atentado anterior no último dia 5, ocorrido num depósito de bujões de gás, morreu um perito em explosivos da polícia israelense, Esteven Hilmes, e ficou ferido um funcionário da companhia de gás.

Reunião de Camp David termina hoje sem sucesso

Noênio Spínola
Correspondente

Thurmont, Maryland, EUA — A conferência de Camp David termina hoje, mas o anúncio oficial da suspensão dos trabalhos veio com a advertência de que "diferenças substanciais" continuavam, a despeito dos esforços para superá-las, em reuniões bilaterais previstas para o fim da tarde de ontem. Um último encontro trilateral do Presidente Carter com o Primeiro-Ministro Menahem Begin e o Presidente Anwar Sadat selaria, ainda hoje, a sorte do que se discutiu nos últimos 12 dias, em clima de absoluto segredo.

Sinal de que a reunião pode ter esbarrado a uma distancia não muito grande da linha que fica entre o fracasso e o sucesso está na pergunta do correspondente do *Al Ahram*, o maior jornal do Cairo, feita ontem ao porta-voz da Casa Branca, sobre se o Vice-Presidente Mondale tinha sido usado como intermediário pelo Presidente Carter para sugerir a Sadat e a Begin o fim das negociações, quando sentiu a impossibilidade de avançar sequer mais um passo.

— Com todo o respeito que a pergunta merece — disse Jody Powell — não foi este o caso.

Divergências continuam

No entanto, as fontes da Casa Branca também disseram que "nunca se esperou resolver em Camp David todos os problemas e todas as diferenças" entre Israel e o Egito ou os países árabes. Por isso, alguns pontos foram imediatamente identificados aqui como prováveis zonas de sombra, a exemplo da Cisjordania, ou das colinas do Golan, na fronteira com a Síria.

Estas são áreas ocupadas por Israel, cujo retorno à Síria e à Jordania tem sido reiteradamente negado por Begin, e que Sadat, para manter a frágil aliança árabe, tem colocado entre suas reivindicações.

Fontes egípcias disseram aqui que alguns dos seis pontos sobre os quais Sadat baseou suas posições em Camp David devem ter recebido concessões israelenses, pois a linguagem usada pelo porta-voz, na tarde de ontem, voltou a repetir o clichê usado no sábado da semana passada, quando se referiu às "substanciais diferenças", mas ao mesmo tempo mencionou os "progressos" que pareciam ter sido feitos.

Um tom pessimista veio quando se perguntou se o "progresso que parece ter sido feito" subsistiria sem levar em conta o interrelacionamento dos diversos problemas levantados. "Suponho que isto terá de ser visto", disse o porta-voz. Até ontem, a Casa Branca vinha advertindo para as relações de causa e efeito entre um ponto e outro das discussões, e que por isso mesmo, não se devia tirar uma conclusão pessimista ou otimista a respeito dos ganhos parciais e das dificuldades encontradas.

O porta-voz também disse que, a despeito dos resultados obtidos ou das diferenças remanescentes, não era possível prever se haveria "suficiente flexibilidade" para permitir supor a reabertura de negociações mais tarde.

Ninguém de mãos vazias

A *dissecação* dos sinais cifrados vindos ontem de Camp David deixou a impressão de que ninguém sairá de mãos vazias e que alguma coisa produtiva será apresentada por Carter ao Congresso no início desta semana. Acossado pelos jornalistas, em Thurmont, em um único ponto o porta-voz deixou transparecer que algo de concreto foi obtido, quando disse que, logo após a conclusão da conferência, serão divulgados detalhes claros sobre "onde foram feitos progressos, onde foram obtidos acordos e onde, ainda, permanecem substanciais diferenças".

Do lado egípcio, foi dito aqui, por fontes ligadas à delegação de Sadat, embora não envolvidas na conferência, que ele inicialmente propôs a devolução do Sinai à soberania egípcia. Mas, parece certo também que ele desta vez não excluiu um envolvimento maior das Nações Unidas na área.

Tropas da ONU foram colocadas no Sinai em uma faixa ao longo do Canal de Suez, até pouco depois de Abu Rodeis. Israel continuou a controlar o golfo do Canal e o golfo de Aqaba, uma passagem essencial para o porto de Elath, pouco acima da fronteira entre a Jordania e a Arábia Saudita. Em algum momento do *summit*, foi discutida a posição norte-americana sobre a extensão do envolvimento da ONU na área, sendo possível que, as portas de uma Assembléia-Geral, que a Organização seja convidada a desempenhar um papel ainda mais ativo na região.

Também parece certo que o Presidente egípcio aceitou desta vez compromissos maiores do que no seu primeiro encontro, em Jerusalém, com o Primeiro-Ministro Menahem Begin. Para tanto, Sadat deve ter recebido em troca concessões da liderança israelense, ainda que não tão importantes quanto um acordo global sobre a autonomia jurídica e militar dos palestinos em Gaza e na Cisjordania.

Begin já divulgou um plano de 26 pontos, no qual concedia uma autonomia jurídica transitória aos palestinos na Cisjordania e em Gaza, embora mantendo o controle militar israelense. Especulou-se, nos últimos dias, sobre um convite à Jordania para retornar à área ocupada com poderes parciais, o que seria uma concessão de Israel no ambito de um plano de longo prazo para a autonomia palestina, sem abrir concessões à presença da liderança radical da OLP.

A conferência entrou na sua fase final na tarde e na noite de ontem. Ao fim da tarde, Carter manteve uma reunião com Sadat. Mais tarde, terminado o *sabbath* judeu, reuniu-se com Begin.

Uma reunião trilateral final estava prevista para a manhã de hoje, para selar o que ontem foi passado para o papel e que o porta-voz evitou caracterizar como comunicado, pronunciamento, ou acordo, deixando espaço para mais especulações sobre os frutos finais do *summit*.

Israel tenta suavizar exigências do Egito

Boston, Massachusetts, EUA — Israel propôs ao Egito a operação conjunta de duas usinas atômicas no deserto do Sinai, numa tentativa de suavizar as exigências do Cairo sobre as colônias judaicas na área, o futuro da Cisjordania e a situação dos palestinos, informou o jornal *Boston Herald American*.

Teria sido essa, para o jornal, a razão da chegada do Ministro da Energia de Israel, Yitzhak Modai, a Camp David, nos últimos dias. O plano já teria sido apresentado anteriormente a Anwar Sadat e foi discutido também com o Secretário de Energia dos Estados Unidos, James Schlesinger, durante uma visita de Modai a Washington, em fevereiro.

Enquanto a imprensa do Cairo continuava pessimista sobre os resultados da conferência, o *Washington Post* afirmava que o Presidente Carter está pressionando para que Israel e Egito aceitem uma formula que prevê a colocação da Cisjordania sob uma administração tripartite israelo-jordaniana-palestina. Informou que a pretensão esbarra em divergências entre Sadat e Begin sobre o futuro da região, ocupada por Israel à Jordania em 1967.

Israelenses enfrentam contestadores

Mário Chimanovitch
Correspondente

Tel Aviv — *O Presidente e seu Ministro da Guerra estão presos. Ambos são israelenses, mas os pomposos títulos não passam de mera paródia no Israel contemporaneo. Uma paródia que seus cidadãos não acham engraçada.*

Os dois detidos são suspeitos de serem os mais importantes líderes do que a polícia local considera a perigosa manifestação de uma situação que prevalece — como resultado da alienação cultural e do baixo nível de vida — em determinados setores da sociedade israelense, embora seja pouco conhecida do grande público.

DOIS POVOS

Agrupados na Organização Clandestina dos Desertores Militares, seus membros são acusados de planejar e realizar atos de sabotagem contra instituições governamentais. A Organização fica no bairro mais pobre de Tel Aviv — o quarteirão Hatikva (esperança, em hebraico) — onde cerca de 95% dos habitantes são judeus orientais — sefaradin — *originários* dos países árabes e da *África do Norte.*

Há duas semanas, 24 de seus membros (suspeita-se que cheguem a 100) foram presos, depois que puseram fogo em dezenas de estabelecimentos comerciais e industriais nos quais o Governo tem participação, incluindo uma grande fábrica de embalagens para transporte aéreo pesado, localizada nas proximidades do aeroporto internacional David Ben-Gurion. O prejuízo foi de alguns milhões de dólares, segundo se estima.

A revolta desses sabras *(nascidos em Israel) numa sociedade como a israelense — em que o lema é "um por todos, todos por um, pois estamos em guerra" — levou alguns colunistas altamente respeitados, como Amos Keinan, do* Yediot Ahoronot, *a sombrias conclusões.*

Referindo-se aos suspeitos como filhos de famílias judias de origem não européia, absolutamente distintas da classe ashkenazi *(os judeus europeus ou de origem ocidental), que domina a nação, política e economicamente, Keinan escreveu:*

— A realidade é que possuímos dois povos em Israel, uma profunda divisão cultural. E não me estou referindo, como muitos podem imaginar, à nossa minoria árabe.

JOVENS DESERTORES

A situação é tão miseravelmente pungente no quarteirão Hatikva que seus moradores costumam explicar aos visitantes que o termo ashkenazi *significa o resultado de 30 anos (a idade de Israel) de abandono e promessas sucessivas que os Governos trabalhistas não cumpriram.*

Essa frustração pode explicar que muitos consideram um paradoxo político: os habitantes do quarteirão Hatikva, assim como a maioria dos sefaradin, votaram em Menahem Begin nas eleições de maio de 1977. A parte da população israelense mais oprimida social e economicamente apoiou, então, não os socialistas, mas a direita nacionalista.

Até o momento, a polícia israelense pouco revelou acerca das atividades do grupo. Sabe-se, entretanto, que é constituído, essencialmente, de jovens que desertaram do serviço militar e que tinha grande quantidade de armas, munições e explosivos roubados do Exército.

Atuando como organização paramilitar, o grupo era chefiado por Zvulum Ben-Michel, de 23 anos — o Presidente — *cuja família do Ministro da Guerra, mas já se sabe que tem 21 anos e foi o cérebro de todos os atentados praticados pelo grupo, incluindo os misteriosos incêndios do jornal* Haaretz, *em 1977. Na época, como o jornal estava empenhado numa campanha contra o crime organizado em Israel, pensou-se que os atentados tinham sido obra da Máfia local.*

Rodésia mobiliza negros

Salisbury e *Maputo* — Ante a intensificação dos ataques guerrilheiros, o Reverendo Ndabaningi Sithole, atual presidente do conselho do Governo transitório birracial da Rodésia, anunciou a convocação de negros e brancos, igualmente, para o serviço militar, acrescentando que foi "engavetada" a proposta de conferência com os líderes guerrilheiros apresentada pelos Estados Unidos e a Grã-Bretanha.

Em Maputo, o Presidente Smora Machel reafirmou o apoio de Moçambique à Frente Patriótica do Zimbabwe (Rodésia), dos líderes guerrilheiros Joshua N'Komo e Roberto Mugabe, acusando os países "imperialistas" de tentar dividi-la para garantir a preservação da estrutura política e econômica do capitalismo colonialista na Rodésia.

"SOLUÇÃO INTERNA"

Falando à imprensa e ao corpo diplomático, Machel disse que as recentes tentativas de integrar N'Komo ao Governo transitório birracial de seis meses era mais um esforço para encontrar uma "solução interna" que favoreça os interesses do imperialismo. Acrescentou que, com o convite, o *Premier* Ian Smith esperava "confundir o povo, propiciar a liquidação política de N'Komo e isolar Robert Mugabe, apresentado-o como o rebelde intransigente, racista e extremista".

Em Adis-Abeba, onde participam da Conferência de Solidariedade Antiimperialista Afro-Árabe, Mugabe e N'Komo negaram que estejam divididos por causa do convite. N'Komo disse que a Frente Patriótica tem "domínio total" sobre certas zonas de Salisbury e que a aliança guerrilheira obterá vitória militar até abril próximo.

Sobre o recrutamento, o Reverendo Stihole declarou que, como o acordo de Salisbury (para a formação do Governo transitório) "é principalmente para o bem dos negros, já que eles é que se beneficiarão mais do futuro Governo de maioria, os negros devem participar em base semelhante à dos brancos. Os negros devem aceitar um papel primordial na defesa do acordo que lhes confere o Poder", concluiu.

A curto prazo não há solução para a crise

Robert Dervel Evans
Correspondente

Londres — *Um contínuo fluxo de notícias da Rodésia chega a esta Capital, mas poucas delas contêm qualquer promessa de uma solução a curto prazo. As indicações anteriores de um diálogo entre Ian Smith, o líder dos rodesianos brancos, e Joshua N'Komo da União do Povo Africano do Wimbabwe (ZAPU), que divide com Robert Mugabe, da União Nacional Africana do Zimbabwe (ZANU), a liderança comum da Frente Patriótica, se dissiparam rapidamente quando um avião rodesiano com 48 passageiros civis a bordo foi derrubado por guerrilheiros da ZAPU, com mísseis terra-ar SAM, no início do mês.*

N'Komo reivindicou a responsabilidade por este feito militar, mas a repercussão foi negativa quando se soube que os guerrilheiros da ZAPU mataram os 10 sobreviventes, entre os quais duas crianças. Não houve como negar esta atrocidade, pois jornalistas da imprensa e da televisão britânicas deslocaram-se rapidamente para o local e conseguiram entrevistar três passageiros que escaparam com vida, escondendo-se na selva, enquanto os terroristas saqueavam o avião e matavam os passageiros.

Lei marcial

N'Komo tornou as coisas ainda piores quando, numa entrevista à televisão sobre o incidente, não pôde controlar um riso de satisfação. Esta prova de falta de simpatia pessoal para com as vítimas da guerra apareceu em milhões de telas de televisores em muitas partes do mundo.

Na Rodésia, Smith, que no mês passado tinha-se encontrado secretamente com N'Komo em Zambia, para discutir a possibilidade de seu regresso à pátria e participar do Conselho Executivo integrado pelo Bispo Muzorewa, o Reverendo Sithole, o Chefe Chirau e o próprio Smith, organizado por força do Acordo Interno de abril passado, foi obrigado a recuar.

Pressionado por seus partidários negros e brancos, Smith impôs a Lei Marcial em algumas regiões da Rodésia e suspendeu as conversações com N'Komo. Há dois dias, ele foi mais longe, chamando-o de monstro numa entrevista à imprensa e declarando que não queria mais qualquer contato com ele. A reação de Smith à atrocidade foi mais contida do que os brancos queriam e do que muitos observadores esperavam. Não lançou ataques retaliatórios contra as bases dos guerrilheiros da ZAPU em Zambia, nem estendeu a Lei Marcial para todo o país.

Retorno à legalidade

Ele deixou, entretanto, clara a posição do Governo Provisório ao prender 320 membros da ZAPU, proibindo simultaneamente todas as atividades dessa organização na Rodésia. Todo o diálogo entre o Governo Provisório de Salisbury e a Frente Patriótica cessou agora.

A tentativa de Smith para um entendimento com N'Komo fracassou. Contudo sua iniciativa mais significativa de formar um Governo Provisório com os líderes moderados não ruiu por terra, embora não tenha promovido o esperado progresso para uma eleição por sufrágio universal e para um regime de maioria até o fim do ano. O futuro do que agora está começando a ser considerado um jogo está duvidoso.

Praticamente, tudo que lhe resta é a opção de retornar a Rodésia ao caminho da legalidade, revogando a decisão de independência unilateral tomada há 13 anos. Ele insinuou essa possibilidade, quarta-feira, quando afirmou que estaria preparado para considerar tal medida, se se convencesse de que ela ajudaria seu país a encontrar uma solução pacífica.

A iniciativa está com Londres. Não há nada ainda que sugira qualquer mudança na política oficial do Governo visando a promover uma reunião com a participação de Smith e seus colegas moderados negros, a Frente Patriótica, os Presidentes dos países africanos negros vizinhos e a Grã-Bretanha. Isto significaria uma solução aceitável internacionalmente, que não seria rejeitada pelas nações da África Negra. É uma política acertada para a Grã-Bretanha, se puder ser executada.

Eanes fala à nação sobre crise

Lisboa — O Presidente português, Ramalho Eanes, falará ao país em breve, através do rádio e da televisão, para referir-se à nova crise de Governo surgida sexta-feira, quando o Parlamento se negou a apoiar o recém-nomeado Gabinete de Alfredo Nobre da Costa.

Na próxima semana Eanes inicia consultas com os Partidos políticos e o Conselho da Revolução sobre a formação de novo Governo. O Presidente ainda não respondeu aos socialistas, que lhe pediram uma reunião imediatamente após a derrota de Nobre da Costa.

Reverendo aceita convite dos EUA

Washington e **Salisbury** — O Reverendo Ndabaningi Sithole reagiu com entusiasmo ao convite de 27 senadores americanos para que os quatro membros do Governo provisório rodesiano visitem os Estados Unidos para explicarem a situação em seu país. Segundo ele, a iniciativa "reflete uma atitude oportuna e sumamente realista de um grupo de norte-americanos responsáveis".

O porta-voz do grupo de senadores, Sam Hayakawa, republicano, disse ter escrito também ao Presidente Carter e ao Secretário de Estado Cyrus Vance sobre o assunto, uma vez que os dirigentes rodesianos precisariam de autorização especial para entrarem no país, já que Washington não reconhece o regime de Salisbury.

Além de Sithole e do Primeiro-Ministro Ian Smith, integram o Conselho do Governo provisório rodesiano o Bispo Abel Muzorewa e o chefe tribal Jeremias Chirau. Mozorewa e Sithole já visitaram os Estados Unidos várias vezes, mas a Chirau se negou outras tantas permissões para ingresso.

"Premier" do Vietnam vai às Filipinas

Manila — O Primeiro-Ministro do Vietnam, Pham Van Dong, chegou às Filipinas para uma visita oficial de cinco dias, onde manterá duas prolongadas reuniões com o Presidente Ferdinand Marcos. Esta é a primeira visita de um dirigente comunista vietnamita ao país.

Semana passada, Pham Van Dong visitou à Tilandia e segundo fontes diplomáticas deverá ir em breve à Malásia, Indonésia e Cingapura. Suas viagens pelo Sudeste Asiático são consideradas partes da recente abertura que o Vietnam vem demonstrando para com a Associação dos Países do Sudeste Asiático, até recentemente denunciada como pacto militar dominado pelos Estados Unidos.

Somozistas reconquistam Leon e atacam Esteli

León/UPI
Na conquista de Leon, forças governamentais usaram tanque pesado

Mandgua — O Governo da Nicarágua informou que as tropas da Guarda Nacional reconquistaram Leon, a segunda cidade do país tomada pelos rebeldes semana passada. Informações divulgadas pelas agências DPA e AP, no entanto, falam em ofensiva governamental num esforço para debilitar as posições guerrilheiras, enquanto os combates continuam.

Os jornalistas, proibidos de entrar na cidade, puderam ver aviões lançando foguetes contra Leon, e helicópteros atacando posições guerrilheiras. Também escutaram fogo de armas automáticas e explosões. As tropas de Somoza teriam avançado casa por casa, encontrando obstinada resistência dos rebeldes.

COMBATES

De acordo com a Guarda Nacional, Leon foi reconquistada na batalha mais violenta travada no país desde o início da ofensiva rebelde, há uma semana.

Comunicado oficial informou: "Unidades especializadas no combate à subversão nos centros urbanos atingiram seu objetivo com sucesso ao recapturarem a cidade de Leon, trazendo com isso a tranqüilidade e a paz à população, que passou horas de terror nas mãos das hordas comunistas".

A Guarda anunciou ainda que suas operações em Esteli, 120 km ao Norte de Manágua, tiveram sucesso porque os soldados recuperaram uma parte da cidade. O comunicado não diz se as tropas conseguiram uma vitória completa, e pessoas que estiveram no local — de acordo com a UPI — contaram que os guerrilheiros controlam a maior parte da cidade.

Em Esteli, afirma a Guarda Nacional, "agitadores comunistas, com atos de terror e de vandalismo, causaram grandes perdas em vidas humanas e em propriedades materiais".

Explosões e violentos tiroteios se verificaram também em Manágua, mas terminaram após várias horas, e ontem a cidade estava em calma. De qualquer forma — declara a AP — milhares de pessoas enchem o aeroporto da Capital, dispostas a sair do país.

O Embaixador norte-americano Mauricio Solaun pediu ajuda a Somoza para retirar imediatamente os americanos que residem em Esteli e Leon, mas o Presidente nicaraguense solicitou uma nota diplomática formal. A retirada não começou. Cerca de 5 mil americanos residem na Nicarágua.

Até agora, pelos cálculos da Cruz Vermelha, 500 pessoas morreram em todo o país. Somoza diz que apenas 30 de seus 7 mil 500 soldados morreram.

Correspondentes driblam censura

Silio Boccanera
Enviado especial

Manágua — No primeiro dia de aplicação, funcionou precariamente a censura imposta pelo Governo nicaraguense a 140 jornalistas estrangeiros, atualmente cobrindo os acontecimentos neste país. Através de artimanhas diversas, grande parte dos repórteres vem conseguindo transmitir para o exterior pelo menos algumas informações que os censores provavelmente não aprovariam.

Em reunião na noite de sexta-feira, os jornalistas decidiram que, além de encaminhar um protesto oficial ao Governo diante da censura e do tratamento agressivo que vêm recebendo da Guarda Nacional (que inclusive metralhou de avião cinco correspondentes que visitavam a cidade de Esteli, sem contudo atingi-los), iriam continuar tentando transmitir suas informações ao exterior usando a imaginação para burlar a censura.

A censura

Um repórter europeu com vários anos de experiência na Africa estava planejando seu artigo pelo telefone a um colega de redação no exterior, falando exclusivamente a lingua zulu — seguramente estranha aos quadros de tradutores-censores nicaraguenses.

Português corrente pode ser compreendido pelos censores, mas os brasileiros aqui podem espantar o controle local se falarem na lingua do **P** que aprenderam em crianças.

O Governo já avisou, através da Secretaria de Informações da Presidência, que as ligações telefônicas estão controladas e podem ser cortadas ou receber interferência quando alguma mensagem em transmissão não for aprovada pelo censor na escuta.

Alguns correspondentes especulam que, quando o Governo nicaraguense for informado (provavelmente por suas Embaixadas no exterior) que as reportagens sobre a situação atual na Nicarágua continuam a ser divulgadas pelo mundo, o Presidente Somoza talvez expulse do país toda a imprensa estrangeira. A iniciativa repercutiria mal por alguns dias, mas pelo menos desapareceriam as descrições detalhadas de incidentes como o ataque da Guarda Nacional a uma ambulancia da Cruz Vermelha, matando dois socorristas da organização.

Norman Wolsson, o norte-americano que assessora Somoza na área de relações públicas, informou de Nova Iorque que há quatro dias teve de convencer o Presidente a voltar atrás na decisão já tomada de enviar para fora da Nicarágua todos os jornalistas estrangeiros atualmente no país.

A preocupação de Somoza, expressa indiretamente pelos censores encarregados de controlar os despachos para o exterior, é que a imprensa estrangeira continua a divulgar pelo mundo o que o Governo daqui não considera descrições corretas sobre o que se passa na Nicarágua.

A versão governamental dos acontecimentos atuais pode ser obtida através de comunicados da Secretaria de Imprensa da Guarda Nacional ou da Presidência, bem como através dos meios de comunicação locais já controlados pela censura. Seja no jornal **Novedades** (da familia Somoza) ou nas emissoras de rádio e televisão (onde as informaçoes são controladas), a imagem que se procura divulgar é a de que um Governo constitucional e aceito pelo povo vem enfrentando ações subversivas de comunistas insuflados por Cuba.

A situação

Os jornalistas estrangeiros saem pelo interior do país, entrevistam representantes dos mais diversos setores da sociedade, de empresários a trabalhadores, jovens e velhos, homens e mulheres, descobrindo então, em meio à diversidade de opiniões politicas, que só uma posição une a todos — um verdadeiro ódio a Somoza.

A palavra ódio pode parecer exagerada, mas parece difícil encontrar outro termo para descrever as reações das pessoas quando falam do Presidente. As manifestações emotivas pessoais levam a concluir o pouco que basta para mobilizar essas pessoas contra o Governo. E esta mobilização já começou, expressando-se através de um movimento que não tem qualificativo mais apropriado do que insurreição popular.

Quanto às denúncias de Somoza de uma inspiração comunista cubana à revolta, a evidencia até agora não confirma o que diz o Presidente. Que muitos membros da Frente Sandinista da Libertação Nacional (FSLN) sejam comunistas, isto ninguém tem dúvida — muito menos de que grande parte deles não adote essa ideologia. Tampouco se duvida da empatia revolucionaria que Cuba teria com os militantes dispostos a derrubar um Governo que cedeu o território de seu país para treinar os invasores da Baía dos Porcos, em 1961.

Muitos membros da FSLN receberam treinamento militar do Governo de Fidel Castro, mas até agora observadores independentes não encontraram evidências de apoio financeiro, envio de tropas ou armas cubanas para os rebeldes. Na verdade — e para irritação de Somoza — os militantes recebem apoio mais ostensivo dos Governo vizinhos de Costa Rica, Panamá e Venezuela, que de Cuba.

O sandinismo

Tanto quanto há comunistas entre os rebeldes, há representantes de outras ideologias, pessoas que desistiram de uma oposição moderada ao controle politico de um país por uma mesma familia há mais de 40 anos, e que se aliaram aos muitos nicaraguenses que sairam armados às ruas nas últimas três semanas.

Na cidade de Esteli, há poucos dias, um repórter passava entre as barricadas erguidas nas ruas pelas forças anti-Somoza, quando um dos rebeldes o chamou. Revólver calibre 38 na mão direita, o jovem segurava com a esquerda o crucifixo dependurado no pescoço.

— "Veja bem essa cruz" — gritou agressivo. — "Não sou comunista, como Somoza chama a todos os que lutam contra seu Governo. Sou católico e sandinista".

Por sandinista ele queria dizer, como fazem muitos nicaraguenses, não que pertencia à FSLN, mas que seguia o pensamento politico de Augusto César Sandino, herói nacional, militar que lutou contra a ocupaçao militar da Nicaragua, pelos Estados Unidos, nos anos 30, e que foi assassinado pelo pai do atual Presidente.

Os escritos de Sandino revelam uma doutrina de nacionalismo e luta contra a dominação estrangeira da Nicarágua. O subdiretor do jornal oposicionista **La Prensa**, Danilo Aguirre, observava há alguns dias:

"Estrangeiros têm o hábito de confundir sandinista com militante da FSLN. Não sou guerrilheiro, mas me considero um sandinista na medida em que aceito as idéias de Sandino".

Os combates de rua através do interior, a cordenação dos rebeldes que vem tomando várias cidades, fica por conta de ativistas mais experimentados da FSLN, os quais descem das regiões montanhosas nas fronteiras, onde atualmente se escondem. Mas as estimativas mais confiáveis sobre o número de membros da FSLN indicam a existência de aproximadamente 1 mil 500 militantes ativos em todo o país.

Na luta contra as forças do Presidente Somoza, entretanto, há milhares de pessoas participando. Em comum só têm a determinação de derrubar Somoza pela força.

Cristãos fazem apelo a Carter

Manágua — Iludindo a censura total imposta ao país nas últimas horas, todas as organizações católicas da Nicarágua subscreveram uma carta endereçada ao Presidente Jimmy Carter, a quem pedem que faça cessar toda nova ajuda americana ao ditador Anastásio Somoza, "para que o povo nicaraguense determine seu futuro".

Os católicos lembraram que, desde a década de 30, os Estados Unidos apóiam e mantêm no Poder Somoza, por meio da "força bruta". No documento afirmam que a violência atual deve-se à violência generalizada e institucionalizada que o regime somozista impôs ao povo.

"Como pastores, não podemos fazer mais do que lamentar esta dolorosa situação, contudo nossa preocupação aumentaria se o General Somoza continuasse no Poder. Sem capacidade de introduzir mudanças significativas no país, a única maneira de permanecer no Governo é através da sangrenta coação", prosseguem os religiosos.

Jornal espanhol denuncia tortura de irmãos maristas por soldados nicaragüenses

Madri — Seis irmãos maristas espanhóis foram torturados por soldados da Guarda Nacional nicaragüense e usados como reféns contra ataques da Frente Sandinista de Libertação Nacional a um quartel da cidade de Esteli — denunciou ontem o jornal espanhol *Diario 16*.

O enviado especial do diário contou que os soldados da Guarda somozista, acovardados diante de sucessivos ataques dos guerrilheiros, capturaram seis religiosos, espancaram-nos brutalmente e se utilizaram deles como *paredes humanas*, obrigando o grupo a ficar entre os dois lados durante os ataques ao quartel.

SELVAGERIA

Cada vez que os sandinistas atacavam, os soldados levavam os religiosos, aos murros e pontapés, ao muro exterior do quartel para impedir que os guerrilheiros ocupassem a praça de guerra. A utilização dos religiosos maristas como reféns durou cerca de oito horas, de acordo com o enviado do *Diário 16*. Segundo quem "nas últimas horas a guerra civil nicaraguense adquiriu requintes de violência selvagem".

Em Hartford, Estado de Connecticut, Estados Unidos, o Padre Bernard Survio denunciou que a polícia somozista está obrigando a população a evitar os padres e freiras, além de confiscar boletins da Igreja considerados "subversivos".

Survio, que foi aos Estados Unidos descansar, não está podendo regressar ao país, pois a Embaixada nicaraguense não quer lhe fornecer os documentos necessários para viajar.

Embaixador sofre atentado a bala

Guatemala — O Embaixador da Nicarágua na Guatemala, Eduardo Meneses, foi baleado ontem à tarde na Capital guatemalteca por desconhecidos, que fugiram em seguida. Acompanhado de um guarda-costas se dirigia a uma barbearia. Seriamente ferido na cabeça, tem poucas possibilidade de sobreviver.

O atentado poderia estar ligado à chegada à Guatemala, ontem, do comandante Raul, da Frente Sandinista de Libertação Nacional, que prestou declarações sobre a luta contra o Presidente nicaraguense Anastasio Somoza. Fontes dos serviços de segurança da Guatemala disseram que os responsáveis pelo atentado podem ser exilados nicaraguenses ou guerrilheiros guatemaltecos.

Latino-americanos se manifestam nos EUA

Nova Iorque — Diversos grupos representativos da colônia hispano-americana nos Estados Unidos prometeram realizar hoje um comício anti-somozista em frente à Casa Branca. Aos gritos de *Abaixo Somoza, Viva Sandino* e *Libertem a Nicarágua*, grupos contrários ao regime nicaraguense realizaram, na noite de sexta-feira, uma passeata em Nova Iorque, da Rua 42 à sede das Nações Unidas.

Manuel Orachera, da Associação pelos Direitos Humanos na Nicarágua, entidade que promoveu a manifestação, declarou que o objetivo da passeata foi o de "alertar o povo norte-americano para o fato de que seu país está intervindo indiretamente na guerra civil, permitindo o envio de soldados de El Salvador à Nicarágua".

Em Roma, o representante da Frente Sandinista na Itália enviou telegramas ao Presidente Sandro Pertini, ao Prefeito de Roma, Giulio Argan, e a dirigentes da Democracia Cristã, Partido Comunista, Partido Socialista e Democracia Proletária pedindo o rompimento das relações diplomáticas com Manágua, manifestações de solidariedade e o envio de remédios e alimentos para o povo nicaraguense em luta contra a Guarda somozista.

Boicote geral à ditadura de Somoza foi decidido ontem, em assembléia conjunta, pelas Federações de Trabalhadores em Petróleo e Portuários da Venezuela. A partir de segunda-feira não permitirão a passagem por nenhum porto do país de navios nicaraguenses ou barcos de outras bandeiras que tenham como destino a Nicarágua.

Chanceleres da OEA voltam a se reunir

Washington — Chanceleres dos 25 países da OEA voltarão a se reunir no próximo dia 21, quinta-feira, em Washington, para debater as formas de "contribuir para a pronta solução da crise da Nicarágua, num encontro proposto pela Venezuela.

Acredita-se que a maioria das nações do hemisfério estará de acordo na assinatura de uma declaração incentivando a formação de um "Governo de coalizão nacional" em Manágua, "com a tarefa de pôr fim ao conflito entre militares e povo nicaraguense.

Segundo Ary Moleon, da AP, esse bloco majoritário é formado pelos Chanceleres do Peru, México, Venezuela, Panamá, Colômbia, Equador, Bolívia, República Dominicana, Costa Rica, Jamaica, Barbados, Trinidad, Granada, Suriname e Estados Unidos. Votariam contra essa declaração certamente a Nicarágua e mais Uruguai, Paraguai e Argentina. Os votos do Chile, Haiti, Honduras, Guatemala e El Salvador são incertos. E o Brasil votaria com a maioria, ainda conforme Moleon.

Reunido sexta-feira, o Conselho da OEA decidiu enviar uma missão a Costa Rica para examinar as acusações de violação de seu território por forças nicaraguenses, formuladas pelo Governo de San José.

Argentina liberta 47 presos

Buenos Aires (do correspondente) — O Ministério do Interior informou sobre a libertação de 47 pessoas que se encontravam detidas "à disposição do Poder Executivo Nacional", vale dizer, presas mediante decreto presidencial que não indica a causa da medida. Acrescentou que um dos detidos foi autorizado a deixar o país e que outro foi expulso.

Entretanto, advogados das organizações de defesa dos direitos humanos não dão muita importância à publicação de tais listas que, segundo eles, contêm apenas nomes de casos conhecidos. Mencionam o exemplo da publicação da última lista de desaparecidos que, na realidade, são "desaparecidos" comuns, velhos, crianças ou débeis mentais que sumiram de casa e não pessoas que um dia estiveram envolvidas em algum tipo de militancia política, foram detidas por grupos de pessoas que se diziam agentes de organismos de segurança do Estado e "desapareceram."

O Governo já divulgou uma lista de quase 4 mil nomes e os locais em que se encontram. Entretanto, quanto à lista da Assembléia Permanente pelos Direitos Humanos, do Movimento Ecumênico pelos Direitos Humanos e da Liga Argentina pelos Direitos Humanos, divulgada em maio passado, com 2 mil 500 nomes, não há nenhuma novidade.

Videla não crê em guerra com Chile

Buenos Aires — A possibilidade de um choque armado entre os Exércitos do Chile e Argentina, pela posse de três ilhas no canal de Beagle, foi descartada ontem pelo Presidente argentino, General Jorge Videla, que manifestou otimismo em relação ao prosseguimento e êxito das negociações entre representantes dos dois países.

Falando ao jornal **Tiempo de Córdoba**, disse esperar que "acima das diferenças prevaleça a História, a tradição e o destino comuns de nossas duas nações". Acrescentou que "nós argentinos temos demonstrado nossa vocação pela paz, mas também a inquebrantável decisão de defender a soberania nacional e integridade territorial".

Os negociadores, reunidos em Santiago do Chile, prolongaram as conversações, que deveriam terminar na sexta-feira, dando margem a comentários da imprensa da Capital chilena no sentido de que estão próximo de um acordo.

General defende convergência

Buenos Aires — Em entrevista a um jornal da Provincia de Córdoba, o Presidente Jorge Rafael Videla reiterou ontem os propósitos de seu Governo em "instaurar a democracia no país", mediante uma "convergência cívico-militar".

Segundo Videla, "a vontade democrática anima" o regime militar instalado em março de 1976, e "são as circunstancias que impõem a profundidade, o ritmo e a forma das mudanças".

Reconheceu também que "pretender conduzir os acontecimentos apenas de acordo com a exclusiva vontade dos governantes é cair no risco de levar ao fracasso as melhores intenções". O General argentino não fixou, porém, um calendário de "transição democrática", mantendo-se fiel, portanto, ao velho *slogan* de que "as Forças Armadas não têm prazo, mas objetivos a cumprir".

Igreja chilena denuncia mais 31 desaparecidos

Santiago do Chile — Mais 31 casos comprovados de pessoas que desapareceram após serem detidas pelos órgãos de segurança foram denunciados ontem pela Igreja católica chilena. Os novos casos aumentam a lista mais recente de desaparecidos para um total de 270 pessoas, de acordo com a Igreja.

Familiares de ativistas políticos afirmam, contudo, que a relação é bem maior e abriga pelo menos 612 nomes. A lista da Igreja é baseada em relatórios enviados pelos bispos de várias regiões do país e os últimos 31 nomes foram fornecidos pelo bispo de Chillan — 350km ao Sul de Santiago. Revelou-se que o número de exilados chilenos no exterior elevou-se de 1 mil 500 a 2 mil 200 pessoas.

Operários presos

Anunciou-se ontem oficialmente que foram presas 72 pessoas sob a acusação de "incitarem à subversão e sabotagem" na mina de cobre de Chuquicamata, agitada por conflitos trabalhistas. Além disso foram presos um estudante, por participar de manifestação no Centro de Santiago, contra o regime militar, e mais oito pessoas, inclusive uma mulher, "que operavam uma célula extremista na Capital". No total são 81 detidos.

O regime militar afirma ter "provas concretas" do envolvimento dos 78 mineiros de Chuquicamata em tentativas de sabotagem ou "incitamento à desordem". O Partido Democrata Cristão protestou que muitos dos presos são seus filiados e que o objetivo das prisões em massa é "forjar a imagem falsa de um acordo político inexistente entre comunistas e democrata-cristãos".

Aliás o diário governista *El Cronista*, em editorial, sustentou que a prisão do estudante Juan Berrios, numa manifestação em Santiago, "deixou a descoberto a íntima vinculação entre a dissolvida Democracia Cristã e a Vicaria da Solidariedade, para subverter a ordem pública".

"Contraditórias e sem fundamentos" — assim membros do Partido católico definiram as acusações lançadas pelo regime contra seus membros.

Justiça londrina concede extradição provisória a membro do Baader-Meinhof

Londres — A Justiça de Londres concedeu uma ordem de extradição provisória a Astrid Isolde Proll — terrorista do Baader-Meinhof presa sexta-feira numa garagem da Capital britanica — a pedido da Scotland Yard, em nome do Governo da Alemanha Ocidental.

As autoridades alemãs deverão apresentar provas formais contra Astrid, acusada de tentativa de assassinar dois policiais, antes de a Grã-Bretanha aceitar formalmente o pedido de extradição. O advogado de Proll, no entanto, disse que tudo fará para mantê-la no país.

PERIGO DE VIDA

Astrid Proll, que trabalhava como mecanica, quer continuar na Grã-Bretanha, "para continuar a vida que começou". Seu advogado Sean Sargeant salientou que há quatro anos ela vive no país sem o menor contato com seus antigos companheiros da Baader-Meinhof.

Porta-voz da policia britanica confirmou que a detida não teve qualquer participação em atividades terroristas no país.

Sean Sargeant argumenta que a vida de sua cliente corre perigo se for extraditada para a Alemanha. Ela participou, como motorista do automóvel de fuga, de alguns dos mais audaciosos atentados do grupo terrorista alemão. Estava desaparecida desde 1974 quando foi libertada por motivos de saúde.

Jornal espanhol denuncia tortura de irmãos maristas por soldados nicaragüenses

Madri — Seis irmãos maristas espanhóis foram torturados por soldados da Guarda Nacional nicaraguense e usados como reféns contra ataques da Frente Sandinista de Libertação Nacional a um quartel da cidade de Esteli — denunciou ontem o jornal espanhol *Diario 16*.

O enviado especial do diário contou que os soldados da Guarda somozista, acovardados diante de sucessivos ataques dos guerrilheiros, capturaram seis religiosos, espancaram-nos brutalmente e se utilizaram deles como *paredes humanas*, obrigando o grupo a ficar entre os dois lados durante os ataques ao quartel.

SELVAGERIA

Cada vez que os sandinistas atacavam, os soldados levavam os religiosos, aos murros e pontapés, ao muro exterior do quartel para impedir que os guerrilheiros ocupassem a praça de guerra. A utilização dos religiosos maristas como reféns durou cerca de oito horas, de acordo com o enviado do *Diário 16*. Segundo quem "nas últimas horas a guerra civil nicaraguense adquiriu requintes de violência selvagem".

Em Hartford, Estado de Connecticut, Estados Unidos, o Padre Bernard Survio denunciou que a polícia somozista está obrigando a população a evitar os padres e freiras, além de confiscar boletins da Igreja considerados "subversivos".

Survio, que foi aos Estados Unidos descansar, não está podendo regressar ao país, pois a Embaixada nicaraguense não quer lhe fornecer os documentos necessários para viajar.

ATENTADO

Guatemala — O Embaixador da Nicarágua na Guatemala, Eduardo Meneses, foi baleado ontem à tarde na Capital guatemalteca por desconhecidos, que fugiram em seguida. Acompanhado de um guarda-costas ele se dirigia a uma barbearia. Seriamente ferido na cabeça, tem poucas possibilidade de sobreviver.

Jornal diz que Carter quer a saída de Somoza

J. A. Nascimento Brito
Correspondente

Washington — De acordo com notícia publicada na edição de ontem do jornal *Washington Star*, os Estados Unidos decidiram "buscar a renúncia do Presidente Anastásio Somoza", e encorajar a "Liderança Moderada" do país a assumir o Poder na Nicarágua antes que o país se veja diante de uma guerra civil.

Citando funcionários do Governo americano, a notícia diz que a decisão foi aprovada pelo Presidente Carter em Camp David, e que seria a mensagem nas entrelinhas das declarações do porta-voz do Departamento de Estado, na sexta-feira, que — segundo o jornal — disse tudo "exceto pedir a Somoza que saia antes das eleições planejadas para 1981".

Na sexta-feira, durante seu encontro diário com a imprensa, Hodding Carter, leu uma nota previamente preparada sobre a união dos vários grupos de oposição da Nicarágua em uma Frente Ampla e a proposta que seus porta-vozes fizeram para terminar o conflito. Disse que o Governo americano havia "tomado nota" da proposta para um cessar-fogo e uma mediação no conflito.

Acrescentou que, "dado o aumento do banho de sangue, violência e sofrimento e a crescente paralisação da vida nacional, nós acreditamos que esse apelo deveria ser urgentemente levado em consideração". Prosseguiu dizendo que seu Governo "solicitava ao Governo da Nicarágua que aceitasse a mediação e buscasse uma solução permanente para a crise. "Nós pedimos a todas as partes envolvidas que aceitem um cessar-fogo e que se preparem para fazer concessões e sacrifícios a fim de que se coloque um fim no sofrimento do povo da Nicarágua".

O *Washington Star* diz, parafraseando um funcionário da Administração Carter, que a nota é o máximo que o Governo americano pode fazer para "pedir a um outro líder para renunciar. Ideologicamente, essa administração não vai pedir diretamente sua renúncia, pois isso seria uma interferência nos negócios internos de um outro país".

Consultado pelo JORNAL DO BRASIL sobre as afirmações do *Washington Star*, a porta-voz do Departamento de Estado, Susan Pitman disse não ter nada a comentar. Lembrou, entretanto, que o Departamento continuava a enfatizar a nota.

Se, de fato, o Presidente Carter autorizou a seus diplomatas a pedirem a renúncia de Somoza, os Estados Unidos estarão dando um passo enorme em sua política desde o início da crise da Nicarágua.

Entretanto, de acordo com fontes diplomáticas, não existe nenhuma informação de que a Embaixada americana em Manágua tenha recebido "novas instruções" da Casa Branca. Estas, durante toda a semana que passou, se baseavam em três postulados: busca da união das forças de oposição a Somoza, um cessar-fogo e uma mediação para o conflito.

Além disso, o porta-voz do Departamento de Estado disse, na sexta-feira, quando perguntado se o Governo americano estaria pedindo a renúncia de Somoza, que "nós não estamos nos dirigindo ao problema da formação de um Governo futuro, e quem é aceitável, ou quem não é aceitável". E na quinta-feira, Hodding Carter negou enfaticamente que o Subsecretário para Assuntos Interamericanos tivesse dito, durante uma audiência secreta da Camara e do Senado, para explicar a crise da Nicarágua, que os Estados Unidos desejavam a renúncia de Somoza.

Ministros renunciam no Peru

Lima — O Governo militar do Presidente Bermudez anunciou ontem, em comunicado oficial, a renúncia e substituição de quatro Ministros do Gabinete. O Governo informou que todos os ministros, exceto os da Guerra, Marinha e Aeronáutica, que, como chefes militares, são membros do Conselho de Governo, haviam renunciado para que o Presidente Bermudez possa constituir um novo Gabinete.

O comunicado diz que Moralez Bermudez aceitou as renúncias dos Ministros da Indústria, Comércio e Turismo, da Educação, da Saúde e o da Habitação e Construções. Os renunciantes foram substituídos por oficiais militares que prestarão juramento segunda-feira.

Argentina liberta 47 presos

Buenos Aires (do correspondente) — O Ministério do Interior informou sobre a libertação de 47 pessoas que se encontravam detidas "à disposição do Poder Executivo Nacional", vale dizer, presas mediante decreto presidencial que não indica a causa da medida. Acrescentou que um dos detidos foi autorizado a deixar o país e que outro foi expulso.

Entretanto, advogados das organizações de defesa dos direitos humanos não dão muita importancia à publicação de tais listas que, segundo eles, contêm apenas nomes de casos conhecidos. Mencionam o exemplo da publicação da última lista de desaparecidos que, na realidade, são "desaparecidos" comuns, velhos, crianças ou débeis mentais que sumiram de casa e não pessoas que um dia estiveram envolvidas em algum tipo de militancia política, foram detidas por grupos de pessoas que se diziam agentes de organismos de segurança do Estado e "desapareceram."

O Governo já divulgou uma lista de quase 4 mil nomes e os locais em que se encontram. Entretanto, quanto à lista da Assembléia Permanente pelos Direitos Humanos, do Movimento Ecumênico pelos Direitos Humanos e da Liga Argentina pelos Direitos Humanos, divulgada em maio passado, com 2 mil 500 nomes, não há nenhuma novidade.

Videla não crê em guerra com Chile

Buenos Aires — A possibilidade de um choque armado entre os Exércitos do Chile e Argentina, pela posse de três ilhas no canal de Beagle, foi descartada ontem pelo Presidente argentino, General Jorge Videla, que manifestou otimismo em relação ao prosseguimento e êxito das negociações entre representantes dos dois países.

Falando ao jornal **Tiempo de Córdoba**, disse esperar que "acima das diferenças prevaleça a História, a tradição e o destino comuns de nossas duas nações". Acrescentou que "nós argentinos temos demonstrado nossa vocação pela paz, mas também a inquebrantável decisão de defender a soberania nacional e integridade territorial".

General defende convergência

Buenos Aires — Em entrevista a um jornal da Provincia de Córdoba, o Presidente Jorge Rafael Videla reiterou ontem os propósitos de seu Governo em "instaurar a democracia no país", mediante uma "convergência cívico-militar".

Segundo Videla, "a vontade democrática anima" o regime militar instalado em março de 1976, e "são as circunstancias que impõem a profundidade, o ritmo e a forma das mudanças".

Igreja chilena denuncia mais 31 desaparecidos

Santiago do Chile — Mais 31 casos comprovados de pessoas que desapareceram após serem detidas pelos órgãos de segurança foram denunciados ontem pela Igreja católica chilena. Os novos casos aumentam a lista mais recente de desaparecidos para um total de 270 pessoas, de acordo com a Igreja.

Familiares de ativistas políticos afirmam, contudo, que a relação é bem maior e abriga pelo menos 612 nomes. A lista da Igreja é baseada em relatórios enviados pelos bispos de várias regiões do país e os últimos 31 nomes foram fornecidos pelo bispo de Chillan — 350km ao Sul de Santiago. Revelou-se que o número de exilados chilenos no exterior elevou-se de 1 mil 500 a 2 mil 200 pessoas.

Operários presos

Anunciou-se ontem oficialmente que foram presas 72 pessoas sob a acusação de "incitarem à subversão e sabotagem" na mina de cobre de Chuquicamata, agitada por conflitos trabalhistas. Além disso foram presos um estudante, por participar de manifestação no Centro de Santiago, contra o regime militar, e mais oito pessoas, inclusive uma mulher, "que operavam uma célula extremista na Capital". No total são 81 detidos.

O regime militar afirma ter "provas concretas" do envolvimento dos 78 mineiros de Chuquicamata em tentativas de sabotagem ou "incitamento à desordem". O Partido Democrata Cristão protestou que muitos dos presos são seus filiados e que o objetivo das prisões em massa é "forjar a imagem falsa de um acordo político inexistente entre comunistas e democrata-cristãos".

Aliás o diário governista *El Cronista*, em editorial, sustentou que a prisão do estudante Juan Berrios, numa manifestação em Santiago, "deixou a descoberto a intima vinculação entre a dissolvida Democracia Cristã e a Vicaria da Solidariedade, para subverter a ordem pública".

"Contraditórias e sem fundamentos" — assim membros do Partido católico definiram as acusações lançadas pelo regime contra seus membros.

Justiça londrina concede extradição provisória a membro do Baader-Meinhof

Londres — A Justiça de Londres concedeu uma ordem de extradição provisória a Astrid Isolde Proll — terrorista do Baader-Meinhof presa sexta-feira numa garagem da Capital britanica — a pedido da Scotland Yard, em nome do Governo da Alemanha Ocidental.

As autoridades alemãs deverão apresentar provas formais contra Astrid, acusada de tentativa de assassinar dois policiais, antes de a Grã-Bretanha aceitar formalmente o pedido de extradição. O advogado de Proll, no entanto, disse que tudo fará para mantê-la no país.

PERIGO DE VIDA

Astrid Proll, que trabalhava como mecanica, quer continuar na Grã-Bretanha, "para continuar a vida que começou". Seu advogado Sean Sargeant salientou que há quatro anos ela vive no país sem o menor contato com seus antigos companheiros da Baader-Meinhof.

Porta-voz da polícia britanica confirmou que a detida não teve qualquer participação em atividades terroristas no país.

Sean Sargeant argumenta que a vida de sua cliente corre perigo se for extraditada para a Alemanha. Ela participou, como motorista do automóvel de fuga, de alguns dos mais audaciosos atentados do grupo terrorista alemão. Estava desaparecida desde 1974 quando foi libertada por motivos de saúde.

Candidato debate emancipação do índio

Brasília — Na próxima terça-feira, a agenda do General Euler Bentes Monteiro em Brasília inclui a visita do sertanista Apoena Meirelles, para expor ao candidato do MDB a posição assumida por sertanistas e antropólogos na semana passada a respeito da emancipação indígena, que foi totalmente rejeitada, mesmo em termos de discussão da minuta do projeto.

O contato com o General Euler, possivelmente, faz parte de uma estratégia informal que visa a obter a maior repercussão e respaldo político à posição assumida, no sentido de evitar uma decisão unilateral de Governo que dê prosseguimento à regulamentação da emancipação indígena, à revelia dos antropólogos.

Política

Contando com essa repercussão política — que num regime em abertura pode contornar os impulsos para os atos de força — e com o apoio internacional à sua posição, os antropológos assumiram o risco de não discutir sequer a minuta do projeto. Também política foi a decisão dos antropólogos Roberto Cardoso de Oliveira e Roque Laraia, que retiraram sua proposta alternativa antes que fosse lida em plenário.

Oficialmente, a justificativa foi de que os autores do substitutivo à minuta do Ministério do Interior julgaram que a autonomia indígena não encontraria respaldo no estatuto do índio, cuja solução jurídica é a emancipação. A autonomia pretendida, ao contrário da emancipação, não retiraria os direitos atualmente garantidos aos índios pelo estatuto, mas reorientaria a atuação da Funai no sentido de promover negociações diretas com as lideranças indígenas, eliminando a filosofia dos projetos de desenvolvimento.

Sabe-se, entretanto, que outros fatores influíram na retirada do substitutivo, determinando a dimensão política da decisão. Os antropólogos reunidos pela Funai, embora não tenha havido um conluio, já chegaram a Brasília com sua posição tomada, o que se manifestou claramente nas primeiras horas do encontro. Assim, os autores do substitutivo sentiram, de imediato, que não teriam respaldo para sua proposta. O risco de assumirem sozinhos a responsabilidade por um anteprojeto no qual reconhecem falhas jurídicas, aliado à consciência de que mantê-lo poderia representar um fracionamento pernicioso à classe antropológica, consolida a decisão.

Significado político teve também o consenso pela primeiro vez obtido pela classe em torno de uma idéia, tanto no sentido de representar um amadurecimento da mesma como no de sugerir que se acredita no peso qu esta classe — e sua posição — pode ter na tomada de decisões governamentais. O próprio apoio manifestado à Funai — um órgão de Governo — ganhou, praticamente, o conteúdo de uma contrapartida dos antropólogos à rejeição da emancipação.

Os sertanistas e antropólogos classificaram a própria decisão de "consciente". Tecnicamente, o argumento apresentado para a recusa da discussão sobre a regulamentação da emancipação, foi o de que o debate é inoportuno por dois motivos: existem outras prioridades a serem atendidas e a discussão só será pertinente no momento em que as próprias comunidades indígenas reivindicarem a emancipação. Outro ponto levantado foi o de que a emancipação ou a sua regulamentação — representaria abertura para que o Estado abandonasse suas responsabilidades quanto à proteção dos índios.

Os três foram abordados nos pareceres do jurista Dalmo Dallari, dos antropólogos do Departamento de Projetos Comunicitários da Funai, da Fundação Getúlio Vargas, da Escola de Medicina de São Paulo, do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira e também do parecer geral dos antropólogos de vários Estados, endossado na reunião. Apenas os sertanistas Orlando e Cláudio Villas Boas frisaram a necessidade de regulamentar a emancipação, mas ressalvaram que o prazo para isso deveria ficar a cargo de uma comissão especial com juristas, antropólogos e outras pessoas ligadas à problemática indígena.

As prioridades fixadas por todos foram: o reconhecimento, por parte do Estado, de uma nação pluralista que respeite a identidade étnica e cultural dos índios; a demarcação das terras indígenas, de modo a garantir aos grupos seu usufruto e inalienabilidade; o aperfeiçoamento da tutela exercida pela Funai, em todos os sentidos, com maiores recursos humanos e financeiros.

Segundo o presidente da Funai, General Ismarth de Oliveira, houve uma distorção da discussão, uma vez que regulamentar a lei não significa aplicá-la.

São Paulo

Euler (D), tendo ao lado o Coronel Raposo, seu assessor, voltou a cobrar em São Paulo investigação militar sobre a circular

Euler espera que Governo explique circular do CIE

São Paulo — Ao passar ontem pelo aeroporto de Congonhas, vindo de Maringá com destino ao Rio, o candidato do MDB à Presidência, General Euler Bentes Monteiro, disse que "cabe às autoridades militares e ao Ministro do Exército a apuração do fato", referindo-se ao documento atribuído ao CIE (Centro de Informações do Exército) de apoio à candidatura do General João Baptista de Figueiredo.

O General Euler almoçou no aeroporto com o Senador Roberto Saturnino, ex-Ministro Severo Gomes e Coronel Raposo, e declarou "não ser possível que um órgão oficial seja utilizado para esse tipo de propaganda política. Eu já me manifestei sobre o assunto e o Comandante do II Exército confirmou a existência do documento. Prefiro não fazer denúncias específicas, pois confio que as autoridades militares farão a apuração devida".

UNE, CGT e vida

Na entrevista em Congonhas, o General Euler Bentes Monteiro falou sobre assuntos diversos:

Sobre a UNE: "O que interessa é que os estudantes possam ter as suas organizações como finalidade dos seus interesses, e dentro desses interesses estão os estudos dos problemas nacionais e mundiais, a livre discussão política. Quando desejam fazer política devem fazê-lo dentro dos Partidos. O que acontece é que nós estamos procurando através desses tabus e mitos, criar radicalizações sem nenhum sentido".

Sobre a CGT: "O sindicalismo autêntico no Brasil está começando. O interesse dos trabalhadores está nas suas organizações de base, de classe. Esta é a própria manifestação dos líderes novos do setor do sindicalismo. O problema da CGT é artificialmente colocado. E' um problema onde se tenta deformar os interesses dos trabalhadores, focalizando de cima para baixo um problema que eles têm que organizar de baixo para cima".

Sobre o custo de vida: "Eu julgo que o problema do custo de vida no Brasil é um problema sério. E, por consequência, esse movimento que vem fazendo a sua reivindicação de forma pacífica e bastante responsável deve ser levado em consideração".

Sobre tabus do Governo: "Eu não estou me referenciando a tabus das Forças Armadas, e sim a tabus criados por este regime de exceção que estamos vivendo, onde se procura voltar para o passado, fixando coisas que estão já absolutamente transpostas, evoluídas. Não se pode querer fixar a posição dos segmentos da sociedade em problemas de 14, 15 anos passados. Nós temos um futuro pela frente e acho que as coisas devem ser racionalizadas por todo mundo. Não só pelo Governo, como por toda sociedade".

Sobre desengajamento militar da política e seu encontro com oficiais em Brasília: "Sei que os militares desejam se afastar do processo político e tenho dito sempre que a minha candidatura é civil, que tem por objetivo a volta ao estado de direito democrático. Como cidadãos os militares têm as suas preferências, as suas simpatias, as suas posições. Isso não tem nada a ver com a corporação como um todo. Dentro dessas posições de simpatia, tanto procuram o candidato da Arena como o da Oposição".

Sobre eventual divisão no Exército: "Eu acho que fui bastante claro em dizer que os militares, dentro da Marinha, Exército e Aeronáutica, lutam pela coesão das Forças Armadas e lutam para afastá-las do processo político. Como cidadãos eles estão iguais a todos os outros, e têm suas preferências, e isso não afeta a coesão das Forças Armadas".

Sobre falta de lideranças políticas nos últimos 14 anos: "Acho que existem lideranças políticas em ambos os Partidos. E talvez seja mais verdadeiro que estas lideranças não tiveram oportunidade, o campo livre para se tornarem expressivas em termos nacionais".

Sobre "se o Sr ganhar leva?": "Sem nenhuma dúvida. Seria inadmissível que a Oposição, apresentando um candidato que está procedendo e procederá sempre inteiramente dentro das regras estabelecidas, nós fôssemos admitir que o próprio Governo aceitasse que o candidato da Oposição vencesse e não tomasse posse".

Sobre o aparecimento de um terceiro nome: "A não ser que a legislação mude, creio que esta hipótese está afastada".

Sobre o destino que dará aos governadores eleitos indiretamente, no caso de vencer o Colégio: "Não cabe a mim fixar o destino. Se estamos dentro da concepção democrática, se eleito procurarei desde o primeiro dia estabelecer que a democracia seja implantada, os poderes autônomos, a liberdade estabelecida. Caberá ao Executivo propor ao Congresso as medidas para que o regime de exceção seja totalmente eliminado. Caberá ao Congresso como ao povo definir o restante".

Sobre a sua luta: "Não estou lutando pelo Poder. Estou lutando pela volta ao estado de direito democrático".

Ministério não faz comentários

Brasília — Cinco dias depois da publicação, pelo *Estado de São Paulo"*, de um artigo onde se mencionava a existência de uma circular do Centro de Informações do Exército contendo críticas ao General Euler Bentes Monteiro e distribuída a todos os oficiais-generais, o Ministério do Exército, oficialmente, continua sem nada informar à imprensa sobre o assunto.

No início da última semana alguns repórteres credenciados no Ministério tiveram conhecimento de que o CIE havia enviado circular aos comandantes e chefes no dia 1.º de setembro, advertindo-os sobre os riscos da candidatura Euler Bentes, baseando-se em artigo do jornalista Adirson de Barros, da *Última Hora*, de 21 de agosto. Indagado sobre o assunto, durante almoço de confraternização com jornalistas, o próprio Ministro do Exército, General Fernando Bethlem, manifestou, contudo, total desconhecimento do episódio.

Devolvida por incorreções

E assim foi durante o resto da semana. No Quartel-General, os generais negavam ter visto tal documento até que, na sexta-feira, em São Paulo, o Comandante do II Exército, General Dilermando Gomes Monteiro, acusou seu recebimento, ressaltando, porém, a sua natureza sigilosa, assim como de todas as circulares do CIE. Soube-se, na sexta-feira, que a devolução do documento já tinha sido solicitada pelo mesmo órgão de informações.

Alguns militares acusaram o recebimento de novo documento do CIE solicitando aos oficiais-generais a devolução da Circular do dia 1.º de setembro, "devido a algumas incorreções". Normalmente estas circulares são arquivadas pelo destinatário e sua devolução, segundo um oficial, é fato inédito.

Pelo que se soube através de militares do Quartel-General, alguns generais, ao receberem a primeira circular, manifestaram descontentamento com o seu teor, dizendo, inclusive, ao Ministro que pretendiam devolvê-la.

Encerrando o episódio, os jornalistas foram informados de que, atendendo solicitação do General Edison Boscacci Guedes, chefe do CIE, a circular seria devidametne devolvida, depois de xerografada por alguns, "para seus arquivos históricos".

Recorda-se ainda que os oficiais que falaram aos jornalistas sobre a existência da circular do dia 1.º de setembro recusaram-se a mostrá-la, alegando tratar-se de documento reservado.

O Centro de Relações Públicas do Ministério do Exército informou, na sexta-feira, que continuava valendo a resposta dada dois dias antes sobre o mesmo tema, ou seja: "A notícia divulgada está sendo apreciada e por enquanto o Gabinete nada tem a informar sobre o assunto".

"Lula" defende a criação do Partido dos Trabalhadores

São Paulo — Luiz Ignácio da Silva, o *Lula* — presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo — defendeu ontem, perante um público de 300 pessoas reunido na Rua Barão de Itapetininga, centro da Capital, a criação de um Partido político que represente os trabalhadores do país. Repeliu, porém, "qualquer relação com o extinto PTB" e salientou que "não importa qual será a sigla, mas sim os princípios".

A afirmação foi feita no debate público em que se transformou o lançamento do livro *Compromissos*, do economista e candidato a deputado estadual, pelo MDB, Eduardo Matarazzo Suplicy. Inicialmente, *Lula* e o dirigente sindical Afonso de Souza, do Sindicato de Panificadores, entrevistaram o economista, mas depois o público passou a fazer perguntas.

Os temas

Direito de greve, liberdade sindical, reformas políticas, o Decreto 1 632, a política salarial do Governo, a viagem dos líderes sindicais a Brasília, o Movimento Custo de Vida foram os principais temas discutidos.

Antes, Luiz Ignácio da Silva afirmou à imprensa que "o Presidente Geisel está certo quando fala em democracia relativa", pois "as reformas só beneficiam alguns segmentos da sociedade. Para nós, trabalhadores, a democracia que eles querem é a do Decreto 1 632, sobre o direito de greve".

Luis Ignácio da Silva interrompeu uma resposta e falou: "Em Brasília, fomos seguidos por policiais disfarçados, até quando almoçávamos num restaurante. Peço agora, se houver algum aqui, que faça seu relatório para as autoridades com fidelidade. De outras vezes, colocaram coisas que eu não disse. Isso pode prejudicar um brasileiro que está apenas desejando a liberdade e a dignidade do Brasil". Foi aplaudido.

O dirigente sindical atribuiu a sua presença por "amizade a Eduardo Suplicy e agradecimento ao seu trabalho de economista, em favor dos trabalhadores". E salientou: "Estou aqui como dirigente sindical".

Decepção

Depois de afirmar que a fala do Ministro Arnaldo Prieto, pela televisão, domingo passado, advertindo os líderes sindicais sobre a ida a Brasília, foi "uma brincadeira de mau gosto, pois ele tentou criar um clima de guerra que nunca existiu", Luís Ignácio da Silva se disse decepcionado com os políticos.

— O Senador Jarbas Passarinho, da Arena, mostrou-se contrário ao Decreto 1 632 e disse isso na nossa frente. Não teve, porém, coragem de defender sua posição, pois há ordem do Governo de aprovar o decreto até por decurso de prazo. E ficamos ainda mais decepcionados, quando o Deputado Sinval Boaventura confessou que o voto de arenista é voto de carneiro.

A vida sindical

Durante o debate, o dirigente sindical dos metalúrgicos de São Bernardo lembrou que "primeiro disseram que eu era comunista. Não pegou. Depois, que eu era agente da CIA. Também não pegou. Agora, dizem que tem mão me empurrando. Isso é verdade, mas são as mãos de 120 mil metalúrgicos de São Bernardo que me reelegeram presidente do Sindicato".

A certa altura, Luiz Ignácio da Silva admitiu que também já teve decepções com as lideranças sindicais, pensando até deixar o Sindicato. "Mas, eu acredito na classe trabalhadora" — acrescentou, para dizer sob aplausos: "Por isso eu continuo, pois a nossa classe caminha a passos largos".

Uma mulher que estava assistindo foi ao microfone e apresentou-se como a "esposa de um bancário que foi suspenso, devido ao movimento de paralisação". Perguntou a *Lula* como ele via "a omissão do sindicato dos bancários".

— A classe trabalhadora vai julgar os omissos nesta terra. Não me cabe julgar o comportamento dos dirigentes do Sindicato dos Bancários. Mas, a curto prazo, a categoria vai retribuir a seu esposo e depois punir os que se omitem. Tenha fé em Deus e nos trabalhadores.

Relatório

Lula também anunciou publicamente que um relatório da ida de dirigentes sindicais, a Brasília, para apreciar a votação do projeto de reformas e o Decreto 1 632, será apresentado ao seu Sindicato. "Eles vão apreciar o assunto".

Antes do debate numa das dependências da Livraria Brasiliense, Luiz Ignácio da Silva conversou com jornalistas. Disse que os trabalhadores têm suas lutas específicas e os estudantes as suas: "Mas não admito que estudantes vão para as portas das fábricas fazer suas manifestações".

Indagado sobre sua presença no lançamento do livro de um intelectual e candidato a deputado pelo MDB, reafirmou que "se trata de um agradecimento". O interesse dos trabalhadores pelo livro, segundo ele, vai depender do preço — 'nosso poder aquisitivo é baixo".

Um repórter perguntou-lhe se a sua movimentação política, como a presença no debate na rua, poderia resultar em sua candidatura a um posto eletivo. *Lula* observou: "Não quero tirar proveito do Sindicato. Já temos candidatos que nos representam", acrescentando que reafirma sua posição, não admitindo a influência de políticos dentro dos sindicatos.

São Paulo

Lula *(D) repeliu em debate na rua o renascimento do PTB*

O debate político sem constrangimento

O lançamento de livros no calçadão da Rua Barão de Itapetininga já é tradição da Livraria Brasiliense, sempre prestigiado pelo público; no interior da livraria, são servidas caipirinha e batidas de frutas. O acontecimento de ontem, porém, surpreendeu, pois trouxe à rua, o debate político, sem constrangimento. Populares perguntavam sobre assuntos polêmicos, merecendo respostas críticas e igualmente candentes.

Eduardo Matarazzo Suplicy, por exemplo, criticou o documento do IPEA — *Brasil, 14 anos de Revolução* e mencionando dados estatísticos, classificou-o de "outra sinopse falsa", pois, segundo ele, omitiu-se os resultados negativos da política econômica do Governo". Disse também que "o documento do IPEA — feito a contragosto dos seus técnicos — pode até fazer mal ao Partido do Governo, pois é facilmente desmentível".

Na rua, os populares ouviram também que "o documento do IPEA vai mostrar ao Presidente Geisel um país fantástico, onde só existem boas coisas. Os Ministros da área econômica parecem o personagem *Pinóquio*. Mas como a história conta, acredito que os Ministros são homens de boa vontade e podem se corrigir. *Pinóquio*, apesar das mentiras, era um bom menino; que os meninos travessos e até perversos, como os Ministros, se transformem em bons meninos".

No calçadão, o público riu muito e aplaudiu quando *Lula* mencionou a presença de policiais disfarçados em Brasília e pediu que, se houvesse alguém ali, que fizesse um relatório com fidelidade. Falou-se tudo no debate; populares perguntavam sobre greves e punição aos bancários.

Na primeira parte — quando *Lula* e Afonso de Souza, ambos dirigentes sindicais, entrevistaram Eduardo Suplicy — predominaram os temas econômicos. O economista denunciou que a repercussão negativa do documento do IPEA provocou até "um telefonema do Ministro Reis Velloso para um jornalista da *Folha de S Paulo*, estranhando a reação".

Afonso de Souza perguntou: "Esse documento do IPEA não é uma arma de propaganda da Arena". A resposta: "É. Os próprios técnicos do IPEA admitem que era propaganda governamental. O tiro, porém, vai sair pela culatra".

Pouco depois, um dos espectadores apresentou-se como "gente de banco" e denunciou que o Fundo 157 recebe propaganda maciça dos bancos, mas "eu não sei onde está sendo aplicado o dinheiro". O economista Eduardo Suplicy aproveitou para frisar que se um gerente bancário não sabia da destinação do Fundo, "imaginem os pequenos contribuintes".

Justiça trabalhista reclama melhores condições de trabalho

José Gonçalves Fontes

A Justiça do Trabalho do Rio de Janeiro reclama: o número de reclamações trabalhistas já superou, há muito, a média anual máxima de 1 mil 500 prevista em lei para distribuição a cada uma das atuais 25 Juntas de Conciliação e Julgamento; é injusta e exaustiva a jornada de trabalro cumprida pelos juizes e funcionários e são vexatórias e constrangedoras as instalações e as condições de trabalho no Edifício Valparaíso, na Rua Almirante Barroso, 54, onde está instalado o Poder Trabalhista de primeira instancia.

O Presidente do Tribunal Regional do Trabalho, Juiz Jês Paiva, e o presidente da Associação Carioca dos Advogados Trabalhistas, Nicanor Médici Fischer, acordam que as reclamações são procedentes, mas de execução difícil, já que a situação econômica da parte reclamada nunca é satisfatória. O Governo federal, réu confesso nessa demanda, promete, no entanto, cumprir de imediato apenas uma parcela do acordo: a sanção da lei que cria mais 10 juntas de conciliação e julgamento no Municipio do Rio de Janeiro.

O SOBE-E-DESCE DO DIA-A-DIA

A inicial reclamatória das precárias condições de funcionamento da Justiça do Trabalho ganha seus primeiros fundamentos já no saguão do Edificio Valparaiso, um prédio antigo e desconfortável, na fila do elevador.

Apenas dois elevadores foram destinados pela administração do prédio do INPS para atendimento do grande número de pessoas que procuram as 25 juntas instaladas em sete andares, do total de 15, alugados pela Justiça do Trabalho.

Invariavelmente um desses elevadores nunca funciona durante todo o expediente, provocando filas enormes, que se estendem, geralmente, prédio afora, nas calçadas da Almirante Barroso.

Quem não quiser perder a hora da audiência deve chegar muito cedo, ou terá que subir as escadas num fôlego só. A parte mais prejudicada é, sem dúvida, a dos advogados, colocados diariamente em situação embaraçosa, visto que as audiências são marcadas com intervalos que variam, em média, de cinco a 10 minutos, de uma para outra.

Ocorre que todos os dias o advogado pode ter uma audiência marcada na 25a. Junta, no 10.º andar, e 10 minutos depois uma segunda na 1a. Junta, seguida de uma terceira, em idêntico espaço de tempo, na 21a. Junta, no 9.º andar. Como não podem contar com os elevadores, os advogados são obrigados a subir e a descer, seguidamente, as escadas, o que exige deles um esforço físico que tem sido causa de diversas perturbações cardíacas, a par do natural desgaste de ordem emocional gerado pelo clima de tensão em que se desenvolve o trabalho.

ANGÚSTIA DA ESPERA

Existe ainda a possibilidade, muito comum de o advogado ter uma ou mais audiências apregoadas, na mesma hora, em juntas localizadas em andares diferentes. Como não possuem o dom da ubiquidade, só lhe resta o recurso de pedir ao juiz aquilo que se convencionou chamar de inversão de pauta. Mas nem sempre os juizes, que têm também problemas próprios, concordam com isso, o que leva ao adiamento dos feitos e, em alguns casos, a perda da causa.

Quatro a quatro por andar, 20 das 25 juntas estão virtualmente amontoadas, sem qualquer requisito de conforto e mesmo de higiene, com as partes, advogados e os juizes atropelando-se uns aos outros por falta de espaço.

As salas de julgamento e administração não apresentam boas condições. O gabinete do juiz, na maioria das juntas, também está em estado precário. Não há cortinas nas janelas. Os processos espalham-se sobre as mesas, poltronas e nos cantos das salas. E o volume dos alto-falantes das juntas convocando as partes atrapalham e confundem a tomada dos depoimentos na juntas vizinhas.

Somente nos 9.º e 10.º andares, onde estão situadas as últimas cinco juntas, consegue-se um pouco mais de conforto.

Mas o pior acontece nos corredores de espera. Podem-se ver diariamente as pautas afixadas nas portas das juntas, marcando audiências, de cinco em cinco minutos. Quando são feitos acordo entre as partes, a audiência pode durar menos do que isso, mas, em caso de apresentação e verificação de provas, ela tem duração imprevisível, sempre superior ao prazo previsto.

Caso as audiências levassem o tempo previsto, não durariam, ao todo, mais de três horas por dia. Porém o prazo excede a ponto de sempre consumir quase o dia inteiro do juiz.

Na realidade, estão passando anualmente em cada uma das 25 juntas de conciliação e julgamento entre 4 mil e 4 mil 200 pessoas. Todas apertadas no gabinete do juiz, ou nos corredores onde são aguardadas as audiências.

De fato, mais de 100 pessoas ficam comprimidas diariamente numa área que não chega a 40 metros quadrados, sem janelas e ventilação. Nos saguões de espera, nem mesmo as portas de vidro existentes podem ser abertas, porque há o perigo de quedas fatais.

No verão, o ar fica mais facilmente viciado e a temperatura chega a ultrapassar os 42 graus. Segundo o testemunho do advogado Nicanor Médici Fischer, presidente da ACAT, muita gente tem passado mal.

— Os banheiros são sórdidos e imundos. E' algo vexatório, até mesmo constrangedor, ver que a Justiça do Trabalho está tão mal aparelhada — diz o advogado Nicanor Médici Fischer, que há 23 anos milita no Edifício Valparaiso.

SINAIS DE TRANSITO

Como os elevadores não dão vazão, o transito nas escadas é tão intenso que a administração do prédio Valparaiso mandou pintar nas paredes de todos os andares a curiosa advertência: "Não é permitido estacionar nos patamares e nas escadas".

Se o horário divergente de funcionamento das juntas, umas pela manhã, outras à tarde e algumas nos dois periodos, devido ao acúmulo de processos, impede o congestionamento total do tráfego nos corredores de espera, não deixa, também, de trazer mais transtornos ao trabalho dos advogados.

Para o advogado Nicanor Fischer, o certo seria que toda a Justiça funcionasse num só horário, ou no turno da manhã, ou no turno da tarde, dando aos advogados uma certa folga para atender o seu escritório.

"Como está, é praticamente impossível. Se a pauta do juiz que trabalha de manhã atrasa, o que ocorre com frequência, passa a coincidir com a pauta do juiz que trabalha de tarde. O advogado fica, desse modo, com o seu tempo esvaziado para fazer petições, estudar, ou preparar os seus processos. Quase sempre não se tem nem tempo para almoçar, diz o presidente da Associação Carioca dos Advogados Trabalhistas.

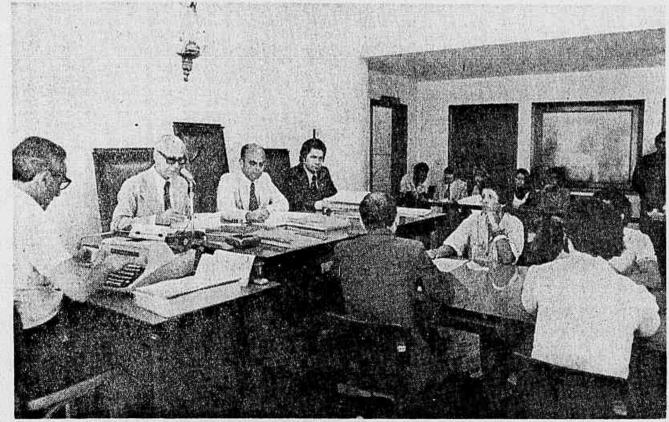
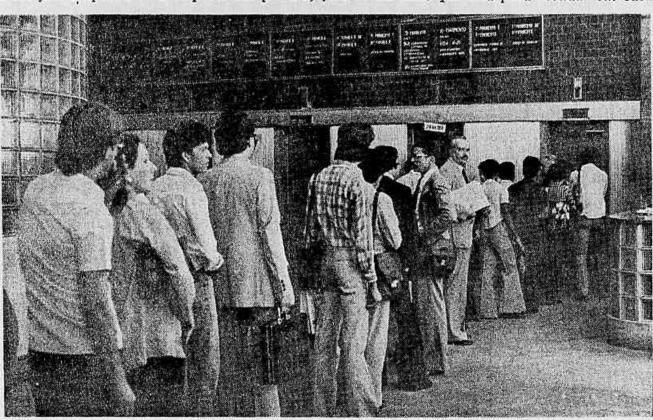
PERIGOSA SOBRECARGA

Sem dúvida, a carga negativa maior do desaparelhamento da Justiça do Trabalho de primeira Instancia do Rio de Janeiro é suportada com imenso sacrifício pelos juizes do trabalho.

Com uma pauta constante de 50 a 60 processos, audiências umas em cima das outras, quase 400 despachos, 10 ou mais processos para estudar e dar sentença em casa, lecionar em uma ou mais faculdades para aumentar a renda, apenas cinco horas de sono, esta é a rotina cumprida por qualquer juiz do trabalho.

E' o próprio Presidente do Tribunal Regional do Trabalho, Juiz Jês Paiva, quem testemunha a ocorrência de uma perigosa sobrecarga de processos nas juntas de Conciliação e julgamento do Municipio do Rio de Janeiro.

"O número de reclamações trabalhistas se acentua tremendamente de ano para ano. Em agosto de 1977 nós recebemos 51 mil 210 reclamações. Em agosto de 1978, um ano depois, nós já estamos recebendo 62 mil 899 reclamações. O aumento foi quase de 12 mil processos, o que dá um total de 500 reclamações a mais distribuidas a cada uma das 25 juntas, diz o Juiz Jês Paiva.

Ainda de acordo com estatísticas divulgadas pelo Presidente do TRT, cada junta recebeu no ano passado em média 3 mil 200 reclamações.

Cada juiz despacha 50 a 60 processos por dia, fora 10 ou mais que leva para estudar em casa

Os elevadores são insuficientes e já provocaram uma ordem proibindo estacionar *nas escadas*

Funcionários sustentam juntas

Quem tiver tempo suficiente para acompanhar um dia de trabalho de qualquer uma das 25 juntas de conciliação e julgamento vai constatar que os juizes e funcionários só conseguem dar conta do trabalho a custo de um extraordinário esforço físico e mental. Centenas de pessoas são atendidas, umas atrás das outras, tomados depoimentos e proferidas sentenças.

São 14h, e a Juiza substituta da 1.ª Junta, Sra Nidia Assunção, ainda não conseguiu cumprir a sua pauta, da qual consta o absurdo de 60 processos. No rosto ainda jovem, vê-se estampada a imagem do cansaço e as olheiras que nem o tratamento feminino consegue esconder. Ela começou a trabalhar às 8h, mas ainda não teve tempo para comer ao menos um sanduiche. Entre o fechar e o abrir de um novo processo, ela delicadamente diz que é a pessoa menos indicada para dar entrevistas ou informações à imprensa. "Juiz julga, não reclama", diz um zeloso funcionário da junta.

"A verdade é que o juiz de trabalho é um sacrificado. Ele aguenta uma barra muito pesada mesmo. Tem audiência e sentenças todos os dias. Tem que estudar para dar essas sentenças. Tem que estudar para se atualizar com o Direito. Enfim tem que acompanhar a jurisprudência dos tribunais. Não se pode exigir de um juiz que ele dê mais de 1 mil 500 sentenças num ano e no entanto qualquer um deles deu 3 mil 200 no ano passado. Há o perigo até que essas sentenças pequem pela qualidade. Muitos juizes, do melhor gabarito, já decidiram sacrificar a qualidade da sentença, que poderia ser uma sentença mais erudita, com citação de jurisprudência e de doutrina. Hoje em dia não há mais disso, porque os juizes, devido à sobrecarga de trabalho, se interessam em julgar a hipótese em poucas linhas para mais rapidamente darem conta da sua obrigação", diz o advogado Nicanor Fischer.

Qualidade da Justiça

Seja como for, tanto o Presidente do TRT, Juiz Jês Paiva, como o presidente da ACAT, advogado Nicanor Fischer, afirmam que a qualidade da Justiça é, apesar de tudo, muito boa.

"Imperfeições ocorrem em todas as justiças e se não ocorressem não haveria necessidade de existirem as instancias. Se eu acho que um juiz julgou errado a minha causa, não por má fé, mas porque ele interpretou a lei de um jeito e eu interpreto de outro, eu então recorro para os tribunais. Existem vários degraus que dão margem a que as partes tenham uma certa segurança na Justiça. Não prevalece a vontade de um só homem".

O Juiz Jês Paiva e o advogado Nicanor Fischer também concordam que a Justiça do Trabalho é ainda a mais rápida das justiças. Na verdade, cerca de 40% dos processos são decididos em menos de uma hora, através da instituição do acordo.

Segundo afirmam os dois representantes de classe, a parte de execução, a do pagamento, é rápida. A parte mais demorada, na opinião do advogado, é a que se chama de cognição, a do conhecimento do processo e a dos julgamentos dos recursos. "Um processo, desde que se esgote todas as instancias, da Junta ao Tribunal Superior do Trabalho, em Brasília, leva dois anos, no mínimo, para ser decidido, prazo que poderia ser reduzido a seis meses".

Tempo curto

O Presidente do TRT diz, por sua vez, que na primeira instancia do Rio de Janeiro não chega ocorrer atraso no julgamento das reclamações trabalhistas devido ao esforço sobre-humano dos juizes das juntas para evitar o retardamento prejudicial, apesar da sobrecarga de processos.

"Temos juntas que, recebida a reclamação, estão marcando para oito ou 10 dias o comparecimento das partes em audiência a fim de responderem àquilo que contra quem está se reclamando. Ora isto é um tempo mais do que curto porque a lei exige pelo menos cinco dias de prazo para a entrega das notificações, todas elas que seja regra geral. Há casos em que as audiências são marcadas para 30 dias, mas eu, como Corregedor, estou sempre atento que esses prazos, não se estendam além disso", diz o Juiz Jês Paiva. "É verdade que se tivéssemos mais juntas o trabalho dos juizes seria mais tranquilo e a Justiça ainda mais rápida".

Já o julgamento dos recursos ao TRT, como atesta o seu Presidente, está rigorosamente em dia. O Tribunal Pleno não tem sequer um processo para entrar em pauta. Nas turmas, o andamento também é rápido. Distribuído o recurso, o relator, em três ou quatro dias, põe o seu visto; o juiz revisor demora outros tantos. E em 15 dias o recurso entra em pauta para julgamento.

Cada turma se reúne uma vez por semana para julgar uma pauta de 50 a 60 processos. O Juiz Jês Paiva considera essa pauta apertada, mas não exagerada, tanto assim que ainda não se animou a reivindicar a criação de uma quarta turma de juizes.

Explica que na distribuição realizada todas as segundas-feiras toca a cada juiz de 25 a 30 recursos. De modo que quando não é dia de sessão da Turma ou do Pleno, o relator, ou o revisor, está em casa estudando os processos a ele distribuído.

Juntas insuficientes

De qualquer forma, o Presidente do TRT espera ver sancionada, ainda este mês, o projeto do Governo federal que cria mais 18 juntas de conciliação e julgamento no Estado do Rio, 10 no Municipio do Rio de Janeiro e oito no interior do Estado.

No seu entender, a instalação dessas juntas não será em número suficiente "mas evidentemente vai trazer alivio muito grande, representando uma diminuição talvez de 40% na distribuição das reclamações para cada junta atual".

O presidente da ACAT, advogado Nicanor Medici Fischer, é, no entanto mais realista:

"Com as 10 que vão ser criadas aqui no municipio, o total de juntas passará para 35. Ora, ainda que tivéssemos 50 juntas, assim mesmo continuariamos sobrecarregados, porque cada uma delas, como provam as estatisticas, ficaria com 1 mil 750 reclamações anuais, número bem acima da média máxima de 1 mil 500 prevista pela legislação vigente. De fato, há necessidade mesmo de que o Governo tome providências muito sérias com respeito ao funcionamento da Justiça do Trabalho, que é uma justiça que tem esse caráter social indispensável para o equilibrio da sociedade, dirimindo as contendas entre patrão e empregado, fator fundamental de paz social. Mas isso só se consegue com uma justiça que seja capaz de paz social. Mas isso só se consegue com uma justiça que seja capaz de dizer presente à demanda de trabalho", diz o representante dos advogados trabalhistas.

Problemas da instalação

Sancionada a lei que cria as novas juntas, surge o problema: onde instalá-las? As oito do interior — Barra do Pirai, São João do Meriti, Caxias, Nova Iguaçu, Araruama, Volta Redonda, Petrópolis e Teresópolis — já têm seus locais praticamente assegurados e poderão entrar imediatamente em funcionamento.

No Rio de Janeiro, o problema é bem mais complexo. O TRT do Estado é o único do Brasil que não possui prédio próprio e nem verbas para construí-lo.

Até hoje, o Ministério do Trabalho não pôde cumprir o convênio que firmou com o TRT, que cede sete andares do seu prédio da Avenida Presidente Antônio Carlos, para a concentração de todas as dependências da Justiça do Trabalho, incluindo as juntas de conciliação e julgamento.

Apenas dois andares foram entregues e estão ocupados pelo TRT e sua secretaria. As 25 juntas continuam acomodadas como podem no antigo e mal conservado Edifício Valparaiso, propriedade do INPS.

É evidente a necessidade que as novas juntas sejam instaladas junto às antigas num só prédio, segundo argumentação convincente dos advogados e todos os sindicados patronais e de empregados, que já se pronunciaram a respeito.

O ideal seria localizar as 35 juntas nos andares prometidos pelo Ministério do Trabalho, onde existem melhores condições de conforto. Como isso ainda não é possível, o Presidente do TRT mantém entendimentos para alugar pelo menos dois pavimentos dos quatro pertencentes ao Sesc, no Edifício Valparaiso, para a instalação das novas juntas.

Quanto ao elemento humano indispensável ao funcionamento das juntas, não haverá problemas maiores. Há disponibilidade de auxiliares judiciários e juizes já aprovados em concurso à espera das vagas para serem nomeados.

MAPAS DO TEMPO

Transmitida pelo satélite meteorológico NOOA-4 e recebido entre 10h40m e 1236m, as partes claras indicam formação de nuvens que podem provocar chuvas e as partes escuras tempo bom. A deformação do mapa do Brasil é causada pela esfericidade da Terra e pela altitude em que foi tomada a fotografia (1 444 km). A estação receptora pertence ao Instituto de Pesquisas Espaciais, órgão do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) vinculado à Secretaria de Planejamento da Presidência da República.

ANÁLISE SINÓTICA DO MAPA DO DEPARTAMENTO NACIONAL DE METEOROLOGIA INTERPRETADO PELO JB — Frente fria localizada no litoral entre os Estados de Santa Catarina e Paraná. Anticiclone polar com centro de 1022 mb localizado a 28º Sul e 57º Oeste. Anticiclone subtropical com centro de 1022 mb localizado a 26º Sul e 39º Oeste. Nova frente fria no Sul da Argentina.

NO RIO

Nublado com passível instabilidade. Temperatura estável. Máxima de 30.6, em Santa Cruz. Minima de 17.5 no Alto da Boa Vista.

TEMPERATURA E O TEMPO NOS ESTADOS

Amazonas — Bom com nebulosidade. Ocasionalmente nublado no Norte, sujeito a instabilidade passageira pela manhã. Temp.: estável. Máxima de 32.2. Minima de 23.2.

Pará — Bom com nebulosidade. Ocasionalmente nublado, instabilidade no Nordeste principalmente pela manhã. Temp.: estável. Máxima de 32.2. Minima de 21.6.

Acre e Rondônia — Bom com nebulosidade a ocasionalmente nublado. Temp.: estável. Máxima de 32.3. Minima de 20.6.

Rio Grande do Norte — Bom com nebulosidade variável a ocasionalmente nublado no litoral. Temp.: estável.

Paraíba e Pernambuco — Bom com nebulosidade. Ocasionalmente nublado no litoral, sujeito a instabilidade passageira pela manhã. Temp.: estável. Máxima de 26.9. Minima de 21.9.

Alagoas e Sergipe — Bom com nebulosidade. Ocasionalmente nublado no litoral. Temp.: estável. Máxima de 27.1. Minima de 23.4.

Bahia — Bom com nebulosidade. Ocasionalmente nublado no litoral, ainda sujeito a instabilidade passageira. Temp.: estável. Máxima de 26.0. Minima de 21.8.

Mato Grosso — Nublado ainda sujeito a instabilidade no Norte. Demais regiões, bom com nebulosidade variável. Temp.: estável. Máxima de 35.4. Minima de 20.6.

Goiás — Bom com nebulosidade. Ocasionalmente nublado no Sul. Temp.: estável. Máxima de 22.4. Minima de 18.8.

Distrito Federal e Brasília — Bom com nebulosidade, a ocasionalmente nublado. Temp.: estável. Máxima de 26.0. Minima de 15.0.

São Paulo — Nublado, sujeito a instabilidade, melhorando no período no litoral e Sudeste. Bom com nebulosidade nas demais regiões. Temp.: estável. Máxima de 25.4. Minima de 14.7.

Santa Catarina — Bom com nebulosidade variável. Nevoeiros pela manhã. Temp.: em elevação. Máxima de 22.9. Minima de 16.7.

R. G. do Sul — Bom com aumento de nebulosidade. Nevoeiros esparsos pela manhã, possível instabilidade no fim do período no Oeste e Sul do Estado. Temp.: em elevação. Máxima de 21.5. Minima de 12.0.

O SOL

Nascer	5h49m
Ocaso	17h47m

A LUA

De 16 a 23 de setembro

A CHUVA

Chuvas (em mm): recolhida no posto do Aterro do Flamengo do Departamento Nacional de Meteorologia, Cidade do Rio de Janeiro:

Nas últimas 24 horas	0.0
Acumulada este mês	14.8
Normal mensal	53.2
Acumulada este ano	594.9
Normal anual	1 075.8

OS VENTOS

Variáveis, fracos, ocasionalmente moderados

O MAR

MARÉS

Rio-Niterói — Preamar: 2h48m/1,3m e 15h04m/1,2m. Baixa-mar: 9h26m/0,2m e 21h29m/0,3m. **Cabo Frio** — Preamar: 2h28m/1,3m e 14h57m/1,2m. Baixa-mar: 9h02m/0,1m e 21h19m/0,3m. **Angra dos Reis** — Preamar: 1h25m/1,7m e 13h49m/1,6m. Baixa-mar: 9h46m/0,2m e 22h13m/0,4m.

TEMPERATURAS

Dentro da baía	20º
Fora da barra	20º

TEMPO NO MUNDO

Temperaturas máximas e previsão do tempo para hoje, nas cidades seguintes: Amsterdã, 17, nublado — Atenas, 26, nublado — Bangcoc, 31, bom — Beirute, 28, bom — Belgrado, 22, bom — Berlim, 16, nublado — Bogotá, 21, bom — Bruxelas, 22, bom — Buenos Aires, 20, bom — Cairo, 34, bom — Caracas, 28, nublado — Chicago, 29, chuvoso — Copenhague, 12, nublado — Frankfurt, 22, nublado — Genebra, 22, bom — Helsnqui, 15, nublado — Hong Kong, 32, bom — Johannesburg, 18, nublado — Lima, 17, nublado — Lisboa, 30, bom — Londres, 23, bom — Los Angeles, 24, nublado — Madri, 33, bom — México, 25, nublado — Miami, 30, nublado — Moscou, 17, nublado — Nova Iorque, 19, bom — Paris, 22, bom — Roma, 25, sol — São Francisco, 21, bom — Teerã, 33, bom — Tel Aviv, 25, bom — Tóquio, 25, chuvoso — Toronto, 24, bom — Vancouver, 17, nublado — Viena, 21, nublado.

Fronteira Brasil-Uruguai ganha ligação DDI-Regional entre Livramento e Rivera

Porto Alegre — Foi inaugurada ontem de manhã a ligação das centrais automáticas de Santana do Livramento (lado brasileiro) e Rivera (lado uruguaio) permitindo que as populações das duas cidades falem mais facilmente entre si, num sistema de Discagem Direta Internacional-Regional, a primeira no país, ao longo de toda a fronteira brasileira.

A ligação, que permite 20 enlaces unidirecionais, possibilitando a conversa simultanea de 40 pessoas, nos dois lados da fronteira, é também a primeira a ser feita com o Uruguai, ao mesmo tempo que intensifica um relacionamento histórico entre os 100 mil habitantes de Rivera e os 80 mil de Santana do Livramento, a ser aumentado, ainda mais, em outubro, quando será completada a interconexão do sistema de água das duas cidades.

LIGAÇÕES FÁCEIS

A cerimônia de inauguração do entroncamento telefônico foi realizada às 11h nas duas centrais telefônicas, sendo que o Governador Sinval Guazelli ligou para o Prefeito de Rivera, Adolfo Gutierrez, que da central telefônica no lado uruguaio, discou por sua vez para o Governador gaúcho. O chefe do tráfego de interior da Antel (empresa estatal uruguaia de telecomunicações), Carlos Domingues e o diretor da Antel em Rivera, Sr Horacio Robuschi, assim como o presidente da Companhia Riograndense de Telecomunicações, Coronel Antonio da Silva Nunes, o diretor de Operações, Jaime de Marco, o diretor-adjunto, Regis Suzin, o diretor-financeiro, Ivan Bernardes, o diretor-técnico, Edi Pederneiras, e o diretor-administrativo da CRT, Sérgio Amaro da Silva, também estiveram presentes à cerimônia.

A ligação DDI-Regional, além de facilitar os contatos telefônicos entre os 1 mil 530 assinantes de Livramento e os mil de Rivera, intensificará as relações comerciais das duas cidades, que vivem geminadas e cuja divisão está, apenas, numa longa avenida, que no lado brasileiro se chama João Pessoa, e no uruguaio, 33 Orientales. O entrosamento *sui generis* entre as populações das duas cidades será ampliado com a interconexão dos sistemas de água de Livramento e Rivera, impedindo a falta de água que ocorre no verão no lado uruguaio.

Rivera e Livramento são conjuntamente favorecidas pelo fornecimento de energia elétrica, que provém da mesma origem: a termoelétrica Oswaldo Cruz, em Bagé (RS. Neste ano, ainda será adotada a linha de ônibus circular, internacional, com a união da empresa Ferrão, de Livramento, e Nacional de Autobuses, de Rivera. A união dos moradores se concretiza, também, nas centenas de associados e nos 50 pilotos do Automoto Clube Rivera-Livramento, cuja sede social fica no lado brasileiro, e o autódromo no lado uruguaio.

A proximidade da fronteira — basta caminhar menos de 100 metros na cidade para atravessá-la — traz, também, vantagens para os brasileiros, que podem comprar gêneros alimentícios mais baratos e, com toda a tranquilidade, puderam assistir *Emmanuelle*, *Laranja Mecanica* (sem as bolinhas pretas da Censura *Zero* e outros filmes proibidos no Brasil, e que são exibidos nos cinemas de Rivera, para onde afluem ônibus repletos de turistas vindos de todo o Estado. Além de intenso intercambio nos campeonatos de basquete e futebol, o clube de Livramento, 14 de Julho, treina, como ocorreu no dia Sete de Setembro, a seleção de Rivera, para prepará-la para o campeonato do interior do Uruguai. Filmes, exposições de arte e peças de teatro são exibidas intensamente em Rivera, assim como se realizam campeonatos internacionais de pandorga. As divergências são raras — como as brigas dos uruguaios quando os brasileiros foram desfilar em Rivera comemorando o Campeonato Mundial de 70 — e as policias locais frequentemente trocam prisioneiros foragidos.

ECT testa Centro Ótico para distribuir correspondência

Brasília — Há cerca de dois meses um sofisticado Centro de Triagem Ótica está em testes em Brasília e deve servir de modelo para a instalação de sistemas idênticos que entrarão em funcionamento no Rio e em São Paulo a partir de 1979, com o objetivo de tornar mais eficiente a distribuição da correspondência pela ECT.

O Centro, segundo o presidente da ECT, Coronel Adwaldo Botto, reúne "a mais moderna tecnologia do setor e foi totalmente importado do Japão, pois foi lá que encontramos as melhores condições para a transferência de tecnologia aos técnicos brasileiros que estão em treinamento na NEC — Nippon Electronical Company".

"Baianinho"

Com o Centro Ótico, o *baianinho*, como é conhecido pelos carteiros o tradicional envelope verde-amarelo, só poderá ser utilizado na correspondência para o exterior, a partir de 15 de setembro, quando a ECT exigirá o uso dos envelopes padronizados, que permitirão a distribuição de cartas com a velocidade industrial do sistema.

O presidente da ECT, entretanto, lembrou que não há qualquer intenção de padronizar os envelopes de convites: "Estes continuarão tendo sua triagem manual, já que não são responsáveis pela sobrecarga do fluxo."

O envelope verde-amarelo tradicional, segundo o Coronel Botto, dificulta a triagem em razão de sua pouca espessura e a não identificação de uma faixa para a colocação do Código de Endereçamento Postal Ele lembrou que é através da leitura do CEP, colocado em posição correta, que as máquinas procedem à seleção da correspondência, a uma velocidade de 80 quilômetros por hora: "Quando o Código Postal não é colocado de maneira correta, o sistema rejeita imediatamente a correspondência, provocando atraso em sua distribuição."

Ao avaliar a instalação do sistema que a partir da próxima semana termina a fase de testes para entrar em operação plena, o presidente da ECT disse que o mesmo será utilizado no Rio a partir de março. Para esta cidade, segundo o Coronel Botto, a maior dificuldade para a entrega rápida da correspondência é a falta do endereçamento postal correto: "Temos que nos lembrar que o código 20 000 não é mais utilizado para o Rio de Janeiro. Agora, existe o mesmo mecanismo de endereçamento utilizado em São Paulo, onde cada rua tem um código especifico."

Segundo ele, uma carta com o CEP 20 000, na triagem eletrônica é imediatamente separada para as caixas postais, "pois que este agora é o código das caixas postais". O mesmo acontece em Brasília, que já possui um código para cada uma de suas quadras.

Acrescentou que sistema idêntico será instalado em São Paulo no final do ano que vem. Justificou a instalação primeiro em Brasília e Rio porque em São Paulo "ainda existe uma estrutura para ser montada", acrescentando que "para atendimento do fluxo de final do ano já vamos colocar uma máquina em funcionamento".

O sistema

O Sistema de Triagem Ótica é um complexo de máquinas comandadas por dois computadores programados para a seleção de cartas segundo os grandes destinos, em substituição à separação manual.

Para isso, os envelopes devem ter características especiais de espessura, tamanho e peso, pois primeiro passam em um grande cilindro que leva em conta essas condições e rejeita os não padronizados.

A correspondência que atende às especificações é automaticamente conduzida até o Centro Ótico onde pequenos monitores de televisão selecionam a correspondência de acordo com o Código de Endereçamento Postal indicado no envelope.

A velocidade do sistema é de 80 quilômetros por hora, o que significa um atendimento de 40 mil cartas/hora, enquanto a triagem manual necessitava de 60 funcionários, em jornada de oito horas, para o mesmo atendimento.

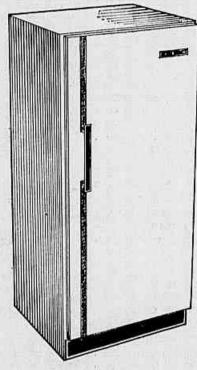
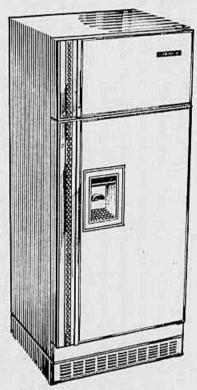
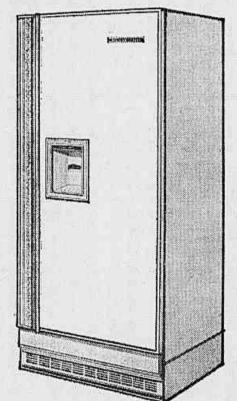
As diferenças do Centro Ótico de Brasília para os já em uso em outros países é que a programação dos computadores da ECT é dupla: tanto selecionam correspondência subscrita manualmente quanto à máquina.

Esta fórmula, segundo o presidente da ECT, "é necessária pelo grande número de pessoas que não utilizam máquinas datilográficas para o endereçamento, ao contrário dos países mais desenvolvidos, onde isso é praticamente regra".

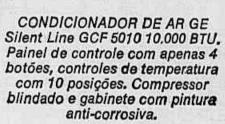
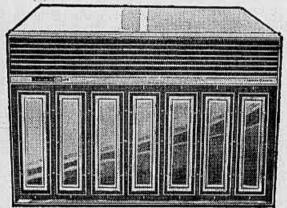
A escrita manual, segundo ele, às vezes provoca atrasos e mesmo a rejeição de algumas cartas, já que nem sempre é fácil a identificação, pelas máquinas, dos números colocados nos envelopes: "Nossos maiores problemas são os números cinco e sete, que às vezes são escritos de forma quase incompreensível."

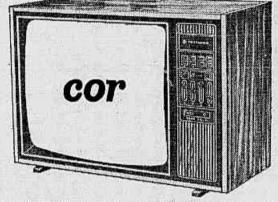
Brasília

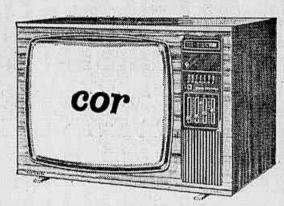
O funcionário coloca as cartas na máquina, que fará toda a triagem

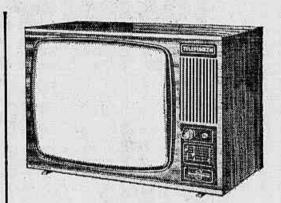
REFRIGERADOR GE GRC-3013
Super luxo 365 litros.
Novo controle de temperatura congelador com capacidade para 31,6 litros. Bandeja que permite a colocação de garrafas. E duas gavetas para legumes.

REFRIGERADOR GE GRL 3010.
Luxo 290 litros. Gabinete interno com acabamento resistente a ácidos e manchas.

REFRIGERADOR GE GKT-3514 DUPLEX
380 litros com serviço d'água, espaço para 6 kg de carne, limitador de abertura da porta, degelo automático.

REFRIGERADOR GE GRC-3715
Super luxo 410 litros. Com serviço de água com capacidade para 4 litros. Congelador com proteção anti-corrosiva.

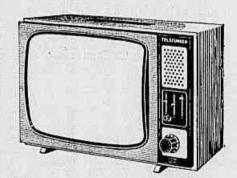
GENERAL ELECTRIC

CONDICIONADOR DE AR GE
Silent Line GCF 5010 10.000 BTU.
Painel de controle com apenas 4 botões, controles de temperatura com 10 posições. Compressor blindado e gabinete com pintura anti-corrosiva.

CONDICIONADOR DE AR GE
Compacto Silent Line GCF 3010
10.000 BTU - IHP 110 Volts.
Painel frontal com controles embutidos, Super silencioso. Gabinete em chapa de aço com proteção anti-corrosiva.

15 ANOS BRASTEL A PREÇOS DE

TELEVISOR TELEFUNKEN PALCOLOR 664 cores 66cm (26")
Seletor de canais eletrônico Varicap. Som frontal, controles deslizantes.

À VISTA **15.580,**
OU 12 x **1.976,** SEM ENTRADA

TELEVISOR TELEFUNKEN
PALCOLOR 563 56 cm (22")
Equipado com o moderníssimo Seletor Eletrônico Varicap, que permite a mudança de canais a um leve toque de tecla.

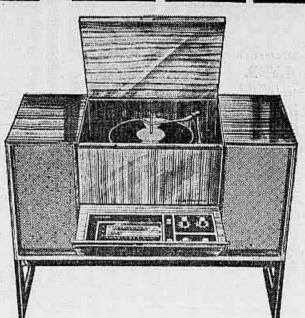
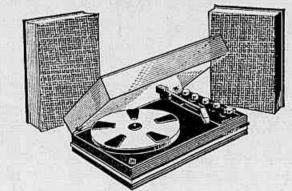
À VISTA **13.890,**
OU 24 x **1.249,** SEM ENTRADA

TELEVISOR TELEFUNKEN
616 61 cm (24")
Imagem instantânea, sem distorções
Controles deslizantes, som frontal.

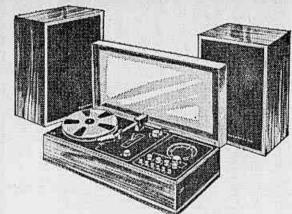
À VISTA **4.330,**
OU 24 x **388,**
SEM ENTRADA

TELEVISOR TELEFUNKEN
443 44cm (17")
Portátil, controles deslizantes
Som frontal

À VISTA
3.780,

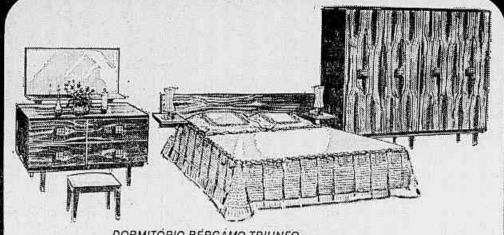
TELEFUNKEN

RADIOFONÓGRAFO TELEFUNKEN CANTATA STEREO (FM/OM/OT/OC)
Totalmente transistorizado. Toca-discos automático de 3 velocidades. Lindo móvel em madeira de lei.

À VISTA **5.888,**
OU 24 x **530,**
SEM ENTRADA

CONJUNTO DE SOM TELEFUNKEN LIFTOMAT
Três módulos compactos: Toca-discos, amplificador e duas caixas acústicas. Controles de volume e tonalidade independentes.

À VISTA
2.550, OU 12 x **323,**
SEM ENTRADA

CONJUNTO DE SOM TELEFUNKEN STEREO CENTER
Sintonizador AM/FM Amplificador (40W) e toca-discos.

À VISTA
6.990, OU 12 x **887,**
SEM ENTRADA

LABOR

Tribunal de Contas da União pede à Embrapa que explique mansões no lago

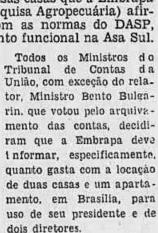
Brasília — A Embrapa, empresa subordinada ao Ministério da Agricultura, terá 30 dias para explicar ao Tribunal de Contas da União por que mantém duas residências no lago Sul, área nobre de Brasília, em total desacordo com a legislação sobre imóveis funcionais.

O TCU quer saber, também, quem paga as despesas dessas residências, incluindo água, luz, telefone e mobiliário. Além dessas casas que a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) afirma estarem de acordo com as normas do DASP, ela mantém um apartamento funcional na Asa Sul.

EFICIÊNCIA

As advertências do Tribunal à Embaixada sobre irregularidades em suas prestações de contas são antigas. Em 1975, o Ministro Mauro Renault Leite, ao relatar um processo da empresa, solicitou que lhe fossem prestados diversos esclarecimentos, pois havia sérios indícios de irregularidades, não apenas formais. O Ministro Mauro Renault lembrou-se desse parecer quando no Tribunal, em sua última sessão, o Ministro Bento Bulgarin propôs que as prestações de contas da empresa fossem arquivadas, mas sem baixa da responsabilidade dos seus dirigentes.

Em exame superficial, feito durante a própria sessão, o Ministro Mauro Renault constatou que a empresa mantinha duas presidências no lago Sul para seus diretores, limitando-se a informar que estavam de acordo com as normas do DASP. Em segundo lugar que a empresa havia demonstrado sua "desorganização administrativa" ao alegar que não pagara suas contribuições ao INPS e FGTS e nem o Imposto de Renda, porque não recebera os recursos suficientes no tempo devido. Ela se preocupara em pagar os servidores (cerca de 6 mil em todo o país) e aos fornecedores.

Todos os Ministros do Tribunal de Contas da União, com exceção do relator, Ministro Bento Bulgarin, que votou pelo arquivamento das contas, decidiram que a Embrapa deve informar, especificamente, quanto gasta com a locação de duas casas e um apartamento, em Brasília, para uso de seu presidente e de dois diretores.

O Tribunal requereu ainda à Inspetoria-Geral de Finanças do Ministério da Agricultura informações sobre o desempenho da deliberação de verbas para a Embrapa. A requisição visa a apurar se a empresa estava realmente teve motivos para atrasar nos recolhimentos dos impostos e, com sequentemente, ser obrigada a pagar, só de juros, mais de Cr$ 1 milhão.

Muito embora o autor das requisições, Ministro Mauro Renault Leite, tenha considerado como rotineiras as informações solicitadas, pelo que se pôde apurar os gastos da Embrapa com as duas casas localizadas na região do lago Sul de Brasília, não estão dentro das determinações específicas baixadas pelo DASP em 1976. Também poderão ser consideradas ilegais os pagamentos de conservação das residências, bem como das contas de luz e telefone.

O Sr Eduardo Freitas, diretor da VASP, é contra o depósito compulsório

Agentes de viagem temem por turismo sem que expansão da aviação civil seja liberada

Brasília — Todos os investimentos na ampliação do turismo interno e na atração dos estrangeiros poderão ficar comprometidos, caso continuem congeladas as inversões de expansão na aviação civil, segundo denunciou, ontem, o diretor da Viação Aérea de São Paulo (VASP), Sr Eduardo Freitas, no 6.º Congresso Nacional da Associação Brasileira de Agentes de Viagem.

Ele expressou sua preocupação com a constante e progressiva expansão da rede hoteleira e, paralelamente, com a estagnação da frota da aviação comercial brasileira. Lembrou que "encomendas realizadas não puderam ser efetivadas e que a construção e a entrega de aviões novos têm, hoje, prazo entre 18 e 24 meses, representando dois anos de espera". Ele deixou, então, uma pergunta ao plenário: "Como conciliar desenvolvimento e investimento no setor turístico, com restrições ao crescimento da aviação civil?"

COMPROMETIMENTO

Para o Sr Eduardo de Freitas, o maior risco da manutenção dessa política é o comprometimento dos investimentos, realizados, não apenas pelos empresarios, mas, também, pelo Governo. Segundo seus cálculos, os recursos investidos na ampliação do turismo nos últimos 10 anos deve girar em torno de Cr$ 5 bilhões.

O empresário admitiu que, "dada a conjuntura do país, a expansão da frota de aviões pesará sobre o balanço de pagamentos, mas não apenas pelos empresá- que pesa sobre esse balanço." Observou que é exigência do Governo que as importações tenham uma contrapartida de exportações e argumentou que "o turismo brasileiro tem condições de oferecer essa contrapartida."

Lembrou, ainda, que os mecanismos adotados pelo Governo brasileiro conseguiram "estancar o déficit contábil oficial do setor de turismo. Há um crescimento do número de turistas estrangeiros para o país: 427 mil em 1976 e 265 em 1977". Alertou, porém, para a queda de oferta de passagens, acentuando que a VASP já enfrentou restrições na busca de turistas estrangeiros, em virtude do congelamento dessa oferta.

Para o Sr Eduardo Freitas, o fluxo de turistas estrangeiros no país — que aumentará na medida em que forem construídos hotéis de alta categoria com estrutura economicamente adequada para sua utilização — pagaria os encargos, em moeda estrangeira, para aquisição de novos aviões.

Segundo ele, "é preciso raciocinar integradamente, em termos de turismo e transporte aéreo, para se medir o impacto econômico na economia interna e no balanço de pagamentos." A situação, para ele, é de impasse e requer solução imediata.

O Congresso aprovou moção de congratulações ao candidato à Presidência da República, General João Baptista de Figueiredo, pelas suas declarações, anteontem, de que o depósito de Cr$ 22 mil, para a saída de turistas brasileiros, teve validade quando instituído, mas, agora, não tem mais razão de ser.

O documento acentua que "desde a instituição dessa medida, em 1976, "empresários do turismo e a opinião pública nacional, com veemência, mostraram-se inteiramente contrários às restrições". Comenta, ainda, que, passados mais de dois anos da criação do depósito compulsório, "ao invés de ser extinto, como se acreditou que ocorresse no primeiro ano de sua vigência, ele foi alvo de majoração em seu valor".

A moção lembra que, tão logo o depósito foi criado, as entidades do setor divulgaram um documento ressaltanto a compreensão da necessidade da medida, tendo em vista o desequilíbrio do balanço de pagamentos do país, e, que, no mesmo documento, "as lideranças das áreas de turismo afirmaram, alto e bom som, sua inconformidade com medidas criando restrições ao setor".

Segundo os agentes de viagem, os empresários do turismo nacional aceitavam o ônus, pensando nos interesses do Brasil e porque o Governo afirmava que a medida tinha caráter de absoluta transitoriedade. Todavia, passados mais de dois anos, o depósito compulsório passou a ter quase que vida permanente.

Na opinião da classe, entretanto, "as razões que ditaram sua instituição — todos estamos absolutamente convictos — já há muito inexistem. Não se encontra mais) sentido na sua manutenção. A própria nação passou a repelir, com veemência, esse depósito compulsório, porque inútil, elitista, discriminatório e prejudicial."

Segundo a moção, as declarações feitas pelo General João Baptista de Figueiredo dão à classe dos empresários de turismo a confiança de que, "alçado à posição de Presidente da República, ele colocar-se-á contrário a todo e qualquer tipo de restrição ao desenvolvimento do turismo brasileiro".

Filme sobre exílio ganha em Salvador

Salvador — O filme **Leucemia**, em que o cineasta Noilton Nunes aborda a problemática do exílio, ganhou o Troféu Humberto Mauro, atribuído pelo júri popular da 7a. Jornada Brasileira de Curta-Metragem, encerrada em Salvador com a presença do Ministro das Comunicações, Sr Euclides Quandt de Oliveira.

Além de **Leucemia**, considerado o curta-metragem mais profissional da Jornada, foram premiados outros três filmes: **Dia de Erê**, de Olney São Paulo (já falecido); **Os Queixadas**, de Rogério Correia, e **Exposed**, de Edgard Navarro. Foi ainda premiado o desenho animado **Foi Pena Que...**, dos irmãos Wagner.

Dourados garante que viu um OVNI

Dourados, Mato Grosso — Esta cidade foi sobrevoada na quarta-feira, às 19h, e na quinta, a partir das 19h15m, por um **objeto voador não identificado** — ou "disco voador", como dizem os mais de 200 habitantes de Dourados que o viram, incluindo o Prefeito José Elias Moreira, da Arena, que conclui: "Nunca vi coisa semelhante."

O OVNI emitia fortes sinais de luzes vermelhas e azuis brilhantes, evoluía a alta velocidade, recuando e avançando sobre a cidade. Aqui nunca apareceu nada assim", comenta o Sr Waldemiro Muller Amaral, de 71 anos. "Seja lá o que for — talvez gente de outro planeta — vem em paz." No primeiro dia foi visto 15 minutos; no segundo, apenas cinco.

FOTOGRAFIAS

Acompanhado do delegado regional de polícia, Sr Nivaldo Cavalheiro, o fotógrafo do jornal **Progresso**, Maurício José, fotografou o **disco voador** na quarta-feira. O objeto, de forma arredondada, até fez parar o transito e, agora, domina a campanha política na cidade: cada candidato procura sua interpretação para o ocorrido.

Médico diz como tratar a leucemia

Belo Horizonte — O médico mineiro Romeu Ibrahim de Carvalho, do Serviço de Hematologia do Hospital Felício Rocho, nesta Capital, disse que a idéia de cura da leucemia linfóide infantil ganha cada vez mais validade "quando se percebe que um mínimo crescente de crianças tratadas consegue longas sobrevidas ou remissões completas que já se medem por lustros".

Salientou que a soma de conhecimentos na Medicina atualmente é muito grande. "No campo da Hematologia encontram-se os maiores progressos. A partir da cura das leucemias e linfomas, pode-se extrapolar para o campo da cancerologia em geral, esperando-se uma resolução mais completa nas formas de cancer ainda rebelde aos tratamentos atuais".

O especialista mineiro participou em Paris do 17.º Congresso das Sociedades Internacionais de Hematologia, em julho último, quando a equipe do Hospital Felício Rocho apresentou trabalhos sobre Correlação de Plaquetopenia com Neuroleucemia, Esplenectomia Parcial e Transmissão Experimental da Doença de Chagas pelos Derivados de Sangue.

Reconhecendo menos brilhantismo nos prognósticos para o tratamento de doenças malignas do que nos diagnósticos, o médico Romeu de Carvalho considerou fundamental "o acúmulo quantitativo de conhecimentos em relação às leucemias em geral, que, certamente, resultarão em benefícios práticos". Confessou ter ficado impressionado com a exposição paralela ao congresso de Paris de novos aparelhos e equipamentos para laboratórios de Hematologia e Hemoterapia, justificando sua reação "pela qualidade e precisão deles nos diagnósticos, além de representar um avanço tecnológico neste campo".

África não é assim tão primitiva

Providence, Rhode Island, **EUA** — Dois pesquisadores norte-americanos descobriram que há 1 mil 500 anos os povos que habitavam a região da atual Tanzania, na África Oriental, já fabricavam aço por um processo que só veio a ser desenvolvido na Europa em meados do século passado.

Com base em sua descoberta, os professores Peter Schmidt e D. H. Every aconselham uma revisão no termo "primitivas" quando se refere às civilizações africanas. "O processo que usavam pertence à Idade do Ferro e é muito complexo. Apesar da revolução que a afirmação provoca, pode dizerse que existiu na África Oriental, há 1 mil 500 anos, uma cultura tecnicamente superior."

De acordo com os pesquisadores, os técnicos tanzanianos produziam um aço temperado em fornos préaquecidos de sopro forçado e ainda hoje continuam a fazê-lo, como eles próprios viram numa tribo que vive às margens do lago Vitória. A técnica tem sido transmitida de pais para filhos, talvez desde o ano 300 A.C., calculam eles.

C. Vermelha tenta achar 11 pessoas

A Cruz Vermelha Brasileira, por seu Serviço de Busca de Paradeiro, está procurando localizar, a pedido de familiares, Milan Saric, Ivan Saric, Katarina (Katica) Saric, Aleksander Todorowicz, Wasyl Pasicznyk, Maria Luizette Lacerda Colaço, Maria Rita Gomes de Moraes, Vladimir Prikryl, Paulino Oscar de Souza, Irene Neerbaun e Janos Schuller.

Informações sobre as pessoas procuradas devem ser encaminhadas à Praça Cruz Vermelha, 12, 1º andar, ou pelo telefone 263-0112.

Auditoria da Marinha julga Luís Carlos Prestes e mais 63 por reorganizarem o PCB

Luís Carlos Prestes, oito desaparecidos e mais 55 pessoas entre elas o ex-Deputado Marco Antônio Coelho, o líder do extinto CGT, Oswaldo Pacheco da Silva e o ex-dirigente sindical Roberto Morena, que morreu dia 6 de setembro, no exílio, começam a ser julgados depois de amanhã na 2a. Auditoria da Marinha, acusados de tentarem reorganizar o Partido Comunista Brasileiro.

O processo número 159/71 que teve origem num IPM de 1969, já está com cerca de 3 mil páginas. "As únicas provas", diz o advogado Humberto Jansen, que defende Orlando Bonfim Júnior, um dos acusados que se encontra desaparecido desde outubro de 1975, "são as confissões dos réus, que afirmam terem elas sido obtidas sob torturas".

VIOLÊNCIA

O advogado Humberto Jansen explica que o processo 159/71 é marcado pela violência, denunciada em todos os depoimentos dos acusados. "Todos foram barbaramente torturados, conforme declararam em juízo, muitos desapareceram — o que é mais que tortura — e outros morreram em liberdade, mas depois de terem a saúde agravada pelo tratamento na prisão".

Os outros advogados que atuarão no processo, Srs Modesto da Silveira, Oswaldo Mendonça, Augusto Sussekind de Morais e Heráclito Sobral Pinto, tambem vão lembrar o caso dos desaparecidos. O Sr Sobral Pinto, que defende o cabeça do processo, Sr Luís Carlos Prestes, disse que não se pronuncia sobre sua atuação em dias próximos ao julgamento: "Só vou falar na tribuna".

O Juiz-Auditor da 2a.Auditoria de Marinha, Sr Mauro Seixas Telles, afirmou também que ainda está estudando o processo, por isso só falará na terça-feira. A denúncia inicial, entretanto, que pedia o enquadramento dos acusados em 10 artigos da Lei de Segurança Nacional, foi desclassificada e os réus responderão apenas pelo crime previsto no artigo 43: "tentar reorganizar partido colocado fora da lei", cuja pena mínima é dois anos de prisão e a máxima de cinco anos.

PROBLEMA

"Outro problema do processo", afirma o advogado Luís Celso, que defenderá junto com o Sr Modesto da Silveira sete dos 64 acusados, "é que a maioria deles já responde pelo mesmo crime e outros até cumpriram penas ou ainda as estão cumprindo, como é o caso de Oswaldo Pacheco, Marco Antônio Coelho e Francisco Gomes Filho".

O advogado Humberto Jansen explica que a Justiça Militar tem adotado o procedimento de considerar separadamente cada acusação, embora o crime a que se refere o processo 159/71 seja considerado "permanente". O Sr Humberto Jansen acha também que a ação penal está prescrita.

Ele sustenta que o principal crime a que se refere o processo é a realização do 6º Congresso do PCB, em 1967, e que a prescrição da pena se dá sempre que houver passado o dobro dos anos previstos como pena máxima no artigo de enquadramento. A pena máxima é de cinco anos e já se passaram mais de 10 do ato do crime.

DESAPARECIDOS

Entre os 64 acusados no processo 159/71 da 2a. Auditoria da Marinha estão sete considerados desaparecidos desde 1974 ou 1975. São eles: David Capistrano da Costa, que dirigiu a *Folha do Povo*, de Recife, elegeu-se deputado pelo PCB em Pernambuco e desapareceu em São Paulo, no dia 16 de março de 1974; Hiran Lima Pereira, de quem se teve notícia pela última vez em 1975; Itair José Veloso; Elson Costa; Jaime Miranda do Amorim; João Massena Mello, ex-deputado; Luís Ignácio Maranhão, sequestrado em 3 de abril de 1974, segundo o Comitê Brasileiro pela Anistia; e Orlando Bonfim Júnior, que dirigiu a *Imprensa Popular* e o semanário *Novos Rumos*.

Não comparecerão ainda ao julgamento Gilvan Cavalcanti de Melo, Zuleika D'Alembert Jaccoud, Dinarco Reis, Armando Ziller, Hércules Correia dos Reis, Agliberto Vieira de Azevedo, Givaldo Pereira de Siqueira, além de Luís Carlos Prestes, que estão exilados; Lourival Guimarães da Silva, Humberto Lucena Lopes, Ramiro Luchesi, Antonio Mourão Filho e Roberto Morena, que já morreram.

Presos estão o ex-Deputado Marco Antônio Coelho, o ex-líder sindical Oswaldo Pacheco da Silva, o operário Francisco Gomes Filho e Fernando Pereira Cristino. Maria Nazareth Cunha da Rocha, que estava banida, responderá em separado ao julgamento, já que seu processo foi desmembrado e só agora entrará em curso normal.

Codevasf emprega meios de comunicação para ampliar os programas de irrigação

Salvador — Começa em outubro na região do baixo São Francisco — onde a Codevasf (Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco) tem encontrado maior resistência para executar seus projetos de irrigação — um programa de comunicação rural que "visa obter de forma ampla a participação das comunidades no nosso trabalho", informou o presidente da empresa, Sr Nilo Peçanha.

O programa, que depois de experimentado no baixo São Francisco será estendido para todo o vale, ocupará entre Alagoas e Sergipe nada menos de quatro jornais, duas emissoras de televisão, três rádios, serviços de alto-falantes e contará, ainda, com equipes volantes para a realização de palestras, exibição de audiovisuais e outros recursos. O custo global é de Cr$ 1 milhão 500 mil.

COMUNICAÇÃO

O presidente da Codevasf, que presidiu nesta Capital o 4º Congresso Brasileiro de Irrigação e Drenagem, encerrado quinta-feira, esclareceu que o Programa de Comunicação Rural "deseja não só alcançar os usuários dos nossos projetos, mas toda a comunidade, com ênfase às lideranças individuais e institucionais".

"O programa não está concebido de forma unidirecional, mas bidirecional, porque foi montada uma estrutura de forma a que não só nossas mensagens cheguem ao público que nos interessa, mas que também haja o *feed-back*. O método de comunicação que a Codevasf vinha utilizando era muito limitado, entre o agente e o usuário e muito próximo ao acontecimento".

"Com o modelo antigo de comunicação desenvolvido pela Codevasf, observa-se que como se trata de uma comunicação direta e limitada; não envolvia toda a comunidade e quando havia pressão contrária ou omissão, acabado o contato, o trabalho perdia efeito, muitas vezes sofrendo até mesmo reversão. A proximidade não dava tempo de motivação adequado ao engajamento da comunidade e mais precisamente dos usuários diretos dos nosos projetos".

O presidente da Codevasf informou ainda que o novo programa contará com o engajamento da Radiobrás. Da elaboração do programa participaram técnicos em comunicação social, sociólogos rurais, assistentes sociais rurais e pessoal ligado ao trabalho de extensão rural. Nas emissoras de rádio, por exemplo, o programa ocupará horários adequados indicados por essa equipe, que se encarregou de um levantamento sobre os índices de audiência. Parte do tempo e do espaço será oferecido pelos veículos, parte comprado pela Codervasf.

Arcebispo proíbe missa no lugar em que estudante foi morto a tiros em Maceió

Maceió — O Arcebispo da Capital, Dom Miguel Fenelon, proibiu a missa ao ar livre que a família do estudante Jailton dos Santos, que teria sido morto pela polícia há dois meses, havia programado para o local onde ele foi encontrado crivado de balas e recomendou que fosse rezada na igreja ou no cemitério, o que a família não aceita.

Dona Maria Menininha dos Santos, mãe de Jailton, procurou os jornais de Maceió para implorar que Dom Miguel "esqueça as conotações políticas que o ato possa deixar transparecer, segundo seus argumentos, e ordene a missa porque meu filho está necessitando". Para ela, a missa no local do crime tem mais significado.

MORTES

O estudante Jailton dos Santos, 16 anos, foi preso em companhia do ladrão José Cândido de Barros, vulgo *Mago Maleta*, no dia 19 de julho passado, nas imediações da Estação Rodoviária, segundo testemunhas. Três dias depois apareceram mortos os dois na localidade denominada *Gruta da Caveira*, apresentando marcas de sevícias.

O *Jornal de Alagoas*, que mantém a mais acirrada campanha contra a polícia, conseguiu descobrir uma testemunha de 16 anos de idade e sabe também o nome de um oficial do Exército que, fazendo manobras na área das execuções, teria achado os corpos. A Secretaria de Segurança abriu inquérito e apurou que o crime não foi praticado pelos policiais civis, mas não sabe quem foram os responsáveis.

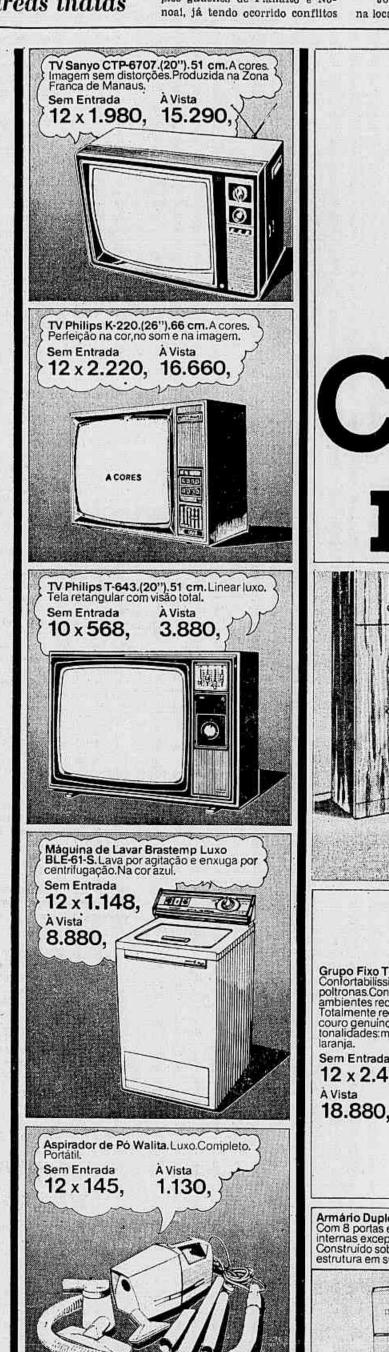
Numa matéria de página inteira, assinada pelo editor de polícia Jerfesson Medeiros, o *Jornal de Alagoas* inclui o caso de arrombamentos de veículos pertencentes a oficiais da Polícia Militar de Alagoas, violados na própria vila militar, no bairro do Trapiche, querendo insinuar que a morte de Jailton e Candido, este último um ladrão conhecido, estava ou poderia estar relacionada com a repressão que a PM iniciou para prender o autor dos arrombamentos de automóveis de mais de 5 oficiais superiores da corporação.

Invasores voltam às áreas índias

Porto Alegre — Os agricultores que não aceitaram seu reassentamento em Mato Grosso estão invadindo, novamente, as reservas indígenas nos Municípios gaúchos de Planalto e Nonoal, já tendo ocorrido conflitos entre índios e o colono João Dokunski, expulso anteriormente. A denúncia é do presidente da Associação Nacional de Proteção ao Índio, Assis Hoffman.

João Dokunski, que residia na localidade de Pinhalzinho, na reserva de Nonai, voltou para a fazenda afirmando aos indígenas ter autorização do Prefeito de Planalto. Novos conflitos poderão ocorrer, também, devido ao descontentamento dos indígenas com a falta de cumprimento, pela Funai, de suas promessas de pagar uma indenização aos caingangue, pela utilização de suas terras para plantação de soja e trigo.

Na reserva de Nonoai, no Norte do Estado, funcionários do Departamento Geral de Patrimônio Indígena, da Funai, também prometeram deixar 30% da produção agrícola para os índios, depois que estes interditaram a área, proibindo a entrada de membros do DGPI. A situação havia sido contornada com as promessas feitas pela Funai, e que, por não estarem sendo cumpridas, revoltaram os índios.

Eles não desejam também a volta de dezenas de famílias brancas, anteriormente expulsas e que estão invadindo novamente a reserva, segundo denúncias da ANAI.

Artilharia Lembra seu 1.º tiro na II Guerra Mundial

Precisamente às 14h22m do dia 16 de setembro de 1944 a Artilharia brasileira disparava o primeiro tiro contra os alemães, nas encostas do monte Bastione. O início da campanha da FEB na Europa foi comemorado ontem pelo 21º Grupo de Artilharia de Campanha, em São Cristóvão, que desde janeiro deste ano passou a se chamar Grupo Monte Bastione.

O cabo Adão Rosa da Rocha disparou um canhão de 90 milímetros, semelhante àquele com o qual abriu a participação do Brasil na II Guerra Mundial. O canhão original foi transformado em monumento no ano passado. A chamada de dois sargentos e cinco soldados do 21º GAC, mortos durante a Guerra, comoveu os veteranos presentes.

A solenidade

A solenidade teve início às 13h30m de ontem. O Comandante do I Exército, General José Pinto de Araújo Rabello, chegou acompanhado pelo General Ademar de Queiroz. Os dois assistiram ao desfile do palanque ao lado do General Almir Veloso Soeiro, o mais antigo oficial da FEB que ontem comandou o desfile e do representante do Marechal Oswaldo Cordeiro de Farias, General José de Souza Carvalho.

O Coronel ex-combatente Heraldo Porto Carreiro com a Bandeira brasileira usada na Guerra, dobrada sobre seus braços estendidos, abriu o desfile, seguido por todos os outros ex-combatentes presentes e pelos atuais praças e oficiais do 21º GAC.

Presentes ao ato, o General-de-Divisão Milton Tavares de Souza, Comandante da 1a. Divisão do Exército; o presidente da CGI, General-de-Divisão Délio Barboza Leite; o Comandante da 5a. Brigada de Cavalaria Blindada, General-de-Brigada Heraldo Tavares Alves; o Comandante da 1a. Brigada de Infantaria Motorizada, General-de-Brigada Bersanger Figueiredo Prates, além do Comandante do 21º Grupo de Artilharia de Campanha, Coronel Nivaldo Pinheiro Pinto, entre outras autoridades militares.

Homenagens

Logo após o desfile, ao som da **Canção do Exército** e da **Canção dos Expedicionários** — muito aplaudidas pelos convidados — o Coronel R-1 Helber de Melo Henrique fez um discurso lembrando os feitos do 21º GAC durante a Segunda Guerra Mundial, quando foi o primeiro grupo de artilharia a chegar nos campos de batalha.

Em seguida o Coronel Helber comandou o tiro de canhão 90 milímetros, disparado pelo cabo reformado Adão Rosa da Rocha, que deu o primeiro tiro com aquela arma nos campos da Itália e sentiu "a mesma emoção do primeiro tiro durante a guerra, da qual participei quando tinha 24 anos de idade e de onde não esperava voltar, mas estou aqui, com meus 58 anos". Depois de terminada a solenidade, os atuais soldados do 21º GAC brincavam com ele, dizendo que o tiro tinha sido perfeito.

O orador oficial da cerimônia, Capitão Rocha, com a tropa formada no pátio do quartel, fez a chamada dos combatentes mortos durante a Segunda Guerra Mundial — 2º sargento Fábio Pavani, 3º sargento Benedito Francisco da Silva, soldados Berly Azevedo Vieira, Paulo de Sousa Pereira, Sebastião Vanna, Francisco Martins Teotônio e Celso Barbosa Lima, e, em especial, uma homenagem ao Comandante do 21º GAC durante a guerra, Coronel Geraldo Da Camino, que regressou vivo da Itália mas faleceu recentemente — e todos responderam: "presente".

Os artilheiros da Grande Guerra

A artilharia brasileira participou da 2a. Guerra Mundial sob o comando do então General-de-Brigada Oswaldo Cordeiro de Faria, integrada pelos seguintes oficiais:

Coronéis: — Geraldo da Camino, Emilio Rodrigues Ribas Jr. e João Pinto Pacca.

Ten-Coronéis: Oswaldo de Araújo Motta, Ademar de Queiroz, Nestor Penha Brasil, Frederico Violeroy França, Affonso Henrique de Miranda Correa, José de Souza Carvalho, Luiz Braga Mury, Waldemar Levy Cardoso, Hugo Panasco Alvim, Heraldo Figueiras e Emilio Maurell Fº.

Majores: Pedro Ascenção, Aguinaldo José Senna Campos, Custódio de Oliveira, Ramiro Gorreta Jr., João Manoel Lebrão, Antonio de Mendonça Molina, Heitor Borges Fortes, Cristovão Colombo Faustino da Silva, Manoel Campos Assumpação, João da Costa Braga Jr., Hugo de Mattos Moura, Nelson Bittencourt de Oliveira, Aristides Espellet Umpierre, Anisio Martins de Oliveira, Hildebrando Pelagio Rodrigues Pereira, Ney Caldas Cerqueira, Eugenio Castilho Freire, Horácio Cardoso Machado, Saint Clair Peixoto Paes Leme, Luiz Gomes Pinheiro, Antonio Henrique Almeida de Moraes, Rubens Monteiro de Castro, Jardel Fabricio, Luiz Carneiro de Castro e Silva.

Capitães: Celso de Azevedo Daltro Santos, Paulo Ferreira Pará, José Maria Romagueira, Julião Muller Neiva de Lima, Almir Velloso Soeiro, Mário Lobato Valle, José Maria de Andrada Serpa, Rubens Alves de Vasconcellos, Expedito Mendes Correa, Paulo Teixeira da Silva, José Good Lima, Joaquim Victorino Portella Ferreira Alves, Newton Correa de Andrade Mello, Aldebert Queiroz, Oswaldo de Araújo Souza, Antônio Saraiva Martins, Edmundo da Costa Neves, Enéas Martins Nogueira, Adhemar Gutierrez Ferreira, Francisco Augusto de Souza Gomes Galvão, Zenith Quaresma, Cesar Montagna de Souza, Francisco Saraiva Martins, Faustino Carvalho Monteiro, Antônio Hamilton Mourão, Adston Pompeu Piza, Mário Fernandes, José Maria Gonçalves, Murilo Westphallen, Paulo Carneiro Thomaz Alves, Oswaldo de Oliveira Senna, João de Alvarenga Souto Mayor, Valmiki Erichsen, Florimar Campello, Edson de Figueiredo, Antônio Carlos de Andrade Serpa, Gabriel de Aguiar, Alcides Boiteux Piaza, Alacyr Frederico Werner, Avelino de Alcantara, Newton Ouriques de Oliveira, Gilberto Machado de Oliveira, Raul de Moraes Costa, Joaquim Antônio da Fontoura Rodrigues, Romeu Thomé da Silva, Oldemar Ferreira Garcia, Durval de Alvarenga Souto Mayor, Salomão Naslauski, Jayme Moutinho Neiva, Ariel Pacca da Fonseca, Lucas de Almeida Guimarães, Geraldo Magarinos de Souza Leão, Waldemar Henrique Wiering, Galdion Tavares de Souza, Raphael Tobias Pio dos Santos, Hélio Duarte Pereira de Lemos, Samuel Kicis, José Francisco da Costa, Welt Durães Ribeiro, Aloysion Gondim Guimarães, Renato Paiva Rio, Fernando Pedra Padron, Milton Pedro de Carvalho, Gabriel D'Annunzio Agostini, Carlos Pacheco d'Avila, Vicente de Paula Dale Coutinho, Italo Conti, Gustavo Adolpho Tufvesson, Carlos Feliciano da Motta e Albuquerque, Arthur Napoleão Montagna de Souza, Newton C. Branco Tavares, Ovidio S. C. Neiva.

Primeiros-Tenentes: Paulo de Oliveira e Silva, Paulo Ferraz de Andrade, Adalberto Villas Boas, Siomir Porto, Jorge Augusto Vidal, José Ribeiro Miranda Carvalho, Oswaldo Mescolin, Walter de Oliveira, Arlindo de Oliveira, José Pinto de Carvalho, Rubens Fleury Varella, Confucio Pamplona, Arthur Mendes Falcão Filho, Carlos Molinari Cairoli, Jorge Santos, Adélio Conti, Miguel Romão Lamgone, Jair de Moura e Albuquerque, Bertholdo Carvalho Tautphoens Castelo Branco, Gustavo Nilo Romero B. de Mello, Elisário Paiva, Lourival de Valois Correa, Donato Ferreira Machado, Dirceu de Lacerda Coutinho, Roberto Baere de Araújo, Americo Raposo Filho, Alberto de Oliveira Santos, João Mendes de Mendonça, Mauricio Félix da Silva, Elber de Mello Henriques, Heraldo Carlos Leopoldo de Farias Portocarrero.

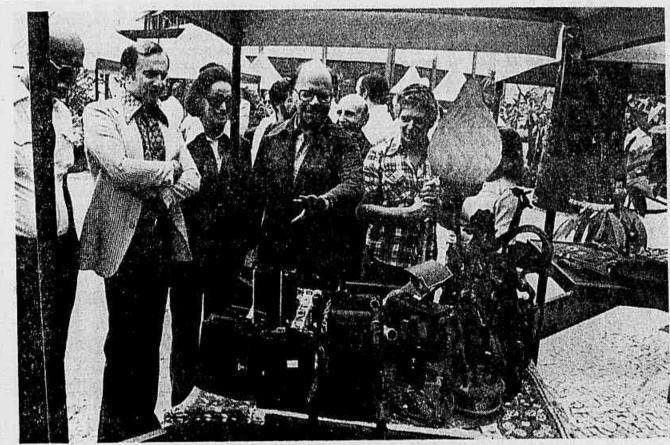
Primeiros-Tenentes R-2: Walter Buff, Viriato Luso dos Reis, Alceu Grisolia, Thomaz Walter Iwersen, Francisco Gomes da Silva Prado, Italo Carmeno Anderson, René Coulaud, Edgard Alberto Moreira da Rocha, Levy José de Miranda Reis, Felpe Aristides Simões, Alfredo Virgilio Nicolau, Gustavo Carlos Stall, Walter de Oliveira.

Segundos-Tenentes: Nilton Nunes Figueiredo, Candido Manoel Ribeiro, Enio Lippo Verlangieri, Carlos Eugênio R. L. Monção Soares, Carlos Colonezi, Donald Cohen Marques, Ramiro Moutinho, José Guimarães Barreto, Luiz Gonzaga de Andrada Serpa, Benedito Macau, Waldemar Rangel Bonfim, Eber Vianna de Carvalho, Marcilio de Souza Ferreira, Sérgio Faria Lemos da Fonseca, Salli Szainferber, Marcilio de Sá Earp, Marcel Padilha, José da Matta Teixeira, Rubens Resstel, Togo Lobato, Júlio de Paula Guimarães, Mário Dias, Ionio Portella Ferreira Alves, Jorge Pereira Leite, José Teophilo de Siqueira, Pedro Alberto de Souza Gomes Galvão, José Torquato Jardim, Cauby Eduardo Maia, Raul Ribeiro Guimarães, Francisco Boaventura Cavalcanti Júnior, Antônio Francisco da Hora, Alaor Soares de Souza Mello, Frederico Vianna Torres, Hélio Mendes, Alvir Souto, Germano Seidi Vidal, Manoel Valença Monteiro, Jorge Alberto Montrel Costa, Jair Lontra Sampaio, Oswaldo Gianini, Herculano Augusto Virmond, Ivam da Costa Ramos, Carlos de Azevedo, Pedro Gomes dos Santos.

Segundos-Tenentes R-1: Francisco Xavier de Oliveira, Álvaro Duboc Filho, João Baptista Stavola, Antônio Vonutelli, Francisco José Affonso, Homero Soares da Rosa, Pery Leite Ferreira, Benedicto Tancredo, João Gadelha Simas, Antônio Fagundes Xavier, Aparicio de Oliveira, Joaquim Crasto do Amaral, Alexandre de Vecchi, Lourenço de Souza Alencar, Dicracy Antonio Castilho Valle, Milton Continentino Dias Ribeiro, Waldomiro Godoy de Vasconcellos, Dario Oton, Hildebrando Santana de Figueiredo, João Meirelles Filho, Alencar Pitan.

Segundos-Tenentes R-2: Marcos Gualper, Mário Raphael Vanutelli, Tadeusz Gardolinski, Hypolito Donadelli, Nélson de Macedo Justus, Alexandre Espindola Franco.

Aspirantes a oficial: Moacir Veras, Aluizio de Uzeda, Edgard de Castro Otto, Josio Lery dos Santos, José Tancredo Ramos Jubé, José Carlos Pinto Netto, Haroldo Oswaldo Cavalheiro dos Santos.

Aspirantes a oficial R-2: Vasco Ribeiro da Costa.

Marcos Tamoyo disse que os antiquários podem montar a feira sempre que quiserem

Ex-diretora do MAM diz que doação adiada foi um pedido de outro ex-diretor

Apesar de nada dizer sobre o motivo do adiamento, pelo Banco do Brasil, da doação de Cr$ 500 mil e mais 46 quadros, que seriam comprados na Europa, a ex-diretora executiva do Museu de Arte Moderna, Heloisa Lustosa, lembrou ontem que ela fora pedida diretamente ao presidente do banco, Karlos Richbieter, pelo Sr Leônidas Bório, que pediu demissão da diretoria do MAM.

Um outro membro do Conselho Deliberativo do MAM assegurou que o adiamento fora pedido pela nova direção, para que pudesse planejar melhor a aplicação do dinheiro. Quanto ao problema dos quadros, afirmou que declarações de pessoas não autorizadas causaram confusão quanto à reestruturação do museu. A doação seria oficializada sexta-feira, quando o Sr Rischbieter iria ao MAM.

CRISE

A Sra Heloisa Lustosa voltou a negar que haja fundamentação legal para sua cassação e a do Sr Alvaro Americano da direção do MAM, mas garantiu que nada fará para recuperar o cargo: "Não há condições para trabalhar. Não é uma intriga pessoal, são pontos-de-vista distintos que não podem ser conciliados, como explicamos na nossa declaração, publicada nos jornais."

Argumentou que o Conselho Deliberativo não tem poderes para interromper o mandato da diretoria, o que não é previsto pelo estatuto; mas mesmo que tivesse, a reunião onde tudo ocorreu fora convocada para outros assuntos: "A destituição foi ilegal, porque, no mínimo, a discussão sobre substituição de diretores deveria constar na pauta de convocação, o que não foi o caso."

Disse ainda que só participaram 13 dos 30 conselheiros, entre eles o Sr Antônio Moniz, que deixara de ser sócio contribuinte desde 1969, ao parar de pagar suas cotas. Além disso, continuou, os Srs Gilberto Marinho e José Sette Camara haviam pedido demissão de suas funções no MAM na reunião anterior, no dia 12.

Para a Sra Heloisa Lustosa, tudo é efeito do conflito entre a antiga diretoria e a coordenação-geral, presidida pelo Embaixador Hugo Gouthier.

NOVA DIREÇÃO

Foi convocada para o dia 25 uma reunião do Conselho Deliberativo para oficializar a nomeação do Sr Junqueira Aires como diretor-administrativo, cargo que também era exercido pela Sra Heloisa Lustosa. Serão nomeados também assessores para a organização das exposições.

Arte ingênua, artesanato e feira de antiguidades são as atrações do Centro hoje

Para se ver uma exposição de arte ingênua, comprar acarajé ou bolo de carimã, ou medalhas nazistas, *huacos* (ceramica pré-colombiana) eróticos, antiguidades e velharias, ou apenas admirar uma caixa de música onde borboletas tocam valsas de Strauss (pai), basta ir hoje ao Centro da cidade entre 9h e 19h.

Na estação do metrô na Cinelandia está a 2a. Mostra de Arte Ingênua; na Praça 15 há uma feira de artesanato com embalagem colonial; e na Praça Marechal Âncora, perto do restaurante Albamar, pode-se comprar antiguidades. Ontem, o Prefeito Marcos Tamoyo inaugurou a exposição e a feira dos antiquários e disse que essas atividades destinam-se a transformar a cidade numa área de lazer, nos fins de semana.

CAROS INGÊNUOS

A 2a. Mostra de Arte Ingênua foi inaugurada ontem e ficará aberta até 16 de outubro. Reúne 23 pintores e 83 quadros (de Cr$ 40 mil a Cr$ 2 mil — este último, pintado em madeira, 15 por 20 centímetros). Os quadros foram julgados por uma comissão formada por Waldir Ayala, Geraldo Edson Andrade, Sabino Barroso e Neusa Fernandes.

Quase todas as obras mostram aspectos do Rio ou de sua gente. O primeiro prêmio (Cr$ 30 mil, da Funarte), foi dado ao Sr Júlio Martins da Silva; no dizer dos críticos, o único ingênuo legítimo da mostra. Ele tem 75 anos, e mora na Favela Parque União e seus quadros — ao contrário dos demais — não têm preços estipulados; e retratam aspectos do Campo de Santana e Passeio Público.

Os demais prêmios, (Cr$ 15 mil) foram dados a Elisa O. S., Elisa Martins da Silva, Miriam e Maria Geraldo. Há ainda várias menções honrosas, como a de Rosina Beker do Vale, Guilherme de Brito e Isabel Braga.

À inauguração compareceram, além do Prefeito Marcos Tamoyo, o presidente da Companhia do Metrô, Noel de Almeida, e o Secretário Municipal de Turismo, José Carlos Pereira. Segundo o Prefeito, as mostras de arte em estações do metrô deverão ser rotineiras.

Destacou a importancia da exposição dos ingênuos, mostrando que retrata a cidade e sua vida: "Olha lá, há um pintor que já viu o fenômeno das asas voadoras", disse o Prefeito, referindo-se a uma das telas em exposição. Disse ainda que a verba de Cr$ 5 milhões, destinada à recuperação do MAM, não deverá ser afetada pela atual briga na diretoria do Museu, pois só será concedida no próximo orçamento, quando provavelmente, "tudo já estará resolvido".

ANTIGAS VELHARIAS

O cenário é adequado, junto à estrutura do Albamar, tudo o que restou do antigo mercado municipal destruído quando se fez a Perimetral; próximo aos restos do **Bolo de Noiva**, o velho Ministério da Agricultura que tanto pouco resta (a demolição já está quase no fim). Ali, no meio da praça, com bolas coloridas e grandes faixas de pano branco e azul, as cores e também dos toldos das barraquinhas, estão 26 antiquários. Ficarão lá durante toda a semana.

A feira, que pretende funcionar nos moldes da de Santelmo, em Buenos Aires, tinha ontem, em meio a algumas peças de valor, muita velharia, mas para quem quiser passar uma manhã agradável o programa vale, pois é sempre possível **bater um papo** com os vendedores. A peça mais valiosa era uma caixa de música, do século passado, onde além do rolo há borboletas que percutem pequenas campainhas e um tambor. Está avaliada em Cr$ 100 mil, mas não está à venda. Por isso, seu dono, o antiquário Luis Carlos Marinho, recusou ontem cinco ofertas por ela.

"A importancia de feiras como esta é permitir às pessoas um contato com coisas antigas. Às vezes você tem um objeto na sua casa ao qual não dá o menor valor e vai ver que vale muito", explicava o Sr Luis Carlos Marinho, para quem antiguidade é o que tem "no mínimo 100 anos".

"Aqui o que tem mais é velharia mas há boas peças, embora seja muito difícil precisar a idade exata de uma peça antiga. Por exemplo, os vidros de Gallé; sabemos que foram feitos entre um determinado período, mas há falsificações argentinas que só um conhecedor muito bom é capaz de distinguir".

O Sr Marcos Tamoyo também esteve nas barracas dos antiquários e ganhou um quadro e uma peça de prata. Disse que a feira poderá se reunir quando quiser. Há intenção de torná-la semanal, para fixar o preço, mas a decisão final será da Associação dos Antiquários. Ontem, muita gente já examinava velhos relógios, armas, medalhas, potes e bugigangas, com preços que variando entre Cr$ 200 e Cr$ 20 mil.

Uma jovem oferecia Cr$ 2 mil por uma pequena cama de bonecas, com colchão e tudo, do começo do século, enquanto tentava convencer à dona da barraca que os Cr$ 3 mil pedidos eram demais. Havia cintos e condecorações nazistas **Got mit Uns (Deus Conosco)** a Cr$ 2 mil. "Na Europa valem muito mais", informava o dono da barraca.

Três copos de licor, com bandeja de metal branco, **art decô**, desde 1910, saem para quem pagar Cr$ 1 mil 600. **Huacos** (ceramica pré-colombiana) com 1 mil 200 anos, vendidos a Cr$ 12 mil, ou um pegador de aspargos (uma peça muito útil, segundo o vendedor) a Cr$ 250.

Não faltavam nem os tachos de cobre e latões de leite comprados em Santelmo e vendidos no Rio a Cr$ 5 mil. Tapetes persas (pelos quais alguns conhecedores nada garantiam) eram vendidos a Cr$ 1 mil 500, enquanto um teodolito (autêntico) do século passado, todo em cobre, valia Cr$ 10 mil. Louça inglesa, velhos oxonizadores, máquinas de costura, monjolos, **biscuits** e relógios de algibeira comemorativos do voo de Santos Dumont, ou do Centenário da Independência, também podem ser encontrados na feira, que será complementada, segundo anunciou o Prefeito, por um mercado de trocas aberto ao público.

Alunos da S. Úrsula vão ao MEC

Os 3 mil alunos de Engenharia Operacional da Universidade Santa Úrsula, curso extinto ano passado pelo Conselho Federal de Educação, deverão paralisar suas aulas a partir do dia 25, quando uma comissão irá a Brasília reivindicar no MEC que a direção da Faculdade restabeleça a complementação curricular que os habilitava ao título de engenheiro.

A complementação, que beneficiou uma turma, foi suspensa, contrariando até parecer do Departamento de Assuntos Universitários (DAU-MEC). Para os alunos seria a única maneira de saírem da Universidade com uma profissão reconhecida, já que as empresas não aceitam mais ninguém formado em Engenharia Operacional.

O CURSO

O curso de Engenharia Operacional da Santa Úrsula começou em 1969, embora a autorização para o funcionamento datasse de 1963 (a partir da necessidade de técnicos aptos a operações industriais, como supervisores, dirigentes e condutores).

Mas em fevereiro de 1977 o CFE revogou o currículo mínimo do curso, fixando em 1º de janeiro de 1979 a sustação dos concursos vestibulares em todo o país. Segundo as resolução do CFE, "as instituições que desejarem poderão postular a conversão dos seus cursos de Engenharia de Operação em cursos de formação de tecnólogos ou em habilitações do curso de Engenharia". Foram atingidos 20 mil universitários.

PREJUDICADOS

Os 3 mil alunos da Santa Úrsula, que pagam a mensalidade de Cr$ 1 mil 610, depois de três anos de curso, receberão um diploma sem reconhecimento profissional, embora registrado no MEC. Para o universitário Manuel Ferreira de Aguiar (6º periodo), o problema é que a Universidade Santa Úrsula não define a situação "e até suspendeu a possibilidade de se fazer um curso de complementação de dois anos, que nos daria ao final o título de engenheiro, benefício que atingiu apenas uma turma". Acrescentou que, em janeiro e junho deste ano, mais 500 alunos passaram no vestibular, sem que o problema fosse resolvido.

De acordo com resolução aprovada em assembléia-geral, uma comissão de 30 alunos fretará um ônibus para ir a Brasília manter contato com o DAU-MEC. A caravana partirá dia 25, data em que todos os alunos atingidos, com o apoio inclusive de outros cursos daquela Universidade, vão paralisar as aulas e através de palestras e debates, mostrar à opinião e à própria direção da Universidade a necessidade de uma solução urgente.

Passarela na Rocinha terá festa

Os moradores da favela da Rocinha vão receber com uma missa, e uma festa com muita bebida, o primeiro presente do Governo do Estado: a passarela para pedestres em construção há mais de um mês na saída do Túnel Dois Irmãos e que deverá ficar concluída na próxima terça-feira. Ela deverá evitar os constantes atropelamentos naquela travessia.

O Departamento de Estradas de Rodagem constrói a passarela em estrutura metálica e que terá 45 metros de comprimento. Por enquanto faltam colocar metade do piso, as grades laterais de proteção e terminar alguns lances de escada. Seu custo total: Cr$ 1 milhão 700 mil. A missa será em memória às vítimas dos atropelamentos e a festa oferecida por um candidato a deputado. O local da missa e da festa será o largo na encosta do morro (Pedra Dois Irmãos).

Água suja cobre boa parte da calçada junto aos armazéns, empurrando as pessoas para a rua

No pior trecho da Avenida, o buraco que corta a única faixa livre obriga a andar devagar

Rodrigues Alves está muito ruim

Asfalto irregular, buracos, poças dágua, trechos em obras, falta de iluminação, madeira na pista — são muitos os perigos para pedestres e motoristas na Avenida Rodrigues Alves. A situação perdura desde setembro de 1973, quando as obras da Perimetral chegaram ali, e oficialmente deverá terminar dia 29, prazo para o fim da reurbanização.

O prazo não inclui a iluminação, porque o DER atrasou o convênio com a Comissão Municipal de Energia, que só no mês passado começou o projeto do sistema a vapor de mercúrio, que não tem prazo para ficar pronto. A falta de iluminação agrava a situação para os motoristas, com as pistas esburacadas, e ajuda os assaltantes.

COMO É E COMO SERA

O pior trecho da Rodrigues Alves fica na pista para a Praça Mauá, entre as Ruas Silvino Montenegro e Antônio Lage: só uma faixa está asfaltada, e mesmo assim é cortada por um buraco. Na outra pista, o asfalto está muito ruim e as poças dágua ocupam as calçadas (como diante dos armazéns oito e 15), obrigando as pessoas a esperarem condução na rua; no cruzamento com Rivadávia Correa, obras bloqueiam duas faixas de veículos.

A reurbanização, contratada entre o DER e a Companhia Siderúrgica Nacional, custará Cr$ 15 milhões e inclui drenagem, meios-fios, passeios e pavimentação dos canteiros centrais (quatro metros de largura). A faixa de paralelepípedos, junto aos armazéns do cais, será mantida e a pista terá 10,5 metros, exceto entre a Rodoviária Novo Rio e a Silvino Montenegro (direção do Centro), onde será de sete metros.

Há de tudo nas pistas, até troncos, canos e entulho. Falta asfalto

Poluição na Baía tem nova versão

O comércio clandestino de petróleo está na origem da poluição que atingiu as praias da Ilha do Governador nos últimos 10 dias, acredita o Sr Antônio José Ferrer, presidente da Sermapi, empresa especializada na limpeza do mar.

Ele tem informações que levam a crer que "alguém, tendo óleo velho armazenado para vender, possivelmente se desfez do mesmo, num desrespeito total à população e às praias cariocas". O Sr Ferrer está preparando um relatório sobre o caso que enviará ao Conselho Nacional do Petróleo e à Petrobrás.

URGÊNCIA

"Seria muito bom se o Governo regulamentasse, com urgência, as condições mínimas para ser permitida a operação no mar do comércio de óleo usado", diz o Sr Ferrer. "Este comércio clandestino, cujo produto é vendido às olarias, fábricas de sabão e outras indústrias, tem como consequência a possibilidade de aumentar o risco de acidentes, semelhantes aos que ocorreram nos últimos dias".

"Até o momento ninguém sabe o local exato em que ocorreram. Mas as investigações e intercambio de informação dos interessados levam à suspeita de que o óleo é procedente de comércio clandestino de resíduos". Estes são retirados de navios no interior da Baía de Guanabara, informa ele, e transportados precariamente.

Como a lancha **Pureza** da Sermapi — atualmente em reparos — recolhe óleo derramado na Baía, o Sr Ferrer é frequentemente procurado pelos compradores de resíduos. "O número de pessoas que têm visitado a **Pureza**, perguntando se tem óleo para vender vem aumentando muito, do início do ano para cá", conta. Nenhum desses compradores se apresentou com equipamentos adequados e tanques em bom estado. "Somente queriam o óleo, mas não tinham como carregá-lo, a não ser em tambores velhos". O comércio de resíduos se tornou lucrativo com o aumento dos preços mundiais do petróleo.

Ser formado em Direito é fácil; difícil é advogar

Régis Farr

Poucos dos 4 mil advogados que se formam a cada ano no Estado do Rio estão aptos a exercerem a profissão. Se algum mérito há em saber redigir uma petição em Português compreensível, em enquadrar um caso na lei ou em saber os procedimentos jurídicos a serem tomados, tal mérito cabe apenas ao estudante. Conseguir um estágio que, além de ser obrigatório por lei, tem o peso de ser a única forma de aprendizado prático, não é fácil.

Teoricamente, não são poucos os locais onde um estudante de Direito pode estagiar mas, na prática, eles não são suficientes para absorver todos os alunos dos dois últimos anos do curso. Pior do que isso é falho. Nos escritórios, os estudantes são muitas vezes utilizados como despachantes e secretárias; na Justiça Gratuita e nos escritórios-modelo de algumas faculdades, não há orientação. De qualquer forma, a maioria, quer seja por falta de mercado ou tempo, tem que se contentar em percorrer, por sua conta, tribunais e delegacias: estes são, na expressão de um advogado, os franco-atiradores.

Prática e aula

Para ser aceito como membro da Ordem dos Advogados do Brasil, o estudante tem que prestar um exame na própria Ordem ou, então, ter cumprido um mínimo de 225 horas de prática forense, o que é (ou não) observado por cada uma das 16 Faculdades de Direito que funcionam no Estado do Rio de forma diferente.

Das 10 que funcionam no Município do Rio, têm escritórios-modelo em funcionamento a Candido Mendes/Centro, a Estácio de Sá e a Sociedade Universitária Augusto Mota (SUAM) e, já instalados, mas ainda não funcionando, a Candido Mendes/Ipanema e a PUC. Para a advogada Ruth Sobral Pinto, conselheira da OAB/RJ e diretora de estágio da seção fluminense da Ordem, o escritório-modelo seria a melhor forma de estágio, desde que tendo infra-estrutura.

"O escritório de prática", diz ela, "é muito mais útil do que a semiprática dada em aula. Ao atender o cliente, ao redigir uma petiçãoi ao lidar com casos para cujas soluções irá colaborar, ele sente, pela primeira vez, a responsabilidade da profissão. Com os casos apresentados em aula, já resolvidos, ele não tem muita motivação e seu erro não tem maior importancia".

Críticas

Para muitos estudantes, a atuação da OAB em seus estágios pode ser resumida a dois pontos: a concessão de carteira da Ordem e a cobrança de duas anuidades, das quais 34% são desviadas para a caixa de assistência ao advogado, que não dá direito de atendimento ao estagiário. Fora isso, eles vêem a OAB como apenas interessada em fiscalizar, quantitativamente, seus estágios.

A esta acusação, a diretora de estágio da OAB/RJ responde que a importancia das horas é relativa e acredita que realmente deveria ser atribuida maior importancia à qualidade do estágio. Lembra que a seção fluminense da Ordem está elaborando uma regulamentação geral do estágio, para uma aplicação mais rígida de seus estatutos e provimentos; que muitas faculdades burlam as determinações do MEC e da Ordem no referente ao estágio; e que a OAB está dando tempo a alunos de tais faculdades para que completem o tempo de seu estágio.

Para que seja aceito pela OAB, o estágio não pode ser remunerado, tem que ser feito em dois anos ou por outra, em periodo suficiente para o pagamento de duas anuidades, tem que ter uma parte de trabalhos para a faculdade e as horas gastas pelos estudantes assistindo a audiências ou em visitas a delegacias, presídios e tribunais militares, comprovadas. O que não significa obrigatoriarente que tenham que ser cumpridas.

Escritório é exceção

Leon Zyebersztajn, do último ano da Estácio de Sá, e Nélson Porto, penúltimo da Candido Mendes de Ipanema, não tiveram muita dificuldade em conseguir uma vaga no escritório do advogado Técio Lins e Silva. Mas eles sabem e ressaltam: "Somos exceções, conseguimos colocação aqui através de conhecimento de família". O primeiro problema que eles tiveram foi burocrático: como o escritório nunca tinha recebido estagiários e não estava inscrito na Ordem para tal finalidade, eles tiveram que providenciar a medida.

Segundo a Ordem, há de 150 a 200 escritórios de advocacia do Rio inscritos para receberem estagiários, o que tem que ser feito na proporção de dois para cada advogado, caso o escritório tenha até dois advogados; acima deste número, pode haver dois estagiários a mais do que o número de advogados. Diz ainda que basta ao estudante inscrever-se na Ordem como postulante a uma destas vagas para tentar uma colocação.

Baseados em suas experiências e na de seus colegas, Leon e Nélson dizem que não é bem assim e que sem uma indicação de algum conhecido, nada se consegue. Além do mais, os escritórios não têm motivação para se inscrever na Ordem e muitos deles utilizam o estagiário como mão-de-obra gratuita, para secretariá-los ou apenas seguir o andamento de processos.

Eles vêem o escritório do advogado Técio Lins e Silva como uma exceção e afirmam terem, sempre que necessário, recebido orientação em seu trabalho. O único porém — e aí contam com o endosso de toda a classe de estagiários de Direito — é a proibição, pela Ordem, de remuneração de estágio. Quando muito, há um pró-labore, que vai de Cr$ 1 mil a Cr$ 2 mil mensais.

Assistência e "status"

Leon Zyebersztajn também estagia no escritório-modelo da Estácio de Sá, cujo principal mérito, no seu entender, é o trabalho social feito no atendimento gratuito a quem ganha até dois salários mínimos. Suas principais restrições são quanto às condições do escritório — não tem livros de doutrina — e à pouca orientação dada pelos advogados que lá trabalham e que, de resto, têm como principal vantagem, no entender do advogado Leony Coelho de Melo Lemos, diretor de estágio da Estácio, o *status*.

O Escritório de Assistência Jurídica Gratuita funciona desde 1974, tem cerca de 300 causas em andamento e, este ano, atendeu apenas a 40 novos clientes. Dos 640 alunos da Estácio em condições de estagiar, apenas 90 o fazem no escritório, dando duas horas semanais. As áreas de família (pensão alimentar, desquite, divórcio) e órfãos e sucessões (inventários e arrolamentos) são as que registram maior número de processos e, se o escritório não fez, até hoje, nenhum júri, é porque, "os alunos ficam bastante temerosos, uma vez que a liberdade do acusado vai depender dele", como diz o Sr Leony Lemos.

Ele não admite a palavra fiscalização para definir o trabalho da OAB na faculdade, preferindo dizer que há é colaboração da Ordem para o aperfeiçoamento do estágio. Apesar de ver a lei de estágio de 1972 como diminuidora do poder da Ordem, ele é de opinião que o estágio em escritório-modelo é, atualmente, o ideal.

Pouca assistência

Já o escritório-modelo da Candido Mendes do Centro funciona desde 1971, tem 1 mil 50 estagiários inscritos e é dividido em quatro setores — criminal, trabalhista, cível e família e sucessões — com dois advogados orientadores por setor. Ao se inscrever, o aluno paga uma taxa de Cr$ 50 e é obrigado a dar um plantão de duas horas semanais no escritório.

O advogado e professor Antônio Carlos Biscaia, coordenador-geral de estágio da Faculdade, explica que recebe dois tipos de estagiários: aquele interessado em aprender e que tem intenções de exercer a profissão e aquele que só está interessado em cumprir as horas exigidas por lei para conseguir o diploma. Para uns e outros, ele vê como vantagens de estágio em um escritório-modelo: o atendimento à grande massa de estudantes que de outra forma não conseguiria onde estagiar e o maior controle e assistência por parte dos advogados.

Também lá, os estagiários reclamam uma maior assistência por parte dos advogados que respondem pelos diversos setores do escritório e livros de doutrina para consulta. Em termos gerais, os estudantes que pretendem seguir a profissão dizem não estagiar em escritórios-modelo como primeira opção e sim como única ou então como atividade paralela, uma vez que estagiam em escritórios particulares.

OAB não reconhece

Tatiana de Miranda Jordão e Luis de Alencar Araripe Júnior, ambos do penúltimo ano da UERJ, são bolsistas do Tribunal de Justiça e, por receberem Cr$ 1 mil 352 mensais, seu estágio não é reconhecido pela seção fluminense da Ordem dos Advogados. Embora tenham que fazer o trabalho de funcionários do Tribunal, "desde servir cafezinho até datilografar", como diz Tatiana, também não é fácil — ou, por outra, era, uma vez que este é o último ano que o Tribunal tem bolsistas — chegar lá. Não pela seleção em si, mas pelo fato de que sua realização não é divulgada.

De acordo com o contrato de 10 meses, não renovável, os bolsistas se obrigam a trabalhar 4 horas diárias em qualquer das Camaras, atendendo o público, os advogados, fazendo assistência social ou o que for necessário. Vantagens? "Bem, é a única forma que temos de nos entrosar com a infra-estrutura da profissão e, além do mais", dizem eles, "um estágio no Tribunal conta ponto para quem faz concurso público".

João Carlos Castellar Pinto, do penúltimo ano da Candido Mendes de Ipanema, optou pela outra forma possível de estágio: a Procuradoria, onde o acesso é mais fácil e a assistência por parte do Defensor Público bem menor, pois cada um deles tem, em média, 10 estagiários em sua assessoria.

Estagiando no Juizado de Menores, ele tem as críticas dos que trabalham em outros locais e acha que, por não se fazer nenhuma petição nova — apenas copia os modelos já existentes — o futuro advogado tem dificuldades em criar um estilo próprio. Este estágio, embora seja válido para a OAB, não conta para sua Faculdade.

Restam, ainda, os "franco-atiradores", ou seja, a maioria. Munidos de papeleta de controle fornecida pela Faculdade, o estudante apresenta-a em qualquer Vara ou delegacia e, para cada vez que lá comparece, recebe um carimbo, com assinatura do Juiz da Vara e com o número de horas lá dispendido. No entanto, não é raro o Juiz deixar o espaço reservado ao tempo, preenchido, então, pelo próprio estagiário, nem sempre afeito à realidade.

Motoristas retidos na fronteira querem "dar força" ao DNER

Porto Alegre — Empresários e caminhoneiros, simples freteiros de carga transbordada e funcionários subalternos do DNER, estão "pagando pela mula roubada", conforme expressão de um deles, com a decisão do Governo brasileiro de fazer respeitar a letra do Acordo de Transporte com a Argentina, que proíbe a passagem pela fronteira de jamantas que não sejam devidamente licenciadas para o tráfego. A mula, no caso, foi roubada pela Argentina ao proibir a passagem de mercadorias vendidas pelos brasileiros ao Chile.

Nestas refregas diplomáticas internacionais o Brasil apenas se vale de um instrumento de pressão, acreditam os setores diretamente atingidos pelas mudanças havidas no transporte através do porto seco de Uruguaiana. E, por isso, todos falam pouco porque querem "evitar outros motivos de atrito" mas, também, porque ambicionam "dar força ao DNER cuja atuação tem sido ótima com todos nós. E precisamos mostrar a portenhos e correntinos que é preciso acabar com a argentinice deles".

SIMPLES EXPLICAÇÃO

De um simples caminhoneiro bem-humorado, mesmo saudoso da família que não vê há 60 dias, pode-se esperar qualquer conversa menos a que expõe, com clareza, os motivos das dificuldades que ele — como profissional e homem — sofre na própria carne: "A Argentina aceitou a mediação da Inglaterra que deu o canal de Beagle (Geraldo Alves da Silva, paranaense, pai de nove filhos, que carrega 20 t de carne num Scania da empresa Mallmann, na verdade pronuncia "Bigues") para os chilenos. Então, ficaram brabos com o Chile e impedem que os brasileiros levem a carga para lá. Então o Brasil — que nós também não somos trouxas — dissemos assim: "Ah, não pode passar castelhano *pra* cá nesses caminhões fedorentos."

A roda de companheiros que o escuta dá boas risadas, todos felizes com os desabafados adjetivos. Eles, que não são freteiros — isto é, os veículos que dirigem pertencem a empresas devidamente autorizadas pelos dois Governos para o transporte binacional — estão parados na área de estacionamento do posto Translibres, a quatro quilômetros do Centro da cidade de Paso de Los Libres, ligada à brasileira Uruguaiana pela ponte sobre o rio Uruguai, à espera de documentos dos exportadores dos produtos que transportam para poderem chegar ao Brasil, tão perto.

"Argentino é assim, está sempre complicando. Estou aqui há nove dias, esperando os documentos. Pensei que viriam hoje, mas o despachante já avisou que não chegam", lamenta-se o paulista Paulo Vieira, motorista da empresa Rebesquini S.A., que ganha como a maioria dos colegas mediante comissão sobre o frete: 10% de Cr$ 65 mil. "E eu, esperando desse jeito, vou perder uma viagem". As dificuldades são tantas, dizem eles, "que motorista internacional tem mais condições de trabalhar".

VOLTAR A CASA

O sol fraco da manhã ainda não endureceu a lama do pátio de estacionamento, feita pela chuvarada na véspera. Esses homens que esperam têm as roupas sujas de barro, mas se mostram contentes porque três companheiros freteiros estão voltando para casa. E' que o DNER permitiu que todos os motoristas com caminhões não autorizados para o transporte, que se encontravam em território argentino depois do dia de 31 de agosto — quando caducou a cláusula do acordo binacional que permitia um acréscimo de 100% ao *cupo* (capacidade de carga do total dos veículos habilitados) para os freteiros — entrassem com a mercadoria sob sua responsabilidade pela alfandega de Uruguaiana.

"Não conheceu o **Tonico**? Ele estava aqui ontem, coração pequeno de medo, não ia poder largar o caminhão e voltar pra casa. Aí avisaram, pode ir meu **chapa**, e ele se mandou logo para pegar a aduana aberta", relata o alegre Geraldo. Disse que **Tonico** estava com a mulher, mas é um problema viajar com as mulheres e crianças pela Argentina, como muitos gostam de fazer, porque "a polícia argentina é muito mal-educada e metida a valente. Eles sempre acham um defeito qualquer no caminhão, o pára-choque esta alto, está baixo, está largo. Paga-se uma multa de 3 mil pesos a cada inspeção, são duas a três multas por viagem, Cr$ 300 a Cr$ 400 de multa", declara Paulo Vieira.

"Eles chamam brasileiro de cachorro e botam as metralhadoras no peito da gente e ameaçam. Sai ou te passo fogo, dizem, reviram a cabina, procurando armas. Mas de armas, caminhoneiro só leva uma faca para fazer a comida, que não dá para comer em restaurante", completa Valdemiro Simas. "Cada ano que passa é pior. A Polícia Caminera (rodoviária) está igual à polícia do Rio há 10 anos. Só quer dinheiro".

Mais adiante, no terminal da empresa Corsário Rojo, ainda em Libres, estão os caminhoneiros argentinos, quase nenhum brasileiro. Não que não se conheçam, mas andam sempre agrupados e a nacionalidade ajuda o companheirismo. Há cerca de 30 caminhões e metade deles são de freteiros. Sem permissão para o transporte que faziam regularmente, até há poucos dias, eles esperam agoniados, "como no fogo do inferno", que alguma coisa se resolva.

"Estou aqui há nove dias, cheguei logo depois da proibição. Carrego 825 caixas de maçãs de Rio Negro para São Paulo. A cada duas horas mais ou menos, tenho que ligar o motor do caminhão para fazer funcionar o motor do equipamento frigorífico se não a carga estraga", relata o argentino Agostin Sanpaulese. Seus companheiros Pedro Hugo Lopez e Osvaldo Fragapani, também transportando maçãs e peras, reclamam. "Queremos saber o que se passa. Todos os dias nos dizem que vão **arreglar, que se vá a abrir**, e nada acontece".

Para alguns, a solução já veio: transbordar a carga para caminhões de empresas devidamente habilitadas, como vai acontecer com o caminhão de Nicolas Tito, que viaja com a mulher, Rosa, e o filho de quatro anos, Diego. A cada oito dias, ele trazia frutas para Porto Alegre porque o caminhão é pequeno e não tem equipamento frigorífico, sendo apenas térmico. Por isso, não havia condições de levar a carga até São Paulo ou Rio.

Junto ao posto Argus 8, já em Uruguaiana, àquela mesma hora, começa o transbordo de 20 mil kg de carne de traseiro de um caminhão-frigorífico da Coral para um Scania com placa de Feliz (RS) BJ-6289. Seu motorista, Orlando Pinto da Silva, está com a mulher Maria Alice, e o filho de um ano, Clodoaldo. Ele trabalha a frete, como o caminhão-frigorífico que dirige e que pertence à empresa Sul-Frio, que não está autorizada ao transporte internacional.

PROVA DE RESISTÊNCIA

Antes proibidas de realizar o transbordo para os freteiros, as 44 empresas habitadas ao transporte no Brasil descobriram que a proibição do DNER se referia diretamente ao transbordo de jamantas argentinas para veículos brasileiros, sendo omissa no caso do transbordo entre jamantas brasileiras. Foi o **jeitinho** usado embora com moderação, fazendo com que muitos dos 50 freteiros que se encontravam em Uruguaiana à espera de carga no meio da semana, resolvessem buscar outros locais, partindo vazios.

Luís Olivito Sirlger, proprietário de um Mercedes de Curitiba, placa NX-9500, levou madeira até Barra do Quaraí e, quinta-feira, voltou sozinho e sem frente para casa. "Vou perder Cr$ 8 mil, mas não paga a pena esperar. As empresas estão com muito cuidado nesse caso de transbordo", disse ele. "Graças a Deus", completou, "há muita carga para levar".

A aflição de ficar à espera de carga não chega a incomodar os mais tranquilos, que têm certeza de que, em pouco tempo, "as coisas se ajeitam", como afirmou o gerente da Transportadora Volta Redonda, Sr Waldomiro Castro, observando que as empresas menores, como a que dirige, vão ter maiores dificuldades inicialmente. Mas os empresários brasileiros, de um modo geral, observam que as dificuldades dos argentinos serão muito piores.

"A nossa frota é mais nova do que a deles e isso vai ser uma prova de resistência", explicou o gerente da empresa Aurora, Paulo Tarso Gomes. Para ele, a proibição de efetuar transbordos de veículos brasileiros, uma vez passada a alfandega, para os caminhões argentinos, vai ser mais difícil de contornar para os próprios empresários argentinos. E ainda há mais um ponto desfavorável, já que o Brasil não tem para enviar à Argentina — como ocorre com esta — expressiva carga perecível. Os brasileiros vendem bananas, mas recebem maçãs, peras, cebolas, hortaliças e alhos, entre outros produtos perecíveis, como a carne.

Para os dois países, contudo, o teto de transporte das 44 empresas habilitadas que cada um possui é de 13 mil toneladas. O conjunto do **cupo** era de 10 mil até o dia 31. Com a eliminação dos freteiros, conforme o acordo binacional de 1972, a capacidade conjunta de carga aumentou 3 mil t. "Na realidade, diminuiu 7 mil t., já que o aditivo ao acordo, que caducou, dobrava a capacidade com os freteiros", esclarece um funcionário da empresa Coral — a maior das transportadoras em número de veículos e capacidade de carga e que, talvez por isso, foi uma das escolhidas para levar ao Chile caminhões, ônibus, tratores, motoniveladores e automóveis.

Muitos desses equipamentos — como 42 tratores Ford, oito automóveis Fiat e algumas motoniveladoras — estão nos depósitos da empresa em Uruguaiana, enquanto três ônibus Ciferal, oito tratores Ford, dois chassis Mercedes e um microonibus Mercedes encontram-se próximos a Alfandega de Libres, proibidos de serem conduzidos ao Chile. Sem multas explicações aos dirigentes da Coral, as autoridades argentinas informaram que estava proibida, por ordens superiores, a passagem de veículos autopropulsados, pelo seu território nacional, destinados ao Chile. Mas a explicação não se aplica aos pequenos carros Fiat, todos eles acomodados sobre um caminhão-cegonha, bem como os tratores, que são levados em jamantas A proibição começou em fins de julho, mas houve uma contra-ordem em fins de agosto, logo cancelada.

— Que entrevista afinal vocês querem? Não, aqui não há notícias. Vocês precisam é ir para Cuevas, junto às cordilheiras. Lá é que está o problema, estive lá na semana passada. Em Cuevas, por onde se chega ao Chile, há controle militar e tem mulher sendo treinada para enfermeira. Aqui não há nada — exclama o diretor da Coral, José Carlos Saudades.

O Cônsul do Brasil em Paso de Los Libres, Ney Floriano Correa, diz britanicamente: "E' um problema delicado que está sendo tratado a nível de chancelarias. Eu estou aguardando instruções do Itamarati. Logicamente, os países chegarão a uma solução, mas ignoro em que prazo".

Vigilância sanitária gera crise no Ministério da Agricultura

O Secretário Nacional de Defesa Agropecuária, Sr José Alberto Lira, exigiu — reagindo contra a decisão do Presidente Geisel de retirar o projeto de lei de vigência sanitária — a demissão do técnico José Pinto da Rocha e ameaçou demitir, também, o Secretário de Inspeção de Produtos Animais, Sr Domingos Pinkoski, acusando-os de liderarem a rebelião dos técnicos do ex-Dipoa contra o Projeto 20.

Como presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária, o Sr José Pinto da Rocha, pediu ao Presidente Geisel a retirada do Projeto 20 do Congresso Nacional. Quando o Presidente da República atendeu ao pedido, a entidade enviou ofício agradecendo a medida. A reação do Sr José Alberto Lira foi exigir que o técnico pedisse demissão do cargo que ocupa no Ministério da Agricultura.

A demissão exigida

Em reunião realizada a portas fechadas, quinta-feira, o Sr José Alberto Lira, ao ser informado de que o técnico se recusava a apresentar pedido de demissão da diretoria de inspeção de leite, chamou o chefe da Secretaria de Inspeção de Produtos Animais, Sr Domingos Pinkoski (o técnico José Pinto da Rocha é subordinado direto do chefe da Sipa) e comunicou sua decisão de mandar demitir "o traidor".

Nesse momento, agravou-se a crise em que vive o setor de inspeção do Ministério da Agricultura (são mais de três mil técnicos do antigo Dipoa, espalhados por todo o país) desde que o Projeto 20 foi encaminhado ao Congresso para aprovação em caráter urgente, no mês passado. O Sr Domingos Pinkoski respondeu ao Sr José Alberto Lira que podia preparar dois atos de demissão, o do técnico e o de Pinkoski — "não aceito a demissão dele e, se você quiser demiti-lo, demita-me também", disse Pinkoski.

O Sr José Alberto Lira garantiu que pediria a demissão não apenas de Pinkoski e José Pinto da Rocha, como, também, as dos técnicos Álvaro Dias e Ricardo Calil — que chefiam departamentos de inspeção em São Paulo e que deram entrevistas contra a aprovação do Projeto 20, por considerarem-no lesivo aos interesses da saúde pública e do próprio Ministério da Agricultura.

A rebelião

Terminada a reunião em impasse, o Sr José Alberto Lira dirigiu-se à Secretaria de Modernização Administrativa da Secretaria de Planejamento da Presidência da República para participar de mais uma reunião do grupo de trabalho que está coordenando o reestudo determinado pelo Presidente da República dos dispositivos do Projeto 20, que pretendem apresentar, com nova redação, mas mantendo as mesmas idéias que nortearam a redação do Projeto retirado pelo Presidente da República. Segundo o Sr José Alberto Lira, o Projeto 20, com a nova redação, deverá voltar ao Congresso na semana que vem para apreciação, novamente, em caráter de urgência.

Domingos Pinkoski, por sua vez, viajou para São Paulo, onde se reuniu ontem com os técnicos do ex-Dipoa de toda a Região Centro-Sul, os quais, desde a apresentação do Projeto 20 ao Congresso contra ele se rebelaram.

O primeiro sinal visível do movimento que os técnicos chamam de "rebelião do Dipoa", foi uma reunião dos representantes de 11 entidades de classe da indústria de carnes, em São Paulo, dia 30 de agosto, quando ficou decidido que as indústrias do setor denunciariam o Projeto 20 como uma ameaça à saúde da população, uma vez que sua redação ambígua permitiria a reabertura de quase 2 mil abatedouros fechados entre 1971 e 1975 por absoluta falta de condições higiênico-sanitárias.

Por que a indústria?

Estimulados, a partir de advertências dos técnicos do antigo Dipoa que atuam na fiscalização de 218 estabelecimentos industriais que estão sob inspeção federal do Ministério da Agricultura, os donos de frigoríficos e abatedouros lançaram o primeiro protesto público, formaram uma comissão de representantes que levou um pedido de retirada do Projeto 20 ao Ministro-Chefe da Casa Civil, Sr Golbery do Couto e Silva e passaram "a denunciar o projêto como, além de grave ameaça à saúde da população, a condenação à falência dos estabelecimentos sob inspeção federal e a perda de credibilidade dos produtos brasileiros de origem animal no mercado externo.

Além de estar defendendo seus interesses específicos — o Projeto 20, da forma como estava redigido, instituía duplicidade de fiscalização dentro do mesmo estabelecimento, considerado grave entrave burocrático ao funcionamento das indústrias do setor — os donos de frigoríficos estavam, na verdade, servindo de porta-vozes dos técnicos do Ministério da Agricultura, impedidos de fazer a denúncia em virtude do estatuto do funcionalismo, que proíbe entrevistas e insubordinação contra ordens superiores.

Sinopse na carne

Enquanto se processava a "rebelião do Dipoa", os Ministros da Agricultura e da Saúde, Sr Alysson Paulinelli e Paulo de Almeida Machado — tendo como certa a aprovação no Congresso (o Senador Ruy Santos deu parecer favorável à aprovação e marcou o dia 12 deste mês para a votação) — ao mesmo tempo em que saíam em defesa da nova lei de vigilância sanitária de alimentos destinados ao consumo humano, tomaram a iniciativa de assinar o decreto de regulamentação da nova lei antes mesmo de sua aprovação, no Congresso, e sanção, pelo Presidente da República.

No dia 11, convencido de que os protestos e denúncias contra a aprovação do Projeto 20 não eram fruto de interesses contrariados — o pedido da Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária, naturalmente, contribuiu para a decisão — o Presidente Geisel mandou retirar o Projeto 20 da pauta do Congresso para reexame.

Um dia antes da decisão presidencial, uma reportagem do *Correio Brasiliense*, assinada pelo jornalista Jorge Rosa, e uma notícia de *O Estado de São Paulo* denunciavam o escandalo da "sinopse da carne": ficou provado que, entre a exposição de motivos assinada por três Ministros de Estado — os Srs Alysson Paulinelli, Paulo de Almeida Machado e João Paulo dos Reis Velloso — e endossada pelo Presidente da República e o texto apresentado para votação pelo Congresso, havia uma modificação fundamental.

Um alto funcionário do Ministério da Agricultura, solidário com os "rebelados", revelou a discrepancia entre os dois textos:

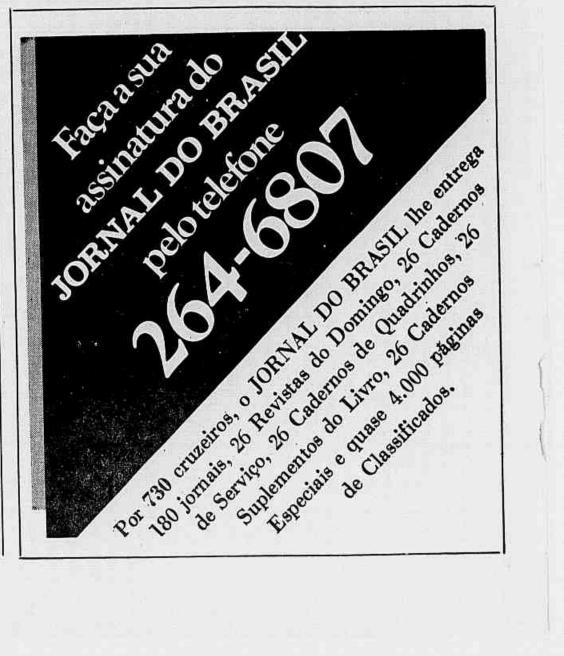
1 — Na exposição de motivos, o projeto original dizia "Ao Ministério da Agricultura incumbirá autorizar o funcionamento de empresas..."

2 — O texto encaminhado ao Congresso diz: "Ao Ministério da Agricultura incumbirá observar os requisitos sanitários para efeito de autorização..."

A tutela indevida

O técnico revelou que a nova redação — que não pode ser conferida porque o Presidente da República havia assinado a mensagem ao Congresso em uma solenidade no Ministério da Saúde na qual seria impossível pedir-lhe para conferir o texto — imporia uma tutela do Ministério da Saúde sobre o Serviço de Inspeção Federal do Ministério da Agricultura, contra a qual levantaram-se os técnicos.

Além disso, o Projeto 20 revogava o RIISPOA — Regulamento de Inspeção Industrial de Produtos de Origem Animal — considerado documento sagrado pelos funcionários do Ministério da Agricultura. Revogava, também, a Lei nº 5 760/71, que estabeleceu a obrigatoriedade de inspeção federal nos abatedouros de todo o país e a Lei nº 5 823/73 — conhecida como a "Lei dos Sucos" — que estabelecia a obrigatoriedade de um percentual de 10% de suco natural nos refrigerantes e a obrigatoriedade de inscrição da palavra "Artificial" no rótulo dos que não contivessem suco natural.

Com a revogação da "Lei dos Sucos" seriam beneficiadas diretamente as multinacionais de refrigerantes — entre elas a Coca-Cola e Pepsi-Cola, além da Nestlé — tidas, pelos técnicos do Ministério da Agricultura, como as verdadeiras "mães" do Projeto 20. Ontem, em Brasília, o Sr José Alberto Lira anunciou que a nova redação do Projeto 20 estará pronta na semana que vem, quando ele será novamente encaminhado ao Congresso para aprovação ainda nesta legislatura.

General exalta a amizade entre Argentina e Brasil

Porto Alegre — "Qualquer problema conjuntural entre Brasil e Argentina pode ser solucionado na base do entendimento e da amizade histórica existente entre os dois países", afirmou ontem o comandante do Corpo de Engenheiros do Exército argentino, General Juan Carlos Canblon, ao comentar a questão da passagem de caminhões na fronteira Uruguaiana — Paso de Los Libres.

"Brasil e Argentina são dois países que vivem irmanandos desde suas origens históricas", observou o General Canblon, que veio ao Rio Grande do Sul chefiando uma comitiva de militares que visitarão obras de engenharia do Estado e do III Exército. Ao desembarcar com sua comitiva no Aeroporto Salgado Filho, ele foi recebido pelo comandante do III Exército, General Samuel Alves Correa, e outras autoridades militares.

RETRIBUIÇAO

Os oficiais argentinos, que vieram acompanhados de suas mulheres, iniciam amanhã as visitas às obras de engenharia do III Exército. O General Juan Canbion disse que "os Exércitos brasileiro e argentino vivem irmanados ao longo da História e vivem profundamente as necessidades e preocupações de seus respectivos povos".

Lembrou o comandante do Corpo de Engenheiros do Alto Comando do Exército argentino que essa visita "retribui a visita feita por oficiais do Exército brasileiro, do setor de engenharia", ao seu país. "Estamos convencidos — disse — que passaremos dias muito agradáveis, porque conhecemos de antemão a amabilidade e a hospitalidade do Exército e do povo brasileiro".

TONELAGEM

Os transportadores internacionais brasileiros que rejeitam o aumento da tonelagem autorizada entre o Brasil e a Argentina argumentam que o fluxo de transito entre os dois países e a capacidade das frotas acham-se ajustados dentro das necessidades de cada país e da filosofia fixada em outubro de 77 na reunião da Subcomissão de Transportes da Comissão Especial Brasil-Argentina de Cooperação.

Na reunião foi determinado que o aumento da tonelagem apenas seria feito apos uma reunião da subcomissão mediante uma "análise da infra-estrutura empresarial das permissionárias", que determinaria ou não "a necessidade de ajuste da capacidade portante", ou seja, do número de semi-reboques ou de caminhões. Não só a reunião não se realizou, como também o comércio bilateral pode ser atendido pela frota atual.

Atualmente transita nos dois sentidos da fronteira um volume médio de 50 mil toneladas/mês de mercadorias, o que pode ser perfeitamente atendido dentro do que fixou a reunião, ou seja, 13 mil toneladas estáticas em frota própria para cada país, acrescida de 80% de transportadores autonomos, que corresponderia a mais 10 mil 400 toneladas, totalizando 46 mil 800 toneladas estáticas para as frotas brasileiras e argentinas somadas.

A frota estática seria apenas a soma das capacidades dos caminhões, enquanto a dinamica seria esta frota rodando uma vez e meia por mes, o que e considerado como nivel econômico para um caminhao. A frota de 46 mil 800 toneladas estáticas, portanto, se transformaria numa frota dinamica de 70 mil toneladas mensais. Mesmo descontando 20% para eventuais avarias de equipamento, ela ainda representaria 56 mil toneladas dinamicas cumprindo, com folga, as necessidades atuais de transito de 50 mil toneladas mensais de mercadoria entre os dois países.

FMI quer economia mais entrosada

Washington — Um processo de ajustamento das economias internacionais mais simétrico e efetivo, maior ênfase no estimulo ao crescimento econômico e à estabilidade dos mercados de cambio com um papel de destaque nesta tarefa para os países em posições econômicas mais fortes, como os Estados Unidos, a Alemanha Ocidental e o Japão — foram as principais recomendações do relatorio anual do Fundo Monetario Internacional (FMI), divulgado ontem.

O relatório considera que "o terceiro ano de recuperação da mais séria recessao das ultimas quatro decadas" apresentou mais uma vez aspectos insatisfatórios, como a diminuiçao geral no crescimento dos países industrializados, exceto os Estados Unidos, a persistencia de altos niveis de desemprego e a queda no ritmo de expansão do comércio internacional, além da existência de taxas inaceitavelmente altas de inflação tanto nos países industrializados como nos países em desenvolvimento, apesar de a Europa e o Japão terem obtido sucesso neste setor.

Brasil, Argentina e Chile são citados como países que conseguiram melhorar seus balanços de pagamentos e fazer progressos no controle ou na moderação da inflaçao, geralmente através da aplicação de politicas de crédito e fiscal mais severas. O desenvolvimento de tendências protecionistas foi apontado como uma situação perigosamente frustante para as economias dos países em desenvolvimento, altamente dependentes dos mercados industrializados e da manutenção de seu acesso a tais mercados. As razões apontadas para o surto protecionista foram o crescimento menor do comércio e as altas taxas de desemprego no mundo industrializado.

O relatório não deixa de citar, como de longe a mais notável, a *performance* da economia norte-americana em 1977, cuja expansão da demanda teria acabado, por seu vigor, em reacender pressões inflacionárias no primeiro semestre deste ano. Nesse sentido, não esquece de assinalar que, principalmente devido às marcantes desigualdades nas taxas de crescimento e de inflaçao entre os Estados Unidos e vários outros grandes países industrializados — ou seja, Alemanha e Japão — as relações de pagamentos internacionais apresentaram uma má distribuição das balanças de conta corrente entre tais países e foram marcadas por periodos de perturbadora instabilidade nos mercados de cambio internacionais.

E' especialmente destacada a continuação da capacidade ociosa da produção nos seis principais países industrializados, além dos Estados Unidos, que registraram apenas 5%, no segundo semestre de 1977, ou seja, menos de um terço das proporções do auge da recessão, isto é, primeiro semestre de 1975. Nos demais países, ao contrário, a média de 15% do mesmo periodo do ano passado estaria persistindo no primeiro semestre deste ano, com a Alemanha apresentando 9% e o Japão atingindo 20%. A média de 15% é cinco vezes maior do que a registrada nas duas décadas anteriores à recessão.

Na América Latina, destacou-se o sucesso da maioria dos países em suas politicas de estabilização e ajustamento, citando-se que o déficit conjunto em conta corrente, que chegara a 16 bilhões e meio de dólares em 1975, caiu para 11 bilhões e meio em 1976 e 8 bilhoes e meio no ano passado. Isto graças a uma melhoria marcante nos termos do comércio, devido em grande parte ao aumento sem precedentes dos preços do café em fins de 1976 e inicio de 1977. As exportações do continente também teriam sido beneficiadas por preços favoráveis para a soja e a maioria das exportações agricolas, assim como por uma forte alta na demanda de importação dos Estados Unidos, principal parceiro comercial dos países da região. Mesmo com a baixa persistente dos preços do açúcar e cereais e a queda no preço dos metais não ferrosos, o aumento geral nos ganhos com a exportação em 1977 foi da ordem de 20%. Os empréstimos a nivel de Governos continuaram aumentando, mas os de bancos privados cairam substancialmente, o que não impediu que o fluxo de capitais continuasse aumentando, permitindo uma acumulação de 4 bilhões e meio de dólares em reservas, que, ao fim do ano passado, totalizavam 20 bilhões, representando quase o equivalente a seis meses de importações.

Em 3 anos Rio atraiu mais de 700 projetos industriais

"O Estado do Rio de Janeiro, a partir de março de 1975 — início da fusão — atraiu mais de 700 projetos industriais (incluindo expansões), que representam investimentos superiores a Cr$ 120 bilhões e criação de mais de 123 mil novos empregos diretos. No biênio 76/77, o crescimento industrial do Estado foi de 9,5%, contra 7,4% do crescimento nacional. Cerca de 21% do IPI nacional são arrecados no Rio de Janeiro".

As afirmações são do Secretário de Planejamento do Estado, Sr Ronaldo Costa Couto, contestando as afirmações de que o Rio de Janeiro estaria entrando em qualquer processo de esvaziamento econômico. "Já está garantido que a renda interna de 1978 deverá ser, pelo menos, 30% reais superior à de 1974 (ano anterior à fusão), ou seja, que a renda interna do Estado cresce quase três vezes mais que a população (estimada entre 12 e 13% no quadriênio)" — disse.

EMPREGOS

Para o Sr Ronaldo Costa Couto é importante destacar o fato de criação de mais de 123 mil empregos diretos que, normalmente, triplicam em termos de empregos indiretos. "O Rio de Janeiro, apesar das afirmações em contrário, é um Estado pobre, que tem de sempre aberto disfarçado e onde se registra o ingresso médio anual de 100 mil pessoas à população ativa".

Outro fato assinalado pelo Secretário de Planejamento do Estado do Rio de Janeiro, prende-se a diversificação dos projetos. "São predominantemente industriais e de ramos dinâmicos, envolvendo também bens e serviços antes não produzidos no Estado". Destacou os projetos de produção de insumos mecânico, metalúrgico, material elétrico e de comunicações, químico e ainda a indústria nuclear, "não considerados nos números mencionados".

INTEGRAÇÃO

Após afirmar ser salutar a tendência que se observa de maior integração da economia, inclusive do ponto-de-vista espacial, disse que novas áreas do Município do Rio e do interior estão sendo conquistadas, com destaque para a periferia do Rio, Itaguaí, municípios da Baixada Fluminense e Médio Paraíba e ainda Norte Fluminense. Entende que não faltarão ao Estado, apesar dos muitos problemas existentes, boas oportunidades de investimentos para as empresas na agropecuária, indústria, turismo e outros setores.

Revelou o Secretário de Planejamento que cerca de 40 novos projetos industriais, representando investimentos da ordem de Cr$ 10 bilhões, entrarão em funcionamento no Estado até o final do ano. "Não raciocinamos como uma equipe em final de Governo, mas sim responsável por uma população de 11 milhões de habitantes. Assim, até março do próximo ano o trabalho dessa equipe será feito com a mesma intensidade, inclusive no apoio a empreendimentos" — acrescentou.

ESTRATÉGIA

Na avaliação da estratégia do I Plan-Rio para o desenvolvimento industrial, disse o Sr Ronaldo Costa Couto que foi feito o desdobramento em diversas linhas interdependentes, referidas à tipologia industrial, localização, recursos naturais, humanos e financeiros, bem como proteção ambiental.

"Foram adotadas medidas estimulantes, criaram-se órgãos poderosos de apoio às empresas — como Banco de Desenvolvimento (BD-Rio) e a Companhia de Distritos Industriais (Codin) — não se permitindo aumentar impostos e dando-se prioridade máxima aos projetos de infra-estrutura econômica e social, que estão absorvendo mais de 80% dos Cr$ 32 bilhões que o Estado aplicou ou está aplicando em suas 3 mil 500 obras (estradas, escolas, postos de saúde, eletrificação rural, abastecimento de água, rede de esgotos, habitação popular e segurança pública)" — afirmou.

No caso específico do BD-Rio, disse que o Banco tem hoje um capital de 1 bilhão, já financiou cerca de 500 projetos — maior parte para pequenas e médias empresas — num total superior a Cr$ 10 bilhões.

Arquivo

O Bocaina ficou 72 dias em testes após sofrer dois acidentes no Rio

Aço usado no "Bocaina" não atendeu a critério técnico

A Verolme utilizou um tipo de aço fora das especificações técnicas na montagem de cerca de 1/3 da rede de carga do navio petroleiro de 116 mil 500 toneladas de porte bruto, Bocaina, que a Petrobrás está se negando a receber enquanto a Verolme não cumprir as exigências do contrato, segundo confirmou ontem uma fonte credenciada do setor.

Ele considera, entretanto, que a decisão "deverá ser política, porque o Governo não permitiria que um estaleiro estrangeiro há quase 20 anos no Brasil fechasse por problemas financeiros devido ao pagamento de multas, pois isto iria repercutir muito mal no exterior. Acho que a Petrobrás acabará recebendo o navio, e se houver multa ela será diluída no preço dos navios seguintes, como já ocorreu", disse essa fonte.

Projeto

"Não é possível determinar se houve erro de projeto, ou na encomenda do material ou mesmo do fornecedor, mas o fato é que na montagem verificou-se que faltava cerca de 1/3 do total da extensão da rede de carga, e a Verolme utilizou-se de chapas de aço comum para completá-la, o que pode acarretar a perda total da rede em seis meses", disse essa fonte.

A rede, que serve para conduzir o petróleo dos tanques de armazenamento no cais até o interior dos porões do navio através de bombeamento, é toda construída em tubos de aço especial fundido.

A complementação da rede com chapas comuns foi feita após solicitação dos técnicos da Verolme ao inspetor da Petrobrás que fiscalizava a construção do navio, e autorizou a montagem "apenas para o teste das bombas", segundo afirmou a fonte. A Verolme, no entanto, após feito o teste não providenciou nova encomenda para substituir as chapas comuns.

"Caso a rede de carga seja operada com esta parcela feita com chapas comuns", disse a fonte, "toda ela se perderá em seis meses quando deveria durar vários anos, porque a chapa comum possui um elemento que se transmitirá pela rede, corroendo todo o sistema".

Também segundo esta fonte, o certificado dado pelo Lloyd's Register não chega a constituir um atestado da durabilidade do material, porque "as sociedades classificadoras limitam-se a atestar os padrões de qualidade da construção em si, e não do material utilizado, como é o caso do aço usado na rede de carga do Bocaina".

Kibon muda diretoria mas não decide se fecha capital

São Paulo — Com novo presidente a partir da próxima semana — o Sr Philippe Darquier, que substitui o Sr Roberto Sansone — a Kibon ainda não tem definição se continuará ou não como empresa aberta, embora oficialmente, sua direção negue interesse em fechamento. Prosseguirá, entretanto, o seu programa de investimentos, aplicando este ano Cr$ 200 milhões em nova unidade industrial, em Bauru, interior paulista.

A empresa, com 37 anos de existência, era controlada acionariamente desde 1960 pela General Foods, principal acionista, com 75% de participação. Em setembro do ano passado, a Kibon realizou uma oferta pública de 2 milhões de dólares, pretendendo fechar seu capital. A participação da General Foods elevou-se então para 97,5%.

São Paulo

Michael J. Moran

Recuperação

A medida, aparentemente, fazia parte do plano de saneamento, posto em prática para superar os resultados negativos dos anos anteriores. Seu balanço do ano passado já registrou um lucro de Cr$ 87 milhões.

Segundo o seu atual diretor vice-presidente, Sr Michael J. Moran, a fase crítica da empresa já foi superada, estando em curso um programa de expansão, que prevê a construção de nova fábrica para operar em 1979 e o aumento da linha de produtos. A Kibon tem um patrimônio líquido de Cr$ 187 milhões e já realizou empréstimos internacionais de Cr$ 290 milhões, com aval da General Foods, para investimentos.

Faturou, no ano passado, Cr$ 2 bilhões 10 milhões e, para este ano, a previsão de faturamento é de Cr$ 3 bilhões, com um crescimento real de 10%, descontada a taxa de inflação. O nível de endividamento da empresa situa-se em 78%, incluindo empréstimos externos de 17 milhões de dólares.

A empresa

O novo presidente, eleito na última 6a.-feira, Sr Philippe Darquier, francês de 44 anos, toma posse na segunda-feira. Ele pertence à General Foods desde 1976 e, ultimamente, era diretor-geral-assistente na subsidiária francesa da multinacional. Anteriormente, perteceu à Johnson e Johnson e à Richardson Marrel Inc., com atuação nos Estados Unidos, Espanha e França.

Hoje, com 4 mil empregados e três fábricas no Brasil (São Paulo, Rio, e Pernambuco) e na posição de maior subsidiária da General Foods da América Latina, a Kibon é detentora de mais de 65% do mercado brasileiro de sorvete (concorrendo com a Nestlé e Gessy Lever), e participa expressivamente do mercado de chocolates e balas (concorre com a Nestlé, Lacta e Confiança), de goma de mascar, refrescos em pó e gelatinas para sobremesa.

Surgiu, em 1941, no Rio com o nome de Cia. U.S. Harkson do Brasil, fundada pelos Srs Ulysses S. Harkson e John Kent Lutey. Em 1943, construiu no bairro da Mooca, em São Paulo, uma fábrica de sorvete e ovo em pó. Em 1958, construiu novas instalações no bairro do Brooklin, que é a sua maior fábrica no Brasil e, desde 1971, mantém a sua unidade no Nordeste (Jaboatão, PE), que, no passado, associou-se à Maguary Produtos Alimentícios S/A, formando a Sorvane.

Figueiredo acha prioritário mudar estrutura fundiária

Avicultor quer comércio livre

O Ministro da Agricultura, Allysson Paulinelli, abre amanhã, às 10h30m, no Hotel Nacional, o XVI Congresso Mundial de Avicultura, que segundo o seu organizador, Sr Lauriston von Schmidt, reúne no Rio 4 mil participantes de 54 países, dos quais 15 representados na exposição de equipamentos. "Esse é um congresso técnico; mas se há uma reivindicação da avicultura, é no sentido de se manter o comércio livre, pois nosso setor prescinde de paternalismo e defende a livre iniciativa, inclusive para o ajuste de preços".

Ele explica: "O consumidor brasileiro deve gastar, este ano, 1 bilhão de dólares, ou Cr$ 18 bilhões, comprando frangos e ovos. A produção de frangos já é um terço da equivalente em carne de boi e, com o aumento dessa carne, nosso mercado cresce rapidamente. Em apenas quatro anos, o setor já exporta 50 milhões de dólares, principalmente para o Oriente Médio. Somos o 7.º maior produtor mundial de frangos e o 11º de ovos, com a lista liderada pelos EUA e União Soviética."

"Nossa reivindicação só pode ser, portanto, no sentido de se deixar o comércio livre, sem interferência do Governo. Nos últimos anos estivemos, até mesmo, na lista CIP/Sunab de controle de preços, da qual já saímos. No Congresso, o principal tema é a nutrição, e nessa área há uma tese interessante: a alimentação dos animais com derivados petroquímicos, como o metanol, deixando-se os alimentos tradicionais, escassos, ao homem" — concluiu o Sr Lauriston.

CANADÁ

Paralelamente ao 26.º Congresso Mundial de Avicultura, o Governo do Canadá promoverá demonstração de seus principais produtores avícolas e de equipamentos, incluindo as empresas Hybrid Turkeys Ltda., que exporta perus reprodutores, e a Shaver Poultry Breeding Farms Ltd, que exporta galinhas reprodutoras para corte e produção de ovos.

Brasília — A solução do problema fundiário é condição prévia para obter resultados de uma política agropecuária no Brasil, segundo raciocina o General Figueiredo, candidato da Arena à Presidência da República. Para isso, ele pretende dar todo o apoio ao posseiro que trabalha a terra, a fim de que possa tornar-se proprietário. Em contrapartida, não dará direito algum ao proprietário que não cultiva a terra e se utiliza dela para especulação. Promete por o grileiro "na cadeia".

Outras idéias agora conhecidas do candidato da Arena, em relação à sua política agropecuária incluem a possibilidade de o trabalhador rural ter sua residência financiada pelo BNH "a preços que o permitam continuar no campo e não migrar para a cidade" e uma ampliação do crédito rural, com redução dos juros cobrados pelos bancos privados e uma dilatação dos prazos. Ele imagina "uma legislação trabalhista adequada ao homem do campo" e "uma previdência social também adequada a ele — principalmente com uma assistência médica condigna".

Três categorias

Para o General Figueiredo, a questão fundiária "é o ponto mais importante, no que diz respeito ao aproveitamento da terra". Ele julga que "aquele que está na terra, há tempos, explorando-a e dela tirando o sustento para si e para sua família — e até a riqueza do país — tem o direito de ter acesso ao imóvel rural". O candidato da Arena identificou como Estados mais carentes de solução para os problemas fundiários o de Goiás, Mato Grosso do Sul e do Norte, Pará e os territórios de Roraima e Rondônia "e, se fomos apertar um pouco, vamos encontrar problemas fundiários até no Estado do Rio".

Ele divide os protagonistas da questão fundiária em três categorias: os proprietários legais, os posseiros e os grileiros. "As terras que não estão produzindo, pertencentes a indivíduos que estão apenas deixando o tempo passar para fazer especulação com a terra e enriquecer sem trabalhar, a essas eu não darei direito a nada. Aos grileiros, eu só posso prometer cadeia, que é o lugar aonde eles devem ir".

"Aos posseiros que estiverem tirando da terra o produto do seu trabalho, a esses eu darei prioridade, para que se tornem, de fato, proprietários da terra", disse. O General argumenta que o posseiro, tornando-se proprietário rural e com acesso ao crédito agrícola, "vai produzir alguma coisa para o país. Mas se ficar abandonado, só pode dar confusão, ficar revoltado contra a sociedade, a mercê de qualquer liderzinho que apareça para insuflá-lo".

A exemplo do que já foi feito no Norte do Paraná, a idéia do candidato é criar grupos de trabalho nas diferentes regiões fundiárias do país, a fim de equacionar a questão. "Sem isso, qualquer esforço que o Governo venha a fazer na agricultura será vão". Outras mudanças estruturais, na área social, estão na programação do General Figueiredo: estender a Justiça do Trabalho ao homem do campo, tornando-a fisicamente mais acessível, e implantar uma legislação trabalhista e de previdência social adequadas ao homem do campo.

Leis adequadas

— Não posso dar ênfase à agropecuária sem dar ao homem do campo uma legislação trabalhista adequada, nem uma assistência, em particular assistência médica adequada. E, além disso, aumentar a possibilidade de o homem do campo ter a sua casa, financiada pelo BNH, a preços que lhe compensem ficar no campo e não procurar a cidade — pensa o General. Para ele, a ênfase à agropecuária encerra, também, o objetivo de fixar o homem ao campo, "para não assistirmos a esse espetáculo que vemos hoje, do abandono de nossas terras, porque os preços que oferecem aos agricultores não são suficientes".

— O que estou verificando é o porquê de o pequeno e o médio produtor serem obrigados a retirar dos bancos particulares o dinheiro a 50 e 60% ao ano — diz o General, a respeito dos problemas do crédito agrícola. "Isso, para mim, é uma medida inflacionária. Então, a pergunta que me faço, e que tenho feito ao Ministro Simonsen, é se essa medida é mais ou menos inflacionária do que aquela de diminuir ou restringir o crédito à agricultura. A minha dúvida é de que o crédito agrícola é menos inflacionário que esses juros altos. Ainda não chegamos a uma conclusão, mas à outra conclusão eu já cheguei: é a de que o crédito rural precisa ser aumentado, os juros precisam ser diminuídos e os prazos precisam ser alterados."

Euler quer desapropriação

A desapropriação de terras improdutivas para a expansão da agricultura e o controle ecológico na ocupação da Amazônia são dois dos pontos do programa agrícola do General Euler Bentes Monteiro, candidato da Oposição à Presidência da República.

O General Euler Bentes defendeu ainda, como um dos pontos necessários para o combate à dívida externa, o aumento das exportações, do setor agrícola. Afirma que "temos que analisar os objetivos do desenvolvimento com a permanente obsessão de incorporarmos todas as camadas da sociedade ao mercado de trabalho e, consequentemente, ao mercado de consumo".

Para ele, é necessário a expansão agrícola porque, além dela propiciar esta incorporação, também os aumentos de salário demandarão uma maior necessidade de consumo básico. "Julgo", explica, "que a agropecuária deve ter uma expansão muito grande, inclusive, como motor de desenvolvimento".

Segundo o candidato do MDB, "devemos expandir a agricultura pelas melhores terras. Isto é, as melhores terras sobre o ponto-de-vista de plantio, como também as melhores terras quanto aos mercados consumidores". Dentro desta visão ele considera mais econômico "pagar pelas desapropriações de terras que estejam improdutivas, do que ir levar a produção para longas distancias".

Ao defender as desapropriações de terras, lembra que o próprio estatuto da terra permite que elas sejam feitas, "pagando-se o preço justo".

Peres acha carne um bom negócio

O Secretário de Agricultura, Resende Peres, disse ontem, ao inaugurar a 19a. Exposição Agropecuária e Industrial do Norte Fluminense, que a pecuária entrou em um novo ciclo, após quatro anos de preços de carne aviltados, e voltou a ser uma atividade lucrativa, já que a arroba está valendo agora Cr$ 500 nesta cidade.

Ressaltou que, na próxima década, a pecuária poderá ser a atividade mais lucrativa do país, se os criadores incorporarem tecnologia na produção de suas fazendas. O presidente da Fundação Rural de Campos, Sr Rubem Venancio, anunciou que a utilização de um novo método para a engorda de gado na seca está apresentando excelentes resultados na região, já que os criadores podem manter a carne estocada no pasto durante o inverno na forma de rebanho vivo, sem os inconvenientes de gastos de frigorificação, alimentando os bois com cana-de-açúcar, folha de arroz, mandioca, sabugo de milho, melaço e uréia.

IMPORTAÇÃO

Belo Horizonte — Ao comentar sobre a necessidade de importação de carne como uma solução para desaquecer os altos preços da arroba de boi, o secretário-geral do Ministério da Agricultura, Sr Paulo Romano, procurou tranquilizar os produtores dizendo que a medida não lhes trará prejuízo. E aventou a possibilidade de revigoração dos preços do café.

Ele representou o Ministro Alysson Paulinelli na abertura da 9a. Exposição Agropecuária, ontem à tarde, no Parque de Exposições da Gameleira. Sobre crédito agrícola, o Sr Paulo Romano assegurou que, para custeio, as liberações já são normais.

Informe Econômico

Como dantes

Com o anúncio do Governo de que está pensando em reabilitar o sistema da intervenção branca *para sanear o mercado financeiro, desconfia-se que a fórmula de ir liquidando tudo o que estiver em dificuldades não deu certo.*

A recente experiência, iniciada com a detonação do Halles (é bem verdade que o incêndio teve que ser debelado com o dinheiro do Estado do Rio de Janeiro), mostrou duas sequelas lastimáveis:

- *Saiu muito caro. Até hoje, a preços não corrigidos, o Governo já gastou uns Cr$ 25 bilhões em operações de saneamento, sendo 10 a* fundo *literalmente* perdido.
- *É muito traumatizante. Cada vez que o Governo decreta uma intervenção, os efeitos não se concentram na instituição atingida, seus credores e clientes. Todo o mercado financeiro se abala, de uma forma ou de outra.*

* * *

No regime antigo, da intervenção branca, *o Banco Central não avisava que estava fazendo intervenção. Punha um fiscal na empresa combalida, sem cuja assinatura não se pagava nada. E, na moita, o Governo ia providenciando a sua venda.*

* * *

Nos Estados Unidos, na última grande explosão do mercado financeiro, a do Franklin, o Federal Reserve (o Banco Central) fez exatamente uma intervenção branca: chamou os maiores bancos e incumbiu-os de tomar conta daquele estouro. Foi o que fizeram.

* * *

Se a intervenção branca *der certo, raramente se precisará recorrer à liquidação extra judicial.*

Prioridade um

Pelo visto, o Ministro Mário Henrique Simonsen está concentrando todos os seus esforços na construção de um bom nível de reservas cambiais, para deixar de herança para o próximo Governo.

Minas dá

Quando abriu o leilão para escolher o Estado em que montaria sua fábrica de bicicletas, que será transferida de São Paulo, a Monark pleiteou do Governo do Rio de Janeiro nada menos que o seguinte:

- *terreno financiado, com taxas subsidiadas;*
- *participação acionária do Estado;*
- *financiamento das obras de construção civil;*
- *comprometia-se a recomprar as ações do Estado só oito anos depois de estar operando;*
- *comprometia-se a pagar apenas 6% de dividendos anuais às ações do Estado.*

* * *

O Governo do Rio não aceitou as propostas.

* * *

A Monark vai para Minas Gerais.

Gastança

O Brasil é o nono país do mundo em número de cartões de crédito emitidos: 772 mil, em 1977.

Os Estados Unidos estão em primeiro: 93 milhões de cartões.

Fim da linha

Os exportadores brasileiros estão começando a ficar aflitos: não vêem jeito de ser aprovado, até o final do ano, um acordo no GATT. Aí, a 1º de janeiro do ano que vem, começa a funcionar, a todo vapor, a guilhotina do Trade Act americano.

A 31 de dezembro, se esgota o prazo para o Executivo americano suspender, através de waivers, *a aplicação de retaliações compensatórias previstas do Trade Act.*

* * *

E a esperança de exportadores brasileiros — e, na verdade, de todos os que exportam para os Estados Unidos — era de que um acordo no GATT, ratificado, depois, pelo Congresso americano, amenizasse o furor do Trade Act. Porém, o GATT continua funcionando na margem lenta em que sempre andou.

Contra Carter

"O Presidente Ford tinha fama de ser um trapalhão, de viver tropeçando. O Presidente Carter está construindo uma reputação ainda pior. A sua política econômica — ou a falta de uma política econômica — está puxando a inflação americana para cima e o dólar para baixo. Não demora muito e ele será obrigado a deflacionar a economia americana. Não por causa da pressão externa sobre o dólar (inclusive porque Carter não acredita nela), mas por causa do ritmo de crescimento da inflação doméstica. Está ficando cada vez mais claro que Carter não entende muito de economia".

Essa abusada crítica foi formulada pela revista inglesa Euromoney, *a suma teológica dos agentes do mercado de eurodólares.*

EUA adiam proibição da venda de combustível da gasolina com álcool

Washington — O Departamento de Proteção ao Meio-Ambiente dos Estados Unidos tomou medidas de última hora ontem, a fim de impedir que o **gasahol** (combustível gerado pela mistura de 90% de gasolina e 10% de álcool) saísse do mercado. O diretor do departamento, Douglas Costle, evitou a entrada em vigor de uma lei que impede a venda do combustível, suspensa até o próximo dia 16 de dezembro.

A proibição de venda do **gasahol** foi aprovada pelo Congresso no ano passado, que alegou a possibilidade de prejuízos ao meio-ambiente. Entretanto, Douglas Costle afirmou que o **gasahol,** já vendido em caráter experimental, parece ser um modo promissor de levar os EUA a diminuirem sua dependência ao petróleo estrangeiro.

Montes diz que cota foi debatida

Bahia Blanca, Argentina — O Ministro das Relações Exteriores da Argentina, Oscar Montes, confirmou ontem que o problema da cota da represa de Corpus, em planejamento por parte dos Governos do Paraguai e Argentina, foi discutido em reuniões entre representantes dos dois países e do Brasil, na semana passada, no Rio de Janeiro.

O Ministro negou, porém, a existência de um pacto de silêncio em torno das negociações mantidas entre os três países com relação ao aproveitamento do rio Paraná.

Dívida já tira sono também do tomador

Gilberto Menezes Cortes

Como é que você se sentiria se devesse duas vezes e meia seu salário anual e se suas despesas de consumo anual estivessem acima de seu salário? E se você, ainda, tivesse que pagar, só de juros anuais, 25% do seu salário? Pois é assim que estamos todos, porque esta é a situação externa do Brasil. E ela dá amplos motivos para tirar o sono não só do credor, mas também do tomador de crédito.

Se forem confirmadas as previsões do Ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, ie que a dívida externa bruta do país fechará com 40 bilhões de dólares em dezembro, com uma dívida líquida (deduzidas as reservas cambiais de 29 a 30 bilhões de dólares, o Brasil deverá exatamente, duas vezes e meia suas exportações, estimadas em 12 bilhões de dólares para 1978.

O problema é que essas exportações (o salário) vão ficar quase 1 bilhão de dólares abaixo das importações (o consumo) estimadas para este ano. E, só de juros, o Brasil vai pagar, em 78, de 2,7 a 3 bilhões de dólares, isto é, 25% das exportações (o salário anual). O que vai obrigá-lo a contrair novos empréstimos, até conseguir que suas exportações superem as importações e as despesas de juros com a dívida, viagens internacionais, fretes marítimos e os *royalties*.

Os banqueiros observam

Essa possibilidade existe concretamente, embora pouco se possa afirmar em termos categóricos além disso. Pois, da mesma forma que a situação se agravou, este ano, em decorrência de fatores climáticos — a soma das perdas em exportações, provocadas pela seca, com o aumento de importações pelo mesmo motivo representou um desfalque de 1,5 bilhão de dólares na balança comercial — uma recuperação agrícola pode alterar a situação nos próximos anos, dessa vez favoravelmente.

Mas, por enquanto, a solução é continuar tentando tomar empréstimos a custos e prazos de amortização mais favoráveis. Os banqueiros internacionais não têm negado crédito ao Brasil. Ao contrário: nos primeiros sete meses deste ano, por exemplo, o Brasil foi o terceiro país maior tomador de empréstimos no mercado do eurodólar (o mais importante do mundo para empréstimos internacionais), com um total de 2 bilhões 770 milhões de dólares, equivalente a um crescimento de 137,36% sobre o volume levantado em igual período de 77 (1 bilhão 167 milhões). À frente do Brasil apenas o Canadá (4 bilhões 780 milhões) e o México (3 bilhões 440 milhões).

Os banqueiros internacionais — e muitos deles estiveram, estão e pretendem estar no Brasil nos próximos meses — dizem que a dívida externa não preocupa, porque está sendo bem administrada, que ela está com um perfil de amortização bem escalonado; que alguns projetos de substituição de importações e a recuperação das safras agrícolas vão proporcionar superávits comerciais a partir de 79, e que a transição política não os assusta.

Será isso mesmo. Em apenas um mês, estiveram no Brasil o vice-chairman do maior banco inglês, o Barclays, Julian Wathen, o presidente do maior banco do mundo, o Bank of America, A. W. Clausen, o presidente do Conselho de Administração do Citicorp (a maior corporação bancária, que controla o Citibank, segundo maior banco do mundo e o que mais emprestou ao Brasil — 3 bilhões de dólares), Walter B. Wriston, que voltou sexta-feira aos Estados Unidos, e o diretor-geral do Deutsche Bank (o maior da Alemanha e o segundo da Europa), Herr Hausen, que chegou esta semana. E, no final de outubro, chega o presidente do alemão Dresdner Bank, o maior financiador do acordo nuclear.

Não será, certamente, para checar os indicadores econômicos do país. Para isso, estão aqui os representantes dos bancos internacionais.

Por todos os depoimentos colhidos, o que preocupa os banqueiros não é como a dívida está hoje, ou como está sendo administrada. Mas, sim, como poderá ser no futuro e como poderá vir a ser administrada, com a passagem do Governo, ao mesmo tempo em que se verifica uma relativa abertura das instituições políticas.

Essa revoada de dirigentes de instituições financeiras internacionais teve, com certeza, um objetivo primordial: obter a garantia de que não haverá alteração substancial na política econômica com relação à entrada de recursos estrangeiros, nem qualquer modificação mais substantiva na forma pela qual será gerida a dívida externa.

Os banqueiros não voltaram, certamente, com muitos detalhes sobre quem e como se administrará a economia no próximo Governo. Mesmo porque ainda não se sabe de nada. Mas, com certeza, tiveram alguns indícios seguros de que: 1) a candidatura Euler Bentes Monteiro, que os assusta, não deverá ultrapassar os umbrais da eleição de 15 de outubro; 2) tudo leva a crer que a administração da dívida e da absorção do capital estrangeiro não sofrerá mudança substancial.

Um dos índices mais seguros é a decisão do Ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, hoje já perfeitamente perceptível, de deixar como herança para o próximo Governo um cômodo colchão: reservas cambiais num nível recorde, qualquer coisa entre 10 e 11 bilhões de dólares.

Para você que se imagina devendo como o Brasil, no entanto, o colchão não deixa de ser, também, incômodo. De fato, os últimos dados divulgados pelo Banco Central sobre a dívida externa mostram que ela aumentou 2 bilhões 594 milhões e 700 mil dólares entre dezembro e março últimos, isto é, 8,10% no trimestre.

O problema, no entanto, não está no simples aumento, mas na forma como serão escalonadas as amortizações dos novos empréstimos. Ainda que o Banco Central tivesse elevado em fins de junho de 77 de 18 para 30 meses a carência para a amortização dos novos empréstimos contratados a partir do segundo semestre de 77 e a melhoria da liquidez internacional tenha permitido ao Brasil contratar empréstimos de 10/12 anos, com carência de três a seis anos, o perfil das amortizações piorou.

E deverá se agravar, no próximo Governo, com o vencimento do prazo de carência dos novos empréstimos contratados. E' justamente essa situação que justifica a ansia do atual Governo de contratar o máximo de empréstimos externos acima de 10 anos de prazo e com elevados prazos de carência. E, também, a verificação *in loco* pelos dirigentes dos maiores bancos internacionais da tendência política do país.

Os dados do Boletim do Banco Central de agosto sobre a dívida existente em março deste ano revelam um aumento nas amortizações previstas entre 79 e 85, justamente o período do novo Governo.

Ao final do ano passado, da dívida de 32 bilhões 37 milhões 200 mil dólares, 15% (4 bilhões 806 milhões 100 mil) seriam amortizados este ano; 15,65% (5 bilhões 306 milhões 200 mil) em 79; 17% (5 bilhões 442 milhões) em 80; 13,66% (4 bilhões 376 milhões 800 mil) em 81; 10,6% (3 bilhões 286 milhões 900 mil) em 82, e apenas 28,1% nos anos posteriores.

Já em março deste ano, quando já tinham sido amortizados 964,9 milhões, mantendo-se, pois, os mesmos 15% estipulados para o ano, para a dívida de 34 bilhões 631 milhões 900 mil dólares, seriam amortizados 15,65% (5 bilhões 421 milhões 600 mil) em 79; 17,3% (5 bilhões 985 milhões 500 mil) em 80; 14,67% (5 bilhões 79 milhões 800 mil) em 81; e 12% (4 bilhões 149 milhões 800 mil) em 82, num total de 74,62% nos primeiros cinco anos.

Esse é o maior percentual amortizado num espaço de cinco anos para a dívida previamente existente desde dezembro de 1973 (ver tabela). E os percentuais que serão enfrentados pelo próximo Governo são, também, os mais elevados desde 1973 para os cinco anos imediatamente posteriores ao saldo da dívida.

Esta situação delicada da dívida, sem dúvida, pode trazer sérios problemas ao Brasil, caso ocorram dificuldades nos mercados financeiros internacionais com uma retração das aplicações dos países árabes, por exemplo.

A Dívida Externa

PIORA SEU PERFIL (EM US$ MILHÕES)

Posição	Total	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano	5.º ano	Soma
Dez. 73	12 571,5	1 725,0	1 499,0	1 490,0	1 392,0	1 241,0	—
Partic.	(100%)	(14%)	(12%)	(12%)	(11%)	(10%)	59%
Dez. 74	17 166,7	1 889,0	1 959,0	1 960,0	1 874,0	1 753,0	—
Partic.	(100%)	(11%)	(11,51%)	(11,42%)	(11%)	(10%)	54,9%
Dez. 75	21 171,4	2 348,5	2 761,4	2 997,6	2 958,3	2 295,9	—
Partic.	(100%)	(11%)	(13%)	(14%)	(14%)	(11%)	63%
Dez. 76	25 985,4	3 283,5	4 113,3	4 327,7	3 722,1	2 585,7	—
Partic.	(100%)	(12,6%)	(15,8%)	(16,6%)	(14,3%)	(10%)	69,3%
Dez. 77	32 037,2	4 806,1	5 306,2	5 442,0	4 376,8	3 286,9	—
Partic.	(100%)	(15%)	(15,65%)	(17%)	(13,66%)	(10,6%)	71,9%
Mar. 78	34 631,9	4 806,1(*)	5 421,6	5 985,5	5 079,8	4 149,8	—
Partic.	(100%)	(15%)(*)	(15,65%)	(17,3%)	(14,67%)	(12%)	74,62%

(*) Com o pagamento de 964,9 milhões de dólares até 31 de março, a amordização entrae abril e dezembro de 78 foi reduzida para 3 bilhões 841,2 milhões, ou 11,1%).

Fonte: Boletins do Banco Central.

Governo também opera no vermelho

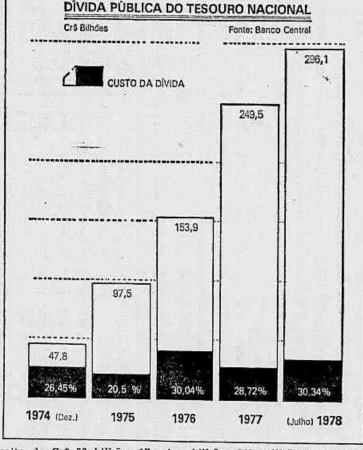
Os indicadores sobre a dívida interna em Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional (ORTNs) e Letras do Tesouro Nacional (LTNs) — que hoje alcança 11% do PIB — também não se mostram favoráveis. Em julho, a dívida chegou a Cr$ 296 bilhões 111 milhões, com aumento de Cr$ 55 bilhões 619 milhões (23,13%) sobre dezembro de 1977 e um crescimento de 519,48% sobre dezembro de 1974.

Os dados de agosto do Boletim do Banco Central mostram, porém, que o custo da dívida (entre juros, correção monetária e descontos) atingiu Cr$ 89 bilhões 841 milhões, correspondendo a 30,34% do total da dívida do Tesouro Nacional em títulos, o mais alto percentual desde 1974. O mais grave é a tendência de aumento da participação desses custos na dívida.

Custos aumentam

Desde dezembro de 1974, quando a dívida era de Cr$ 47,8 bilhões, houve um crescimento de 203,55% na responsabilidade do Tesouro Nasional, até julho deste ano. Em compensação, o custo dessa dívida, que era de apenas Cr$ 12,6 bilhões em 74, representando 20,58% do total, aumentou 347,37% até julho último. E só nos primeiros sete meses de 78 o custo da dívida cresceu 30,05%, contra 20,33% da dívida subscrita e 23,13% do saldo global.

O grande problema para a administração da dívida pública é a falta de interesse que as ORTNs (papéis de dois e cinco anos de prazo) têm despertado nos investidores. O aumento, de 4% para 6% ao ano, nos juros dos títulos de dois anos, e de 6% para 8% ao ano, nos juros dos papéis de cinco anos — adotado a partir de junho — não chegou a corrigir o problema, pois a renovação dos resgates, que não tem sido intensa, se concentra nas ORTNs de dois anos.

Em termos de custo da dívida nesses papéis (Cr$ 119 bilhões 390 milhões), houve um salto de Cr$ 50 bilhões 17 milhões, isto é, 41,89% do total em ORTNs em 77, para Cr$ 64 bilhões 117 milhões (47,14% do total) em julho deste ano. Do ponto-de-vista da administração da dívida, há uma perigosa tendência de encurtamento do seu prazo médio, expressa pela redução da participação da dívida em ORTN no saldo global (incluindo LTNs).

Em fins de 75, a dívida de Cr$ 60 bilhões 112 milhões em ORTNs representava 61,62% do saldo então existente (Cr$ 97 bilhões 4 milhões) o mais baixo os Cr$ 84 bilhões 397 milhões em ORTNs só representavam 54,84% da dívida, percentual que se reduziu para 49,64% no ano passado até cair para 45,93% (Cr$ 136 bilhões 548 milhões); em 1976, de toda a história da dívida pública.

Com a queda do interesse dos investidores pelas ORTNs, restou ao Banco Central que, através do Departamento da Dívida Pública administra a dívida do Tesouro Nacional em títulos, ampliar a colocação de Letras do Tesouro Nacional no mercado e na própria composição da dívida. Em 1975, os Cr$ 37,4 bilhões em LTNs representavam só 38,34% da dívida, enquanto os Cr$ 160 bilhões 3 milhões em julho de 78 respondiam por 54,07% do total de títulos em circulação.

Do ponto-de-vista da administração da dívida tal situação trouxe dois sérios problemas: 1) — o prazo médio da dívida encurtou-se, pois as LTNs são emitidas, semanalmente, com 91 e 182 dias de prazo e, mensalmente, com 365 dias de prazo; 2) — a necessidade de girar essa dívida a curto prazo e a própria ampliação do seu volume no total da dívida exerceu forte influência nas taxas de juros do mercado monetário.

Alta de juros

Ao colocar diariamente, ou semanalmente nos leilões, as LTNs de sua carteira no mercado, o Banco Central influencia uma alta nas taxas de juros dos demais papéis negociados no mercado secundário de títulos públicos e privados de renda fixa (especialmente letras de cambio e certificados de depósito bancário) e nas taxas de financiamentos dos bancos. A menos que não chegasse a neutralizar o excesso de liquidez causado pela expansão dos meios de pagamento, o que seria um contrasenso em relação aos próprios objetivos do Banco Central no **open market**.

Em termos de custos, no entanto, até que o Banco Central conseguiu que a elevação da participação das Letras do Tesouro Nacional na composição da dívida não se elevasse muito. Enquanto em 1975, para o saldo de Cr$ 37,4 bilhões o custo dos descontos (Cr$ 3 bilhões 844 milhões) representou 10,27%, em julho último, para o saldo de Cr$ 160 bilhões 3 milhões em LTNs, os gastos de desconto foram de Cr$ 25 bilhões 701 milhões, ou 16,06% do total. Entretanto, o percentual foi apenas ligeiramente acima dos 15,74% de dezembro de 77 e inferior aos 16,61% de dezembro de 76.

Os técnicos do Banco Central e o Ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, esperam que o mercado reaja favoravelmente às novas taxas de juros das ORTNs, com aumento das subscrições.

Setúbal prevê dificuldades com exportações para os EUA

São Paulo — "As exportações brasileiras para os EUA devem ser prejudicadas nos primeiros três meses de 1979, porque não há tempo suficiente para o Congresso norte-americano apreciar as determinações a serem aprovadas pelo GATT, em outubro. Nós sofremos nas esportações para os EUA porque utilizamos sistemas de incentivos nas vendas externas, e pelo que sei, 12 produtos nacionais, manufaturados, poderão ser afetados".

Esta é a opinião do empresário Laerte Setúbal Filho, novo presidente da AEB — Associação dos Exportadores Brasileiros, que frisa estar emitindo "opiniões pessoais". Ele é favorável à criação de uma coordenação de expórtações, uma Secretaria especial, ligada à Presidência da República. E para que o Governo possa incentivar as exportações, utilizando a desvalorização mais intensa da moeda, sem prejudicar as empresas com dívidas em dólar, ele propõe um confisco cambial, com base no Imposto de Exportação, de modo a gerar recursos para socorrer os devedores em moeda estrangeira.

Arquivo

Laerte Setúbal Filho

Situação dos incentivos

JB — Os incentivos poderiam ser retirados hoje, sem afetar as exportações brasileiras?

Laerte Setúbal — "No meu entender ainda é impossível retirar os incentivos das exportações, pois senão teríamos preços não competitivos no exterior. A maioria dos insumos que utilizamos está acima dos preços internacionais. Para eliminar os incentivos é preciso que a economia brasileira e que os fatores de produção, sejam iguais aos níveis internacionais. Nesse momento, não teríamos condições de retirar os incentivos. Atualmente não há capacidade de produção em escala por parte da indústria nacional para permitir a retirada dos incentivos fiscais às exportações. Além disso, há a falta de um nível eficiente de produção, aliado a um nível eficiente de distribuição".

JB — Como o Sr vê a balança comercial brasileira, hoje?

Laerte Setúbal — "Fiz três projeções em relação à balança comercial brasileira: a otimista dava um saldo de 800 milhões de dólares; a provável dava um déficit de 1 bilhão de dólares: e a pessimista era de 1 bilhão 800 milhões. Acho que a de 1 bilhão de dólares em déficit é que vai prevalecer. Mantenho o bilhão de dólares de déficit".

JB — E as perspectivas para o próximo ano, quais seriam?

Laerte Setúbal — "Não tenho dúvida de que o insucesso na área agrícola, devido a fatores climáticos, é que nos levou a uma situação difícil na balança comercial. Não só pelo fato do que se perdeu nas exportações, mas pelo que tivemos de importar. Acredito que no próximo ano, se não houver pressões que obriguem a uma alteração na política comercial brasileira, haverá equilíbrio".

JB — O Sr é favorável a uma alteração na política cambial brasileira?

Laerte Setúbal — "Sim, sou favorável. Tenho defendido essa tese, de que é preciso que seja feito alguma coisa, mesmo que seja na forma de elaboração de um trabalho de preparação para eventuais pressões para retirada dos incentivos, por causa dos códigos em estudo no GATT".

Discussão na GATT

JB — Como está a discussão no GATT, em Genebra?

Laerte Setúbal — "Pelo código que se discute no GATT, os prazos para retirada dos incentivos são suaves, e portanto não afetarão o Brasil a curto prazo. Entretanto, como o cruzeiro está ligado ao dólar, o exportador brasileiro deve receber mais cruzeiros por dólar ou por moeda forte. Eu acho que uma desvalorização um pouco mais intensa, em certo momento, o que não significa sair da linha, seria interessante. Quando isso ocorresse, dever-se-ia gerar uma fonte de recursos para subsidiar as empresas que devem em moeda forte, que devem em dólar. O que se propõe é a utilização do Imposto de Exportação".

JB — O que seria esse imposto de Exportação?

Laerte Setúbal — "O Imposto de exportação, se justificaria assim: ao receber uma taxa de cambio mais favorável, o exportador se beneficiaria com um extra, que não é mérito dele, mas sim o fato de o Governo dar uma taxa mais alta. E' o que ocorre hoje, no café, e em certas ocasiões, com a soja. E' confisco cambial. Essa seria a fonte, portanto, de recursos que permitiriam subsidiar as dívidas em moeda forte, antes das desvalorizações. As dívidas posteriores, já estariam dentro das novas realidades e assim não haveria subsídio para quem optasse por tomar empréstimo em moeda forte".

JB — As trading companies privadas tem recebido uma série de críticas, principalmente da Cacex. Elas procedem?

Laerte Setúbal — "Esse é um ponto muito delicado. A existência de **tradings** é absolutamente legítima e o papel que elas tem a desempenhar é inteiramente legal. Ela representa o elo entre as pequenas e médias empresas brasileiras e o comprador do exterior; poderão, também, financiar eventualmente a produção interna com o conhecimento que tem do mercado externo. Elas deveriam ter alcançado maior progresso e importancia na exportação brasileira. Aponto, no entanto, dois fatores que impediram essa evolução: o primeiro é a existência de **tradings** estatais como a Interbrás e, parcialmente, a Cobec. A Interbrás começou a ocupar espaços que seriam normalmente das empresas privadas. O segundo, é que os empresários brasileiros, em geral, não têm ainda uma consciência nítida do que é exportação. Eles não sabém que as **tradings** assumem compromissos de fornecimento de produtos, com prazos rígidos, que não sendo cumpridos pelos fabricantes, as deixam em posição delicada. Por causa disso, a **trading company** acaba tendo um comportamento tímido. Na verdade, ela assume compromisso de terceiros, que depois, não é realizado, a deixam numa posição em que ela sofre as consequências".

JB — O que se poderá fazer para mudar essa situação de trading privada?

Laerte Setúbal — "Para mudar a situação deve-se dar possibilidade às **tradings** de terem uma ferramenta de pressão, que seria o financiamento de produção. Se o produtor não cumprisse os contratos, ela poderia pressioná-lo e retirar os financiamentos. O corte no financiamento é, no meu entender, a única forma de pressionar o fornecedor".

Os Estados Unidos

JB — Como está hoje, a posição do Brasil em relação ao comércio com os Estados Unidos?

Laerte Setúbal — "Eu estou com muito medo, e sinto que a estratégia americana é de empurrar com a barriga os acordos de Genebra, que certamente não estarão concluídos antes de outubro. Não haverá tempo material para o Congresso norte-americano ratificá-los, e, portanto, em 7 de janeiro de 1979, serão impostos todos os **countervailings**, que já estão alinhados, e vão pegar desde presunto europeu até o aço mexicano. Parece que 12 produtos brasileiros estão incluídos nessa gama de artigos que sofrerão os chamados **direitos compensatórios**. Os entendimentos que o Ministro Simonsen manteve com o Tesouro norte-americano, apesar de se processarem em ótimo ambiente, e certamente terem recebido do Executivo dos Estados Unidos muito boa vontade, não terão condições de serem praticados porque tudo depende de ratificação por parte do Poder Legislativo. O que o Blumenthal e o Simonsen combinarem, se o Congresso não concordar, não existirá".

JB — O Brasil tem que entrar num estado de emergência nas negociações com os Estados Unidos, para evitar os countervailings a partir de 7 de janeiro?

Laerte Setúbal — "Isso é o que o Ministro da Fazenda do Brasil está tentando. O Ministros disse que não nos preocupássemos, porque ele procuraria um entendimento bilateral. Mas esse entendimento é entre os dois Executivos. Ora, se o que o Executivo norte-americano decidir não for ratificado pelo Congresso, de nada adiantará o esforço".

JB — Qual, então, a solução?

Laerte Setúbal — "Entendo que deve ser feito um esforço muito grande para que se prorrogue a data. Esse esforço deve ser feito por todo o mundo, porque o ambiente, no momento, nos Estados Unidos, favorece a prorrogação. Esse ambiente é causado pelo déficit de ?0 bilhões de dólares na balança comercial norte-americana, sendo 9 bilhões de dólares em exportação de produtos comerciais normais e 21 bilhões em petróleo. Por causa dessa pressão e dos sindicatos norte-americanos e dos próprios produtores, eu não acredito que eles vão abrir mão de uma vantagem como essa. Se a balança comercial fosse favorável, creio que a situação seria diferente".

JB — O que se poderia ter, como última esperança?

Laerte Setúbal — "A única esperança seria os países reivindicantes demostrarem que a posição dos Estados Unidos causará um recesso mundial. Mas parece-me que a legislação norte-americana só afetará produtos subsidiados, e nesse caso o Brasil está mal colocado, pois temos a imagem de país que subsidia. Outros países subsidiam, mas seus mecanismos são menos aparentes que os nossos".

Saída para o Brasil

JB — Alguma saída para o Brasil?

Laerte Setúbal — "Os Estados Unidos, na nossa exportação de 12 bilhões de dólares, representam ao redor de 4 a 5 bilhões de dolares. Nossos maiores parceiros, hoje, são os países do Mercado Comum Europeu. A legislação norte-americana vai afetar nossos produtos manufaturados, que estão tentando entrar no mercado norte-americano, como bolsas, armas e outros. A saída para o Brasil seria o Congresso norte-americano ratificar o acordo do GATT. E' certo que no primeiro trimestre do ano que vem serão afetadas as exportações brasileiras para os Estados Unidos. Não vejo saída para isso".

JB — O que o Sr sugere ao Governo federal para melhorar as exportações brasileiras?

Laerte Setúbal — "Creio que os países em desenvolvimento, como o Brasil, devem insistir na reativação das economias dos países industrializados. Os Estados Unidos, Alemanha e Japão estão com suas economias amarradas. O Brasil precisa liderar um movimento para conseguir sensibilizar os líderes desses países. Em segundo lugar, as decisões sobre o comércio exterior do Brasil deveriam ter uma coordenadoria, a nível de secretaria junto à Presidência da República. Esse órgão compatibilizaria todas as atividades existentes atualmente, sem precisar montar um Ministério, e sua ação se refletiria na dinamização do setor, incluindo, obrigatoriamente a desburocratização. Vou **vender** esse esquema através da Associação dos Exportadores Brasileiros. Uma terceira sugestão, seria a mudança da política cambial, que tem de encontrar uma maneira de tornar a exportação cada vez mais rentável. Não há outra solução para a indústria privada, que não seja a exportação, e para melhorar o preço de venda, temos que conseguir mais cruzeiros. Pode ser uma midi-desvalorização durante um certo período, mas prefiro minha sugestão anterior em relação à política cambial".

JB — O Brasil deve reciclar os mercados para onde já exporta?

Laerte Setúbal — "Devemos buscar novos mercados. Os que já visitamos devem ser reciclados. E os insucessos ocorridos não devem impedir novas investidas. Devemos olhar, novamente, para o Gabão, Nigéria e outros países. Aparentemente, os países em desenvolvimento têm hoje um potencial mais atrativo, se computarmos nas exportações, a área de serviços. Tenho dados a respeito, mas ainda não tive tempo de analisá-los".

Falecimentos

Rio de Janeiro

Fernando Gonçalves de Souza, 76, comerciante, na residência na Tijuca. Nascido no Rio de Janeiro, viúvo de Madalena Pereira de Souza, tinha dois filhos (Fernando, Florinda) e netos. Enfarte do miocárdio.

Luiz Carlos Pessoa de Oliveira, 38, industriário, no Prontocor. Carioca, casado com Lucília Fernandes de Oliveira, tinha um filho (Maurício) e morava em Copacabana. Crise hipertensiva.

Almir Teixeira Martins, 79, funcionário público estadual, na residência em Botafogo. Natural do Rio de Janeiro, solteiro, tinha sobrinhos. Insuficiência cardiorrespiratória.

Sylvio Mendes da Cruz, 83, avicultor, na residência em Campo Grande. Natural de Minas Gerais, viúvo de Marlene Sant'Ana da Cruz, tinha quatro filhos: Jorge, Júlia, Jayme e Jurema, além de netos e bisnetos. Parada cardíaca.

Flávio Duarte de Carvalho, 55, eletricista, no Hospital Souza Aguiar. Nascido no Rio Grande do Sul, casado com Amélia Monteiro de Carvalho, morava no Rio Comprido. Edema pulmonar.

Eliane Correia de Lima, 62, na residência em Bonsucesso. Carioca, solteira, tinha sobrinhos. Cancer.

Olga Nobre, 60, radioatriz, no Hospital Silvestre. Natural do Amazonas, morava em Miguel Pereira. Estrela da Rádio Clube do Brasil, foi diretora de radioteatro da Rádio Clube, cantora lírica do Teatro Municipal em récitas internacionais e nacionais e aluna de canto do professor Murillo de Carvalho, além de radioatriz da Rádio Nacional durante aproximadamente 30 anos. Tinha músicas editadas de parceria com Lourival Faisal e trabalhou nos discos Continental com Braguinha interpretando do **Branca de Neve e os sete Anões**, **Dambo**, **Bambi** e vários outros personagens infantis, sendo sua última interpretação na **Guerra dos Dálmatas**. Atuou também como locutora oficial da Agência Nacional e na dublagem de filmes para televisão. Era filha de Izidro Alacide e de Sarah Nobre, bem como irmã de Nélson Nobre (Rei Momo por vários anos). Tinha um filho: Oscar Alacide Parasoll.

Romeu Pereira da Silva, 33, comerciário, no Hospital do Quitungo. Nascido no Rio de Janeiro, solteiro, morava em Bangu. Cancer.

Vera Cardoso Vieira de Souza, 68, professora, no Hospital da Lagoa. Carioca, solteira, tinha sobrinhos e morava na Gávea. Caquexia.

Jandira Menezes de Albuquerque, 77, na residência na Ilha do Governador. Natural do Rio de Janeiro, casada com Nelson F. de Albuquerque. Embolia cerebral.

Estados

Maria Albarus, 85, no Sanatório Santa Elisabeth em São Leopoldo (RS). Nascida na Alemanha, era viúva de Max Albarus, técnico em mecânica de indústrias metalúrgicas. Tinha três filhos: Helmut Albarus, industriário da empresa Eletrônica Sul-Rio-Grandense em Porto Alegre; Walter Albarus, industriário e diretor da empresa Albarus S/A, multinacional norte-americana de autopeças; e Edgar Albarus, gerente de manufatura da Albarus S/A Indústria e Comércio. Tinha ainda sete netos. Esclerose.

Antônio Martins Filho, 83, funcionário público inativo, no Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Gaúcho de Uruguaiana, trabalhou na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Era casado com Lydia Cardoso Martins e tinha cinco filhos: Agnelo Cardoso Martins, fiscal da Receita Federal em Porto Alegre; Delmar Cardoso Martins, arquiteto formado na Faculdade de Arquitetura da UFRS e que trabalha em Curitiba na empresa Mardel Construções Civis; Maria de Horto Martins Siqueira, advogada pela Faculdade de Direito da UFRS, atualmente funcionária do Tribunal de Contas do Estado; Antônio Martins Neto, comerciante na Capital gaúcha; e Marco Antônio Cardoso Martins, proprietário da empresa Mardel Construções Civis, em Curitiba. Tinha ainda sete netos. Obstrução das vias biliares.

Moacir Lazzarotto de Oliveira, 57, em Ponta Grossa (PR). Paranaense, era diretor da Cia. Antártica, filial naquela cidade. Ingressou na empresa em 1939, então Cervejaria Adriática S/A, como escriturário, conseguindo chegar à diretoria. Funcionários da empresa recordam seu espírito de luta e maneira de ser, sempre pronto a colaborar com seus subordinados, seja no apoio social, esportivo ou religioso. Era membro do Lyons Club Centro, um dos diretores da Associação Comercial de Ponta Grossa, sendo ainda, por muito tempo, diretor do Ferroviário Esporte Clube, Associação Ponta-grossense de Desportos, além de membro associado da grande maioria das entidades sociais e beneméritas daquela cidade. Foi também o fundador e diretor-presidente da ARCA (Associação Recreativa e Cultural Antártica), entidade que congrega funcionários da empresa em todo o país. Casado com Angélica Madalozzo de Oliveira, tinha quatro filhos e quatro netos.

Tobias Nahum Abdalla, 80, em Belo Horizonte. Libanês de Kardurit, chegou ao Rio em 1918, dedicando-se ao comércio. Dois anos depois mudou-se para o interior de Minas e, em 1949, para Belo Horizonte sempre dedicado a mesma atividade. Casado com Vitória Abljaude Nahum, tinha cinco filhos e sete netos.

Olinda Oliveira de Sousa, 88, em São João Nepomuceno (MG). Era casada com José Maria de Sousa. Tinha sete filhos, 42 netos e 81 bisnetos.

Maria Júlia de Toledo Setúbal (Mariquinha), 83, em São Paulo. Filha de Joaquim Floriano de Toledo e de Maria Júlia de Barros, era viúva de Laerte Setúbal. Tinha os filhos: Ulysses Setúbal, casado com Lolita Gertum Setúbal; Irma Volenda Setúbal; Laerte Setúbal Filho, casado com Eny Carderari Setúbal.

Aurélio Bizzocchi, 74, em São Paulo. Filho de Francisco Bizzocchi e de Maria Maimoroi, era casado com Yvonne Bizzocchi. Tinha dois filhos: Darcy, casado com Marlene Camara Bizzocchi, e Daisy, além dos netos: Suzana, Silvia e Ricardo.

Faustino da Silva, 61, em São Paulo. Filho de Bento José da Silva e de Maria Madalena da Costa. Casado com Ana Fontes da Silva.

PM testa reforço na Zona Sul prendendo ladrão de turista

O policiamento ostensivo de Copacabana, Ipanema, Leblon, Urca e Praia Vermelha — normalmente feito por cerca de 300 homens do 19º BPM — estreou, ontem, mais 160 homens dos órgãos de apoio, prendendo o ladrão José Carlos Valério, de 19 anos, que assaltou o turista alemão Karl Hermann. O reforço policial está funcionando, experimentalmente, nos fins de semana, das 8h às 14h, horário de mais comércio e grande afluência de banhistas.

O contingente deslocado para apoiar o policiamento a pé e motorizado foi distribuído em duplas — em alguns locais, como Praça General Osório, em Ipanema, funcionaram duas duplas — principalmente, nas Avenidas Nossa Senhora de Copacabana e Atlantica, Rua Visconde de Pirajá e proximidades dos Morros do Pavão e Pavãozinho.

O ALEMÃO

Com Cr$ 700, 70 marcos e 30 dólares nas mãos, o punguista, depois de roubar o alemão Karl Hermann quando ele tirara a carteira para pagar Cr$ 7 a um engraxate, por volta do meio-dia, saiu correndo pela Avenida Atlantica. Da esquina da Rua Hilário de Gouveia até a Fernando Mendes, foi perseguido por dois policiais. Em frente ao Hotel Excélsior, os dois soldados do 19º BPM que, embora prtencentes à 1a. Companhia de Transito, estavam participando do policiamento ostensivo, o prenderam.

Karl Hermann, bancário, de 54 anos, que está no Rio há três dias, valendo-se de gestos, porque não fala Português, explicou, na 12a. DP, ao delegado João Paulo de Brito, que não viu o punguista, ao pagar ao engraxate. Ele estava perto da praia e o ladrão correu em direção à Rua Fernando Mendes, onde foi preso pelos PMs Claudemiro José Soares e Isio Alves do Nascimento. O ladrão, que mora no Morro do Pavãozinho, segundo moradores da Rua Fernando Mendes, é conhecido assaltante de turistas. Luis Valério foi levado preso numa patrulha da PM e o turista, que mora na cidade alemã de Rangendingen, viaja de regresso hoje à tarde.

EXPERIÊNCIA

Segundo o Estado-Maior da Polícia Militar, que escalou o pessoal do órgão de apoio no policiamento ostensivo, a medida ainda tem caráter experimental e, caso o teste deste fim de semana na Zona Sul tenha resultados esperados (redução de assaltos, *pungas* e furtos de objetos em automóveis), será estendida a outros batalhões.

Os 160 homens, parte dos 2700 que trabalham nos órgãos de apoio das 21 unidades da PM na área do Grande Rio, chegaram ao quartel da PM do 19º BPM, em Copacabana, pouco antes das 8h, receberam ordens de rondar, principalmente, as áreas próximas ao comércio, as preferidas dos punguistas.

Por isso, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, no trecho entre as Ruas Siqueira Campos e Miguel Lemos, havia dois PMs em cada esquina, os quais policiavam, também, a Rua Barata Ribeiro. Outras duplas circulavam pela Avenida Atlantica e pelas Praças do Lido e Serzedelo Correia.

Em Ipanema e no Leblon, embora o número de policiais não tenha sido visto em tão grande quantidade como em Copacabana, notava-se a presença constante de duplas da PM na Rua Visconde de Pirajá e na Avenida Ataulfo de Paiva. Nas praças Nossa Senhora da Paz e General Osório, o reforço foi maior e havia quatro PMs, além dos que ali atuam normalmente.

Na Urca e na Praia Vermelha, os PMs ficaram nas imediações da praia e dos bares, onde, segundo a Polícia Militar, ocorrem com mais frequência brigas, *pungas* e furtos nos carros de banhistas.

No decorrer desta semana, segundo o Serviço de Relações Públicas da PM, o Estado-Maior decidirá se a mobilização do pessoal dos órgãos de apoio será estendida a outros bairros do Grande Rio.

Ex-PM é condenado a 47 anos

Valdeci da Silva — soldado expulso da Polícia Militar e um dos três militares acusados de terem assassinado dois presos e ferido um terceiro, à margem de uma estrada que liga Duque de Caxias a Belford Roxo — foi condenado, ontem, à 47 anos de prisão e mais dois anos e oito meses por medida de segurança, pelo Tribunal do Júri de Nova Iguaçu

Os outros ex-PMs — José Alberto e Jaci da Silva, também envolvidos no assassinio dos presos Waurisson Santos Simões e Luis Clemente — ainda não têm data marcada para serem julgados, segundo informou o Promotor José Pires Rodrigues, da 4a Vara Criminal de Nova Iguaçu, onde corre o processo.

O assassinio dos presos Waurisson Santos Simões e Luis Clemente ocorreu na madrugada do dia 29 de setembro de 1976. Nesse dia, o PM Valdeci da Silva contratou o motorista do táxi Opala placa RJ KI 0357, Eduardo Vinhas Aguiar, esclarecendo antes que era preciso passar pelo posto policial de Duque de Caxias, no Shopping Center da cidade.

Quando voltou ao táxi, Valdeci estava em companhia dos PMs José Alberto e Jaci da Silva e dos presos Waurisson, Luis Clemente e Daniel Cabral de Sousa. Ao chegarem à margem da estrada que liga Caxias a Belfort Roxo (na altura do lote 15) os policiais pediram ao motorista que parasse o carro, desceram com os presos e atiraram várias vezes contra eles. Em seguida, ameaçaram o motorista Eduardo Vinhas Aguiar, dizendo que ele ficasse calado, para seu próprio bem, pois aquilo não ia dar em nada".

Mas um dos presos, Daniel Cabral de Sousa, conseguiu sobreviver, gravemente ferido. Ele foi internado no Hospital Sousa Aguiar e, enquanto se recuperava, denunciou o assassinio.

Quando recuperado, foi ouvido na Delegacia de Homicídios, onde contou tudo que acontecera.

O julgamento de Valdeci iniciou-se às 9h de sexta-feira com a leitura dos autos, que só terminou por volta das 15h, quando começaram os trabalhos da acusação, pelo Promotor José Pires Rodrigues, que duraram até às 18h.

O advogado do acusado, Sr Paulo de Melo, negou a autoria do crime, baseado no laudo que constatou que os projéteis que mataram os presos não eram da arma de Valdeci (de calibre 38, usada por toda a polícia).

O Sr Paulo de Melo só admitiu as acusações menores que pesavam contra seu cliente, que eram de violência e arbitrariedade, mas isso pouco adiantou, porque Valdeci tinha contra si o testemunho do preso Daniel Cabral de Sousa e do motorista Eduardo Vinhas Aguiar, sempre lembrados pelo Promotor José Pires Rodrigues.

Polícia procura vereador da Arena condenado por ser banqueiro de bicho no Sul

Porto Alegre — A polícia gaúcha procura localizar o presidente da Associação Comercial e também vereador da Arena no Município de Tramandaí, Hugo Moeleck, por ser banqueiro do jogo do bicho, cuja banca foi estourada pela polícia, levando à sua condenação pela Justiça à pena de oito meses de detenção e à multa de Cr$ 30 mil.

O vereador arenista está foragido, e responde, também, a inquérito na Polícia Federal, por envolvimento, juntamente com o Prefeito Décio Gomes de Azevedo, na venda irregular de 132 terrenos da Prefeitura sem licitação pública.

NEGOCIATA

O delegado Wilson Muller Rodrigues, da Delegacia de Tramandai (cidade balneária a 122 km desta Capital), comandou pessoalmente uma batida nos fundos da loja de Hugo Moeleck, prendendo quatro pessoas, que terminaram confessando que o banqueiro no jogo do bicho era o Vereador arenista. Hugo Moeleck também explorava os serviços do clube e restaurante Beira-Mar, mas nem ali nem na sua residência ele foi localizado pelos policiais.

Na semana passada, a Superintendência Regional da Polícia Federal, de Porto Alegre, enviou dois agentes para iniciar inquérito sobre a venda irregular de 132 terrenos municipais, e que beneficiaram a empresa territorial urbanizadora e o próprio Vereador Hugo Moeleck. Em janeiro do ano passado, a Prefeitura pediu licença para a alienação dos imóveis, alegando o Prefeito Decio de Azevedo que os lotes seriam adquiridos por funcionários públicos municipais e outras pessoas da comunidade que não tivessem casa própria. Semanas depois, os vereadores souberam que o Prefeito havia vendido os terrenos sem licitação a empresas imobiliárias e ao Vereador arenista.

A Camara Municipal (com maioria arenista) tentou vetar a licença que concedera ao Prefeito para a venda do terreno, e um dos que procuram impedir o veto foi exatamente Hugo Moeleck, beneficiado com o negócio irregular, adquirindo 38 lotes, por um preço muito inferior ao do mercado imobiliário. No dia seis deste mês, um grupo de moradores ingressou com ação popular, visando anular a venda dos terrenos, por parte do Prefeito nomeado de Tramandai (área de segurança nacional). A decisão do foro de Tramandai, condenando Hugo Moeleck por ser banqueiro do jogo do bicho surpreendeu a cidade de Tramandai, onde ele é o presidente da Associação Comercial.

Ministério da Justiça pede ao Governo urgência para novo órgão contra drogas

Brasília — Para convencer o Governo da necessidade de urgência na adoção do Sistema Nacional de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Drogas, o Ministério da Justiça encaminhará ao Palácio do Planalto o primeiro diagnóstico oficial sobre a situação no país. O relatório mostra que 3% das internações no INAMPS, em 1977, foram de viciados em tóxicos e 16% por abuso de álcool.

A comissão dividiu o trabalho em cinco volumes, propondo, entre as normas de tratamento e reabilitação do toxicômano, a criação de uma Fundação Nacional de Prevenção de Drogas, cujo anteprojeto foi elaborado separadamente. Sugere, ainda, ao Governo, o tratamento ambulatorial, para o qual deverão ser adaptados 272 hospitais públicos ou credenciados pelo INAMPS.

INCIDÊNCIA

Na parte de estudos, relativa a diagnóstico, em 10 meses, a comissão, com auxílio do Instituto de Medicina Social e de Criminologia de São Paulo, constatou que, dos 3% das internações referentes a viciados, 47% foram por maconha, 8% por cocaína e o restante por outros entorpecentes. A incidência, em São Paulo, considerada um dos principais centros de consumo em relação a tóxicos, apresentou, em 1975, uma variação de 24% a 28% sobre as internações e tratamentos em ambulatórios, em toda a rede hospitalar do Estado.

A adoção do programa federal deverá ter início nas chamadas áreas metropolitanas e com recursos do Fundo de Assistência Social, que enfrenta difícil situação econômica. A comissão, em Brasília, fez questão de esclarecer que a CPI dos Tóxicos, aberta pela Camara dos Deputados, em 1974, prestou uma das principais colaborações ao programa de pesquisa e sugestões por ela elaborado, para criação do Sistema Nacional de Prevenção, Fiscalização e Repressão a Drogas.

O novo sistema, de acordo com a comissão, "não deverá sofrer descontinuidade, sob pena de desacreditar o Governo nas suas intenções de solucionar o problema dos tóxicos".

Cordon Real, Quelensky e Axioma vencem no Hipódromo de C. Jardim

São Paulo — Axioma, Quelensky e Cordon Real, foram os vencedores ontem à tarde, em Cidade Jardim, das eliminatórias dos potros nacionais com três anos, sem vitória, realizadas em raia de grama leve e na distancia de 1 mil 400 metros, com dotação de Cr$ 58 mil. O melhor tempo para a distancia foi de Cordon Real, com 1m26s2.

Axioma é um filho de Millenium em La Bruyere (propriedade e criação dos Haras São José e Expedictus, treinado por W. Mazalla); Quelensky é um filho de Zenabre em Indantren (propriedade e criação do Haras São Martim, treinado por A. Pignatari); e, Cordon Real, filho de Gay Garland em Tezeta (treinado por S. Lobo e propriedade e criação do Haras Rosa do Sul). O movimento de apostas chegou a Cr$ 14 milhões 286 mil 176, o dos portões a Cr$ 4 mil 624, e, o do betting duplo exato a Cr$ 218 mil 984, (líquido) — com 17 ganhadores.

RESULTADOS

Os resultados técnicos do programa de ontem em Cidade Jardim foram os seguintes:

1º Páreo — 1393 — 1.300 metros — A. L. Cr$ 40 mil.

1º Crest, J. M. Amorim
2º Baroda II, L. C. Silva
3º Con Crema, A. Valente

Tempo: 1'22"8/10 — Vencedor: 0,52 — Dupla: (23) — Placês: (3) 0,31 (2) 0,23 — Proprietário: Stud Expert. — Treinador: W. Garcia. Filiação: Klairon em Christmas. — Criador: Stenigot Ltda.

2º Páreo — 1394 — 1.500 metros aprox. — G.L. — Cr$ 40 mil.

1º Zelda, J. M. Amorim
2º Melody Blues, V. Matos
3º Torquemada, J. Silva

Tempo: 1'34"5/10 — Vencedor: 0,10 — Dupla: (58) 0,42 — Placês: (8) 0,10 (5) 0,16 — Proprietário: Haras Jahu — Treinador: J. Alves — Filiação: Adil em Siga — Criador: Haras Jahu e Rio das Pedras Ltda.

3º Páreo — 1395 — 1.000 metros — G.L. — Cr$ 50 mil.

1º Malacacheta, M. C. Souza
2º Rely II, A. Barroso
3º Ribera Young, I. F. Ribeiro

Tempo: 1'00" — Vencedor: 0,50 — Dupla: (35) 0,37 — Placês (3) 0,17 (5) 0,12 — Proprietário: Stud Rainha — Treinador: W. S. Silva — Filiação: Playboy em Legina — Criador: Haras Pirassununga.

4º Páreo — 1396 — 1.000 metros — G.L. — Cr$ 50 mil.

1º Vertical, R. Penachio
2º Tes Far, J. Tavares
3º Double Dwy, A. Barroso

Tempo: 59"8/10 — Não correu Azuleida — Vencedor: 0,56 — Dupla: (78) 2,16 — Placês: (9) 0,56 (7) 0,28 — Proprietário e Criador: Haras São José e Expedictus — Treinador: W. Mazalla — Filiação: Fort Napoléon em Jerusa.

5º Páreo — 1397 — 1.500 metros aprox. — G.L. — Cr$ 50 mil.

1º Zenamour, E. Sampaio
2º Fine Master, J. Dacosta
3º Verdillon — I. Quintana

Tempo: 1'32"5/10 — Vencedor: 0,39 — Dupla: (15) 0,41 — Placês: (5) 0,20 (1) 0,15 — Proprietário e Criador: Haras São Quirino — Treinador: M. Dacosta — Filiação: F. Creek em Qui Passion.

6º Páreo — 1398 — 1 500 metros — Aprox. — GL — Cr$ 50 mil

1º Lambisco — D. Albres
2º Zuego — R. Penachio
3º Iano — I. Quintana

Tempo: 1'33" — Vencedor 0,61 — Dupla (28) 3,43 — Placês (2) 0,43 — (11) 0,74 — Prop. Juergen Hermann Selke. Treinador: E. Campozani Fº — Filiação: Darda II em Golden Gate. Criador: Haras Heva.

7º Páreo — 1399 — 1400 metros — Aprox. — GL — Cr$ 58 mil

1º Axioma — M. Colaneri
2º Foary — J. Garcia
3º Ginger Fizz — A. Barroso

Tempo: 1'27" — Vencedor: 0,21 — Dupla (12) 0,69 — Placês (1) 0,16 (2) 0,28 — Prop. e Criador: Haras São José e Expedictus. Treinador: W. Mazalla. Filiação: Millenium em La Bruyere.

8º Páreo — 1400 — 2 000 metros — Aprox. — GL — Cr$ 50 mil

"Betting Duplo Exato"

1º Touro Sentado — A. Barroso
2º Alipante — A. Masso
3º Bhuch Lark — E. Amorim

Tempo 2'06" — Não correu Gralho. Vencedor: 0,19 — Dupla (23) 1,01 — Placês (2) 0,15 (3) 0,39 — Prop. Stud 20 de Setembro. Treinador: W. Garcia. Filiação: Copernique em Garvey Girl. Cr. St. Confiança.

9º Páreo — 1401 — 1 400 metros — Aprox. — GL — Cr$ 58 mil

"Betting Duplo Exato"

1º Quelensky — L. Cavalheiro
2º Lost Treasure — J. Dacosta
3º Sherryngton — E. Sampaio

Tempo: 1'27"2/10 — Vencedor: 0,40 — Dupla (34) — 0,85 — Placês (4) 0,23 (3) 0,18 — Prop. e criador: Haras São Martim. Treinador: A. Pignatari. Filiação: Zenabre em Indantren.

10º Páreo — 1402 — 1 400 metros

"Betting Duplo Exato"

1º Cordon Real — L. Cavalheiro
2º Fumeiro — J. Garcia
3º Joy King — E. Le Menor Fº

Tempo: 1'26"2/10 — Vencedor: 0,20 — Dupla (25) 0,61 — Placês (5) 0,15 (2) 0,29 — Prop. e Criador: Haras Rosa do Sul. Treinador: S. Lobo. Filiação: Gay Garland em Tezeta.

Montarias para 5.ª-feira

1º Páreo — As 20 horas — 1.000 metros — Cr$ 30 mil ao 1º e Cr$ 25 mil ao 2º colocado — (COMPULSÓRIO).

			Kg.
1—1	Coravi, L. Santos	5	51
"	Igória, F. Araujo	5	51
2—2	Contik, L. Alves	9	55
3	Celt, M. Silva	1	57
3—4	Campus, F. Alves	4	59
5	Pormenor, P. Lima	2	53
4—6	Paragua, D. Guignoni	6	57
7	Cambrota, F. Carlos	3	51
8	Ginete, J. M. Alves	8	49

2º Páreo — As 20h25m — 1.600 metros, Cr$ 42 mil.

			Kg.
1—1	Easy Love, J. Escobar	2	56
"	Nassovran, J. M. Silva	8	56
2—2	Bamborial, G. F. Almeida	4	56
3	Fobrasa, J. F. Fraga	5	56
3—4	Lord Johnny, J. Ricardo	7	57
5	Witz, S. Silva	1	56
4—6	Sir Sloop, G. Alves	6	55
"	Agigantado, F. Esteves	3	57

3º Páreo — As 20h50m — 1.200 metros, Cr$ 46 mil (INICIO CONCURSO 7 PONTOS).

			Kg.
1—1	Harpoon, M. Carvalho	4	56
2	Number One, J. Malta	6	56
2—3	Quality Show, A. Oliveira	3	56
4	Doodle, E. Freire	9	56
5	Doctor Snow, F. Pereira	2	56
3—6	Abilio, E. Fereira	5	56
"	Colector Skiddy, G.F. Alm.	8	56
7	Hal Jourden, A. Pinheiro	10	56
4—8	Adolfo, G. Meneses	11	56
9	Sangor, L. Gonzales	1	56
10	Faustus, E. R. Ferreira	7	56

4º Páreo — As 21h20m — 1.000 metros, Cr$ 30 mil.

			Kg.
1—1	Intacha, L. Alves	7	58
2	Carandá, J. R. Oliveira	2	58
2—3	Civacha, M. Andrade	9	57
4	Lullaby, R. Macedo	3	57
3—5	Jaguá, L. Carlos	8	58
6	Gaulesa, E. B. Queiroz	4	57
4—7	Ilha do Sul, M. Vaz	5	53
8	Nhanbi, A. Ferreira	1	57
9	Cliana, J. Ricardo	6	56

5º Páreo — As 21h50m — 2.100 metros, Cr$ 150 mil (DUPLA - EXATA).

			Kg.
1—1	Earp, J. M. Silva	15	59
"	Mauser, J. Escobar	12	61
2	Podem Jogar, A. Oliveira	9	59
3	All Right, J. Pinto	14	59
2—4	Xengo, F. Esteves	8	59
"	Mister Sun, G. Meneses	11	61
5	Cash, D. F. Graça	1	61
6	Zar, G. Alves	5	59
3—7	Juanero, F. Pereira	7	61
8	Laringolo, J. Ricardo	13	59
9	Dwell, W. Gonçalves	6	61
10	Expedicto, L. Gonzalez	10	59
4-11	Sandi, A. Ramos	4	59
12	Horobiov, J. L. Marins	3	61
13	Jeton, G. F. Almeida	16	61
14	Giorgiano de Dios, E. F.	2	59

6º Páreo — As 22h30m 1 000 metros — Cr$ 35 mil

			Kg
1—1	Gay Bride, J. Escobar	4	56
"	M. Pindorama, J. M. Silva	8	56
2	Transilvania, L. Gonzalez	7	56
2—3	Sunegra, J. Pinto	12	56
4	La Flecha, E. B. Queiroz	2	56
5	Goody Berry, F. Araújo	11	56
3—6	Chiqueza, W. Gonçalves	5	56
7	Ibaté, D. Guignoni	9	56
8	Olivander, M. Carvalho	10	56
4—9	Dauta, J. Garcia	3	56
10	Colúmbia, E. R. Ferreira	1	58
11	Krippa, D. Neto	6	56

7º Páreo — As 22h50m — 1 200 metros — Cr$ 35 mil

			Kg
1—1	Abacan, D. Neto	6	57
2	Kings, J. Ricardo	9	58
3	Elomita, W. Gonçalves	2	55
2—4	Racemo, D. Guignoni	1	57
5	Terceto, J. M. Silva	10	59
6	Zelope, R. Freire	4	58
3—7	Avançado, L. Gonzales	11	57
8	Mata-Sonos, A. Ferreira	8	57
9	Gatsby, F. Carlos	12	56
4-10	Jobard, H. Vasconcelos	5	58
11	Anager, J. Malta	3	58
12	Tottenham, A. Ramos	7	57

8º Páreo — As 23h20m — 1 000 metros — Cr$ 30 mil

			Kg
1—1	Dançarino, D. Neto	2	56
2	Tecelão, E. R. Ferreira	6	57
3	Prince Twist, C. Pensabem	11	56
2—4	Galieni, A. Ramos	12	57
5	Blue Jeans, F. Esteves	9	58
6	Archibald, O. Rodrigues	4	58
3—7	Infimo, A. Souza	6	57
8	Hokkey, W. Gonçalves	1	57
9	Bip, C. Valgas	5	57
4-10	Fio Maravilha, L. Gonzalez	10	58
11	Delmondo, J. Malta	3	58
12	Rei do Pique, A. Ferreira	7	58

9º Páreo — As 23h50m — 1 300 metros — Cr$ 35 mil —

DUPLA EXATA

			Kg
1—1	Sang D'or, D. Neto	17	57
"	Kingdon, F. Esteves	4	57
2	Amaranto, J. R. Oliveira	3	56
3	Kohoutek, E. R. Ferreira	9	56
2—4	Guatós, A. Oliveira	7	57
5	Tallok, J. Pinto	1	56
6	Feno, F. Pereira	12	57
7	Cantão, A. Souza	5	56
3—8	I'am Sorry, G. F. Almeida	13	58
9	Don Daniel, J. Ricardo	10	56
10	Laço Forte, R. Macedo	2	57
11	Impassivel, J. M. Silva	16	56
"	Jaybird, A. Ferreira	6	57
4-12	Volibol, M. Andrade	14	57
13	Boaventura, G. Alves	18	57
14	Estático, L. Gonzalez	11	54
15	Ephori, E. Ferreira	8	55
"	Banderin, C. Valgas	15	56

Gabriel Meneses afaga Aporé ao voltar da raia após o fácil triunfo

Elisio é a força do clássico

PRIMEIRO PAREO — AS 14H — 1 300 METROS — RECORDE — CAROATÁ — 1m15s 3/5 — (GRAMA)

1—1	Long Lady, J. Machado	4	56	2º (7) Quadratura e Eize	1 200	NL	1'14"3	I. C. Borioni
2—2	Guianca, A. Abreu	3	55	2º (8) Eize e Andima	1 300	AM	1'22"2	N. Pires
3	Equidade, G. F. Almeida	1	55	7º (7) Quadratura e Long Lady	1 200	NL	1'14"3	J. B. Silva
3—4	Aristaretta, G. Meneses	7	55	1º (10) Taymar e Tisch	1 400	GU	1'26"	F. Saraiva
5	Eguel, J. M. Silva	2	56	5º (8) Eize e Guianca	1 300	AM	1'22"2	S. Morales
4—6	Andima, J. Pinto	5	55	3º (8) Eize e Guianca	1 300	AM	1'22"2	R. Carrapito
7	Duinha, J. Ricardo	6	56	1º (8) Tcheka e Anhingá	1 000	AP	1'02"3	P. Morgado

SEGUNDO PAREO — AS 14H30M — 1 300 METROS — RECORDE — YARD — 1m18s 3/5 — (AREIA) — DUPLA EXATA —

1—1	Berlioz, A. Ramos	1	57	2º (10) Piu Forte e Ki-Jato	1 300	AP	1'22"4	J. A. Limeira
2	Graboski, J. Malta	9	57	7º (10) Piu Forte e Berlioz	1 300	AP	1'22"4	G. Ulloa
3	Babilônio, R. Macedo	10	57	6º (10) Tarneko e Adarme	1 300	AP	1'23"1	S. d'Amore
2—4	Avispado, G. Alves	8	57	3º (10) Tarneko e Adarme	1 300	AP	1'23"1	S. Morales
5	Decujos, A. Souza	6	57	1º (5) Emira (BH)	1 000	AL	1'05"2	H. Tobias
6	Bahar, A. Garcia	5	57	6º (9) Sindus e Czar Rurik	1 400	AL	1'29"4	L. Ferreira
3—7	Cafeeiro, J. Ricardo	7	57	4º (15) Czar Rusian e Saranac	1 300	NL	1'21"3	L. Acuña
8	Cabedal, C. Amestely	3	57	6º (11) Don Mik. e C. du Midi	1 200	AP	1'16"	W. Meirelles
9	Simão, G. F. Almeida	2	57	5º (17) Elementar e Piu Forte	1 400	GL	1'24"2	G. F. Santos
4-10	Benvolo, D. Neto	12	57	5º (10) Tarneko e Adarme	1 300	AP	1'23"1	A. Nanid
11	Peteleco, E. R. Ferreira	11	57	4º (11) Don Mik. e C. du Midi	1 200	AP	1'16"	E. C. Pereira
12	Kimuki, L. Gonzalez	4	57	7º (14) Skopelos e El Jaguar	1 300	NL	1'22"2	Z. D. Guedes

TERCEIRO PAREO — AS 15H — 1 600 METROS — RECORDE — LUCCARNO — 1m33s 4/5 — (GRAMA)

1—1	Abilene, J. M. Silva	8	57	1º (8) Golden Leg. e P. Norma	1 300	NL	1'20"	W. P. Lavor
2	Snow Beti, R. Macedo	5	51	8º (10) Quenomá e Cartaza	1 500	GM	1'31"3	H. Tobias
2—3	Script, G. F. Almeida	2	52	1º (12) Snow Joe e Can I Say	1 600	GL	1'35"2	G. F. Santos
4	Missamba, J. Malta	3	50	2º (7) Gavidia (CJ)	2 000	AP	2'09"2	E. Feijó
3—5	Quenomá, E. Ferreira	1	55	1º (10) Cartaza e Safia	1 500	GM	1'31"3	W. Aliano
6	Veronique, J. Ricardo	7	52	5º (10) Quenomá e Cartaza	1 500	GM	1'31"3	F. Saraiva
4—7	Cartaza, F. Esteves	4	51	2º (10) Quenomá e Safia	1 500	GM	1'31"3	S. Morales
"	Digdug, G. Alves	6	52	4º (10) Quenomá e Cartaza	1 500	GM	1'31"3	S. Morales

QUARTO PAREO — AS 15H30M — 1 300 METROS — RECORDE — CAROATÁ — 1m15s 3/5 — (GRAMA) — INICIO DO CONCURSO —

1—1	Iauara, J. Ricardo	9	55	5º (9) Sobibor e Bigonier	1 400	GL	1'26"3	A. Ricardo
2	P. Twist, C. Pensabem	11	56	5º (13) Coravi e Dançarino	1 000	NM	1'03"	M. Canejo
2—3	Teco-Teco, R. Macedo	10	58	3º (11) Vic Garbo e Bigonier	1 300	NP	1'25"	S. P. Gomes
4	Folle, J. Tinoco	1	55	6º (11) Vic Garbo e Bigonier	1 300	NP	1'25"	J. Tinoco
5	Bigonier, G. F. Almeida	6	53	2º (11) Vic Garbo e Teco Teco	1 300	NP	1'25"	G. Ulloa
3—6	Sinuelo, J. M. Silva	3	57	11º (17) Calamiur e Bitok	1 300	NL	1'23"1	E. Morgado Neto
7	Eatrum, C. Valgas	7	57	6º (11) Oleto e Galleni	1 100	NM	1'10"1	R. Marques
8	Cliana, J. Pinto	2	54	4º (13) Coravi e Dançarino	1 000	NM	1'03"	P. Morgado
4—9	Camboury, E. R. Ferreira	5	58	9º (13) Coravi e Dançarino	1 000	NM	1'03"	E. C. Pereira
10	Black Boy, A. Ramos	8	58	3º (6) Baby Chou e Bomb. (CP)	1 200	NL	1'17"3	J. L. Pedrosa
"	Composition, F. Esteves	4	57	8º (11) Vic Garbo e Bigonier	1 300	NP	1'25"	J. L. Pedrosa

QUINTO PAREO — AS 16H — 2 400 METROS — RECORDE — LONHEGRIN — 2m25s 1/5 — (GRAMA) — GRANDE PREMIO MARCIANO DE AGUIAR MOREIRA —

1—1	Bac, J. M. Silva	8	56	2º (12) Snow Joe e Elisie	2 000	GL	2'01"4	L. Coelho
"	Babil, E. Le Mener	6	56	8º (12) Snow Joe e Bac	2 000	GL	2'01"4	M. Almeida
2	Desgana, E. Ferreira	4	61	6º (9) Kraunea (CJ)	1 600	GL	1'40"6	E. Morgado Neto
2—3	Snow Joe, F. Pereira	9	59	1º (12) Bac e Elisie	2 000	GL	2'01"4	R. Tripodi
4	Egilea II, F. Maia	11	61	4º (8) Miss Welsh (CJ)	2 000	AL	2'08"5	S. d'Amore
5	Can I Say, L. Gonzalez	7	56	2º (8) Digdug e Cartaza	1 600	GL	1'37"3	R. Costa
3—6	Elisie, G. F. Almeida	1	61	3º (12) Snow Joe e Bac	2 000	GL	2'01"4	G. Feijó
7	Eldia, A. Oliveira	5	59	7º (12) Snow Joe e Bac	2 000	GL	2'01"4	A. Morales
8	Folena, J. Ricardo	12	59	10º (15) Emer. Hill e Vice Reine	2 000	GL	2'02"1	A. Ricardo
4—9	Xasca, G. Meneses	10	61	6º (8) Miss Welsh (CJ)	2 000	AL	2'08"5	E. Feijó
10	Defender, S. Silva	3	61	4º (12) Snow Joe e Bac	2 000	GL	2'01"4	R. Carrapito
"	Induzida, F. Esteves	2	61	6º (12) Snow Joe e Bac	2 000	GL	2'01"4	R. Carrapito

SEXTO PAREO — AS 16H30M — 1 000 METROS — RECORDE — SOLYLUZ — 56s 2/5 — (GRAMA) — DUPLA EXATA —

1—1	Edem Fleet, A. Ramos	5	56	2º (9) Titanico e Talook	1 000	NP	1'02"	H. Cunha
"	King Blue, D. Guignoni	10	56	6º (11) Ly e Eppius	1 000	AP	1'02"	C. I. P. Nunes
2	Tuxaua, J. Ricardo	15	56	8º (11) Ly e Eppius	1 000	AP	1'02"	A. Orciuoli
2—3	Wild, G. F. Almeida	13	56	4º (9) Bororó e Don Daniel	1 300	NP	1'23"	A. Nahid
4	Revel, J. Malta	14	58	10º (11) Ly e Eppius	1 000	AP	1'02"	W. Aliano
5	Jogo Certo, C. Valgas	11	58	5º (8) El Cauto e Sang d'Or	1 500	AP	1'35"	M. Canejo
6	Jaybird, C. Pensabem	6	57	7º (9) Titanico e Edem Fleet	1 000	NP	1'02"	R. Marques
3—7	Dumehal, A. Abreu	3	56	4º (11) Ly e Eppius	1 000	AP	1'02"	E. P. Coutinho
8	Boaventura, G. Alves	12	57	4º (9) Titanico e Edem Fleet	1 000	NP	1'02"	S. Morales
9	Pomsix, M. Carvalho	4	56	4º (8) El Cauto e Sang d'Or	1 500	AP	1'35"	E. C. Pereira
10	A Sangue Frio, E. Freire	9	55	9º (9) Titanico e Edem Fleet	1 000	NP	1'02"	G. L. Ferreira
4-11	Indore, F. Esteves	1	56	8º (11) Quimper e Eppius	1 000	NP	1'02"1	G. F. Santos
12	Rue Blanche, J. M. Silva	8	56	5º (9) Titanico e Edem Fleet	1 000	NP	1'02"	F. P. Lavor
13	La Farto, W. Gonçalves	2	56	6º (11) Raro e Eppius	1 000	NL	1'01"2	N. P. Gomes
14	Katiripapo, R. Macedo	7	55	6º (11) Quimper e Eppius	1 000	NP	1'02"1	P. Morgado

SÉTIMO PAREO — AS 17H — 1 600 METROS — RECORDE — LUCCARNO — 1m33s 4/5 — (GRAMA)

1—1	Dicio, F. Esteves	4	57	2º (9) Rei N. e Ben Am. (CP)	1 600	NL	1'42"	W. P. Lavor
"	Innacio, G. F. Almeida	2	51	5º (7) P. Jogar e Verdagon	1 400	AP	1'28"	W. P. Lavor
2	Folatre, J. Ricardo	7	50	3º (7) P. Jogar e Verdagon	1 400	AP	1'28"	A. Ricardo
2—3	Ibex, J. Malta	11	50	2º (7) Davidoff e Sindical	2 100	NP	2'16"1	E. Morgado Neto
4	Estadão, G. Alves	12	52	4º (7) P. Jogar e Verdagon	1 400	AP	1'28"	I. Amaral
5	Uirari, J. Escobar	3	57	1º (11) Alféres e Ignoramus	1 600	AP	1'40"	W. Aliano
3—6	Thasos, G. Meneses	1	60	5º (9) Vagabond King e Eudes	2 000	GL	2'02"	F. Saraiva
"	Três Belle, R. Macedo	15	49	7º (7) Xadir e Zagota	1 600	GL	1'36"3	F. Saraiva
7	Burgomestre, A. Abreu	5	58	1º (8) Hiper e Deep	1 600	AP	1'41"4	J. B. Silva
"	Dartful, W. Gonçalves	8	50	6º (7) P. Jogar e Verdagon	1 400	AP	1'28"	J. B. Silva
8	Bem Amado, C. Amestely	14	57	8º (9) Van Eyck e Lenus	1 600	AU	1'38"4	P. R. Pessanha
4—9	Dalbion, L. Gonzalez	6	50	7º (7) P. Jogar e Verdagon	1 400	AP	1'28"	G. Feijó
10	Denso, J. Esteves	10	59	10º (10) Triarco e Mauser	2 000	GP	2'04"1	S. d'Amore
11	Verdagon, E. Ferreira	9	52	2º (7) P. Jogar e Folatre	1 400	AP	1'28"	R. Tripodi
"	Rumo, J. L. Marins	13	52	1º (10) Furibond e Arabianco	1 600	NM	1'43"4	R. Tripodi

OITAVO PAREO — AS 17H30M — 1 300 METROS — RECORDE — YARD — 1m18s 3/5 — (AREIA)

1—1	Invader, F. Esteves	9	58	2º (10) Columbus e Reiville	1 300	NP	1'23"	L. Acuña
2	Uaçu, M. Carvalho	7	57	7º (8) Ladonis e Bibiany	1 200	NP	1'15"3	O. M. Fernandes
2—3	Dilemango, J. M. Silva	1	55	4º (8) Quadrado e El Trovão	1 000	NP	1'03"	F. P. Lavor
4	Nomeric, J. Esteves	4	56	7º (8) Goody e Nacarado	1 600	NP	1'43"4	C. I. P. Nunes
5	Prestissimo, E. Freire	5	58	10º (10) Donovan e Swing	1 500	AP	1'35"4	A. Paim Fº
3—6	Fanelli, W. Gonçalves	3	55	2º (11) Saldaniño e Invader	1 300	NP	1'22"3	N. P. Gomes
7	Ice Cream, D. Neto	2	56	1º (10) Naduca e Columbus	1 500	NP	1'38"2	O. J. M. Dias
8	Donald, J. Malta	10	55	7º (10) Columbus e Invader	1 300	NP	1'23"	W. Aliano
4—9	Tertúlia, G. F. Almeida	8	52	4º (10) Columbus e Invader	1 300	NP	1'23"	P. Morgado
10	Sandman, M. Silva	11	56	4º (11) Camelot e Endro	1 600	GM	1'39"	M. B. Silva
11	El Galant, A. Ramos	6	58	7º (11) Saldaniño e Fanelli	1 300	NP	1'22"3	J. Borioni

NONO PAREO — AS 18H — 1 300 METROS — RECORDE — YARD — 1m18s 3/5 — (AREIA)

1—1	Pilolo, G. Alves	3	56	1º (15) Diaphane e Oleto	1 300	NP	1'23"2	S. Morales
2	Corolário, J. M. Silva	1	56	9º (11) Saldaniño e Fanelli	1 300	NP	1'22"3	F. P. Lavor
2—3	Reiville, W. Gonçalves	9	58	3º (10) Columbus e Invader	1 300	NP	1'23"	N. P. Gomes
4	Anhe, G. F. Almeida	4	54	4º (11) Saldaniño e Fanelli	1 300	NP	1'22"3	G. Ulloa
3—5	Zabul, E. R. Ferreira	2	54	4º (6) Estático (BH)	1 300	AL	1'24"	O. M. Fernandes
"	Turquesa II, C. Morgado	10	56	4º (11) Saldaniño e Fanelli	1 300	NP	1'22"3	O. M. Fernandes
6	Carcaju, J. Malta	8	56	9º (10) Columbus e Invader	1 300	NP	1'23"	J. Coutinho
4—7	Pedrok, R. Macedo	7	58	1º (10) Sir Olé e Canterboy	1 000	NP	1'03"	A. Paim Fº
6	Údito, J. Pinto	5	56	2º (11) Funny End e Tertulia	1 300	NL	1'22"4	S. d'Amore
9	Fastnet Rock, S. Bastos	6	58	7º (11) Rajuster e Girador	1 300	NL	1'21"3	J. Borioni

DECIMO PAREO — AS 18H30M — 1 100 METROS — RECORDE — SWEET SPY — 1m07s — (AREIA) — DUPLA EXATA —

1—1	Doubianka, E. Freire	6	56	2º (10) Amacord e Jera	1 100	NP	1'09"4	A. Paim Fº
"	Dona Sola, R. Macedo	8	56	5º (10) Amacord e Doubianka	1 100	NP	1'09"4	A. Paim Fº
2	Sweet Mamy, J. Ricardo	11	56	9º (10) Amacord e Doubianka	1 100	NP	1'09"4	H. Tobias
2—3	Kratie, M. Vaz	5	56	3º (6) Janarina e Tirsh	1 500	AP	1'36"4	A. Ricardo
4	Beguina, C. Amestely	10	56	Estreante	Estreante			O. Ulloa
5	Eugênia, C. Valgas	12	56	6º (6) Janarina e Tirsh	1 500	AP	1'36"4	J. B. Silva
3—6	Turina, G. F. Almeida	2	56	11º (11) Tuiuvan e Tajã	1 000	NU	1'03"2	G. F. Santos
"	Bagnanza, J. L. Marins	7	56	7º (7) Quinca e Birinia	1 000	AL	1'02"3	G. F. Santos
7	Bilu Teteia, J. M. Silva	4	56	9º (10) Long Lady e Adrianina	1 000	NL	1'02"	A. Nahid
4—8	Aba Time, L. Gonzalez	9	56	5º (10) Suzanne Lenglan e Clem	1 200	AP	1'14"3	Z. D. Guedes
9	Floriade, R. Silva	1	56	7º (8) Equidade e Andima	1 000	AL	1'02"3	B. Ribeiro
10	Queen Angela, G. Alves	3	56	9º (10) Aristareta e Taymar	1 400	GU	1'26"	A. Morales

RETROSPECTO

1.º páreo Aristaretta — Long Lady — Eguel
2.º páreo Avispado — Simão — Berlioz
3.º páreo Script — Veronique — Abilene
4.º páreo Folle — Teco Teco — Iaura
5.º páreo Elisie — Snow Joe — Bac
6.º páreo Wild — Tuchaua — Katiripapo
7.º páreo Thasos — Uirari — Folatre
8.º páreo Invader — Dilemango — Tertúlia
9.º páreo Reiville — Piloto — Udito
10.º páreo Kratie — Doubianka — Bilu Tetéia

Aporé estréia com ótima vitória em 1 mil 400 metros

Apesar de estreante, Aporé (Egoismo em Luzón, por Fastener), criação e propriedade dos Haras São José e Expedictus, obteve, ontem, impressionante triunfo no Hipódromo da Gávea ao vencer de ponta a ponta e com extraordinária facilidade o quarto páreo da programação. O irmão materno do clássico Tibetano marcou para os 1 mil 400 metros em pista de grama leve o tempo de 1m23s3/5. A segunda colocação pertenceu, vários corpos atrás, a Esquadro (Gallium em Quikajá), criação e propriedade do Haras São José dos Ferreiros. O marcador foi completado por Jovino (Sobessalto em Siracaia), criação do Haras Jatobá e propriedade do Stud Coral, Jacobus Sabinus em Long Beach), criação e propriedade dos Haras Santa Maria de Araras e Great Bliss (Acaso em Cephalonie), criação do Haras São Jorge das Duas Barras e propriedade do Stud M.A.S.

Resultados

1º Páreo — 1 000 metros — Pista: AL — Prêmio: Cr$ 30 mil

1º	Alegranza, J. Esteves	58	1,80	12	6,20
2º	Kaunas, A. Souza	53	8,80	13	7,30
3º	Dancebar, F. Esteves	55	3,40	14	3,90
4º	Ilustra, J. Ricardo	57	1,80	22	15,70
5º	La Nóia, A. Abreu	55	5,50	23	6,50
6º	Naduca, G. Alves	55	9,70	24	3,00
*	Cambrota, A. Ramos	55	3,90	33	31,20

(* caiu na partida).

Diferenças: 1/2 corpo e 2 1/2 corpos — Tempo: 1'02"2 — Vencedor: (6) 1,80 — Dupla: (24) 3,00 — Placês: (6) 1,20 e (3) 2,10 — Movimento do páreo: Cr$ 512 150,00 — ALEGRANZA — F. C. 6 anos — UR — Aurreko e Monika — Criador: Haras Casupá — Danilo Aieta — Treinador: S. d'Amore.

2º Páreo — 1 400 metros — Pista: AL — Prêmio: Cr$ 35 mil

1º	Kabul, W. Gonçalves	58	31,80	11	20,60
2º	Leoville, J. Escobar	58	20,80	12	5,00
3º	Klavier, F. Esteves	57	1,60	13	3,60
4º	Albadico, A. Souza	56	11,60	14	2,10
5º	Festejado, C. Amestely	57	46,80	22	29,10
6º	Thunder, E. Alves	57	15,40	23	13,00
7º	Armênio, M. Carvalho	54	8,30	24	9,70
8º	Don Eduardo, J. Ricardo	58	26,20	33	15,90
9º	Abaphar, J. M. Silva	58	4,60	34	6,60
10º	Jerlon, E. Freire	58	10,40	44	12,70
11º	Dalomito, G. F. Almeida	58	11,80		
12º	Titov, C. Morgado	55	44,40		
13º	Dindinho, J. Pinto	58	15,40		
14º	Indio Loco, R. Macedo	55	37,90		
15º	Tenteré, C. Valgas	57	50,50		

Dupla exata (09-06) Cr$ 478,60 — Diferenças: vários corpos e 2 corpos — Tempo: 1'28"2 — Vencedor: (9) 31,80 — Dupla: (23) 13,00 — Placês: (9) 16,30 e (6) 10,10 — Movimento do páreo: Cr$ 701400,00. KABUL — M. C. 5 anos — SP — Royal Chief e Kly — Criador: Helene Yourievitch — Proprietário: Wilson de Oliveira Pereira — Treinador: J. D. Moreira.

3º Páreo — 1 500 metros — Pista: GL — Prêmio: Cr$ 30 mil

1º	Eulogy, C. Valgas	57	3,80	11	7,70
2º	Summer Day, F. Esteves	54	2,70	12	3,20
3º	Golden Peacock, G. F. Almeida	56	3,10	13	5,72
4º	Spoleto, G. Meneses	58	3,00	14	3,90
5º	Single Cry, J. M. Silva	58	2,70	22	21,20
6º	Elder, W. Gonçalves	52	21,70	23	10,00
7º	Kronprinz, R. Macedo	53	5,70	24	4,10
8º	Hiper, M. Vaz	57	5,70	33	47,00
9º	Daisy Léa, J. Escobar	56	2,70	34	8,90

Diferenças: paleta e 2 corpos — Tempo: 1'30"3 — Vencedor: (3) 3,80 — Dupla: (14) 3,90 — Placês: (2) 2,10 e (6) 1,50 — Movimento do páreo: Cr$ 663,300,00. EULOGY — M. C. 7 anos — PR — King Charming e Doidade — Criador: Haras Valente — Proprietário: Haras Pinheiros Altos — Treinador: R. Carrapito.

4º Páreo — 1 400 metros — Pista: GL — Prêmio: Cr$ 46 mil

1º	Aporé, G. Meneses	56	2,00	11	20,10
2º	Esquadro, E. Ferreira	56	6,20	12	10,90
3º	Jovino, J. Esteves	56	10,70	13	3,30
4º	Jacobus, G. F. Almeida	56	4,30	14	3,60
5º	Great Bliss, J. M. Silva	56	6,90	22	59,90
6º	Rueck, J. Escobar	56	4,90	23	7,80
7º	Cavalari, C. Valgas	57	27,00	24	7,50
8º	Lassus, A. Abreu	56	12,90	33	9,10
9º	Agaré, W. Gonçalves	56	26,20	34	3,20
10º	Arturito, R. Macedo	56	40,60	44	12,00

Diferenças: vários corpos e 3 corpos — Tempo: 1'23"3 — Vencedor: (5) 2,00 — Dupla: (33) 9,10 — Placês: (5) 1,90 e (6) 3,00 — Movimento do páreo: Cr$ 963 350,00. APORE' — M. C. 3 anos — SP — Egoismo e Luzon — Criador: Haras São José e Expeditus — Proprietário: O criador — Treinador: F. Saraiva.

5º Páreo — 1 300 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 30 mil

1º	Niclight, W. Gonçalves	55	3,60	11	10,30
2º	Massi Nina, J. Ricardo	56	5,70	12	2,40
3º	Acomayo, J. M. Silva	55	5,10	13	7,20
4º	Endro, G. F. Almeida	55	2,00	14	6,50
5º	d'Amore, J. Escobar	58	30,10	22	17,20
6º	Avant Premiere, F. Esteves	57	15,60	23	4,50
7º	Sesqui, S. Bastos	55	21,80	24	3,80
8º	Dr. Balbino, Jz. Garcia	54	27,00	33	35,30
9º	Caturro, A. Luiz	58	38,00	34	9,30
10º	Bamba Moleque, H. Cunha	55	13,50	44	34,10
11º	Vasmax, C. Valgas	57	30,70		
12º	Butch Cassidy, R. Macedo	55	32,20		
13º	Coureur, J. Pinto	55	37,70		

(* mancou)

Diferença: Cabeça e 3 corpos — Tempo: 1'19"2 — Vencedor: (10) 3,60 — Dupla: (14) — 6,50 — Placês: (10) 2,70 e (1) 3,30 — Movimento do páreo Cr$ 759 890,00. NICLIGHT — M. C. 6 anos — RS — Nyrdhal e Luciola — Criador: Sebastião Pires de Freitas — Proprietário: Stud Shangri-Lá — Treinador: N. P. Gomes.

6º Páreo — 1 400 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 42 mil

1º	Fluster, M. Vaz	57	36,80	11	8,70
2º	Brand New, J. Ricardo	54	8,30	12	5,60
3º	Salmo, J. F. Fraga	57	2,80	13	3,70
4º	Elementar, J. Pinto	57	5,30	14	4,00
5º	Czar Rusian, F. Esteves	57	8,50	22	18,90
6º	Capable, R. Macedo	55	5,00	23	6,50
7º	Bande, E. Freire	54	8,50	24	7,40
8º	Ardennes, A. Souza	54	36,10	33	13,10
9º	Violet le Duc, J. Escobar	57	30,10	34	5,40
10º	Tranzado, L. Gonzalez	57	33,50	44	11,80
11º	Abecê, G. F. Almeida	57	7,70		
12º	Idahan, J. M. Silva	57	8,30		
13º	Vallon, G. Meneses	56	12,40		
14º	Piu Forte, J. Machado	57	28,90		
15º	Vertex, E. Ferreira	57	30,10		
16º	Bravo Indio, W. Gonçalves	57	29,60		

N/CM. SALTER e CZAR DIMITRI.

DUPLA EXATA (03-02) Cr$ 110,10.
Diferença: 1 corpo e mínima — Tempo: 1'23"2 — Vencedor: (3) 36,80 — Dupla: (11) 8,70 — Placês: (3) 11,50 e (2) 3,50 Movimento do páreo Cr$ 1 041 300,00. FLUSTER — M. A. 4 anos — SP — Lancaster e Xula — Criador: Haras Tutu — Proprietário: Stud Novela (SP) — Treinador: S. M. Almeida.

7º Pareo — 1 400 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 46 mil.

1º	Fond Hope, G. F. Almeida	56	3,30	11	5,40
2º	Grand Canyon, A. Abreu	56	7,90	12	5,40
3º	Farahoun, E. Ferreira	56	5,60	13	2,70
4º	El Sol, F. Esteves	56	2,50	14	4,10
5º	Don Manolo, J. M. Silva	56	4,40	22	33,20
6º	Circeu, C. Valgas	56	29,70	23	9,00
7º	Juke Box, G. Meneses	56	22,60	24	13,50
8º	Pajen, D. Guignoni	56	44,70	33	10,50
9º	Fine Gold, R. Macedo	53	6,30	34	6,10
10º	Atual, L. Gonzalez	56	40,70	44	23,70

Diferença: paleta e 1/2 corpo — Tempo: 1'25"1 — Vencedor: (6) 3,30 — Dupla (23) 9,00 — Placê (6) 3,20 e (3) 4,50 — Movimento do pareo Cr$ 925 640,00. FOND HOPE — M. C. 3anos — SP — Quiz e Petite Baudet — Criador — Fazenda e Haras Castelo S/A — Proprietario — Stud Coração de Leão — Treinador: G. Feijó

8º Pareo — 1 300 metros — Pista — AL — Prêmio Cr$ 42 mil.

1º	Grissia, C. Amestely	57	1,80	11	4,80
2º	In Love, F. Esteves	55	7,50	12	2,60
3º	Vaillante, G. Meneses	56	14,50	13	4,80
4º	Princesa Laura, J. Escobar	55	7,50	14	4,20
5º	Gold Legend, E. Ferreira	54	4,90	22	25,60
6º	Caldivana, J. M. Silva	55	9,30	23	7,40
7º	Sola, G. F. Almeida	57	3,70	24	7,20
8º	Doda, R. Macedo	53	9,30	33	46,10
9º	Quecyan, W. Gonçalves	53	17,80	34	9,30

Diferença: Varios corpos e 2 corpos — Tempo: 1'19"4 — Vencedor: (1) 1,80 — Dupla: (13) 4,80 — Placê (1) 1,80 e (5) 2,80 — Movimento do pareo 690.820,00 — GRISSIA — F. C. 4 anos — RS — Golf e Promotora — Criador e Prprietario — Haras Ereporã — Treinador: ... Meireles.

9º Páreo — 1 300 metros — Pista — NL — Prêmio Cr$ 30 mil

1º	Johnny D., M. Andrade	56	6,20	11	10,80
2º	Bigonier, G. F. Almeida	56	2,30	12	2,80
3º	Esse, J. M. Silva	56	2,70	13	3,90
4º	Fortunato, E. Alves	56	25,40	14	5,80
5º	Amor, J. Ricardo	56	14,40	22	20,10
6º	Sadalcar, P. Lima	58	3,20	23	5,20
7º	Benemérito, R. Macedo	54	2,30	24	6,20
8º	Paisano, C. Valgas	58	10,10	33	27,90
9º	Par de Ases, C. Pensabem	57	30,30	34	6,40

Diferença 1/2 corpo e vários corpos — Tempo: 1'23"4 — Vencedor: (7) 6,20 — Dupla: (14) 5,80 — Placês: (7) 2,90 e (1) 1,70 — Movimento do páreo Cr$ 586 910,00. JOHNNY D — M. C. 6 anos — SP — Quiz e Ederla — Criador: Fazenda e Haras Castelo S/A — Proprietário: John Anthony Duizend — Treinador: W. Andrade.

10º Páreo — 1 000 metros — Pista — NL — Prêmio Cr$ 42 mil

1º	Indicação, D. F. Graça	57	3,20	11	7,40
2º	Dora Rainha, W. Gonçalves	57	5,80	12	7,60
3º	Içada, F. Esteves	57	4,30	13	5,30
4º	Vichy, J. Ricardo	57	9,50	14	4,00
5º	Kaleça, C. Valgas	57	6,10	22	66,00
6º	Espadina, L. Gonzalez	57	32,90	23	6,40
7º	African Star, J. F. Fraga	57	30,70	24	9,20
8º	Ensuite, C. Morgado	54	9,80	33	8,90
9º	Varginha, R. Macedo	54	9,80	34	3,70
10º	Xicance, C. Pensabem	57	167,40	44	7,30
11º	Mercredi, Jz. Garcia	55	84,30		
12º	Hit Rou, J. Escobar	57	3,10		
13º	Lividez, E. Freire	54	75,30		

Não correram: LA CRISTINA e DIACHA.

DUPLA EXATA (01-08) Cr$ 78,40 — Diferença: pescoço e 1 corpo — Tempo: 1'03"2 — Vencedor: (1) 3,20 — Dupla: (13) 5,30 — Placês: (1) 1,90 e (8) 4,50 — Movimento do páreo Cr$ 626 650,00. INDICAÇÃO — F. T. 4 anos — SP — Sirius II e Draga — Criador: Haras Brasil — Proprietário: Stud R. G. P. — Treinador: G. Morgado.

APOSTAS Cr$ 8 887 008,00 — PORTÕES Cr$ 24 230,00.

Lembretes para esta tarde

1º páreo: Aristaretta venceu em grande estilo quando saiu de perdedora na grama.

Long Lady, tida em alta conta por seus responsáveis, pela filiação, deve agradar-se da grama.

A atuação de Guianca, sábado passado, foi interessante e promissora apesar de ter corrido com menos nove quilos.

2º páreo: Apesar de vir de três performances positivas dentro da turma, Berlioz nunca chegou a convencer.

Ultima apresentação de Avispado mostrou que ele tem que ser obrigatoriamente temido.

Bahar não corre há muito tempo.

Na quinta-feira do GP Brasil, Cafeeiro correu razoavelmente mas menos que nas anteriores. Reaparece.

Simão estreou muito falado, talvez por sua filiação, e até que não foi dos mais decepcionantes.

A última corrida de Peteleco não foi nada desprezível.

3.º páreo De quando em vez Abilene mostra padrão de carreira muito bom para a turma. Seu último triunfo foi alcançado com surpreendente (pelo retrospecto) facilidade.

Script venceu o semiclássico de éguas da semana do Brasil. Por esta razão, tem que ser colocada como força destacada e absoluta.

Veronique reapareceu e não convenceu, mas sua classe é indiscutivel.

4º páreo Dentro da fragilidade do páreo, Iauara tem boas possibilidades.

Folle é extremamente perigosa caso tenha boa direção.

5.º páreo Os 2 mil 400 metros talvez sejam demais para Bac.

Snow Joe, ao contrário, deve gostar ainda mais do aumento do percurso.

Elisie é realmente o nome de mais classe entre todas as inscritas no clássico desta tarde.

Defender é muito irregular. Sua atuação no Duque de Caxias foi bastante razoável.

Finalmente, Induzida corre percurso ideal para suas caracteristicas.

6º páreo apesar dos desvarios de seu jóquei, Wild, na última vez que pisou na grama, produziu performance de primeira.

Tuxaua, no passado, corria muito bem na grama.

Rue Blanche é uma argentina extremamente veloz.

Katiripapo tem vitória na grama no Cristal.

7º páreo até hoje, Dicio foi sempre uma negação na grama, ao contrário de seu companheiro, Innacio.

Trabalho e apronto de Folatre agradaram a todos.

Uirari é bom cavalo de handicap e corre bem na grama.

Thasos é o animal de mais classe do páreo.

Verdagon enfrenta teste em turma mais forte. É bastante fiel.

8º páreo três últimas corridas de Invader fazem dele o candidato mais sério à vitória.

Dilemango já correu melhor na última.

Tertúlia chegou relativamente perto de Invader na corrida do dia 7.

9, Páreo Pilolo estreou vencendo com facilidade.

Reiville teve direção das mais infelizes na última. Mas, obviamente, é uma incógnita.

Udito não deve ser subestimado.

10º Páreo Doubianka perdeu corrida infeliz.

Os 400 metros a menos em relação à sua última corrida vão favorecer a Kratie.

Bilu Tetéia estreou mal quando era grande favorita.

Estadual de Laser abre com vitória de Gastão na categoria de senior

Gastão Brun confirmou sua categoria de campeão mundial de Soling e atual campeão brasileiro de Laser ao vencer ontem à tarde, em raia armada próximo à Ilha do Governador, a primeira regata do Campeonato Estadual da Classe Laser, categoria sênior. A competição, organizada pelo Iate Clube Jardim Guanabara, prossegue hoje, com mais duas regatas, estando prevista para as 13 horas a largada da primeira.

Pedro Bulhões de Carvalho Fonseca, o Chorão, representando o Clube dos Caiçaras, e atual campeão carioca, terminou o percurso em segundo lugar, seguido de John King e Carlos Roberto Nick, ambos do Iate Clube do Rio de Janeiro, enquanto Ronaldo Senft, do Iate Clube Brasileiro, cruzava a linha de chegada em quinto lugar. A regata foi disputada com mar calmo, vento Sul força dois e o Campeonato vale como eliminatória para o Brasileiro de Laser, marcado para Porto Alegre.

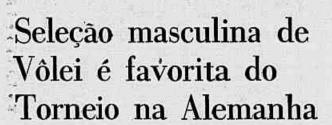
A regata não apresentou nenhuma surpresa. Desde a largada, Gastão Brun, Pedro Bulhões, John King e Bob Nick, todos integrantes da equipe brasileira que disputou recentemente o Campeonato norte-americano de Laser, ocuparam as primeiras posições, sendo que Gastão apenas confirmou a sua excelente forma física e técnica. Outro destaque da etapa foi Ronaldo Senft que, apesar de velejar melhor em ventos fortes, ontem ainda conseguiu o quinto lugar entre 67 concorrentes.

GUANABARA

O barco *Albacora*, de Fernando Hermel, venceu ontem a regata de Paquetá, reservada à Classe Guanabara. Os demais classificados foram: *Brekelé*, do aspirante Cardoso Garcia; *Seremela*, comandado por Omar Sfale; *Bruma*, de Luís Carlos Justo; e *Traquejado*, de Huascar Rodrigues. Hoje pela manhã, os barcos largam da Ilha de Paquetá com destino ao Rio, cumprindo mais uma etapa do Campeonato Estadual da Classe Guanabara.

O Estadual da Classe Tahiti foi disputado juntamente com a regata de Guanabara e o resultado final foi o seguinte: 1º *Taí*, de Roberto Rodarte; 2º *Dubell*, de Rogério Passos; 3º *Finda*, de Luís Carlos Mattos; 4º *Xuê*, de Sérgio Martinelli; e 5º *Bobye II*, de Carlos Corrêa.

Em Weymouth, Inglaterra, o soviético Viktor Potapov, mesmo sem disputar a sexta e última regata, surpreendeu o favorito Reg White, da Inglaterra, e conquistou o campeonato mundial da Classe Tornado. O vencedor da regata foi o norte-americano Randy Smyth, seguido do canadense Larry Woods.

Seleção masculina de Vôlei é favorita do Torneio na Alemanha

Dusseldorf — Confirmando sua condição de favorito do Torneio Internacional de Vôlei Masculino da Alemanha, que termina hoje, em Dortmund, perto da cidade de Dusseldorf, a Seleção Brasileira obteve outra vitória na competição. Depois de vencer o Canadá na primeira rodada (3 a 2) sets de 15/9, 10/15, 13/15, 15/8 e 15/6, os brasileiros derrotaram a Coréia do Sul — uma das mais fortes equipes da competição — por 3 a 1, proporcionando um bom espetáculo para as 1 mil 200 pessoas que assistiram à partida.

A Seleção Brasileira encerra hoje sua excursão pela Europa, mostrando ótimas perspectivas para o Campeonato Mundial, que começa na quinta-feira, em Roma. Os jogadores iniciaram sua preparação internacional para o torneio na Romênia onde, perdendo apenas para a China, conseguiram a segunda colocação. A seguir, em outro amistoso na Bélgica, superaram todas as demais participantes do encontro. E hoje, mesmo que não vença o Torneio da Alemanha, terá obtido proveito suficiente da excursão, onde teve como adversários participantes do Mundial, inclusive a França, União Soviética e Tunísia, que figuram em sua chave.

OUTROS JOGOS

Ainda pela segunda rodada do Torneio da Alemanha, o Canadá — que perdeu na rodada inicial para o Brasil — conseguiu derrotar a equipe tunisiana, por 3 a 1, na preliminar entre Brasil e Coréia. Nas partidas do segundo grupo, o México teve uma disputadíssima partida com a Alemanha Ocidental e acabou vencendo por 3 a 2. Na preliminar, os Estados Unidos venceram a Venezuela por 3 a 1.

A julgar pelos torneios preparatórios para o Mundial, o Brasil não terá dificuldades para passar da primeira fase classificatória do Mundial de Roma. A Tunísia, apresentou um time fraco e a França — segundo o técnico Paulo Russo, antes de sair do Brasil, "uma grande incógnita" — também mostrou que não será uma grande ameaça.

Considerando-se que, embora os brasileiros estejam acenando com um rendimento superior às expectativas, a União Soviética tradicionalmente apresenta um time forte e que, provavelmente o Brasil não poderá superá-lo, deverá ficar com a liderança da chave, o que o classifica para a segunda etapa do torneio, na disputa dos 12 primeiros lugares.

Essa perspectiva vem atuando positivamente no ânimo da Seleção, aliada à euforia pela boa colocação obtida recentemente pela Seleção Feminina, no Mundial da União Soviética. Até o último Mundial, em 1974, no México, a melhor colocação brasileira foi a quinta, obtida em 1960, no Rio.

Curso de dança chega ao fim em ambiente de total participação

Terminou em ambiente de entrosamento o Curso Internacional de Dança Elementar, promovido pelo JORNAL DO BRASIL e orientado pela professora Graziela Padilla, após 10 aulas no ginásio do Clube Militar. A professora se mostrou surpresa com a rápida assimilação dos alunos à sua filosofia de aprendizagem.

Para as últimas aulas, Graziela preparou exercícios funcionais para todas as partes do corpo, movimentos que integram um trabalho dinâmico e rítmico bem diferente do que o apresentado nas primeiras aulas — de caráter mais profundo e menos perceptível pelo espectador.

TRABALHO LENTO

Graziela ficou muito satisfeita com o rendimento da maior parte de alunos, embora reconheça que seu tipo de trabalho — lento e pormenorizado — muitas vezes mal compreendido. Os alunos, que esperam aprender novos passos de dança, acabaram se decepcionando ao perceberem que a professora tem por objetivo trabalhos de profundidade e correntes.

Um grupo de alunas da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal testemunha o estado de conscientização a que chegou a classe: reconhece que a concentração e fundamental para a compreensão do que a professora quer, ou seja, o conhecimento dos movimentos próprios, por mais insignificantes que possam parecer.

Nas duas aulas finais anteontem as alunas fizeram improvisações com os movimentos assimilados — de braço, ombro, pernas e quadris — ao ritmo de jazz, mostrando-se aptas para criar novas técnicas de dança por conta própria. Graziela improvisou passos, em que usou todos os temas (pernas, braços, ombros, quadris, etc.), no que foi aplaudida pelos alunos.

Luís Carlos Pinto, com bons putts, *mantém-se na liderança do Aberto*

Luís Carlos ainda está liderando o Aberto de Golfe

O profissional carioca Luís Carlos Pinto confirmou sua liderança no 8º Campeonato Aberto de Golfe do Itanhangá, tendo agora uma vantagem maior sobre seu principal adversário, o profissional paulista Rafael Navarro. Ontem, após a disputa dos 18 buracos de terceira e penúltima rodada do torneio, Luís Carlos marcou 70 tacadas — duas abaixo do par de campo — o que lhe deu um total de 212 para os 54 buracos jogados até agora.

Rafael Navarro, vice-líder da competição, marcou um cartão de 71 **strokes**, o que elevou seu total para 216. Na segunda rodada, anteontem, a vantagem do jogador carioca era de três tacadas — ele cumpriu os 36 buracos com 142, depois de um excelente cartão de 69 tacadas para a rodada, que o fez passar à primeira colocação. O golfista de São Paulo, que iniciou a competição à frente com um stroke de diferença para Luís Carlos, perdeu a posição ao obter 73 **gross** para os 36 buracos.

JOGO DISPUTADO

O jogo de ontem foi tenso para o grupo que reuniu Luís Carlos, Rafael Navarro e Rafael González — primeiro amador na classificação do Aberto, em sexto lugar e líder da categoria **scratch** — dividindo ambas as posições com Ricardo Rossi. Prejudicados pelo vento que resultou em escores altos na primeira rodada, os golfistas que estão à frente, bem próximos, disputaram palmo a palmo do campo suas colocações.

Luís Carlos Pinto, no sexto buraco do percurso (o grupo entrou em campo pelo tee do 18º), esteve muito próximo a obter uma **eagle** que, não fosse o nervosismo, ele certamente teria acertado. Ontem também, ele caiu várias vezes nas bancas mas, em diversas, conseguiu sair-se perfeitamente.

Outro grupo que também passou por momentos de intensa expectativa foi o formado pelo profissional carioca Mário González, pelo amador paulista Ricardo Rossi e Frederico Ghermann, profissional de Curitiba. Ricardo Rossi, apesar de liderar a categoria **scratch** junto com Rafael González, não esteve bem ontem a ponto de melhorar seus escores nos dias anteriores. Ghermann piorou seus resultados (fez ontem 77, depois de duas voltas de 73) e caiu da terceira para a quinta posição.

Mário González, no entanto, vem mostrando no decorrer da competição que, embora não jogue há muito tempo, está em ótima forma e não se mostra muito longe da antiga **performance** que o fez ser considerado o melhor jogador do Brasil. Na primeira rodada, ele ficou modestamente em nono lugar, passando na segunda para quarto. Ao jogar ontem ao par do campo, ele passou a terceiro colocado mas ainda tem uma diferença de seis tacadas sobre Rafael Navarro, vice-líder. Na rodada de ontem foram também destaques o jovem Rodrigo Fiães, que passou para a segunda colocação de categoria 0 a 9, liderada por Arnold Wolf, e Humberto Bouça Montenegro, que assumiu a liderança de 16 a 22.

PENÚLTIMA RODADA

ABERTO

1º	Luís Carlos Pinto	(pro)	73	69	70	212
2º	Rafael Navarro	(pro)	72	73	71	216
3º	Mário González	(pro)	79	71	72	222
4º	Cesar Bessa	(pro)	76	74	73	223
	Frederico Ghermann	(pro)	73	73	77	223
6º	Rafael Gounzález		78	75	76	229
	Ricardo Rossi		77	76	76	229
8º	Marcelo Stallone		85	69	76	230
9º	Ismar Brasil		78	76	77	231
10º	Roberto Gomes		86	76	73	233

SCRATCH

1º	Rafael González	78	75	76	229
	Ricardo Rossi	77	76	76	229
3º	Marcelo Stallone	85	69	76	230
4º	Ismar Brasil	78	76	77	231
5º	Roberto Gomes	86	76	73	223

0 a 9 DE HANDICAP

1º	Arnold Wolf	74	71	68	213	net
2º	Rodrigo Fiães	76	70	70	216	
3º	Roberto Gaenzli	73	69	75	217	
4º	Marcos Herman	75	72	71	217	
5º	Haroldo Rocumback	74	72	73	219	

10 a 15 DE HANDICAP

1º	George Belham	70	71	72	213
2º	Jimmy Fowler	71	76	69	216
3º	Paulo Melin	74	73	71	218
4º	Luís Carlos Almeida	75	72	73	220
	Glend Mc Adams	71	75	74	220

16 a 22 DE HANDICAP

1º	Humberto Bouças	72	70	69	211
2º	José Roberto Falconi	73	68	70	211
3º	Luís Rangel	76	79	72	227
4º	Gulherme Daudt	77	76	70	223
5º	Nilo Gomes de Lemos	77	72	69	218

Exército é campeão no atletismo

A equipe do Exército tornou-se pentacampeão de atletismo das Forças Armadas, chegando ao final do 13º Campeonato ontem, na pista do Estádio Célio de Barros, com 238 pontos, contra 126 da Aeronáutica e 101 da Marinha. José de Oliveira, irmão de João Carlos, ganhou o troféu de melhor resultado técnico, por seu resultado de 15,70m no salto triplo.

Os irmãos Delmo e Rui da Silva, que de agora em diante vão os profissionalizar-se no futebol, competiram nos 200 metros, conquistando a primeira e segunda colocações. No final, foram homenageados com troféus.

Resultados: **200m:** 1º Delmo da Silva (EX) 21s5, 2º Rui da Silva (EX) 21s7; **1 600m:** Cosme (EX) 3m55s8, 2º Galdino (MAR) 3m57s4; **10 000m:** 1º Carlos Alberto (AER) 30m30s3, 2º Cordeiro (EX) 31m37s0; **Revezamento 4x400:** 1º Exército, 3m12s2. 2º Marinha, 3m12s5; **400m barreiras:** 1º Arizoli (MAR) 54s2, 2º Ignácio (EX) 55s1; **Arremesso do Dardo:** 1º Ubirajara (AER) 44,54m, 2º Diógenes (EX) 43,00m; **Arremesso do martelo:** 1º Gérson (EX) 52,68m, 2º Ludgero (AER) 50,18m; **Salto triplo** 1º Oliveira (EX) 15,70m, 2º Celso (EX) 15,53m; **Salto em altura:** 1º Alexandre (EX) 2,01m, 2º Oliveira (EX) 1,95m. João Carlos de Oliveira foi dispensado da competição.

Rio Pardo faz a final do pólo

São Paulo — As equipes paulistas Rio Pardo e Clube Hípico Santo Amaro fazem hoje, às 15h, no Campo da Sociedade Hípica Paulista, o jogo decisivo do Campeonato Brasileiro de Pólo de 1978. Elas venceram, ontem, respectivamente, as equipes da Sociedade Hípica Paulista e Toca Pólo Clube.

Na primeira partida da semifinal de ontem, o Rio Pardo venceu por 7 a 6 a Sociedade Hípica Paulista (equipe local), enquanto na segunda, o Clube Hípico Santo Amaro venceu por 5 a 2 ao Toca Pólo Clube. A rodada de hoje começará às 11h, pela decisão do terceiro lugar, entre Sociedade Hípica Paulista e Toca. O jogo pelo primeiro lugar será disputado às 15h, e espera-se um público superior registrado ontem de aproximadamente 500 pessoas.

Clube Hípico Santo Amaro são consideradas as melhores do país, possuindo respectivamente **handicaps** de 22 gols e 23 gols. Participaram da competição também equipes de Minas eRio, que não se classificaram para a fase semifinal. Pelo Rio jogaram as equipes Globo e Itanhanga.

Karpov e Korchnoi empatam

Baguio, Filipinas — O Campeão mundial de xadrez, Anatoli Karpov, da União Soviética, empatou ontem a 23a. partida do *match* válido pelo título, contra o desafiante Viktor Korchnoi, também soviético. A partida durou quatro horas e o empate ficou acertado, a pedido de Korchnoi, depois que o campeão fez seu 41º lance.

Korchnoi tentou de todas as maneiras se prevalecer de estar jogando com as peças brancas, mas não conseguiu superar a defesa armada pelo campeão. Karpov, mesmo inferiorizado em grande parte da partida, não se deixou envolver pelo ataque movido pelo desafiante que, em apenas 16 minutos, fez 20 lances.

O presidente do Comitê Organizador da 23a. Olimpíada de Xadrez, Rodolfo Zanlungo, informou logo após o empate de ontem que está em estudo a suspensão de *match* entre Karpov e Korchnoi caso os empates continuem se repetindo. Segundo informou, as Olimpíadas serão realizadas de 25 de outubro a 12 de novembro, em Buenos Aires.

Com a suspensão, Karpov poderia integrar a equipe da União Soviética e Korchnoi, por sua vez, a da Suíça, país em que está radicado atualmente. A próxima partida do *match* será iniciada na terça-feira, cabendo a Karpov jogar com as peças brancas.

O desenrolar da 23a. partida foi o seguinte:

	KORCHNOI	KARPOV
1.	P4BD	C3BR
2.	C3BD	P3R
3.	C3B	P4D
4.	P4D	B2R
5.	B4B	0—0
6.	P3R	P4B
7.	PxP	BxP
8.	D2B	C3B
9.	T1D	D4T
10.	P3TD	B2R
11.	C2D	P4R
12.	B5C	P5D
13.	C3C	D3C
14.	BxC	BxB
15.	C5D	D1D
16.	B3D	P3CR
17.	PxP	CxP
18.	CxC	PxC
19.	CxB mais	DxC
20.	0—0	B3R
21.	TR1R	TD1B
22.	P3CD	TR1D
23.	B4R	T2B
24.	D2B	B5C
25.	P3B	B3R
26.	P4TD	P3C
27.	P5T	P4CD
28.	PxP	BxP
29.	T1C	B4D
30.	P6C	PxP
31.	TxP	T3B
32.	TxT	BxT
33.	B3D	B2D
34.	P6T	B4B
35.	D4B	R2C
36.	BxB	DxB
37.	DxD	PxD
38.	T1T	P6D
39.	R2B	T1R
40.	T2T	T2R
41.	T2D	T3R

Empate.

Posição após 41... T3R

Zonal começa em Porto Alegre

Porto Alegre — Com o sistema *Shuring* dirigido (jogos entre jogadores do mesmo país), o 10º Zonal Sul-Americano de Xadrez teve início ontem, no balneário Imxé, em Tramandaí, com a realização de algumas partidas, onde a maioria dos jogadores aplicaram variantes de empates e acabaram iguais em seus jogos.

Os uruguaios Manoel Dienavorian e Walter Estrada, os chilenos Vitor James Frias e José Carlos Silva, os argentinos Jaime Ema e Daniel Campora, empataram em menos de 20 lances.

Para a segunda rodada hoje, à tarde, os jogos serão: Alexandre Segal, Brasil (brancas) x Francisco Treis, Brasil (pretas); Walter Estrada, Uruguai (brancas) x Herman Claudius, Brasil (pretas); José Carlos Silva, Chile (brancas) x Manoel Dienavorian, Uruguai (pretas); Bronstein, Argentina (brancas) x Vitor Frias, Chile (pretas); Jaime Ema, Argentina (brancas), x Manoel Gonzalez, Porto Rico (pretas) e Juan Hase, Argentina (brancas) x Daniel Campora, Argentina (pretas).

Segala, da Argentina, ganha sem falta prova hípica do Sul-América

O argentino Domingo Segala, montando *Muak*, venceu a prova da série preliminar da tarde de ontem na Sociedade Hípica Brasileira, dentro da 2a. Copa Sul-América de Hipismo. Ele cumpriu o percurso da prova — com obstáculos a 1,40m x 1,80m, tabela A, ao cronômetro — sem cometer faltas, em 67s 4.

Em segundo lugar ficou o gaúcho Nestor Llambre, com *Porto Alegre* — 0 em 69s4 — seguido de Carlos Vinícius Gonçalves da Mota, com *Mago* — 0 em 74s6.

A PROVA

A prova, difícil e com muitas quedas — a mais grave, do sargento Schultz, com *Semidéus*, custou apenas alguns arranhões e um curativo — foi prestigiada por um bom público que ocupou as arquibancadas da Hípica — a entrada é franca. Só 10 conjuntos, dos 81 inscritos, cumpriram a pista de 13 obstáculos — com um duplo e um triplo — sem cometer faltas. Muitos desistiram do percurso quando viram que não dava mais para ganhar — como foi o caso de João Alberto Malik de Aragão que, com *Grande Príncipe*, vencera na véspera a prova preliminar.

A Copa Sul-América, um Concurso Internacional de Saltos que reúne cerca de 120 conjuntos do Brasil, Argentina, Uruguai, Chile e Bolívia, inaugurou o placar eletrônico da Hípica, doado pela Comissão Coordenadora e Criação do Cavalo Nacional — CCCCN e distribuiu Cr$ 150 mil em prêmios. A Federação Equestre Internacional — FEI — enviou alguns juízes à Copa e exigiu exame anti-doping do 1º e 2º colocados e de um 3º animal sorteado entre os seis primeiros de cada prova, como é praxe em concursos internacionais.

Embora os estrangeiros — que estão no Brasil desde a semana passada para a disputa, em São Paulo, do Campeonato Sul-Americano de Saltos, vencido pelos argentinos — tenham bons cavalos, os brasileiros conseguiram as cinco colocações restantes ontem. A classificação da prova da série preliminar foi esta: 1. Domingo Segala — *Milak* — 0 — 67s4; 2. Nestor Llambre — *Porto Alegre* — 0 — 69s4; 3. Carlos V. G. da Mota — *Mago* — 0 — 74s6; 4. João Oliveira Franco Neto — *Noa Noa* — 0 — 75s; 5. Hélio Pessoa — *Gordon* — 0 — 78s1; 6. Rita Bezerra de Mello — *Eau Sauvage* — 0 — 79s6.

A Copa Sul-América encerra-se hoje com uma prova da série preliminar denominada General João Baptista de Figueiredo — 1,30m x 1,60m, tabela C — e uma forte, tipo Grande Prêmio — dois percursos, o 1º a 1,40m x 1,80m e o 2º a 1,50m x 2m.

MARAPENDI

O Fazenda Clube Marapendi realiza hoje às 10h a 13a. prova de seu Campeonato de Novos Cavaleiros, liderado no momento por Mauro Taubman, com *Cid*. A prova terá dois percursos com obstáculos a 1,10m e julgamento pela tabela A.

Iniciado em março, o Campeonato do Marapendi tem por objetivo dar chances a cavaleiros novos ou que estejam afastados há algum tempo das pistas a disputar provas mais fracas e sem cavaleiros consagrados. Até o momento, disputadas 12 provas, é a seguinte a classificação do Campeonato de Novos: 1. Mauro Taubman — *Cid* — 283,5 pontos; 2. Roberto Manhães Barreto — *Batuque* — 272,5; 3. Mauro Taubman — *Black Jack* — 230; 4 Luiz Fernando Cardoso — *Partisan* — 227; 5. Donald Stewart — *Chimborazo* — 198,5; 6. Silvia Helena Boghossian — *Shinaru* — 190.

Antes da prova do Campeonato de Novos, será disputada uma prova para alunos da Escolinha de Hipismo do clube.

CONCURSO COMPLETO

Em Lexington, Estados Unidos, o argentino Carlos Rawson foi hospitalizado ontem em consequência de uma queda de seu cavalo durante a disputa do Campeonato de Concurso Completo de Equitação que se realiza nesta cidade. Rawson machucou a cabeça e está em observação.

Em Caracas, o alemão-ocidental Juergen Roden ganhou ontem a segunda prova do 3º Concurso Internacional de Saltos que se disputa no Clube Hípico de Caracas.

Apesar de seu bom desempenho, Roden não conseguiu classificar-se entre os 10 primeiros do Concurso liderado pelos venezuelanos Ignacio Sosa e Pablo Ceballos. O torneio encerra-se hoje.

Dirigente sugere que Olimpíada de 88 seja num país sul-americano

Munique — O presidente do Comitê Olímpico da Alemanha Ocidental, Willi Daums, manifestou ontem seu desejo de ver os Jogos Olímpicos de 1988 promovidos por um país sul-americano. Diante de 20 autoridades esportivas latino-americanas, o dirigente disse que promover os Jogos seria uma forma de lucrar, desde que se construíssem instalações não só para os 16 dias de competição, como para o resto da vida.

Em 1980 os Jogos serão realizados em Moscou, enquanto em 1984, provavelmente, nos Los Angeles. Para 1988 ainda não há nada certo, mas já se candidataram as cidades de Bruxelas, Copenhague, Londres, Glasgow, Teerã, Osaka e Argel.

Willi acrescentou que ainda não há um programa para o Congresso Olímpico de Baden-Baden, em 1981, mas adiantou que na ocasião deverão ser discutidos assuntos como o futuro dos Jogos, discriminação política e racial, problemas de *doping* e rendimento técnico dos atletas.

Aproveitando a oportunidade Willi lamentou que das 140 nações que participam dos Jogos, há muitas com grande dificuldade de falar para tantos representantes reunidos, Jogos, apenas menos da metade tenha o direito de votar no Comitê Olímpico Internacional. Deixou claro, no entanto, que este é um problema que está prestes a ser resolvido satisfatoriamente.

Para o dirigente, organizar uma Olimpíada já não é um grande problema. Dando este direito a países menos desenvolvidos no esporte, o COI está dando uma oportunidade de desenvolvimento, já que piscinas, pistas de atletismo, raias para regatas e uma série de condições para praticar o esporte seriam criadas.

Tracy Caulkins vence mais duas provas na natação

O Torneio Internacional de Natação que inaugurou o Parque Aquático Júlio de Lamare, no Maracanã, foi proveitoso para alguns nadadores brasileiros e proporcionou um espetáculo diferente ao público carioca, que assistiu a uma descontraída exibição dos nadadores estrangeiros convidados para a competição, que terminou ontem à noite.

A recordista mundial Tracy Caulkins foi mais uma vez a atração, vencendo com facilidade duas provas de sua especialidade: os 200m peito e os 200m *medley*. Além da natação, o público teve a atenção atraída para os saltos ornamentais do tricampeão mundial Phill Boggs e do brasileiro Milton Braga, e a apresentação da equipe de nado sincronizado do Canadá, esporte que se pretende reimplantar no país.

AS PROVAS

Os resultados técnicos dos norte-americanos, os mais numerosos entre os atletas convidados, não foram bons. Em férias desde o término do 3º Campeonato Mundial, há duas semanas, campeões como Tracy, David McCagg e Bill Forrester não puderam repetir os tempos registrados em Berlim Ocidental. Estão fora de forma, e o técnico Randy Reese previu que ficariam muitos segundos abaixo de seus melhores resultados. Mas, mesmo assim, venceram quase todas as provas de que participaram, à exceção dos 100m costas, em que Rômulo Arantes Júnior passou à frente do norte-americano David McCagg, sendo o único brasileiro a ganhar a medalha de ouro do Torneio Internacional.

Outros brasileiros que se esforçaram mas sem serem tão bem-sucedidos quanto Rômulo foram Jorge Fernandes, Ciro Delgado e Lígia Barbosa. Jorge, na noite de anteontem, tinha esperanças de bater o recorde sul-americano dos 100m livre — 53s35, desde 1973 — mas ficou em segundo lugar com um resultado próximo à marca desejada, 53s66. O esforço dos brasileiros surpreendeu até o equatoriano Jorge Delgado, que todos apontavam como provável segundo colocado. Jorge ficou em terceiro. Na tarde de ontem foi a vez de Ciro Delgado animar a torcida com sua atuação nos 400 medley. Ele quase chegou a superar o norte-americano Jeff Float, arrancando aplausos do público, mas terminou pouco mais de um segundo atrás de Jeff.

Os norte-americanos voltam para os Estados Unidos hoje à noite. Jorge Delgado retorna quarta-feira a Guaiaquil, o argentino Conrado Porta fica mais dois dias e vai depois para Santa Fé ver a família, e Rômulo Arantes Júnior passeará ainda por uns dias no Rio com a namorada, voltando mais tarde para os Estados Unidos, onde vive.

Rômulo foi homenageado ontem, no encerramento do Torneio Internacional, com uma placa de ouro pelo resultado obtido no 3º Campeonato Mundial — 3º lugar nos 100m costas. Ganhou também de seu clube, o Flamengo, uma camisa com o número três às costas, em alusão à colocação no Mundial.

Aproveitando que os norte-americanos só viajam à noite, haverá hoje de manhã, no Hotel Nacional, uma palestra para os técnicos brasileiros, quando Randy Reese e Ken Merten exporão seus métodos de treinamento. Muitos técnicos cariocas, porém, não poderão comparecer ao encontro porque têm compromisso já marcado para a mesma hora. Eles lamentaram que ninguém os havia consultado sobre a conveniência do horário.

Catherine Treible, dos EUA, venceu os 400 metros livres, apesar de o placar eletrônico não ter registrado

Último dia

Prova	Atleta	Tempo
400m livres		
1.	Catherine Treible (EUA)	4m47s29*
2.	Roberta Felloti (Itália)	4m43s61
3.	Ana Keila Anchieta (Brasil)	4m43s70
400m medley		
1.	Jeffi Float (EUA)	4m50s69
2.	Cyro Delgado (Brasil)	4m51s90
3.	José Getúlio Filho (Brasil)	4m57s71
200m peito		
1.	Tracy Caulkins (EUA)	2m47s54
2.	Annick de Suzini (França)	2m51s33
3.	Agnes Nilsson (Brasil)	2m52s62
200m costas		
1.	David McCagg (EUA)	2m11s72
2.	Conrado Porta (Argentina)	2m14s43
3.	Ivan Celjar Junior (Brasil)	2m16s88
100m borboleta		
1.	Betsie Rapp (EUA)	1m04s57
2.	Cinzia Rampazzo (Itália)	1m05s87
3.	Rosemary Peres Ribeiro (Brasil)	1m09s93
100m peito		
1.	Luís Francisco Carvalho (Brasil)	1m11s34
2.	João Cassim Jordy (Brasil)	1m12s32
3.	Sílvio Monteiro (Brasil)	1m12s87
100m costas		
1.	Margareth Brown (EUA)	1m09s32
2.	Lgia Barosa (Brasil)	1m12s08
3.	Rosamaria Prado (Brasil)	1m12s29
200m livre		
1.	Bill Forrester (EUA)	1m56s53
2.	Jorge Fernandes (Brasil)	1m57s38
3.	Jorge Delgado (Equador)	1m58s32
200m medley		
1.	Tracy Caulkins (EUA)	2m28s78
2.	Patrícia Pascarelli (Brasil)	2m35s13
3.	Rosamaria Prado (Brasil)	2m37s12
200m borboleta		
1.	Steve Gregg (EUA)	2m07s16
2.	Jorge Delgado (Equador)	2m08s90
3.	Cyro Delgado (Brasil)	2m13s81
100m livres		
1.	Stephanie Elkins (EUA)	1m01s11
2.	Maria Elisa Guimarães (Brasil)	1m03s29
3.	Vera Lúcia Cottin (Brasil)	1m03s53

(*) A norte-americana chegou na frente, mas seu toque na placa eletrônica foi muito leve, não parando o cronômetro. Valeu a anotação do juiz de chegada.

Aplausos marcam o fim da carreira de Delgado

Mesmo cansado por ter nadado cinco minutos antes, o equatoriano Jorge Delgado concordou em disputar a prova dos 200m borboleta, sua especialidade, ontem à noite no Maracanã, concessão elogiada pelo anunciador oficial da competição, e muito aplaudida pelo público. O cansaço foi trocado pela emoção de ser aplaudido pela última vez numa competição de natação. E' que Jorge Delgado encerrou sua carreira no 3º Campeonato Mundial de Natação, em Berlim Ocidental, há duas semanas.

Um encerramento melancólico para quem já foi o único digno representante da América do Sul na natação mundial. Jorge não se classificou para a final de nenhuma das provas em que se inscreveu. Mesmo assim bateu um recorde sul-americano nas eliminatórias dos 200m livres, logo no primeiro dia de competição. Marca que os técnicos brasileiros consideram muito difícil de ser ultrapassada.

Sua carreira de nadador começou quando estava com sete anos. Aos 14 foi campeão equatoriano e aos 18 foi convidado para estudar e treinar nos EUA. E' considerado até hoje, o melhor nadador sul-americano em termos internacionais, mas não crê que em seu país surja outro como ele.

— Os nadadores sul-americanos são pessoas extraordinárias — explica — que por muito esforço próprio conseguem mostrar que a América Latina pode formar bons nadadores.

Campeão sul-americano, campeão pan-americano, sétimo colocado nos Jogos Olímpicos de Montreal, há dois anos, Jorge acha que agora os países da América do Sul estão levando a natação mais a sério, e que com o clima do continente — quase todo ele dentro da zona quente — o esporte pode ser praticado durante o ano todo.

Mas depois de 18 anos como nadador, valeu a pena dedicar tanto tempo ao esporte?

— Vale a pena. A natação me deu universidade, viagens, satisfação pessoal, oportunidade de aprender a falar outras línguas e de ser conhecido.

Mas se tivesse de começar tudo outra vez, Jorge acha que seria muito difícil atingir o nível a que chegou porque o esporte ficou muito competitivo. Ele explica.

— A natação está tão especializada que para ser um bom nadador é necessário treinar de quatro a cinco horas por dia. E depois de oito anos de treinamento intensivo, talvez o atleta consiga ser um bom nadador.

Mas um atleta sul-americano, que se vê às voltas com os estudos e muitas vezes com a necessidade de trabalhar, pode dedicar cinco horas de seu dia ao treinamento de natação?

— Entendo que na América do Sul seja difícil ser um bom nadador, mas quando uma pessoa quer realmente alguma coisa, acaba conseguindo, como no meu caso.

Milton Jorge Braga, muito aplaudido nos saltos

Emerson chega a São Paulo e evita comentar acidente

São Paulo — Bastante abatido com a morte do companheiro Ronnie Peterson, o piloto brasileiro Emerson Fittipaldi desembarcou ontem de manhã em São Paulo, causando surpresa, pois não era esperado. Mostrando-se ainda muito abalado e revoltado com os acontecimentos em Monza, Emerson não quis dar entrevistas mas falou muito rapidamente:

— Muitos comentários ridículos foram feitos sobre o acidente de Peterson e Brambilla. Só que agora eu não quero falar.

O piloto desembarcou às 9 horas em Congonhas, acompanhado da mulher e de seus dois filhos. À tarde, foi até à fábrica Fittipaldi, onde conversou com o irmão Wilson Fittipaldi Júnior, e os projetistas Ralph Bellamy e Ricardo Divila. Depois esteve no Kartódromo de Interlagos e assistiu a um treino de kart do filho de Wilsinho.

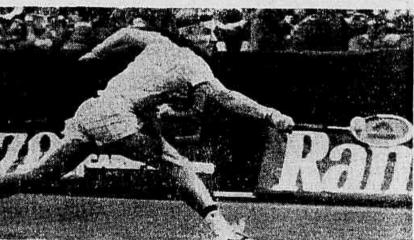
Emerson, que retorna à Europa no próximo dia 25, disse que muitos se preocuparam em falar depois do acidente, mas poucos tentaram fazer alguma coisa para evitar que a tragédia acontecesse. Nos próximos dias o piloto apenas descansará em São Paulo.

CAMPEONATO BRASILEIRO

Porto Alegre — Com a possibilidade de assegurar o título brasileiro deste ano, por antecipação, o paulista Alfredo Guaraná Menezes, da equipe Gledson, conseguiu o terceiro melhor tempo, nos treinos oficiais, realizados ontem, no Autódromo Municipal de Guaporé, para a penúltima etapa do Campeonato Brasileiro de Fórmula VW-1 mil 600 cc, que se realiza hoje, naquele município.

Guaraná ainda não conseguiu recuperar o seu carro totalmente, depois de ter batido no *guard-rail* do autódromo, nos treinos de sexta-feira passada. Mas ele acredita que, até a hora da corrida de hoje, o seu carro estará completamente pronto. A *pole-position* da categoria 1 mil 600cc ficou com o paulista Marco Troncon, que fez um tempo de 1m17s83, seguido por Antonio Castro Prado, da equipe Mc Chad, com tempo de 1m17s86. Alfredo Guaraná Menezes conseguiu a terceira posição com 1m17s97. O carioca Maurício Chulan largará na quinta posição.

BRAMBILLA MELHOR

Milão — O estado físico do piloto Vittorio Brambilla melhorou consideravelmente de ontem para hoje, segundo informaram os que o acompanham no hospital. O piloto feriu-se gravemente no GP de Monza, na semana passada, no mesmo acidente que matou Ronnie Peterson, e Brambilla sofreu traumatismo craniano.

Borg obteve uma boa vitória, desta vez, em partida da Taça Davis

Kirmayr vence outra na Copa Itaú de Tênis Internacional

São Paulo — O brasileiro Carlos Alberto Kirmayr conquistou ontem, na Sociedade Recreativa de Esportes, em Ribeirão Preto, a penúltima etapa classificatória da Copa Itaú de Tênis Internacional. Ele venceu o argentino Ricardo Cano, por dois sets a zero (parciais de 6/2 e 6/3). Amanhã, na Sociedade Hípica de Campinas, começa a sétima e última etapa classificatória.

Para chegar à final de ontem, Carlos Alberto Kirmayr venceu, sexta-feira última, nas semifinais, o outro brasileiro, Cássio Motta, por 6/3 e 6/1, enquanto que Cano venceu João Soares por 6/2 e 6/3. Na disputa de duplas, pelas semifinais, Cano—Vasquez venceram Tavares—Gentil, por 7/5 e 6/4 e Soares—Hocevar derrotaram Feldstad—Cornejo, por 6/4 e 6/4.

Por enquanto, a classificação do torneio é a seguinte (são 16 vagas para jogadores estrangeiros e brasileiros): 1º) Carlos Alberto Kirmayr e Ricardo Cano — 120 pontos; 3º) Cássio Motta e João Soares — 77; 5º) Max Hurlimann — 68; 6º) Roger Guedes — 61; 7.º) Paul Van Min — 43; 8.º) Emílio Montano — 38; 9.º) Carlos Feldstad — 34; 10.º) Gilvaldo Barbosa e Marcos Hocevar — 33; 12.º) Noel Freitas, Charlie Fancutt e Carlos Lando — 30; 15.º) Javier Restrepo — 29; 16.º) Ney Alexandre Keller — 27; 17º) Luís Felipe Tavares — 25; 18.º) Júlio Góes e Gustavo Tiberti — 21; 20.º) Celso Sacomandi — 20; 21.º) Ivan Keler — 18; 22º) Modesto Vasquez e Steve Whitehead — 16; 24º) José Carlos Schmidt Filho, Armando Cornejo e Andres Molina —

COPA NATU NOBILIS

Mais 39 jogos dão prosseguimento hoje à Copa Natu Nobilis de Tênis em 12 categorias. Os jogos estão programados para as quadras do Barra Sul e Barra Tênis, km 13 e 11, da Avenida das Américas, respectivamente. Além da final da categoria masculino 13/12 anos, em Nogueira, no Clube Campestre, partidas importantes serão jogadas nestes dois centros públicos de tênis.

Na categoria 19/21 anos, masculino, Sérgio Brito disputa as oitavas-de-final com Luiz Mascarenhas, enquanto Ian Brich joga com A. Veiga, pela mesma categoria, no Barra Sul, a partir de 8 horas. No Barra Tênis, cuja programação começa às 8 horas, os principais jogos são da 4a. classe, válidos pelas semifinais. Os vencedores destes jogos disputam a final da categoria ainda hoje, às 20 horas, no mesmo local.

TAÇA DAVIS

Baastad, Suécia — Com a vitória na partida de duplas disputada ontem, a Hungria diminuiu a vantagem diante da Suécia para dois a um, no encontro entre os dois países, válido pela final da zona européia B da Taça Davis de Tênis. Os húngaros Balazs Tarocezy e Peter Szoke derrotaram os suecos Ove Benghtsson e Tenny Svensson, por 6/2, 6/1 e 12/10. Nas outras partidas, Kjell Johansson (Suécia) venceu por 7/5, 6/2 e 6/4 Balasz Tarcozy (Hungria), e Bjorn Borg (Suécia) derrotou Peter Szoke (Hungria), por 6/2, 6/0 e 6/0. O vencedor deste encontro jogará com os Estados Unidos, que derrotaram por antecipação o Chile, por 3 a 0.

Em Eastbourne, Inglaterra, a equipe local estabeleceu uma vantagem de 2 a 0 sobre a da Tcheco-Eslováquia, graças à vitória do inglês Bister Mottram sobre juvenil tcheco Ivan Lendl por 6/4, 7/5 e 7/5, em partida válida pela final da zona européia A da Taça Davis. Em simples, o inglês John Lloyd já havia derrotado o tcheco Jiri Hrebec, por 9/7, 6/3, 4/6, 5/7 e 12/10, em jogo de mais de quatro horas.

Brasileiro larga bem em Bol D'Or

Paris — O piloto brasileiro Walter Barchi, o Tucano, largou muito bem ontem nas 24 Horas de Bol D'Or, disputadas no circuito de Paul Ricard, assumindo rapidamente a oitava posição e chegando até o final da noite ao quinto lugar. Tucano, que está fazendo 2m23s por volta, largou em 16º lugar. O francês Patrick Pons continua mantendo a primeira posição embora os especialistas acreditem que sua Yamaha 750cc, muito veloz, não resista muito tempo.

Até ontem, as posições da prova eram as seguintes: em primeiro a dupla francesa Pons-Sarron, seguida de Leon-Chemarin (Honda), Villa-Fontain (Honda), Monnin-Dechamps (Kawasaki), Barchi-Ferreira (Honda), Peyre-Maingret (Kawasaki) e Woods-Williams (Honda).

Remadores competem na 8.ª regata

A 8a. e penúltima regata da temporada de remo de 1978 começa hoje, a partir das 9h, na raia da Lagoa Rodrigo de Freitas com mais sete provas válidas pelo Campeonato da Cidade. O Flamengo é mais uma vez o favorito desta regata que terá apenas um participante, o próprio Flamengo, na sétima (4 sem) e na décima prova (oito). A regata terá 10 provas sendo três extras.

O Flamengo é o líder do campeonato que tem hoje sua última prova. As provas de skiff e double são as que prometem mais disputa nesta regata já que tem seis clubes inscritos. Na de skiff, disputam o Flamengo, com dois barcos, o Vasco, também com dois, o Botafogo e o Guanabara. No double, o Flamengo e o Boqueirão disputam com dois barcos enquanto o Botafogo e o Vasco, com um.

O Flamengo, que lidera todos os Campeonatos de remo do Rio, deverá ganhar mais uma vez com facilidade, deixando o segundo lugar para o Vasco.

UERJ obtém nova vitória no JB-Shell

A Universidade Federal amanhã, no Clube Hebraico do Rio de Janeiro venceu ontem por 2 a 1 a equipe da Souza Marques numa partida válida pelo Campeonato Carioca Universitário de Futebol dos Jogos JORNAL DO BRASIL/Shell. O jogo foi tranqüilo e no primeiro tempo as equipes estiveram equilibradas marcando cada uma um gol. No segundo tempo, a equipe da UERJ cresceu e acabou marcando, aos 20 minutos, o gol de desempate.

No outro jogo a UCP empatou com a UFRJ em um gol numa partida em um pouco tumultuada pela expulsão do jogador Carlos da UCP. Para a Plínio Leite o resultado foi muito bom pois a equipe jogou apenas com 10 jogadores. A Rural ganhou com facilidade da Celso Lisboa por 3 a 0 e a UERJ venceu por WO a Moraes Júnior.

Brasil joga com Uruguai no basquete

São Paulo — Prossegue amanhã, no Clube Hebraica, o Torneio Governador do Estado de Basquete Internacional Masculino com os jogos Brasil x Uruguai e Argentina x Estados Unidos (representados pela equipe da Michigan State University). O Brasil, vitorioso no Torneio Cidade do Rio de Janeiro, é um dos favoritos nessa disputa que se encerra terça-feira com os jogos Brasil x Estados Unidos e Argentina x Uruguai.

Em Lima, Maria del Carmem Penagos, Sheilah Allison e Helga Scheuch enviaram cartas desistindo de integrar a equipe do Peru que participará do Torneio Sul-Americano de Basquete Feminino em La Paz, Bolívia, na primeira quinzena de novembro.

Na 3.ª conquista, o maior momento de Ali

Nova Orleans, Estados Unidos — Embora o título conquistado anteontem seja reconhecido apenas pela Associação Mundial de Boxe — o Conselho não aceitava Spinks como campeão e sim Larry Holmes — nem isso tira o brilho da vitória de Ali. Os críticos são quase unânimes agora em reconhecer que Muhammad Ali não estava sendo nada presunçoso quando deu ao seu livro de memórias o título de *Eu Sou o Maior* (*I Am the Greatest*).

A vitória sobre Spinks foi incontestável, exatamente o contrário do que havia acontecido a 15 de fevereiro passado, quando Ali perdia o título pela terceira vez, embora em uma delas fora do ringue pois quando se recusou a lutar no Vietnam cassaram-lhe a coroa que volta a ostentar com uma certa dose de orgulho. Afinal, ninguém na história do esporte, na qual ele tem um vasto capítulo, conseguiu conquistar o título por três vezes e vencer os três lutadores que conseguiram derrotá-lo.

LUTAS ÉPICAS

Foi também em Nova Orleans, anteontem, que Ali entrava no ringue, pela 24.ª vez para defender ou tentar o título e o fez, segundo o jornal *Chicago Tribune*, reeditando os melhores momentos de uma carreira que completa 18 anos:

— Ali se situou neste combate a um nível superior, igual ao de suas lutas épicas contra Joe Frazier, Sonny Liston e George Foreman — comenta o colunista do importante jornal norte-americano.

E são raros os que não concordam com a opinião do jornal. Estranhamente, Ali é uma dessas vozes discordantes:

— Não foi minha melhor luta. Em 75, contra Joe Frazier, rendi mais. Mas esta, sem dúvida, foi a mais importante para mim.

Importante porque calou alguns de seus críticos que o consideravam demasiado velho, aos 36 anos, para tentar a reconquista do título, contra um jovem de 25. Importante porque diziam que ele não seria mais capaz de bailar sobre o tablado, como fazia antes. Guardada as proporções, principalmente por sua idade, Ali permaneceu na ponta dos pés até o último *round*, ao contrário de seu adversário. Tanto que ao final, possivelmente as 70 mil pessoas que lotaram o Superdome Louisiania gritavam entusiasmadas "Ali, Ali".

MAIS CAUTELA

— Alguma vez viram um homem de 36 anos dominar um de 25 anos como o fiz? Que pensam vocês deste velho? — ironizava Ali, sem, porém chegar aos extravagantes comentários que marcaram suas entrevistas após as 56 vitórias e três derrotas como profissional.

Essa maneira comedida reflete também uma nova imagem de Ali, que já não tem tanta certeza de ter feito sua última luta. Não quis adiantar nada sobre seu afastamento do ringue, onde ninguém como ele conseguiu também vencer os interesses envolvidos no esporte.

Ele admitiu que o gosto de um novo triunfo pode levá-lo a repensar sua decisão de parar de vez e também ninguém desconhece que, por um bom dinheiro, está disposto a enfrentar novos desafios, como Ken Norton, por exemplo, ou mesmo Larry Holmes.

Pode parecer estranho que alguém que já ganhou 60 milhões de dólares (quase Cr$ 1,2 bilhão) possa expor-se ao risco de abalar sua fama, na sua idade, novamente. Principalmente alguém que vive muito bem, como Ali. Pode parecer estranho também que depois de ganhar tão vultosa soma, Ali ainda precise de mais.

Acontece que além dele, todo o seu séquito também vive muito bem e isso custa dinheiro. Sua mulher atual, Verônica, suas ex-mulheres Sonji e Belinda, e todo o exército de assistentes, médicos, conselheiros e acompanhantes também desfrutam de uma boa vida, o que indiretamente representa uma pressão para que Ali continue. Pelo menos, por mais uma ocasião.

Mas além do fato de ter ainda em sua folha de pagamento as seitas negras muçulmanas, dois terços que Ali produziu com os punhos foram, através de impostos, para os cofres do Governo, muito interessado em que ele continue a ser, também dentro do ringue, *O Maior* e uma excelente fonte de renda.

Nova Orleans/UPI

Na entrevista, um Ali tranqüilo. Fez até mágicas com cartas

O reconhecimento de Spinks a quem continua seu ídolo

Com o supercílio direito muito inchado, um ar triste, mas ao mesmo tempo agitado, Leon Spinks compareceu para a entrevista coletiva, logo após perder o seu título mundial para Muhammad Ali, em luta realizada anteontem, em Nova Orleans.

— Não estou frustrado. Mas minha cabeça não estava dentro daquele ringue brigando com Ali. Um homem pode entrar na luta com o corpo em grande forma, mas às vezes a cabeça não o acompanha. Como nunca deixou de ser, Muhammad Ali continua sendo o meu maior ídolo.

As palavras de justificativa é também de um pugilista humilde — embora as suas passagens desde que conseguiu ser campeão mundial sejam de um homem estremamente inconsequente — mostraram o total abatimento de Leonard Spinks Junior logo após perder o seu breve reinado como campeão mundial de todos os pesos, título conquistado em 15 de fevereiro deste ano, quando derrotou o próprio Ali.

Leon Spinks é até o momento o pugilista que menos tempo ficou com o título de campeão mundial dos peso pesados. Seu reinado durou apenas 214 dias, mas ainda assim a condição de astro máximo do boxe mundial parece ter subido à cabeça, acarretando uma série de problemas em sua carreira. Vários envolvimentos com a polícia marcaram estes breves dias de glória.

E Spinks reconhece que muitos problemas extra-ringue o prejudicaram durante o combate com Ali, a quem ele reconheceu todos os méritos da vitória.

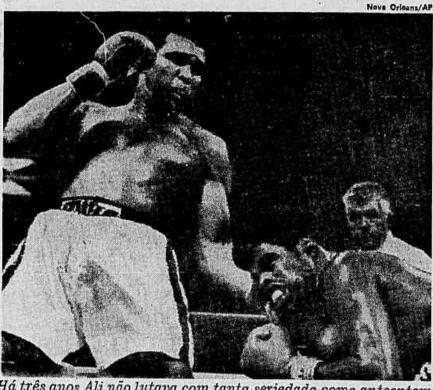
— Reconheço que fatores extra-boxe me prejudicaram. Não soube carregar comigo a responsabilidade de ser campeão mundial. Ser isto não significa só bater dentro do ringue. É preciso ter sangue-frio para todas as ocasiões.

Apesar de abatido, Spinks disse que, se Ali se retirar mesmo do boxe, deixando vago o seu lugar, se candidatará ao posto.

— Para perder ou ganhar um título, basta apenas brigar durante 15 *rounds* — disse o ex-campeão.

Se já não bastasse a derrota de Leonard, sexta-feira não foi um dia bom para a família Spinks. Antes da luta, as autoridades de St. Louis baixaram ordem de busca e captura contra o irmão mais moço do ex-campeão, Ken, por não comparecer ao tribunal onde é julgado por tentativa de homicídio. Isso pode explicar por que Spinks dizia no início que a sua mente não estava voltada apenas para o adversário:

— Talvez eu estivesse com coisas demais na cabeça.

Nova Orleans/AP

Há três anos Ali não lutava com tanta seriedade como anteontem

Acusações no tiro agitam a manhã de treinos

O ambiente sempre tranqüilo das manhãs de treinamento no *stand* de tiro do Fluminense tornou-se agitado ontem, devido às acusações que o General Hudson Soares, ex-vice-presidente da Confederação Brasileira de Tiro ao Alvo, fez ao atual presidente da entidade, Coronel Hugo de Sá Campelo, no cargo desde 1974.

Entre as muitas acusações a Sá Campelo, que já estão no Superior Tribunal de Justiça Desportiva para serem julgadas, constam apropriação indevida de verbas públicas (dólares), atitudes imorais na chefia da delegação, além de ameaças verbais a atiradores, no caso de denunciarem as irregularidades do dirigente.

O General Hudson fez questão de esclarecer que ao denunciar as irregularidades na CBTA não tem nenhum propósito de reassumir o cargo de vice-presidente, ou mesmo de tomar o lugar do Coronel Hugo de Sá Campelo, na presidência. Seu único objetivo, diz, é lutar a favor de um esporte que está sofrendo graves pressões, por causa do presidente Sá Campelo.

ACUSAÇÃO DOCUMENTADA

Com um farto material, debaixo do braço, no qual se baseia para acusar o dirigente, Hudson Soares, chegou ontem ao stand do Fluminense inconformado com o caso e pediu apoio da imprensa nas suas acusações.

— Mantive muitos contatos com o Coronel Hugo, principalmente porque fizemos uma administração em comum até 75. Mas tivemos muitas discussões em torno de situações legais e ilegais. Hoje, ele não pode dizer que não o alertei para possíveis futuros problemas. E se ele não me deu atenção, foi justamente por isso que me desliguei do cargo, pois não queria me tornar cúmplice. Os absurdos na administração de Sá Campelo são tantos, que ele instruiu a diretora-tesoureira, Arlete Ramos, para que não me deixasse ter acesso frequente aos extratos de contas bancárias.

Muito calmo e mostrando suas acusações, o ex-dirigente prossegue no seu relato:

— Um dos maiores absurdos ocorridos na CBTA foi a aplicação da verba dos atiradores, destinada à compra de armas importadas, na Corretora Vetor. O Coronel Hugo de Sá Campelo tem todo o direito de aplicar o dinheiro que a CBTA recebe, mas não na corretora de valores da qual é diretor. O total da CBTA aplicado foi de Cr$ 2 milhões e 400 mil e quem garante que ele não recebeu a corretagem disso? — pergunta o General Hudson.

Os dólares destinados pelo CND nas diversas viagens das delegações de tiro chefiadas pelo Coronel Hugo de Sá Campelo nunca tiveram comprovantes, nem prestações de contas, segundo o General Hudson.

— Ele não trocava a moeda por cruzeiro na volta das viagens, e balancete na entidade é coisa que nunca foi feita.

Nos últimos meses em que foi vice-presidente, o General diz ter ouvido muitas queixas contra o Coronel Hugo de Sá Campelo:

— Os atiradores que estiveram sob sua chefia em Munique, em 1975, quando da disputa no Torneio de Skeet e Fossa Olímpica, acusaram-no de atitudes imorais, alegando que todas as noites o Coronel Sá Campelo levava mulheres ao seu quarto, sem esconder de ninguém, o que tornava constrangedor o ambiente entre os atletas.

Para Hudson Soares, enquanto as acusações a Sá Campelo estiveram no plano financeiro, não houve tanta indignação quanto agora. Isto, porque, afirma o General, os atiradores, tais como Athos Pisoni — um dos melhores do país — e Romeu Luchieri foram ameaçados de não mais integrar nenhuma Seleção Brasileira caso denunciassem as anormalidades aos dirigentes do CND e STJD.

— Isto já vem de muito tempo. E' claro que a maioria dos atiradores não tem coragem para enfrentá-lo. Mas é preciso que alguém faça alguma coisa, pois em caso contrário teremos novamente Sá Campelo chefiando a delegação que irá à Coréia do Sul, para onde a Seleção embarca dia 20 de outubro.

De acordo com as declarações do General Hudson, a denúncia sobre irregularidades na CBTA foi feita em janeiro deste ano, mas o CND só depois de muito tempo arquivou o processo, alegando incompetência para julgar e encaminhando-o ao STJD da CBTA. Agora, os atiradores esperam que não só o CND como também o Ministério da Educação tomem providências para afastar Sá Campelo do cargo.

— Quero deixar bem claro que não tenho nenhum desejo de voltar a dirigir o tiro nacional. Me afastei por discordar das irregularidades na direção da CBTA.

Juventus deixa de ser o último ao derrotar o Botafogo por 2 a 1

São Paulo — Na reabertura do Estádio Rodolfo Crespi, na Rua Javari, o Juventus local venceu o Botafogo de Ribeirão Preto por 2 a 1, fugindo da lanterna do Campeonato Paulista, que agora está com a equipe da Ferroviária da Araraquara, com apenas três pontos ganhos em seis jogos e sem nenhum gol marcado. Essa foi a única partida da rodada, que prossegue hoje com mais nove jogos.

No primeiro tempo o Botafogo abriu o marcador, com um gol de Miro. No segundo tempo, com gols de Ataliba e Juti, o Juventus passou à frente na partida, conseguindo sua segunda vitória. A renda somou Cr$ 71 mil 750, com público de 2 mil 685 pagante se 525 menores. O juiz foi Ulisses Tavares da Silva Filho.

Com o Guarani na liderança, — 11 pontos ganhos — prossegue hoje a rodada. Na Capital, a Portuguesa de Desportos e o Santos fazem a principal partida, no Morumbi. Em Campinas, Ponte Preta e Corintians fazem um jogo curioso: Oswaldo Brandão, ex-treinador do Corintians, está agora na Ponte Preta, ocorrendo o contrário com o jogador Rui Rei, que foi um dos mais visados durante a decisão do Campeonato de 77, quando foi acusado de fazer "corpo mole".

Os demais jogos são: Comecrial x Palmeiras, em Ribeirão Preto; Noroeste x São Paulo, em Bauru; Paulista x Portuguesa Santista, em Jundiaí; São Bento x 15 de Piracicaba, em Sorocaba; América x Ferroviária, em São José do Rio Preto; Marília x Guarani, em Marília; e, Francana x 15 de Novembro de Jaú, em Franca.

Atlético escala time já pensando no Boca

Belo Horizonte — Pela primeira vez no Campeonato Mineiro, o Atlético escala seu time-base para a Taça Libertadores, tentando se reabilitar de duas derrotas consecutivas — Caldense e Guarani — que o levaram a uma incômoda posição na tabela. O Atlético joga hoje, às 16h, no Mineirão, contra o Vila Nova, mas pensando na Taça Libertadores da América. A estréia é no domingo que vem contra o Boca Júnior, da Argentina.

Abel Santos será o juiz de Atlético e Vila Nova, que já estão escalados: *Atlético* — João Leite, Alves, Márcio, Vantuir e Romero; Cerezo, Danival e Paulo Isidoro; Marinho, Jorge Campos e Ziza. *Vila Nova* — Ronaldo, Alvimar, Bosco, Dias e Toninho Braga; Saúva, Pirulito e Aguilar; Ronaldo, Marquinhos e Faisca.

O treinador Mussula, diante dos dois últimos resultados da equipe e da necessidade de preservar o entrosamento para a Libertadores, escala hoje o melhor time possível. Além de Serginho e Reinaldo, em tratamento no Departamento Médico, apenas Marcelo ainda não ganhou condições, o que ocorrerá para o treino de terça-feira — o problema é apenas físico, pois já se recuperou da distensão.

Além de Atlético e Vila Nova, jogam hoje Uberaba e Uberlandia. Ontem à tarde, no Mineirão, com apenas Cr$ 52 mil de renda, o América empatou com o Valério por 2 a 2.

Pernambucanos jogam sob ameaça de parar

Recife — Embora sob a ameaça de paralisação, o Campeonato Pernambucano terá hoje seu primeiro clássico, entre Náutico e Santa Cruz, às 16h30m, no Arruda. Pelo futebol que ambos vêm apresentando, o resultado mais lógico deverá ser o empate.

A esperança de uma boa renda é grande. Por enquanto ainda não houve partida que proporcionasse arrecadação superior a Cr$ 50 mil. No entanto, dificilmente se chegará aos Cr$ 500 mil, por causa da falta da motivação.

Tanto o Náutico como Santa Cruz não têm problemas para o jogo e já estão escalados: *Náutico* — Luís Fernando, Paulinho, Darci, Marião e Chico Fraga; Drailton, Didi Duarte e Garcia; Luis Carlos, Campos e Parraga. *Santa Cruz* — Joel Mendes, Carlos Barbosa, Paranhos, Alfredo e Pedrinho; Givanildo, Betinho e Carlos Roberto; Wolnei, Neinha e Joãozinho.

Vitória estréia dois no clássico da Bahia

Salvador — Na expectativa de uma boa arrecadação, como forma de compensar as fracas rendas obtidas até agora — a maior ultrapassou em pouco os Cr$ 200 mil — Bahia e Vitória fazem hoje na Fonte Nova, o primeiro clássico do Campeonato Baiano, que apresentará como atrações as estréias de Geraldão e Wilton, além do duelo de bancos, entre os irmãos Zezé Moreira, pelo Bahia, e Aymoré Moreira, pelo Vitória.

Embora não se venha apresentando bem desde o início do Campeonato — o líder é o Fluminense de Feira de Santana — o Bahia, pelo maior entrosamento de seu time, é o favorito.

Enquanto o Vitória anuncia as estréias de Wilton, contratado ao Coritiba, e de Geraldão, emprestado pelo Fluminense, o atacante Sena, que se vinha constituindo no principal jogador da equipe, foi vetado pelo Departamento Médico. No Bahia, Baiaco, com um problema no joelho, e Douglas, com o tornozelo bastante inchado, são as principais dúvidas de Zezé Moreira.

Equipes: *Bahia* — Luis Antônio, Toninho, Zé Augusto, Sapatão e Ricardo; Baiaco, Merica e Valdo; Washington Luis, Douglas (Fernando) e Jésun. *Vitória* — Gelson, Valdir, Edson Paulista, Zé Alberto e Válder; Edson Baiano, Joel Zanata e Dendê; Wilton, Geraldão e Sivaldo. O juiz será Saul Mendes.

Internacional decide Taça com Desportivo

Porto Alegre — Internacional e Esportivo, de Bento Gonçalves, iniciam esta tarde, no Estádio Beira-Rio, a decisão da Copa Governador do Estado, primeira fase do Campeonato Gaúcho, que dará direito, ao vencedor, de entrar com um ponto extra na disputa do hexagonal final.

As duas equipes ainda não foram definidas. No Internacional, Cláudio Duarte tem dúvidas na escalação do meio-campo, entre Ancheta e Adilson, recentemente contratado ao Coritiba. Já o técnico Laone, do Esportivo, espera pela revisão médica, que será feita momentos antes da partida, para saber se poderá contar com alguns de seus titulares. As duas equipes estão garantidas para o hexagonal, sendo que o Esportivo só leva um ponto extra pela conquista da Copa Rubens Hofmeister.

SÚMULA

• **O primeiro gol do argentino Osvaldo Ardiles no Tottenham Hotspur foi dramático e consagrador. Precisando da vitória, a equipe estava empatando em um gol com o Leeds United, que jogava em casa, quando Ardiles marcou o gol da vitória. Seu colega Villa foi substituído. Mesmo assim, o Tottenham está em 11º no Campeonato Inglês.**

Os resultados da sexta rodada: Arsenal 1 x Bolton 0, Aston Villa 1 x Everton 1, Bristol City 3 x Southampton 1, Chelsea 1 x Manchester City 4. Derby County 3 x West Bromwich Albion 2. Leeds United 1 x Tottenham Hotspur 2, Liverpool 1 x Coventry City 0, Manchester United 1 x Nottingham Forest 1, Middlesbrough 0 x Queens Park Rangers 2, Norwich City 4 x Birmingham City 0, Wolwerhampton 1 x Ipswich Town 3.

A classificação: 1º Liverpool, 12; 2º Everton, 10; 3º Coventry, 9; 4º West Bromwich e Aston Villa, 8; 6º Norwich, Manchester City, Bristol City, Nottingham Forest e Manchester United, 7; 11º Arsenal, Southampton e Tottenham, 6; 14º Leeds United e Ipswich, 5; 16º Derby Country, Queen's Park Rangers e Bolton, 4; 19º Middlesbrough e Chelsea, 3; 21º Wolwehampton e Birmingham, 2.

O campo do adversário e os muitos boatos sobre a saída do inglês Kevin Keegan não perturbaram o Hamburgo. Com tranquilidade e um hábil futebol, a equipe derrotou por 3a 1 ao Colônia, atual campeão e se juntou a outros quatro times na vice-liderança do Campeonato Alemão, um ponto atrás do líder Kaiserslautern, que ontem venceu em casa por 3 a 0.

Os resultados da sexta rodada: Kaiserlautern 3 x Nuremberg 0, Colônia 1 x Hamburgo 3, Bayern 6 x Braunschweig 1, Darmstadt 1 x Fortuna Dusseldorf 6, Bochum 2 x Schalke 04 2, Werder Bremen 0 x Frankfurt 2, Hertha Berlin 4 x Borussia Dortmund 0, Moenchengladbach 4 x Bielefeld 1, Stuttgart 2 x Duisburgo 0.

A classificação: 1º Kaiserslautern, 9 pontos; 2º Bayern, Hamburgo, Fortuna, Schalke 04 e Frankfurt, 8; 7º Bochum e Dortmund, 7; 9º Moenchengladbach, Colônia, Stuttgart e Braunschweig, 6; 13º Hertha Berlin, 5; 14º Bielefeld e Nurenberg, 4; 16º Werder Bremen e Duisburgo, 3; 18º Darmstadt 2.

— Não estou pedindo aos árbitros que me defendam, mas peça a todos os jogadores que tenham mais cuidado antes de jogar com maldade.

Com a perna engessada em consequência de uma partida contra o Dukla de Praga, na semana passada, o atacante Paulo Rossi se convenceu que todos o jogadores de defesa estão preferindo a violência à técnica para marcá-lo durante os jogos.

— Depois da Copa, me dei conta, lamentavelmente que os defensores me golpeiam com violência e vêem em mim uma espécie de inimigo. Sei que sou um atacante e que tenho de fazer gols, mas poderiam me deter com firmeza se for necessário, e não com golpes sujos e adotando sistemas que podem por em perigo inclusive minha carreira.

Os torcedores do Lanerossi Vicenza só ficaram tranquilos esta semana quando o médico do clube garantiu que o último menisco intacto do jogador não foi atingido em Praga. Houve apenas a ruptura de um ligamento interno, que mesmo assim obrigará o jogador a ficar mais 20 dias com o gesso na perna.

Só diante de Pedrinho, que não conseguiu segurar o chute de Gil, Mendonça marca o gol do Botafogo em Moça Bonita

Empate foi castigo merecido ao Botafogo

A barreira do Bonsucesso desvia o chute de Mendonça, o melhor do time

O Botafogo teve todo o primeiro tempo para ganhar fácil do Bonsucesso. Fez o seu gol logo aos 10 minutos e, dominando amplamente o jogo, podia ter feito mais três ou quatro, mas, jogando com um inconcebível excesso de confiança, acabou permitindo o empate depois de uma falha de seu zagueiro Jaime.

No segundo tempo, quando jogando mais sério tentou a reação, o Botafogo encontrou o Bonsucesso já sem os erros de início, fechado em sua defesa, de nada adiantando então nem o empenho do time, nem as desesperadas alterações feitas por zagalo.

CASTIGO MERECIDO

O empate foi um castigo, mas que o Botafogo mereceu. Embora sua superioridade tenha sido evidente, já acentuada no gol marcado por Mendonça e nos que Gil e Dé perderam logo em seguida, tudo isso antes dos primeiros 15 minutos, não se justificava a auto-suficiência demonstrada pela maioria dos jogadores, que tocavam a bola sem pressa, convencidos de que marcariam quando bem entendessem. Com isso, apesar de as oportunidades surgirem, o time não soube aproveitá-las, fartando-se de perder gols fáceis, até mesmo com o goleiro Pedrinho já vencido.

Nos minutos finais, o domínio era tão amplo que os zagueiros Osmar e Jaime jogavam no meio de campo. E foi do meio de campo que Jaime, com a bola já dominada, inexplicavelmente tentou recuá-la, mas o fez tão mal que a entregou livre para Gildásio, obrigando o goleiro Zé Carlos a uma saída desesperada do gol e a uma falta na linha da área. Paura bateu e fez o gol de empate do Bonsucesso.

No segundo tempo, advertidos por Zagalo, os jogadores passaram a encarar o jogo com mais seriedade, pressionando seguidamente a defesa adversária, pressão que se foi tornando nervosa e descontrolada à medida que o tempo ia passando e o gol não surgia.

Aos 25 minutos, Gil se contundiu e foi substituído por Ricardo e, pouco depois, Zagalo trocava Wescley por Manfrini, numa tentativa de aumentar a capacidade ofensiva do time. As modificações, no entanto, pouco adiantaram. O time continuou com o total domínio da partida, atacando seguidamente, mas já na base do desespero, sem nenhum sentido tático. O Bonsucesso, que no primeiro tempo jogara mal e erradamente, corrigiu seus defeitos e foi então um time todo fechado em sua defesa, que se portou com tranquilidade, conseguindo muitas vezes sair da pressão do Botafogo para contra-ataques perigosos.

Nos 15 minutos finais, sentindo que ia perder um ponto que não estava nos seus cálculos, o time do Botafogo passou a jogar todo no ataque, atirando bolas sobre a área do Bonsucesso, naquela altura amontoada de jogadores, mas nada de prático foi conseguido. O empate, que foi um castigo para o Botafogo, acabou premiando o Bonsucesso pelo empenho de seu time, que soube se defender sem apelar para violência ou retardamento do jogo.

Osmar, Mendonça, Dé, Gil e Cremilson, sem grandes atuações, foram os melhores no Botafogo. No Bonsucesso, além do goleiro Pedrinho, que fez duas ou três defesas excelentes, os zagueiros e Augusto se destacaram.

BOTAFOGO 1
BONSUCESSO 1

Local: Moça Bonita. **Renda:** Cr$ 152 mil 600. **Público pagante:** 3 mil 711. **Juiz:** Wilson Carlos dos Santos. **Auxiliares:** Mário Leite Santos e Edir Pires Teixeira. **Cartão vermelho:** Zé Dias. **Cartões amarelos:** Perivaldo (Botafogo), Alcir, Wilson, Miguel e Mário (Bonsucesso). **Botafogo:** Zé Carlos, Perivaldo, Osmar, Jaime e Beto., Wescley (Manfrini), Mendonça e Ademir Lobo, Cremilson, Gil (Ricardo) e Dé. **Bonsucesso:** Pedrinho, Miguel, Mário, Paúra e Alcir, Wilson, Paulinho e Augusto, Naldo, Gildásio (Beto) e Zé Dias. **Gols:** no 1º tempo, Mendonça (10 minutos) e Paúra (43).

América não sai do zero no Andaraí

Em seu terceiro jogo consecutivo sem marcar gols, o América perdeu ontem à tarde o quarto ponto no Campeonato Carioca, ao empatar com a Portuguesa, e ficou ainda mais distante da disputa do título. O apoio da torcida — menos de 1 mil 500 pessoas pagaram ingressos — não foi suficiente para levar a equipe à vitória no Andaraí.

Para piorar a situação, os dirigentes ficaram frustrados em sua intenção de fazer o clássico do próximo domingo no Maracanã, porque o Fluminense, que lutou pelo mesmo direito, deve jogar com o Vasco.

AMÉRICA 0
PORTUGUESA 0

Local: Andaraí. **Renda:** Cr$ 41 mil 170. **Público:** 1 mil 418. **Juiz:** Mário Rui de Souza. **Auxiliares:** Eraldo Trevor e Amauri Ponciano. **América:** País, Valença (Jorge Lima), Alex, Russo e Álvaro, Gérson Sodré, Leo Oliveira e Silvinho, Reinaldo, Mário e Ailton. **Portuguesa:** Chico, Sérgio Roberto, Ernesto, Fernando e Dori, Zé Antônio, Emílio (Oberdã) e Jair, Zair, Luizinho e Valdo.

Juvenis têm clássico em dia festivo

O Botafogo promete fazer uma festa esta manhã em Marechal Hermes, antes de começar o clássico de juvenis em que a equipe do técnico Joel, líder do Campeonato, enfrentará o Flamengo. O recém-contratado atacante Luisinho será apresentado aos torcedores que poderão, pela primeira vez, ocupar as arquibancadas provisórias instaladas esta semana.

Os juvenis do Botafogo, invictos e com 12 pontos em seis jogos — aguardando ainda a decisão do TJD quanto aos pontos ganhos por WO contra o Bonsucesso — têm também o melhor ataque e o principal goleador, o centroavante Silva. O Flamengo está com 10 pontos — quatro vitórias e dois empates — em sete jogos.

Pela oitava rodada do Campeonato de Juvenis foram realizados ontem cinco jogos: Bangu 1 x Portuguesa 0, em Moça Bonita; São Cristóvão 1 x América 1, em Figueira de Melo; Vasco 0 x Fluminense 1, em São Januário; Olaria 0 x Campo Grande 1, na Rua Bariri; e Madureira 1 x Bonsucesso 1, em Conselheiro Galvão.

A classificação, sem os pontos de Botafogo x Bonsucesso e América x Madureira, que não foram disputados na sétima rodada, ficou assim: 1º *Bangu* (oito jogos) 13 pontos; 2º *Botafogo* (seis jogos) e *Fluminense* (oito jogos), 12; 4º *Flamengo* e *Bonsucesso* (sete jogos), 10; 6º *Vasco* e *Campo Grande* (oito jogos), 7; 8.º *Olaria* (oito jogos), 6; 9.º *Madureira* (sete jogos) e *São Cristóvão* (oito jogos), 4; 11.º *América* (sete jogos), 3; 12.º *Portuguesa* (oito jogos), 2.

—Campo Neutro—

José Inácio Werneck

ESTÁ novamente posta em discussão a segurança dos carros da Lotus, nos quais já morreu um grande número de pilotos, numa lista tão extensa quanto ilustre, a começar por Jim Clark e, dois anos depois, Jochen Rindt.

Rindt ficou com a particularidade de ser o primeiro e até agora único piloto a sagrar-se campeão do mundo depois de sua morte, graças aos pontos que trazia acumulados quando de seu desastre em Monza e do inesperado triunfo do novato Emerson Fittipaldi, seu companheiro de escuderia, no Grande Prêmio dos Estados Unidos.

Agora, Peterson, também da Lotus, pode ser o primeiro a sagrar-se vice-campeão do mundo depois de morto. Todas essas mortes estão ligadas ao carro Lotus e todas ao homem que os criou e incessantemente procura torná-los mais velozes: Colin Chapman, um inglês fechado, de origem humilde (seu pai era arrendatário de um pub*) e hoje muitas vezes milionário.*

Não sei se Chapman já ganhou a Ordem do Império Britanico, como os Beatles, mas seguramente ainda a ganhará, pelo que sua indústria tem trazido de divisas ao país. Na verdade, em uma Grã-Bretanha de indústria automobilística há anos em estado de crise, a fábrica Lotus é uma saudável exceção: já igualou, em tempo muito menor, o número recorde de vitórias em Grandes Prêmios obtido pela Ferrari e, por isto, vende muito, mas muito mesmo, no mercado dos carros esporte e de luxo.

A exceção só não é saudável para os pilotos, e o próprio Chapman admitiu outro dia que, há alguns anos, fazia seus carros de corrida leves demais.

— Levei tempo para aprender, mas só se aprende errando.

Erros que, no mundo do automobilismo, custam vidas humanas. Ninguém discute ser Chapman um gênio da engenharia automobilística, mas o que todos perguntam com alarme é até que ponto ele leva em consideração a integridade física dos outros. Ele mesmo dá uma resposta, recordando seus tempos de brilhante aluno na faculdade:

— Eu tinha um professor que dizia que qualquer idiota pode fazer uma ponte que não caia, mas só um grande engenheiro pode fazer uma que apenas se mantenha dentro do limite.

A busca deste limite é que o tem levado a cometer excessos. Ele ganha, é certo, e em 1978 a Lotus não encontrou competidores, mas o desagradável é que seus pilotos morrem.

Um exemplo do perfeccionismo de Chapman (perfeccionismo no sentido de conseguir que seus carros corram mais) está no segredo que descobriu este ano: uma aerodinamica concebida de tal maneira que o fluxo de ar, ao passar sob a carroceria, cria uma depressão que puxa o carro contra a pista, em vez de concorrer para fazê-lo voar, como nos modelos dos concorrentes. Ele assim conseguiu uma ajuda para os aerofólios e pôde aumentar a velocidade de suas máquinas.

O homem é um gênio. E seus pilotos, cadáveres.

* * *

DESDE o início do Campeonato o Flamengo está ansioso para jogar com o Vasco, raciocinando que seu adversário está em crise e o ideal seria derrotá-lo de saída. De mais a mais (pensavam os homens do Flamengo), um jogo com o Vasco dá boa renda a qualquer hora. Jogando agora, temos a renda e a vitória.

Pois o jogo aí está, mas a situação será a mesma? Talvez precisemos mudar para o passado o que escrevi acima. O Flamengo estava confiante, achando que seu time era muito bom e que o Vasco estava em crise.

Hoje vê-se que nem a crise do Vasco era tão forte nem o time do Flamengo é tão bom assim. Venceu duas partidas por larga margem, mas só ganhou do Madureira com um gol ilegal e, dias depois, apresentou-se muito mal contra a Portuguesa.

Acho que a partida desta tarde não tem favorito.

* * *

A O que parece, a saída de Francisco Horta da presidência do Fluminense significou o fim da carreira de Marinho como tenista. Pelo menos tenista nas quadras do clube.

Conheço o Fluminense dos tempos em que os jogadores não podiam sequer frequentar a área social. Era do campo para a rua e às vezes baixava-se uma ordem para que mesmo este transito se fizesse pela porta dos fundos, ali na Pinheiro Machado.

Com Horta, de repente, passou-se a ver Marinho nas quadras, a empunhar uma raqueta e exibir um estilo até elegante. Depois que Sílvio Vasconcelos se empossou, nunca mais.

O Brasil perde um tenista capaz de bater na bola com as mais desconcertantes "trivelas".

Só diante de Pedrinho, que não conseguiu segurar o chute de Gil, Mendonça marca o gol do Botafogo em Moça Bonita

Empate foi castigo merecido ao Botafogo

O Botafogo teve todo o primeiro tempo para ganhar fácil do Bonsucesso. Fez o seu gol logo aos 10 minutos e, dominando amplamente o jogo, podia ter feito mais três ou quatro, mas, jogando com um inconcebível excesso de confiança, acabou permitindo o empate depois de uma falha de seu zagueiro Jaime.

No segundo tempo, quando jogando mais sério tentou a reação, o Botafogo encontrou o Bonsucesso já sem os erros de início, fechado em sua defesa, de nada adiantando então nem o empenho do time, nem as desesperadas alterações feitas por Zagalo.

CASTIGO MERECIDO

O empate foi um castigo, mas que o Botafogo mereceu. Embora sua superioridade tenha sido evidente, já acentuada no gol marcado por Mendonça e nos que Gil e Dé perderam logo em seguida, tudo isso antes dos primeiros 15 minutos, não se justificava a auto-suficiência demonstrada pela maioria dos jogadores, que tocavam a bola sem pressa, convencidos de que marcariam quando bem entendessem. Com isso, apesar de as oportunidades surgirem, o time não soube aproveitá-las, fartando-se de perder gols fáceis, até mesmo com o goleiro Pedrinho já vencido.

Nos minutos finais, o domínio era tão amplo que os zagueiros Osmar e Jaime jogavam no meio de campo. E foi do meio de campo que Jaime, com a bola já dominada, inexplicavelmente tentou recuá-la, mas o fez tão mal que a entregou livre para Gildásio, obrigando o goleiro Zé Carlos a uma saída desesperada do gol e a uma falta na linha da área. Paura bateu e fez o gol de empate do Bonsucesso.

No segundo tempo, advertidos por Zagalo, os jogadores passaram a encarar o jogo com mais seriedade, pressionando seguidamente a defesa adversária, pressão que se foi tornando nervosa e descontrolada à medida que o tempo ia passando e o gol não surgia.

Aos 25 minutos, Gil se contundiu e foi substituído por Ricardo e, pouco depois, Zagalo trocava Wescley por Manfrini, numa tentativa de aumentar a capacidade ofensiva do time. As modificações, no entanto, pouco adiantaram. O time continuou com o total domínio da partida, atacando seguidamente, mas já na base do desespero, sem nenhum sentido tático. O Bonsucesso, que no primeiro tempo jogara mal e erradamente, corrigiu seus defeitos e foi então um time todo fechado em sua defesa, que se portou com tranquilidade, conseguindo muitas vezes sair da pressão do Botafogo para contra-ataques perigosos.

Nos 15 minutos finais, sentindo que ia perder um ponto que não estava nos seus cálculos, o time do Botafogo passou a jogar todo no ataque, atirando bolas sobre a área do Bonsucesso, naquela altura amontoada de jogadores, mas nada de prático foi conseguido. O empate, que foi um castigo para o Botafogo, acabou premiando o Bonsucesso pelo empenho de seu time, que soube se defender sem apelar para violência ou retardamento do jogo.

Osmar, Mendonça, Dé, Gil e Cremilson, sem grandes atuações, foram os melhores no Botafogo. No Bonsucesso, além do goleiro Pedrinho, que fez duas ou três defesas excelentes, os zagueiros e Augusto se destacaram.

BOTAFOGO 1
BONSUCESSO 1

Local: Moça Bonita. **Renda:** Cr$ 152 mil 600. **Público pagante:** 3 mil 711. **Juiz:** Wilson Carlos dos Santos. **Auxiliares:** Mário Leite Santos e Edir Pires Teixeira. **Cartão vermelho:** Zé Dias. **Cartões amarelos:** Perivaldo (Botafogo), Alcir, Wilson, Miguel e Mário (Bonsucesso). **Botafogo:** Zé Carlos, Perivaldo, Osmar, Jaime e Beto., Wescley (Manfrini), Mendonça e Ademir Lobo, Cremilson, Gil (Ricardo) e Dé. **Bonsucesso:** Pedrinho, Miguel, Mário, Paúra e Alcir, Wilson, Paulinho e Augusto, Naldo, Gildásio (Beto) e Zé Dias. **Gols:** no 1º tempo, Mendonça (10 minutos) e Paúra (43).

O ataque do Fluminense frustrou a tática de impedimento do Madureira

Fluminense vence de 4 a 2 marcando os gols no início

O Fluminense derrotou o Madureira por 4 a 2, ontem à noite, no Maracanã, numa partida em que jogou muito bem no primeiro tempo, quando marcou quatro gols e não tomou conhecimento da tática de impedimento que o adversário pretendia executar. Fumanchu (3) e Nunes marcaram para o Fluminense, cabendo a Edinho (contra), depois de um chute de Cabral, e Lenilson, descontarem para o Madureira. No segundo tempo, desmotivado, o Fluminense não esteve bem, desiludindo a torcida que esperava um placar mais elevado diante dos quatro gols que o time conseguiu marcar em apenas 20 minutos.

O juiz foi Luís Carlos Félix, auxiliado por José Gabriel da Silva e Luís Antônio Barbosa, a renda somou Cr$ 267 mil 365 com 10 mil 151 pagantes e as equipes formaram assim: **Fluminense** — Renato, Rubens Galaxe, Miranda, Edinho e Carlinhos; Pintinho, Cléber e Marinho; Fumanchu, Nunes e Zezé (Gilson). **Madureira** — Gilson, Paulinho, Celso, Pogito e Almir; Carlinhos, Luís Carlos e Edson; Manfrini, Cabral e Russo (Lenilson).

INÍCIO DECISIVO

O Fluminense entrou em campo parecendo estar totalmente preparado para enfrentar a tática de impedimento que o Madureira aplicou, com êxito, em suas primeiras partidas do Campeonato Carioca. Para isso contribuiu o gol de Fumanchu, logo aos seis minutos, liquidando, de saída, pelo menos a esperança de empate para o Madureira. Carlos Alberto Pintinho penetrou pela direita, driblou o zagueiro adversário e centrou para a área. Fumanchu, bem colocado, subiu mais que seus marcadores e abriu o escore, tocando de cabeça sem chance de defesa para o goleiro Gilson. Sete minutos depois, aos 13, novamente Fumanchu, desta vez em impedimento, avançou livre e tocou para o gol no momento em que Gilson se preparava para deixar a área e tentar combatê-lo.

Com 2 a 0, jogando bem e não se importando com o avanço da defesa do Madureira — que ainda insistia em deixar os atacantes em impedimento — o Fluminense manteve o ritmo e voltou a marcar aos 16 e aos 20 minutos. No terceiro gol, Cléber, como se fosse ponteiro, cruzou para Nunes marcar de cabeça, num lance bonito e de oportunismo. No quarto gol, Nunes errou o chute, mas Fumanchu, bem-colocado novamente, bateu de canhota e marcou. Aos 40 minutos, já com o time do Fluminense mais acomodado, um chute de Cabral bateu em Edinho e enganou completamente Renato.

O segundo tempo foi o inverso do primeiro: o Fluminense jogou mal, desinteressado e de maneira lenta. O resultado foi que o Madureira pôde armar-se melhor em campo e chegar ao segundo gol, num lance em que Renato, Marinho e Edinho ficaram indecisos. Lenilson entrou livre e marcou, aos 36 minutos. A torcida do Fluminense, que vibrou no início, deixou o Maracanã irritada com a queda de rendimento do time.

América não sai do zero no Andaraí

Em seu terceiro jogo consecutivo sem marcar gols, o América perdeu ontem à tarde o quarto ponto no Campeonato Carioca, ao empatar com a Portuguesa, e ficou ainda mais distante da disputa do título. O apoio da torcida — menos de 1 mil 500 pessoas pagaram ingressos — não foi suficiente para levar a equipe à vitória no Andaraí.

Para piorar a situação, os dirigentes ficaram frustrados em sua intenção de fazer o clássico do próximo domingo no Maracanã, porque o Fluminense, que lutou pelo mesmo direito, deve jogar com o Vasco.

AMÉRICA 0
PORTUGUESA 0

Local: Andaraí. **Renda:** Cr$ 41 mil 170. **Público:** 1 mil 418. **Juiz:** Mário Rui de Souza. **Auxiliares:** Eraldo Trevor e Amauri Ponciano. **América:** País, Valença (Jorge Lima), Alex, Russo e Álvaro, Gérson Sodré, Leo Oliveira e Silvinho, Reinaldo, Mário e Ailton. **Portuguesa:** Chico, Sérgio Roberto, Ernesto, Fernando e Dori, Zé Antônio, Emílio (Oberdã) e Jair, Zair, Luizinho e Valdo.

Juvenis têm clássico em dia festivo

O Botafogo promete fazer uma festa esta manhã em Marechal Hermes, antes de começar o clássico de juvenis em que a equipe do técnico Joel, líder do Campeonato, enfrentará o Flamengo. O recém-contratado atacante Luisinho será apresentado aos torcedores que poderão, pela primeira vez, ocupar as arquibancadas provisórias instaladas esta semana.

Os juvenis do Botafogo, invictos e com 12 pontos em seis jogos — aguardando ainda a decisão do TJD quanto aos pontos ganhos por WO contra o Bonsucesso — têm também o melhor ataque e o principal goleador, o centroavante Silva. O Flamengo está com 10 pontos — quatro vitórias e dois empates — em sete jogos.

Pela oitava rodada do Campeonato de Juvenis foram realizados ontem cinco jogos: Bangu 1 x Portuguesa 0, em Moça Bonita; São Cristóvão 1 x América 1, em Figueira de Melo; Vasco 0 x Fluminense 1, em São Januário; Olaria 0 x Campo Grande 1, na Rua Bariri; e Madureira 1 x Bonsucesso 1, em Conselheiro Galvão.

A classificação, sem os pontos de Botafogo x Bonsucesso e América x Madureira, que não foram disputados na sétima rodada, ficou assim: *1º Bangu* (oito jogos) 13 pontos; *2º Botafogo* (seis jogos) e *Fluminense* (oito jogos), 12; *4º Flamengo* e *Bonsucesso* (sete jogos), 10; *6º Vasco* e *Campo Grande* (oito jogos), 7; *8.º Olaria* (oito jogos), 6; *9.º Madureira* (sete jogos) e *São Cristóvão* (oito jogos), 4; *11.º América* (sete jogos), 3; *12.º Portuguesa* (oito jogos), 2.

Campo Neutro

José Inácio Werneck

ESTÁ novamente posta em discussão a segurança dos carros da Lotus, nos quais já morreu um grande número de pilotos, numa lista tão extensa quanto ilustre, a começar por Jim Clark e, dois anos depois, Jochen Rindt.

Rindt ficou com a particularidade de ser o primeiro e até agora único piloto a sagrar-se campeão do mundo depois de sua morte, graças aos pontos que trazia acumulados quando de seu desastre em Monza e do inesperado triunfo do novato Emerson Fittipaldi, seu companheiro de escuderia, no Grande Prêmio dos Estados Unidos.

Agora, Peterson, também da Lotus, pode ser o primeiro a sagrar-se vice-campeão do mundo depois de morto. Todas essas mortes estão ligadas ao carro Lotus e todas ao homem que os criou e incessantemente procura torná-los mais velozes: Colin Chapman, um inglês fechado, de origem humilde (seu pai era arrendatário de um pub*) e hoje muitas vezes milionário.*

Não sei se Chapman já ganhou a Ordem do Império Britanico, como os Beatles, mas seguramente ainda a ganhará, pelo que sua indústria tem trazido de divisas ao país. Na verdade, em uma Grã-Bretanha de indústria automobilística há anos em estado de crise, a fábrica Lotus é uma saudável exceção: já igualou, em tempo muito menor, o número recorde de vitórias em Grandes Prêmios obtido pela Ferrari e, por isto, vende muito, mas muito mesmo, no mercado dos carros esporte e de luxo.

A exceção só não é saudável para os pilotos, e o próprio Chapman admitiu outro dia que, há alguns anos, fazia seus carros de corrida leves demais.

— Levei tempo para aprender, mas só se aprende errando.

Erros que, no mundo do automobilismo, custam vidas humanas. Ninguém discute ser Chapman um gênio da engenharia automobilística, mas o que todos perguntam com alarme é até que ponto ele leva em consideração a integridade física dos outros. Ele mesmo dá uma resposta, recordando seus tempos de brilhante aluno na faculdade:

— Eu tinha um professor que dizia que qualquer idiota pode fazer uma ponte que não caia, mas só um grande engenheiro pode fazer uma que apenas se mantenha dentro do limite.

A busca deste limite é que o tem levado a cometer excessos. Ele ganha, é certo, e em 1978 a Lotus não encontrou competidores, mas o desagradável é que seus pilotos morrem.

Um exemplo do perfeccionismo de Chapman (perfeccionismo no sentido de conseguir que seus carros corram mais) está no segredo que descobriu este ano: uma aerodinamica concebida de tal maneira que o fluxo de ar, ao passar sob a carroceria, cria uma depressão que puxa o carro contra a pista, em vez de concorrer para fazê-lo voar, como nos modelos dos concorrentes. Ele assim conseguiu uma ajuda para os aerofólios e pôde aumentar a velocidade de suas máquinas.

O homem é um gênio. E seus pilotos, cadáveres.

* * *

DESDE o início do Campeonato o Flamengo está ansioso para jogar com o Vasco, raciocinando que seu adversário está em crise e o ideal seria derrotá-lo de saída. De mais a mais (pensavam os homens do Flamengo), um jogo com o Vasco dá boa renda a qualquer hora. Jogando agora, temos a renda e a vitória.

Pois o jogo aí está, mas a situação será a mesma? Talvez precisemos mudar para o passado o que escrevi acima. O Flamengo estava confiante, achando que seu time era muito bom e que o Vasco estava em crise.

Hoje vê-se que nem a crise do Vasco era tão forte nem o time do Flamengo é tão bom assim. Venceu duas partidas por larga margem, mas só ganhou do Madureira com um gol ilegal e, dias depois, apresentou-se muito mal contra a Portuguesa.

Acho que a partida desta tarde não tem favorito.

* * *

AO que parece, a saída de Francisco Horta da presidência do Fluminense significou o fim da carreira de Marinho como tenista. Pelo menos tenista nas quadras do clube.

Conheço o Fluminense dos tempos em que os jogadores não podiam sequer frequentar a área social. Era do campo para a rua e às vezes baixava-se uma ordem para que mesmo este transito se fizesse pela porta dos fundos, ali na Pinheiro Machado.

Com Horta, de repente, passou-se a ver Marinho nas quadras, a empunhar uma raqueta e exibir um estilo até elegante. Depois que Sílvio Vasconcelos se empossou, nunca mais.

O Brasil perde um tenista capaz de bater na bola com as mais desconcertantes "trivelas".

Vasco dá 20 mil de prêmio para vencer o Flamengo

Bangu faz 1a. partida em Teresópolis

Reformado e ampliado inicialmente para os treinos da Seleção Brasileira em sua preparação para a Copa do Mundo, o Estádio do Várzea, em Teresópolis, será esta tarde pela primeira vez a sede de uma partida do Campeonato Carioca. O São Cristóvão, que há mais de um mês treina no local, receberá o Bangu como adversário.

As duas equipes estão mal colocadas no Campeonato. O São Cristóvão ainda não conseguiu vencer enquanto o Bangu se recuperou de três derrotas com uma vitória mínima sobre o Olaria.

**SÃO CRISTÓVÃO
BANGU**

Local: Teresópolis. **Horário:** 15 horas. **Juiz:** José Carlos Moura. **Auxiliares:** Paulo Antunes e Wilson Dias Durão. **São Cristóvão:** Bocaiúva, Joel, Vanderlei, Rodrigues e Washington. Nilton, Valdo e Lívio. Porto, Tião Marçal e Serginho. **Bangu:** Lumumba, Belisário, Serjão, Edval e Cacau. Balano, Mauro e Serginho. Cláudio, Jorge Nunes e Luisão.

Olaria joga a preliminar no Maracanã

Olaria e Campo Grande, as duas únicas equipes que ainda não marcaram um gol sequer no Campeonato Carioca, fazem a preliminar do clássico desta tarde no Maracanã. Além dos gols, os dois times buscam também a primeira vitória.

Pelo que mostrou até agora, o Olaria pode ser considerado o favorito; mas o técnico Carlos Alberto está insatisfeito com a falta de objetividade do ataque. No Campo Grande, a preocupação de Brandãozinho é com a defesa, que em três jogos sofreu nove gols.

**OLARIA
CAMPO GRANDE**

Local: Maracanã. **Horário:** 15 horas: **Juiz:** Valquir Pimentel. **Auxiliares:** Garibaldo Matos e Carlos Daniel Gamboa. **Olaria:** Ernani, Balano, Luís Carlos, Mauro e Gilmar. Ricardo, Rocha e Lulinha. Orlando, Cavalcanti e Roberto Lopes. **Campo Grande:** Jorge, Severo, Carlos Alberto, Lírio e Rui. Badu, Pirulito e Teles. Naldo, César e Luisinho.

Abel (de costas) disse aos companheiros e ao técnico Fantoni (E) que o Vasco vai suprir os desfalques com muita garra

Desfalcado de dois titulares — Geraldo e Zé Mário — e ameaçado de não contar com outros dois — Mazaropi e Marco Antônio — o time do Vasco tem como principal motivação para vencer o Flamengo, líder do Campeonato Carioca, hoje, às 17 horas, no Maracanã, uma gratificação inédita oferecida por dirigentes cariocas em partidas não-decisivas, no valor de Cr$ 20 mil para cada jogador.

O Flamengo é mais modesto no prêmio — fixado em Cr$ 5 mil — mas em compensação contará com a volta de um de seus jogadores mais importantes — Paulo César Carpeggiani — afastado desde a primeira rodada. O goleiro Raul, outro destaque do time, também reaparece, assim como Cléber. Apenas um titular continua ausente, o ponta-direita Tita.

Decepcionado com Tião, que jogou mal contra a Portuguesa, o técnico Cláudio Coutinho tem duas opções para a ponta-direita: a estréia pura e simples de João Carlos ou a entrada de Ramirez na lateral, passando Toninho para o ataque. Esta última parece ser a mais provável, por já ter sido testada várias vezes. Coutinho sempre gostou de contar com a agressividade de Toninho na ponta-direita.

Mesmo tendo caído de produção nos dois últimos jogos, o Flamengo vem-se apresentado neste Campeonato melhor que o Vasco, que vê assim, na partida de hoje, a oporunidade de apagar a má impressão deixada logo na primeira rodada, no empate com o Olaria.

O juiz da partida é José Roberto Wright, auxiliado por José Maria Brandão e José Valeriano Correia.

Carpeggiani, ao lado de Cantarele, volta hoje

O time em busca de recuperação

A vitória sobre o Flamengo, para os jogadores do Vasco, tem pelo menos duas significações consideradas de grande importancia: a recuperação psicológica do time e a oportunidade de mostrar à torcida que ainda é o melhor do Rio. Apesar dos desfalques, os jogadores não admitem a possibilidade de um resultado adverso, embora elogiem a atual fase do Flamengo.

Para o técnico Orlando Fantoni, com problemas no gol e na lateral-esquerda, os primeiros 15 minutos serão decisivos. Se o time conseguir suportar o impeto do ataque do Flamengo nesse período, as possibilidades de vitórias aumentarão. Sua principal preocupação é quanto a falta de atenção da defesa e do meio-campo, mas ele pretende alertar os jogadores na preleção de hoje de manhã, na concentração, sobre esse aspecto.

OUTRO DESFALQUE

O Vasco encerrou os preparativos com um treino recreativo de dois toques, ontem, em São Januário. Marco Antônio sentiu uma fisgada na coxa esquerda e é dúvida. Se não passar na revisão médica, será substituido por Paulo César que, por sua vez, terá um juvenil em seu lugar no banco de reservas. Mazaropi treinou normalmente, mas reclamou de dor no tornozelo direito. Fantoni deixou o goleiro Caneco, também juvenil, de sobreaviso. Caso Mazaropi não jogue, entra Jair Bragança.

O mais otimistas ontem era Abel. Segundo ele, o Vasco, mesmo sentindo a ausência de alguns titulares, costuma se superar em partidas difíceis, principalmente no Maracanã e contra o Flamengo, quando este atravessa uma fase boa como a de agora.

— Costumamos vencer o Flamengo em oportunidades como essa. Quando eles estão em fase ruim, a vitória fica mais difícil. A vantagem deles é apenas quanto ao entrosamento, pois o Vasco ainda não teve a chance de jogar completo neste Campeonato. No entanto, acredito que podemos superar nossa deficiência jogando com mais disposição e garra.

Depois do treino, Paulo Roberto, Quina, Paulinho e Roberto ficaram ainda mais de uma hora treinando faltas com barreiras para os goleiros Mazaropi e Jair Bragança. No vestiário Fantoni pediu a Guina e Paulo Roberto que se movimentassem hoje com mais rapidez, além de aproveitarem os deslocamentos de Roberto para surgirem como homens de finalização em chutes de fora da área.

O vice-presidente de futebol, Luís Henrique, disse que Dirceu acertou os últimos detalhes com o América, do México. As providências para a remessa do distrato do jogador com o Vasco e o atestado liberatório foram tomadas ontem mesmo. segunda-feira o clube os remeterá para a CBD e a Federação Mexicana.

Carlos Alberto Garcia acerta

Depois de uma semana de controvérsias, em que não faltou a interferência do presidente da CBD, Almirante Heleno Nunes, o Vasco acertou ontem a contratação do meio-campo Carlos Alberto Garcia, do Londrina, por Cr$ 3 milhões mais dois jogadores ex-juvenis a serem escolhidos e um amistoso no Paraná.

A solução só foi encontrada após a reunião de mais de três horas entre os dois presidentes, Agatirno Gomes e Carlos Franchelo, e o jogador, em São Januário. Carlos Alberto vai receber Cr$ 20 mil de salário no primeiro ano, Cr$ 30 mil no segundo, além dos 15 por cento do preço do passe (Cr$ 450 mil) a serem pagos numa composição entre os dois clubes. Segundo Franchelo, o Londrina pagará Cr$ 180 mil e o Vasco Cr$ 270 mil. Já Agatirno disse que o pagamento será feito integralmente pelo Londrina.

AS NEGOCIAÇÕES

Carlos Alberto chegou ao Rio na segunda-feira. Na terça de manhã, esteve em São Januário reunido com o vice-presidente Luís Henrique para tratar da assinatura do contrato. Sua proposta foi de Cr$ 500 mil de luvas e salários de Cr$ 70 mil, enquanto o Vasco só oferecia salários de Cr$ 20 mil e sem compromisso de luvas.

No mesmo dia, à tarde, Heleno Nunes convocou as duas partes para uma reunião na CBD, quando ficou acertado que o Londrina pagaria parte das luvas pedidas pelo jogador. O Vasco só se pronunciaria depois da volta de seu presidente, que estava no México, acertando a venda de Dirceu ao América. Outra providência de Heleno foi afastar Luís Henrique das negociações, pois achava que ele estava pondo tudo a perder.

O jogador deixou a reunião de ontem demonstrando estar assustado e não sabia explicar bem as bases em que acertou com o Vasco (muito pouco para quem queria tanto). Era visível que Carlos Alberto e sua mulher, Sônia, que o acompanhou durante toda a semana, estavam cansados de tantas reuniões e não souberam justificar as razões que fizeram o jogador diminuir suas exigências. Já o presidente Franchelo, encontrou uma, embora não muito convincente:

— Carlos Alberto Garcia, com a camisa do Vasco, vale pelo menos Cr$ 10 milhões.

Carlos Alberto Garcia

O primeiro teste de um time em renovação

Márcio Guedes

O clássico desta tarde contra o Vasco é o primeiro teste real para se avaliar até que ponto o processo de renovação da equipe do Flamengo pode trazer os resultados esperados. Um processo iniciado a partir do Campeonato Nacional, a partir dos movimentos da oposição em torno do nome de George Helal e dos problemas de Coutinho na Seleção, quando não restou à FAF outra alternativa senão a de fazer alguma coisa qualquer para mudar.

Os momentos de quase desespero durante o mês de julho, com a constatação da absoluta impossibilidade de se investir em grandes contratações e a convicção de que nomes como Merica, Júnior Brasília e Luís Paulo não podiam continuar, acabaram forçando os dirigentes, sob a coordenação de Marco Aurélio Moreira Leite, a reeditar, com menores ambições, o mecanismo de trocas e de empréstimos empregado por Francisco Horta no Fluminense em 75 e 76.

OS OITO NOVOS

Os nomes que a torcida já não queria foram afastados e oito novos se alinharam no grupo que a FAF acredita possa disputar este Campeonato em igualdade de condições com os principais concorrentes. Raul, Tião e Eli Carlos, do Cruzeiro, Cléber do Atlético Mineiro Getúlio e Alberto, do Bahia, Manguito, do Olaria e João Carlos, do Esportivo, vieram para constituir, hoje, um terço de todo o elenco.

As primeiras vitórias, a conquista do torneio de Palma de Mallorca e as goleadas sobre São Cristovão e Campo Grande trouxeram grande euforia, já agora atenuada pelas dificuldades encontradas na partida com o Madureira e com o péssimo futebol exibido diante da Portuguesa. De todos os contratados, apenas Raul demonstrou totais condições de ser titular absoluto. Manguito e Cléber foram mantidos mais em função das contusões de Rondinelli e Moisés e da falta de um especialista para compor o terceiro homem de meio-campo. Eli Carlos destaca-se mais nos treinos que nos jogos e por enquanto não chega a ameaçar a posição de Claúdio Adão. Tião acaba de ser temporariamente dispensado para recuperar-se de um trauma psicológico causado pelas más atuações e, finalmente, João Carlos e Getúlio estão em fase de testes.

Segundo o próprio técnico Claudio Coutinho, as excelentes atuações de Carpeggiani, Adílio, Cláudio Adão e Zico — jogadores que já pertenciam ao clube — é que foram fundamentais para a recuperação da equipe. Mesmo assim, o treinador, para não desmotivar o grupo, procura sempre elogiar os novatos e, hoje mesmo, vai dispor de alguns deles para compor um complicado banco de reservas. Um balanço da opinião de Coutinho, dos dirigentes e o próprio comportamento dos oito novos contratados indicam as seguintes perspectivas para cada um:

Raul — Destacadamente o melhor do grupo. Coutinho o considera um exemplo para os outros goleiros e acha que ele pode ensinar muita coisa ao reserva Cantarele. Suas atuações na Europa foram elogiadas, mas os primeiros jogos do Campeonato não serviram de teste. No entanto, Raul já provou que sua personalidade e sua calma são de grande importancia para o sistema defensivo.

Manguito — A Comissão Técnica ficou deslumbrada com seu rendimento no exterior mas, em partidas sem maior expressão contra a Portuguesa e Madureira, mostrou algumas deficiências, especialmente quando tem a posse da bola. Há grande preocupação em relação a seu rendimento esta tarde. Coutinho o orientou exaustivamente durante os treinos da semana. Poucos duvidam, no entanto, de que logo perderá o lugar para Moisés.

Cléber — Conseguiu apenas compor razoavelmente o meio-campo e ocupar, com um pouco mais de audácia que Luís Paulo, o setor esquerdo do ataque. Mas, individualmente, mostrou poucas qualidades, e parece um pouco desorientado quanto às suas funções. Teve o mérito de marcar alguns gols nos primeiros jogos. Por isso o técnico o elogia constantemente.

Alberto — Cláudio Coutinho é um dos maiores entusiastas do seu futebol, especialmente do bom controle de bola e da rapidez com que faz lançamentos. Em função das circunstancias, acabou deslocado para a posição de médio-volante, mas hoje pode aparecer em qualquer posição do meio-campo. Provavelmente uma boa alternativa para mudança, mas não sugere que chegará à uma posição de titular absoluto.

Tião — Até o momento, se constituiu no maior fracasso. Na Europa, diante de condições favoráveis, não se destacou em nenhuma posição e no Campeonato Carioca, a tentativa de aproveitá-lo na ponta-direita resultou em catástrofe: a torcida não o perdoou, Coutinho o afastou por uns tempos e as previsões são, agora, bem pessimistas. Tião, na verdade, não mostrou ainda qualquer qualidade que justificasse o valor de seu passe, fixado em Cr$ 6 milhões pelo Cruzeiro.

Eli Carlos — Veio para ser titular num momento de baixa cotação de Claudio Adão. Aos poucos, ficou claro que seu futebol não era exatamente o ideal para ser aproveitado ao lado de Zico. Coutinho já admite escalá-lo no meio-campo e em outras posições do ataque e ele surge agora como um reserva versátil.

Getúlio — Um bom porte físico, muitas recomendações do seu companheiro Alberto e dedicação nos treinamentos. Mas nem Coutinho teve coragem de lhe dar uma oportunidade real porque seus recursos técnicos parecem ainda abaixo do nível exigido pela equipe. Deve compor hoje o banco de reservas, mas dificilmente será aproveitado.

João Carlos — Nos treinos, mostrou uma velocidade de acima do normal, embora, paradoxalmente, a Comissão Técnica o considere fora de forma física. Os observadores menos envolvidos com a cúpula dirigente não acreditam que possa ter alguma chance na ponta direita, mas Coutinho já chegou a comparar seus cruzamentos aos de Valdomiro.

Flamengo	Vasco
Raul	Mazaropi
	(Jair Bragança)
Ramirez	Orlando
Manguito	Abel
Nélson	Gaúcho
Júnior	Marco Antônio
	(Paulo César)
Carpeggiani	Helinho
Adílio	Guina
Cléber	Paulo Roberto
Toninho	Wilsinho
Cláudio Adão	Roberto
Zico	Paulinho

MARCEL COURAUD O "BON VIVANT" QUE VEIO REGER "LA PÉRICHOLE"

Marcel Couraud: não ser especialista

La Périchole, de Offenbach, estréia dia 28 no Teatro Municipal. O maestro que irá regê-la já está no Rio e começou a trabalhar com os solistas, com o coro e com a orquestra. Chama-se Marcel Couraud, nasceu em Limoges, França, recusa-se a ser um especialista em termos de música: "prefiro ser um *bon vivant*".

Fotos de Geraldo Viola

caderno B

Danúsia Bárbara

QUEM o vê de longe, elegante no porte, cabelos prateados, fala exuberante e firme, um casaco de linha sofisticadamente **jogado** sobre uma camisa de gola **roulée** — pensa nele como um executivo, como um **designer** ou talvez como um bem nascido. Marcel Couraud é um pouco disso tudo; é o maestro que veio reger **La Périchole**, de Jacques Offenbach, no Teatro Municipal.

— Por que não misturar? E' um erro. Cultura é aquilo que resta quando tudo o mais já foi esquecido.

Marcel Couraud está falando sobre a programação das salas de concerto de todo o mundo. Considera equivoca a tendência a separar clássicos de contemporaneos, não entende por que os concertos não apresentam com mais frequência autores jovens "misturados" com os já consagrados.

— O resultado é a repetição do que já se sabe: cultiva-se o que já se conhece, fica difícil gostar de algo que raramente é apresentado. Além do mais, ouvido e sentimentos se mecanizam, os intérpretes não enfrentam desafios novos, o público se solidifica numa única maneira de viver música. Sou totalmente contrário a isso!

Embora não seja um personagem do contra, Marcel Couraud também não aceita uma atividade musical especializada:

— Não quero ser especialista. Poderia até ganhar muito dinheiro, houve uma época em que todos me solicitavam como "o intérprete de Monteverdi", queriam que eu só seguisse uma linha musical. Mas como? Só posso encontrar o que há de bom provando de tudo. Especializar-se é empobrecer-se, eu procuro o ponto em comum que há em todas as diversas épocas musicais, procuro a condição humana.

Provar de tudo, sua maneira de ser. Marcel Carnaud escolhe peixe para o almoço. Mas prova uisque, batida, vinho branco, delicia-se com abacaxi. Depois, café, muito café. Estudou com Nadia Boulanger na Escola Normal de Música, em Paris, licenciando-se em Harmonia e Contraponto. Conviveu com Pablo Casals, Charles Munch, Stravinsky, atuou na II Guerra, foi prisioneiro, fundou um **ensemble** vocal com seu nome, gravou inúmeros discos, ganhou inúmeros prêmios, foi diretor por sete anos da Orquestra da Rádio e TV Francesa, dirige hoje o Groupe Vocale de France, que criou a convite do Ministro de Cultura francês.

— Na Guerra fui da Cavalaria. Sou muito esportivo. Sou um homem que ama tudo de bom na vida; portanto, um ambicioso. Busco o prazer de existir: seja na música, na roupa, no móvel. Só faço coisas de que gosto e não pelo dinheiro. Deste, gosto das coisas que nos permite comprar mas não determino minha vida por finalidades e objetivos de ganhar mais e mais dinheiro. Prefiro o que nos enriquece no interior.

Ele chegou à música "por vias meio tortas". Sua mãe tocava muito piano em casa, o menino ouvia embevecido. Mas detestava ficar estudando as escalas, ter de decorar normas, regras, comportamentos. Um dia, "reencontrei-me, decidi estudar música". Nascido em Limoges, foi aluno do organista da Catedral da cidade. Em seguida, Paris.

— Hoje em dia não gosto tanto de Paris. Muita poluição, prefiro minha casa na **campagne**, a 60 km da Capital. Visito o Rio pela primeira vez, estou achando esta cidade linda.

— O que veio fazer aqui?

— Reger **La Périchole.** Ofereceram-me boas condições, um plano de trabalho que me agradou, artistas competentes: belas vozes, orquestra competente. E' lógico que precisamos trabalhar para produzir uma boa montagem.

— Alguma concepção especial?

— Lamentavelmente, muitos concebem Offenbach com um pouco de vulgaridade. Ele é um autor **raffiné** que se dirigia a um público **raffiné**, no início deste século, propondo um divertimento, um **amusement**. Nem todos captam isso, confundem-se as coisas. Hoje temos as **sex-shops**, pornografia exposta de todos os tipos. Em sua época, sorria-se, falava-se nas entrelinhas. Alguns esquecem-se disso, a sua sutileza.

— Outro problema é a interpretação. Não se pode maquinalmente ler na partitura **allegro** e fazer **allegro**. Há que se entender a personagem, as psicologias que a circundam. Cada individuo tem sua razão, é preciso captar. Ai entra meu trabalho, procuro chamar atenção dos artistas para isso. Muitos críticos e mesmo às vezes o público não compreendem, só dão importancia a obras sérias, pesadonas, circunspectas — tudo no mau sentido. Offenbach é uma certa forma de elegancia à francesa, o Saint Honoré, o Boulevard, os Champs Elysées.

— De que trata "La Périchole"?

— Bem... o texto foi escrito há quase 100 anos, não é um livreto dos melhores. Passa-se em Lima, Peru, criado numa época em que não havia jatos ligando a Europa a América do Sul, seu autor permitiu-se soltar em fantasias. Conta a história de uma cantora de rua, a Périchole, amante de Periqui, que não podia casar-se com ele por não ter dinheiro para pagar a licença: na época, em Lima, ter-se-ia — segundo a historieta — de comprar licença para casar. Acontece que o Vice-Rei chega, encontra a Périchole, apaixona-se, resolve casar-se com ela. Para isso, faz todo mundo beber, inclusive o notário que os iria casar. Todos bêbados, eles se casam. Quando Periqui descobre, fica furioso, faz um escandalo, vão todos presos. O final é feliz, o Vice-Rei acaba ridicularizado, Periqui consegue ficar com sua Périchole. Observe-se, por exemplo, porque os cantores em certa cena ficam bêbados, não devem comportar-se como idiotas: isto seria uma concepção vulgar da obra.

Na França, Marcel Couraud dirige atualmente o Groupe Vocale de France:

— Trabalhamos muito com musica de **avant-garde**. Aliás, não gosto dessa palavra, não diz nada. Fazemos a música de nosso tempo. Mas só devo continuar dirigindo o grupo até abril, depois não fico, não quero ficar restrito a isso. Já tive uma experiência de ficar por sete anos dirigindo a **ORTF**, considero-a péssima: não posso ficar fechado em algo. Prefiro sair da rotina. Devo dividir minhas atividades entre Estados Unidos e Europa, fazendo o maior número possível de autores e épocas. Penso também em escrever um livro sobre a obra de Poulanc, conhecer um pouco mais de música brasileira. Neste setor, só conheço Villa-Lobos. E grande, mas há de haver outros. Onde estão? Eu procuro.

DANÇA

BELA NOITE DE ESTRÉIA

Suzana Braga

A estréia do Balé Municipal de São Paulo, correspondeu à expectativa do público carioca que, se não lotou a platéia, frisas e camarotes, aglomerou-se nas galerias e balcões numa manifestação calorosa e espontanea.

A companhia endossou todos os comentários feitos até o momento a seu respeito, embora com senões consideráveis no repertório apresentado.

Quanto ao conjunto, a organização e ao desempenho dos participantes, nada a criticar; ao contrário, merecem elogios. Mais uma vez pôde-se constatar a homogeneidade e seriedade do grupo, o profissionalismo e a dinamica, o entusiasmo de todos os participantes, o que soma um resultado tão positivo que vai além das reais aptidões e desenvolvimento técnico dos participantes.

Na realidade, existem no Brasil outras companhias ou grupos com bailarinos de iguais ou quem sabe até melhores condições. Porém, a inteligência do trabalho, o repertório selecionado de forma muito oportuna para a época, a idade e a capacidade dos integrantes e a disciplina cênica apresentam o conjunto paulista como uma companhia de destaque, digna das mais exigentes platéias.

A linha está certa, os ensaios são matematicamente cuidados, a iluminação (sempre deficiente em espetáculos de dança), se ainda não está boa, procura acertar.

Duas grandes falhas foram assinaladas: a qualidade do equipamento de som, que mesmo a ouvidos pouco exigentes incomodava, e a falta de um ciclorama num teatro cheio de recursos como o Municipal do Rio.

Do programa apresentado, *Vivaldi* (Navarro/ Vivaldi), *Canções* (Araiz/ Mahler), *Cenas de Família* (Araiz/ Poulenc) e *Corações Futuristas* (Navarro/ Gismonti), *Cenas de Família* se impôs (como já era esperado) como a grande coreografia e interpretação da noite.

A *Família* de Araiz, a cada apresentação se torna mais bonita, coesa, trágica, musical e angustiante. Assisti-la é um prazer. Iracity Cardoso (a mãe), Paulo Contier (o pai) — que substituiu a excelente interpretação de Navarro e que se não acrescentou nada, não fez o personagem perder a força, o que já é ótimo para um jovem intérprete — Solange Caldeira (o filho) e Mônica Mien e Ana Maria Mondini (as filhas), mantiveram uma unidade apreciável com ótimas interpretações. Iracity, no papel de mãe, foi o grande destaque desse número com uma rara força de desempenho.

Cenas de Família, grande interpretação da noite

Curioso é Araiz como coreógrafo, capaz de criar uma das mais brilhantes coreografias a que o público brasileiro assistiu (como *Cenas de Família*) e capaz de grandes fracassos como *Romeu e Julieta*, que indignou a crítica americana.

Canções, já não parece produto do mesmo coreógrafo, mas é boa, por vezes dramática, velha e nova e consegue mostrar realmente a qualidade do trabalho, mas apenas no último movimento — uma dissociação belíssima desde a idéia até a execução.

Os dois trabalhos de Victor Navarro que completam o programa apresentam também grandes contradições. Enquanto *Vivaldi*, o mais antigo, é muito simples e bem armado, constituindo uma boa abertura de programa, *Corações Futuristas* é cheio de artifícios e alegorias desnecessárias. Nos momentos em que o conjunto (com excelente desempenho) se apresenta branco e só no palco, existem movimentos de massa muito bons, e quando as alegorias começam a pontilhar a cena, o clima vai por água abaixo.

Se Navarro não consegue manter os mesmos atrativos plásticos de Araiz deve ser observado como um coreógrafo importante, por saber movimentar conjuntos, por utilizar todas as partes do corpo com intensidade e importancia.

Corações Futuristas decai muitas vezes durante a apresentação, mas não é um mau balé, e teve ótima aceitação do público que, entusiasmado, o aplaudiu vivamente.

Como já foi dito inúmeras vezes, o conjunto não apresenta estrelas, mas deve se notar interpretações que se destacaram na estréia.

Em *Vivaldi*, os quatro casais com bom desempenho (Bebel Seabra, Carlos Demitri, Desirée Doraine, Lilia Shaw, Luis Arrieta, Nancy Bergamim, Paulo Contier e Sidney Astolfi). Em *Canções*, Sônia Motta apresentou a melhor interpretação, executando o seu solo como nunca: muito boas as atuações de Desirée Deraine, Mônica Mien e Luis Arrieta e, surpreendentemente bem Ivonice Satie, apresentando grande progresso em relação à temporada paulista. *Corações Futuristas* foi ótimo destaque para Sônia Motta, Patty Brown, Ivonice Satie, Carlos Demitri e Emilio Gritti.

Entretanto, Mônica Mionnos três balés que dançou, mostrou sua grande capacidade, que sem dúvida foi o maior destaque individual da estréia.

O conjunto paulista, em suma, teve uma bela noite de estréia.

CINEMA

BIÁFORA E "A CASA DAS TENTAÇÕES"

Ely Azeredo

A CASA DAS TENTAÇOES — estréia de amanhã no Cinema-2, Stúdio-Paissandu e Stúdio-Tijuca — vem sendo julgado por muitos observadores o melhor e o mais pessoal dos filmes de Rubem Biáfora, cineasta que resiste a todos os rótulos apressados, exceto ao da própria cronologia de sua obra: artista bissexto. Excetuados experimentos em 16 milimetros do imediato pós-guerra, a direção parcial de um documentário de arte (inédito) produzido para o Museu de Arte de São Paulo, e o expressivo **Mario Gruber**, curta-metragem sobre o pintor (Prêmio INC, 1967), Biáfora — embora produzindo filmes de outros realizadores, fez apenas três longas-metragens em três décadas de cinema profissional — **Ravina** (1958), **O Quarto** (1968) e **A Casa das Tentações**.

Ravina, adaptação de idéia alheia, roteirizado em colaboração com Flávio Tambellini e filmado nos estúdios da Vera Cruz, deu origem à acusação de **hollywoodiano** (expressão de forçado sentido pejorativo), de alheio à realidade. Quando lançou **O Quarto**, houve quem o considerasse negativista e complacente com o sórdido. O tempo costuma desautorizar os equivocos de seus detratores. **A Casa das Tentações**, fértil em um senso de humor ausente dos filmes anteriores, deixa bem nitida a humanidade e a singularidade da visão do mundo do autor.

Em verdade, a propalada **alienação** de Biáfora nunca encontrou base em seus filmes. O romantismo de enredo de **Ravina** é superficial: importa sobretudo o retrato trágico da heroina e a pintura cruel da impotência amorosa, da prepotência e do jogo de poder dos protagonistas masculinos. Mais forte que a proposta de **grande espetáculo hollywoodiano** do esquema de produção original, da Brasil Filmes, derivada do propósito de utilizar o parque industrial da então paralizada Vera Cruz, revelou-se a influência do cinema analítico e psicológico de William Wyler (especialmente de **O Morro dos Ventos Uivantes**) e, sobretudo, a formação de Rubem Biáfora como crítico profundamente marcado pelo Expressionismo alemão, por cineastas como von Sternberg e Fritz Lang.

O Quarto, de áspera visão realista, opunha à etiqueta de **alienação** uma sensibilidade evidente para as desigualdades e iniquidades sociais. O encontro circunstancial com uma grã-fina que acabara de perder o amante rico põe um mediocre empregado de escritório na posição de instrumento de vingança. Não passa disto a entrega da mulher ao protagonista, mas este supervaloriza o relacionamento subsequente na ilusão de instantaneo acesso ao circulo dos afortunados. Mais uma vez o amor é bloqueado pela avidez mesquinha, pelo jogo de poder. **O Quarto**, que teve uma receptividade critica muito desigual, liquidou o mito do Biáfora glamourizado ou hollywoodiano.

E' provável que ninguém aprecie e conheça Hollywood melhor que Biáfora, que teve sua primeira idéia de arte vendo **Vidas Sem Rumo (The Devils's Alone)**, de William Dieterle, e desde a década de 30 mantém **O Morro dos Ventos Uivantes** de Wyler, e **O Cantico dos Canticos** de Rouben Mamoulian, em sua lista dos melhores filmes de todos os tempos. Mas a paixão é pelo grande cinema americano dos anos 30 e 40. E a versatilidade de seu gosto pode ser avaliada pela resposta que, por ocasião de **O Quarto**, deu à sondagem de opinião da revista **Filme Cultura**. "Quais as 20 maiores obras do cinema?" Sua seleção: (1) **As Jovens Afrodites**, de Nikos Kondouros, Grécia; (2) **Ano Passado em Marienbad**, de Resnais, França; (3) **A Noite**, de Antonioni, Itália; (4) o já citado **O Morro dos Ventos Uivantes**; (5) o também mencionado **O Cantico dos Canticos**; (6) **Vida de Artista**, de Futakawa, Japão; (7) **Sede de Paixões**, de Bergman, Suécia; (8) **Condenado pela Consciência**, de Uchida Japão; (9) **Hiroshima Meu Amor**, de Resnais, França; (10) **Na Trilha das Feras**, de Sugawa, Japão; (11) **A Maldição do Sangue de Pantera**, de Fritsch e Wise, Estados Unidos; (12) **O Pirata**, de Minnelli, EUA; (13) **A Saga de Gosta Berling**, de Stiller, Suécia; (14) **Trinta Anos Esta Noite**, de Malle, França; (15) **Aleluia**, de King Vidor, EUA; (16) **Schatten**, de Arthur Robinsonn, Alemanha; (17) **Tensão em Shangai**, de von Sternberg, EUA; (18) **A Canção da Despedida**, de Gosho, Japão; (19) **Os Mil Olhos do Dr Mabuse**, de Lang, Alemanha; (20) **O Crime da Quinta**, de Kinugasa, Japão.

A Casa das Tentações, que tem um elenco dos mais heterogêneos, reitera o aprendizado que o critico-cineasta Biáfora desenvolveu nas melhores safras do cinema americano pela importancia capital da direção e do tratamento plástico dos atores (costumes, caracterização).

Agenda informal

• A Embaixada da França em Brasília tem evitado, nos contatos com jornalistas, fazer qualquer comentário sobre eventuais encontros do Presidente Giscard d'Estaing com personalidades brasileiras fora do chamado mundo oficial.

• E' certo, no entanto, que existem conversações com vistas a organizar uma agenda informal.

• Segundo esta, o Presidente francês conversaria com o General Figueiredo, o Senador Magalhães Pinto e talvez com o presidente do MDB, Ulisses Guimarães, e os líderes oposicionistas na Câmara e Senado, Paulo Brossard (também candidato a Vice-Presidente) e Tancredo Neves.

■ ■ ■

Tal e qual

• O último *Women's Wear Daily* apresenta a nova coleção de Oscar de la Renta, exibindo na capa quatro dos lançamentos do figurinista.

• Um deles reproduz exatamente, sem tirar nem pôr, um longo preto, bordado na frente, que vestia a Sra Fernanda Colagrossi em *soirées* elegantes um ano atrás. Ela o usou, por exemplo, no jantar *b.t.* que Carmem e Tony Mayrink Veiga ofereceram em setembro de 77 em homenagem à Princesa Ghislaine de Polignac.

• O modelo criado há um ano e agora reproduzido levava o *griffe* de Guilherme Guimarães.

Duas certezas

• Não apenas é quase certa a vinda ao Brasil, brevemente, de Frank Sinatra como também está em fase final de negociações a presença aqui, para uma apresentação de boxe ainda este ano, de Muhammad Ali.

• A quase certeza pode ser creditada à delicadíssima situação financeira de ambos, que, pressionados pela maré baixa, filiaram-se ao International Management Group e estão prontos para começarem a mambembar internacionalmente.

• Começam pela América do Sul, que, por ser justamente um território ainda inexplorado pela dupla, paga melhor.

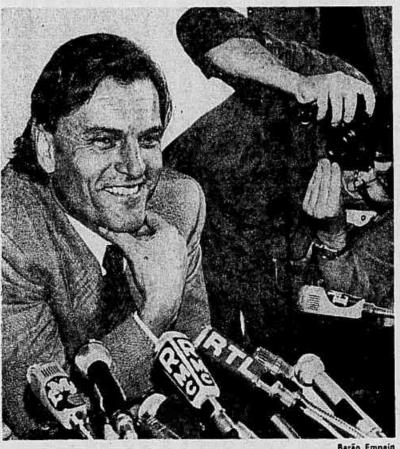
■ ■ ■

COMPASSO DE ESPERA

• *O anunciado aumento dos preços dos automóveis a partir de 1º de outubro já se faz sentir nos revendedores autorizados.*

• *São raros os que têm, hoje, no Rio, algum carro para entrega imediata.*

• *As fábricas suspenderam as entregas há mais de uma semana à espera dos novos preços.*

Zózimo

Barão Empain

A volta do Barão

• *Quem priva da intimidade do Barão Edouard-Jean Empain e acompanhou de perto seu martírio, tanto no cativeiro, sequestrado e maltratado, como depois, no período que sucedeu à sua libertação, descontrolado psicologicamente, a ponto de praticamente renunciar à família, considera um milagre a sua volta à vida e à direção de suas empresas, que empregam 122 mil pessoas e movimentam 5 bilhões de dólares.*

• *Ainda há cerca de dois meses, aparentemente foragido, viajando por vários países sem deixar traço, o Barão Empain foi alcançado em Nova Iorque por um repórter do Paris-Match. Sua foto, obtida na ocasião, mostrou um homem que exibia ainda bastante evidentes as marcas do infortúnio.*

• *Assustado, surpreendido na rua pelo flash do fotógrafo, Empain deu pelas fotos a impressão de que, se estava fisicamente recuperado, não conseguira ainda curar a lesão emocional que herdou do episódio.*

• *Daí, a surpresa de seu súbito retorno, e a constatação de que o empresário encontrara finalmente a cura para os males que o atormentavam.*

• *À vontade, bem disposto, sorridente, até glamuroso, aparentando exatamente os 41 anos que tem, Empain fez uma rentrée digna das grandes estrelas. Diante de dezenas de jornalistas, em entrevista coletiva que rendeu fotos e farto noticiário em toda a imprensa européia, foi claro e definitivo:*

— Sou o maior acionista do meu grupo. E' impossível dirigi-lo sem mim. Pois será dirigido comigo.

DOAÇÃO SEGURA

• É do Sr Celso da Rocha Miranda, leia-se Companhia Internacional de Seguros, a mais recente doação ao Banco da Providência: o prêmio do seguro de acidentes pessoais de todos os visitantes da Feira, durante os três dias em que se realizar a festa no mês que vem.

• As 600 mil entradas numeradas mandadas imprimir pela companhia de seguros funcionarão para seus portadores como apólices.

SHAKESPEARE REABILITADO

• As obras completas de Shakespeare acabam de ser publicadas na China pela Editora Literatura do Povo.

• Trata-se de uma coleção de 11 volumes idêntica à edição lançada pela mesma editora em 1954, mas recolhida e destruída pela Revolução Cultural antes de chegar às mãos dos leitores.

Estafa mecânica

• *Os elevadores do Hotel Aracoara, em Brasília, não foram dimensionados para atender ao número de visitantes que o 11.º andar, onde está instalado o escritório do General João Baptista de Figueiredo, vem recebendo nas últimas semanas.*

• *Anteontem, na parte da manhã, pararam todos, vítimas de estafa galopante, só voltando à atividade no fim da tarde, depois de urgentes reparos mecânicos.*

• *Apenas um continuou funcionando sem interrupção — o privativo do General, nos fundos do hotel.*

■ ■ ■

Na intimidade

• Régine Choukroun, que relaciona entre suas amizades celebridades de todos os matizes, é, como não podia deixar de ser, amiga íntima de vários dos *superstars* do tênis.

• Outro dia, num jantar realizado no Rio, Régine divertia uma roda de conversa descrevendo o comportamento na intimidade de vários amigos seus tenistas, preocupados sempre em esconder da imprensa certas facetas que cultivam.

• De Jimmy Connors, disse ela, por exemplo, que sua maior vontade é ser cantor e gravar muitos discos. Segundo Régine, ele seria perfeitamente capaz de trocar a glória de ser um dos melhores tenistas do mundo por uma posição de destaque do *hit parade.*

• Quanto a Vitas Gerulaitis, outro de seus amigos, confessa que poucas vezes tem conhecido quem goste tanto de uma noitada. Algumas vitórias do americano, revela Régine, foram conseguidas depois que ela lhe prometeu que daria uma festa em sua homenagem caso vencesse.

■ ■ ■

OS MAIS E OS MENOS

• **Um relatório da Cepal divulgado recentemente dá conta de a quantas anda a inflação nos países da América Latina.**

• **A Argentina levou o Troféu Inflação, a que fez jus por conseguir alcançar em 77 um índice de 159,9%. No grupo dos países de alta inflação seguem-na o Chile, com 63,5% e o Uruguai, com 57,3%.**

• **O grupo intermediário é liderado pelo Brasil, com 43,1% e integrado pelo Peru, com 32,4%, Colômbia, com 29,3% e México, com 20,7%.**

• **No terceiro grupo, os felizardos da baixa inflação, estão os demais.**

Gastronomia a sério

• *Está sendo estudada pela Michelin a publicação no final do próximo ano de um guia gastronômico das principais cidades brasileiras, nos mesmos moldes — naturalmente resguardadas as proporções — do Guide Michelin francês.*

• *Resta esperar que os critérios empregados para dissecar os restaurantes daqui sejam infinitamente mais brandos que os de lá.*

• *Caso contrário, a edição nacional do guia se restringiria a meia dúzia de páginas, se tanto. Sem estrelas.*

■ ■ ■

Tino promocional

• O Egito foi mais esperto do que Israel, preocupando-se em marcar mais vivamente a presença de Sadat nos Estados Unidos para a conferência de Camp David.

• Para isso, fez coincidir com a conferência um *tour* pelo país da exposição Tut-Ankamon.

• Depois, deixou para concretizar agora a doação para o Governo americano de um templo inteiro de Abu Simbel, já montado no Metropolitan Museum de Nova Iorque.

Zózimo Barrozo do Amaral

Mario Pontes

LENDA CANINA

NAS noites frias os cães reúnem-se em torno de uma fogueira para conversar, e é comum, então, que cãezinhos crianças peçam ao mais velho que lhes conte um conto. Após um momento de expectativa, o vovô tempera a garganta e põe-se a narrar pela centésima vez a história preferida da jovem platéia. História lendária, cujos heróis pertencem a uma estranha raça que em tempos remotíssimos teria habitado a Terra. Segundo o antigo manuscrito no qual esse conjunto de mitos acabou por tomar forma coerente, tais seres davam a si mesmos o nome genérico de homens.

Algo omisso em relação à aparência física dos homens, o livro permite, no entanto, um mundo de deduções quanto à sua inteligência, superior à dos cães que dominam a Terra e a de todos os outros animais que moram em seus vales e montanhas cobertos de florestas. Os homens fizeram milagres com a força de sua mente. Um desses milagres foi a transformação biológica operada na raça canina, que num mitológico passado tinha visão deficiente e se comunicava apenas através de latidos. Um dia, cientistas humanos alteraram os mecanismos da voz e da vista dos cães, dando-lhes o dom da fala e tornando-os capazes de enxergar o mundo em todas as suas cores e minúcias.

O que leva os cães eruditos a duvidar da natureza divina do homem são as flagrantes contradições entre a sua inteligência e o seu comportamento. Como aceitar o caráter divino — ou semi — de uma criatura que, dotada de faculdades mentais tão agudas, fosse ao mesmo tempo tão tola para viver em permanente conflito com o semelhante e tão brutal ao ponto de fazer do extermínio de outras espécies uma conduta natural? Além do mais, o livro traça uma trajetória de apogeu e decadência — e deuses não decaem. Chegada ao ponto de máximo esplendor, a raça dos homens parece ter sentido a compulsão de destruir-se. Além de dizimar-se constantemente com ajuda de armas poderosíssimas, construiu gigantescos navios espaciais, a bordo dos quais muitos emigraram para outros planetas, sabe-se lá em busca de que tipo de utopia. Os restantes se puseram, em determinado momento, a abandonar as cidades em que viviam; e amolecidos pelo bucolismo rural, foram perdendo pouco a pouco o élan de competir, o gosto de inventar e, finalmente, o instinto de reproduzir-se. Daí ao seu desaparecimento foi apenas um passo.

Gerações de sábios caninos têm-se debruçado sobre essa história, num continuado esforço de exegese, com o fim de estabelecer em que medida ela pode corresponder a um pouco de verdade objetiva. A prudência dos intérpretes, no entanto, manda quase sempre concluir que o homem, tal como apresentado na lenda, só pode ser um produto da imaginação coletiva. Imagem surgida certamente nos primórdios da vida canina, como a de um deus protetor a quem os pré-históricos se dirigiam nos momentos de perigo. Um dado, sobretudo, leva os estudiosos a pensar assim: a noção de "cidade", que domina boa parte do conjunto de contos. Embora não haja entre os cães perfeita compreensão do que uma cidade poderia ser, seus sábios em geral concordam que, tanto do ponto-de-vista social quanto do econômico, seria impossível criar uma organização capaz de assegurar a existência de um grande número de criaturas dentro de uma área tão restrita. Do ponto-de-vista psicológico, nenhum animal teria estrutura nervosa suficientemente complexa para resistir às pressões de tal aglomerado, e muito menos para criar cultura dentro dele. Logo, o homem não passa de uma ficção.

O que acabam de ler, não foi inventado pelo colunista. É apenas o resumo de um romance muito conhecido entre os apreciadores de ficção científica. Chama-se City *e seu autor é o norte-americano* Clifford Simak. *E se querem saber porque o menciono, abram os jornais do dia 13 deste mês e leiam neles o que dizem as agências noticiosas sobre as preocupações do Governo de Bonn com o destino das cidades alemãs, abandonadas por contingentes cada vez maiores de pessoas pertencentes às classes de mais alto poder aquisitivo. Insuportáveis pela falta de comodidade — e olhem que não se está falando do Rio — as cidades modernas provocam o êxodo para o campo; e o êxodo ameaça torná-las administrativamente inviáveis pela baixa na arrecadação dos tributos municipais. Daí...*

Problemas deles, dirão; o nosso é outro. Certo, aqui é o campo que se esvazia. Ainda. Mas um dia a corrente se inverterá. Quando, não sei nem tenho como saber. Por enquanto, apenas observo que a imaginação do romancista costuma ser muito mais veloz que a máquina de calcular do planejador.

COM JO "AND" CO
(aliás, José Augusto)
A ROUPA INTEMPORAL CHEGA A IPANEMA

Iesa Rodrigues
Fotos de Evandro Teixeira

Uma *boutique* em Ipanema é o sonho de todo comerciante de moda brasileira. Se *der certo*, a fortuna está garantida. Mas também, se não agradar, fecham-se as portas de um dos melhores pontos comerciais do mundo. Antes de passar pela experiência, ninguém sabe se será bem-sucedido ou não. Nem mesmo um confeccionista dos mais conhecidos, como é José Augusto Bicalho, estilista da Jo & Co.

Como confecção, é uma das poucas etiquetas que dão prestígio à roupa; tanto que os lojistas que revendem essas roupas, conservam as identificações das golas, mantêm as peças nos plásticos como o logotipo, e fazem questão de dizer que elas são criações de José Augusto. Mas esse sucesso não bastou, e Bicalho entra também no mercado direto ao consumidor. Isto é, lança-se como dono de *boutique*. Depois de procurar lojas no Leblon e Copacabana, a decisão ficou pela Rua Garcia d'Ávila, no quarteirão mais caro de Ipanema.

— Roupa barata não tem vez por aqui. A rua é sofisticada, com lojas de móveis, *boutiques* jovens e clássicas, mas tudo de alto nível.

O que vender, num ponto de elite? José Augusto e o sócio José de Assis Taranto confessam que não sabem o que a mulher de Ipanema compra. Como confeccionistas, sabem de todas as *manias* das brasileiras de outros Estados, mas quanto à carioca, será um desafio.

— Nosso preço não será tão alto. Vamos marcar no máximo 80% acima do preço de custo, e tentaremos fixar posição como lugar onde se encontra moda *intemporal*, isto é, que é atual, sem seguir o rastro da voga à risca. Vestidos de seda, de crepe, com ar levemente *art-deco*, os botões de madeira, o corte caprichoso e bem-acabado, blusas de seda e saias clássicas. Graças aos acessório exclusivos, não seremos mais uma loja formal; nossos broches, chapéus, cintos e bolsas se encarregam de dar ao conjunto o ar engraçado e jovial da época.

Taranto entende da papelada, da burocracia que envolve as atividades profissionais da moda. Pessoalmente, é o oposto do estilista. Bicalho é agitado, agressivo, rápido no raciocínio e altamente crítico (até com ele mesmo: diz que está gordo, que não tem tempo de se vestir na moda, que não é fotogênico). Taranto, com sua calma e tranquilidade, explica os segredos das vendas para os Estados:

— Por que existe um time de futebol, o Internacional, que usa o uniforme vermelho e branco, o vermelho é a cor que não vende no Rio Grande do Sul. As paulistas detestam estampas com florões, chegando no máximo ao desenho Liberty, em matéria de floridos. Quem chegar às lojas do Norte com coleções cheias de rendas, bordados e Richelieus, está arriscado a voltar com a coleção inteira, sem vender nada: as nortistas estão saturadas pelo artesanato local das rendeiras. É como acontece no Brasil Central: por ser zona das plantações de arroz, ninguém quer saber de saia de babados e avental, praticamente a roupa de trabalho dos camponeses de lá. Nossa idéia da roupa carioca é a do *jeans* como camiseta. Ou do estilo prático, simples, com a pitada de atualidade da temporada, mas que dure no mínimo por seis meses, como moda.

A inauguração da Jo & Co será na próxima semana. Sem desfiles, nem coquetéis, pois a coleção foi lançada estrondosamente, em grande desfile, no Hotel Nacional, durante a última Feira de Moda.

— Provavelmente, daqui por diante montaremos pequenos desfiles, muito bem produzidos, sem nos preocuparmos com *shows* de passarela. Agora precisamos trabalhar com maior variedade de modelos, e vamos mostrar os resultados do trabalho com assiduidade. Os desfiles menores são perfeitos para isto — finaliza Bicalho.

MODA RIO

Composé de estampas em positivo-negativo, o algodão semitransparente já antecipa a roupa leve do fim do ano, no vestido de cintura franzida e grandes bolsos falsos

O xale preso no decote da frente deste modelo modifica o feitio do vestido. Preso para trás, formando gola drapeada, amarrado na cintura ou com as pontas caídas por baixo da lapela do *blazer*, são algumas das variações

Algodão mesclado de marrom e branco, com efeito visual de malha, dá a queda certa do conjunto de saia e blusa de cavas grandes. Na cintura, faixa drapeada, como manda a moda. A originalidade do *design* aparece no arranjo de cabelo, com palitos presos no coque lateral

A partir do estilo Nehru, inspirado nas túnicas indianas, José Augusto lança para o próximo verão os vestidos soltos, pregueados nos ombros, que serão renovados pelas calças justas, abotoadas na barra

Carlos Eduardo Novaes

DA CARESTIA À CARESMÃE

DA SÉRIE
"NA REPÚBLICA DAS LARANJEIRAS"

ATENÇÃO componentes do Sistema CEN de Comunicações para o toque de oito segundos: antes de dar a partida deixe-me explicar aos amigos baianos, agora também integrados na rede, através da **Tribuna da Bahia** que a República das Laranjeiras é um pequeno país encravado no Brasil — algo assim como o Principado de Mônaco, sem monarquia, sem cassinos, sem Caroline e sem dinheiro. Governada pelo Alferes Novaes, que em nome da democracia derrubou o antigo Governo em 64 e em nome desta mesma democracia se mantém até hoje no Poder, Laranjeiras sofre, por sua posição geográfica, todo tipo de influência do país vizinho. Tudo o que acontece no Brasil acaba se repetindo nas Laranjeiras. Existe porém uma diferença entre os dois países: enquanto no Brasil os governantes têm uma atenção toda especial com o povo (haja vista suas excelentes condições de vida) nas Laranjeiras o Alferes Novaes treme de medo, mais do que Somoza na Nicarágua, quando ouve falar em povo.

E foi assim que outro dia o Alferes deleitava-se em seu gabinete no Palácio das Britadeiras com a leitura do último **best seller** de ficção lançado no país, **Laranjeiras: 14 Anos de Golpe** (eis uma outra diferença: o Alferes deu um golpe, no país vizinho eles fizeram uma Revolução) quando seu assessor Lugdyskw entrou anunciando que estava lá fora uma parcela considerável de povo querendo vê-lo.

— Povo? — assustou-se o Alferes — Feche as cortinas, cerre as janelas, chame a segurança, diga que não estou, que viajei, não deve ser para mim. Tem anos que não me meto com o povo. Que que ele quer?

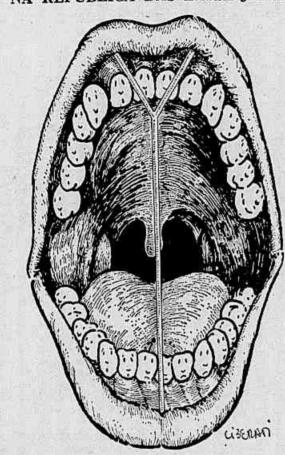
— Quer lhe entregar um manifesto sobre a carestia.

— Sobre a carestia han? Contra ou a favor?

— O senhor ainda pergunta?

— Bem, se fosse a favor eu ainda daria um jeitinho mas sendo contra diga ao povo para passar outro dia.

— Mas Exa, são 21 pessoas que representam o Movimento a Vida é um Custo, viajaram de ônibus um dia inteiro, trazem 40 mil folhas de papel contendo 2 milhões de assinaturas. O senhor tem que recebê-las, lembre-se que estamos às vésperas das eleições.

— Não posso. Veja a minha agenda. Está completa. Isso aqui não é a casa do povo onde ele vai chegando e vai entrando. Mande voltar dia 15 de março.

— Mas Excia, 15 de março é dia de mudança de guarda. O Alferes Arimaptéia virá substituí-lo.

O assessor Lugdyskw tenta convencer o Alferes. Da janela podia-se ver de binóculos o grupo que aguardava debaixo de um sol causticante a decisão do Alferes. À volta do Palácio a guarda foi reforçada, aumentou-se o número de seguranças, levantou-se discretamente uma barricada e a pedido do Alferes colocou-se um canhão na porta de entrada. Afinal, pensava ele, Fidel Castro começou com um grupo de 15 pessoas, ademais, nunca se sabe as intenções do povo. Após aguardar mais de meia hora, suando em bicas, o grupo viu chegar um carro preto de onde saltou o assessor anunciando que o Alferes não poderia interromper seus afazeres para receber 21 pessoas.

— Mas nós estamos aqui representando 2 milhões de pessoas.

— É pouco, minha senhora. Seu cacife é muito pequeno. O Alferes representa 120 milhões.

— E o que nós vamos fazer com essas 40 mil folhas de papel?

— Bem, as senhoras podem vender a um garrafeiro ou então doar a uma repartição pública. Repartição pública adora papel.

— Não senhor. Nós precisamos ver o Alferes — disse se abanando — não podemos voltar assim, de mãos abanando. Temos um compromisso com o povo.

— Um só. Ora minha senhora não me faça rir. O Alferes tem 5 milhões 788 mil 944 compromissos com o povo.

— Sim, mas há uma diferença: nós pretendemos cumprir o nosso.

Nesse momento uma senhora gorda que fazia parte do grupo não suportou o calor de 42 graus e desmaiou.

— É princípio de insolação — disse outra a examiná-la — o senhor pode nos dizer porque temos que ficar parados aqui, debaixo desse sol a dois quilômetros do palácio?

— Normas de segurança, senhora. O povo tem que ficar a dois quilômetros. Se fosse a classe média poderia ficar só a um quilômetro e se fosse a classe A, bem a classe A tem direito a uma sala com ar condicionado no Palácio.

— Não dá **pra** nós ficarmos numa sombra? Na guarita do guarda? Na ante-sala? Juro que nós não mordemos, não estamos armadas, pode nos revistar.

— Não dá minha senhora. Não é que nós estejamos desconfiando de vocês — disse o assessor revistando uma por uma — o problema é que as instalações do palácio são muito pequenas. Assim, visto de fora parece muito amplo mas lá dentro não é maior do que um quitinete.

— Quer dizer que vamos ficar aqui pegando esse sol?

— E daí? Assim vocês podem voltar queimadinhas. Além disso o sol daqui é ótimo para a pele.

Enquanto discutiam aproximou-se outro carro de onde saiu outro assessor que virou-se para o grupo e disse: "Tenho boas notícias para vocês".

— Que maravilha! — gritou uma — vamos poder entrar no Palácio?

— Não. Mas poderão ficar do outro lado da rua. Dali vocês terão uma ampla visão da Praça do Poder Único.

— E quanto ao manifesto?

— Vocês poderão entregá-lo.

— Ao Alferes?

— Não. O Alferes está no banho — mentiu o assessor — mas poderão entregá-lo ao Sr Catalão, que é quase a mesma coisa. O Sr Catalão é ajudante-de-ordens do assessor do auxiliar do assistente do secretário do Ministro Goldbye.

O grupo, mesmo contrariado, tratou de botar as trouxas de assinaturas na cabeça (eram 30 pacotes pesando oito quilos cada) e se preparava para atravessar a rua em caravana quando um dos assessores interrompeu:

— Um momentinho. Nós só podemos receber um representante do grupo. As senhoras sabem, não há espaço no palácio.

— Então — disse uma das senhoras — vai a D Maria. Nós vamos ajudá-la com os pacotes até o outro lado da rua.

— Um momentinho — tornou o assessor — vocês têm que esperar aqui. Não podem atravessar a rua.

— Mas a rua não é pública? Não é do povo?

— Essa aqui não. Essa aqui o povo não deu um tostão **pra** construí-la. Foi tudo dinheiro do Governo. E se foi o Governo quem construiu ele tem direito de selecionar as pessoas que devem passar por ela.

Foi uma dificuldade para arrumar os 30 pacotes de assinaturas. Depois de quase meia hora de ajeita daqui, ajeita dali o grupo conseguiu ajustar os 30 pacotes sobre Dona Maria que, equilibrando-os na cabeça e nos braços, desceu o meio-fio e partiu cautelosa para atravessar a rua. No meio da rua, como era de se esperar, foi atropelada por um carro. Voou assinatura **pra** tudo quanto é lado. Na segunda tentativa D Laura alcançou a outra margem da calçada — debaixo de palmas — e exausta, se arrastando, entregou os pacotes na portaria do Palácio.

— São 2 milhões de assinaturas, não? — perguntou o funcionário — e estão todas com firmas reconhecidas, atestado de antecedentes, prova de residência, xerox do CPF? Não? Então talvez a senhora tenha que voltar.

D Laura caiu dura ali mesmo. O assessor Lugdyskw porém aproximou-se e, dizendo que não era intenção de o Governo criar problemas para o povo, aceitou as assinaturas. Subiu com os pacotes até o gabinete do Alferes.

— Claro, Ex.ª Farei isso. debaixo da mesa, o povo já foi. Que que eu faço com esse manifesto contra a carestia?

— Entregue-o ao Secretário da Fazenda, diga a ele para convocar a imprensa e dar as desculpas de praxe.

— Ele disse que seu repertório de desculpas está esgotado.

— Então peça-lhe que dê uma daquelas explicações bem complicadas que ninguém entende nada. Diga a ele para divulgar que em 70 as pessoas com renda de até um salário mínimo representava 60,5% da população enquanto em 76 esse percentual caiu para 37,4% e a participação na renda dos 50% mais pobres elevou-se de 10,8% em 72 para 13% em 76 e o PIB **per capita** subiu 103% elevando-se para 1 mil 452 dólares em 77, sendo assim, ninguém tem direito de reclamar contra a carestia. Concorda?

— Claro, Ex.ª. Farei isso. Agora só mais um detalhe: a senhora ficaria zangada se eu também colocasse minha assinatura nesse manifesto?

Criança é Criança

A TELEVISÃO E O COMPORTAMENTO INFANTIL: PORQUE SIM, PORQUE NÃO

Ana Maria Machado

A criança que ligar seu aparelho de televisão amanhã às 18h 35m, sintonizando a TVE, não estará apenas assistindo à estréia de uma nova série de programas infantis, mas ao mesmo tempo verá o coroamento de um trabalho de cinco anos feito no quadro do Projeto Lobato. Esse projeto é um programa de pesquisa que pretende investigar como a criança se relaciona com a televisão e, para desenvolver essa investigação, organizou seus esforços em duas fases distintas.

De início, a equipe coordenada pelo psicólogo José Renato Campos Monteiro saiu em campo examinando como as crianças de três a 15 anos recebem e reagem à mensagem da televisão. A segunda fase começou há um ano e pretende caracterizar os hábitos de audiência das crianças entre sete e 11 anos, com um desafio suplementar: sair da teoria para a prática da televisão. Ou seja, fazer programas educativos em uma linguagem que possa melhorar a qualidade de ensino por meio da televisão. Dessa forma, o Projeto passa a testar novas formas e conteúdos de programas que estimulem a garotada a procurar novos comportamentos criativos e refletidos, como resultado de uma atividade desenvolvida depois de assistir aos programas. Como se vê, coisa seriíssima e muito delicada. E' possível até que dê um certo calafrio na espinha a idéia de que um grupo de estudiosos esta experimentando para ver como uma série de programas de televisão pode influir diretamente na mudança de comportamento das crianças. Mas a verdade e que tudo que a platéia infantil vê pela televisão exerce uma influência. E isso nunca é avaliado de modo científico, nem está sob o controle de uma equipe com a especialização e a qualidade da psicóloga Paula Avelino de Goes, da antropóloga Mirian Lins de Barros, da pedagoga Laís Dória Passos, do sociólogo e produtor de TV Demerval Coutinho Neto, do professor Muniz Sodré...

Com toda essa gente qualificada, o projeto se desenvolve segundo três linhas básicas. A primeira é etnográfica, procurando esclarecer como a TV influi na família brasileira e detectar as mudanças que ela causa na relação entre pais e filhos. A segunda é psicosocial e estuda como os mitos veiculados pela televisão influem sobre o psiquismo da criança, como os super-heróis estimulam e pressionam o pequeno telespectador — nessa pesquisa acompanham-se 250 crianças de níveis sociais diferentes. A terceira fase é essa em que se entra agora, a da programação experimental.

E' isso que a TVE vai transmitir a partir de amanhã: cinquenta programas de uma série chamada **Porque Sim, Porque Não,** diarios, com 10 minutos de duração, realizados em convenio com o INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos do MEC). E quem acompanha o bom teatro infantil do Rio já pode ir ficando satisfeito ao ver quem sao os responsaveis pela feitura da série. O roteirista e Benjamin Santos (o maior colecionador de premios de textos para teatro infantil, autor de **Senhor Rei, Senhora Rainha, A Princesa do Mar Sem Fim, os Tres Mosqueteiros, Viagem Sideral, A Loja das Maravilhas Naturais, O Castelo das Sete Torres,** para so citar as peças premiadas que estou lembrando de cabeça no momento). A musica está a cargo de Beatriz Bedran e do Bloco da Palhoça. Os bonecos são do grupo Carreta (também premiadíssimo, juntando sucessos como **A Margarida Curiosa Visita a Floresta Negra, Criançando** e **A Lenda do Vale da Lua**). Os mímicos são atores e professores da Escola de Teatro Martins Pena, a direção e produção são de Cecília Coelho e a realização é da própria equipe técnica da Televisão Educativa.

Porque Sim, Porque Não, utilizando teatro de bonecos e pantomimas, vai tratar de situações do cotidiano familiar, das vivências de um mundo fantástico criado pelas crianças, **da** relação entre o real e o imaginário e de situações de relacionamento intergrupal.

Cinema

★★★★★ EXCELENTE ★★★★ MUITO BOM ★★★ BOM ★★ REGULAR ★ RUIM

ESTRÉIAS

★★

PARADA-88 — O LIMITE DE ALERTA (brasileiro), de José de Anchieta. Com Regina Duarte, José Barcelos, Yara Amaral, Cleyde Yaconis, Egydio Eccio e Sérgio Mamberti. **Cinema-2** (Rua Raul Pompéia, 102 — 247-8900), **Studio-Paissandu** (Rua Senador Vergueiro, 35 — 265-4653), **Studio-Tijuca** (Rua Desembargador Isidro, 10 — 268-6014): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (18 anos). O problema da poluição do meio-ambiente visto sob um ângulo de ficção científica. Às vésperas do ano 2 000, Parada-88 vive isolada por medidas de segurança sanitária, em consequência de explosão que liberou centenas de quilos de dioxina em forma de gás. Túneis de plástico interligam residências e casas comerciais, e os habitantes são obrigados a pagar uma conta a mais: a taxa ao ar, bombeado de áreas distantes.

★

QUE JOGADA, MALANDROS! (**Che Stangata Ragazzi**), de Ernest Hofbauer. Com Robert Widmark, Bob Goldan, Martha Estella Calle e Fernando Poggi. **Império** (Praça Floriano, 19 — 224-5276): 13h40m, 15h45m, 17h50m, 19h55m, 22h (10 anos). Comédia de aventuras. Dois amigos **golpistas**, procurados pela polícia, envolvem-se na disputa de valiosa peça de antiguidade. Co-produção: Itália/Alemanha Ocidental/Mônaco.

★

VEM, VEM, MEU AMOR (**Vieni, Vieni, Amore Mio**), de Vittorio Caprioli. Com Imma Piro, Max Aelys, Ciro Ippolito e Giancarlo Maestri. **Plaza** (Rua do Passeio, 78 — 222-1097): de 2a. a sábado, às 10h, 12h, 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Domingo, a partir das 14h (18 anos). Comédia italiana. Numa cidadezinha do Sul uma empregada de farmácia resiste a todas as investidas a fim de casar virgem. Depois, descobre que o marido é péssimo amante e procura resolver por conta própria esse problema de **know-how**.

★

O BEM DOTADO — O HOMEM DE ITU (brasileiro), de José Miziara. Com Nuno Leal Maia, Consuelo Leandro, Maria Luiza Castelli e Guilherme Corrêa. **Vitória** (Rua Senador Dantas, 45 — 242-9020), **Leblon-2** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 227-7805), **Roxy** (Av. Copacabana, 945 — 236-6245), **Ópera-2** (Praia de Botafogo, 340 — 246-7705), **Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 422 — 288-4999): 13h40m, 15h45m, 17h 50m, 19h55m, 22h. **São Luiz** (Rua Machado de Assis, 74 — 225-7679): 15h10m, 17h20m, 19h 25m, 21h30m. **Santa Alice** (Rua Barão de Bom Retiro, 1 095 — 201-1299): de 2a. a 6a., às 16h50m, 18h55m, 21h. Sábado e domingo, a partir das 14h45m. **Olaria**: 14h45m, 16h50m, 18h55m, 21h (18 anos). Pornochanchada. Rapaz excepcionalmente bem dotado de virilidade enfrenta uma série de problemas em consequência disso e por sofrer o assédio de mulheres ávidas.

★

A FORÇA DO SEXO (brasileiro), de Sérgio Segall. Com Edgar Franco, Aldine Muller, Zélia Martins e Francisco Franco. **Pathé** (Praça Floriano, 45 — 224-6720): de 2a. a 6a., às 12h, 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Sábado e domingo, a partir das 14h. **Paratodos** (Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3638), **Roma-Bruni** (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 287-9994), **Bruni-Copacabana** (Rua Barata Ribeiro, 502 — 225-2908), **Rio** (Rua Conde de Bonfim, 302 — 254-3270), **Rio-Sul** (Rua Marquês de São Vicente, 52 — 274-4532), **Ricamar** (Av. Copacabana, 360 — 237-9932): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

★

EXPLOSÃO DOS SHAO-LIN CONTRA MANCHUS (**The Shao-Lin Plot**), de Huang Feng. Com Chen Hsing, James Tien, Casanova e Kwan Shan. Programa complementar:**A Cruz dos Executores**. **Rex** (Rua Álvaro Alvim, 33 — 222-6327): de 2a. a 6a., às 12h, 16h, 20h. Sábado e domingo, às 13h50m, 17h45m, 20h. (18 anos). Produção chinesa de Hong-Kong. Na China, sob o domínio manchu, patriotas liderados pelas escolas de artes marciais trabalham secretamente para derrotar os invasores.

CONTINUAÇÕES

★★★★★

LARANJA MECÂNICA (**A Clockwork Orange**), de Stanley Kubrick. Com Malcolm McDowell, Patrick Magee, Michael Bates, Warren Clarke, John Clive e Adrienne Corri. **Veneza** (Av. Pasteur, 184 — 226-5843), **Comodoro** (Rua Haddock Lobo, 145 — 264-2025): 13h, 15h30m, 18h40m, 21h30m (18 anos). Em um futuro próximo, numa sociedade dominada por Governo autoritário não definido, jovens se divertem com estupros, drogas e **ultraviolência**. Alex, aprisionado, é submetido à Experiência Ludovico, tratamento que visa a privá-lo de seu livre arbítrio e torná-lo **cidadão modelo**. Produção Inglesa.

★★★★

UM DIA MUITO ESPECIAL (**Una Giornata Particolare**), de Ettore Scola. Com Sophia Loren, Marcelo Mastroianni, John Vernon e Françoise Berd. **Jóia**. (Av. Copacabana, 680 — 237-4714): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (14 anos). A 6 de maio de 1938, Antonieta (Loren), dona-de-casa, casada com um homem que a trata como uma utilidade doméstica, fica sozinha porque toda a família saiu para as manifestações fascistas de regozijo pela visita de Hitler a Roma. Uma ocorrência banal promove seu encontro com o vizinho, comentarista de rádio, proibido de trabalhar sob acusações de homossexualismo e indefinição política. Produção Italiana.

★★★

SE SEGURA, MALANDRO! (brasileiro), de Hugo Carvana. Com Hugo Carvana, Denise Bandeira, Cláudio Marzo, Lutero Luiz e Louise Cardoso. **Cinema-1** (Av. Prado Júnior, 286 — 275-4546), **Novo Pax** (Av. Visconde de Pirajá, 351 — 287-1935), **Lido-1** (Praia do Flamengo, 72 — 245-8904), **Art-Copacabana** (Av. Copacabana, 759 — 235-4895), **Art-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 406 — 288-6898), **Art-Méier** (Rua S. Rabelo, 20 — 249-4544), **Art-Madureira** (Shopping Center de Madureira), **Condor-Largo do Machado** (Largo do Machado, 29 — 245-7374), **Metro-Boavista** (Rua do Passeio, 62 — 222-6490): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Ilha Autocine** (Praia de São Bento — Ilha do Governador): 20h30m, 22h30m. Aos sábados, sessões à meia-noite, no **Art-Copacabana** (16 anos). Emissora de rádio clandestina, montada em barraco de favela, faz cobertura dos mais estranhos ou cotidianos acontecimentos, como o sequestro de um elevador, a ação de um ladrão de rua em permanente exercício do método de Cooper, o roubo de cães de luxo por um casal de nordestinos que vive de gratificações dos donos.

★★★

ALTA ANSIEDADE (**High Anxiety**), de Mel Brooks. Com Mel Brooks, Madaline Kahn, Cloris Leachman, Harvey Korman e Ron Carey. **Caruso** (Av. Copacabana, 1 362 — 227-3544): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (16 anos). Comédia americana, inspirada nos filmes de Hitchcock. Mel Brooks interpreta um psiquiatra que assume a direção do Instituto Psiconeurótico para as Pessoas Muito, Muito Nervosas, onde encontra uma trama com o objetivo de não dar alta aos clientes ricos.

★★★

AS FESTAS DO CORAÇÃO (**Les Fêtes Galantes**), de René Clair. Com Jean-Pierre Cassel, Jean Richard e Phillipe Avron. **Lido-2** (Praia do Flamengo, 72 — 245-8904): 14h40m, 16h30m, 18h20m, 20h10m, 22h (livre). História passada no século XVIII, contando as aventuras de um soldado mercenário e um camponês, este recrutado à força para lutar numa guerra da qual não entende nada. Francês.

★★

OS EMBALOS DE SÁBADO À NOITE (**Saturday Night Fever**), de John Badham. Com John Travolta, Karen Lynn Borney, Barrt Miller, Joseph Cali e Paul Pape. **Copacabana** (Av. Copacabana, 801 — 255-0953): 14h45m, 17h05m, 19h25m, 21h45m. **Scala** (Praia de Botafogo, 320 — 246-7218): 19h25m, 21h45m. **Astor** (Rua Ministro Edgard Romero, 236): 14h, 16h20m, 18h 40m, 21h. **Tijuca-Palace** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h 30m (16 anos). O filme que projetou Travolta como personalidade-fenômeno da indústria cinematográfica americana. Faz o papel de empregado de uma loja de tintas que aos sábados eletriza com danças vigorosas e sensuais os frequentadores de uma discoteca. Ganha um concurso, mas procura motivação de vida mais importante do que os embalos semanais.

★

AMADA AMANTE (brasileiro), de Cláudio Cunha. Com Sandra Bréa, Luiz Gustavo, Rogério Fróes, Neuza Amaral e Ana Maria Kreisler. **Carioca** (R. Conde de Bonfim, 338 — 228-8178), **Coral** (Praia de Botafogo, 316 — 246-7218), **Odeon** (Pça. Mahatma Gandhi, 2 — 221-1508): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Imperator** (R. Dias da Cruz, 170 — 249-7982), **Vitória** (Bangu): 15h, 17h, 19h, 21h. **Madureira-2** (R. Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): a partir das 13h (18 anos). Comédia dramática. As dificuldades de adaptação de uma família classe média que se muda do interior de São Paulo para o Rio, sofrendo atritos decorrentes das reações de seus integrantes em um ambiente de permissividade.

★

O BOM MARIDO (brasileiro), de Antônio Calmon. Com Maria Lúcia Dahl, Paulo César Pereio, Sandra Pêra, Nuno Leal Maia, Renato Coutinho e Hélber Rangel. **Palácio** (Rua do Passeio, 38 — 222-0838), **Leblon-1** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 287-4224), **Rian** (Av. Atlantica, 964 — 236-6114), **Ópera-1** (Praia de Botafogo, 340 — 246-7705), **América** (Rua Conde de Bonfim, 334 — 248-4519): 13h40m, 15h20m, 17h, 18h40m, 20h20m, 22h. **Rosário** (Rua Leopoldina Rego, 52 — 230-1889): de 2a. a 6a. às 16h30m, 18h10m, 19h50m, 21h30m. Sábado e domingo, a partir das 14h50m. **Madureira-1** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 13h10m, 14h50m, 16h30m, 18h10m, 19h50m, 21h30m (18 anos). Pornochanchada. Um casal moderno e apaixonado procura superar dificuldades financeiras com **transas** sexuais: a mulher aceita as sugestões do marido e se envolve em variadas aventuras para tirar proveito de iniciativas de empresas multinacionais.

REAPRESENTAÇÕES

★★★★

GOLPE DE MESTRE (**The Sting**), de George Roy Hill. Com Paul Newman, Robert Redford e Robert Shaw. **Cinema-3** (Rua Conde de Bonfim, 229): 14h, 16h30m, 19h, 21h30m (18 anos). Um trapaceiro resolve vingar a morte de um amigo, assassinado porque roubara uma quantia de um homem a serviço de um poderoso **gangster** de Chicago. Aventura com ingredientes de humor. Americano.

★★★★

LIÇÃO DE AMOR (brasileiro), de Eduardo Escorel. Com Lilian Lemmertz, Irene Ravache, Rogério Fróes e Marcos Tequechel. **Bruni-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 379 — 268-2325): 14h, 16h, 18h, 20h. 22h (16 anos). Adaptação do romance **Amar, Verbo Intransitivo**, de Mário de Andrade. Na São Paulo dos anos 20, um industrial contrata uma governanta alemã, bela e culta, a fim de iniciar o filho adolescente nas "coisas da vida", entre lições de piano e alemão.

★

A CRUZ DOS EXECUTORES (**The Sicilian Cross**), de Maurizio Lucidi. Com Roger Moore, Stacy Keach, Ivo Garrani e Fausto Tozzi. Programa complementar: **Explosão de Shao-Lin contra Manchus**. **Rex** (Rua Álvaro Alvim, 33 — 222-6327): de 2a. a 6a., às 12h, 16h, 20h. Sábado e domingo, às 13h50m, 17h45m, 20h (18 anos). A história se passa nos EUA (San Francisco), onde a investigação de um crime leva dois amigos a enfrentar uma organização que oculta 5 milhões de dólares em contrabando dentro de uma cruz do século XVIII.

★

OS VIOLENTADORES (brasileiro), de Tony Vieira, Heitor Gaiotti e Claudete Joubert. Programa complementar: **Ouro Sangrento**. **Orly** (Rua Alcindo Guanabara, 21): de 2a. a 6a., às 10h30m, 13h40m, 16h50m, 20h. Sábado e domingo, a partir das 13h40m (18 anos). Western-pornô.

★

SABENDO USAR NÃO VAI FALTAR (brasileiro), de Francisco Ramalho Jr. e Adriano Stuart. Com Ewerton de Castro, Nadyr Fernandes, Helena Ramos, Renato Consorte e Yara Stein. **New Alaska** (Av. Copacabana, 1241 — 247-9842): 14h, 15h 45m, 17h30m, 19h15m, 21h, 22h45m. (18 anos). Três histórias na linha da pornochanchada. Na primeira, o contínuo de uma agência de publicidade vive perturbado por garotas **sexy**. Na segunda, problema de infidelidade na Vida de um casal frequentemente separado por viagens do marido. Terceiro: um ator de TV procura um curandeiro para livrar-se de impotência.

DRIVE-IN

★★★★

JÚLIA (**Julia**), de Fred Zinnemann. Com Jane Fonda, Vanessa Redgrave, Jason Robards e Maximilian Schell. **Lagoa Drive-In** (Av. Borges de Medeiros, 1 426 — 274-7999): 20h15m, 22h30m (14 anos). Premiado com os Oscar de Roteiro Adaptado, Atriz Coadjuvante (Vanessa Redgrave) e Ator Coadjuvante (Jason Robards). Durante a década de 20, duas jovens dividem experiências, consolidando profunda amizade que perdura por toda a vida. A história reproduz vivência da escritora Lillian Hellman. Produção americana. Último dia.

★★★

SE SEGURA, MALANDRO! — **Ilha Autocine**: 20h 30m, 22h30m (16 anos). Ver em **Continuações**. Até terça.

MATINÊ

O TRAPALHÃO NAS MINAS DO REI SALOMÃO — **Scala**: 15h55m, 17h35m (livre).

SESSÃO COCA-COLA — **Branca de Neve e os Sete Anões** — **Lagoa Drive-In**: 18h30m (livre).

SESSÃO INFANTIL — **Festival de Desenhos** — **Ilha Autocine**: 18h30m (livre).

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES — **Metro Boavista**: domingo, às 10h (livre).

FESTIVAL DE DESENHOS — **Condor Largo do Machado**: domingo, às 10h (livre).

EXTRA

CURTAS-METRAGENS — **Acidente de Trabalho**, de Renato Tapajós, **Pau Pra Toda Obra**, de Reinaldo Valpato e Augusto Seva, e **Cabuçu**, de Lúcio Aguiar e José Nelson. Às 20h, no **Cineclube Santa Teresa**, Rua Mauá, 136 — **Largo dos Guimarães**.

O SALÁRIO DO MEDO (**Le Salaire de la Peur**), de Henri-Georges Clouzot. Com Charles Vanel, Yves Montand e Falco Lulli. Às 20h, no **CINJ-23**, Av. Afranio de Melo Franco, 300 — Leblon. Produção francesa de 1953 e ganhadora da Palma de Ouro em Cannes. Desencanto existencial e tensão em um grupo de personagens que transportam substancia altamente explosiva em um caminhão. Em preto e branco.

JOVEM CINEMA ALEMÃO (III) — **O Tocador de Timbales**, filme em quatro episódios com direção de Rolf Thiele, Volker Schlondorff, Bernhard Wicki e H. Meewes. As 20h, no **Cineclube do Leme**, Rua General Ribeiro da Costa, 164. Haverá debates após a sessão.

GRANDE RIO

NITERÓI

ALAMEDA — **Amada Amante**, com Sandra Bréa. Às 15h, 17h, 19h, 21h (18 anos).

BRASIL — **O Bom Marido**, com Paulo César Pereio. Às 14h50m, 16h30m, 18h10m, 19h50m, 21h30m (18 anos).

EDEN — **Os Embalos de Sábado à Noite**, com John Travolta. Às 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h 30m (16 anos).

CENTRAL — **O Bom Marido**, com Paulo César Pereio. Às 13h40m, 15h20m, 17h, 18h40m, 20h 20m, 22h (18 anos).

CENTER — **O Bem Dotado — O Homem de Itu**, com Nuno Leal Maia. Às 13h40m, 15h45m, 17h 50m, 19h55m, 22h (18 anos).

CINEMA-1 — **O Bom Marido**, com Paulo César Pereio. Às 13h40m, 15h20m, 17h, 18h40m, 20h 20m, 22h (18 anos).

NITERÓI — **Amada Amante**, Com Sandra Bréa. Às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (18 anos).

ICARAÍ — **Alta Ansiedade**, com Mel Brooks. Às 20h, 22h (16 anos). Matinê: **Alice no País das Maravilhas**, desenho animado de Walt Disney. Às 14h40m, 16h25m, 18h10m (livre).

DRIVE-IN-ITAIPU — **Contatos Imediatos do Terceiro Grau**, com Richard Dreyfuss. Às 19h30m, 22h (livre).

SÃO GONÇALO

TAMOIO — **O Bom Marido**, com Paulo César Pereio. Às 14h50m, 16h30m, 18h10m, 19h50m, 21h30m (18 anos).

DUQUE DE CAXIAS

PAZ — **O Bem Dotado — o Homem de Itu**, com Nuno Leal Maia. Programa complementar: **Kung Fu — Os Sanguinários de Hong-Kong**. Às 13h50m, 17h25m, 19h35m (18 anos).

NOVA IGUAÇU

PAVILHÃO — **Amada Amante**, com Sandra Bréa. Às 13h, 15h, 17h, 19h, 21h (18 anos).

PETRÓPOLIS

DOM PEDRO — **O Bem Dotado — o Homem de Itu**, com Nuno Leal Maia. Às 14h45m, 16h50m, 18h55m, 21h (18 anos).

PETRÓPOLIS — **O Bom Marido**, com Paulo César Pereio. Às 14h50m, 16h30m, 18h10m, 19h 50m, 21h30m (18 anos).

CASABLANCA — **Tommy**, com Roger Daltrey. Às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (16 anos).

TERESÓPOLIS

ALVORADA — **S.O.S. Submarino Nuclear**, com Charlton Heston. Às 15h, 20h, 22h (14 anos).

CURTA-METRAGEM

CALENDÁRIO — De Renato Neuman. Cinema: **Caruso**.

MORRENDO — De Dilma Lóes. Cinema: **Plaza**.

CONSTRUÇÃO — De Geraldo Miranda. Cinema: **Copacabana**.

ESPERANÇA — De. Roberto Pace. Cinema: **Rex**.

RODA LUSO-BRASILEIRA — De Phydias Barbosa. Cinema: **Scala**.

ALÔ, TETÉIA — De José Joffily. Cinema: **Éden** (Niterói — de 13 a 19).

NO PANTANAL DO PIQUIRI — De Reynaldo Paes de Barros. Cinema: **Império**.

MISSA DO GALO — De Roman Stulbach. Cinema: **Lido-2**.

O TICUMBI — De Elyseu Visconti. Cinema: **Ilha Autocine**.

PÉ DIREITO — De Nazaré Ohana. Cinema: **Lagoa Drive-In**.

NEIKE — De Eduardo Alcazar. Cinema: **Tijuca-Palace**.

SAVEIROS — De Gerson Tavares. Cinema: **Drive-In Itaipu**.

ZIRALDO — De Tarcísio Teixeira Vidigal. Cinemas: **Condor-Largo do Machado** e **Metro-Boavista** (nas matinês de domingo).

SEM VERGONHA — De Marcelo França. Cinema: **Icaraí** (Niterói).

A JANGADA — De Roland Henze. Cinema: **Astor**.

Teatro

VICENTE E SÍLVIA — Texto e música de Cacá Fraga Melo. Direção de Gene Moraes. Direção musical e arranjos de Nélson Melim. Com o Núcleo Espaço de Artes Integradas: Getúlio Barbosa, Leda Borges, Clarissa Moraes, Eli Batista, Ana D'Hora e outros. **Teatro Leopoldo Froes**, Rua Manoel de Abreu, 16 (718-7645). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 40,00 e Cr$ 30,00, estudantes. Até amanhã.

A RAINHA DO RÁDIO — Texto de José Saffioti Filho. Direção de Dina Moscovici. Com Beyla Genauer. **Teatro Nacional de Comédia**, Av. Rio Branco, 179 (224-2356). Hoje, às 20h. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 40,00, estudantes. Uma neurótica locutora de rádio conquista seu grande momento de verdade.

B... EM CADEIRA DE RODAS — Texto de Ronald Radde. Dir. de Miguel Oniga. Com Fernando Palitot e Antônio Antonino. **Teatro Experimental Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338 (265-9933). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 40,00 e Cr$ 20,00 estudantes. Dois personagens que dependem um do outro, numa situação que simboliza os conflitos de interesse entre patrões e empregados. Até dia 24.

ÓPERA DO MALANDRO — Texto de Chico Buarque de Holanda. Direção de Luiz Antônio Martinez Correia. Direção musical de John Neschling. Cenários de Maurício Sette. Coreografia de Fernando Pinto. Direção vocal e interpretativa de Glorinha Beutenmiler. Com Otávio Augusto, Marieta Severo, Ari Fontoura, Elba Ramalho, Ilva Niño, Nadinho da Ilha, Maria Alice Vergueiro, Emiliano Queiroz, Toni Ferreira e outros. **Teatro Ginástico**, Av. Graça Aranha, 187 (221-4484). Hoje, às 17h e 21h. Ingressos a Cr$ 120,00 e Cr$ 60,00, estudantes. No período do Estado Novo, malandros, prostitutas e contrabandistas se lançam na corrida pelo domínio de negócios mais ou menos escusos.

DOLORES... TRÊS VEZES POR SEMANA — Comédia dramática de João Bithencourt. Direção do autor. Com Suely Franco, Nelson Caruso e Felipe Wagner. **Teatro Serrador**, Rua Sen. Dantas, 15 (232-8531). Hoje, às 18h e 21h15m. Ingressos a Cr$ 100,00 e Cr$ 60,00, estudantes. As dificuldades de relacionamento de um casal expostas no divã de um psicanalista.

ERA UMA VEZ NOS ANOS 50 — Texto de Domingos de Oliveira. Dir. do autor. Com Cláudio Cavalcanti, Ricardo Blat, Osmar, Prado, Carlos Gregório, Vinicius Salvatori, Lúcia Alves, Maria Cristina Nunes, Tessy Callado, Catita Soares, Diogo Vilela e Élcio Romar. **Teatro Glaucio Gill**, Praça Cardeal Arcoverde (237-7003). Hoje, às 20h e 22h30m. Ingressos (1a. sessão) a Cr$ 80,00 e Cr$ 40,00, estudantes e (2a. sessão) a Cr$ 80,00. Dois antigos companheiros de escola se encontram casualmente depois de muitos anos e evocam suas vivências de há 20 anos (14 anos).

OS VERANISTAS — Texto de Máximo Gorki. Dir. de Sérgio Brito. Com Luis de Lima, Renata Sorrah, Pedro Veras, Angela Vasconcelos, Elza Simões, Nildo Parente, Jorge Gomes, Rodrigo Santiago, Ítalo Rossi, Tetê Medina, Sergio Brito, Walter Marins, Suzana Faini, Yara Amaral, Francisco Nagen e Paulo Barros. **Teatro dos Quatro**, Rua Marquês de São Vicente, 52/2º, Shopping Center da Gávea (274-9895). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 100,00 e Cr$ 50,00, estudantes. Numa temporada de verão, três núcleos se dedicam a um jogo de agressões mútuas e de demonstrações de fraqueza e incapacidade de mudar qualquer coisa em suas vidas.

CEGO, SURDO, MUDO, PORÉM SENSUAL — Texto de Aurimar Rocha. Dir. do autor. Com Agnes Fontoura, Isis Koschdoski, Miguel Carrano, Hugo Mayer e Aurimar Rocha. **Teatro de Bolso**, Av. Ataulfo de Paiva, 269 (287-0871). Hoje, às 21h 15m. Ingressos a Cr$ 100,00 e Cr$ 50,00, estudantes. A peça conta a paixão de um professor de Latim por uma ex-guerrilheira de Israel. Até amanhã.

LÁ EM CASA É TUDO DOIDO — Comédia de João Bethencourt. Dir. do autor. Com Milton Carneiro, Heloisa Mafalda, Rogério Cardoso, Estellita Bell, Lúcia Marina Accioly, João Marcos Fuentes, Jacques Lagoa, César Montenegro. **Teatro Copacabana**, Av. Copacabana, 327 (257-1818, R. Teatro). Hoje, às 18h e 21h30m. Ingressos a Cr$ 100,00 e Cr$ 60,00, estudantes. A neurotizada classe média reage à violência ou através da violência ou através da loucura (16 anos).

RODA COR DE RODA — Comédia de Leilah Assunção. Dir. de Gracindo Júnior. Com Arlete Sales, Gracindo Jr. e Natália do Vale. **Teatro Glória**, Rua do Russel, 632 (245-5527). Hoje, às 20h e 22h30m. Ingressos ao preço único de Cr$ 50,00, sob o patrocínio do DAC-MEC e Funarte. A trajetória de Amélia, uma **mulher de verdade**, de esposa submissa a dona de um fantástico prostíbulo (18 anos). Até amanhã.

NO SEX... PLEASE — Comédia de Anthony Marriott e Alistair Foot. Dir. de Flávio Rangel. Com Elizabeth Savalla, Marcelo Picchi, André Vali, Laura Suarez, André Villon, Gracinha Couto, Martim Francisco, Sérgio de Oliveira, Idelar Baldisse e Maria Anderson. **Teatro Mesbla**, R. do Passeio, 42/56 (242-4880). Hoje, às 18h e 21h15m. Ingressos a Cr$ 120,00 e Cr$ 60,00, estudantes. A moral sexual dos britanicos discutida numa comédia de grande sucesso em Londres (18 anos).

INSTITUTO NAQUE DE QUEDAS E ROLAMENTOS — Texto de Ísis Baião. Direção de Julio Wohlgemuts. Com Duca Dodrigues, Jorge Alberto, Maria Cristina Gatti, Miriam Carmo, Roberto Cruz, Rubens Araújo e Sebastião Lemos. **Teatro da Casa do Estudante Universitário**, Av. Rui Barbosa, 762. Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 30,00, estudantes. Uma fantasiosa repartição pública feita para o ócio dos funcionários e dirigentes.

A HISTÓRIA É UMA HISTÓRIA — Texto de Millor Fernandes. Dir. de Jô Soares. Com Antônio Fagundes, Sandra Bréa e Olney Cazarré. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping Center da Gávea (274-7246). Hoje, às 18h 30m e 21h30m. Ingressos a Cr$ 120,00 e Cr$ 60,00, estudantes. Um passeio irreverente por várias etapas da História Universal.

É... — Texto de Millor Fernandes. Direção de Paulo José. Com Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Neila Tavares, Miriam Pérsia e Nilson Condé. **Teatro Maison de France**, Av. Antônio Carlos, 58 (252-3456). Hoje, às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 120,00 e Cr$ 60,00, estudantes. Problemas de casamento, relacionamento e maternidade na visão de diferentes gerações.

MUSEU DE CERA — Criação de Leonardo Alves e o Grupo Mãos à Obra. Texto de Carlos Drúmmond de Andrade, Cecília Meireles, Fernando Pessoa e outros. **Estúdio do Teatro Leonardo Alves**, Rua Correia Dutra, 99, sobreloja 218 (205-6371). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 50,00 e Cr$ 30,00, estudantes.

1848 — Texto de Ana Lúcia Bruce. Dir. de Richard Roux. Com Ana Lúcia Bruce, Sílvia Heller, Hilário Stanislaw, Leon Zilberstain, Luiz Marcolini, Paulo Dalcol. **Aliança Francesa da Tijuca**, Rua Andrade Neves, 315. Hoje, às 18h30m. Ingressos a Cr$ 50,00 e Cr$ 30,00, estudantes. Análise dramática da Insurreição Praieira de Pernambuco. Até dia 15 de outubro.

A CASA DE BERNARDA ALBA — Drama poético de Garcia Lorca. Dir. de Elenice Braganti. Com Angela Boa Nova, Dora Cohen, Elenice Braganti, Eurydes Reis, Fábius Nazza e outros. **Teatro Opinião**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). Hoje, às 18h30m e 21h. Ingressos a Cr$ 80,00 e Cr$ 40,00, estudantes. Trágicas frustrações pesam sobre uma família composta apenas de mulheres. Último dia.

QUITANDA VERBAL (CENTENÁRIO, 24 & CIA. LTDA.) — Texto de Gilson Moura. Dir. do autor. Com Gilson Moura, David Domingo, Vanede Nobre. **Aliança Francesa de Botafogo**, Rua Muniz Barreto, 54. Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 50,00 e Cr$ 30,00, estudantes. Lembranças de infancia em Pernambuco, girando em torno de quitandas mantidas por portugueses e espanhóis. Até dia 1º de outubro.

CAMAS REDONDAS, CASAIS QUADRADOS — Comédia de Roy Cooney e John Chappman. Dir. de José Renato. Com Dirce Migliaccio, Gina Teixeira, Felipe Carone, Lúcio Mauro, Ione Catrambi, Anilza Leone, Fernando José, Miriam Miller e Carlos Leite. **Teatro Dulcina**, Rua Alcindo Guanabara, 17 (232-5817). Hoje, às 18h e 21h15m. Ingressos Cr$ 80,00 e Cr$ 40,00. Comédia de equívocos reunindo vários casais que procuram vencer inúmeros obstáculos para consumar seus projetos de adultério.

STRIPTEASE — Texto de Mrozek. Direção de Mario Telles Filho. Apresentação do Grupo Corpo Presente. **Sesc de Madureira**, Av. Edgard Romero, 81 — cobertura. Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 40,00, Cr$ 30,00, estudantes e Cr$ 20,00, associados. Até dia 1º de outubro.

MARIA PEPITA YEMANJÁ — Cmédia de Elmo Muniz. Direção de Carlos Marcello. Com Octacílio Coutinho, José Silva, Francis Azevedo, Mari di Oliveira, Paim e outros. **Teatro do Instituto Nacional de Educação de Surdos**, Rua das Laranjeiras, 232. Hoje, às 20h. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 40,00, estudantes. Um falso terreiro de macumba traz falsa fortuna a uma quadrilha de espertalhões.

REI MOMO.. — Ópera-samba de César Vieira. Direção de Marcos Mirelli. Trabalho coletivo do grupo Teatro Independente de Nova Iguaçu, com Celso Mosciaro, Luiz Washington, Tutti Scoth, Silcio da Silva e outros. **Teatro Arcádia**, Travessa Alberto Cocozza, 38, Nova Iguaçu. Hoje, às 20h. Ingressos a Cr$ 40,00 e Cr$ 20,00, estudantes. Até final de outubro.

A GRANDE ESTIAGEM — Texto de Isaac Gondim Filho. Direção de Jorge Alegria. Com o grupo Girassol: Arlindo Mendes, Solange Costa, Patrícia Franklin, Cléria Marques, David e Carlos e outros. **Teatro da Escola Martins Pena**, Rua 20 de Abril, 14. Hoje, às 20h. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 30,00, estudantes.

DESCULPE SE INCOMODAMOS, MAS ESTAMOS TRABALHANDO PARA EMBELEZAR A CIDADE — Criação coletiva do grupo Solus de Teatro Estudantil. **Colégio de Aplicação Luso Carioca**, Av. Paris, 72 (280-9422). Hoje, às 19h30m. Entrada franca (Livre). Até dia 1º de outubro.

Show

A cantora Olívia faz hoje sua última apresentação, no Teatro Clara Nunes

TEATRO

GERAÇÕES — Show com a cantora Clementina de Jesus e o cantor e compositor Dellano, acompanhados do grupo Samba Chão, formado por Cyro Baiano (cavaquinho), Augusto (violão), Senegal (percussão), Tião (baixo), Serginho (surdo), Edvaldo (tamborim), Jovelino (percussão), Lindomir (cuíca) e Pesão (tamborim). **Teatro Arthur Azevedo**, Rua Victor Alves, 450 — Campo Grande. Hoje, às 21h. Ingressos a **Cr$ 40,00**.

HOMEM NÃO ENTRA — Show de Cidinha Campos. **Teatro Municipal de Niterói**, Rua XV de Novembro, 35. Hoje, às 18hs. Ingressos a Cr$ 60,00.

ALCIONE — Show da cantora acompanhada do conjunto Toda Transa, formado por Sidney (piano), Bidu (percussão), Carlinhos (bateria), Uítalo (baixo), Luisinho (guitarra), Tainha (piston) e Luisão (sax e flauta). Direção de Roberto Santana. **Teatro da Galeria**, Rua Sen. Vergueiro, 93 (225-8846). Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 100,00 e Cr$ 70,00, estudantes. Até dia 8 de outubro.

VIVA O GORDO E ABAIXO O REGIME — Show do humorista Jô Soares. Textos de Jô Soares, Millor Fernandes, Armando Costa e José Luís Archanjo. Cenário e iluminação de Arlindo Rodrigues. Direção de Jô Soares. Direção musical de Edson Frederico. **Teatro da Praia**, Rua Francisco Sá, 88 267-7749 e 287-7794). Hoje, às 18h30m e 21h 30m. Ingressos (1a. sessão) a Cr$ 120,00 e Cr$ 60,00, estudantes, (2a. sessão) a Cr$ 120,00.

CORRA O RISCO — Show da cantora Olívia acompanhada do conjunto A Barca do Sol. **Teatro Clara Nunes**, Rua Marquês de S. Vicente, 52/3.º. Hoje, às 21h. Ingressos a **Cr$ 100,00**. Até amanhã.

TODOS OS SENTIDOS — Show do cantor e compositor **Belchior** acompanhado de **Tuca** (piano), Odilon (baixo), Palhinha (guitarra), Duda (bateria), Bangle (sax e flauta) e Paulinho (teclados). Direção de Aderbal Júnior. **Teatro Teresa Raquel**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 100,00. Até dia 24.

CAMALEÃO — Show do cantor, compositor e violonista Edu Lobo acompanhado do Quarteto Boca Livre, formado por Davi Tygel (violão), Maurício Maestro (contrabaixo), José Renato e Cláudio Nucci (violões), e dos instrumentistas Niltinho (trompete e **flugelhorn**), José Carlos (sax-tenor, soprano e flauta), Raimundo Nicioli (piano) e Cid de Freitas (bateria e percussão). Direção de Fernando Faro. Direção musical de Edu Lobo. **Teatro Casa-Grande**, Av. Afranio de Melo Franco, 290 (227-6475). Hoje, às 19h. Ingressos a Cr$ 100,00 e Cr$ 60,00, estudantes. Último dia.

O HUMOR DE SERGIO RABELLO — Show do humorista com direção de **Paulo José**. **Teatro Sonac**, Rua Pompeu Loureiro, 45 (256-2746). Hoje, às 20h30m. Ingressos a Cr$120,00 e Cr$ 60,00, estudantes.

REVISTAS

MIMOSAS... ATÉ CERTO PONTO — Show de travestis. Texto de Brigitte Blair. Com Georgie Bengston, Sandra Brasil, Kiriaki, Gessica, Marlene Casanova e outras e participação especial de Edson Fharr. **Teatro Brigitte Blair, R. Miguel Lemos**, 51 (236-6343). Hoje, às 20h15m e 22h15m. Ingressos a Cr$ 100,00 (18 anos).

CASAS NOTURNAS

CHICO TOTAL — Show do humorista Chico Anísio. Textos de Chico Anísio, Arnaud Rodrigues, Ziraldo, Haroldo Barbosa, Max Nunes, Artur da Távola e Roberto Silveira. Direção de Carlos Manga. Arranjos e regência de Laércio de Freitas. **Canecão**, Av. Vencesiau Braz, 215 (286-9343 e 266-4149). Hoje, às 23h30m. Ingressos a Cr$ 175,00.

Música

A Próxima Semana

CICLO CHOPIN — Quarto recital da série, com o pianista Antônio Guedes Barbosa interpretando **Três Noturnos, Valsa em Mi Menor, Valsas Op. 69 nº 1 e nº 2, Grande Valsa Brilhante Op. 18, Dois Noturnos Op. 37** e **Sonata em Si Menor Op. 58**. **Sala Cecília Meireles**, Lgo. da Lapa, 47. Amanhã, às 21h. Ingressos a Cr$ 80,00, platéia, Cr$ 60,00, platéias superior e Cr$ 40,00, estudantes.

SEBASTIÃO TAPAJÓS — Recital do violonista interpretando peças de Augustin Barrios, Villa-Lobos, Guerra Peixe, Waldir Ayalla, Antônio Lauro, Eduardo Falu e Ernesto Nazareth. **Teatro dos Quatro**, Rua Marquês de São Vicente, 52 2º andar, Shopping Center da Gávea. Amanhã, às 21h. Ingressos a Cr$ 70,00.

ORQUESTRA DE CÂMARA JEAN-FRANÇOIS PAILLARD — 7º concerto da Série Verde. Programa: **Danças Francesas do Século XVII, Peças para Viola**, de Lou D' Herveloy (solista: Raymond Glatard), **6 Epigraphes Antiques**, de Debussy, **Concerto para Dois Violinos em Ré Menor BWV 1043**, de Bach (solistas: Gerard Jarry e Brigitte Angelis), **Canon a Três Vozes**, de J. Pachebel, **Concerto para Três Violinos em Ré Maior BWV 1064, de Bach** (solistas: Gerard Jarry, Brigitte Angelis e Catherine Gabard). **Sala Cecília Meireles**, Lgo. da Lapa, 47. Terça-feira, às 21h. Ingressos a Cr$ 90,00, platéia, Cr$ 70,00, platéia superior e Cr$ 50,00, estudantes.

FRANCO MEDORI — Recital do pianista interpretando **Seis Sonatas**, de Cimarosa, **Caderno Musical de Anna Libera**, de Dalla Piccola, **2a. Elegia "A Itália"** e **Sonatina Super Carme**, de Busoni, **Sonata em Lá Menor Op. 143**, de Schubert, e **Soirées de Viena nº 3-9**, de Schubert — Liszt. **Sala Itália do Instituto Italiano de Cultura**, Av. Presidente Antonio Carlos, 40 — 4º andar. Terça-feira, às 21h. Entrada franca.

FESTIVAL SCHUBERT — Recital do Quarteto da UFRJ, integrado por Santino Parpinelli, Jacques Niremberg, Henrique Niremberg e Eugen Ranevsky. Programa: **Quarteto para Dois Violinos, Viola e Violoncelo, Op. 29 em Lá Menor e Quarteto para Dois Violinos, Viola e Violoncelo, Op. Post. (A Morte e a Donzela)**. **Salão Leopoldo Miguez da Escola de Música** da UFRJ, Rua do Passeio, 98. Quarta-feira, às 17h. Entrada franca.

CONCERTO COM AS ESTRELAS — Recital do Trio Reinecke, formado por Sônia Vieira (piano), Harold Emert (oboé) e Thomas Tritle (trompa). Programa: **Andante com Variações Op. 34**, de Louis Spohr, **Intermezzo para Trompa e Piano**, de Victorino Echevarria, **Trio Op. 88**, de Karl Reinecke, **Doux Souvenirs**, de Misael Dominguez, e **Trio Op. 61**, de Heinrich von Herzogenberg. **Planetário da Cidade**, Rua Pe. Leonel Franca, 240, Gávea. Quarta-feira, às 21h. Ingressos a Cr$ 50,00 e Cr$ 30,00, estudantes.

Televisão

★★★★★ EXCELENTE ★★★★ MUITO BOM ★★★ BOM ★★ REGULAR ★ RUIM

OS FILMES DE HOJE

A beleza e juventude irradiantes de Romy Schneider mais do que compensam os arranhões históricos de Sissi, produção extremamente bem cuidada e com suntuosa reconstituição de época. Romy já deixa entrever aqui a atriz sensível em que se transformaria. Quase 30 anos depois de rodado, Ninguém Crê em Mim *continua sendo um filme de suspense inexcedível, ajudado por um ótimo desempenho de Bobby Driscoll.*

Romy Schneider em *Sissi* (canal 7, 22h)

O REI DO LAÇO
TV Globo — 16h

(Pardners) — Produção norte-americana de 1956, dirigida por Norman Taurog. Elenco: Jerry Lewis, Dean Martin, Lori Nelson, Agnes Moorehead, Jeff Morrow, Lon Chaney Jr. **Colorido.**

★ **Jovem desastrado e incompetente (Lewis) segue para o Velho Oeste com um amigo (Martin) e acidentalmente limpa uma cidade de seus malfeitores.**

A BRIGADA DO DIABO
TV Studios — 21h25m

(The Devil's Brigade) — Produção norte-americana de 1968, dirigida por Andrew V. McLaglen. Elenco: William Holden, Cliff Robertson, Vince Edwards, Dana Andrews, Richard Jaeckel, Claude Akins, Carroll O'Connor. **Colorido.**

★★ **História da formação, durante a Segunda Guerra Mundial, da Força Especial de Serviços, originalmente composta de canadenses e americanos, que daria origem aos Boinas Verdes.**

SISSI
TV Guanabara — 22h

(Sissi) — Produção alemã de 1956, dirigida por Ernest Marischka. Elenco: Romy Schneider, Magda Schneider, Karlheinz Boehm, Uta Franz, Josef Meinrad. **Colorido.**

★★ **Contrariando os desejos de sua mãe, o herdeiro do trono austro-húngaro, Francisco José (Boehm) — o lançador das valsas de Strauss na Corte — decide se casar com a eleita de seu coração, Sissi (Schneider), que a imperatriz não considera à altura de tão graves responsabilidades.**

NINGUÉM CRÊ EM MIM
TV Globo — 24h

(TheWindow) — Produção norte-americana de 1949, dirigida por Ted Tetzlaff. Elenco: Bobby Driscoll, Barbara Hale, Arthur Kennedy, Paul Stewart, Ruth Roman. **Preto e branco.**

★★★ **Garoto de imaginação fértil (Driscoll) assiste ao assassinio de um homem pelos vizinhos do andar superior ao seu, mas ninguém acredita em suas palavras. Por via das dúvidas, os assassinos acham mais prudente eliminá-lo.**

CANAL 2

10h — Telecurso 2º Grau — Aula de Geografia.
10h15m — Telecurso 2º Grau — Resumo das aulas da semana.
11h30m — Palavras da Vida — Programa religioso com D Eugênio Sales.
12h — Portaria 408 — Programa educativo. Hoje: **A Busca do Conhecimento.**
13h — Ensino Profissionalizante — Entrevistas.
14h — Espírito da TVE — Os melhores momentos da programação da TVE na semana.
15h30m — Discoteca — Musical.
17h30m — Especial — Os cinco melhores momentos da semana do **I Festival Internacional do Jazz.**
21h30m — I Festival Internacional do Jazz — Transmissão direta do Palácio Anhembi, São Paulo. Hoje: Hermeto Pascoal e grupo, Patrick Moraz e Djalma Corrêa, e sexteto de Chick Corea, com o guitarista Joe Farrel.

• TRE — 16h às 17h30m e 20h às 21h30m.

CANAL 4

9h — Santa Missa em Seu Lar.
9h40m — Bol D'Or — Transmissão direta da chegada das 24 Horas do Circuito de Paul Ricard de Motociclismo.
10h10m — Concertos para a Juventude — Hoje: **Segundo Campeonato Nacional de Bandas** — Entrega de prêmios e apresentação das bandas vencedoras.
11h — Esporte Espetacular.
12h — Clube Hana Barbera — Desenho.
15h — Super-Heróis — Seriado: **A Mulher Maravilha.**
16h — Domingo Comédia — Filme: **O Rei do Laço.**
18h — Praça da Alegria — Programa humorístico.
19h — Os Trapalhões — Programa humorístico com Dedé Santana, Renato Aragão Zacarias e Muçum.
20h — Fantástico — Variedade.
23h — Amaral Neto, o Repórter.
24h — Festival de Sucessos — Filme: **Ninguém Crê em Mim.**

• TRE: 13h às 14h22m e 21h38m às 23h.

CANAL 6

7h15m — TVE — Circuito Nacional.
8h45m — A Voz do Pastor — Religioso.
9h — Rex Humbard — Religioso.
10h — Operação Rio — Apresentação de Carlos Lima e Ricardo Mazela, além de convidados especiais.
11h — Extensão — Apresentação de Álvaro Valle e Américo Camargo.
11h30m — Programa Sílvio Santos — Variedades.
20h — Programa Flávio Cavalcanti — Variedades.
23h — Defesa do Consumidor.
23h20m — Conflito de Almas — Seriado.
0h20m — O Vigilante — Seriado.

• TRE: 13h às 14h22m • 21h38m às 23h.

CANAL 7

11h30m — O Grande Circo — Com Torresmo e Pururuca.
12h30m — Gol, os Melhores Momentos do Futebol.
14h50m — Selva de Coral — Documentário..
15h50m — Sessão Aventura — Filme: **Mil Palhaços.**
17h30m — Os Comediantes — Apresentação de A. Carvalhães.
18h30m — Hana Barbera — Desenho.
19h30m — Astros do Ringue — Luta livre.
22h — Sessão de Domingo Especial: Filme: **Sissy.**
24h — Bolas na Mesa — Mesa-redonda sobre futebol.

• TRE — 13h30m às 14h50m. 20h38m às 12h.

CANAL 11

10h — Programa Rex Humbard — Religioso.
11h — Bat Masterson — Seriado: **O Vale da Morte.**
11h30m — Programa Silvio Santos — Variedades.
21h25m — Sessão das Nove — Filme: **A Brigada do Diabo.**
23h25m — Sessão Policial — Seriado: **Os Novatos.**

• TRE: 13h às 14h22m e 20h às 21h22m.

☆ ☆ ☆

A PRÓXIMA SEMANA

A semana não é das mais promissoras. O único destaque de segunda vai para **James Dean** (no 4, às 21h 56m), uma abordagem diferente da vida de um dos grandes mitos de Hollywood. Na terça-feira há Barbara Stanwyck vivendo uma famosa evangelizadora dos anos 20 em **Mulher Miraculosa** (no 2, às 23h5m). Já na quarta a situação melhora. Apesar do título idiota, **Galante e Sanguinário** (no 2, às 23h5m) é um **western** de tensão crescente, e Paul Newman volta a demonstrar seu talento diretorial em **O Preço da Solidão** (no 4, às 23h58m), extraindo bons desempenhos de sua mulher (Joanne Woodward) e filha (Nell Potts) na vida real.

Thriller na melhor tradição e com um final surpreendente, **O Vingador Invisível** (no 4, às 23h56m) divide com **Colisão de Planetas** (no 4, às 13h24m), interessante **science fiction** de Rudolph Maté, as atenções de quinta-feira. E na sexta há Peter Sellers em **O Mundo de Henry Orient.**

SEGUNDA-FEIRA, 18

14h24m — Canal 4 — Dominique (The Singing Nun). Americano (66) de Henry Koster, com Debbie Reynolds, Ricardo Montalban, Greer Garson. (Cor).
21h25m — Canal 11 — Mosqueteiros do Mal (Streets of Laredo). Americano (49) de Leslie Fenton, com William Holden, MacDonald Carey. (Cor).
23h56m — Canal 4 — James Dean (James Dean). Americano (76) de Robert Butler, com Stephen McHattie, Michael Brandon, Candy Clark. (Cor).

TERÇA-FEIRA, 19

14h24m — Canal 4 — Tempestade (Hurricane). Americano (64) de Jerry Jameson, com Larry Hagman, Martin Milner. Jessica Walter Geer. (Cor).
21h25m — Canal 11 — Estouro da Manada (Cattle Drive). Americano (52) de Kurt Neumann, com Joel McCrea, Dean Stockwell, Chill Wills, Leon Ames. (Cor).
23h5m — Canal 2 — Mulher Miraculosa (Miracle Woman). Americano (32) de Frank Capra, com Barbara Stanwyck, Sam Hardy, David Manners. (P & B).
23h56m — Canal 4 — O Santuário de Lorna Love (The Shrine of Lorna Love). Americano (76) de E. W. Swackhamer, com Robert Wagner, Kate Jackson. (Cor).
0h30m — Canal 6 — Eu, Eu, Eu e os Outros (Io, Io, Io e Gli Altri). Italiano, de Alessandro Blasetti, com Gina Lollobrigida, Silvana Mangano, Vittorio de Sica, Marcello Mastroianni, Sylvia Koscina. (Cor).

QUARTA-FEIRA, 20

14h24m — Canal 4 — A Marca do Zorro (The Mark of Zorro). Americano (74) de Don McDougall, com Frank Langella, Ricardo Montalban, Gilbert Roland. (Cor).
21h25m — Canal 11 — Assim Morrem os Bravos (The Glory Guys). Americano (65) de Arnold Laven, com Tom Tryon, Harve Presnell, Senta Berger. (Cor).
23h5m — Canal 2 — Galante e Sanguinário (3:10 to Yuma). Americano (57) de Delmer Daves, com Gleen Ford, Van Heflin, Felicia Farr, Leora Dana. (P & B).
23h58m — Canal 4 — O Preço da Solidão (The Effect of Gamma Rays on Man-in-the-Moon Marigolds). Americano (72) de Paul Newman, com Joanne Woodward, Nell Potts, Roberta Wallach, Judith Lowry. (Cor).
0h30m — Canal 6 — Amarga Ironia (You Came Along). Americano (45) de John Farrow, com Lizabeth Scott, Robert Cummings, Don Defore, Kim Hunter. (P & B).

QUINTA-FEIRA, 21

14h24m — Canal 4 — Colisão de Planetas (When World Collide). Americano (51) de Rudolph Maté, com Richard Derr, Barbara Rush, Peter Hanson. (Cor).
21h25m — Canal 11 — O Forte do Massacre (Fort Massacre). Americano (58) de Joseph Newman, com Joel McCrea, Forrest Tucker, Susan Cabot. (Cor).
23h5m — Canal 2 — A Mulher de Palha (The Straw Woman). Britanico (64) de Basil Dearden, com Gina Lollobrigida, Sean Connery, Ralph Richardson. (Cor).
23h56m — Canal 4 — O Vingador Invisível (And Then There Were None). Americano (45) de René Clair, com Barry Fitzgerald, Walter Huston, Louis Hayward, Judith Anderson, June Duprez, C. Aubrey Smith, Roland Young. (P & B).
0h30m — Canal 6 — Esposas e Amantes (Wives and Lovers). Americano (63) de John Rich, com Van Johnson, Shelley Winters, Janet Leigh. (P & B).

SEXTA-FEIRA, 22

14h24m — Canal 4 — Mar Raivoso (Ride the Wild Surf). Americano (64) de Don Taylor, com Fabian, Shelley Fabares, Tab Hunter, James Mitchum. (Cor).
21h25 — Canal 11 — Jesse James contra os Daltons (Jesse James vs the Daltons). Americano (54), com Brett King, Barbara Lawrence. (Cor).
23h5m — Canal 2 — O Mundo de Henry Orient (The World of Henry Orient). Americano (64) de George Roy Hill, com Peter Sellers, Angela Lansbury. (Cor).
23h35m — Canal 6 — Revólver de um Desconhecido (Chuka). Americano (67) de Gordon Douglas, com Rod Taylor, Ernest Borgnine, John Mills. (Cor).
23h56m — Canal 4 — Na Trilha de Salina (Sur la Route de Salina). Franco-italiano (69) de George Lautner, com Mimsy Farmer, Rita Hayworth. (Cor).
1h56m — Canal 4 — O Homem Abutre (The Vulture). Anglo-americano (66) de Lawrence Huntington, com Robert Hutton, Akim Tamiroff, Broderick Crawford. (Cor).

Crianças

***Branca de Neve e os Sete Anões*, desenho animado de Walt Disney, tem hoje duas matinês (ver *Cinema*): pela manhã, no Metro Boavista e, à tarde, no Lagoa Drive-In**

ATIREI O PAU NO GATO — Texto e direção de Gedivan. Apresentação do grupo Luzes da Ribalta. Com Cristina Francescutti, Carlos Roberto Junua Ramos, Marise Castro e outros. **Teatro da Aliança Francesa da Tijuca,** Rua Professor Andrade Neves, 315. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 30,00. Até dia 30.

AS BRAVATAS DO PROFESSOR TIRIDA' NA USINA DO CORONEL DEJAVUNDA — Teatro de bonecos com texto de Mestre Ginó. Apresentação do grupo Carroça. **Sesc de Madureira,** Av. Edgar Romero, 81 — Cobertura. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 25,00 e Cr$ 15,00, associados. Até dia 1º de outubro.

CALIBAN, CALIBAN — Sátira musical, adaptada de uma história de Joan Aiken pelo grupo Tisa. Direção de Maria Luísa Prates. **Cenários** e figurinos de Luiz Carlos Figueiredo. Iluminação de Jorginho de Carvalho. **Teatro Isa Prates,** Rua Francisco Otaviano, 131 — Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 40,00 (5 anos).

O DRAGAO E A FADA — Texto de Carlos Lira. e Nélson Lins e Barros. Dir. de Carlos Lira. Músicas dos autores. Com Cacá Silveira, Ligia Diniz, Alice Viveiros, Pratinha, Elvira Rocha e outros. **Teatro Vanucci,** Rua Marquês de S. Vicente, 52/3º (274-7245). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ . . 50,00.

A REVOLUÇÃO DOS PATOS — Texto de Walter Quaglia. Direção de José Roberto Mendes. Músicas de Chico Buarque, Octávio Burnier e Wrigg. Com Grande Otelo, Ruth de Souza, Alby Ramos, Bath Erthal, Aline Molinari e outros. **Teatro dos Quatro,** Rua Marquês de S. Vicente, 52/2º (274-9895). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 60,00. Texto fraco em produção cuidada e direção inteligente resulta em espetáculo simpático e divertido **(A.M.M.)**

JOÃO DA LUA — Peça com máscaras, marionetes e bonecos de Pierre Denervaud. Tradução de Neusa Rocha. Com Neusa Rocha e o grupo Catavento. Cenários, figurinos, máscaras e animação de Jean Bisilliat Gardet. **Teatro Cacilda Becker,** Rua do Catete, 338 (265-9933). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 30,00 e Cr$ 20,00 crianças. Até dia 1.º de outubro.

O JARDIM DOS VENTOS — Peça infanto-juvenil de João Gomes Neto. Direção de Rose Vieira. Com o Grupo Cortina Aberta e Picadeiro. **Teatro Brigitte Blair.** Rua Miguel Lemos, 51 (236-6343). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 30,00.

O CANHÃO ELETRÔNICO — Texto e direção de Ricardo Mack Filgueiras. Com o Grupo O Ponto: Arnaldo Gomes, Nancy Maron, Olivia Hime, Nirda Portella e outros. Música de Sérgio Fayne. **Teatro Nacional de Comédia,** Av. Rio Branco, 179 (224-2356). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 20,00.

QUEM MATOU O LEÃO? — Peça infanto-juvenil de Maria Clara Machado. Dir. da autora. Com Sura Berditchevsky, Maria Clara Mourthé, Maria Cristina Gani, Bia Nunes, Milton Dobbin, Bernardo Jablonski e Cristina Rego Monteiro. **Teatro Tablado.** Av. Lineu de Paula Machado, 796 (226-4555). Hoje, às 16h e 17h30m. Ingressos a Cr$ 40,00. Espetáculo muito bonito e cheio de recursos, com ótima interpretação, cenários, figurinos e música. **(A.M.M.)**

O MAGO DAS CORES — Texto de Veronique Rateau com tradução de Olga Savary. Direção de Serge Ruest e Pato. Com Dirceu Rabelo, José Roberto Mendes. Música de Jean Denis Benett e cenários de Jean Philipe Bonn. **Teatro do Sesc da Tijuca,** Rua Barão de Mesquita, 539 (288-6197). Hoje, às 10h30m, a Cr$ 20,00 e às 16h, a Cr$ 50,00 e Cr$ 30,00, estudantes. Até dia 1º de outubro. Excelente utilização de marionetes, em linguagem poética capaz de atingir até mesmo os pequeninos. **(A.M.M.).**

A VIAGEM DE UM BARQUINHO — Texto e direção de Sylvia Orthof. Com o grupo Casa de Ensaio: Fátima, Gê, Menezes, Robson Guimarães, João Moita e Zé Carlos. **Teatro Glaucio Gil.** Praça Cardeal Arcoverde (237-7003). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 40,00. As peripécias divertidas e comoventes da busca da liberdade em uma montagem de grande vitalidade. **(A.M.M.)**

SEU SOL, DONA LUA — Musical infanto-juvenil de Marcos Sá. Com Jorge Alberto, Jorge Fernando, Danton Jardim, Josephine Helene e outros. Músicas de Eduardo Souto Neto. **Teatro Casa-Grande,** Av. Afranio de Melo Franco, 290 (227-6475). Hoje, às 16h30m. Ingressos a Cr$ 50,00.

CHA' DAS BRUXAS — Texto de Oscar Felipe. Direção de Dino Romano. Com Sueli Poggio, Maria de Oliveira, Joselito Cunha, Bia Montes e outros. **Teatro da Gávea,** Rua Marquês de S. Vicente, 52 / 4.º and. (294-1096). Hoje às 18h. Ingressos a Cr$ 40,00.

VIAGEM AO MUNDO AZUL DE ITAPORANGA — Musical infantil de Adalberto Nunes. Direção do autor. Com o grupo Os Cigarios. **Teatro da Casa do Estudante Universitário,** Av. Rui Barbosa, 762. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 40,00.

OS HOMENS DA FLORESTA NA CIDADE DE CIMENTO -- Texto e direção de Nilo Bivar. Com o grupo Arte de Teatro Aberto — GATA. **Teatro Leonardo Alves,** Rua Correia Dutra, 99, sobreloja 218. Hoje, às 16h30m. Ingressos a Cr$ 30,00.

VOVÔ CLEMENTINO CONTRA O PLANETA COR DE PRATA — Texto e direção de Jorge Nascimento. Com Luiz de Souza, Gelma Santos, Grace Gaby, Madalena Bisset e outros. **Escola de Artes Visuais, Parque Lage,** Rua Jardim Botanico, 414. Hoje, às 14h e 16h. Ingressos a Cr$ 40,00 e Cr$ 30,00, crianças.

DESCULPE SE INCOMODAMOS, MAS ESTAMOS TRABALHANDO PARA EMBELEZAR A CIDADE — Criação coletiva do grupo Solus de Teatro Estudantil. No **Colégio de Aplicação Luso Carioca,** Av. Paris, 72 (280-9422). Hoje, às 19h30m. Entrada franca (livre). Até dia 1.º de outubro.

ROUPAGEM DE SETEMBRO — Apresentação do folclorista e violonista Heitor de Pedra Azul. **Aliança Francesa de Copacabana,** Rua Duvivier, 43. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 20,00.

ALADIM E A LAMPADA MARAVILHOSA — Texto de Washington Guilherme. **Teatro Santos Rodrigues,** Rua Henrique Dias, 25, Rocha. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 15,00.

EXPEDIÇÃO AO CASTELO DO PRÍNCIPE AMIGO — Texto de Ione Matos. Direção de Nobel Medeiros. Com Sueli Poggio, Guilherme Sant'Ana e Roberto Andrel. **Teatro da Gávea,** Rua Marquês de São Vicente, 52 / 4.º. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 40,00.

TA' NA HORA, TA' NA HORA — Criação coletiva. Direção de Lúcia Coelho. Com o grupo Navegando. **Teatro Opinião,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 40,00. Magnífico espetáculo com atores e bonecos, para todas as idades. A melhor surpresa da temporada. **(A.M.M.)**

MATUTA — Texto de M. Cena. Direção de Marcondes Mesqueu. Com o grupo Asfalto Ponto de Partida. **Teatro Arthur Azevedo,** Rua Vitor Alves, 454, Campo Grande. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 20,00 e Cr$ 10,00, crianças. Partindo de uma idéia muito criativa, a montagem se perde num espetáculo confuso e dispersivo. **(M. de A.)**

FESTA NO SÍTIO — Texto e direção de Brigitte Blair. **Teatro Brigitte Blair,** Rua Miguel Lemos, 51 (236-6343) Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 30,00.

CHAPEUZINHO VERMELHO — Produção de Roberto de Castro. Com o grupo Carrossel. **Teatro de Bolso,** Av. Ataulfo de Paiva, 269 (287-0871). Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 40,00.

OS TRÊS PORQUINHOS E O LOBO MAU — Texto e direção de Jair Pinheiro. Com o grupo Walt Disney. **Teatro de Bolso,** Av. Ataulfo de Paiva, 269 (287-0871). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 40,00.

O SAPO ENCANTADO NO REINO DE BAGDA' — Texto e direção de Jair Pinheiro. **Teatro Teresa Raquel,** Rua Siqueira Campos, 143, (235-1113). Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 40,00.

CINDERELA, A GATA BORRALHEIRA — Texto e direção de Jair Pinheiro. Com o grupo Walt Disney. **Teatro Teresa Raquel,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 40,00.

BIGORRILHO E A PRINCESINHA DE OURO — Texto e direção de Dilu Melo. Com Roberto Argollo, Iracema Borges, Sérgio Machado e outros. **Teatro da Galeria,** Rua Sen. Vergueiro, 93 (225-9185). Dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 35,00 e Cr$ 25,00, crianças.

☆ ☆ ☆

PÃO DE AÇÚCAR — Programação: **Teatro de Marionetes** — às 10h30m, 12h30m 14h 30m, 15h30m. **Museu Antônio de Oliveira** — mostra de 1 mil 200 figuras esculpidas em madeira e mecanizadas. Aberto, das 9h às 18h. Av. Pasteur, 520 (226-0768). Ingressos a Cr$ 24,00, crianças de quatro a 10 anos e Cr$ 48,00, adultos, incluindo a passagem do bondinho.

☆ ☆ ☆

PLANETÁRIO — Três programações diferentes: **Padrinho e o Vagalume,** para crianças de quatro a sete anos, às 16h, **Dança das Estrelas,** para público de oito a **11** anos, **às 17h** e **Estrelas, Deuses e Heróis,** para adolescentes a partir dos 12 anos, às 18h30m. Rua Padre Leonel Franca, 240, Gávea. Ingressos a Cr$ 3,00.

☆ ☆ ☆

DIRETORIA DE PARQUES E JARDINS — Hoje às 9h **Oncilda e Zé Buscapé,** com o grupo Daisy Lucidi e o **Circo Mágico de Big Jones,** na **Pça. Capitão Resende (Realengo).** As 10h e 15h, **Mamulengo de Pedro e Rocha, no Parque do Flamengo (Teatro de Fantoches.** As 15h, **Circo e Mundo,** com o grupo Vagalume, **Circo do Mágico Toninho e o Grupo Afro-Brasileiro,** na **Pça. Granito (Anchieta.**

Ver os filmes infantis em **Cinema,** pág. 3.

Rádio JORNAL DO BRASIL

ZYJ-453

AM-940 Khz — OT-4 875 KHz

Diariamente das 6h às 2h30m

NOTURNO (23h)

Jazz e Blues. Programa: Woody Shaw — **Moontrane** (6:52), Cannonball Adderley — **Hiph Fly** (6:08), Shelly Manne — **Christmas at Hampton Court** (6:20), Quincy Jones — **Walking in Space** (7:12), Chick Corea — **Humpty Dumpty** (6:27), Thad Jones — **The Waltz You Swang for Me** (7:20), Ken Mclntyre **Lush Life** 3:14), V. S. O. P. — **Lawra** (9:43). Produção e apresentação de Célio Alzer.

JORNAL DO BRASIL INFORMA — 8h30m, 12h30m, 18h30m, 0h30m. Apresentação de Eliakin Araújo, Antônio Carlos Niederauer e Orlando de Souza.

ZYD-460

FM-ESTEREO — 99.7 MHz

Diariamente, das 7h à 1h

10h — **Sinfonia nº 36, em Dó Maior, K 425,** de Mozart (Karajan — 25:31). **Concerto para Piano e Orquestra nº 1, em Ré Menor, Op. 15,** de Brahms (Arrau, Concertgebouw e Haitink — 52:25). **Diane de Poitiers — Suite nº 1,** de Ibert (Roger Albin — 18:00). **4 Prelúdios Op. 23,** de Rachmaninoff (Sviatoslav Richer — 13:12). **Concerto em Fá para Fagote e Orquestra, Op. 75,** de Weber (Turkovic — 16:48). **História do Soldado,** de Strawinsky (Columbia Chamber Ensemble — 24:15). **Fantasia em Dó Menor,** de Bach (Alicia de Larrocha — 4:30). **Romance, em Fá Menor,** de Dvorak (Perlman e Barenboim — 13:01).

20h06m — **Letario (Abertura),** de Haendel (Leppart — 6:40). **2 Noturnos Op. 15,** de Chopin (Pollini — 7:30). **Magnificat, em Ré Maior,** de Bach (Richter — 30:00). **Sonta em Dó Maior,** de Giuliani (Julian Bream — 5:51). **Adagio e Fuga, em Dó Menor,** de Mozart (Karajan — 8:10). **2 Scherzi D. 593,** de Schubert (Radu Lupu — 9:24). **Concert em Sextuor nº 4,** de Rameau (Paillard — 7:10). **Carnaval dos Animais,** de Saint-Saens (Duo Kontarsky, Filarmônica de Viena e Karl Boehm — 19:21). **Le Bal de Beatrice d'Este,** de Reynaldo Hahn (Jacquillat — 16:00).

Até o dia 12 de novembro a programação de clássicos da RÁDIO JORNAL DO BRASIL FM está sujeita às contingências do cumprimento da lei eleitoral.

Rádio Cidade

ZYD-462

Diariamente, das 6h às 2h

Os grandes sucessos da música popular dos anos 60/70 e os melhores lançamentos em música nacional e internacional. Programação: Alberto Carlos de Carvalho.

O SUCESSO DA CIDADE — As músicas mais solicitadas da programação da RÁDIO CIDADE. De 2a. a 6a., das 18h às 19h. Apresentação de Romilson Luís.

CIDADE DISCO CLUB — O som das discotecas cariocas. De 2a. a 5a., das 22h às 23h. 6a. e sáb., das 22h às 24h. Produção e apresentação de Ivan Romero.

Dança

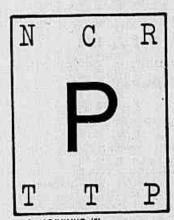
***Gadget*, peça que o Corpo de Baile Municipal de São Paulo apresenta hoje, encerrando sua temporada no Rio**

GRUPO CONSTRUÇÃO TEATRAL DE DANÇA — Apresentação do conjunto dirigido pela bailarina e coreógrafa Gerry Maretzki. Participação dos bailarinos Rob Esposito e Marcia Wardell do Alvin Nikolais Dance Theater. Programa: **Realejo,** coreografia de Gerry, música de Villa-Lobos, Maurício Kagel, Hermeto Pascoal, Milton Nascimento e canções do Vale do Paraíba do Século XIX, **Pelé,** coreografia de Rob Esposito, batucada, **Migrations,** coreografia de Marcia Wardell, música de Robin Williamson, **Houglass,** coreografia de Rob Esposito, música de Keith Jarret. **Teatro Ipanema,** Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). De 3a. a 6a., e dom., às 21h30m, sáb., às 20h e 22h30m. Ingressos 3a. e 4a., a Cr$ 40,00, 5a. e 6a., e dom., a Cr$ 80,00 e Cr$ 40,00, estudantes, sáb. a Cr$ 80,00. Até dia 24.

CORPO DE BAILE MUNICIPAL DE SÃO PAULO — Apresentação do conjunto de 20 bailarinos, sob a direção dos coreógrafos Antonio Carlos Cardoso e Iracity Cardoso. 4º programa **Camila,** coreografia de Luiz Arrieta, música de Mahler, **Prelúdio, coreografia** de Oscar Araiz música de Chopin, **Gadget,** coreografia de Victor Navarro, música de Penderecki, e **Apocalipsis,** coreografia de Victor Navarro, música de John Mac Laughlin. Hoje, às 16h. **Teatro Municipal** (263-1717). Ingressos a Cr$ 100,0 platéia e balcão nobre, Cr$ 50,00, balcão simples, Cr$ 20,00, galeria e Cr$ 10,00, galeria **lateral.**

LOGOGRIFO

JERÔNIMO FERREIRA

PROBLEMA N.º 346

1. ADIVINHO (5)
2. AQUELE QUE FAZ VERSO (5)
3. ASSENTAR (5)
4. CARACOL DE CABELO (6)
5. CAVALO MUITO PEQUENO (5)
6. COBERTA DO NAVIO (5)
7. ESTÔMAGO (4)
8. FAZER VERSOS (6)
9. FOLHA PARA ESCREVER FEITA COM PAPIRO (6)
10. FUMAR (5)
11. GUARNECER DE PONTE (6)
12. INDIVÍDUO QUE CAVA POÇOS (7)
13. MARCAR COM PONTO (7)
14. OFENSA (7)
15. PEDAÇO DE CACHIMBO (6)
16. PIO (6)
17. PÓ (6)
18. QUE ESTÁ NA PONTA (8)
19. ÚLTIMA COLHEITA DE ALGODÃO (8)
20. VÉRTICE (5)

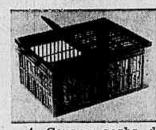
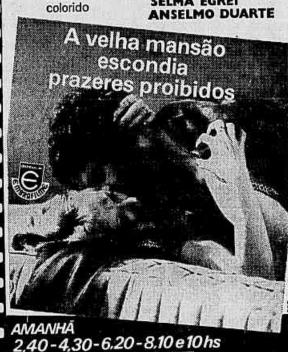
PALAVRA-CHAVE: 12 LETRAS

Consiste o LOGOGRIFO em encontrar-se determinado vocábulo, cujas consoantes já estão inscritas no quadro acima. Ao lado, à direita, é dada uma relação de 20 conceitos, devendo ser encontrado um sinônimo para cada um com o número de letras entre parênteses, e todos começados pela letra inicial da palavra-chave. As letras de todos os sinônimos estão contidas no termo encoberto, e respeitando-se as letras repetidas.

Soluções do problema n.º 345: Palavra-chave: NEOPLATONISMO. Parciais: nome; nina; niple; nena; nenia; netos; naipe; nisto; noite; nepotismo; neto; nepali; nanismo; napolês; nato; neônio; nosomano; nominal; natio; nomotesia.

CURSOS

Iniciação Musical — *Promovido pelo Instituto Cultural Brasil-Argentina, com a profa. Ercília Borzone. Educação auditiva, leitura musical e execução a partir do aprendizado da flauta doce soprano. Aulas coletivas às sexta-feiras, das 18h às 19h40m. Informações: Rua Barão do Flamengo 32, 12.º andar, das 13h às 18h30m.*

SERVIÇOS E COMPRAS

A Goyana acaba de lançar um produto específico para o transporte de aves vivas (frangos, codornas, pombos-correio). É a gaiola frango-vivo, com ventilação superior. Pode transportar 12 frangos vivos, com peso médio de 1,80 kg por ave. Feita em material atóxico, a gaiola é lavável ao final de cada viagem.

Este é o primeiro número da sua assinatura do Jornal do Brasil: 264-6807

Hoje comemoramos o 4.º aniversário de circulação.
De parabéns o mercado de artes e antiguidades.

Setembro, 17 — 1978 — Edição 189 — Ano V

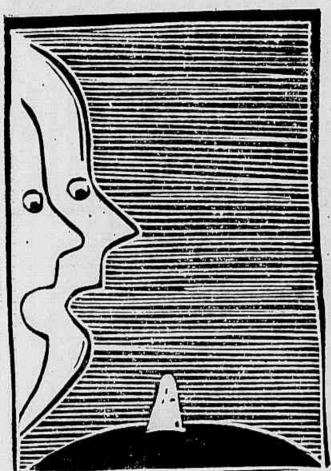
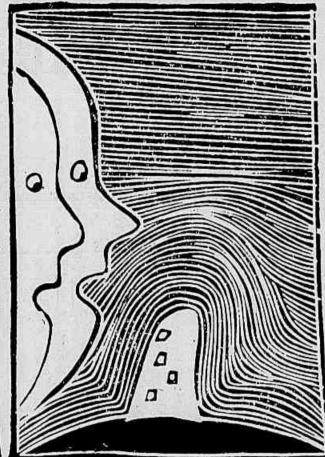
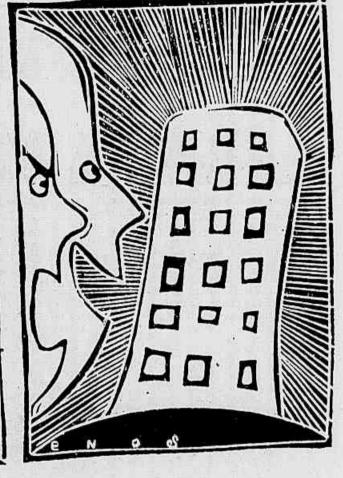
CÍCERO DIAS cumpre 2 compromissos no Brasil. Em outubro expõe na Galeria Ranulpho de Recife. Novembro, fica por conta da Trevo, negócio fechado há um ano com **MARCUS CHUTORIANSCY**. De passagem pelo Rio o marchand **RANULFO** deu a entender que há uma lista de espera para os quadros de **CÍCERO DIAS**, que comemora 70 anos e há mais de 20 não expõe em sua terra natal ★★ Marque 21, quinta próxima, na sua agenda: é a exposição de **MARTINOLLI** na Galeria Casablanca.

Para anunciar aqui ☎ 288-5414 — **GUIA SEMANAL/COMPRA, VENDA & SERVIÇOS** — **Cx. Postal 25.026/Rio**

O êxito de **LEONE**, que levou multidões ao Copa, fêz o Leiloeiro **LASRY** marcar para os dias 9 e 10 de outubro um Leilão de Jóias Antigas. ★★ Será no Teatro Clara Nunes, no mesmo local — Shopping da Gávea — onde, a partir do dia 25 de setembro próximo, 5 Galerias de Arte vão entregar a **HORÁCIO ERNANI** a tarefa de vender 300 obras. ★★ **FERNANDO ANDRADE** (287-7146) marca definitivamente as datas para o próximo Grande Leilão da B-75 Galeria de Arte: dias 13, 14 e 15 de novembro. E explica: eleição é feriado que prende a turma no Rio. ★★ E o quente da semana está por conta de **MAX PERLINGEIRO**: tem 2 excelentes **DI**, um **PORTINARI**, 4 **CASTAGNETO**(s) e 3 **BAPTISTA DA COSTA**, dentre os quadros e tapetes que oferece, a leilão, amanhã, 18 e depois. Hoje a Petite Galerie está aberta o dia inteiro (veja anúncio) para você marcar o seu catálogo. O pregão, com o martelo de **HORÁCIO ERNANI**, que comprou o 397 da Rua S. Clemente, onde instalará o novo Palácio dos Leilões. ★★ Página cheia: não há melhor maneira de comemorar o início do 5.º ano de circulação de uma Coluna de Informação Publicitária, prestigiada por tão bons anunciantes. ★★ Sucesso absoluto na **LEBRETON**, toda exposição de **ROMANELLI** vendida e mais 32 encomendas. ★★ Mais 15 dias para a exposição de **BIANCO**, na Mini Gallery. ★★ **ALFREDO BUZAID** comprou um quadro de **MARTINOLLI** numa exposição em S. Paulo.

Noticiário sob responsabilidade de Léo Christiano Editorial .. ..(P.

RIO DE JANEIRO, DOMINGO,
17 DE SETEMBRO DE 1978

JORNAL DO BRASIL
ESPECIAL

OS MITOS E OS FATOS

Walder de Góes

É claro que quem cria os mitos não acredita neles, mas isso não importa. O que verdadeiramente importa é saber se os mitos são eficazes, e sabemos que eles podem sê-lo quando seus criadores têm perfeita noção das finalidades para as quais os criam. Este é o caso dos mitos que alimentam a discussão dos principais temas da política nacional. São mitos cuja eficácia está provada, pois as pessoas estão considerando a situação muito confusa e perderam a perspectiva da evolução do quadro político. Isso convém aos objetivos da coalizão conservadora, que congrega as forças dominantes e procura nutrir-se da confusão. Bem, a situação realmente não está muito clara e a captura do sentido de sua evolução depende do conhecimento de fatores que ainda não podem ser totalmente avaliados e de outros que estão por se produzir. No entanto, conhecer os mitos, identificando-lhes origens e propósitos, ajuda a lançar alguma luz sobre as zonas de sombra.

O primeiro grande mito é o de que os militares não fazem política, não discutem política e não participam das decisões políticas. O caráter puramente profissional da atuação militar somente se caracteriza nos países em que o papel das Forças Armadas limita-se à defesa externa. No Brasil, o máximo que se teve foi a coexistência entre a tarefa de defesa externa e a de defesa interna. Mas essa realidade há muito cedeu lugar ao predomínio das preocupações relativas à ordem interna. Tal evolução doutrinária levou ao controle militar do Governo e à militarização da vida política. É enganosa a tese de que o Presidente Geisel reduziu ou condicionou o papel político dos militares. No fundo, essa tese está a serviço do mito da isenção política dos militares. Quando decide, Geisel o faz utilizando métodos típicos da organização militar e traduzindo as expectativas do regime, que é militar. Ao decidir sem consultas específicas aos seus pares, regra que tem suas importantes exceções, Geisel observa os limites do admissível e esse *admissível* é também fruto de um julgamento da relação de Forças na Organização Militar. O fenômeno, aliás, é generalizado. Em regra, os atores e subatores do sistema político, situacionistas ou oposicionistas, em suas rotinas maiores ou menores, jamais deixam de basear condutas e procedimentos em informações sobre as tendências militares ou na previsão dos efeitos e impactos dessas condutas e procedimentos no meio militar.

Mesmo descendo desse nível mais estrutural e geral para o da conjuntura e do varejo político, verifica-se que a política é assunto diário dos militares. Em Brasília, onde há uma grande concentração de militares, os encontros entre oficiais do Exército e políticos constituem rotina na vida da cidade e nenhum jornalista precisará de grande esforço para obter juízos políticos dos generais. Em relação a qualquer assunto, da política econômica à escolha de funcionários públicos é visível a olho nu, na Capital, marca dos juízos militares nas decisões governamentais. A candidatura do General Figueiredo, por exemplo, é discutida intensamente nos quartéis. Seu recente fortalecimento militar resultou de articulações objetivas, realizadas por oficiais generais e baseadas no pressuposto de que seguidos pronunciamentos de chefes militares seriam necessários para bloquear militarmente a candidatura Euler, compensar escassez de substancia civil da candidatura oficial e, através da alusão ao perigo comunista, limitar as demandas nacionais por liberdade política. O próprio General Figueiredo, ao verificar que estava alimentando demasiadamente essas demandas, e com isso enfraquecendo-se em sua própria base, precisou dizer em Jacarepaguá que se necessário imporá ao país um regime de exceção.

O General Euler Bentes candidata-se à Presidência com discursos em que procura situar-se como civil, determinado a mobilizar forças civis e atuar com elas dentro dos parametros civis da vida política. Prega a isenção política dos quartéis e denuncia maquinações militares contra sua candidatura. Considera-as impróprias por constituírem intromissão indevida dos militares na vida política. E' claro que qualquer movimento político dispõe de uma prática diferente da retórica que utiliza. O General Euler está realmente procurando mobilizar recursos civis, mas a base de seu raciocínio e de suas operações é de tipo militar. Ele lançou-se candidato para aglutinar as forças militares dissidentes da candidatura Figueiredo. Está tentando, diretamente e por sua assessoria, motivar influências militares capazes de melhorar-lhe as possibilidades no Colégio Eleitoral de 15 de outubro. Seu raciocínio e sua operação política são militares. Ele entende que, opondo-se a Figueiredo e pregando a democracia, polariza a hostilidade da cúpula militar. A hostilidade da cúpula militar à sua candidatura faz crescer a pressão da oficialidade jovem contra a hierarquia superior das Forças Armadas, estreitando-se o campo de manobra do regime e abrindo-se espaço à posição revisionista que deseja encarnar.

O General Euler já sabe que uma estratégia desse tipo não será capaz de inverter os compromissos do Colégio Eleitoral que se reunirá dentro de 30 dias. Sabe que perderá a eleição presidencial. Sua posição, porém, incorpora uma perspectiva de curto prazo e outra a longo prazo. Na perspectiva de curto prazo, ele não visualiza apenas 15 de outubro. Vê também 15 de novembro e 15 de março do próximo ano. Isto é: um dilúvio de votos emedebistas em novembro pode precipitar uma crise militar, com reflexos na mudança de guarda programada para março do próximo ano. Jamais apoiará publicamente o desencadeamento de uma crise militar, mas não lhe escapa a idéia de que um súbito e intenso agravamento do quadro militar poderia alterar a vigente programação de transferência do Poder. Na perspectiva de longo prazo, o General Euler identifica a possibilidade de surgir, no futuro, como um líder que poderia unir apoios civis e militares significativos para, fortalecendo as perspectivas de maior abertura do sistema político, apresentar-se como uma proposta de liderança democrática num país carente de lideranças democráticas. Entre os militares, esse sentido da candidatura Euler já foi captado e a campanha contra ela baseia-se no pressuposto de que o General poderá evoluir das teses democráticas para as teses socialistas. Os militares não distinguem entre socialismo e comunismo.

■ ■ ■

Outro mito, com grande aceitação nas últimas semanas, é o de que os militares estão preocupados com a possibilidade de que o confronto entre dois Generais de Exército na disputa da Presidência crie um rastilho de pólvora na sucessão. Diz-se mais, que é por isso que a cúpula militar resolveu agir para cortar a presumida rota de fogo, tornando incontrastável a opção pelo General Figueiredo. Esse mito apareceu e prosperou no terreno fértil que é a incapacidade das pessoas de distinguir entre o discurso e a realidade, entre o que se diz e o que se faz. A sucessão presidencial não constitui, no momento, nenhuma preocupação da cúpula das Forças Armadas. Na alta hierarquia militar, não há sequer a suposição de que um dilúvio de votos emedebistas em novembro precipitará situações críticas. Tem-se a consciência de que os laboratórios do regime não estão esgotados em matéria de fórmulas para contornar eventuais resultados eleitorais negativos, e para reduzir perdas de legitimidade decorrentes. A legislação partidária constante das reformas políticas em curso no Congresso, mandando fazer Partidos na base de um mundo parlamentar sabidamente dócil, oferece suficientes garantias. Repita-se, para maior clareza: o foco de interesse dos militares, no momento, não é a sucessão, mas a organização futura do regime. Mesmo quando formalmente o tema é a sucessão, o que na verdade está em causa é a possibilidade de se organizar um sistema político através de mudanças que sejam suficientes para reforçar a armadura protetora do regime, sem descaracterizá-lo em sua substancia íntima, que é dada pelo primado da corporação militar no suprimento de segurança ao Estado.

Entende-se, na alta hierarquia das Forças Armadas, que a eleição e a posse de Figueiredo são fatos consumados e não devem motivar preocupações. A associação entre a sucessão e as preocupações com o futuro do regime está em que a candidatura Figueiredo significa para as Forças Armadas a escolha de uma liderança presidencial adequada para presidir os arranjos futuros. Assim, quando se fala em unidade militar, se está procurando criar consenso militar em torno dos compromissos da presidência do General Figueiredo. Quando se fala em perigo comunista, na verdade tar-se para, fechando o campo de operaforças sociais que procura arregimentar-se para, fechando o campo de operações do regime, abrir espaços à liberalização do sistema político. Quando se distribuem papeis desmoralizantes do perfil do General Euler Bentes, não se procura minar as possibilidades do candidato da Oposição nas eleições presidenciais. Sabe-se que tal risco não existe. Procura-se condicionar eventual apoio militar às forças que se opõem ao regime e evitar o fortalecimento de lideranças que lhe sejam antagonicas. Mais do que ninguem, os chefes das Forças Armadas sabem que o General Euler e o MDB têm suas possibilidades dependentes do enfraquecimento do regime, e sabem que eles escolheram como estratégia mudar os compromissos politicos do Exercito atraves de pressões de baixo para cima.

Recentes episódios ilustram o fato antigo de que o compromisso conservador liga a cupula burocratica à cúpula militar, com amplo apoio na comunidade privada de negocios. Esses mesmos episódios mostram que o compromisso está acima de divergencias internas no regime, como por exemplo, as que afetam o prestigio militar do General Golbery do Couto e Silva. Houve completo apoio do Exército aos esforços governamentais, concertados entre Golbery e o Ministro Arnaldo Prieto, para reduzir as pressões dos lideres sindicais que tentaram, em Brasília, influir no processo das reformas políticas. Obviamente, o regime não tem medo de conversas entre uma dúzia de sindicalistas e alguns parlamentares, nem considera perigoso que trabalhadores conversem no Congresso sobre política. Teme-se o efeito-demonstração, isto e, a possibilidade de alastramento do exemplo, criando-se pressões em escala capaz de afetar o compromisso. A sondagem das possibilidades de supressão do voto na legenda, encaminhada pelo Palácio do Planalto mas logo suspensa por inviável, foi considerada entre militares como "uma boa idéia". Houve sugestão militar para que os gabinetes do General Figueiredo e dos Ministros Golbery e Armando Falcão enviassem recados ao Sr Leonel Brizzola, nos Estados Unidos, no sentido de que ele não volte ao Brasil. Obviamente não se teme o Sr Brizzola, mas entende-se que somente dentro de mais algum tempo, quando os arranjos politicos estiveram mais definidos, poderá o regime enfrentar o problema do ressurgimento do movimento trabalhista no Brasil. E' no ambito dessa mesma preocupação que, apesar dos tropeços da politica financeira do Governo este ano, os gestores fazendários são menos criticados agora pelos militares do que o foram antes.

Em importantes setores militares, aliás, o ressurgimento do movimento trabalhista alimenta antigas idéias de controle social. A insatisfação dos trabalhadores, reconhece-se, reflete defeitos específicos do perfil de distribuição da renda e azares típicos da natureza do desenvolvimento econômico do país. Mas reflete, também, um enfraquecimento dos sentimentos cívicos do povo, que não está motivado por causas nacionais. Culpa de quem? Das políticas governamentais de mobilização dos sentimentos cívicos do povo, as quais não têm atuado com suficiente competência intelectual e não têm utilizado os fabulosos recursos postos à disposição do Governo, como o controle do rádio e da televisão. Na base desse raciocínio, começa-se a pregar a necessidade de que o próximo Governo aumente drasticamente os investimentos em campanhas cívicas, em "mobilização nacional para o desenvolvimento", de modo a que o povo compreenda que a presente etapa de sacrifícios é carga que deve ser suportada em benefício do pleno desenvolvimento do país.

■ ■ ■

Um terceiro mito, em plena propagação, é o de que as reformas políticas, propostas pelo Governo e em fase de votação final no Congresso, significam a implantação do estado de direito democrático, e refletem a determinação do regime de instituir a democracia no Brasil. Desse mito faz parte ainda a idéia de que é propósito do regime caminhar na direção de formas democráticas mais nítidas, ampliando o raio das reformas através de movimentos gradativos e seguros. Certamente a extinção da legislação excepcional e o reforço dos poderes Judiciário e Legislativo representam avanço de grande valor. O novo ordenamento jurídico pode gerar uma dinamica política capaz de criar no futuro um regime melhor do que o atual. Afinal, o novo ordenamento significa uma plataforma a partir da qual as dificuldades políticas poderão ser absorvidas gradativamente, na medida e na proporção em que se fornece mais espaço para a atuação dos setores democráticos da sociedade.

O mito consiste em supervalorizar-se o projeto de reformas, em considerar-se que ele é fruto de vontade consciente do regime e em supor-se que o regime, em face de sua vocação democrática, dará por vontade própria novos passos na direção da democracia. A estratégia de distensão política do Presidente Geisel é um fato, não um mito. A idéia de que essa estratégia reflete uma vocação democrática do regime ou do próprio Presidente é um mito, não um fato. Essa distinção analítica faz diferença decisiva para a compreensão da conjuntura política e para a visualização de seus desdobramentos futuros. Há mais dois mitos em causa. Um declara que o regime é fraco. Trata-se de um mito oposicionista; outro diz que o regime é forte. Trata-se de um mito situacionista. O fato é que o regime, tendo entrado em processo de relativo enfraquecimento, é ainda suficientemente forte para ditar os rumos da transição. Ele é fraco na medida em que, declinando em eficiência como produtor de desenvolvimento econômico e vendo-se sem respostas para a crescente acumulação de frustações sociais, perdeu suportes políticos em dimensão que configurou uma crise de legitimidade. Mas é forte na medida em que organiza uma coalizão conservadora cuja ruptura não é de interesse dos setores dominantes da sociedade brasileira, vale dizer: as burocracias civil e militar que integram o Estado e a comunidade privada de negócios. Ora, o nível de organização desses setores expandiu-se mais, nos últimos tempos, do que o nível de organização dos setores liberais. O crescimento liberal dos últimos anos decorreu do relativo descolamento entre o Estado e a comunidade de negócios. Ao adotar teses liberais para renegociar suas relações com o Poder central, a comunidade de negócios criou uma crise de alianças no regime.

Diante dessa crise de alianças e do consequente reforço das posições liberais, o regime cedeu. Flexivelmente, procura negociar um novo compromisso. As reformas políticas, assim, não constituem ato de generosidade, mas concessão necessária para a recriação de condições de sobrevivência. Tais concessões, porém, não produzem dano irreparável, pois interferem apenas no quadro formal do sistema político. E' claro que a discussão passa a depender, nesse ponto, de sabermos sobre que tipo de democracia estamos falando no Brasil. Isto é, se estamos falando de uma democracia formal ou de uma democracia substantiva, baseada num sistema mais amplo de representação. Se a meta é uma democracia substantiva, as reformas políticas em aprovação no Congresso não significam avanço apreciável: elas não alteram a relação real de forças no sistema político e estabelecem uma plataforma adequada para, impedindo o avanço das reformas de representação, condicionar o processo de transformação política. Assim, sem que a relação real de forças haja sido afetada, a conservação do **status quo** político e mesmo o retrocesso continuam possíveis. Nesse sentido, é cabível declarar-se que as reformas restabelecem o estado de direito no país, mas não é cabível dizer-se que instituem um estado de direito democrático. Pela mesma razão, as reformas não derivam da determinação do regime de estabelecer a democracia no Brasil, mas significam um recuo forçado que tanto pode realmente conduzir ao aperfeiçoamento político como dar base ao revigoramento do Estado autoritário.

Ainda pela mesma razão, não se dirá que é propósito do regime caminhar na direção de formas democráticas mais nítidas. Os impulsos naturais do regime são de tipo autoritário. As reformas políticas em aprovação significam o limite extremo atual. Para os militares, especificamente, significam menos que isso. Significam uma espécie de limite experimental, pois haverá pressões recompressoras caso as reformas liberem forças democratizantes em demasia. A democracia de que fala o regime, aliás, nega-se pela definição do que é democracia, pois exclui o conflito. O conflito antagoniza as vigentes noções de segurança. A transformação do sistema político num rumo democrático, portanto, depende de que se rompa a coalizão conservadora, liberando-se forças capazes de conduzir o regime a admitir sucessivamente limites mais avançados e retirando-se dele a capacidade, ainda disponível, de promover movimentos recompressores. Há um ano, parecia que o pacto encontrava-se em rompimento. A comunidade privada de negócios identificou os riscos implícitos no avanço do autoritarismo e retirou seu apoio ao Estado, potencializando a pregação dos liberais. Nos últimos meses, verificou-se que a agitação sindical moveu os empresários na direção inversa de seus anteriores sinais de apoio às teses democráticas. No entanto, dentro da coalizão conservadora há uma diferença essencial entre a comunidade privada de negócios, de um lado, e a articulação militar-tecnocrática, de outro. Os empresários, por serem mais modernos e por verificarem que a longo prazo o autoritarismo conspira contra seu desenvolvimento, tendem a apoiar a atualização do sistema político, promovendo mediação entre os liberais e os conservadores em busca de uma fórmula de conciliação política.

Bem, a situação continua ainda confusa, até porque os criadores de mitos têm exata noção das finalidades para as quais os criam e porque muitas pessoas continuam acreditando neles. Afinal, os mitos são construções cuja eficácia e cuja resistência jamais foram negadas pela História. Dois milênios depois de Cristo e século e meio depois de Marx, multidões continuam acreditando na vida eterna e na sociedade sem classes.

Walder de Góes é chefe da Sucursal do JORNAL DO BRASIL em Brasília.

QUEM ESTÁ GANHANDO A CORRIDA ARMAMENTISTA?

The Economist

De certa forma, uma pergunta irrespondível: porque a única meta de chegada nesta corrida teria de ser o teste definitivo de uma Terceira Guerra Mundial. Ainda assim, é uma pergunta necessária: porque os estabelecimentos militares de ambos os lados a fazem, e quando eles dão uma espécie de resposta errada (É o outro lado", quando não é), o resultado tende a ser uma grande quantidade de despesas desnecessárias. Quando dão a outra resposta errada ("Estamos ganhando", quando não estão), permitem o outro lado prosseguir com uma vantagem militar que pode ser tentado a usar — e que a Terceira Guerra Mundial se torne mais provável.

A pergunta que tentamos responder aqui é se, e até que ponto, o Ocidente conseguiu nos últimos anos impedir a URSS e seus aliados de assumir uma perigosa dianteira. Tomou-se como ponto de partida quatro anos atrás, porque foi em 1974 que os russos começaram a desenvolver e armazenar vários misseis balísticos intercontinentais que tinham testado um ano antes. Isso fez com que o pessoal da OTAN e de outros organismos ouvisse a opinião pública no Ocidente; politicos ocidentais começaram a fazer discursos alarmados; e, como último elo da cadeia, os Governos ocidentais começaram a fazer alguma coisa. A pressa e corrida dos últimos 18 meses contrastam marcantemente com a complacência, a calma e a *détente* pré-1974.

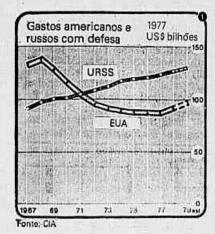
De maneira limitada, a OTAN começou a se rearmar.

Os novos misseis que a URSS começou a armazenar em 1974 produziram esse efeito porque eram extraordinariamente grandes, alguns tinham ogivas múltiplas ajustáveis para alvos independentes (MIRVs), e todos eram muito mais precisos do que seus antecessores. Isso deixou claro que a URSS estava alcançando os EUA em poder nuclear de grande alcance, e poderia superá-los; o que, por sua vez, tornava menos provável que a Europa ocidental pudesse contar com o poder nuclear americano para impedir uma guerra comum, "convencional". Ao mesmo tempo, começou a se notar que a URSS e seus aliados do Pacto de Varsóvia estavam tomando a dianteira da OTAN em muitas das armas com que seria travada uma guerra convencional. O botão de alarma fora pressionado.

Assim, como foram as coisas desde 1974? A análise seguinte se concentra em três aspectos da concorrência: a) dinheiro gasto em defesa; b) o equilibrio nuclear soviético-americano; e c) a área mais importante do confronto não nuclear, a frente central da Europa.

Gastos com defesa —

(Gráficos 1 e 2) são normalmente arrolados como um elemento separado do poder militar. Não é, mas é a base de todo o resto e, portanto, constitui um bom indicador geral. As tendências dos gastos em certo número de anos são especialmente úteis para efeito de comparação, porque prefiguram os sistemas de armas completos que surgirão vários anos mais tarde.

Das cinco principais Forças Armadas russas (Exército, Marinha, Força Aérea, Força de Defesa Aérea e Força Estratégica de Foguetes), a força de foguetes foi a que mais progressos fez desde 1974; seu orçamento é o que cresceu mais rápido em relação aos gastos totais. O setor de ataque da Força Aérea, que apareceu espetacularmente bem no início dos anos 70, numa época em que a defesa aérea estava sendo reduzida, teve depois seu ritmo diminuído até por volta de 1976. O orçamento de defesa aérea subiu ligeiramente, mais depressa, desde 1975, do que os gastos totais. Mas a Força Aérea ainda tem uma proporção bem maior do orçamento do que há 10 anos, e parece que vai se manter assim. A produção soviética de aviões de combate continua alta: cerca de 1 mil foram produzidos em 1977, comparados com cerca de 800 produzidos pelos EUA.

Fonte: CIA

O orçamento total de defesa russo tem crescido constantemente. A CIA calcula que o gasto com defesa consome cerca de 13% do PNB soviético, e cresce de 4% a 5% ao ano em termos reais. Alguns especialistas com acesso a material bélico da CIA afirmam que a taxa de crescimento do orçamento de defesa soviético está mais próxima de 7% ao ano e a despesa total chega a 15% do PNB. A diferença entre as duas cifras de taxa de crescimento militar é importante porque a economia russa está crescendo mais lentamente do que ambos. E a menos que acelere rapidamente o seu crescimento — e ninguém espera que o faça — a URSS deve parar de aumentar seus gastos militares em breve. Se a taxa de crescimento é de 7%, esse tempo virá mais cedo do que se for 4%, e a data exata pode ser importante.

Fonte: CIA.

Isto é porque os adversários potenciais da URSS, tendo visto que o crescimento militar desse país foi maior que o deles na última década, estão ficando bastante preocupados e preparando-se para agir. A OTAN tenta reverter seu longo decesso em gastos militares; a maioria dos seus membros, inclusive todos os grandes, concordou em aumentar seu desembolso com defesa em 3% ao ano, em termos reais, a partir do próximo ano. O Japão, após três décadas de quase pacifismo, começou a debater se deve mudar sua opinião e unir-se às fileiras das potências militares médias. E a China, único pais cujo Exército, tem realmente combatido o da URSS desde 1945, está atualmente tentando atualizar seu obsoleto arsenal, comprando armamento e tecnologia do Ocidente.

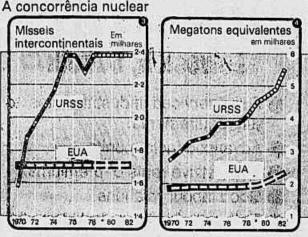
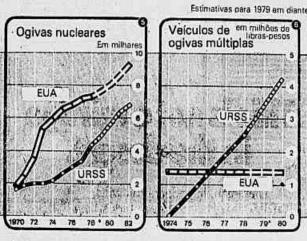
Assim, não é impossível que a URSS, tendo forçado sua economia durante as décadas de 60 e 70 para ampliar a máquina militar, seja obrigada a diminuir o ritmo nos meados da década de 80, exatamente quando a OTAN estiver começando a ganhar velocidade — e quando dois grandes vizinhos asiáticos da URSS poderão estar-se rearmando.

Armas nucleares —

A mais impressionante mudança nos últimos quatro anos é no campo nuclear. Os gráficos 3 a 6 mostram o crescimento soviético. É verdade que não incluem um fator importante, a precisão dos misseis, onde os americanos ainda estão à frente. Mas não é provável que esta vantagem americana dure muito tempo, porque ambos os lados estão desenvolvendo a tecnologia que lhes dará virtualmente precisão absoluta: "orientação terminal", pela qual os misseis se auto-orientam para o alvo, em vez de serem apontados de uma rampa de lançamento a milhares de milhas de distancia. As trajetórias das ogivas nucleares serão sintonizadas nos últimos segundos de vôo, a fim de lançá-las dentro de um raio de poucos metros (sim, metros) do alvo.

Mesmo antes que chegue esse tempo, é provável que algo terrível ocorra: ambos os lados podem estar em posição de destruir os misseis de terra do outro em seus silos. As ogivas nucleares atacantes têm mais de 99% de chance de destruir um silo ainda que fortificado, uma vez que cada uma tem uma precisão de cerca de 200 metros. (Não tem muito sentido lançar mais de duas ogivas nucleares contra o mesmo alvo, porque então ocorreria um "fratricidio" — os misseis, explodindo, destruiriam uns aos outros). Os americanos estão avançando para esse grau de

A concorrência nuclear

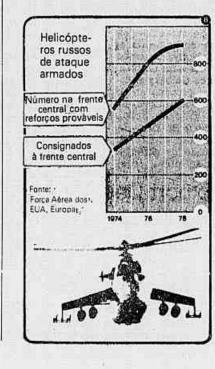
Estimativas para 1979 em diante

precisão. Os russos também provavelmente o atingirão nos meados da década de 80, e terão então capacidade para destruir virtualmente todos os misseis americanos baseados em terra, numa única e cataclísmica explosão. Até que ponto irá esse cataclismo — visto que os americanos ainda terão seus misseis submarinos — é um ponto que se debate acaloradamente.

Além da precisão, as melhores medidas de poder nuclear são duas coisas complexas chamadas: *Mirved throw weight* (peso de lançamento de ogivas múltiplas) e megatons equivalentes. Peso de lançamento é o peso de carga útil que um foguete pode levar até o alvo; este peso permite comparar aproximadamente o número de ogivas múltiplas assestáveis contra alvos independentes, que cada lado pode usar contra seu adversário. Um megaton é um poder explosivo de 1 milhão de toneladas de TNT. A equivalência de megatons leva em conta o fato de que uma explosão de 10 megatons não arrasará 10 vezes mais partes da superficies da terra do que uma de um megaton; esta medida reduz o arsenal de ogivas nucleares de diferentes tamanhos dos dois lados a um denominador comum de poder destrutivo real.

Não tendo nenhum MIRV há apenas cinco anos, a URSS tomou a dianteira dos EUA em matéria de peso de lançamento em foguetes de ogivas múltiplas. Também já se adiantou bastante em equivalência de megatons. Os EUA permanecem à frente em número de ogivas nucleares e — temporariamente — em precisão.

Além de se colocar pelo menos em posição de igualdade com os EUA, a URSS também aumentou sua potência nuclear assestada contra a Europa ocidental. Em 1975 começou a desenvolver e armazenar o bombardeiro supersônico *Backfire;* calcula-se que agora tenha cerca de 150 em serviço e que esteja construindo mais 30 por ano. Em 1977 começou a instalar um missil móvel de médio alcance, o SS-20, que se acredita ter um raio de 3 mil quilômetros e transportar três MIRVs por missil. A OTAN ainda não fez nenhum esforço sério para contra-atacar os problemas que estes dois novos sistemas letais representam para a Europa ocidental.

A frente central —

É mais difícil formar uma opinião sobre o confronto não nuclear na frente central da OTAN — essencialmente a fronteira da Alemanha Ocidental, o trecho de território mais densamente militarizado do mundo e durante anos a principal preocupação dos planejadores da OTAN. Esta tem forças menores, mas no todo possui melhor equipamento e (talvez) homens mais confiáveis. O Pacto de Varsóvia seria o agressor, e assim precisa de forças mais amplas, pelo menos no ponto de ataque. A OTAN poderia provavelmente reforçar sua linha de frente mais depressa do que o Pacto de Varsóvia durante a primeira semana, se ambos os lados iniciassem o bloqueio ao mesmo tempo. Mas os russos poderiam se lançar sobre a OTAN se os dirigentes ocidentais não iniciassem o reforço assim que percebessem os primeiros sinais de movimentação das forças do Pacto (gráfico 9).

Fonte: Força Aérea dos EUA, Europa.

Durante os últimos quatro anos, as tropas, tanques e aviões táticos do Pacto de Varsóvia na frente Central continuaram aproximadamente os mesmos. Mas a qualidade se aperfeiçoou, com a chegada de melhores tanques e aviões, carros blindados de transporte de pessoal, que são também veiculos de combate, artilharia autopropulsionada e helicópteros. Tudo isso aumenta a mobilidade do Pacto e sua capacidade de montar um ataque de surpresa (embora seja impossível um ataque sem absolutamente nenhuma advertência). A OTAN, por sua vez, equipou-se com maior número de armas extras antitanques e novos aviões, e até mesmo mais alguns combatentes.

No ar, os quatro últimos anos viram o Pacto de Varsóvia substituir a maior parte dos seus velhos aviões por novos caças-bombardeiros de qualidade ocidental, que a URSS começou a produzir no início dos anos 70 — conhecidos, nos codinomes da OTAN, como *Flogger, Fecer, Fitter-C* e *Fitter-D* (veja gráfico 7). Como bombardeiros, esses aviões podem atacar o território da OTAN com armas nucleares ou convencionais; como caças, equivalem a tudo quanto a OTAN possui, exceto os 78 F-15 *Eagles* que a Força Aérea americana tem atualmente na Alemanha (outros 22 chegaram à Holanda nos últimos dias). E, porque esses novos modelos têm muito maior raio de ação do que seus antecessores, não teriam de ser colocados em campos avançados, e assim não dariam à OTAN um tempo útil de alerta antes de atacarem.

Mudança ainda mais impressionante é o rápido aumento de helicópteros de ataque no arsenal dos paises comunistas: os MI-8 e MI-24 Hind-D (gráfico 8). Essas máquinas fortemente armadas têm um efeito multiplicador: substituindo as fixas de aviões no trabalho de proporcionar apoio de fogo aos soldados que combatem em terra, os helicópteros liberam os novos aviões de longo alcance para incursões de penetração nas bases da retaguarda da OTAN.

Para enfrentar esses problemas, a OTAN mehorou seu poder aéreo defensivo de várias maneiras. Os potentes *Eagles* americanos começaram a chegar em 1977; os alemães compraram 120 novos caças *Phantom;* e a Inglaterra mudou seus 80 e tantos *Phantom* de aviões de ataque ao solo para missões de caça.

O braço aéreo do Ocidente também tem maior capacidade de ataque do que antes. Numa complicada orquestração aérea, iniciada com a chegada dos *Eagle*, os americanos estão acrescentando 96 caças bombardeiros F-111 e 108 aviões antitanques *A-10 Thunderbolt-2* às suas forças européias, mas retirando apenas 54 velhos *Phantom*. Brevemente a OTAN terá também o avião de ataque *Tornado*, anglo-germano-italiano, e os EUA, Bélgica, Dinamarca e Holanda começarão a pôr em vôo os supercaças F-16 no início da década de 80.

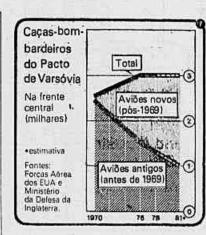
No momento, o Pacto de Varsóvia tem cerca de 3 mil aviões táticos na frente central, e a OTAN cerca de 1 600. Os números são menos significativos com aviões do que com forças de terra, porque o reforço é muito rápido (aviões extra podem vir dos EUA, Inglaterra ou URSS para seus aeroportos avançados em poucas horas). Depois de um reforço total, os números seriam aproximadamente 6 mil para 7 mil. Entretanto, muitos especialistas acreditam que as forças aéreas da OTAN (mesmo com seu conhecido problema de terem vários aviões que não podem usar bombas, munição ou até combustível de outro país) poderiam fazer mais sortidas por avião/dia do que as do Pacto. Assim os números de vôos operacionais nas duas primeiras semanas seriam aproximadamente iguais, ou mesmo favoráveis à OTAN.

Máquina por máquina, a nova geração de aviões que os russos começaram a desenvolver no início dos anos 70 era melhor do que seus equivalentes da OTAN há cerca de um ano. Mas agora o Ocidente está mostrando sua nova geração de aviões, que anulará a atual vantagem qualitativa dos comunistas (até e a não ser que os russos tenham bastante dinheiro e inventividade para fazer rapidamente coisas ainda melhores).

Tudo bem pensado, as forças aéreas do Ocidente teriam problemas num combate com o Pacto de Varsóvia, mas provavelmente poderiam resistir. Não está muito claro se se pode dizer o mesmo das forças terrestres.

O Pacto de Varsóvia tem 11 homens em grandes unidades de combate na Europa central para cada oito da OTAN, e tem sido difícil melhorar sua mobilidade e poder de fogo. Muito se tem falado sobre a introdução do novo tanque T-64 e a primeira aparição do T-72, ainda mais novo. Mas esses tanques são vulneráveis ao estoque de armas antitanque da OTAN, que cresce rapidamente. Mais significativo do que os novos tanques é a contínua chegada de grandes números do novo veiculo blindado de combate e transporte de pessoal, o BMP, e de novos canhões autopropulsionados. Agora pelo menos, todos os soldados russos, e muitos dos aliados da URSS, podem ir para a batalha em razoável velocidade, atirando enquanto avançam.

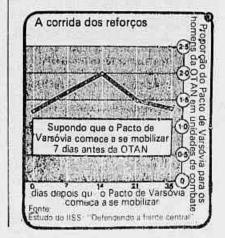
Para resistir a isso, os EUA destacaram mais duas brigadas pesadas para a Europa (uma das quais, pelo menos, será colocada nas vuneráveis planícies do Norte da Alemanha) e a Inglaterra está providenciando mais alguns milhares de homens extra. A OTAN também tenta reduzir o tempo necessário para mobilizar suas reservas e receber reforços dos EUA e da Inglaterra. O momento crítico seria aproximadamente duas semanas após o início da mobilização, quando a vantagem do Pacto em número estaria em seu máximo (gráfico 9).

Fontes: Forças Aérea dos EUA e Ministério da Defesa da Inglaterra.

O mais impressionante melhoramento da OTAN nos últimos quatro anos foi o espantoso aumento de número de armas antitanque. Até o final de 1978 serão acrescentadas cerca de 47 mil, elevando o total para mais de 193 mil.

A infantaria inglesa na Alemanha está recebendo o missil antitanque *Milan*, e outras unidades britanicas começam a receber helicópteros *Lynx* equipados com o missil americano *Hughes Tow*, que se mostrou tão oficiente na guerra de 1973 no Oriente Médio. Os EUA agora têm cerca de 230 (o plano previsto vai a 336) dos seus helicópteros *Cobra-Tow* na Alemanha, e seu avião antitanque A-10 já está sendo transportado para bases na Inglaterra. A Alemanha e a França estão construindo o *Hot*, um missil semelhante ao *Tow*, para uso em helicópteros. Uma batalha na frente central seria uma batalha de blindados. Após anos de tormentos e aflições com a superioridade do Pacto em tanques (aproximadamente 16 mil para 6 mil 500), estas armas antitanque podem afinal estar capacitando a OTAN a nivelar as desigualdades.

Para resumir, no campo nuclear, que é altamente importante, os últimos quatro anos viram a URSS alcançar o Ocidente e em várias áreas saltar à sua frente. Por volta do início da década de 80, ela terá capacidade para destruir a força de misseis terrestres dos EUA com uma única explosão (e talvez vice-versa); se isto lhe der "superioridade nuclear", pode tornar-se, literalmente, uma questão de vida ou morte. Na frente central da Europa, há alguns débeis sinais de que as coisas talvez estejam se movimentando na direção oposta. O Ocidente pode ter detido o que ameaçava ser uma emergente superioridade comunista no ar. Em terra, essas armas antitanque talvez estejam neutralizando a antiga vantagem em tanques do Pacto de Varsóvia; e sua nova vantagem em mobilidade da infantaria pode ser enfrentada, pelo menos até certo ponto, pelos monótonos mas efetivos processos de logística — significando isso a capacidade de conseguir reforços ocidentais mais depressa.

Os enormes gastos da URSS com defesa durante a última década eram-lhe um bom impulso; armas já planejadas, e em grande parte já pagas, ainda devem aparecer no *front*. A breve explosão de energia da OTAN nos últimos 18 meses, depois de anos de vida sedentária, não reconstituirá seus músculos da noite para o dia.

Fonte: Estudo do IISS: "Defendendo a frente central"

Dilemas do desarmamento

Christoph Bertram

NAS duas últimas décadas, o controle de armas através de acordo mútuo pareceu uma das maneiras mais promissoras de buscar estabilidade e a acomodação racional entre o Leste e o Ocidente na era nuclear. Os conceitos de controle de armas, articulados e aperfeiçoados no fim da década de 50 e inícios da década de 60, logo foram submetidos à prova na prática. Em 1969 iniciaram-se as conversaçoes soviético-americanas sobre a limitação de armas estratégicas (SALT), levando a uma série de tratados e acordos em 1972 e 1974. Desde 1973, delegações de membros das duas alianças militares — o Pacto de Varsóvia e a OTAN — têm-se reunido regularmente para buscar um acordo sobre a redução de forças na Europa, até agora sem resultado. Por mais lento que seja o processo, a defesa do controle de armas continua sendo o simbolo com que os politicos no Leste e no Ocidente procuram demonstrar a sinceridade do seu desejo de paz.

Após quase quatro anos de negociações, a URSS e os EUA agora parecem no limiar de novo acordo SALT, previsto para vigorar até 1985. Contudo deve-se ter cautela e não saudar com demasiado entusiasmo o acordo com prova de êxito no controle armamentista. Ele será mais o resultado da determinação de ambos os lados de superarem esse grande obstáculo que, nos últimos anos, tende a tornar um ajuste cada vez mais difícil: a dinamica da mudança tecnológica na atual concorrência armamentista.

A primeira vista, isto é apenas uma banalidade. Afinal de contas, raramente houve um periodo em que as caracteristicas das armas tenham permanecido inalteradas. A dinamica da tecnologia militar muitas vezes excedeu e até mesmo definiu a dinamica da tecnologia industrial civil; nunca ficou parada. Os controladores de armas sempre estiveram familiarizados com este problema, e, quando negociaram restrições quantitativas sobre sistemas de armas, definiram-nas não apenas em termos de números mas também em termos qualitativos: couraçados, misseis balisticos intercontinentais (ICBMs), lançadores de véiculo de ogivas múltiplas (MIRVs) etc. Esta medida é adequada a ocasiões em que as dinamicas da mudança tecnológica são relativamente restritas, mas torna-se insuficiente quando a tecnologia militar sofre grandes mudanças qualitativas, quando o desempenho dos sistemas de armas modifica-se tão drasticamente que as categorias de acordo não podem mais abrangê-los e quando todo o consenso sobre quantidade de armas inerente a um acordo mútuo de limitação é posto em xeque pelos aperfeiçoamentos de desempenho em um lado, as quais não são acompanhadas por avanços equivalentes do outro.

Devo afirmar que, em virtude da transformação tecnológica, há necessidade urgente de nova abordagem do controle de armas. O instrumento escolhido para executar esse controle tanto nas conversações SALT quanto nas conversações sobre Reduções Mútuas e Equilibradas de Forças (MBFR) — restrição quantitativa de números de homens e armas entre o Leste e o Ocidente — já não é adequado. A ferramenta não serve mais para a tarefa. Se não se desenvolver uma ferramenta melhor, a própria tarefa pode cair em descrédito.

Examinaremos aqui o dilema para a abordagem existente do controle de armas, criado pela rápida evolução na tecnologia militar.

A transformação tecnológica tem caracterizado a maior parte da concorrência armamentista entre o Leste e o Ocidente durante as três últimas décadas. Às vezes, novas tecnologias foram o resultado de importantes progressos, conceitualmente pelo menos, se não sempre na prática: sistemas confiaveis de transporte intercontinental que levam armas nucleares contra alvos muito distantes; ogivas múltiplas e independentes que aumentaram a capacidade destruidora de cada lançador de misseis; tecnologia de misseis antibalisticos; lançadores de misseis baseados no mar; satélites de reconhecimento — para citar apenas algumas no campo estratégico nuclear. Outras foram o resultado de uma acumulação de melhoramentos evolutivos: grande parte da tecnologia de orientação de precisão e localização de alvo que afetará consideravelmente o desempenho de armas estratégicas e convencionais pertence a esta categoria. Contudo o problema da mudança tecnológica, embora sempre presente, não pareceu preocupar os controladores de armas até recentemente. Eles achavam que devia ser dada prioridade à restrição dos números de sistemas especificos de armas e que isso também restringiria as tecnologias que os acompanhavam. O controle qualitativo de armas era, nesse sentido, um subproduto do controle quantitativo.

Esta abordagem, embora talvez a mais viável, nunca foi satisfatória. Hoje corre o risco de se tornar inadequada por três razões: uma politico e duas técnicas.

Politicamente, o controle de armas é visto como um simbolo da **détente**, talvez o mais tangível e inconteste de todos os simbolos. Se o Leste e o Ocidente forem capazes de concordar em limitar ou reduzir as forças de que dispõem para lançar um contra o outro, isto será de fato um sinal de sua sincera dedicação à paz e a conciliação. Mas acordos de controle de armas só adquirirão este significado politicamente importante se forem considerados justos e equitativos tanto no Leste quanto no Ocidente: se não — se a opinião pública ou oficial de um lado achar que foi "logrado" — o acordo não será interpretado como gesto sincero rumo à **détente**, mas como uma confirmação de suspeitas alimentadas há muito tempo.

O problema é que, em virtude da evolução tecnológica e da dificuldade de incorporá-la a um acordo, tornou-se quase impossivel aos negociadores de controle de armas fazer tratados que sejam inequivocamente justos e equitativos. Um ajuste feito na base das caracteristicas tecnológicas de armas especificas existentes na época do acordo tornar-se-á injusto à medida que um lado ou outro introduza melhoramentos qualitativos que não tenham sido excluidos, ou armazene sistemas alternativos de armas que contornem as restrições combinadas. Teoricamente, seria possivel resolver este problema entrando em novas negociações logo que a base do antigo acordo mostre sinais de desgaste. Entretanto, dada a velocidade inerente à inovação tecnológica, e a tendência generalizada de politicos, analistas e meios de comunicação de a acelerarem mais em suas mentes ao supor que uma tecnologia conhecida já é uma tecnologia desenvolvida, os intervalos entre os acordos teriam de se tornar realmente muito breves. A complexidade da negociação de novas restrições quantitativas, ou renegociação das antigas, debilitaria a esperança de que se pudesse atingir em tempo resultados novos e mais duráveis. Em consequência, os tratados e acordos de controle de armas que consistem em atingir equilibrios numéricos, mergulham em inevitáveis controvérsias politicas, antes gerando dúvidas do que promovendo a confiança na **détente**, e aumentando os riscos politicos para os dirigentes de ambos os lados.

O destino do Acordo Provisório Sovietico-Americano Sobre a Limitação de Armas Estratégicas Ofensivas de 1972 é um caso ilustrativo. O equilibrio numérico atingido no acordo cedo pareceu a muitos certa ou erradamente, dar uma vantagem unilateral à URSS, quando o desenvolvimento de armas soviéticas estava alcançando a superioridade qualitativa. Tornou-se necessária uma rápida renegociação, não pouco por motivos politicos internos, que deu origem ao Acordo de Vladivostok apenas 30 meses depois.

Mas mesmo este acordo, que deu paridade em MIRVs à URSS em troca de um teto igual de forças estratégicas, não livrou o SALT da controvérsia politica no debate americano. A dinamica da transformação tecnológica desgastou não somente a base do acordo original, mas também — e mais importante — desgastou grande parte do efeito politico que ambos os lados buscavam atingir. Em vez de promover a **détente** e a confiança politica, o controle inadequado de armas tornou-se um destruidor de confiança.

A segunda razão por que a mudança tecnológica está tornando inadequada a atual prática de negociar restrições quantitativas é a crescente dificuldade de verificação. Que acordos sobre limitação de armas devem ser adequadamente verificáveis, tornou-se um critério aceito há muito tempo, e a inventividade tecnológica tornou isto um principio realista e objetivo ao permitir a observação detalhada dos esforços militares de outro pais através de reconhecimento por satélites. Mas a verificação depende do que é observável. Hoje, progressos significativos em matéria de forças militares e armas estão se tornando cada vez menos observáveis e podem ser completamente ocultados. Isto coloca um incômodo dilema: se um determinante importante para controle de armas é a sua verificabilidade, e a verificabilidade é cada vez menos garantida, um número cada vez menor de armas pode ser coberto por acordo, e o controle de armas torna-se cada vez mais irrelevante. Mas, sem verificação adequada, como pode até mesmo o mais promissor acordo de controle de armas proporcionar a ambos os lados a confiança reciproca?

Nenhuma das duas técnicas para resolver este dilema, sugeridas em recentes negociações de controle de armas, justifica um grande otimismo. A primeira é verificar o acatamento às restrições qualitativas de armas — por exemplo, quais os misseis equipados com ogivas múltiplas (MIRVs) — através da observação dos testes de armas. Isto se baseia em duas suposições questionáveis: primeiro, que Governos responsáveis e generais prudentes não alimentarão a idéia de usar novas tecnologias de armas sem testá-las completamente; segundo, que todos os testes serão adequadamente observáveis. Embora seja desejável testar adequadamente, isto dificilmente seria empreendido se a camuflagem fosse considerada mais importante, particularmente sabendo-se que os planejadores militares são, de qualquer maneira, acostumados a viver com um alto grau de incerteza. Além disso, grande parte das mais novas tecnologias em comando, controle e comunicações, orientação e localização de alvos burla completamente a observação.

A outra técnica para contabilizar as caracteristicas não observáveis de armas é o método de "contar como se": um sistema de armas (digamos, um missil intercontinental de desempenho incerto) é considerado, para efeito de avaliação, como se tivesse desempenho conhecido. As negociações SALT II já proporcionaram um exemplo disso: uma vez que o ICBM SS-18 soviético tinha sido testado tanto com ogivas múltiplas como com ogivas simples, os EUA declararam que, dentro do limite de 1 320 foquetes MIRV previsto em Vladivostok, contariam cada SS-18 soviético "como se" transportasse mais de uma ogiva independente. Isso pode ser útil em casos especificos, mas como dispositivo geral sua eficácia é mais do que duvidosa. Elevado a uma medida padrão para avaliação de progressos qualitativos de armas não observáveis, o método de "contar como se" é um estimulo positivo à máxima exploração de avanços qualitativos e, daí, à concorrência armamentista: por que deveria um dos lados manter uma ogiva simples num missil se, de qualquer maneira, ele é contado como missil de ogiva múltipla? Além disso, só faz sentido se as caracteristicas das armas são conhecidas e são objeto de limitações numéricas aceitas por todos. O método de "contar como se" é no máximo um dispositivo auxiliar, mas não uma resposta satisfatória ao problema da verificação numa época de evolução tecnológica.

Poderia ainda ser possivel aceitar-se com uma resposta menos do que satisfatória se não fosse outra, e talvez a mais importante caracteristica da atual tecnologia de armas: o desafio às categorias tradicionais de definição de armamentos. A tecnologia não somente aperfeiçoa o desempenho dentro de categorias de armas existentes e definidas; torna também possiveis armas de categoria múltipla e para missões múltiplas. A distinção entre sistemas nucleares e não nucleares, entre armas estratégicas e locais, nunca foi absolutamente clara, mas foi suficientemente precisa para permitir que os negociadores de controle de armas operassem com ela, a incorporassem à linguagem dos tratados e proporcionassem aos Governos uma noção relativamente clara de suas obrigações mútuas. Foi possivel, restringindo certos sistemas de armas, reduzir certas missões militares: uma limitação dos couraçados limitou também a quantidade de poder de fogo que uma Marinha pode lançar para além das praias; um teto imposto ao número de misseis intercontinentais ofensivos também restringiu a capacidade de lançar um primeiro ataque contra o outro lado; um congelamento na quantidade de veiculos de transporte nuclear local também reduziu a destruição de alvos locais, especificos além do alcance e rendimento dos sistemas convencionais.

A tendência para sistemas de multicategorias e múltiplas missões está desgastando rapidamente essa ligação entre restrições por categoria e redução de desempenho militar. A limitação dos números de uma categoria particular de sistema de armas não mais restringe a missão militar que o sistema costumava apoiar, uma vez que a missão pode ser transferida, embora às vezes menos eficazmente a outros sistemas não objeto de limitações. O traço particular de tecnologia que torna isto possivel é a permutabilidade desses fatores que definem a atuação de uma arma: alcance, rendimento e precisão. No passado, uma arma de alcance intercontinental tinha de ter uma ogiva ao mesmo tempo nuclear e de alto rendimento, a fim de compensar a imprecisão provocada pela distancia, e ambas as caracteristicas eram condições mais ou menos rigorosas: não havia meio de substituir o explosivo nuclear por um convencional, uma vez que a diferença de peso reduziria substancialmente o alcance do sistema de transporte, nem havia meio de substituir o alto rendimento nuclear por um rendimento mais baixo, pois isso reduziria drasticamente a eficiência destruidora. Mas nesses últimos anos esses limiares absolutos para requisitos de desempenho tornaram-se cada vez mais relativos, em grande parte como resultado do impressionante aperfeiçoamento na precisão dos misseis. A precisão não é mais uma função de alcance, quando veiculos de transporte intercontinental podem voar a 100 metros de altitude durante milhares de quilômetros. A baixa precisão não tem mais de ser compensada por explosivos de alto rendimento, e explosivos convencionais, dirigidos ao centro de um alvo, podem às vezes produzir efeitos destruidores anteriormente só conseguidos em certas missões nucleares.

A motivação inicial desses melhoramentos de desempenho foi tornar os sistemas de lançamento mais eficientes, isto é, criar melhores armas estratégicas ou melhores armas para o teatro de operações local. Mas seu real significado a longo prazo está em outro ponto: o tamanho e a configuração visiveis de um sistema de armas não são mais indicadores confiáveis de seu desempenho e missão, já que os elementos de desempenho dentro da mesma cápsula podem ser alocados diferentemente e mesmo ser trocados rapidamente para criar um amplo leque de capacidades de missões.

O exemplo mais óbvio desse desenvolvimento é o e moderno missil de cruzeiro: pode ser uma arma tática ou local, mas, com uma ogiva menor e o resultante aumento de alcance, também pode ser transformado em arma de longo alcance, capaz de atingir alvos estratégicos bem dentro do território inimigo. Pode, pelo menos teoricamente. transportar ogiva nuclear ou convencional. O alcance do missil de cruzeiro pode chegar a 4 mil quilômetros, na altura desejada, e seu lançamento — do ar, do mar ou do solo — é igualmente variável.

Variabilidade é também a caracteristica de outro sistema de armas, o IRBM soviético SS-20. Seu dispositivo lançador consiste nos dois últimos estágios do foguete do missil balistico intercontinental de três estágios, o SS-16. Acrescentando o terceiro estágio, um missil balistico de alcance intermediário assestado na Europa ou China pode ser transformado num ICBM apontado contra os EUA. Alguns estimam que o tempo necessário para a conversão é de umas poucas horas.

Seria, de fato, um exagero afirmar que esta tendência para as armas de multicategorias e de múltiplas missões é coisa inteiramente nova. Armas para o campo de batalha, como artilharia, sistema de defesa aérea ou aviação tática, são há muito tempo de "capacidade dupla", isto é, capazes de transportar explosivos nucleares ou convencionais com as resultantes variações de alcance e poder destrutivo. Bombardeiros tripulados muitas vezes desempenham missões estratégicas e não estratégicas se seu alcance permite. A Fortaleza B-52 americana tem hoje uma missão nuclear estratégica primordial, mas muitos desses aviões foram usados durante a guerra do Vietnam para bombardeios convencionais. O bombardeiro soviético Backfire, embora provavelmente não destinado a emprego contra alvos estratégicos nos EUA, tem causado problemas de definição e contabilidade nas negociações SALT, por causa de sua capacidade teórica de atingir o território americano com reabastecimento em vôo. Da mesma forma, sistemas de lançamento baseados em barcos têm desfrutado de considerável variabilidade — atesta-o a decisão do Grupo de Planejamento Nuclear da OTAN, em maio de 1976, de incluir os misseis de lançamento submarino Polaris/Poseidon nas forças nucleares de operações destacadas para o Supremo Comando da Europa (SACEUR). Assim, o fenômeno da multimissão não é, de fato, inteiramente novo. Mas embora parecesse relativamente secundário durante o desenvolvimento dos sistemas de misseis intercontinentais, agora está-se tornando muito mais fundamental, desafiando idéias que foram essenciais à politica de controle de armas nos últimos 20 anos.

A resposta ao problema não pode estar em escolher o último e mais óbvio desses sistemas, o missil de cruzeiro, e tentar encontrar meios de colocá-lo em conformidade com conhecidas definições de controle de armas (por exemplo, proibindo todos os misseis de cruzeiro, ou restringindo de tal modo o seu tamanho que as alternativas entre raio de ação, orientação, emprego nuclear e não nuclear têm pouca ou nenhuma relevancia para o desempenho). A inaplicabilidade das abordagens do controle de armas tradicional ao missil de cruzeiro é produto não tanto de qualquer caracteristica particular desse sistema especifico de armas como dos elementos tecnológicos responsáveis por seu desempenho: a miniaturização do sistema de orientação e do mecanismo, a maior precisão de lançamento, o desenvolvimento de explosivos adaptados a alvos especificos e o custo relativamente baixo que permite a produção em grande número. Se o missil de cruzeiro fosse proibido inteiramente ou dentro de determinadas especificações, outras combinações desses elementos seriam assim mesmo concebiveis e concebidas. e apresentariam novamente o mesmo problema, possivelmente dentro de pouco tempo.

Também a resposta para o desgaste das categorias de armas existentes — estratégicas/locais/nucleares/não nucleares — não pode estar no estabelecimento de uma terceira ou quarta categoria ou de um novo forum para controle de armas destinado a cobrir sistemas sob o acordo SALT e acima de negociações regionais como as conversações MBFR. Êstes sistemas são multas vezes classificados como "armas da área cinzenta", mas este é um termo enganador, pois sugere que, definindo a "área cinzenta" entre controle de armas estratégicas e regionais torna-se-ia possivel submetê-las a um regime especifico de controle armamentista. A significação particular das armas de múltipla missão é precisamente que não podem ser encaixadas em nenhuma categoria; podem abarcar todo o espectro. Tentativas de abordá-las com a ajuda de uma nova categoria ou um novo forum de controle serão, pois, irrelevantes para o problema que apresentam.

Pela mesma razão, é também improvável que a resposta ao desafio das novas tecnologias esteja numa tentativa de encaixá-las numa estrutura de negociações de controles de armas existentes. Dividir a "área cinzenta" entre sistemas mais relacionados com os acordos SALT (tais como misseis de cruzeiro nucleares de grande alcance ou versáteis misseis balisticos de médio alcance do tipo SS-20), e sistemas mais ligados com preocupações de segurança regional e foros regionais de controle de armas (como o missil de cruzeiro de curto alcance ou o bombardeiro Backfire) pode ser apenas uma medida temporária e paliativa. Não somente a verificação — o que é quê, em que contexto? — logo se mostraria frustrante, mas também, mesmo em caso de ser exequivel a verificação qualquer acordo em um fórum iria afetar profundamente e pertubar as considerações do outro. Uma severa restrição contra os misseis de cruzeiro no acordo SALT não somente reduziria a capacidade das superpotências de executar outras tarefas militares com estes sistemas de que elas não quereriam abrir mão, mas também, pelo menos indiretamente, circunscreveria o uso destas armas por seus aliados (um problema peculiar aos aliados dos EUA) a tarefas puramente regionais e causaria tensões na Aliança. Contrariamente, a inclusão de misseis de cruzeiro regionais nas conversações MBFR, mesmo se o cumprimento fosse verificável, está destinada a afetar o equilibrio das forças estratégicas discutidas nas conversações SALT e com ele, as relações politicas entre as superpotências assim como entre os EUA e seus aliados. A maior parte da tecnologia de armas da "área cinzenta" não é exclusiva das superpotências; a recusa, por parte dos seus aliados, de se conformarem com as regras modeladas pelos negociadores soviéticos e americanos (levando talvez ao desenvolvimento nacional de misseis de cruzeiro) limitaria o raio de ação do acordo das superpotências ao mesmo tempo que possivelmente minaria a coesão dentro da aliança ocidental.

ESTES, então, são os três problemas que a evolução tecnológica apresenta para o futuro do controle de armas Oriente-Ocidente: primeiro, a velocidade da mudança tecnológica introduz um alto grau de ambiguidade nas restrições que visam primordialmente a niveis quantitativos de forças, e não somente complica as negociações mas, o que é mais importante, põe em perigo a aceitabilidade politica do seu resultado; segundo, melhoramentos qualitativos são muitas vezes mais significativos e menos verificáveis do que quantidades de armas, de forma que os controladores têm de optar entre acordos que sejam plenamente verificáveis, mas cada vez mais irrelevantes para o controle do potencial militar, e acordos que podem ser relevantes mas não adequadamente verificados e, terceiro, a tendência da evolução tecnológica é no sentido de armas de múltipla missão, o que destrói as categorias de definição que, na prática das negociações Leste-Oeste, têm sido um "principio organizador" primordial. Se o controle de armas continuar a abranger apenas as categorias existentes, não conseguirá cobrir maior parte dos novos armamentos, que, em resultado disso, adquirirão crescente importancia nos arsenais de ambos os lados e reduzirão a relavancia dos atuais e futuros acordos de controle; se fossem definidas novas categorias, estas se mostrariam igualmente enganosas.

As tentativas de abranger toda a gama, desde as armas estratégicas nucleares às convencionais, numa única estrutura de negociação e acordo, dificilmente poderia ser promissora: não somente o processo de negociação seria até mais cheio de obstáculos e o acordo adiado além do que seria conveniente como, o que é mais importante, a estrutura mais ampla não poria fim ao problema de comparar categorias e números de armas. A busca de estabilidade estratégica seria frustrada pelas preocupações especificas de segurança regional. Nesta situação os EUA podem muito bem decidir que aquela é mais importante do que esta; que, se a segurança da aliança regional interferir no relacionamento estratégico americano-soviético, então a Aliança deveria ficar em segundo lugar. É uma opção que até agora os EUA têm-se recusado a aceitar.

Esta análise do dilema baseia-se, de fato, em duas suposições: primeira, que o dilema tem importancia e que o controle de armas continua sendo importante instrumento na busca de segurança Oriente-Ocidente; segundo, que a evolução tecnológica, em grande parte causadora do dilema, não pode ser efetivamente controlada.

Christoph Bertram é especialista em desarmamento. Este texto foi condensado de **The Future of Arms Control: Arms Control and Technological Change**, editado na série **Adelphi Papers**, do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, de Londres.

150 ANOS DE JUSTIÇA

Departamento de Pesquisa

A Constituição brasileira atribui ao Supremo Tribunal Federal, que amanhã completa 150 anos de existência, competência para concessão ou recusa do habeas-corpus; para declarar a inconstitucionalidade de tratado ou lei federal; para julgar membros de outros tribunais superiores, o Procurador-Geral da República, deputados, senadores, ministros de Estado, Vice-Presidente e o Presidente da República. Mas, na vigência do AI-5, o Presidente da República, como Chefe de um Governo revolucionário, tem a faculdade de destituir de função os ministros do STF. Com isto, foi quebrado o princípio da vitalidade da magistratura, consagrado por todas as Constituições brasileiras, e por força do qual juízes não podem perder o cargo a não ser por sentença judiciária. (O projeto de reformas políticas atualmente em discussão restaura essa vitalidade, além de restabelecer o habeas-corpus e de dar ao Supremo o poder de decidir sobre a suspensão de mandatos parlamentares, em caso de denúncia do Procurador-Geral, por violação das normas relativas à segurança nacional).

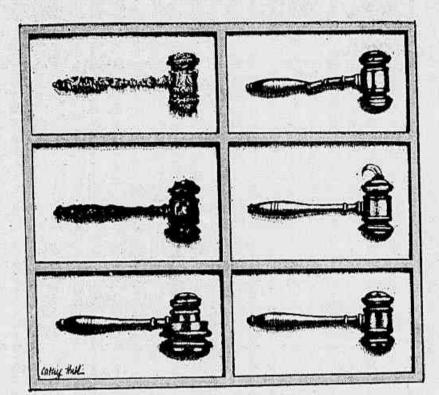
Essa situação anômala não impediu que o Supremo Tribunal Federal haja julgado, sem constrangimento, mandados de segurança contra o Presidente da República. Nem esta é a primeira vez que o STF passa por fase difícil, em que vê ameaçada a sua independência. Ao longo dos 150 anos da sua história, juízes esforçaram-se para fazer da Suprema Corte brasileira, como queria Ruy, "o sacrário da Constituição, o guarda de sua hermenêutica, um veto aos sofismas da opressão do Estado".

* * *

Em 1869 o diplomata Salvador de Mendonça, de partida para os Estados Unidos em missão oficial, foi despedir-se de Pedro II e recebeu do Imperador as seguintes instruções: "Estude com todo o cuidado a organização do Supremo Tribunal de Justiça de Washington. Creio que nas funções da Corte Suprema está o segredo do bom funcionamento da Constituição americana. Na volta, haveremos de ter uma conferência a este respeito. Entre nós as coisas não vão bem e parece-me que se pudésemos criar aqui um tribunal igual ao norte-americano, e transferir para ele as atribuições do Poder Moderador da nossa Constituição, ficaria esta melhor. Dê toda atenção a este ponto".

Salvador de Mendonça estudou a Corte Suprema americana, mas não teve condições de debater o assunto com Pedro II, pois quatro meses depois daquele encontro o Imperador era deposto. Proclamada a República, a Constituição promulgada em 24 de fevereiro de 1891, copiando em grande parte o sistema americano de Governo, copiou também em certos pontos a Corte Suprema e outorgou expressamente ao Supremo Tribunal Federal o poder de declarar a inconstitucionalidade das leis. Na verdade o STF antecedeu a Constituição republicana, pois foi criado pelo Decreto 848, de 14 de outubro de 1890, e instalou-se a 28 de fevereiro de 1891, depois de constitucionalmente reconhecido.

Para várias especialistas, o STF não sucede ao Supremo Tribunal de Justiça, obra da constituição política do Império do Brasil, regulamentado pela lei de 18 de setembro de 1828, nem desse tribunal constitui um prolongamento. Entre a instituição imperial e a republicana há diferenças de conteúdo, qualidade, forma e atribuições. Os pontos de continuidade se limitariam à adoção, até 8 de agosto de 1891, do velho regimento interno e ao aproveitamento, nas primeiras nomeações do STF, dos magistrados de "mais nota". Dos 17 Conselheiros do Supremo Tribunal de Justiça, 11 foram aproveitados nas novas funções, sendo que o STF era integrado por 15 ministros, na forma da lei instituidora e da Constituição de 1891.

Na exposição de motivos ao Decreto 848, de 11 de outubro de 1890, dirigida por Campos Sales, então Ministro da Justiça do Governo Provisório, ao generalíssimo Deodoro da Fonseca, eram apresentados os princípios que orientariam o novo órgão, cúpula do Poder Judiciário. "A magistratura que agora se instala no país graças ao regime republicano, não é um instrumento cego, ou mero intérprete, na execução dos atos do Poder Legislativo. Antes de aplicar a lei, cabe-lhe o direito de exame, podendo dar-lhes ou recusar-lhes sanção, se ela lhe parecer conforme, ou contrária à lei organica... Aí está posta a profunda diversidade de índole, que existe entre o Poder Judiciário, tal como se achava instituído no regime decaído, e aquele que agora se inaugura, calcado sob os moldes democráticos do sistema federal. De poder suborlinado que era, torna-se poder soberano, apto, na elevada esfera de sua atividade, para interpor a benéfica influência do seu critério decisivo, a fim de manter o equilíbrio, a regularidade, e a própria independência dos outros poderes, assegurando, ao mesmo tempo, o livre exercício dos direitos do cidadão... Ao influxo da sua real soberania se desfazem os erros legislativos, e são entregues à severidade da lei os crimes dos depositários do Poder Executivo".

Para Campos Salles, dentro da perspectiva de Montesquieu de que o poder limita o poder na sua tríplice distribuição, os direitos do cidadão teriam efetivo amparo — um esquema liberal, para o qual o mecanismo político seria a forma institucional de proteção das liberdades públicas. Constituiria assim, tal como nos Estados Unidos, "a pedra angular do edifício federal e o único capaz de defender a liberdade, a autonomia individual. Ao influxo de sua real soberania desfazem-se os erros legislativos e são entregues à austeridade da lei os crimes dos depositários do poder executivo".

No entanto, o sonho de Campos Salles logo revelou-se bem diferente, na realidade. O STF enfrentou dias difíceis desde o primeiro ano de sua existência, sob as mais variadas pressões políticas, militares e econômicas. A primeira crise grave ocorreu no governo de Floriano Peixoto. Atribuiu-se a ele a afirmação de que se os ministros do Supremo concedessem ordens de habeas-corpus contra seus atos, não haveria quem as concedesse a favor deles. Uma clara ameaça que teve como resposta a primeira declaração de inconstitucionalidade de uma lei federal — o Código Penal da Marinha. Em represália Floriano nomeou para ministros, além do médico Barata Ribeiro, os Generais Inocêncio Galvão de Queirós e Raimundo Ewerton Quadros, atos que o Senado não validou. E o STF ficou meses sem funcionar, porque o Marechal de Ferro não provia as vagas que iam ocorrendo e recusava-se, como então lhe competia, a dar posse ao Presidente.

Guarda do estado de direito, que se realizaria no estado judicial, o STF, um poder desarmado e frágil, não logrou, segundo Ruy Barbosa, conquistar a autoridade de "oráculo da nova Constituição, a encarnação viva das instituições federais". Em parte devido à tempestade política que devastou os primeiros anos republicanos mas também devido à supremacia presidencial e ditatorial dos dias agitados do início do novo regime.

Mas ainda assim, existindo entre a cautela e a rotina, com ímpetos de independência conseguiu construir penosamente, alargando o habeas-corpus, um mecanismo original de defesa dos direitos individuais e públicos. Em 23 de abril de 1892, ao sustentar um pedido de habeas-corpus, Ruy Barbosa resumiu as esperanças que os fundadores da República depositaram na atividade do Supremo Tribunal Federal: "Formulando para nossa pátria o pacto da reorganização nacional, sabíamos que os povos não amam as suas constituições senão pela segurança das liberdades que elas lhes prometem, mas que as constituições, entregues como ficam, ao arbítrio dos parlamentos e à ambição dos Governos, bem frágil anteparo oferecem a essas liberdades, e acabam quase sempre, e quase sempre se desmoralizam pelas invasões graduais ou violentas do poder que representa a legislação e do poder que representa a força."

Na sua representaçao, Ruy foi objetivo e duro no julgamento do STF: "Nós, os fundadores da Constituição, não queríamos que a liberdade individual pudesse ser diminuida pela força, nem mesmo pela lei. E por isso fizemos deste tribunal o sacrário da Constituição, demos-lhe a guarda de sua hermenêutica, pusemo-lo como um veto aos sofismas opressores da razão de Estado, resumimos-lhe a função específica nesta idéia. Se ela vos penetrar, e apoderar-se de vós, se for, como nós concebíamos, como os Estados Unidos conseguiram, o princípio animante deste tribunal a revolução republicana será salva. Se, pelo contrário, se coagular morta, no texto, como o sangue de um cadáver, a Constituição de 1891 estará perdida. Ora, é a primeira vez que essa aspiração vai ser submetida à prova real. E aqui está porque eu tremo, senhores, receando que o julgamento desta causa venha a ser o julgamento desta instituição". Só um voto no STF apoiou a causa do defensor dos perseguidos no período Floriano. Ruy, inconformado, atribuiu o insucesso à fraqueza dos ministros, sem ponderar os motivos sociais e políticos que inspiraram a decisão.

Mais tarde, em 1893, o STF concede ordem de habeas-corpus aos presos do navio **Jupiter**. Para Ruy, "tivemos pela primeira vez a visão desse pontificado quase divino da majestade judiciária, qual os americanos a criaram". O julgamento irritara o governo e diante de Floriano, o órgão vacilou, como explica Aliomar Baleeiro: "Errou. Tergiversou. Mas dentro de pouco tempo o STF imbuiu-se de sua missão e aos poucos, tenazmente constituiu-se realmente o guardião do templo das liberdades ameaçadas. As limitações de autoridade no estado de sítio, as imunidades dos parlamentares nesse período, a liberdade de imprensa, o conteúdo de anistia: a garantia das patentes dos militares e outras conquistas jurídicas ficaram assentadas nestes dez anos dramáticos e ensanguentados da nossa história".

Mas as lutas prosseguiram, como acentua Leda Boechat Rodrigues, em **História do Supremo Tribunal Federal**: "No final do quatriênio do Presidente Prudente de Morais, ao firmar, em famoso habeas-corpus, o princípio das imunidades parlamentares durante o estado de sítio, não só foi o Supremo Tribunal Federal criticado em Mensagem presidencial ao Congresso, como sofreu violentíssima campanha por parte da imprensa governista. Não faltou também um projeto

4 EX-MINISTROS

"Moderação e clarividência"

Prado Kelly

"NÃO sei de missão mais honrosa na República do que de juiz desta Corte, cuja tradição enobrece a cultura de nosso povo, e cujas atribuições acabam de ser acrescentadas à Constituição de 1967 em tal medida, que o Brasil poderá orgulhar-se, ante as demais nações, de instrumentos plásticos e operantes para a plena realização do estado de direito, o mais alto estágio que conseguiu alcançar a consciência política das sociedades modernas", diz o Ministro Prado Kelly.

"A competência outorgada pela maior de nossas leis do Supremo, confere-lhe poderes que excedem os das instituições congêneres, tanto a norte-americana, que lhe valeu de modelo, quanto as novas Cortes Constitucionais do Ocidente europeu.

Da moderação e clarividência no exercer essa autoridade, mais fiel aos princípios insubstituíveis da democracia, do que às injuções ou contigências do momento histórico, dependerá não só a segurança dos cidadãos, como a estabilidade do regime. O civismo e a ilustração dos egrégios ministros são permanente garantia de que as complexas tarefas desta Corte corresponderão exemplarmente às esperanças do meio jurídico e às aspirações do país.

No anteprojeto à Constituição de 1968, que acabou sendo atropelada pelo AI-5, Prado Kelly fez uma vigorosa defesa das garantias dos magistrados, em resposta a uma consulta a ele formulada pelo então Vice-Presidente Pedro Aleixo, que coordenava a elaboração do anteprojeto.

Embora considere que o juiz para exercer as suas funções encontre nas reservas de sua consciência o meio para resistir a quaisquer injunções, por mais poderosas que sejam, já é de tradição constitucional erigir-se para a função judicante o preceito relativo à vitaliciedade, à inamovibilidade e à irredutibilidade dos vencimentos.

"No que pertine às garantias dos magistrados estão elas cabalmente expressas no Art. 108 (**referindo-se à Carta de 1967**). Conservado-as como ali se prescreve, ficarão revigoradas prerrogativas inatas à função judicante. E, como ainda estejam temporariamente suspensas por força do Art. 6º do AI-5, seja-nos consentido recordar um precedente de outro período revolucionário, no limiar da 2a República.

O Decreto nº 19 398, de 11 de novembro de 1930, que instituiu o Governo Provisório, suspendeu as garantias constitucionais e, especificamente as da magistratura. No entanto, meses após, ou fosse a 13 de junho de 1931, três anos antes do advento da nova Constituição, elas foram restabelecidas pelo Decreto nº 20 106.

O STF quer como instituição, quer no relativo ao desempenho dos juizes — são preciosos os exemplos da alta Corte — quer na isenta decisão dos pleitos, quer na missão de árbitro da União e dos Estados, quer no esclarecimento sempre criativo das cláusulas constitucionais destaca-se sobretudo no empenho, que é grato à totalidade de seus membros, de impulsionar o progresso jurídico e o florescimento das instituições.

"À margem das paixões e das conveniências do momento"

Medeiros Silva

"ENTENDO que a função política que muitos autores apregoam como indispensável ao Supremo Tribunal Federal deve ser realizada apenas em termos restritos. Isto porque "a política é um campo vago, impreciso, e os juízes não devem se emaranhar em questões momentaneas e resguardar os princípios da ordem jurídica".

— Não me considero um liberal na acepção clássica — diz Carlos Medeiros Silva — e seu adepto da ditadura constitucional na definição de Carl Frederich: "O regime constitucional só pode ser salvo por uma ditadura nele próprio estruturada, o que significa que todo regime deve conter medidas ditatoriais em potencial para os casos de crise".

O órgão jurídico tem que ser conservador e não estático, e o Legislativo revolucionário, por ser político, já que este, pela sua definição, reflete ou deve refletir as aspirações populares e, por isso, políticas.

O STF não pode substituir o Legislativo porque não tem representatividade, não se renova periodicamente para atender às novas tendências da opinião pública, como acontece com este último. A principal missão do Supremo "é a de resguardar a Constituição como um todo organico e a supremacia da lei federal como corolário do regime federativo".

João Mangabeira, criticou duramente o Supremo e o professor Afonso Arinos, o atacou sem razão, mas o STF tem resguardado a Constituição com eficiência e brilho. As críticas que se fazem procedem antes do setor político que propriamente do Judiciário.

Sou contra a atribuição de disciplinar e administrar toda a magistratura do país como está prevista na reforma judiciária, como encargos do Supremo, já que "o seu papel deve ser fundamentalmente o de guardião das leis federais. Estes desvios serão corrigidos pelo tempo e pela própria experiência da Corte".

A função do STF tem sido cumprida, exceto quanto a atos revolucionários e "sair desta norma é perigoso". Esta constatação não nos impede de reconhecer que a competência tem sido modificada através dos tempos, pois a sociedade se modifica e o órgão tem de acompanhar a própria evolução jurídica do país.

Prefiro não analisar as consequências do AI-5 na ordem jurídica do país e no contexto das atribuições do Supremo. O AI-5 é um ato revolucionário. E as medidas revolucionárias, apesar de aplicadas em relação ao Supremo, jamais influiram no comportamento do órgão em termos coletivos. Na Argentina, por exemplo, ao contrário, a legislação revolucionária chegou até a dissolver a Suprema Corte, apesar de que os golpes revolucionários não se justificam, e estas exceções esperamos que não se repitam. Uma das causas deste quadro é o fato de que o Executivo tem ampliado sua função legislativa através de leis e atos revolucionários.

Quanto à reforma do Judiciário, ela não contém medidas suficientes para se obter a dinamização que se espera dotar o Supremo. São remendos superficiais, embora temos de reconhecer que há muito conflito em torno daquilo que deve ser reformado.

Uma reforma mis profunda deve contar com a participação e consenso de todos os membros do Supremo e não bastarão opiniões individuais ou pessoais. "O STF deve ser prestigiado com a adoção de medidas concretas para reduzir a massa de processos que exige esforço incomum dos seus juízes (O Supremo julga por ano 10 vezes mais do que a Corte dos Estados Unidos), aumentando o número de seus membros e abreviando a tramitação dos feitos. E' um problema delicado, pois as opiniões a esse respeito são muitos divergentes.

Reconheço, contudo, que há uma unanimidade em relação à alta Corte da Justiça brasileira: sem dúvidas, o Supremo é um dos Poderes mais prestigiados pela opinião pública do país, porque sempre ficou à margem das paixões e conveniências do momento".

"Abrir caminhos, afastar perplexidades"

Hermes Lima

"AS vicissitudes por que tem passado a existência do Supremo Tribunal Federal na história republicana mostram a posição delicada que ele ocupa na estrutura constitucional brasileira", diz Hermes Lima.

"E' uma Corte Suprema que possui competência para anular atos administrativos do Executivo e declarar, em face do caso concreto, a inconstitucionalidade das leis. Semelhante à Corte Suprema norte-americana, dela tecnicamente se diferencia em certos detalhes, mas, sobretudo, pelo contexto político cultural nosso e dos Estados Unidos.

De modo especial, o que tem traumatizado a função do Supremo são as repetidas roturas da ordem constitucional. Em várias delas, o Poder Político armado e deliberante pelo arbítrio, tem ido ao extremo de julgar os próprios juízes, afastando-os, de um modo ou de outro, do Tribunal.

Parece que o Estado republicano jamais aceitou ou compreendeu o papel constitucional do Supremo, julgando-o nos momentos de crise, antes como elemento de uma das parcialidades em luta, do que como a Corte em que o espírito e a voz da Constituição ganham possibilidades de contribuir para a solução legal dos conflitos.

À semelhança das paradas cardíacas, as paradas constitucionais no regime político brasileiro impedem a continuidade da legalidade constitucional. Basta este fato para ficarmos advertidos dos contratempos criados por situações de fato. Estamos sempre a recomeçar e a reconstruir a ordem constitucional, ao longo de cuja espinha dorsal toda uma floração de iniciativas, projetos, desejos e idéias salvadoras cresce e embaraça e escurece a prática fundamental da legalidade.

Ao Supremo caberia o papel de abrir caminhos, afastar perplexidades no relacionamento da lei com a realidade política e social. O sistema presidencial nele possui um ponto de referência da maior importancia, porque nele reside o padrão da legalidade. Não da legalidade estrita, burocrática, mas da legalidade criadora. O instrumento é o Supremo, porém, onde a atmosfera cultural-legal, onde o clima político, onde o sentido organico, vivo na consciência do país, de que a Constituição é o leito pelo qual deve correr a vida institucional?

É grato verificar o elevado conceito em que a opinião brasileira tem o Supremo Tribunal. A Corte inspira confiança ao povo. Ela possui uma tradição de nobreza, de dignidade. O que vale dizer que é uma tradição baseada na dignidade de seus juizes."

malogrado, visando a aumentar-lhe o número de juizes. A critica e os projetos ficaram esquecidos, mas aquele habeas-corpus é sempre relembrado como um dos pontos altos do direito constitucional brasileiro".

A par da luta que sustentou em defesa da liberdade individual contra o arbitrio politico, distingui-se o STF na defesa do principio federal, sem prejuizo da autonomia estadual, através da extensão do conteúdo do habeas-corpus. Predominou nessa orientação a supremacia da União como única detentora da soberania nacional, desfazendo a jurisprudência às restrições estaduais contra a homogeneidade econômica e politica do pais. De outro lado, desapegado do liberalismo econômico doutrinário, admitiu, alheio ao exame do conteúdo econômico e social das leis, a intervenção no dominio econômico, legitimando as limitações na propriedade particular.

Para obstar a ação do Supremo Tribunal ensaiaram-se diversas medidas: o julgamento dos juizes, a elevação de seu número e o alargamento, por lei, dos crimes dos magistrados, com a criação de crimes novos, projeto combatido com veemência pelo Senador Ruy Barbosa. A emenda constitucional de 1926, ao limitar o habeas-corpus ao amparo da liberdade de locomoção, cerceou a atividade do órgão, restringindo a via pela qual se encaminhavam as reivindicações dos direitos politicos. Comente mais tarde, depois da revolução de 1930, o mandado de segurança, instituto inspirado no direito mexicano e nos writs anglo-saxões constitui o remédio proprio às violações de direito liquido e certo, não abrangidas no habeas-corpus.

Mas a revolução de 30, depois das frustradas tentativas anteriores, consegue golpear diretamente o Supremo Tribunal, fundada nos poderes ditatoriais que assumira com o decreto 19.398 de 11 de novembro de 1930. Para punir ministros que votaram contra os rebeldes de 1922, 1923, 1924 e 1926, reduziu o número de ministros a 11 e aposentou seis juizes: Pires de Albuquerque, Edmundo Muniz Barreto, Pedro Mibieli, Godofredo Cunha, Geminiano da Franca e Pedro Santos. Preencheu as vagas restantes com a nomeação de Eduardo Espinola e Plinio Casado. O quadro de 11 juizes foi mantido pela constituição de 1934 (que mudou o nome do órgão para Suprema Corte) número que só poderia elevado, por proposta dela, até 16, situação que se manteve nas cartas de 1937 e 1946.

Outro periodo critico para o Supremo Tribunal Federal começou em 1964, quando a Revolução, como todo ato de força, se bastou a si mesmo. Segundo Osvaldo Trigueiro, em **O Supremo Tribunal Federal e a instabilidade politico-institucional**, "a Revolução de 64 não quis aparentar um perfil antiliberal, implantando uma solução politica *sui generis*: emoldurou um modelo politico que não tem paralelo no direito comparado. Ao editar o AI nº 1, de conotação discricionária, admitiu a intocabilidade dos principios da Federação e da República, e o funcionamento dos poderes desarmados, sob a égide da Carta de 1964. Dai o formalismo, a impossibilidade de convivência bifurcante desse modelo".

Na realidade, o poder revolucionário pretendeu enquadrar na Constituição uma série de atos evidentemente contrários a ele, esperando que o STF, através de interpretações politicas, fizesse os necessários ajustes para sustentar o paradoxo de uma revolução "legal". A falta de adesão do STF valeu-lhe, desde logo, a acusação de incompreensão, fazendo renascer uma vez mais um hábito dos Governos fortes no Brasil: mesmo quando convencidos de que agem à margem da lei, esperam dos tribunais um atestado de legalidade dos seus atos.

E à medida que as autoridades revolucionárias intensificavam a ação punitiva, baseada em acusações de subversão ou corrupção, com muitos inquéritos feitos sem obedecer os requisitos legais e com a negação dos direitos fundamentais constantes da Constituição que a Revolução afirmaram manter, foi aumentando rapidamente o número dos que pediam e recebiam proteção do Poder Judiciário. Inúmeros foram os pedidos de habeas-corpus concedidos a politicos, ex-governadores, ex-secretários de Estado, professores, estudantes, profissionais liberais e o somatório dessas decisões provocou o inconformismo por parte do poder militar para com o Supremo.

A desconfiança em relação ao Supremo agravou-se cada vez mais e explodiu no final de 1965. No dia 20 de outubro daquele ano o presidente do STF, Ministro Ribeiro da Costa concedeu entrevista aos jornais na qual dizia: "Já é tempo que os militares se compenetrem de que nos regimes democráticos não lhes cabe o papel de mentores da nação. A atividade civil pertence aos civis, a militar a estes, que, sob sagrado compromisso, juraram fidelidade à disciplina, às leis e à Constituição". O General Costa e Silva, então Ministro da Guerra, respondeu em discurso igualmente incisivo, pronunciado em Itapeva, no dia 21 de outubro, ocasião em que "se inflamou até às lágrimas", dizendo repelir com veemência a afronta do Presidente do Supremo.

E no dia 27 de outubro de 1965 o presidente Castello Branco anunciava a edição do Ato Institucional nº 2, por força do qual o número de ministros do Supremo passava de 11 para 16. Das cinco vagas criadas, três foram preenchidas por juristas politicos recrutados nos quadros do Partido que fora fulminado pelo AI-2, a UDN. Tornou-se evidente que a Revolução esperava que aqueles homens levassem para o tribunal a paixão politica que os movera contra o Governo João Goulart, mas a partir da investidura no cargo passaram a agir como juizes, e não como politicos.

Dias piores esperavam a maior Corte do pais. Em 1969, baseado no Ato Institucionaal nº5, o presidente Costa e Silva baixou decreto aposentando três Ministros do STF: Vitor Nunes Leal, Hermes Lima e Evandro Lins, os dois últimos indicados por João Goulart. Com isto, o presidente do STF, Ministro Gonçalves de Oliveira deixou o cargo e pediu aposentadoria. Mais tarde outro Ministro, Lafayette de Andrada, também pediu aposentadoria.

A 1.º de fevereiro de 1969 o Presidente Costa e Silva baixou o Ato Institucional nº 6, que reduziu de 16 para 11 os membros do STF e suprimiu sua competência para apreciar mandados de segurança, pedidos originários de habeas-corpus e os processos de civis condenados pelo Superior Tribunal Militar em crime contra a segurança nacional ou contra instituições militares.

O STF foi sendo relegado a uma posição marginal em relação aos assuntos de real importancia na vida nacional. O uso mais frequente da expressão "legislação revolucionária", que não pôde ter a sua aplicação discutida pelo judiciário, afastou do Supremo os assuntos politicos. E cada vez mais foi dificultada a subida de processo à Corte Suprema, especialmente em matéria constitucional que envolvesse significado politico.

E durante o recesso do Congresso Nacional, determinado por decreto do Presidente Geisel, o Governo providenciou nova remodelação do STF através do *pacote* de abril. Com tais emendas, apesar das frequentes alegações de excesso de trabalho, o STF recebeu novas e amplas atribuições, especialmente para controlar o comportamento de tribunais e juizes estaduais.

"Estamos num Governo de fato e há uma legalidade revolucionária"

Themistocles Cavalcanti

"NÃO cabe ao STF nenhuma função politica, mas apenas a de cumprir rigorosamente os termos da Constituição, qualquer que ele seja, diz o ex-Ministro Themistocles Cavalcanti.

Neste longo periodo de vida do STF, houve uma grande mudança, não só na técnica de julgar da Corte, mas também no comportamento dos juizes. "Hoje, os juizes são mais fechados, com menos atividade social, isto é, mais isolados, sofrendo menos influência externa". Ele fez esta observação em comparação com o quadro dos anos 30 e 40:

"Naquela época, o colegiado era muito dividido, a maioria a favor do Governo e a minoria contra. Mas, cada ministro tinha sua posição politica bem marcada e, no entanto, o STF não fazia nenhuma manifestação politica e até hoje não a faz".

Durante os dois anos como Juiz da alta Corte, apesar de estar muito integrado à Revolução de 1964, jamais tive pedido de autoridade governamental, ou pressão para praticar ou influir em qualquer voto ou decisão. Exemplificou com o fato de ter sido ele o relator da questão que declarou inconstitucional o Artigo 48 da atual Constituição, que impedia o exercicio da profissão para os profissionais liberais cassados ou incursos na Lei de Segurança Nacional. O caso concreto apresentado à Corte foi o de jornalistas cassados.

A decisão do STF que acompanhou o voto do relator não houve nenhuma reação do Governo. O Senado aprovou o ato do STF e o citado artigo foi revogado. Isto demonstra a independência do STF e de seus juizes.

Sempre sustentei a revogação progressiva do AI-5, mas isso não anula a constatação de que estamos num Governo de fato e que há uma legalidade revolucionária. A aplicação do AI-5 é uma realidade, apesar de que a lei já deveria ter sido em parte revogada".

Na apreciação de algumas das Constituições no periodo republicano, demonstrou simpatia e teceu elogios à Constituição de 34, elaborada por uma comissão do Itamarati, coordenada por Afranio de Mello Franco. "Era uma Carta revolucionária, que entre seus institutos juridicos positivos, restabelecia a representação classista na Camara, o que permitia um equilibrio politico muito maior".

Advogado de revolucionários de 1922 junto ao Supremo, depois Procurador-Geral da República perante à Corte, foram muitas as causas de que Themistocles Cavalcanti conseguiu sair vitorioso. Uma das quais, no Governo Artur Bernardes, ganhou o habeas-corpus em favor dos revoltosos de 22, livando-os da Casa de Correição, sustentando que não se tratava de prisão militar, nem para os casos de crimes politicos. Para tanto, levantou suspeição do Ministro Geminiano da Franca, que havia sido Chefe de Policia de Epitácio Pessoa.

Como Procurador-Geral da República no Governo Dutra, acusou o Desembargador Carneiro, da Bahia, que havia assassinado um advogado em pleno Tribunal. Depois de 46, com o pais reconstitucionalizado, atuou inúmeras vezes como relator de representações dos Estados contra a Constituição Federal. Um dos casos de maior repercussão foi o do parlamentarismo no Rio Grande do Sul. Julgou contra o interesse do Governo gaúcho de então, o que obrigou o Estado a elaborar nova Constituição, adaptada à Federal.

"Os tribunais só intervêm no exercicio de uma função que é partilhada com outra autoridade, pois no mundo atual, cada poder tem suas funções próprias e uma técnica especial de as exercer. As exigências do mundo moderno, a expansão da economia e o progresso da tecnologia e da subversão, levaram naturalmente ao fortalecimento do Poder Executivo".

— O principio da independência e harmonia dos poderes, preceito de equilibrio baseado nas funções diferenciadas de cada poder, evoluiu, para a situação atual em que há uma predominancia dos poderes politicos. Ao mesmo tempo em que se verifica um fortalecimento do Poder Executivo observa-se que o Poder Legislativo perde o monopólio da função normativa, embora mantenha o poder politico. O Poder Legislativo passa a ser apenas órgão de sanção politica do preceito normativo estabelecido por outros órgãos.

"O Poder Judiciário tem uma função especificamente jurisdicional, sem considerar o conteúdo politico do ato, mas a sua conformidade de lei com a Constituição. A legalidade ou constitucionalidade da matéria, sem a preocupação com a sua conveniência ou oportunidade é que deve unicamente se ater o Judiciário. O Supremo não pode se transformar em árbitro das soluções de cunho politico, assim como não é o tribunal que define o que é segurança nacional, atribuição da Constituição Federal, que se não a define pelo menos traça suas linhas principais, trabalho complementado, mais explicitamente, pela própria Lei de Segurança Nacional".

Cartas

As cartas dos leitores serão publicadas só quando tiverem assinatura, nome completo e legivel e endereço. Todos estes dados serão devidamente verificados.

A ÁFRICA DO SUL E A NAMÍBIA

Os artigos que o JORNAL DO BRASIL publicou sobre a Namibia em 27 de Agosto de 1978, além de serem informativos, têm o efeito, talvez não intencional, de apoiar a imagem, importancia e prestigio de uma organização comunista-terrorista e de seu chefe, que está a tentar, com a ajuda das Nações Unidas, mas principalmente com a ajuda armada do bloco comunista e particularmente da União Soviética, para se impor ao povo do Sudoeste Africano pela força através de atos de terrorismo, incluindo crimes a sangue frio, incêndios criminosos e intimidações. São bastante intencionais em suportar a imagem da SWAPO e de seu chefe Sam Nujoma, (quem as Nações Unidas proclamaram como autênticos representantes do Sudoeste Africano sem justificação, mas do que tentam convencer o mundo) e de mostrar injustamente o Governo sul-africano como o "vilão da peça".

Permita-me que aponte dois erros nos artigos, começando com o comentário do canto superior esquerdo da página. A Organização das Nações Unidas não é a sucessora legal da extinTA Liga das Nações, que concedeu o Mandato (um mandato de classe "C" devido ao primitivismo do Território a ser governado como uma parte integral do poder mandatário) à Africa do Sul sobre o Território do Sudoeste Africano, o qual foi conquistado aos alemães na Primeira Guerra Mundial, e não "invadido" conforme declarado no artigo a que me referi.

As Nações Unidas usurparam a autoridade que clamam ter sobre o Sudoeste Africano, e terem declarado "ilegal" a administração da Africa do Sul no Sudoeste africano, é, no minimo, um absurdo.

* * *

O segundo parágrafo do comentário refere-se ao plano de independência para o Território preparado pelos cinco membros ocidentais do Conselho de Segurança e recentemente aceito pelas Nações Unidas declarando que: "os dirigentes da SWAPO decidiram concordar com o plano; o Governo de Pretória, que já se havia manifestado a favor agora reluta." Isto é um evidente erro. A verdade é que a África do Sul aceitou o acordo em 26 de abril de 1978, mas a SWAPO só o fez (ambiguamente) depois de discussões em Luanda, a 11 e 12 de julho de 1978, com delegados dos chamados "paises africanos da Linha de Frente" e com os representantes do grupo de contato ocidental. A África do Sul, por seu lado, desde a sua aceitação do acordo final e definitivo, nem por um momento hesitou em executá-lo e até a data está ávida em prosseguir com o plano, visando a obtenção pelo Sudoeste Africano da sua independência nacional a 31 de dezembro de 1978, depois de eleições livres e universais, sob supervisão da ONU, para uma Assembléia Constituinte a qual irá formular a constituição de independência.

O acordo aceite pela África do Sul em 26 de abril de 1978 e pela ONU em 27 de julho de 1978, pede, no **parágrafo 8A**, a "cessação de todos os atos hostis por todos os Partidos, e a limitação à base das forças armadas da África do Sul e da SWAPO". A SWAPO até a data não tem respeitado esta cláusula e prossegue com a sua ação terrorista. Declarações públicas do Sr Sam Nujoma indicam claramente que a SWAPO não tem intenção de abdicar segundo esta cláusula, e que ele, inseguro do seu apoio dentro do Sudoeste Africano, está determinado a impor-se ao mesmo pela força das armas. Por conseguinte, longe de ser o Governo da África do Sul que está a renegar as implicações do acordo, a responsabilidade recai redondamente sobre a SWAPO.

Um outro fator ainda mais complicado, sem dúvida, é o fato de a ONU fazer por sua própria conta (Resolução do Conselho de Segurança nº 432 de 27 de julho de 1978) com que a baia de Walvis, a qual é, indiscutivelmente, território da África do Sul desde 1878 e embora geograficamente parte do Sudoeste Africano (assim como Acre é do Brasil) nunca formou parte do Sudoeste Africano Alemão ou do Mandato confiado à África do Sul, seja incorporado à Namibia independente.

O acordo de independência apresentado e aceito pela África do Sul não faz menção da incorporação da baia de Walvis ao Sudoeste africano independente. Os cinco paises ocidentais (Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Canadá e Alemanha) que negociaram o acordo de independência com o Governo da África do Sul, concordaram plenamente em que a baia de Walvis não faz parte do acordo, e que "todos os aspectos da questão sobre a baia de Walvis deverá ser assunto de discussão entre o Governo da África do Sul e o futuro Governo de Namibia". O Ministro das Relações Estrangeiras do Canadá, Jamieson, de fato fez uma declaração a esse respeito na Assembléia-Geral da ONU em 25 de abril de 1978. O apoio que eventualmente os cinco deram à resolução do Conselho de Segurança, pedindo incorporação da baia de Walvis, foi um choque para o Governo da África do Sul que, com muita razão, considera o comportamento dos cinco, depois das promessas dadas e acordos feito em boa fé, cheio de uma insensivel duplicidade. A posição da África do Sul nesta questão foi exposta em carta ao Secretário-Geral da ONU, de 31 de julho de 1978, pelo Ministro das Relações Estrangeiras da África do Sul.

No entanto, apesar destes acontecimentos, o Governo sul-africano concordou em receber o representante do Secretário-Geral e o seu séquito de 50 no Sudoeste Africano para preparar o relatório que o Secretário-Geral irá apresentar ao Conselho de Segurança. A SWAPO, por outro lado, tem continuado suas incursões armadas, ataques e assassinatos, a partir das suas fortalezas em Angola e Zambia, sem qualquer reprimenda, ate a data, das Nações Unidas. Tem continuado a sua propaganda intimidante pela rádio, de Moscou, Angola e Zambia, e espalhafatosamente ameaça constantemente que no momento em que as tropas da África do Sul se retirarem e as Nações Unidas tomarem conta, os soldados da SWAPO marcharão sobre o Sudoeste Africano para tomarem posse do Governo, ameaçando morte e pior a todos os que se atreverem cooperar com o Governo sul-africano. O proprio Sr Sam Nujoma declarou ao jornal **Der Spiegel** (31 de julho de 1978) que a SWAPO só está interessada em tomar o Poder, seja pacificamente ou à força, e que continuará a lutar até conseguilo. Em 21 de agosto de 1978, Nujoma declarou em Luanda numa entrevista à BBC que a SWAPO só concordará com o cessar-fogo estipulado no acordo de paz, quando as tropas das Nações Unidas tiverem tomado posições no Sudoeste Africano. A 23 de agosto a base militar sul-africano, de Katimo Mulilo, na faixa de Caprivi, foi bombardeada com morteiros de longa distancia e projéteis pela SWAPO, de uma base militar na Zambia, tendo morrido 10 soldados sul-africanos.

Em relação à orientação politica que Nujoma quer introduzir na Namibia, está registrado que ele quer tornar o Sudoeste Africano num estado marxista-socialista. Existe evidencia de que ele está comprometido com a Rússia nesse ponto, pela ajuda militar e financeira que recebeu, e que prometeu manter a luta armada da SWAPO até atingir muito mais do que mera linguagem marxista, conforme indica o seu relatório.

A esse respeito tem interesse referir-me a uma das omissões do seu grupo de artigos sobre a Namibia. O artigo "Outro guerrilheiro que vai ser estadista" esquematizava a origem da SWAPO mas omitia que o Congresso do Povo de Ovamboland que se tornou a Organização do Povo de Ovambo e subsequentemente SWAPO foi criação do Partido Comunista Sul-Africano. Sam Nujoma comprometeu-se com os russos a proporcionar ao Partido Comunista Sul-Africano uma base de operações na Namibia, em troca das armas e ajuda da Rússia. Prova documentada disso foi encontrada numa fortaleza da SWAPO em Angola com o nome código "Moscovo", e que foi destruida pelas tropas sul-africanas.

* * *

O JORNAL DO BRASIL noticiou em 7 de setembro último, que o Governo sul-africano rejeitou várias recomendações do Secretário-Geral ao Conselho de Segurança. Uma carta do Ministro das Relações Estrangeiras sul-africano ao Secretário-Geral Waldheim, datada de 6 de setembro, revela as dificuldades com as quais a África do Sul teve de lutar nas prolongadas negociações com os Cinco. Ela dá detalhes dos esforços constantes e de boa vontade da África do Sul para trazer uma solução pacifica e internacionalmente aceitável à questão do Sudoeste Africano, em face das suas inposições cada vez maiores. O Ministro salienta que a África do Sul satisfez as exigências principais expostas na Resolução nº 385 do Conselho de Segurança (1976).

Ele chama a atenção para o fato de que através dos anos tem sido exigido da África do Sul que dê independência imediata ao Sudoeste africano na base de Estado Unitário — um homem, um voto; a extinção de discriminação racial; eleições livres sob supervisão das Nações Unidas; o direito de todos no Sudoeste africano a voltarem a participar pacificamente no processo politico; e a libertação de detidos onde quer que estivessem.

Foi com estes pontos em vista que a África do Sul aceitou a proposta ocidental, em 25 de abril de 1978. O Ministro insiste, no entanto, que a execução da proposta depende do cessar completo das violências.

O Ministro Botha, de acordo com isso, exige uma resposta inequivoca da SWAPO, primeiramente se aceita ou não a proposta e secundariamente se se compromete ou não a uma cessação de todas as formas de violência. Este compromisso deverá ser aceito por escrito e circulado como documento do Conselho de Segurança.

Em conclusão, o Ministro declara que a África do Sul está preparada para aderir à proposta aceita em 25 de abril de 1978 na sua forma final e definitiva. No entanto, a África do Sul não estará de acordo com interpretações incompatíveis com a proposta, e deverá ser estabelecido que a proposta não pode ser implantada se não for aceita e honrada por todos os envolvidos.

A África do Sul tem administrado o Sudoeste africano dentro do melhor interesse dos habitantes e do espirito do mandato confiado pela Liga das Nações. O Governo sul-africano, através dos anos, tem declarado repetidamente que reconhece a condição internacionalmente separada do território, e que sempre foi o fito do Governo sul-africano trazê-la à independencia total. Para esse fim, a África do Sul desenvolveu sistematicamente o Território, politica e economicamente.

Com respeito ao desenvolvimento econômico deste vasto, árido e escassamente populado território (do tamanho dos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul juntos) com menos de um milhão de almas e composto de várias pequenas nações (e não tribos) bastando dizer que o produto doméstico bruto do território cresceu de US$ 40 milhões em 1946 para US$ 625 milhões em 1977. O Sudoeste africano é hoje dotado de uma rede ferroviária de 3 mil quilômetros de trilhos e um sistema de transporte rodoviário cobrindo 9 mil quilômetros. Existem 3 mil quilômetros de estradas asfaltadas.

A administração ferroviária sul-africana investiu nada menos de US$ 255 milhões para criar estas facilidades de transporte. Do mesmo modo, enormes somas têm sido gastas pelo Governo sul-africano para o suprimento de água e eletricidade, desenvolvimento da educação e agricultura; todas as necessidades básicas para o desenvolvimento economico do território, que hoje se pode orgulhar da produção mineral no valor de US$ 260 milhões por ano. Desde 1962 até hoje o Governo sul-africano forneceu empréstimos monetários e subsidios no montante de US$ 700 milhões à administração do território.

* * *

A verdade é que para o desenvolvimento politico do território, o modelo da própria África do Sul foi considerado o mais prático. Isto consistia no reconhecimento das autoridades tradicionais em cada uma das várias nações como um começo e o desenvolvimento dai para a frente em direção aos sistemas democraticos ocidentais.

Hoje em dia, cada um dos vários grupos nacionais tem a sua própria Assembleia Legislativa composta de membros tradicionais e eleitos. O Governo sul-africano não criou estas nações separadas nem tomou parte nas divisões do território entre os vários grupos nacionais. O Governo sul-africano preferiu respeitar esta historica divisão territorial e reconhecer e respeitar a terra, identidade, costumes, aspirações, tradições e linguagem dos vários grupos nacionais. (Ainda é uma questão cheia de controversias no Brasil, mas são publicadas regularmente na imprensa brasileira noticias de que muitos sociologos e organizações, tais como o CIMI, suprem uma abordagem similar para proteção das ainda primitivas populações indigenas brasileiras.)

A África do Sul tem orgulho no fato de ter tirado o Sudoeste africano de um estado similar ao dos indios primitivos do Brasil, para uma posição em que o território pode olhar em direção a uma independencia total e autonomia num futuro próximo.

Uma vez que os vários grupos nacionais no território, reunidos pela Africa do Sul na conferencia Turnhalle, em Windhoek, em 1975, decidiram alcançar a independencia de maneira unitária, o Governo sul-africano fez todo possivel para apressar este desenvolvimento e aceitou a data marcada de 31 de dezembro de 1978 para a independência total do Sudoeste africano.

O Governo sul-africano não pode renunciar as suas responsabilidades em relação à segurança e bem-estar de **todos** os habitantes o Sudoeste africano (existem 16 grupos politicos dos quais a SWAPO é um apenas) sem a necessária garantia que terá de ser satisfatória e aceita por todos os habitantes do Sudoeste africano. A Africa do Sul, por seu lado, só aceitará a SWAPO como dirigente da Namibia se for provado terem o necessário apoio do povo através de eleições livres e democráticas, planejadas estritamente de acordo com o plano estabelecido. — **J. O. Pretorius, Embaixador da África do Sul.**

MAQUIAVEL

MESTRE DE PRÍNCIPES

Marcilio Marques Moreira

FILHO típico de sua terra — uma Florença inserida na Itália ebuliente de vida, mas dispersa e humilhada — e cidadão de sua época — o Renascimento, "descobridor ao mundo e do homem" e parteiro do tempo moderno — Maquiavel, pensador politico, conseguiu como ninguém transcender as fronteiras do seu próprio espaço e de seu tempo. Estreito condicionamento histórico, contraposto a sempre renovada atualidade, formam um dos muitos paradoxos daquele cuja obra viria a caracterizar-se pela contradição e ambivalência internas, e pela controvérsia provocada desde que veio o lume no decorrer da primeira parte do *Cinquecento*.

O mais alto funcionário, desde 1498, da Segunda Chancelaria de Florença, um dos dois órgãos máximos da administração republicana instaurada quatro anos antes, Maquiavel era o que chamaríamos burocrata de primeiro escalão. Seu titulo, *Secretário*, o que detém e manipula os segredos do Estado, bem traduz sua função e a medida do seu prestigio, que o tecnocrata de hoje ainda encontra na posse e no uso da centelha do Poder — a informação.

Dotado de inteligência lúcida e percuciente, apos perder aquelas funções executivas por força da queda, em 1512, do Governo republicano a que havia servido com tanto zelo, entusiasmo e imaginação, passaria a ser um dos raros autores a construir sua teoria politica a partir da combinação de experiência concreta no trato da coisa pública, com a observação aguda do processo politico. A essa *sperienza delle cose moderne*, como a chama na dedicatória do *Principe*, aliou, ainda, o estudo da história — *l'assidua lezione delle antiche*, para chegar ao "conhecimento das ações dos grandes homens", os novos paradigmas da atividade politica.

Reflete o *ethos* do Renascimento em três de suas caracteristicas essenciais: ao acentuar e mesmo exagerar o papel dos lideres, traduz o relevo particular que a época empresta ao individuo; ao preocupar-se com a *ação* inspira-se no espirito Renascentista voltado para o dinamismo, em contraste com o Medievo em que o imobilismo do espaço se sobrepunha ao ritmo do tempo; e ao retornar aos antigos, para sorver-lhes a sabedoria, enquadra-se na atitude que deu à Renascença o seu próprio nome, sobretudo a partir das interpretações de Michelet e Burckhardt: a redescoberta da antiguidade como mito do presente e programa para o futuro. Esse caráter exemplar da antiguidade decorria, para Maquiavel, da crença na constancia da natureza do homem e da admiração pelas virtudes da Roma Republicana que, por força de sua visão ciclica da história, esperava ver renascer.

Maquiavel interpreta, pois, o surgimento do novo respeito pela dignidade do homem, respeito esse que se transforma em muitos porta-vozes da época, entre os quais sobressai Giovanni Pico della Mirandola, em verdadeira idolatria pela figura do herói, como paradigma a seguir e mesmo imitar. Trata-se de postura pedagógica que resgata o culto da excelência do homem, submergido durante a Idade Média no simbolo de Adão, manchado pelo pecado, e o redime, pelo humanismo secular, nos *uomini grandi* ou *eccellenti* — principes ou *condottieri* em Maquiavel — como o serão mágicos, cavaleiros andantes ou intrépidos navegadores no *Fausto*, em *D. Quixote* ou nos *Lusiadas*.

"Depois da ruina dos ideais formativos da polis antiga — nas palavras de Merquior — o aparecimento do etos heróico no humanismo renascentista constituiu a primeira paidéia profana (mas nem por isso irreligiosa) do Ocidente, o primeiro modelo *antropocêntrico* de formação da personalidade do caráter".

A partir desta nova ética — e a necessidade de apontar para uma ética maquiavélica é mais um dos paradoxos daquele que é considerado a encarnação do amoralismo — Maquiavel retoma, e transforma em simbolo, o conceito de *virtù*, deusa pagã, a ela apenas se referindo em sua forma italiana e no singular, em contraste com o plural latino *virtutes*, da tradição cristã.

Para Maquiavel, a *virtù*, conceito poliédrico, é a "qualidade do homem que o capacita a realizar grandes obras e feitos", o "poder humano de efetuar mudanças e controlar eventos", o "prerequisito da liderança", a motivação interior, a força de vontade que induz os homens, individualmente ou em grupo, a enfrentar a *fortuna*, a deusa que forma o contrapeso da *virtù*. A *fortuna* é o acaso, o curso da história, o destino cego, o fatalismo, a necessidade natural.

Virtu e *fortuna* serão os dois pólos entre os quais se desenrola a ação politica. A ação inere ao cerne do pensamento de Maquiavel e o homem de ação será a ponte que intermediará *virtu* e *fortuna*. No inicio do jogo, metade das ações dos homens é determinada pela fortuna e metade pela *virtu*. Maquiavel se propõe a mudar esse equilibrio em favor da *virtu*. De fato ele se bate, especialmente no capitulo 25 do *Principe*, contra um fatalismo que se conformava com o comando do mundo pela Providência Divina ou pelo acaso. Em suas palavras, ele responde: "Entretanto, como nós temos um livro arbitrio, é necessário reconhecer que "la fortuna sia arbitra della metà delle azioni nostri" mas que ela nos deixa governar a outra metade, ou pouco menos.

Romper o equilibrio, sendo de preferência mais "audacioso do que prudente", e resistir à *fortuna*, à necessidade, é o programa maquiavélico. Para isto recomenda não deixar fugir a *occasione*, a cabeça de ponte entre *virtu* e *fortuna*. Falando da admiração com que devem ser encarados os grandes conquistadores ou fundadores de reinos, como Ciro, Rômulo ou Teseu, deixa bem claro o seu pensamento de quanto devem ao acaso e quanto à própria *virtu*. E a chave da fortuna se encontra na oportunidade. Diz ele: "...examinando as suas ações e sua vida ver-se-á que não devemos nada à fortuna, senão a oportunidade (occasione) que lhes forneceu a matéria que puderam moldar segundo a forma que lhes pareceu adequada; e sem esta oportunidade a virtude de seu espirito ter-se-ia desperdiçado e sem sua virtude a ocasião teria vindo em vão".

A natureza da articulação entre as exigências da realidade, de um lado, e a oportunidade que oferecem à ação do livre arbitrio, de outro, nos permitem vislumbrar o projeto maquiaveliano — evito, de propósito, o adjetivo *maquiavélico*, irremediavelmente distorcido por interpretação pejorativa. Trata-se, paradoxalmente ainda, de uma *utopia* de matriz milenarista, na medida em que aspira a uma sociedade perfeita — inspirada na virtuosa Roma Republicana transformada em mito paradigmático.

Mas seus conselhos aos Principes e Republicanos se situam ao nivel do que Weber chamaria de *ética da responsabilidade* e não de *ética da consciência*. Isto é da ética que analisa as ações não em função da hierarquia interna de valores, mas sim em vista das consequências, dos resultados previsiveis da ação, que procura condicionar, comandar e efetivar. E' uma ética essencialmente politica, da ação eficaz, que o coloca entre os fundadores da ciência politica, da categoricidade especifica desta. O que, também, lhe valeu a fama — exagerada, mas não inteiramente injusta — de ter propuganado a máxima, a que se refere no próprio *Principe*, de que os meios justificam os fins. Talvez lhe assente melhor a qualificação de complexidade moral, de um certo bifrontismo, como o querem alguns, do que de amoralismo irresponsável. Ou ainda, como o expressou comentador recente, Maquiavel seria o artifice da *moralização da necessidade*.

Essa ambiguidade, na medida em que se estende às formas de Governos, foi um dos enigmas do pensamento politico de Maquiavel que mais intrigou seus intérpretes e mais ampla controvérsia provocou. Uma análise dos caminhos e descaminhos da história da critica maquiaveliana viria a mostrar, através dos séculos, como Maquiavel é apresentado desde arauto implacável do duro poder dos principes, do uso cruel da força bruta, até defensor da liberdade do povo e sutil mestre de arte de resistir à opressão dos principes. Para apenas nos concentrarmos em dois pólos exemplares dessa controvérsia, que se prolonga aos nossos dias, poderiamos contrapor Bodin a Rousseau. Na opinião daquele, exposta nos *Seis Livros da República*, Maquiavel era "um corruptor do Estado" muito "em voga entre os bajuladores de tiranos" e para quem a "astúcia tiranica" era o centro da ciência politica e "a impiedade e a injustiça" os dois fundamentos da República. Já para Rousseau, "Maquiavel fingindo dar lições aos reis, as deu grandes aos povos". E conclui, no Livro Terceiro do *Contrato Social*: "O Principe de Maquiavel é o livro dos republicanos".

Uma parte da dificuldade em identificar a preferência intima de Maquiavel decorre de sua inclinação para sobrepor a descrição das coisas como são, à defesa do que eles deveriam ser. Tem-se atribuido essa tendência a vários fatores, entre os quais sua formação de diplomata, que antes observa e analisa, do que forma e age; sua filiação à longa tradição italiana de realismo politico e, finalmente, à prudência que o poderia levar à dissimulação em face da inconfortável posição em que se encontrava. Após ter perdido a parcela do poder que detivera, e sem conseguir reconquistá-la, tinha de lutar até mesmo para poder sobreviver com certa dignidade e conforto, em meio a ambiente envenenado por intrigas e desconfiança.

Quaisquer que sejam os motivos subjacentes, sua metodologia, de feição já marcadamente empirica, ele a expressa claramente, no capitulo XV do *Principe*: "Mas sendo minha intenção escrever algo útil para aqueles que o compreenderão, pareceu-me mais conveniente seguir a verdade efetiva da matéria — *veritá efetuale della cosa* — do que a sua imaginação; muitos imaginaram réplicas e principados que nunca foram vistos ou sabidos existir na realidade, porque como se vive é muito diferente do que como se deveria viver — *come si vive a come si dovrebbe vivere*. Aquele, pois, que "abandona o que se faz pelo que se deveria fazer, induzirá a própria ruina em vez de sua preservação".

Ou, como o resumiu Mazzeo: "Não é a intenção que valida um ato mas seu resultado".

Fator adicional para a compreensão do pensamento politico de Maquiavel decorre de sua profunda imersão na conjuntura politica da Itália da época — se é que se pode falar de *uma* Itália naquele tempo — dilacerada pela desunião, instabilidade e impotência. Encontrava-se a peninsula dividida, segundo o próprio testemunho de Maquiavel, no XI capitulo do *Principe*, sob o império de cinco principais centros de poder: o Papa, Veneza, o Rei de Nápoles, o Duque de Milão e os Florentinos. Deveriam os seus governos, segundo o Secretário florentino, ter duas preocupações principais: "A primeira, que nenhum estrangeiro entrasse na Itália por força das armas; a segunda, que nenhum deles estendesse seus dominios".

O temor de invasões estrangeiras e a manutenção do equilibrio de poder sobressaiam, pois, entre os objetivos de Maquiavel. E, justamente, viu-os ambos ameaçados, e mais do que isso anulados, de um lado, pela humilhação das invasões francesas, que tentou evitar por ocasião de múltiplas missões diplomáticas junto à corte da França, de outro, pelos esforços dos Papas para estender seus dominios, inclusive sobre a orgulhosa Florença, que pensou salvaguardar desses infortúnios, pela formação de milicia própria com cuja fidelidade a Cidade-Estado pudesse contar.

Tal como a interpretação do pensamento politico de Hegel seria inconcebivel, se não olhada contra o tenso pano de fundo estirado entre a admiração sincera da Revolução Francesa e a repulsa patriótica pela invasão napoleônica da Alemanha, decorrência, embora irônica, daquela, igualmente no caso de Maquiavel, é preciso ter em mente a sua percepção do novo fenômeno das nações-Estado, como a França, cuja unidade e autonomia conquistadas contra dispersão feudal e poder espiritual dos Papas, se encontravam em plena consolidação. E era o impacto dessas forças emergentes que a Itália, e a própria Florença, estavam sofrendo na própria carne ao transformar-se em objeto de sua cobiça e campo de batalha de lutas que travavam entre si e contra o Papado.

Este sentimento de frustração patriótica, a que se veio somar a de ordem pessoal, era para ele de tal monta, que, no famoso capitulo final do *Principe*, abandona sua habitual posição de observador frio e objetivo, e até mesmo tom irônico que tão bem o caracteriza, para assumir postura de exortação clamando para que um redentor, um principe novo desperte a *virtu* latente no espirito Italiano e, com armas próprias, a milicia do povo, se empenhe em guerra justa e necessária para resgatar a Itália das condições em que se encontrava: "Sem um chefe, sem ordem, batida, espoliada, dilacerada, invadida e suportando todos os infortúnios".

E ele, o maquiavélico e amoral, apela para uma "justa empresa, que vise a enobrecer a pátria, permitindo, assim, que se realizem as palavras do profeta patriótico por excelência, Petrarca: "Virtu contro al Furore/ Prenderà l'arme, e fia il combatter corto:/ Che l'antico valore/ Nelli italici non é ancor morto".

Não parece ocioso lembrar que essa exortação maquiavélica à luta, grito de esperança e suspiro de revolta, partiu de um dos pensadores mais lúcidos, percucientes e irônicos da Florença que se consolidava no século XV, "ao mesmo tempo como capital do equilibrio e do Renascimento italianos", condição que chegou ao apogeu nos tempos em que se formava o espirito de Maquiavel. Nasceu em 1469, ano em que Lorenzo de Medici, sucedendo a seu pai Piero, assumia a liderança de Florença, e a firmou na posição de centro "da balança de equilibrio entre os Estados Italianos e de guardiã da paz e da liberdade" italianas, posição que correspondia a seu primado econômico e intelectual.

E era esta condição de ascendência que Maquiavel via esboroar-se por falta de suficiente *virtu* de Florença, no exato momento em que a França, através da superioridade politica de compacta e eficiente monarquia, passeava pela Itália humilhando-a, na expedição de Carlos VIII, e sobretudo na mais que decenal invasão de Luiz XII, enquanto outra monarquia emergente, a Espanha, ocupava Nápoles, e o Papado, abandonando sua posição predominantemente espiritual, consolidava seu poder temporal na Itália central. Acresce que Milão, após 12 anos de sujeição à França, perdera praticamente toda sua autonomia nas mãos dos franceses, suiços e espanhóis. Por algum tempo Veneza parecia remanescer a única paladina do que restava da "liberdade da Itália", razão pela qual as instituições republicanas da "Serenissima" gozavam de impar reputação entre os contemporaneos, o que não a salvou de graves crises. E breve o "Sacro-Império Romano-Germanico", sob a nova liderança de Carlos V, viria a se juntar aos que de fora se disputavam a hegemonia italiana. Suas tropas que haviam invadido a Itália, após perderem, por duas vezes, o seu comandante, e deparar-se sem apoio financeiro, transformaram-se numa soldadesca informe que, em 1527, poucos meses antes da morte de Maquiavel, conduziram o infamante saque de Roma.

Não é pois de estranhar que, como Metternich três séculos mais tarde, Maquiavel tivesse uma obsessão pelo problema da estabilidade do Poder. Não se cansava em repetir os verbos *mantenere* e *durare*, e sua atenção se concentrou sobre as indicações de como ganhar o Poder, de como mantê-lo e por que se o perde. Foi o gramático do Poder, por excelência, e entre seus interesses, sobressaia o equilibrio politico.

Em linguagem moderna, poderiamos dizer que sua preocupação principal girava em torno da problemática da legitimação politica, entendida como uma obediência tranquila, consentida, que requeira um gasto minimo do estoque sempre limitado das moedas do poder: força, propaganda, feitos externos, desempenho econômico. E' verdade que, segundo famosa sentença do capitulo XVII, julga que o Principe estará muito mais seguro se "for temido do que amado". Mas, completando o seu pensamento, deixa claro que tal precedência só se impõe quando for indispensável abrir mão de uma ou de outra das opções. E aduz, não só nesse capitulo, mas em três passagens posteriores, que é preciso "fugir do ódio", que um dos "mais potentes remédios que tenha um principe contra uma conspiração é de não ser odiado ou desprezado" e ainda que *"la miglior fortezza che sia, è non essere odiato dal popolo"*.

E' esta quase obsessão com o equilibrio e a estabilidade que parece justificar sua preferência pela forma republicana de Governo, cujo paradigma para ele é a Roma Republicana, não como exercicio nostálgico *res gesta*, ou tentativa arqueológica de exumação de antiguidade politica, mas sim como *res gerenda*, programa de governo para o futuro. E é por isso que propõe ao Principe agir de modo radical, utilizando-se, inclusive, da crueldade do cirurgião ou da audácia do revolucionário, sempre que se imponha esforço de regeneração profunda, como única forma de contrarrestar processo já adiantado de desagregação politica e corrupção dos espiritos, como aquele que sentia arrastar a Itália e sua querida Florença.

É significativo que um dos mais severos analistas modernos de Maquiavel, e justamente um dos mais incisivos cultores contemporaneos da *filosofia politica*, Leo Strauss, concluiu o seu estudo sobre o pensamento politico do secretário florentino, afirmando que tanto o *Principe*, quanto os *Discursos sobre o Primeiro Reinado de Tito Livio*, em que discorre sobre as várias formas de Governo, são obras *republicanas*. Em linguagem de hoje, poderiamos dizer que o *Principe* expõe uma teoria da revolução, uma resposta a momentos de crise, e os *Discursos* uma teoria de Governo, de normalidade institucional politica. O que de certa maneira também encontra paralelismo na sua visão histórica ciclica para a qual todo crescimento se nutre de decadência. Enquanto uma sociedade se está decompondo, outra já está germinando em seu bojo.

É relevante destacar, como faz Strauss, que os elogios que Maquiavel estende nos *Discursos* à forma republicada de Governo, ele não os contradiz em qualquer elogio aos principados, tanto em um quanto em outro livro. O que poderia tornar ainda mais paradoxal a objetividade em que se propõe a dar lições tanto aos tiranos quanto às repúblicas. Embora esta ambiguidade dificilmente possa ser inteiramente eliminada por interpretações lineares de sua obra, poderá ser melhor compreendida se a encararmos do ponto-de-vista de sua opção de ater-se à "verita effetuale della cosa" postura que abriu o caminho para "uma nova ciência", tal como Galileu o fez; como bem observou Cassirer, em relação à moderna ciência da natureza. Estava convicto de que o conhecimento verdadeiro de como agem os homens, de em que medida são condicionados pela necessidade, de como funciona o processo politico — e há que recordar-se de que a Itália da época constituia-se em excepcional laboratório politico — é mais importante para o bem comum do que seria uma posição a favor de uma ou outra forma de Governo. Acresce que Maquiavel sabia que argumentos ponderáveis sempre podiam ser aduzidos com credibilidade a favor de um ou outro modelo, de maneira geral, com mais razão ainda se levadas na devida conta as mudanças a que estava sujeito o meio-ambiente, em que o Poder haveria de ser exercido concretamente, a necessária adequação da ação e da forma politicas à "qualitas dei tempi".

Nota-se, portanto, que para Maquiavel não havia um bem, por maior que fosse, que pudesse ser avaliado como um bem sem restrições. Em politica, considerações de grau, de percepção do momento, de aproveitamento da oportunidade ou de detecção do perigo, sobrelevam a julgamentos sobre a intenção interior ou a pureza formal das ações concretas. A politica não é o dominio do "queremos isto ou nada". Muito menos podem as explicações sobre o processo politico ser reduzidas à fórmula do tipo "no fundo isto não é mais nada do que o resultado de" um fator mágico, de um bode expiatório, de uma conspiração sorrateira, nem mesmo do ideal desencarnado da realidade.

E se para ele não há um bem absoluto, em contrapartida, também o mal não é sempre um mal incontrastado. Como bem o disse, recentemente, o eminente critico português Jorge Sena, Maquiavel foi "o primeiro a declarar que o bem e o mal não têm sentido na vida sociopolitica, se forem abstratamente dissociados, foi o primeiro a denunciar que a pureza de intenções é capaz de todos os crimes, exatamente como as intenções mais invias são capazes dos mais nobres atos; o primeiro em suma, a apontar que são a reflexão e a experiência das ações humanas que possibilitam *ultrapassar a antinomia entre o pensamento e a ação*, sintetizando na *transformação da realidade* politica, a noção de que o mal é apenas o bem que não soube, ou não quis, cumprir as suas promessas".

Maquiavel, portanto, foge de uma taxonomia maniqueista e empresta prioridade ao conhecimento da verdade efetiva dos fenômenos politicos, sejam bons ou sejam maus. Para ele, é o conhecimento do mundo que distingue os homens excelentes e lhes confere capacidade de apoderar-se da oportunidade permanecendo imunes às surpresas do acaso. Isto corresponde ao alto apreço em que tem como já indicamos anteriormente, a informação e a sabedoria.

Assim é que inicia o capitulo XXII do *Principe*, afirmando que "não é de pouca importancia a um principe a escolha de seus ministros, os quais são bons ou maus segundo a prudência — a sabedoria — do principe. A primeira conjectura que se faz de um governante e de seu cérebro, é de ver os homens que tem em seu redor; e quando são competentes e leais, pode-se sempre considerá-lo sábio, porque ele soube reconhecer sua competência e mantê-los fiéis. Mas quando não são, pode-se sempre fazer um julgamento desfavorável, porque o primeiro erro que faz é em fazer tal escolha".

No capitulo seguinte, retorna ao ponto quando, invocando a necessidade de afastar os aduladores, aconselha que a única maneira de o Principe deles se resguardar é "deixar claro aos homens que não o ofendem por dizer a verdade". Mas, como isto pode levar à irreverência, julga mais prudente que o Principe só escolha para seu conselho "homens sábios dando só a estes a plena liberdade de lhe falar a verdade, quando perguntados... O Principe "precisa perguntá-los a respeito de todas as coisas e ouvir-lhes a opinião como *"paziente auditore del vero"* para depois decidir por si e a seu modo". Reconhece, pois primeiro, a importancia da verdade para informar adequadamente a deliberação. Mas isto não basta. A decisão lastreia-se na informação, mas brota da sabedoria.

E' por isso, que não condena a força quando necessaria, sempre que as leis, a maneira própria aos homens de governar, não bastarem. Mas mesmo quando for necessário usar a forma de os animais lutarem — a força — prefere a astúcia da raposa à violência do leão. Estabelece, portanto, uma gradação nos meios a serem usados, que dependem da gravidade da situação e da possibilidade de os meios atingirem os fins colimados. De certa maneira, estabelece um critério de legitimidade, em sua dimensão especificamente politica, pois prega uma economia, uma minimização no uso dos instrumentos do poder e uma maximização da eficácia, dos resultados.

Esta procura de novo fundamento secular de legitimidade, no ambiente politico já inteiramente dessacralizado, da Itália conturbada, para quem o problema era essencial, o conduz a ser um dos pioneiros da teoria politica da liderança, decisiva e eficaz, não só personificada em individuos, mas também em corpos sociais — milicias populares imbuidas de *virtu*, por exemplo — o que o torna, paralelamente, precursor das modernas teorias das elites. O que justifica o cognome de "Maquiavelianos" que James Burnham atribuiu ao grupo de cientistas politicos que, no fim do século XIX e no inicio do atual, formaram a escola elitista, tais como Mosca, Sorel, Michels e Pareto. O que é mais surpreendente, mas talvez não fora de propósito à vista do que procuramos apenas esboçar acima, é que Burnham, no subtitulo do livro que lhes dedicou, também os chamou de "os defensores da liberdade".

De fato, a preferência de Maquiavel pela forma republicana, pelo "governo largo" — pela democracia, como diriamos hoje — já parece aceita não por um consenso — que para um semeador de controvérsias seria impossivel — mas por respeitável tradição de criticos, pensadores e filósofos politicos de primeira categoria. Esta preferência, entretanto, não se traduz em julgamentos simplistas, apressados ou univocos, mas sim pela mostração dos fatos — ele deixa os fatos falarem. Expõe a complexidade do homem, da sociedade e da natureza e se conforma a tolerar um processo politico misto, contraditório, multifacetado, diria Weber.

E' assim que desenvolve uma teoria da liderança individual e da atuação coesa das elites, mas, despregando-se da tradição da filosofia politica de até então, não exalta o papel decisivo das lideranças, à custa de desprezo pela multidão, pelo povo. Muito ao contrário atribui a este potencial de prudência e sabedoria superior ao dos principes. Tanto nos *Discursos*, quanto no *Principe*, assim como em outras obras suas, ressalta a importancia fundamental do consentimento e apoio populares para o êxito de qualquer politica.

"Ad un principe é necessario avere il populo amico, altrimenti non ha nella aversita rimedio... e intra tutte le cose de che un principe si debba guaridare è l'essere disprezzato e odioso". Estas passagens e as outras já anteriormente mencionadas do *Principe*, a menos republicana de suas duas obras politicas principais, mostram bem que Maquiavel pode e deve ser considerado como precursor da tradição democrática moderna.

Elitista e democrata; teórico empirico da força e amigo das leis; republicano e mestre dos principes; determinista que se sobra à *fortuna*, mas defensor do livre arbitrio incorporado à *virtù*; doutrinador da liderança, para quem o consentimento das massas é a melhor garantia de estabilidade para qualquer regime; espectador objetivo do processo politico, mas patriota apaixonado que aspira redimir de sua desfortuna a Itália escrava e vituperada, Maquiavel não se deixa aprisionar em nenhuma camisa de força capaz de descrevê-lo com precisão, coerência ou nitidez.-

Não obstante, e provavelmente por isto mesmo, constitui marco inestimável na trajetória da ciência politica universal. Ensinou-nos a observar com mais clareza a realidade, a enxergar o essencial atrás de meras aparências, a reconhecer que politica é, antes de tudo, exercicio de escolha. Exortou-nos a não abandonar a esperança nos momentos de crise e de nunca deixar de testar nossas convicções pré-concebidas. Construiu ponte moderna entre pensamento e ação.

Lucidez irônica, observação analitica, vigor patriótico e coragem de duvidar convergem na lição que Maquiavel nos legou como herança indelével: a ação politica para ser eficaz e responsavel exige informação correta, diagnóstico oportuno, avaliação adequada dos resultados previsiveis, capacidade de decisão e, sobretudo, sabedoria.

"Não é de pouca importância a um príncipe a escolha dos seus ministros, os quais são bons ou maus segundo a prudência – a sabedoria – do príncipe. A primeira conjectura que se faz de um governante e de seu cérebro, é de ver os homens que tem em seu redor" (Maquiavel)

JORNAL DO BRASIL · Não pode ser vendida separadamente — Ano 3 — Nº 126

Revista do Domingo

EXPOSIÇÃO DE FLORES ANUNCIA A PRIMAVERA

RIO 17-9-78 • ANO 3 — Nº 126
Revista de Domingo
JORNAL DO BRASIL

CAPA
Fotos Keystone e Geraldo Viola

AGGS INDÚSTRIAS GRÁFICAS S.A. RIO - RUA LUÍS CÂMARA, 135 - TEL. 270-6272

DOIS PONTOS

A FÉERIE DE OFFENBACH NO MUNICIPAL

A temporada operística deste ano, no Municipal, rompeu tabus, abriu novas perspectivas. Rompeu, também, o teto do preço dos ingressos; e atiçou um vespeiro de críticas ao preterir, supostamente, o elemento nacional em favor do estrangeiro. Mas nem tudo pode ser perfeito, já constatava a raposa do Pequeno Príncipe. *E embora haja sempre um lugar para a crítica, deve-se colocar em absoluto primeiro plano o esforço resultante da tentativa de mostrar ao Rio, pela primeira vez em muitos e muitos anos, o que é uma ópera bem levada.*

Há certos terrenos onde não é errado nem imprudente tentar de início o melhor — porque só o melhor pode criar o padrão pelo qual todo o resto deve ser julgado.

Criticou-se muito o abandono da "prata da casa". Mas foi justamente o vento de renovação que passou pela Divisão de Ópera do Teatro Municipal que permitiu que se fizesse justiça a duas gratíssimas presenças nacionais: a da soprano Leila Martins e, sobretudo, a do barítono Nelson Portella, um Iago *à altura de qualquer palco do mundo.*

Só quem acompanhou os anos cinzentos da nossa ópera pode dar o devido valor a uma temporada como a de 78, e relevar os seus percalços, de que o menor não terá sido o preço dos ingressos.

Nada mais justo e necessário que dar vez ao fator nacional. A miopia nacionalista, entretanto, comete às vezes atentados à própria cultura nacional, ao deslocar os valores do seu terreno próprio. Esses mesmos argentinos que agora fazem escola lembram-se do triste período em que o jacobinismo peronista isolou a Argentina do mundo e estiolou a sua vida cultural.

Um ar de decadência melancólica pairava, igualmente, sobre a ópera brasileira anterior à Reforma. A pobreza dos recursos cênicos repetia, invariavelmente, as óperas de que já havia cenários prontos. Os Rigolettos *e* Traviatas *multiplicavam-se ao infinito. Os intérpretes davam, sem dúvida, o melhor de si; mas as boas intenções, muitas vezes, não bastam. À falta de grandes personalidades, o trágico escorrega para o sórdido, quando não para o cômico; a sangueira do* Rigoletto *cheirava a açougue; os cenários oscilavam; as cenas de baile pareciam preparadas para um programa de televisão do interior; um sofá de palhinha desabou, certa vez, ao peso de uma tísica inexplicavelmente corpulenta. . .*

Tudo isto seja dito não para desmerecer o esforço dos que lutavam contra a adversidade; mas para desarmar alguns punhais que andam soltos pelo ar. Critique-se à vontade; mas reconheça-se que há um sopro de vida na Divisão de Ópera do Municipal. Depois da majestade cênica de Turandot, *da* Tosca *que dispôs de uma grande estrela, do drama incomparável do* Otello, *chegamos ao alegre can-can de Offenbach.*

La Perichole, *a ser apresentada pela primeira vez na América Latina, obra do judeu alemão que se transformou num dos músicos franceses* par excellence, *representante da alegria de viver — verdadeira ou falsa — do Segundo Império francês, é, na expressão de Oscar Figueroa, a mais refinada expressão da música ligeira, contando a história de uma índia peruana por quem o Vice-Rei de Lima se apaixona, tornando-a sua preferida. Como se vê, uma outra versão de Xica da Silva.*

Bom proveito.

Luiz Paulo Horta

CARTAS

AMIGA DE TERESÓPOLIS

● Tenho a honra de, através do presente, dirigir-me a Vossa Senhoria no sentido de apresentar, em meu nome e no do Departamento de Expansão Econômica da Prefeitura Municipal de Teresópolis, os mais reconhecidos agradecimentos pela reportagem publicada no n.º 122 da **Revista do Domingo** do JORNAL DO BRASIL.

Outrossim, transmitindo, certo estou, o pensamento de quantos tiveram a alegria de tomar conhecimento, através do magnífico trabalho tão bem elaborado pelos competentes integrantes da equipe fotográfica e de reportagens desse conceituado órgão que honra, sobremaneira, nossa imprensa, agradeço em especial a justa e merecida homenagem à extraordinária figura da Sra Erna Nathan, grande amiga de Teresópolis, com relevantes serviços prestados à nossa comunidade, notadamente no setor turístico.

Colocando-me à inteira disposição e renovando agradecimentos, sirvo-me do ensejo para apresentar meus protestos da mais alta estima e distinta consideração. **Luiz Carregal — Diretor do Dep. de Exp. Econômica — Teresópolis (RJ).**

IRMÃ A IRMÃO

● Há mais de 14 anos que não tenho notícias de meu irmão Francisco Carrilho de Souza. Moro em Ipaporanga, Município de Nova Russas, Ceará, e estando no Rio gostaria de o encontrar. A última vez que tive notícias dele, morava em Botafogo, mas nem sei o endereço. Meu pai, Manuel Carrilho de Souza, morreu há dois anos. Meus irmãos Oswaldo, Otávio, José Expedito e outros já são falecidos. Meu endereço: Rua Leopoldo Miguez, 99, ap. 102, Copacabana, CEP 22 060. **Oneide Carrilho de Souza — Rio de Janeiro.**

SERVIÇO POSTAL

● Cumpridas todas as novas recomendações da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, lícito seria esperar-se uma sensível melhoria do serviço postal. Tal não ocorre. Comprei o **Guia Postal Brasileiro**, munime do envelope padronizado e preenchi tudo devidamente, ao remeter uma carta para a Rua Lago Verde (CEP 21 051), no Rio de Janeiro. A carta, passados já sete dias, não chegou até hoje nem foi devolvida. Por que exigir-se tanto dos usuários, que continuam mal atendidos? **Rinaldo M. Rocha — Rio de Janeiro.**

CARTAS

À TELERJ

● Desde maio que o nosso telefone funciona de maneira irregular, passando dias mudos e outros falando, sendo que, de 29/07, à tarde, até hoje, 15/08, ele permanece em absoluto silêncio. Depois de várias reclamações inúteis, ontem, 14/08, nos informaram que o telefone estava funcionando. Eu só lhe peço que, pelo menos, quando a conta chegar venha nos cobrando pelo tempo de uso, descontando o tempo em que ele serviu de objeto de decoração. Nosso telefone é 286-5879. **Zélia Laires — Rio de Janeiro.**

MANDRIX

● Não regateamos os mais efusivos aplausos ao Ministro da Saúde, ao vê-lo, recentemente, pela televisão, queimar milhares de comprimidos do medicamento Mandrix, do laboratório farmacêutico Silva Araújo Roussel. No dia 14 de agosto, ouvimos pelo rádio, e com grande satisfação, que o Ministro da Saúde cogita de dar o mesmo fim a seis outros medicamentos, cujos nomes e fabricantes não foram revelados.

Tal procedimento do atual detentor da Pasta da Saúde nos leva a crer que, muito em breve, presente a magnífico espetáculo pirotécnico, o Ministro incinerará dezenas e dezenas de medicamentos ineficazes e muitos outros fraudados, denunciados pela Associação Médica do Estado do Rio de Janeiro. Esses medicamentos, desde novembro de 1976, foram denunciados nas listas de medicamentos não recomendáveis e não mais consumidos nos países estrangeiros onde são fabricados e de onde são para nós exportados.

Essas denúncias da AMERJ têm sido baseadas em fontes da mais alta qualificação científica, entre as quais a Associação Médica Americana e a Food and Drug Administration (Administração de Alimentos e Drogas dos Estados Unidos). Que seja acesa, com urgência, a grande fogueira para mais ampla e eficaz proteção do povo brasileiro, que se automedica e, mais uma vez, não regatearemos nossos aplausos ao Ministro da Saúde. **Mário Victor de Assis Pacheco, secretário-geral da AMERJ — Rio de Janeiro.**

CÃO PERIGOSO

● Sábado, 26 de agosto, meu filho, inadvertidamente, mexeu com um cachorro na rua e levou uma mordida que o feriu bastante. Se eu o tivesse levado a um pronto-socorro, garanto que teria levado de três a quatro pontos, mas, como tenho certa prática em curativos, estou fazendo-os em casa e, felizmente, tudo está correndo bem. O motivo desta é para relatar o modo como fui tratada quando fui à residência da dona do cachorro para saber sobre o animal, pois o garoto não tomou injeção anti-rábica.

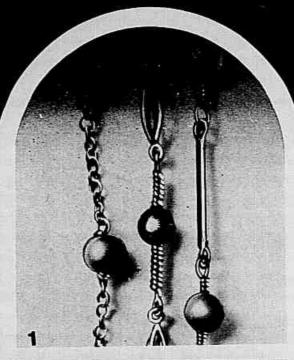
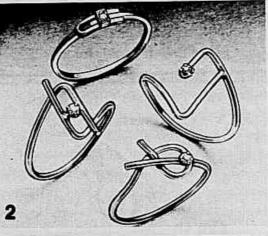
Fui tratada pela dona como se eu tivesse feito algum mal ao cão. A moça me atendeu pelo visor da porta e só abriu depois de eu insistir. Foi bem ríspida, praticamente me deixou falando sozinha e saiu para passear com seu enorme cachorro, que, realmente, é uma fera. Praticamente, ela pôs toda a culpa do acontecido em meu filho. Concordo que ele não devia ter mexido no cachorro, mas também acho que um cão brabo não devia ser levado a passear sem uma focinheira. Imaginem se, em vez de ter sido um garoto de 13 anos, isso tivesse acontecido com uma criança de quatro ou cinco anos. Pelos ferimentos que o cão provocou numa criança grande, numa pequena poderia arrancar o dedo. **Lucrécia Câmara Agondi — Rio de Janeiro.**

PLANO DE EXPANSÃO

● Agradeceria sua gentileza em publicar matéria que esclarecesse a posição atual do comprador do Plano de Expansão, anterior aos novos planos feitos diretamente nas agências bancárias pois, em matérias publicadas neste Jornal e, mais recentemente, quando da inauguração da nova sede da Telebrasil, todo o realce está sendo dado ao novo tipo de contrato, inclusive com ênfase de "entrega após o pagamento da 1ª parcela, etc."

Se essa informação está correta, os que adquiriram o Plano de Expansão de 1977 e já com um ano de pagamentos feitos não receberam esclarecimentos suficientes de como ficariam na distribuição desses telefones que, pelo entendimento normal, devem ter prioridade sobre os planos recentemente lançados. **Maria Luisa Pessoa Monteiro — Rio de Janeiro.**

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.

A Revista do Domingo figura no IVC através do Jornal do Brasil. Consulte as "Notas Explanatórias".

Henfil do alto da caatinga

ZEFERINO

NHOQUI! NHOQUI!

UMA ONDA DE BOATOS TÁ ASSOLANDO O SULMARAVILHA!

PERMITA-ME GRAUNA, INSTRUÍ-LA NA PSICOLOGIA DO BOATO...
UM BOATO SÓ PEGA QUANDO HÁ UMA SÚBITA REVERSÃO DA EXPECTATIVA NACIONAL!
HUM...
Ô REGIME BOM!
ÊPA!
ÊPA!
ÊPA!
ÊPA!

Apresentada pela primeira vez na América Latina, La Périchole, de Offenbach, uma das mais famosas operetas do repertório francês, será levada à cena no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Com La Périchole *o compositor alemão que viveu e trabalhou em Paris satiriza a sociedade do seu tempo, transferindo para o Peru personagens importantes da França do século XIX, sem poupar críticas mordazes até mesmo ao seu maior protetor, Napoleão III. Conhecedor profundo da obra de Offenbach, o maestro Oscar Figueroa é o responsável pela apresentação desse espetáculo entre nós. Enquanto ele fala do autor e de sua criação, o cenógrafo e figurinista Hugo de Ana conta como a opereta de Offenbach aparecerá no palco do Municipal, a partir da segunda quinzena de setembro*

LA PÉRICHOLE

A música de Offenbach no Municipal

Este cenário de Hugo de Ana, representando um teatro do século XIX, será montado no palco do Municipal. Nos figurinos, o bom gosto de um estilo que combina a fantasia do can-can com a austeridade do período colonial no Peru

Míriam Alencar
Fotos de Evandro Teixeira

Pompa e circunstância é a comparação aproximada que se pode fazer da apresentação de *La Périchole*, de Jacques Offenbach, dentro da temporada lírica deste ano, no Teatro Municipal. Pompa, pelos cuidados que o trabalho vem recebendo por parte da equipe artística, visando não só manter o alto nível que marcou a temporada desde o seu início, mas por aperfeiçoá-lo ainda mais. Circunstância, por ser uma das raras oportunidades de o público conhecer a obra de Offenbach, considerado o pai de toda a obra cômica moderna no setor operístico.

A idéia de apresentar *La Périchole* no Rio foi do maestro Oscar Figueroa, um dos maiores conhecedores da obra do compositor alemão e também o responsável pela apresentação de *La Vie Parisienne* em Buenos Aires.

— Há dois anos fizemos no Teatro Colon, de Buenos Aires, a montagem de *La Vie Parisienne*, de Offenbach, que desde o século passado não era apresentada na Argentina. O sucesso foi enorme: demos 56 récitas. Diante disso, pensei em mostrar no Municipal do Rio de Janeiro *La Périchole*, uma das mais importantes obras desse autor, jamais apresentada na América Latina.

— Meu interesse por Offenbach deriva de muitos motivos — explica o maestro Figueroa. — Judeu alemão que se converteu num músico francês por excelência, representante da alegria de viver do II Império francês, ele soube captar como ninguém a sociedade daquele período. Offenbach rompeu todas as regras da ópera cômica, que ele considerava acadêmicas, e introduziu nela todos os ritmos, como os bailes populares. Foi um trabalho revolucionário. É, na minha opinião, a mais refinada expressão da música ligeira.

Segundo o maestro Oscar Figueroa, a ópera cômica de Offenbach antecedeu todos os musicais modernos de sucesso, especialmente nos Estados Unidos. Por outro, como homem de teatro, ele foi um inconformista:

— Em vez de cultivar a opereta sentimental, fez uma tremenda crítica da sociedade de seu tempo, ridicularizando os mais importantes personagens que o cercavam e até seus protetores, como Napoleão III. Ele fez a crítica de costumes mais picante e refinada, da forma mais efetiva: com um sorriso. Curiosamente, com exceção da Alemanha e da França, o teatro de Offenbach foi esquecido.

Na década de 50 o Metropolitan Opera House, de Nova Iorque, sob a direção de Rudolph Bing, apresentou *La Périchole*, que está até agora em seu repertório. Mas Offenbach foi proibido na Alemanha, durante o nazismo, não só por ser judeu como pelas críticas que suas obras encerravam.

— Sob vários pontos-de-vista, inclusive harmônicos, orquestral e rítmicos, ele foi o mais imaginativo autor da música ligeira. Do ponto-de-vista teatral, teve os mais importantes colaboradores, como Meilhac e Harlévy, dois importantes precursores do teatro de *boulevard*.

A ópera-bufa *La Périchole* se passa no Peru e basicamente conta a história de uma mulher do povo, índia, por quem o Vice-Rei de Lima se apaixona e a transforma em sua preferida. Segundo o maestro Oscar Figueroa, a *Périchole* existiu realmente, vivendo no final do século XVIII: Na criação da ópera para o Municipal, o maestro Figueroa preferiu reunir as duas épocas no espetáculos: a corte espanhola-peruana e a corte do II Império francês, século XIX.

— A história, como ópera-bufa, é uma farsa e tem muitas li-

Apresentada pela primeira vez na América Latina, La Périchole, de Offenbach, uma das mais famosas operetas do repertório francês, será levada à cena no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Com La Périchole *o compositor alemão que viveu e trabalhou em Paris satiriza a sociedade do seu tempo, transferindo para o Peru personagens importantes da França do século XIX, sem poupar críticas mordazes até mesmo ao seu maior protetor, Napoleão III. Conhecedor profundo da obra de Offenbach, o maestro Oscar Figueroa é o responsável pela apresentação desse espetáculo entre nós. Enquanto ele fala do autor e de sua criação, o cenógrafo e figurinista Hugo de Ana conta como a opereta de Offenbach aparecerá no palco do Municipal, a partir da segunda quinzena de setembro*

LA PÉRICHOLE

A música de Offenbach no Municipal

Este cenário de Hugo de Ana, representando um teatro do século XIX, será montado no palco do Municipal. Nos figurinos, o bom gosto de um estilo que combina a fantasia do can-can com a austeridade do período colonial no Peru

Míriam Alencar
Fotos de Evandro Teixeira

Pompa e circunstância é a comparação aproximada que se pode fazer da apresentação de *La Périchole,* de Jacques Offenbach, dentro da temporada lírica deste ano, no Teatro Municipal. Pompa, pelos cuidados que o trabalho vem recebendo por parte da equipe artística, visando não só manter o alto nível que marcou a temporada desde o seu início, mas por aperfeiçoá-lo ainda mais. Circunstância, por ser uma das raras oportunidades de o público conhecer a obra de Offenbach, considerado o pai de toda a obra cômica moderna no setor operístico.

A idéia de apresentar *La Périchole* no Rio foi do maestro Oscar Figueroa, um dos maiores conhecedores da obra do compositor alemão e também o responsável pela apresentação de *La Vie Parisienne* em Buenos Aires.

— Há dois anos fizemos no Teatro Colon, de Buenos Aires, a montagem de *La Vie Parisienne,* de Offenbach, que desde o século passado não era apresentada na Argentina. O sucesso foi enorme: demos 56 récitas. Diante disso, pensei em mostrar no Municipal do Rio de Janeiro *La Périchole*, uma das mais importantes obras desse autor, jamais apresentada na América Latina.

— Meu interesse por Offenbach deriva de muitos motivos — explica o maestro Figueroa. — Judeu alemão que se converteu num músico francês por excelência, representante da alegria de viver do II Império francês, ele soube captar como ninguém a sociedade daquele período. Offenbach rompeu todas as regras da ópera cômica, que ele considerava acadêmicas, e introduziu nela todos os ritmos, como os bailes populares. Foi um trabalho revolucionário. É, na minha opinião, a mais refinada expressão da música ligeira.

Segundo o maestro Oscar Figueroa, a ópera cômica de Offenbach antecedeu todos os musicais modernos de sucesso, especialmente nos Estados Unidos. Por outro, como homem de teatro, ele foi um inconformista:

— Em vez de cultivar a opereta sentimental, fez uma tremenda crítica da sociedade de seu tempo, ridicularizando os mais importantes personagens que o cercavam e até seus protetores, como Napoleão III. Ele fez a crítica de costumes mais picante e refinada, da forma mais efetiva: com um sorriso. Curiosamente, com exceção da Alemanha e da França, o teatro de Offenbach foi esquecido.

Na década de 50 o Metropolitan Opera House, de Nova Iorque, sob a direção de Rudolph Bing, apresentou *La Périchole*, que está até agora em seu repertório. Mas Offenbach foi proibido na Alemanha, durante o nazismo, não só por ser judeu como pelas críticas que suas obras encerravam.

— Sob vários pontos-de-vista, inclusive harmônicos, orquestral e rítmicos, ele foi o mais imaginativo autor da música ligeira. Do ponto-de-vista teatral, teve os mais importantes colaboradores, como Meilhac e Harlévy, dois importantes precursores do teatro de *boulevard*.

A ópera-bufa *La Périchole* se passa no Peru e basicamente conta a história de uma mulher do povo, índia, por quem o Vice-Rei de Lima se apaixona e a transforma em sua preferida. Segundo o maestro Oscar Figueroa, a *Périchole* existiu realmente, vivendo no final do século XVIII: Na criação da ópera para o Municipal, o maestro Figueroa preferiu reunir as duas épocas no espetáculos: a corte espanhola-peruana e a corte do II Império francês, século XIX.

— A história, como ópera-bufa, é uma farsa e tem muitas li-

▷

gações entre os personagens das duas cortes, embora as épocas sejam diferentes. O trabalho de Offenbach satiriza ambas. Musicalmente, toda a época de Offenbach está presente, inclusive o *Can-Can*. Os figurinos serão da corte espanhola, mas obedecendo um corte do período francês. E nos cenários, um pequeno teatro será montado dentro do palco do Municipal.

La Périchole tem várias peculiaridades. Como opereta, o coro tem que dançar e os cantores são obrigados a dialogar. As partes faladas foram reduzidas pelo maestro Figueroa para não cansar o público, pois, no original, o espetáculo teria a duração de quatro horas. Por isso, desde junho do ano passado o maestro vem trabalhando nela.

Para vivier a Périchole foi convidada Regine Crespin "a maior soprano francesa dos últimos 30 anos", que não pôde aceitar por sérios problemas de saúde. Ela própria indicou Jean Rhodes como "a única capaz de fazer a melhor Périchole". Ao lado de Jean Rhodes estarão Renato Cesari, do elenco do Teatro La Scala e "o nome mais famoso da ópera-bufa"; Dante Ranieri, que fez *La Vie Parisienne* em Buenos Aires; e Nino Falsetti "um dos melhores cantores cômicos do repertório francês." Os demais componentes do elenco serão brasileiros, como sempre acontece, e entre eles estão Alexandre Trick, Geraldo Chagas e Ruth Starke, "algumas de nossas melhores vozes". Como *La Périchole* é uma ópera falada e cantada em francês, a idéia é, no futuro, fazer uma apresentação em português. A versão já está sendo preparada pelo maestro Figueroa e o espetáculo poderá ser em 1979.

Discrição e bom gosto são características que marcam o trabalho de Hugo de Ana, cenógrafo e figurinista de *La Périchole*. Depois de *Turandot* e *Tosca*, que se baseavam "numa criação realística e exata", ele procura criar um clima de época com *La Périchole*.

— É difícil partir para ambientação desse tipo — diz Hugo de Ana — pois temos que misturar diversos elementos, como ambientes com características coloniais peruanas, o próprio barroco, estilizados e transportados para um critério não só decorativo mas também dramático. É difícil encontrar cor própria da opereta de Offenbach. Estamos acostumados a ver operetas em cores claras. Mas isso não coincide com a obra de Offenbach: são escuros, mas com matizes ricos. Eu tento estabelecer, com os figurinos, a diferença entre o conceito da opereta tradicional e a opereta de Offenbach, da ópera-bufa.

Sempre evitando os brilhos excessivos, como os do cetim, que aparecem recobertos por rendas, ou os *lamés*, usados pelo avesso, Hugo de Ana cria os trajes especialmente a partir do refinamento que poderão oferecer aos personagens e ao conjunto.

— A idéia é destacar não a presença de um personagem pela cor

Nos figurinos, Hugo de Ana procurou a fusão de estilos e formas de várias épocas e empregou tecidos nobres, como veludo, cetim e rendas. O lamé é usado pelo avesso, em cores fosco e pastel, para evitar o brilho forte

brilhante, mas pela dramaticidade. Na roupa, a união de estilos. Procuro ser cuidadoso e penso como os franceses veriam um lugar remoto como o Peru, naquele período. E a fusão de estilos e formas que não pertencem a um período determinado mas a vários, que se ligam sobretudo para destacar as características de cada um dos personagens.

No 1º ato, várias tonalidades de verde. No 2º ato, o vermelho em vários matizes, suavizados, predominarão.

— No 1º ato, a Périchole estará de preto, característica de um traje popular peruano. A parte interna, a anágua será como a do *Can-Can*, com babados, pois ela dança. No 2º ato, o choque da cor estará sobre o personagem do Vice-Rei e de Piquillo, o amor da Périchole, que deverão estar integrados com a corte e com a importância do poder que exercem. Os tecidos serão especialmente veludos, cetim e rendas. Mas eu faço a superposição de material para conseguir diferentes tons de cor. Por exemplo: o *lamé* dourado é recoberto com renda preta e azul, em trajes da Périchole, que provocam efeito diverso e cortam o brilho forte. Nunca uso o *lamé* pelo direito, mas pelo reverso, mais fosco e pastel. Fica mais nobre, rico, evitando o vulgar. O brilho deve ser usado, quando necessário, mas com cuidado.

Para *La Périchole*, Hugo de Ana criou um total de 40 figurinos para 150 trajes, pois muitos se repetem no coro. Périchole usará quatro diferentes trajes. Trabalhando há seis meses nos figurinos, há três Hugo preparou os esboços e maquetas dos cenários.

— O teatro que funcionará dentro do palco do Municipal terá um sabor um pouco decadente, de acordo com o período de Offenbach. As cortinas estarão presentes em todos os atos, porque marcam esse espírito francês. As cores serão trabalhadas sobre os marrons e as sépias, buscando uma imagem da segunda metade do século XIX: O destaque maior será dado pelos espelhos colocados em diagonal sobre o cenário para dar profundidade e amplidão de perspectiva visual. O piso será uma espécie de madeira brilhante e esse efeito será conseguido com um verniz especial.

Aos 29 anos de idade, com 45 espetáculos em seu currículo, entre óperas e teatro, já tendo trabalhado em quase toda a América Latina, professor de cenografia na Universidade Nacional de La Plata, ex-diretor técnico do Teatro Colon e atual assessor técnico da Secretaria de Cultura de Buenos Aires, Hugo de Ana consegue trabalhar em vários espetáculos ao mesmo tempo. É a experiência acumulada em 11 anos. Para atingir a perfeição, ele acredita que deve haver uma simbiose do criador (cenógrafo e figurinista) com o autor. Mas ele se recusa a ser uma estrela:

— Zeffirelli é uma estrela. Extraordinário. Mas eu não quero ser estrela. Acho que o importante é o bom gosto, função do espetáculo. ●

A MO
PRON
PARA
O HOMEM
FORMAL

Iesa Rodrigues
Fotos de Christiana Baptista

Acabaram-se as desculpas para o desprezo masculino em relação ao terno. Muitos homens consideram o paletó como roupa de trabalho, acompanhado pela torturante gravata, apertando o pescoço. Fora do horário comercial, arrancam gravatas, carregam paletós no braço, abrem colarinhos. Esta desculpa não tem mais vez. Em primeiro lugar, pela exigência fútil da moda, que atinge também a área masculina: agora é atual a vestimenta mais formal. Um bom terno veste muito melhor, mesmo para uma saída noturna, para um jantar ou festa, do que as terríveis camisas de *voile* estampado, com calças justas e correntes de prata e ouro aparecendo no peito. Outra razão para fazer esta troca de roupas é a adaptação dos tecidos para o nosso clima. Algodões crus, *shantungs* de seda, com toque gelado, tramas largas e até um tecido inventado especialmente para a roupa masculina, o Celsius 22, que garante a sensação de permanente temperatura amena, em clima tropical.

Além da moda, outra boa razão para o uso da roupa formal: uma mudança no estilo de vida. O Rio, principal centro divulgador de moda do país (divulgador; não produtor, papel desempenhado por São Paulo) deixa de ser uma cidade eminentemente praieira, esportiva, para se tornar um local com boa programação cultural. Um concerto sinfônico, uma noite de ópera, a estréia de teatro importante, tudo merece ser prestigiado com uma boa apresentação da platéia. As mulheres já se esmeram, tentando se vestir da melhor maneira possível; cabe agora à ala masculina pagar seu tributo à elegância. Afinal, a maior parte dos lugares fechados tem ar condicionado, mais uma vez, o calor não é desculpa.

Depois de devidamente convencidos, os homens querem saber o que os aguarda nas lojas, para escolher sua roupa de verão. Os paletós seguem a tendência dos ombros largos, sem agressividade, naturais, e as calças clássicas competem com as largas, pregueadas, mais adotadas pelos jovens. Não faltam etiquetas: Saint-Laurent, Cardin, Dior, Lapidus, Cerruti, podem satisfazer aos que gostam de um nome internacional. Mas a elegância também pode ser atingida com uma roupa de Clodovil, um estilista brasileiro a ser prestigiado.

No tecido mais leve e versátil que existe, o Celsius 22, é possível vestir um terno marrom, com paletó tipo* blazer *(linha Commodore, da Vila Romana). Camisa de* voile *bege (Dior) e gravata clássica (Varsano). Nesta página, os tons claros: o verde-água, em tecido* shantung *(Pierre Cardin) com camisa bege (Tavares) e gravata listrada em* degradê *(Cartier). Wallace com* blazer *cru (Vila Romana), camisa listrada (Dior Monsieur) e gravata estampada com correntes (Cartier)

Henrique Binato vestido à maneira clássica e moderna, com terno e camisa de Saint-Laurent, gravata listrada de marinho e branco (Dior) e sapatos de forma fina (Spinelli); para Wallace, o pied-de-poule mesclado (Tavares), com camisa de voile branco (Tavares) e gravata de pois (Dior)

Mais informal, o uso do terno com colete e sem gravata. Dois exemplos: o modelo bege, de ombros largos, com camisa de seda (Tavares); óculos Jean Marcell; e o terno azul-cobalto (Dior) com camisa de algodão (Saint-Laurent)

[illegible] com etiqueta Cardin, Dior e Saint-[illegible] Tavares (R. Visconde de [illegible] 30-A [illegible] de Varsano (R. Djalma Ulrich, 311 e [illegible] Spinelli (R. Djalma Ulrich, 110). Fotos produzidas na Av. Chile, no centro da cidade. ●

Ao chegar a primavera, de 22 a 24 de setembro, numa promoção do JORNAL DO BRASIL, estará em exposição a maior mostra de flores do país, no Rio Centro, em Jacarepaguá. São centenas de espécies de flores e plantas que, pela terceira vez consecutiva, comemoram a chegada da alegre estação

EMOÇÕES

Leonardo Fróes

Não sei exatamente o que é uma planta, como não sei exatamente o que é nada. Mas sinto qualquer coisa com a planta, apenas abraçado por ela, e o estranhamento de um cachorro é menor. Menor que de um cachorro é o estranhamento dos outros — das pessoas. Essas aparecem iguais, têm bocas, veleidades, olhos, emoções e tamancos como eu. O cachorro, de tudo isso, tem apenas o indispensável à luta — fome, dentes — mas na realidade se comporta como irmão da gente, é fingido e opinativo, participa e se coça, é curioso.

A planta viva está apenas. Ou então. Com sua carga de serenidade a planta está apenas roçando. Para o contente cientista livresco das declarações decisórias, ali está um almejado organismo constituído por uma série de partes que da base para o ápice são raízes, caule e folhas. Com isso, e mais as partes dessas partes, mais mitocôndrios e microfibrilas, toda uma declinação casual de nomes feios, o Contente Cientista constrói a planta ideal. Ele a entende. Seus felogênios e lentículas tornam-se o terror dos colégios, onde os meninos decoram —, raízes, caule, folhas — mas continuam, como eu, sem saber o que é planta.

Sentado embaixo de um pé de jacaré matutando, após o almoço, conheço um ponto extremo de contato possível onde a noção de eu estar desaparece no outro — a planta — que absorveu minha visão e a digere, que incorporou minha emoção e a transforma em galhos secos que brotam. Por um rombo azul no tempo deixei de ser o que se pensa e observa, virei agora no momento global presentemente o grande jacaré decepado que aninhou nesses olhos. Virei parte das partes — raízes, caule, folhas, eu — que são acionadas sem medo, sem vaidade, sem sofrimento, sem farsas, pelo jogador irresponsável de tudo, além de nós.

Deu um vento terrível no verão passado e foi assim que esse pé ficou assim decepado — um jacaré sem plumas, ouvindo nossa prosa, vendo nossos trabalhos, despenalizado e, para mim, despersonalizante. Ao entrar nele ("louco é quem nunca virou deus, quem nunca entrou humildemente na pessoa do lado") saio como agora na conjugação do silêncio. Não preciso mais de desejar tanta coisa. Parei, as raízes andaram, desci ao fogo das primeiras causas ingênuas, abri os braços finalmente para não pegar coisa alguma — vivo esse prazer melancólico e um pouco aristocrático de poder acompanhar à distância um cavaleiro com fúria. Não tenho mais a mesma pressa. Estou armado para o tempo de pequenas folhas balsâmicas. Posso ter 300 anos mas continuo a ferver, queimar, limpar artérias entupidas de musgo, erguer e sacudir no vazio as pontas e patas aleijadas que a doce primavera ornamenta com seus raminhos cirúrgicos.

Outra circunstância banal em meu dia-a-dia com plantas: estou sentado na porta da cozinha descascando esses bracinhos rosados — de boneca de galalite ou criança — que são raízes de mandioca que acabei de colher. Ou, para não ser tão delicado, que acabei de arrancar, passando os dedos pela rama da planta e a condenando a morrer de um só puxão. Mato da mesma forma os rechonchudos repolhos, as alfaces faceiras, os papéis vegetais, as beterrabas, todas as criações que aprendi a cultivar e doar a esse organismo sem culpa. Se o homem é aquilo que come, serei em parte o resultado instantâneo dos braços fritos com folhas, mais um tasco de pão e um copo dágua. Acordo, engordo, como, durmo, viro parte das partes — viro dentro do meu prato uma porção de mandioca, simples partícula mastigadora capaz de agradecer seu prazer e elaborar gestos finos.

Serei capaz? Quando estou entre as plantas, como hoje, não sei por que sou transposto a uma permuta de energias inqualificáveis e cegas, largando freqüentemente no chão — como uma bolsa — minha constante personalidade fingida, opinativa, participante e curiosa.

Tenho um pouco depois de recolher essas coisas — rótulos, carências, temores — que encheram por acaso essa bolsa de figurações irreais, como me enchi de mandioca concreta, de água pura, de ar parado, de olhos que me aceitam na cama ou da visão de um jacaré que renasce. Ao sair de uma planta, para de novo entrar no palco da vida, posso lembrar que houve essa mesma dinâmica na envolvente relação consumada entre C.G. Jung e uma pedra. Pensando em quem seria o que, ao abandonar-se sobre ela um tempão, foi o menino solitário dos presbitérios suíços que aí se devolveu ao mistério por seu lado mais fundo — o de existir além das coisas uma divisão de papéis, muito episódica, e o caminho que nos tira de nós para reintegrar-nos no todo, sem medo e sem o Medo de perder uma bolsa. "Sou este que está sentado na pedra, perguntava-se Jung, ou sou a pedra na qual *ele* está sentado?" ●

Brasil vende 29 filmes a Moçambique

• A Embrafilme vendeu 29 filmes de longametragem brasileiros para exibição em Moçambique, logo após a realização da Semana do Cinema Brasileiro, em Maputo. A mostra foi idealizada pelo Embaixador Italo Zappa e contou com a colaboração do Itamarati.

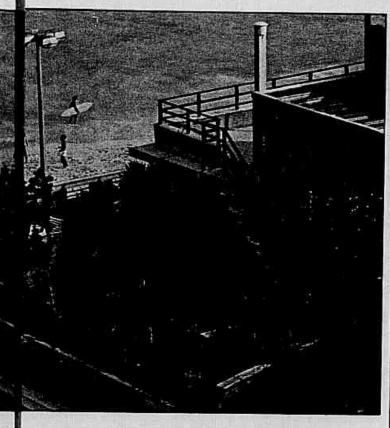
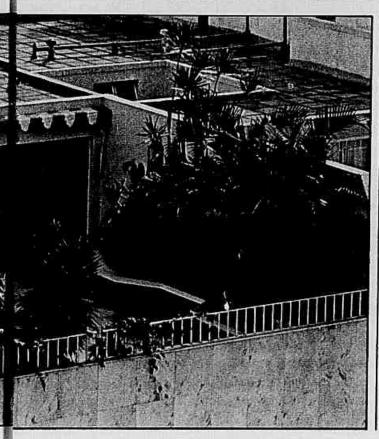
Durante a Semana, foram exibidos oito filmes brasileiros: *Assalto ao Trem Pagador, A Queda, Macunaíma, São Bernardo, A Lenda de Ubirajara, São Paulo S. A., Vidas Secas* e *Delmiro Gouveia*, este último em estréia mundial. Às exibições, nos cinemas Avenida e Gil Vicente, de Maputo, compareceram três ministros de Estado; as casas tiveram, sempre, lotação esgotada.

Logo após o término da Semana, o presidente da Embrafilme, Roberto Farias, assinou contrato com o presidente do Instituto Nacional do Cinema de Moçambique, Américo Soares, para a venda de nove filmes, a serem exibidos ainda este ano, e mais 20 que serão exibidos em 1979. O contrato não prevê a intermediação de companhias distribuidoras internacionais e estabelece, ainda, a possibilidade de os dois órgãos patrocinarem filmes em regime de co-produção.

Do lado brasileiro, compareceram à mostra, além do presidente da Embrafilme e do Embaixador brasileiro em Maputo, o cineasta Geraldo Sarno (diretor de *Delmiro Gouveia*) e o diretor da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio, Cosme Alves Neto.

Carlos Marchi

Eliezer Gomes e Luisa Maranhão em O Assalto ao Trem Pagador

Cada vez mais o verde da Zona Sul fica limitado aos espaços suspensos das coberturas. Aí, verdadeiros jardins lembram aos seus proprietários os quintais de antigamente. Devidamente impermeabilizados esses terrenos podem abrigar desde hortas delicadas até árvores frutíferas e piscinas

NO ALTO DAS COBERTURAS ILHAS DE VERDE E DE SOL

Cilêa Gropillo
Fotos de Rogério Reis

Com o espaço limitado pelas sucessivas construções que pouca terra deixam para o verde, a solução encontrada, principalmente na Zona Sul, foi construir em terraços e coberturas, pequenos jardins, iguaizinhos aos que se fazem nos terrenos das casas, empregando a terra diretamente sobre o cimento ou as lajotas, formando pequenos canteiros onde são plantadas folhagens, flores e até mesmo árvores.

Carlos Perry é um dos paisagistas que mais naturalidade dá aos seus jardins, usando um mínimo de terra, apenas 25 cm contra os 60cm comumente usados por outros paisagistas. Algumas vezes, ele usa uma camada de Nevrin sobre a zona a ser ajardinada para tornar o piso uniforme e facilitar o escoamento das águas, não só das chuvas como também das regas. As formas de seus canteiros obedecem a traçado planejado de acordo com a posição dos ralos, pois é preciso que eles estejam sempre livres.

Para quem está pensando em começar um pequeno jardim na cobertura ou mesmo, quem sabe, uma horta, o primeiro passo é procurar saber como foi feita a impermeabilização, se é que ela foi feita, para só então aplicar a terra. Carlos Perry prefere contê-la com pedras e blocos de grama, o que dá um aspecto muito natural. Outros paisagistas usam e abusam das jardineiras, que podem dar bons resultados quando bem arrumadas e ainda há quem, como Robério Dias, consegue em uma cobertura de tamanho médio colocar um gramado com plantas e piscina circundado por varandas com gaiolas, esculturas e onde os raros pássaros da Zona Sul conseguem por algum tempo um local ideal de pouso.

Geralmente, não cabe ao paisagista ou mesmo ao proprietário da cobertura a tarefa de mandar impermeabilizar o terraço ou a cobertura. É uma responsabilidade que cabe ao construtor do prédio, que já entrega o edifício prontinho, recorrendo a especialistas no ramo, para que o serviço fique bem feito e tenha uma garantia que ofereça boa margem de tranqüilidade.

Os processos utilizados pelas firmas especializadas variam, mas a maioria deles tem o asfalto como base, por ser o mais barato e o mais seguro. Os preços também variam muito em função do local onde deve ser aplicada a camada impermeabilizante, da área da cobertura, se ela tem piscina ou não e da especificação do produto a ser empregado. O preço por metro quadrado da imepermeabilização de uma piscina é superior ao preço por metro quadrado da área do terraço porque a impermeabilização na vertical custa mais caro. O correto, segundo os engenheiros responsáveis, é levantar a camada de impermeabilização até 30cm de altura na amureta que circunda o terraço para evitar infiltrações. Se a área a ser impermeabilizada já vier corrigida de todos os defeitos e irregularidades, com um caimento adequado em direção aos ralos, o serviço dos impermeabilizadores se tornará mais fácil e portanto mais barato, mas isso depende de um acordo entre eles e a firma construtora.

No Rio, há várias firmas especializadas em impermeabilização e aqui damos apenas uma pequena relação que poderá ser de grande ajuda para quem está começando um jardim agora:

Injetex — R. Teodoro da Silva, 560. Tels.: 258-5000 e 258-4880. Tipo de impermeabilização: Morter Plass; Preço por m2 — a partir de Cr$ 150; Garantia: 10 anos.

Imperma — Av. Nilo Peçanha, 26, gr./ 708. Tel.: 222-8423; Tipo de impermeabilização: Sistema de feltro e asfalto com Neosin Prinner; Preço por m2 — a partir de Cr$ 120; Garantia: 5 anos.

Isoflex — Av. Rio Branco, 18, gr. / 1.603. Tel.: 253-7631 e 253-8329. Tipo de impermeabilização — Isoseis, uma combinação de asfalto com outros produtos; Preço por m2 — a partir de Cr$ 100; Garantia: 10 anos.

Multi Impermeabilizações — R. José Eugênio, 37. Tels.: 234-3476, 284-5742 e 284-7591; Tipo de impermeabilização — Texsa (um lençol pré-fabricado com três películas de politileno e duas camadas de asfalto oxidado; Preço por m2 — a partir de Cr$ 150; Garantia: 10 anos.

Isoplan — R. Figueiredo Magalhães, 286, sala 416. Tel.: 255-0675; Tipo de impermeabilização — Morter Plass (base de asfalto); Preço por m2 — a partir de Cr$ 200; Garantia: 10 anos.

Impermex — R. São Luiz Gonzaga, 555. S. Cristóvão. Tel.: 264-3675; Tipo de impermeabilização — vai do sistema asfáltico, que é o mais simples, até o Elastomero que é o mais sofisticado, fazendo várias combinações; Preço por m2 — a partir de Cr$ 200; Garantia: 10 anos. ●

1 Cortador de grama manual (Cr$ 266,00)

2 Bomba para inseticidas, feita em metal (Cr$ 130,00)

3 Vassoura de metal (Cr$ 35,00)

4 Irrigador para mangueira (Cr$ 150,00)

5 Tesoura para poda, de fabricação estrangeira (Cr$ 479,00)

6 Irrigador regulável Craftsmann, gradua o jato d'água (Cr$ 990,00)

7 Pulverizador manual (Cr$ 70,00)

A PERFEIÇÃO DO GRAMADO DEPENDE DE VOCÊ

Um gramado verde e bonito, digno de um filme hollywoodiano, precisa de muitos cuidados e tratos especiais. Um gramado plasticamente perfeito exige alguns anos de dedicação, mas por trás de todo belo gramado existe uma série de objetos indispensáveis, que tornam a grama fofa e saudável.

As máquinas de cortar são um dos objetos principais para se obter um verde uniforme: elas podem ser manuais, elétricas ou ainda a bateria, usadas para cortar as bordas do gramado, ou em volta de uma árvore. A sofisticada máquina de autopropulsão, que não só apara a grama como aspira a que já está cortada, reserva a seu usuário o único trabalho de empurrar a máquina. A polvilhadeira deve ser usada para eliminação radical das formigas e é tão importante quanto os variados instrumentos que molham o gramado, como o regador (que ainda é útil para plantas delicadas), a mangueira e o irrigador para mangueira. Este pode ser simples — só rotativo — ou o Craftsmann, a última palavra em tecnologia de irrigadores, com um jato regulável em intensidade e direção.

Não se pode menosprezar, em favor da técnica, o conjunto de pá, ancinho e garfo, para revolver a terra, o estirpador manual de ervas e uma tesoura para podar e aparar as pontas. Um gramado precisa de afeto. Trate dele e mãos na terra. ●

Os objetos apresentados nesta matéria foram cedidos por Sears (Praia de Botafogo 400), Garden Flores (R. Humaitá 129-B) e Casa Fernandes (Avenida Gomes Freire 559)

* A grama artificial utilizada na fotografia, custa Cr$ 396,00 o metro, na Casa Fernandes

...ual

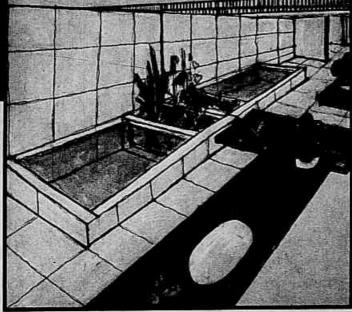
8 Regador plástico (Cr$ 93,00)

9 Mangueira de 10 metros (Cr$ 93,00)

10 Conjunto de ancinho, pá e garfo (Cr$ 56,00)

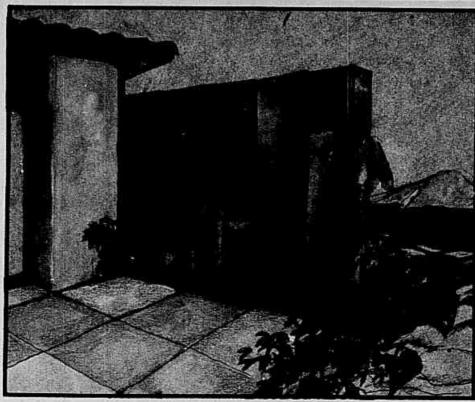
11 Estirpador de ervas (Cr$ 22,00)

12 Máquina para cortar grama, de autopropulsão, da Craftsmann (Cr$ 12.990,00)

O detalhe mais importante nesse banheiro é a clarabóia que permite o cultivo de plantas aquáticas. O enorme espelho aumenta a luminosidade da peça. Foi criado agradável contraste entre o geometrismo das linhas em mármore branco e a delicadeza das plantas aquáticas. As plantas sugeridas são Iris, thypha, *e o* echinodorus *que necessitam 20cm de profundidade; a pontederiácea, a ciperácea e a sagitária necessitam 50cm, e a ninfeácea, cerca de 80cm*

Esse arranjo de placas de cristal e espelho resultou da divisão do espaço sem que fosse reduzido. Foi criado um conjunto de bar, mesa auxiliar para o living e suporte para plantas. A jibóia e a batata-doce foram usadas em diversos vasos de vidro e cristal, formando uma massa compacta que se reflete no espelho com uma forte nota verde

GEOMETRIA COM PLANTAS

O ressurgimento da art déco *tem influenciado a vida moderna em vários aspectos nos últimos anos. Também na decoração se nota esta influência através do geometrismo acentuado das formas e planos e do crescente emprego dos espelhos e cristais. Na decoração de uma casa, conseguem-se efeitos interessantes pelo contraste das linhas suaves da natureza com esta nova moda de jogos de planos, paredes com revestimento especial e móveis com desenhos geométricos*

Vera Patury

Um revestimento original em uma parede de terraço ou muro de casa pode ser obtido alternando-se placas retangulares de xaxim com plantas e lajotas de cerâmica ou pedras. As plantas mais adequadas para esse tipo de suporte são as bromeliáceas, orquidáceas, cactáceas e aráceas

Esta cobertura foi projetada para reunir áreas de diferentes utilizações. O deck, *em maçaranduba, foi construído em volta de uma piscina pré-fabricada para criar a altura necessária à sua integração no terraço e possibilitar a profundidade ideal para os canteiros. O espaço restante funciona como uma extensão da sala, com bancos e mesas. O caramanchão é a nota romântica e serve como abrigo para refeições e leituras. Para cobri-lo, foram usados buganvília, amor-agarradinho e maracujá. Enquanto se espera o crescimento dessas espécies mais lentas, pode ser uma experiência curiosa plantar chuchu ou bucha*

A Natureza já fez muito por você. Faça alguma coisa por ela.

Garça-branca-grande (Casmerodius albus)

Seu filho merece que a Natureza seja preservada.

De 26 a 29 de setembro - 1º Simpósio Nacional de Ecologia. Curitiba.

BANCO DO BRASIL S.A.

Ao lado da Natureza por uma vida melhor.

Premium

DISCOS

Alberto Carlos de Carvalho

O novo disco de Chico

● Nas primeiras três semanas a tensão assistindo a todas as apresentações da *Ópera do Malandro*, adiou um pouco as gravações do LP, mas, agora que a peça engrenou, Chico Buarque está mais tranqüilo para desenvolver o projeto de seu disco que estava programado para o final de setembro. Só vai sair mesmo no final do ano, e, como nessa época Milton Nascimento também estará editando um álbum duplo, é possível que os lojistas de discos tenham o mesmo Natal gordo de 1976, quando as prensas das fábricas não foram suficientes para entregar todos os pedidos dos LPs *Meus Caros Amigos* e *Geraes*.

Parte do novo disco de Chico já está gravado

O novo disco de Chico pode ter o nome destas duas músicas do repertório: *Cale-se* e *Feijoada Completa*. A primeira é aquela que ele escreveu com Gilberto Gil há mais de cinco anos e só foi liberada agora. A gravação já está pronta e ficou muito bonita com as vocalizações de Milton Nascimento e do MPB-4. A segunda, *Feijoada Completa*, traz Chico Buarque de volta como compositor popular e foi gravada com os mesmos músicos de *Meu Caro Amigo*. Ficou um pouco diferente da versão incluída no filme *Se Segura, Malandro* e tem, inclusive, um bom clima de carnaval no final da música. Mas este não é o espírito do disco. Chico regravou as músicas *João e Maria* e *Trocando em Miúdos* com arranjos de piano e cordas, demonstrando uma preocupação maior com a interpretação, e então fica nítida a sua vontade de se afirmar mais como cantor. Ele conseguiu chegar lá, na canção *Trocando em Miúdos*. Estas quatro e mais *Pequeña Serenata Diurna*, que ele canta em espanhol, são as únicas que já estão prontas. Em outubro ele volta aos estúdios para terminar o LP e em novembro começa a organizar a gravação da *Ópera do Malandro* com o *cast* da peça, que será lançada em álbum duplo no ano que vem.

TEATRO

Macksen Luiz

O palco periférico e alternativo

● Não se trata apenas de buscar um teatro alternativo. Por essa fase já passaram as dezenas de grupos não empresariais que se reuniram e se desfizeram ao longo dos últimos quatro anos. Agora a preocupação é de popularizar o teatro junto a comunidades cujo acesso a este tipo de manifestação criativa é restrito, quando não inteiramente ausente. E a primeira medida tem sido gerar o espetáculo na própria comunidade onde será consumido, aproveitando elementos locais e utilizando linguagem bem direta. Essa atitude é reflexo da compreensão de que uma verdadeira popularização do teatro — fora do âmbito de campanha nacional dos órgãos de cultura estatais — só é possível com a adesão de um público que se vai formando aos longos dos anos e que encontre nos palcos referências ao universo de onde provém e por onde gravita. Nos subúrbios, fora do eixo comercial do teatro, formado pela Zona Sul e pelo Centro, estão se aglutinando grupos, entidades e associações culturais, em torno do teatro na comunidade. Em Campo Grande, por exemplo, onde funciona o Centro de Estudos da Zona Oeste, foram iniciadas reuniões para debater a situação do teatro na área. Com a participação de grupos comunitários — de Campo Grande à Vila Kennedy — essas reuniões são uma tomada de posição diante dos problemas de se estabelecer esse tipo de comunicação teatral. A falta de consciência do que é um grupo teatral, a má compreensão das bases econômicas sob as quais o teatro popular sobrevive e até mesmo o desconhecimento de dificuldades de aceitação impedem que essas reuniões tenham apresentado um melhor rendimento até agora. Mas o tempo é fundamental no amadurecimento dessas e de outras questões.

Mas já há grupos bastante atuantes, como o Quintal Suburbano, nascido em torno do Teatro Armando Gonzaga, em Marechal Hermes, que pretende não se fixar apenas em teatro, mas também em música, cinema e artes plásticas. Como objetivo inicial, o Quintal Suburbano tentará "aproveitar o imenso mercado da Zona Norte, procurando apreender formas mais racionais e modernas de executar produções artísticas." O Teatro Arcádia, de Nova Iguaçu, desenvolve com o apoio de entidades municipais, programa de cursos e de apresentações teatrais, com regularidades suficiente para se aguardar a formação de vasta platéia.

O programa do Sesc na área teatral, com o pleno funcionando das salas de espetáculos de São João de Meriti (agora fechada para reformas), da Tijuca (com uma programação ainda sem definição nítida) e do recém-criado teatro de Madureira, além do Engenho de Dentro, deve tomar um rumo mais dinâmico com a vinda de Gustav Mugglin, que esteve em julho no Sesc debatendo questões sobre animação cultural. O relatório de Alfredo Mallet, diretor do teatro do Sesc de São João de Meriti, também pode servir de excelente subsídio à ativação do teatro na entidade dos comerciários. E a Sociedade Unificada de Ensino Superior Augusto Motta, em Bonsucesso, que mantém grupo teatral permanente, realizará no final do ano a sua 1ª Mostra de Teatro Universitário, contando com a participação de grupos teatrais de todo o Estado.

Essa movimentação, ainda tímida, mas que tem o vigor de uma posição decidida frente ao fenômeno cultural num país de características subdesenvolvidas como o Brasil, pode determinar uma revisão, até mesmo, na política de distribuição do mercado teatral.

VITRINE NOTÍCIAS

Do Rio para as butiques e lojas de todo o Brasil, a moda carioca chega em primeira--mão, através da Publicidade Certa.

O QUE VIMOS NO RIO

• **Dasha — R. Visc. de Pirajá, 330 lj. 206** — resolveu incrementar, ainda mais, esta primavera-verão com uma coleção bem moderninha, que acabou de chegar. Jeans, camisetas double-face, batas e conjuntos de saia e batão estão na lista. **Paula**, a simpática dona da butique, é também proprietária de uma sensacional loja infantil, a **Waimea**, na **R. Montenegro, 129.**

• A grande badalação do momento são os broches de variadas cores e formatos, que todas as mulheres estão usando. Os mais criativos são os de **Aldo Foti**, onde você encontra desde os alegres chapeuzinho e carinha de neném, até aqueles que imitam barra de chocolate ou clara e gema de ovo. Varejo e atacado para todo o Brasil na **R. Sta. Clara, 33 s/405.**

• Neste verão, desfile um corpo maravilhoso, livre da celulite, flacidez e estrias. Basta apenas uma aplicação diária de **Parafinex**, o mais conceituado creme de massagens, para você ver o resultado. **Parafinex** você encontra na Casa Sloper, Lojas Brasileiras e Americanas, e nas melhores perfumarias, farmácias e drogarias do país.

• A vitrine de **Moody Blue** é a paradinha obrigatória, em Ipanema, de toda a garota "in". Mas não fica só nisso. Lá dentro, ela encontra uma variada coleção, onde o quente são as roupas de malha e as suas bem-boladas batas, blusas e saias. **Moody Blue** fica na **R. Visc. de Pirajá, 86 lj. 4.**

• **Planta Viva** saúda o verde, e apresenta uma grande variedade de plantas, como samambaias, heras, antúrios e plantas d'água, além da grande novidade, em artesanato, que são os cachepôs de treliça e os suportes de madeira para as plantas. **Planta Viva** tem tudo, para quem é chegado a um verde dentro de casa. **R. Visc. de Pirajá, 330 lj. 203.**

• Uma visita à **Girau — Móveis Austríacos** — representa um passeio pelo bom gosto em decoração. Sua nova linha de armários embutidos é a grande prova. Isso sem falar da sua já famosa linha de móveis para quartos, salas e outros ambientes, em madeira ou laqueados. **R. Haddock Lobo, 73 e 104 — Tijuca — tels.: 248-2598 e 284-8197.**

• Roupinhas, sapatinhos, brinquedos, móbiles, abajoures e outros objetos de decoração infantil estão à sua espera na **Children's Shop**, a loja que tem de tudo para criancinhas, desde o recém-nascido até os 6 anos. **Galeria Condor — Largo do Machado, 29 lj. 6.**

• Falar de **"O Renatão"** nunca é demais, devido a alta qualidade dos artigos que a sua pronta-entrega lança continuamente. Dentre seus novos lançamentos, o destaque vai para os suspensórios, que voltam dando um charme todinho especial a quem os usa. Confecção própria. Atacado e varejo. **Av. Copacabana, 750 salas 307 e 315.**

• **A Camisaria Novo Mundo** não é apenas tradicional no vestir o homem gordinho. Quem não conhece sua fabulosa seção de cama, mesa e banho? E mais. Quem na cidade é especializada na venda dos mais variados uniformes profissionais? Na **Camisaria Novo Mundo** você encontra tudo isso, com crédito a jato e um precinho muito especial. **Av. Passos, 83/89.**

• **Bili Bello** pretende dar um grande salto neste verão com sua coleção, inspirada nos mais arrojados e atuais modelos europeus. É uma lista enorme de beleza e bom gosto, ondé se destacam os conjuntinhos, as saias com corte especial e as blusas bordadas. **Pronta-entrega e varejo: Av. Copacabana, 647 s/lj. 202. Atacado: R. Visc. de Pirajá, 476 B e Av. Copacabana, 680 SS-F.**

• "White-summer" é o nome da nova coleção que a **Bigger Diffusion** vai lançar. O quente que esta butique (e também pronta-entrega) prepara para o verão são as roupas, bem leves, em tecidos vaporosos com os tons das frutas silvestres. Aproveitando este clima de natureza, mimosos bordados de morangos, cerejas, cajus ou outras frutas dão charme especial à coleção. **R. Aníbal de Mendonça, 111 D.**

Considerada a maior das raças bovinas, há quem o chame de *Gigante Branco, Gigante da Espécie* e *Herói dos Trópicos*. Mas o nome verdadeiro é chianino, um boi de alta produção de carne magra, extremamente resistente e perfeitamente adaptado às condições do clima tropical. Sua origem é italiana, e quem o trouxe ao Brasil pela primeira vez foi o criador paulista Gionnandrea Matarazzo, em 1956. Recentemente, durante a realização do 9º Congresso Internacional, no Hilton Hotel de São Paulo, e em exposições e leilões no Parque da Água Branca, o chianino foi o destaque entre criadores e especialistas de 10 países.

Atualmente, calcula-se em 1 milhão de cabeças o número de bovinos com sangue de chianino no país, ainda pouco em relação aos 90 milhões do total de nosso rebanho, do qual participam 12 raças. Estima-se que a raça se tenha originado no vale de Chiana, no centro de Toscana, Itália. É certo que seu potencial genético tem pelo menos 3 mil anos de consangüinidade. Já na Roma antiga o chianino era utilizado para puxar luxuosas carruagens e sua efígie aparecia em moedas de ouro. É, sem dúvida, um bovino cosmopolita: está presente nos rebanhos de 12 países, em quatro continentes, o que não conseguiram ainda as 150 raças taurinas européias e as 40 zebuínas da Índia.

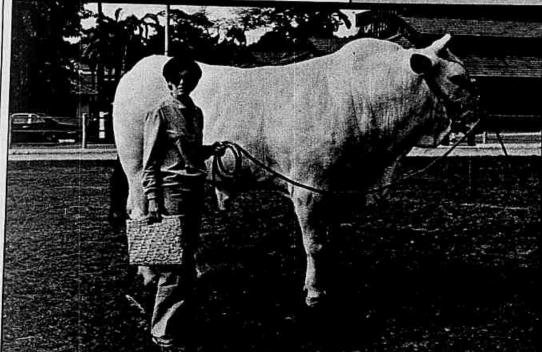
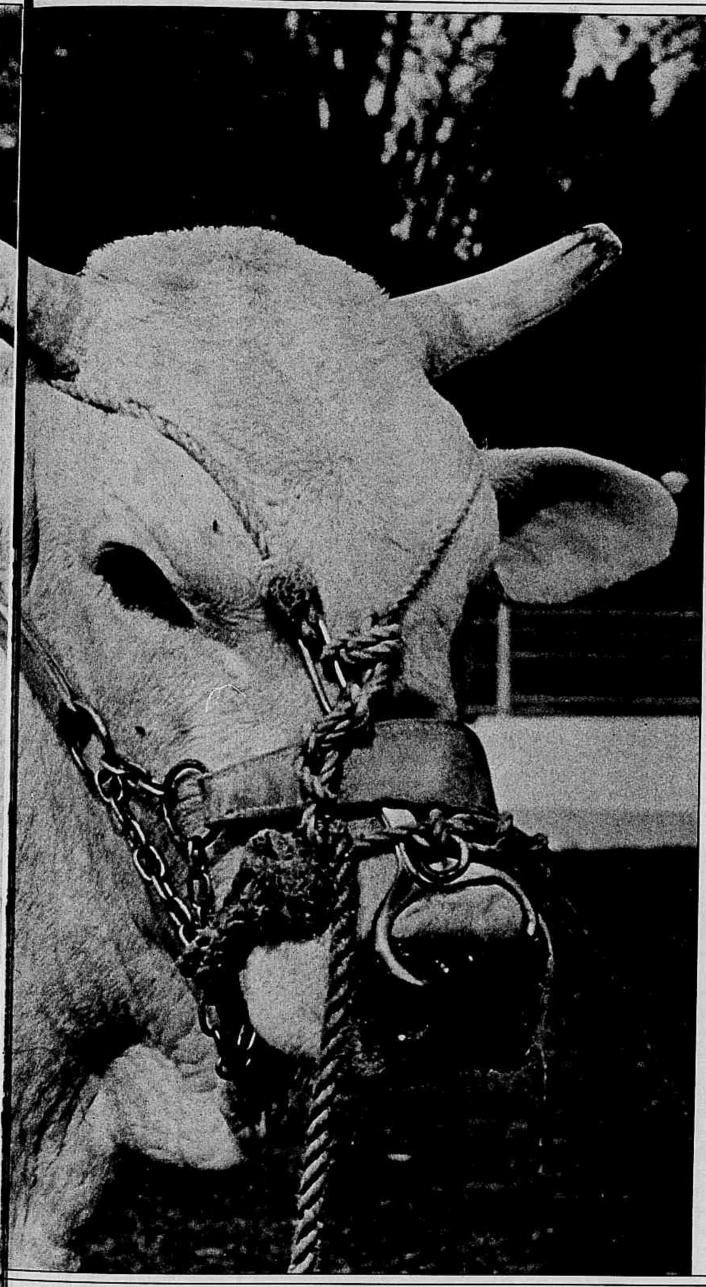
Segundo Gionnandrea Matarazzo, introdutor da raça no Brasil e presidente da Associação Brasileira de Criadores de Chianino, o abastecimento de carnes no país enfrenta algumas dificuldades a curto prazo diante do crescimento acelerado da população e a limitação do rebanho, insuficiente para atender à demanda crescente:

— Há uma defeituosa condução do mercado, a despeito dos esforços oficiais, com as autoridades lutando entre a inflação e os percalços da produção. Com isso, é imperioso que se adotem medidas urgentes para que no futuro o Brasil não passe a ocupar uma posição permanente e de destaque entre os países importadores.

Na realidade, com as medidas de contenção inflacionária, os criadores brasileiros foram obrigados a abater considerável número de fêmeas, reduzindo assim o potencial de produção. A situação se agravou a partir de 1975 e levou a um descompasso entre o aumento do consumo e a produção, o que obrigou o Brasil a importar carne. Explica Gionnandrea Matarazzo:

— É indispensável aumentar o desfrute do rebanho brasileiro, acelerando seu rendimento.

Para os criadores de chianino, a introdução mais ampla dessa raça poderá ser a solução para os problemas de produção de carne que o Brasil enfrenta

O HERÓI DOS TRÓPICOS

Enquanto os zebuínos ganham no máximo 500 gramas de peso por dia, o chianino engorda no mínimo 700 e com dois anos já está pronto para o abate

Isto exigirá muitas modificações nos sistemas tradicionais de produção e comercialização, como ocorreu em todos os países onde o desfrute é alto. Acho que a partir do momento em que se decida trabalhar realmente é que se compreenderá como e quanto a raça chianina poderá influir.

Gionnandrea Matarazzo trouxe as primeiras oito cabeças de chianino ao Brasil em 1956. Atualmente existem 626 animais importados — 142 machos e 484 fêmeas — segundo os registros da Associação Brasileira de Criadores de Chianino feitos em 1976. No total, são 19 mil chianinos no país, entre puros de origem e puros de cruzamento, mas cerca de 1 milhão de bovinos no Brasil têm o sangue da raça.

A grande vantagem do chianino, além de peso e porte sensivelmente maiores, é o ganho de peso-dia por cabeça. Enquanto um zebuíno, por exemplo, tem um ganho médio diário de 500 gramas, o chianino já tem demonstrado capacidade de ganho ao redor de 700 gramas-dia nas mesmas condições de pastagens. Os mestiços chianino-zebu nascem com 30 ou 35 kg em média, atingindo aos oito meses peso médio de 220 kg. Com dois anos já estão com 450 kg e prontos para o abate. As fêmeas têm seu primeiro parto com 30 meses em média, enquanto para as demais raças o prazo é muito maior. Já os zebuínos e taurinos nascem com peso entre 25 e 30 kg e, ao atingirem oito meses, idade de desmame, estão no máximo com 170 kg. Para essas raças, o peso de abate, 500 kg, só chega com um mínimo de 40 meses.

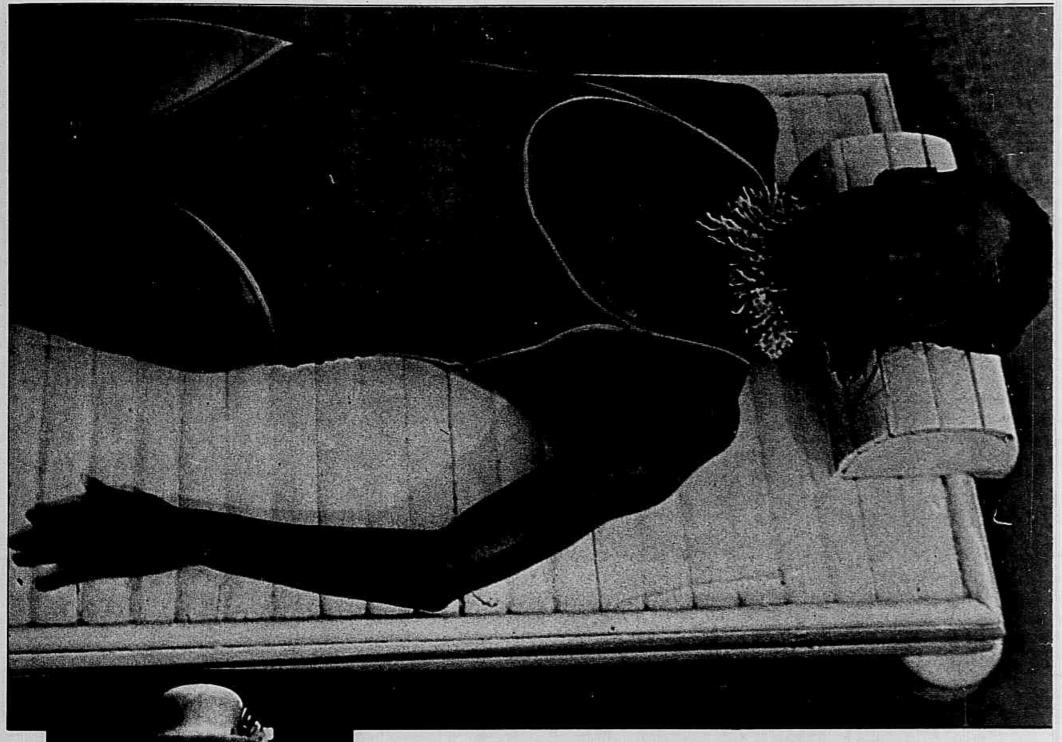
O interesse pelo chianino no Brasil vem aumentando intensamente. Pode-se constatar o fato pela evolução da produção e comercialização de seu sêmen, o segundo mais comercializado, entre 11 raças de corte, de 1974 a 1977. O industrial Carlos Villares, diretor do grupo Villares — um dos maiores na indústria brasileira — e presidente da ABDIB, é um dos 50 empresários brasileiros entusiastas da raça chianina. Com sua mulher, Sylvia, responsável pela administração do projeto que está implantando, começou a criar exemplares da raça em 1971 como uma forma de aproveitar melhor os 20 hectares de sua fazenda em Itatiba, a uma hora da Capital paulista. A escolha do casal recaiu sobre o chianino porque, depois de várias pesquisas, Sylvia e Carlos Villares constataram que a raça era a que melhores perspectivas tinha diante da necessidade de se aumentar a oferta de carne no país.

Antes de comprar o primeiro exemplar, o chianino *Juno*, com o qual iniciou sua criação, Carlos Villares assistiu a mais de uma dezena de feiras e leilões e manteve contato com os principais pecuaristas de São Paulo. Em 1973, o casal já possuía cerca de 30 fêmeas de meio-sangue, cinco bezerras e três touros. Para 1979 está previsto o nascimento de 45 bezerros. Recentemente, Sylvia e Carlos, já colocados entre os três primeiros pecuaristas da raça chianina no país, inauguraram em Angatuba, São Paulo, um centro de mestiçagem. Carlos não concorda com a importação de 50 exemplares ingleses e italianos acontecida na Feira:

— Não acho que a importação seja necessária e vou lutar, como diretor da Associação de Criadores de Chianinos, para que seja desestimulada. E a aparência dos chianinos italianos e ingleses é bem inferior à dos nossos exemplares.

Segundo Carlos e Sylvia, as importações poderão ser substituídas por meio de um programa de inseminação artificial bastante amplo, como comenta o industrial:

— Acho que um touro brasileiro poderá contribuir mais para o aumento do rebanho do que a importação de vacas. ●

O jet-set *internacional também cria moda. Principalmente para o lazer de verão*

ELZA MARTINELLI

Seus maiôs de sol e mar

Maiô inteiro, com decote em gota, biquíni tanga-de-Tarzã e bustier trançado: três amostras das roupas de jérsei, com debruns coloridos, vestidos por Elza

Iesa Rodrigues
Fotos Sippa-Press

Entre uma viagem e outra, pelos mares de St-Tropez, Ipanema e céus de Nova Iorque e Paris, Elza Martinelli ainda arranja tempo e cabeça para criar moda. Nada de vestidos longos e blusas de seda: Elza pensa no seu próprio estilo de vida, sempre recebendo sol no corpo, procurando o verão, e desenhou uma coleção, intitulada Sun and Sea (obviamente, Sol e Mar), especialmente para praia e piscina. Maiôs, biquínis, saídas, *bustiers* debruados de cores contrastantes mostram a maneira da Martinelli ver a roupa de verão e lazer.

Exibindo seu bem cuidado corpo, a própria estilista posou para o lançamento da Sun and Sea, sofisticando as fotos com gargantilhas de coral, flores nos cabelos e chapéus delicados. Tudo é fácil de vestir, colorido, em jérsei aderente à pele. Sem deixar de ser atual, um pouco extravagante, sensual, enfim, sem deixar de lado todas as qualidades fundamentais na moda do *jet-set* internacional.

Depois do lançamento desta coleção, no Salão de Moda de Florença, em outubro próximo, Elza volta às atividades normais: será vista no cinema, em dois filmes (*Círculo Vicioso* e *Il Ritorno del Santo*) e na Televisão italiana, em programa especial. ●

O RIO E SUAS BOUTIQUES MARAVILHOSAS

Ao parar nesta VITRINE, você descobrirá as últimas novidades em moda e beleza. A Publicidade Certa faz questão de, sempre, divulgar os melhores e mais atuais lançamentos de seus clientes. Informações sobre esta seção: 243-0862.

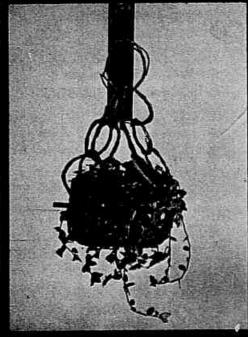
BILLI BALLO – Atacado: Av. Copacabana, 647 – s/lj. 202
Varejo: R. Visc. de Pirajá, 476 B, Av. Copacabana, 647 – s/lj. 202 e Av. Copacabana, 680, SS-F.

CAMISARIA NOVO MUNDO
Artigos masculinos em todos os tamanhos. Completa seção de cama, mesa e banho. Av. Passos, 85-64 – Tels.: 224-7369 e 221-672

DASHA

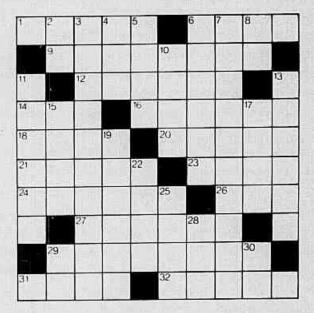
CHILDREN'S SHOP – Especializada em crianças; do recem-nascido ate os 6 anos. Galeria Condor – Largo do Machado, 29 – lj. 20.

PARAFINEX é encontrado nas Lojas Americanas, Brasileiras, Casa Sloper e nas melhores perfumarias, farmacias e drogarias.
Pedidos comerciais – Tel.: 258-6396.

GIRAU - MÓVEIS AUSTRÍACOS
Rua Haddock Lobo, 73
Tels.: 248-2528 e 284-8197

PLANTA VIVA – plantas e objetos decorativos. Rua Visc. de Pirajá, 330 – loja 203

CRUZADAS

Carlos da Silva

HORIZONTAIS — 1. fixar o preço ou a taxa de; 6. lodo; sacerdote budista; 9. templo rural onde o marabu faz serviço; 12. chapa delgada de metal, ou de outro material; 14. o fruto da ateira; 16. encarar; 18. voz que os carreiros dirigem aos bois para guiá-los; 20. pedra filosofal; 21. enterra em atoleiro; 23. aquilo que sobrecarrega; 24. escrava negra moça e de estimação que era escolhida para auxiliar nos serviços caseiros; 26. reboque; 27. molda, amolda; 29. ampliado, aumentado; 31. o que louva as coisas agradáveis; 32. essência odorífera.

VERTICAIS — 2. essência espiritual; 3. terceiro ventrículo do cérebro; 4. altar; 5. o conjunto dos ramos de uma planta; 6. que tem cornos em forma de meia-lua; 7. atrapalhado, estonteado; 8. pedra grande; 10. torneira; 11. planície deserta; 13. escrever em prosa; 15. feijão cozido engrossado com farinha de mandioca; 17. mau humor, enfado; 19. galão de fio metálico, que guarnece e abotoa a frente de um vestuário; 22. aventura amorosa; 25. família de plantas que vivem no fundo ou na superfície de águas salgadas ou doces; 28. pôr nas mãos de outrem; 29. outra coisa mais; 30. a divindade em sua pura essência.

CHARADÍSSIMO

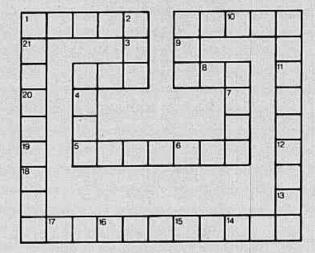
CHARADAS EPENTÉTICAS
(adição de sílaba no centro da primeira chave)

1. Tem FUNÇÃO DETERMINADA
   Por patrão intransigente,
   Um velho meu camarada
   Que é CAIXEIRO VIAJANTE. 2-3
2. Posso ter ACREDITADO
   Em palavra de EMPREGADO? 2-3
3. BEM DESENVOLVIDA a idéia malsã
   Que não mata o PROJETIL COM A FORMA DE ROMÃ. 2-3

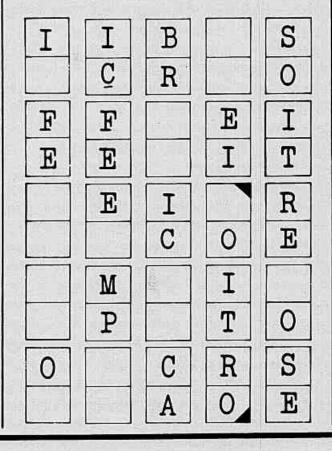
CHARADAS SINCOPADAS
(supressão da sílaba central da primeira chave)

4. Aquela mulher PERVERSA
   FAZ MAL JUÍZO.
   Se não tem siso
   Por que conversa? 3-2
5. MOÇA MUITO SALIENTE
   COLHE convite indecente. 3-2
6. Quem é CALADO, irmão
   Pra padre tem VOCAÇÃO. 3-2

CONTINUEX

Deve ser encontrado um sinônimo para cada pedida numerada e com tantas sílabas quantas forem as quadrículas, preenchendo-as até à palavra seguinte. A última sílaba de cada termo começa o imediato e assim sucessivamente.

1. descrever com minúcia; 2. fugir; partir; 3. ato de poupar; economia; 4. em lugar mais alto; 5. casamento; 6. aquela que se opõe; 7. série ininterrupta de tiros de metralhadora; 8. nomeada por magistrado e não por lei; 9. ativa; destemida; 10. agudeza de espírito; perspicácia; 11. ato de desesperar; 12. língua românica; 13. relativa aos mamíferos que tem forma de peixe; 14. desejo veemente; 15. relativos a loteria; 16. prática geralmente observada; 17. depreciação; desdém; 18. região; faixa; 19. grande embarcação; 20. preguiça; descanso; 21. objetar.

DOMINÓ PROVÉRBIO

As pedras do dominó foram misturadas. As que têm a parte inferior em branco, indicam que a letra de cima é a última de uma palavra; as que têm a parte superior em branco indicam que se trata de letra única e as sem letras separam os termos da frase. O jogo começa com a pedra marcada na parte superior e termina com a assinalada na parte inferior. Após a junção das pedras corretamente, ler-se-á um provérbio bem conhecido.

BRIDGE

Lizzie Murtinho

CARTEIO (XIII)

♠ Kxx ♥ AKx ♦ Axxx ♣ Jxx	☐	♠ AJxxx ♥ x ♦ xx ♣ Q109xx

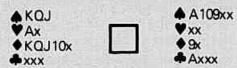
Na mão da semana passada, Sul saía a ouros contra 4 espadas.

Você conta suas perdedoras: 1 espadas e 2 paus. Lembre-se no entanto que se você ficar sem trunfos, passa a ter muito mais perdedoras. Você terá a melhor chance possível de ganhar o jogo se não fizer a finesse de espadas.

Depois de bater A e K de trunfo, comece a tirar as honras de paus.

Lembre-se que você terá de entregar a mão duas vezes antes de firmar os paus, e seu adversário ficará "encantado" em lhe dar cortes do lado longo.

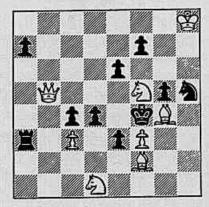
Vejam outra mão onde o controle é importante:

♠ KQJ ♥ Ax ♦ KQJ10x ♣ xxx	☐	♠ A109xx ♥ xx ♦ 9x ♣ Axxx

O jogo é 4 espadas e a saída foi paus. Você tem as ganhadoras necessárias desde que firme ouros, e tudo parece muito fácil.

Ocorre que se você tirar os 3 trunfos e depois o A de ouros, o adversário pode bater 3 paus na sua cabeça.

A solução é simples. Tire 2 rodadas de trunfo e em seguida o A de ouros. Assim você garante o controle.

XADREZ

Ruy Lopes

As brancas jogam e dão mate em dois lances (G. Gudmunson, 1967)

O paulista Marcos Paolozzi venceu a categoria *unrated* (jogadores sem *rating*) do World Open realizado em Filadélfia, Estados Unidos. O enxadrista de Santos repetiu o feito do jovem Sandro Heleno, de Brasília, que no ano passado havia conquistado o mesmo título. Paolozzi recebeu o prêmio de 200 dólares.

O World Open apresentou oito enxadristas na primeira colocação: Florin Gheorghiu, da Romênia, Westerinen, da Finlândia, Peter Biyasas, do Canadá, Asnadsson, da Islândia, Zuckerman, dos Estados Unidos, Javier Sanz, da Espanha, Yasser Seirawan, dos Estados Unidos, e Jean Hebert, dos Estados Unidos. Todos totalizaram 7,5 pontos em 9 possíveis, e cada um recebeu o prêmio de 1 600 dólares.

Com 7 pontos, entre outros, ficaram o GMI Anatole Lein, dos Estados Unidos, Pal Benko (EUA), Vitali Zaltsman e o GMI Artur Bisguier, dos Estados Unidos. O Open Section contou com 480 participantes (oito GMIs e 10 MIs). No total, participaram do World Open 1 800 jogadores. Certamente, o maior torneio do mundo.

As soluções estão na pág. 36.

Página de Serviço

FARMÁCIA MARINO
238-6423. Largo da Usina

FARMÁCIA PIAUÍ
255-7445. Barata Ribeiro, 646
274-7322. Av. A. Paiva, 1283-A

HOMEOPATIA STUART
248-8885. Haddock Lobo, 71

FLORICULTURAS

CHÁCARA HUMAITÁ - PLANTAS E JARDINS
Terra Vegetal Preparada
226-9959/7482. Humaitá, 250
Av. das Américas, 14439

ROSEIRA DO MARACANÃ
Entregas à Domicílio
228-0069. Gen. Canabarro, 17-A

SANTIAGO DECORAÇÕES EM FLORES NATURAIS
Decorações Igrejas, Clubes, Sinagogas, etc. Demonstrações em Slides e Filmes.
268-1717 - 238-6771
Barão de Mesquita, 778

TROPIFLORA - PLANTAS
310-1221 - 310-1395. Grota Funda, 1000 - I. de Guaratiba

FOGÕES-CONSERTO

TEC-VAL LTDA.
280-8248/8298 - 230-6908

FOTÓGRAFOS

DINAND FOTO ARTE
Documentos e Casamentos
255-0267. Av. Cop. 709

KLEBER GUIMARÃES
225-7240 - FFC. 268-1012 - TTC

SIQUEIRA STUDIO
222-3467. Ed. Av. Central, ss 133

SOM, FOTO ESPORTE
223-3746. Uruguaiana, 212

GELADEIRAS-CONSERTO

REFRIG. ESTÁCIO DE SÁ
284-7348. 28 de Setembro, 182

GRADES PROTETORAS

SECADORES CONTINENTAL
226-7484. Real Grandeza, 160

GRAFÓLOGOS

PSICODIAGNÓSTICOS GRAF. E PERÍCIAS GRAFOTÉCNICAS
222-7299. Almte. Alex., 1281

IMPRESSOS DE LUXO

SR - CONVITES - CASAMENTO
280-4795 - 280-2945

JARDINS - ART. E ORNAMENTOS

HILÉIA PAISAGISMO ECOLOGIA
222-4771 - 224-7526

PAN GRAMA TERRA ADUBADA
331-6453 - 331-8477

JOALHEIROS

SÓ-ALIANÇAS
Saens Peña, 45 Sl. 219

LABORATÓRIOS DE ANÁLISES CLÍNICAS

LABORATÓRIO BRONSTEIN
283-4447 - 236-7805

LAVANDERIAS

DM-TAPEÇARIA
226-8442

EVARISTO'S - TAPETES - LOCAL
201-4469. Riachuelo

HOTÉIS E SIMILARES S.A.
288-7996 - Maxwell, 80
286-0697 - S. Clemente, 265

LAVA - CORTINAS E TAPETES
Especialista - Orç. S/Comp.
227-3480. Ipanema

LAVANDERIA GUANABARA
Forrações Lavagem no Local Lavagem: Cortinas - Tapetes
226-1634/5019. Passagem, 110

LAVANDERIA JOVEM
Forrações Lavagem no Local Cortinas Lavagem e Reforma
284-5193 - 248-9414

LEITURA DINÂMICA-CURSOS

EXECUTIVE COURSES
242-9139. Tv. Ouvidor, 21

MÁQUINAS DE LAVAR - CONSERTO

TEC-VAL LTDA.
280-8248/8298 - 230-6908

MATERIAIS ELÉTRICOS

JUQUINHA
270-1093. Pça. das Nações, 292

MÉDICOS - ALERGIA

DR. JORGE D. BARBAS - 23046
284-6988. Conde Bonfim, 232

MÉDICOS - CIRURGIA PLÁSTICA

DR. DJALMA L. MENDONÇA
237-1784. N. S. Copa. 819

MÉDICOS - ORTOPEDIA

CLÍN. DR. MICHEL GLASBERG
236-6667. B. Ribeiro, 774

MÉDICOS - OUVIDOS, NARIZ, GARGANTA

DR. MAURO LINS E SILVA
285-3433 - 225-1584

MÉDICOS - SEXOLOGIA

DR. ORESTES CRUZ - 988.2
DR. ARMINDO FALCÃO - 8227
Urologia - Distúrbios Sexuais
221-4100 - 224-7999
Pres. Vargas, 633

MOLDURAS

ARTEFACT MOLDURAS
224-3601. Gal. Caldwell, 216

JOÁ MOLDURAS
Bambu - Cortiça - Mont. Poster
274-8249. Dias Ferreira, 242

MÉDICOS - UROLOGIA

DR. MOISÉS FISCH
242-6845. Rio Branco, 156

MENSAGEIROS DOMICILIARES

TOC-TENHA
274-9898 - 274-4747

MÓVEIS

MONTMARTRE PIONEIRO MÓVEIS COLONIAIS
1000 Modelos em 3000 m²
246-1591 - 246-0923
390-5570. São Clemente, 72
Cândido Benício, 503

MÓVEIS P/JARDINS MONVIC
342-3839. Estrada Jpa., 6461

MÓVEIS DE VIME

CANA ÍNDIA-VIME-JUNCO
Fabr. Própria - Modelos Excl.
232-0084. Arist. Lobo, 100

MUDANÇAS

A LUSITANA S/A.
284-9991. Av. Brasil, 2332

KOMBIS E PICK-UPS LIFT
227-1642 - 225-7604

MUDANÇAS CENTRO-SUL S/A.
269-0542

MUDANÇAS TIJUCA
248-9053. Haddock Lobo, 409-B

OBRAS E REFORMAS-IMÓVEIS

COLTAP-REV. INTERNOS LTDA.
232-9316. Relação, 55 SL 416

DMG-DECORAÇÕES REFORMAS E OBRAS
205-4547

IRVEL IMPERMEABILIZAÇÃO
234-4190. Pça. Saens Peña, 55

MARCAP LTDA-REFORMAS
224-8541. Sen. Dantas, 117

SANITAS ENGENHARIA
222-1123. Marrecas, 36

SEDIL ENGENHARIA
399-2171 - 399-2130 399-2072

SERRARIA SANTA LÚCIA
229-2331 - 289-3294

TRAVASSOS-SERVIÇOS INDUSTRIAIS ESPECIALIZADOS
201-3344. Arquias Cordeiro 324 - Méier

PAPEL DE PAREDE

CARVALHO COSTA REVESTIM
236-4589. Santa Clara, 33

SÓ PEDRAS DECORAÇÕES
287-0807. A. M. Franco, 170-F

PRODUTOS VETERINÁRIOS

VETERINÁRIA FÁTIMA
Prod. Agro.Pecuários
252-4744. do Riachuelo, 145

XAMON-PROD. P/PEQUENOS ANIMAIS E P/JARDINAGEM
253-6774. Miguel Couto, 104

PRONTO-SOCORRO

EMERGÊNCIA DENTÁRIA
267-5393 - 287-3173
Alm. P. Guimarães, 72

PSICODRAMA

DR. RONALD DE CARVALHO F.
286-9324. Real Grandeza, 182/5A

RECURSOS HUMANOS-AGÊNCIAS

COAC S.A. REC. HUMANOS
Servs. Perm. e Temporários
233-2599. Av. Rio Branco, 39
390-7156 PBX. Est. Portela, 29

CORTESIA PREST. SERVIÇOS
Servs. Perm. e Temporários
Av. Rio Branco, 156 SL 537

REFRIGERAÇÃO - CONSERTO

ADAIR-MÁQUINAS DE LAVAR
257-4874 - 205-0497. Catete

OFICINA FUAD
242-7934 BIP 246-4180/B3A

UCHOA REFR. E ESQUADRIA DE ALUMÍNIO
237-6778. Siq. Campos, 219-B

RESTAURANTES

A TASCA DA ILHA
396-3831. Freguesia. I. Gov.

CALDEIRÃO SOLARIUM BAR
Gal. Venâncio Flores, 171

CHEZ MANOLO REST. E BAR
396-4080. I. Governador

RESTAURANTE VEGETARIANO
224-9515. Alfândega, 112

REVESTIMENTOS

DECOR-PAPEL DE PAREDE
257-7694. Barata Ribeiro, 48

FELIPE MARMORARIA
238-5504. Teod. da Silva, 525

THIAGO PEDRAS DECORATIVAS
Atendemos a todo o Brasil
390-1522 - 390-3217 - 390-9670

SAUNAS

LINA SAUNA
234-2609 - 228-2550

SAUNAS - EQUIP

APLIK SAUNA SABRINA
Montagem é de Duas Horas Ideal P/Residência, Clubes e Academias - Garantia 1 ano
288-9395 - 248-3115

SEGUROS

CYLCAR SEGUROS
224-5283. Carmo, 6

"SILK SCREEN"

SERITÉCNICA MATERIAIS SERIGRÁFICOS
284-3196. C. S. Cristóvão, 120
237-2979. Sta. Clara, 75 LJ 508

SOM - EQUIPAMENTOS

NUCIO STUDIOS
248-8953. Vol. da Pátria, 170

SEC. ELETRÔNICA/VIDEO K7
283-4250 - 222-8649

TAPETES-LIMPEZA

DM-TAPEÇARIA
Lavagem de Tapetes Estofados e Cortinas
226-8442

LAVE-TAPE
224-3400 - 224-1005

TELEVISÃO - CONSERTO

OLIVEIRA
255-7668. Copacabana

VITAL FONTOURA ELETRON.
396-1404. Ilha Governador

TOLDOS E COBERTURAS

TOLDOS VOLPINI
390-8710. Cons. Galvão, 58

TRANSPORTES URBANOS

LOCADORA STK
243-8916 - 243-1776

MARABÁ TRANSP. EM KOMBIS
261-0997 - 771-1881

TURISMO-AGÊNCIAS

GUANATUR PASSAGENS
255-1271. Dias da Rocha, 16

VIDRACEIROS

AEROPLEX
Vidros para Automóveis
255-4625. Barata Ribeiro, 266

CASA ROCHA - FÁBRICA DE ESPELHOS
230-9085. Av. Automóvel Clube, 3875

VIDRAÇARIA BRAGANÇA
247-1702. G. Carneiro, 131-B

VIPLAMOL-VIDROS/MOLDURAS
288-0708. Uruguai, 349 A/B

VIGILÂNCIA

SASIL SEGURANÇA
232-0790 - 255-5861
256-9634

SBIL-SEG. BANC. INDUSTRIAL
283-0812. Gomes Freire, 181

Página Serviço

ESTE É UM PRÁTICO GUIA SEMANAL QUE TRAZ PRODUTOS E SERVIÇOS QUE VOCÊ E SUA CASA PODEM ESTAR PRECISANDO.

CONSULTE-O SEMPRE. VAI AJUDAR VOCÊ A RESOLVER OS PROBLEMAS DOMÉSTICOS DO SEU DIA-A-DIA.

INCLUSÕES PELOS TELS: 242-6952 242-8345 222-5718

ACADEMIAS DE BALLET

MALUCE BALLET STUDIO
257-3205. Av. Copacabana, 895

ACADEMIAS DE GINÁSTICA

ACADEMIA RODNEY
Ginást. Fem. Masc. Taekwondo
235-7670. Av. Copacabana, 861

GESTÉTICA-CLÍN. DEGINÁSTICA MÉDICA P/GESTANTES
256-8062. 235-7001
Av. N.S. Copacabana, 895

GIN-RITMICA E PLACEMENT
274-2213 - 322-1305

GINA'S STUDIO G. MODERNA
265-4891. L. do Machado, 29

HENRIQUE IBEAS JAZZ
287-0098. Farme Amoedo, 76

LEE-TAEKWON-DO CLUBE MESTRE LEE E MESTRE KIM
394-5284. Campo Grande
286-4293. Botafogo

YOGA CAIO MIRANDA
255-4788. Av. Copacabana, 807

ADMINISTRADORAS

ADMINISTRAÇÃO DE IMÓVEIS PALMARES LTDA.
242-2847. Graça Aranha, 226
288-5149. Conde Bonfim, 406-B

ADRIÁTICA LTDA.
252-0135. E. Veiga, 35

AUXILIADORA PREDIAL S.A.
242-6060. Trav. Ouvidor, 32

EKASA S.A.
263-1749. 7 de Setembro, 98

GVI - ADM. DE IMÓVEIS LTDA.
242-5863 - 222-5912 - 227-8953

ICISA - ADMIN. DE IMÓVEIS
232-3743. Ouvidor, 130 Sl 216

IMOB. LAR DO BRASIL (I.L.B.)
Galpões Comerciais e Industriais Aluga - Compra - Vende e Administra.
270-5495. D. Isabel, 584. G. 202

RAL - RIO ADMINISTRADORA
237-7707 - 257-5616. Av. Cop., 380

ADVOGADOS

DR. ANTÔNIO J.C. GRILLO
242-5757. Av. 13 de Maio, 47

DR. LUIZ DA ROCHA BRAZ
253-5725. BIP OBL 246-4180

ADVOGADOS - CAUSAS CÍVEIS

ESCRITÓRIO MORAES PINTO
221-7114. Evar. da Veiga, 35

ADVOGADOS - DIREITO DE FAMÍLIA

COTRIM NETO & ADV. ASS.
242-4700. Graça Aranha, 226

DRA. CLEUZA VELOSO E ASS.
266-4716 - 257-9291 - 256-2460

ALFAIATES

ALDINO ESTILISTA
252-9551. Gonçalves Dias, 84

ATELIER OSVALD
255-5831. B. Ribeiro, 774-708

AYRTON ALFAIATE
235-0675. Copacabana, 420 SL

AQUECEDORES - CONSERTO

ADELINO - GAZISTA
237-5660. Copacabana

TEC-VAL LTDA.
Cosmopolita - Junkers - Venda e Conserto - Aten/Domicílio
280-8248/8298 - 230-6908

AR CONDICIONADO - CONSERTO

BRAZ AR CONDIC/GELADEIRA
222-7396. Glória

TELEMAQ
280-6349 - 230-8337

ASSISTÊNCIA A EXCEPCIONAIS

CENTRO DE ESTIMULAÇÃO
284-2709. Copacabana, 1072

AZULEJOS

CASA MONTES CRUZ
Pisos, Azulejos e Cerâmica
232-2220. Frei Caneca, 107/9

BARCOS E MATERIAIS NÁUTICOS

CENTRO NÁUTICO
233-3025. Teofilo Otoni, 48

BILHARES-MESAS E EQUIPAMENTOS

A NACIONAL-CONDORELLI
248-3708. São Januário, 989

BOMBEIROS HIDRÁULICOS

CHUVEIRO DE BOTAFOGO
226-1085. V. da Pátria, 46

HIDRO ELÉTRICA I. SILVA
229-3390. A Cordeiro, 492-fds.

SOUZA ELETRICISTA
294-1748. Almal. Paiva, 1174

BOUTIQUES

CONCORD TUDO P/NOIVAS
247-6377. V. Pirajá, 540 L/214

BOX PARA BANHEIROS

BLINDEX BOX-COVIDRO
232-3288/1800 - 283-8549

BLINDEX - VIDRAL
221-2351. Alfândega, 98

BOX DE VIDROS TEMPERADOS
Fumé, Bronze, Verde, Transp.
268-9911 - 288-8796

CORFORMA
Piso-Box e Banho-Box
392-9522. Est. R. Grande, 4328

BUFFET

BUFFET ANADOCE
268-1273. Sá Vianna, 148

CABELEIREIROS

CABELEIREIROS ROUDY
Alis. a óleo S/ Danif. Cabelos
235-0279/5148. Av. Copa, 542

CAMPOS' - CAB. UNISSEX
275-6698. P. Izabel, 7 LJ 13

DIERGI CABELEIREIROS
252-3225. F. Roosevelt, 23

HELENA TINTURISTA
286-0415. Gávea

INSTITUTO CABELO LANE
Queda Cabelo-Seborréia - etc.
232-4574. Pç. 15 Novembro, 38-A

JOAQUIM CABELEIREIRO
226-1694. S. Clemente, 12-B

LA ROSE CABELEIREIROS
222-0138. Fco. Serrador, 2 SL

LABELLE CABELEIREIROS
267-0348. V. Pirajá, 22 SL 201

MAINÁ CABELEIREIRO
245-0001. P. do Flamengo, 224

MIRELLA CABELEIREIROS
Haddock Lobo, 437-D. Tijuca

SALÃO ITAHY
222-7338. Graça Aranha, 145

CAMAS HOSPITALARES-ALUGUEL

ALCE-EQUIP. P/ENFERMOS
257-3462/0956. Sta. Clara, 50

CAMISEIROS

DARLY-CAMISAS SOB MEDIDA
232-4438. Av. Rio Branco, 120

CASAS DE REPOUSO

MANSÃO LABANCA
399-1412/2291. Av. Niemeyer

CINE-FOTO

KLICK COLOR FILMES
Revelação e Cópias em 48 horas
248-7993. Conde Bonfim, 232

CLÍNICAS DE ACIDENTADOS

DR. HERVÉ MACHADO
DR. JOSÉ L. DE FREITAS
DR. JOEMIO DIAS
Res. 38-5221 - 56-6656 - 47-4479
257-5604 - 255-6296
235-5624. Av. Atlântica, 3.308

CLÍNICAS DE LOGOPEDIA

PROF. SIMON WAJNTRAUB PROBLEMAS DA FALA
Crianças e Adultos
236-5185 - 236-5223
Santa Clara, 75

CORTE COSTURA-CURSOS

MODELISTA ADELAIDE
237-0562. Copacabana

CORTINAS

CARMEN MENNA BARRETO - CORTINAS ARTÍSTICAS E PERSONALIZADAS
Em Tear-Crochet-Couro-Tecido-Pintura à Mão Livre
397-8867. Barra da Tijuca

FÁBRICA DE ROLÔ-PAINÉIS
232-0084. Arist. Lobo, 100

LUNAR PAINÉIS E ROLÔS
224-8689

OSTROWER ROLÔS-PAINÉIS
226-3068. M. Abrantes, 178-D

COZINHA

DM DECORAÇÕES
396-5777. Estr. Galeão, 988-B

CRECHES

CRECHE COLEGUINHA
205-4949, Alegrete, 33 Lar

GENTE MIÚDA
208-1548. Tijuca

SUPYSAUA
274-4745. Artur Araripe, 100

DECORAÇÃO DA CASA

CARMEN MENNA BARRETO
397-8867-Barra da Tijuca

CLAIR DECORAÇÕES
287-0888. Visc. Pirajá, 82

ORNATUS ARQ. INTERIORES
294-0773. Av. At. Paiva, 965

SOLEMAR REFORMAS GERAL
253-1776 - 223-1378

DEDETIZAÇÃO E DESINFECÇÃO

CONSULTORIA TÉCNICA
201-4047. Cachambi, 206-B

IMUNILAR
Cupim. Barata. Rato. Traça
226-9577 - 226-8233
246-1740 - 246-6248

DENTISTAS

CLÁUDIO CORREA - CRO: 4083
287-3173 - 267-5393
Alm. Pereira Guimarães, 72

DRA. AURIZETE A. M. MENDES
396-3404. Estr. Galeão, 1470

DESPACHANTES

C. A. CARVALHO DESPACHANTE
243-3908 - 223-5302. Centro

ESCRIT. LIRIO MENDONÇA
233-1874. Mayrink Veiga, 32

ELETRICISTAS

ELÉTRICA TEMPERMAR LTDA.
Motores e Manutenção Indl.
234-8386. Av. Suburbana, 191

ELETRODOMÉSTICOS - CONSERTO

CONS. MÁQUINA DE COSTURA
235-3150. Siq. Campos, 143 L. 78

CONSERVADORA D/MÁQUINAS
Conserta-se Máq. de Lavar Brastemp e Frigidaire
294-3147 - 294-3197. Leblon

EMPALHADORES

EMPALHADOR FERNANDO
284-0485 - 234-1233

EMPREGADAS DOMÉSTICAS - AGÊNCIAS

AG. EMPREGADORA CRISELA
390-8940. Dom. Lopes, 642

AGÊNCIA GIRASSOL
257-2011. B. Ribeiro, 391

AGÊNCIA SIMPÁTICA
Arrum., Cop., Babás, Cozinheiras Mensalistas e Diaristas
222-3860. Evaristo Veiga, 35

CIDADE - EMPR. DOMÉSTICOS
236-5893. Santa Clara, 50

DOMÉSTICAS - AG. "PROLAR"
255-7744/45. Dom: 235-7579

ENCOMENDAS

ENCOMENDAÇO
Encomendas P/Todo o País
243-8995. Santo Cristo, 224

ENFERMEIROS

ASPE-ASSIST. PART. ENFERMOS
257-3462/0956. Sta. Clara, 50

ELINAZA - ACOMPANHANTES
231-1012 - 205-7085

ESCADAS

ESCADAS CARACOL TUPIARA
791-4543. Quint. Bocaiuva, 119

ESPORTES E ARTIGOS PARA JOGOS

SUPERBALL - COPACABANA
255-0425. Xavier Silveira, 40

ESQUADRIAS DE ALUMÍNIO

ALUMÍNIO TECNO-ALU
270-0399. Brás de Pina, 291

SQUEMA - ESQ. DE ALUMÍNIO
266-5570. M. Fontenelli, 41-C

ESTETICISTAS

ALESSANDRA
Estética Facial-Corporal
235-0643. Copacabana

ELA'S BELEZA E ESTÉTICA
275-7195. P. Isabel, 7 Lj. 15

ESTOFADORES

ACACIO GUEDES - ESTOFADOR
Cortina, Tapete, Pap. Parede
350-6777. Carlos Xavier, 352

CANDICE - ESTOFADOS
Faço Novos: Estofados e Cortinas Orç. S/Compromisso
275-8294 - 235-6712. Copa

COLCHOARIA COLOMBO
248-2430 - 208-4849.
C. Bonfim, 262

COLCHÕES FIRMATON
Orçamento sem Compromisso
226-0641 - 248-4811 - 289-1991

DOMITEX DECORAÇÕES LTDA.
208-2948. B. Mesquita, 605-C

GOULART DECORAÇÕES LTDA.
Estofados - Capas - Cortinas - Estofados Novos - Rapidez e Garantia - Orçam. S/Compr.
228-8388. Arist. Lobo, 196-E

JOIVAN DECORAÇÕES
287-0790. V. Pirajá, 318 ss 7

MARCOSREFORMAESTOFADOS
258-0472. Vila Isabel

MONTEARTE DECORAÇÕES
232-8625. Catumbi, 116 Fundos

NELMANREFORMAESTOFADOS
238-6546 - 258-1201

SQUEMA EMPALHADOR
266-5570. Palmeiras, 94

FARMÁCIAS E DROGARIAS

DROGA SIX
247-2580/7562. J. Castilho, 57

DROGARIA KOSMOS
238-1133. 28 de Setembro, 344

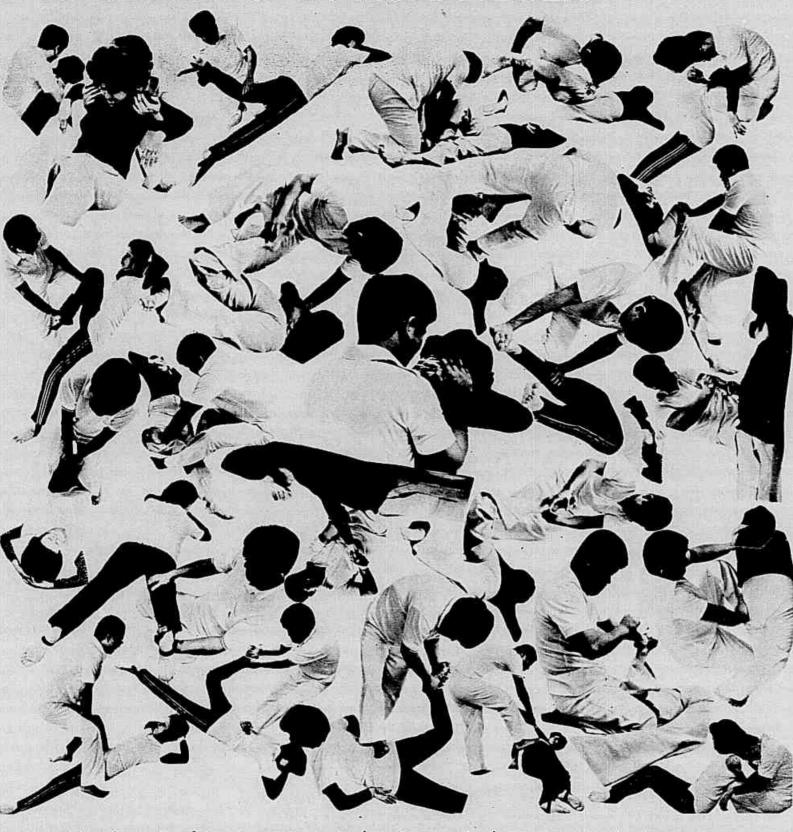
DROGARIA SAENS PEÑA
Entregas à Domicílio
284-5548. Conde Bonfim, 297-B

FARMÁCIA CARLOS SILVA
Capac. P/Atend. Casas Saúde
288-7898. São J. Batista, 14

FARMÁCIA GLICÉRIO
265-9735/8153 - 205-1949

TRATE DE SUA COLUNA

SEU CORPO VAI AGRADECER

Você nunca chamou a atenção de seu filho que anda curvado? Seu filho não consegue ficar sentado durante muito tempo? Você não consegue assistir um filme sem mudar de posição na poltrona? Já sentiu dormência no braço ou na perna? Você já notou alguma diferença de comprimento nas bainhas de suas calças? Um de seus ombros é mais caído do que o outro? Se você se enquadra afirmativamente dentro destas perguntas, em seu todo ou na parte delas, muito provavelmente você está sofrendo da coluna.

Sofrer da coluna não é um mal da idade. Se uma criança anda curvada ou um jovem tem de corrigir todas as bainhas de uma das pernas das calças compridas, não quer dizer, necessariamente, que a primeira esteja cansada ou que o segundo tem uma perna mais curta do que a outra. Na maioria dos casos, anomalias como um ombro mais caído do que o outro, ou uma postura incorreta não geram males na coluna. Essas manifestações são conseqüências e não causa.

Lembre-se, os problemas da coluna não afetam somente os mais idosos. Atualmente uma grande parcela da população de jovens adultos sofrem dos males da coluna, devido à vida sedentária, sem a prática de esportes e a luta pela sobrevivência não dando tempo para a Educação Física.

Há muitos casos em que os males da coluna aceleram a velhice. O conceito de que as dores fortes e o mal-estar causados pela coluna não tem solução, está ultrapassado, pois não condiz mais com a realidade. Diariamente novos métodos são encontrados com o objetivo de amenizar o sofrimento.

Vários são os tratamentos utilizados para este problema, porém qualquer que seja o tratamento indicado, se faz necessário o acompanhamento de uma ginástica especializada.

No Rio existe uma clínica que se dedica exclusivamente a este tipo de ginástica, o Centro Ortopédico Rio situado na Avenida Graça Aranha, 416 grupo 1114, telefone 222-3105. Nesta clínica o método aplicado baseia-se em manobras de Manipulação, que é a movimentação das articulações em seu grau máximo, realizada por um pessoal especializado.

O tratamento no Centro Ortopédico Rio é precedido por um exame físico ortopédico, no qual será indicado o programa a ser seguido.

A grande vantagem para o cliente está na certeza de um tratamento eficiente e individual, tendo à sua disposição uma entrevista de caráter informativo, sem compromisso.

HORÓSCOPO Semana de 17 a 23 de setembro

Jean Perrier

ÁRIES

(21/3 a 20/4). Planeta: Marte

Vida diária — Conserve as relações de pessoas que confiam em você. Não assuma responsabilidades que comportem riscos. **Sentimentos** — O plano sentimental exigirá de você compreensão. Seja mais conciliante com seus familiares. Harmonia com Gêmeos e Virgem. **Pessoal** — Aceite certos acontecimentos. **Saúde** — Indisposições. **Nº**: 12; **Cor**: Verde; **Dia**: Sábado.

TOURO

(21/4 a 21/5). Planeta: Vênus

Vida diária — Você deverá lutar para poder realizar seus projetos. O seu dinamismo permitirá que tudo seja bem-sucedido. **Sentimentos** — Não se deixe levar pelas aparências. Procure ser mais natural. Harmonia com Gêmeos e Capricórnio. **Pessoal** — Cuidado com seus reflexos. **Saúde** — Pratique esporte e passeie mais. **Nº**: 7; **Cor**: Cinza; **Dia**: Terça-feira.

GÊMEOS

(22/5 a 21/6). Planeta: Mercúrio

Vida diária: Os astros facilitarão as especulações. Pode assumir riscos, suas experiências serão bem-sucedidas. **Sentimentos** — Você deverá optar por dois caminhos opostos. Conserve a sua independência, será melhor. Harmonia com Áries e Câncer. **Pessoal**: Use mais da lógica. **Saúde** — Procure o ar da montanha. **Nº**: 5; **Cor**: Amarelo; **Dia**: Domingo.

CÂNCER

(22/6 a 22/7). Planeta: Lua

Vida diária — Clima excelente para os contatos no setor profissional, você saberá convencer. Projetos bem-influenciados. **Sentimentos** — Você terá a alegria de viver e seus amigos sentirão prazer em estar com você. Harmonia com Touro e Gêmeos. **Pessoal** — Seja mais realista. **Saúde** — Não freqüente lugares pouco ventilados. **Nº**: 9; **Cor**: Vermelho; **Dia**: Sexta-feira.

LEÃO

(23/7 a 23/8). Planeta: Sol

Vida diária: Muitos nativos conseguirão uma promoção no setor profissional. Não conte com promessas que não serão cumpridas. **Sentimentos** — Cuidado com o ciúme de certa pessoa e com as pressões familiares. Harmonia com Balança e Virgem. **Pessoal** — Adapte-se às circunstâncias. **Saúde** — Nevralgia e dor de cabeça. **Nº**: 4; **Cor**: Amarelo; **Dia**: Sábado.

VIRGEM

(24/8 a 23/9). Planeta: Mercúrio

Vida diária — Você encontrará o caminho certo embora sua situação seja um pouco confusa. Você deve se impor e mostrar a sua capacidade. **Sentimentos** — Você terá a oportunidade de conhecer uma pessoa encantadora. Harmonia com Touro e Balança. **Pessoal**: Renove seus métodos de trabalho. **Saúde** — Faça massagens. **Nº**: 10; **Cor**: Azul; **Dia**: Quarta-feira.

BALANÇA

(24/9 a 23/10). Planeta: Vênus

Vida diária: Não espere que tudo aconteça sem que você precise agir. Um esforço será necessário para que possa atingir seus objetivos. **Sentimentos** — Não confie nas aparências. Harmonia com Gêmeos e Touro. **Pessoal** — Cuide mais de seu lar. **Saúde**: Faça dieta. **Nº**: 8; **Cor**: Laranja; **Dia**: Domingo.

ESCORPIÃO

(24/10 a 22/11). Marte e Plutão

Vida diária: Você deve esperar por mudanças na sua vida profissional. Adapte-se pois isto fará com que seus rendimentos melhorem. **Sentimentos** — As suas esperanças se concretizarão e um acontecimento lhe dará muita alegria. Harmonia com Capricórnio e Áries. **Pessoal** — Não ouça críticas. **Saúde** — Cuidado com os excessos. **Nº**: 6; **Cor**: Preto; **Dia**: Quinta-feira.

SAGITÁRIO

(23/11 a 21/12). Planeta: Júpiter

Vida diária — Você deverá tomar importantes decisões e os resultados serão positivos. Você dispõe de recursos suficientes para progredir. **Sentimentos** — Seja mais realista. Acabe com este amor impossível. Harmonia com Balança e Touro. **Pessoal** — Reaja contra sua tendência à indolência. **Saúde** — Massagens benéficas. **Nº**: 6; **Cor**: Roxo; **Dia**: Sábado.

CAPRICÓRNIO

(22/12 a 20/1). Planeta: Saturno

Vida diária: Você deverá enfrentar certas dificuldades devido à má vontade de pessoas próximas. Não dê ouvidos às críticas por causa de suas idéias. **Sentimentos** — Período extremamente harmonioso, com Vênus em sêxtil. Harmonia com Virgem e Leão. **Pessoal** — Não condene ninguém. **Saúde** — Procure relaxar. **Nº**: 2; **Cor**: Verde; **Dia**: Domingo.

AQUÁRIO

(21/1 a 18/2). Urano e Saturno

Vida diária: Um período de afastamento lhe será proveitoso. Haverá uma mudança na sua vida e é importante escolher bem o seu caminho. **Sentimentos** — Você encontrará dificuldades, pois terá que fazer uma escolha neste plano. Harmonia com Balança e Capricórnio. **Pessoal**: Seus amigos necessitam de seu apoio. **Saúde** — Cuidado com sua garganta. **Nº**: 3; **Cor**: Preto; **Dia**: Sábado.

PEIXES

(19/2 a 20/3). Netuno e Júpiter

Vida diária: Os astros continuam favorecendo seus empreendimentos. Procure realizar o máximo de coisas. **Sentimentos**: Grande felicidade no plano sentimental. Cuidado com os ciúmes de seus próximos. Harmonia com Touro e Leão. **Pessoal** — Não hesite em dizer o que você pensa. **Saúde** — Risco de indisposições. **Nº**: 11; **Cor**: Rosa; **Dia**: Segunda-feira.

SOLUÇÕES

CRUZADAS

HORIZONTAIS — cotar; lama; marabuto; lamina; ata; acarar; ruma; adamo; atola; onus; mucama; toa; emolda; alargado; flor; aroma.

VERTICAIS — om; talamocelo; ara; rama; lunado; atarantado; mo; bica; paramo; prosar; tutu; amio; alamar; amor; alga; dar; al; om.

CHARADÍSSIMO

Charadas Epentéticas: 1. cota/cometa; 2. crido/criado; 3. grada/granada. Charadas Sincopadas: 4. malvada/malda; 5. sapeca/saca; 6. tacito/tato.

CONTINUEX

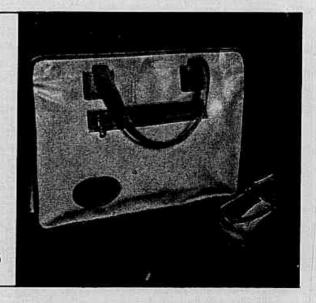
1. pormenorizar; 2. zarpar; 3. parcimônia; 4. acima; 5. matrimônio; 6. opositora; 7. rajada; 8. dativa; 9. valorosa; 10. sagacidade; 11. desespero; 12. romance; 13. cetácea; 14. anelo; 15. lotéricos; 16. costume; 17. menosprezo; 18. zona; 19. navio; 20. ócio; 21. opor.

DOMINÓ PROVÉRBIO

O feitiço cai sempre sobre o feiticeiro.

XADREZ

C(1)xPR

Melhor do que estar na Bahia

é aproveitar o melhor da Bahia

Em Salvador, existe um lugar onde você vai aproveitar o máximo que a Bahia tem. Salvador Praia Hotel.
À beira-mar na Praia de Ondina, ele reserva para você muito conforto e status. Um bar panorâmico, o Cabral 1500, e a piscina.
As delícias de seu restaurante 5 estrelas. Boutiques, lojas de artesanato. Divertimentos no salão de jogos, na boite.
E o melhor atendimento que a Rede Monte Hotéis faz questão de dar a você na Bahia.

Salvador Praia Hotel

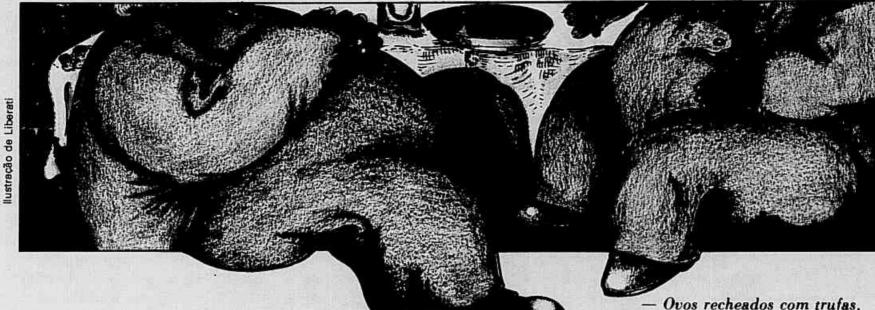
Av. Presidente Vargas, 2338

Maiores informações e reservas nos endereços abaixo:

Recife	Salvador	Rio de Janeiro	São Paulo
Av. Martins de Barros, 593 - Fone 231.0233 Telex 081-1454	Av. Presidente Vargas, 2338 - Fone 245.5033 Telex 071-1430	Av. Almirante Barroso, 22 s/304 Fone 224.8191 ABAV 336	Av. São Luiz, 258 s/1507 - Fone 258.7219 ABAV 545

40 anos de hospitalidade bem brasileira.
A Rede Monte Hotéis lhe oferece também em Salvador os serviços tradicionais do Hotel Plaza.
Av. 7 de Setembro, 1839 - Centro.

LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO

Ilustração de Liberati

O CLUBE

— Aqui estamos nós. Cada vez mais velhos. . .
— E gordos. . .
— Você está enorme.
— Você também.
— Graças a Deus. Já perdi todos os meus apetites, menos o de comida.
— É o que eu sempre digo: comida é bom e alimenta.
— O clube está deserto. Os criados foram todos embora?
— Você não se lembra? Não há mais criados.
— É mesmo. Não havia mais razão para mantê-los aqui. Afinal, nos reunimos só uma vez por mês.
— Mas eu vivo só para estas reuniões.
— Eu também. Não há mais nada.
— Hrmf.
— Hein?
— Eu disse, "hrmf". Um barulho de velho. Não significa nada.
— Não compreendo por que esta mesa posta para doze. Do grupo original, só sobramos nós dois.
— É a tradição. Temos que manter a tradição. Cada lugar vazio corresponde a um membro do clube que se foi.
— Ali se sentava o. . . Como era mesmo?
— O Gastão.
— Gastão, Gastão. . . Não sei se me lembro. . .
— Advogado. Morreu aqui na mesa mesmo, com uma espinha de peixe atravessada na garganta. Foi um escândalo. Ele rolou por cima da mesa. Destruiu um pudim de claras que parecia estar ótimo. Nunca o perdoei.
— É engraçado. Não consigo me lembrar. . .
— Fazia um assado de perna de vitela com molho de hortelã.
— Claro! Agora me lembro. E batatas noisette. *Sim, sim. . .*
— Ali sentava o doutor Malvino.
— Camarões com molho de nata.
— Não. Musse de salmão.
— Exato. Divina. E do lado dele. . .
— O Cerdeira. O primeiro dos nossos a morrer. Coração.
— Me lembro. Lamentável. Todos sentimos muito a sua morte. Ninguém fazia uma salada de anchovas como ele.
— Se ao menos tivesse deixado a receita do molho. . .
— Lamentável, lamentável.
— E quando morreu o Parreirinha?
— Nem me fale. Foi um golpe duro. Pensar que nunca mais provaríamos o seu creme de avelãs.
— Todos os membros do clube foram ao seu enterro. Houve cenas de desespero. Muitos salivavam descontroladamente junto ao caixão.
— A viúva alegou que ele não deixara a receita. Pensamos em recorrer à Justiça, lembra? Era birra dela. Dizia que o clube tinha matado o Parreirinha, de congestão.
— Balela. Sempre fomos incompreendidos. Nos acusavam de sermos símbolos de uma classe empanturrada pela própria inconsciência, qualquer coisa assim. Diziam que para nós a comida era tudo. Injustiça.
— Claro. Também havia a bebida.
— Ali sentava o Rego.
— Outra perda lamentável.
— Esta eu não senti muito. Para ser franco, nunca gostei muito da sua massa podre.
— E o Maurino. . .
— Maurino. Não estou situando bem a pessoa. . .
— Por amor de Deus. Maurino. Um dos homens mais importantes desta república. Nosso membro mais ilustre. Cirrose hepática.
— O que é que ele fazia?
— Ovos recheados com trufas.
— Ah, aquele Maurino! Inesquecível.
— Mas chega de recordações. Vamos ao prato de hoje.
— Preparei a minha especialidade. Panquecas de hadock *flambadas ao conhaque.*
— Ahn. . .
— Hein?
— "Ahn. . ." Um gemido de prazer.
— Me ajude com o conhaque. Já não consigo segurar. . .
— Cuidado. Assim. Epa.
— Derramou um pouco na toalha. Não faz mal.
— Cuidado com esse fósforo. Não aproxime muito da. . . Olha aí, prendeu fogo na toalha.
— Olha a garrafa!
— Caiu embaixo da mesa.
— O fogo já chegou no chão.
— Você, quando fala em "flambé", é "flambé" mesmo. . . Toda a mesa está em chamas.
— Salva as panquecas! Salva as panquecas!
— Tarde demais.
— Acho que devíamos chamar alguém para. . .
— Já estamos cercados pelo fogo. Não há ninguém aqui. E eu, francamente, não tenho ânimo para sair desta cadeira.
— Eu sei que a pergunta, a esta altura, é acadêmica, mas que conhaque era?
— Hennesy cinco estrelas, naturalmente. Eu não uso outra coisa.
— Pelas chamas, eu juraria que era um Martel.
— Ai.
— Hein?
— "Ai". Denotando dor. Acho que está pegando fogo na minha calça. Qual seria o seu prato para a nossa próxima reunião?
— Bisque de lagosta.
— Pena, pena. Enfim. . .
— O pior é morrer assim, queimado.
— Você preferia como?
— Pelo menos mal passado.

torrado a fundo lentamente

As pesquisas revelam que os consumidores gostam de café com um ponto de torra acentuado: café forte, com o verdadeiro sabor do café brasileiro.

Por isto, a Cia. União dos Refinadores, ao lançar o Café Pilão, está lancando um produto como os consumidores desejam: torrado a fundo, lentamente.

Os grãos, depois de selecionados, são torrados por um novo e exclusivo processo. É uma torragem por inteiro, que torra o cafe com uniformidade. O resultado é um café forte, com o aroma e o sabor dos bons tempos, do verdadeiro cafézinho brasileiro.

COMPANHIA UNIÃO DOS REFINADORES
ACUCAR E CAFE

A Telerj cria o plano mais prático e seguro para você ter um telefone.

CONHEÇA AS REGRAS VEJA AS VANTAGENS

Agora o plano de Expansão da Telerj ficou mais prático e mais seguro.

Para você se inscrever e para você receber o telefone.

Veja aqui as condições do Plano e depois preencha o seu pedido. Em seguida, entregue-o em qualquer agência do Unibanco, que vai lhe dar o recibo.

Assim você fica seguro de que não haverá erros com seu nome, endereço e números de seus documentos. E mais ainda, de que seu pedido de inscrição, antes de ser confirmado, vai ganhar prioridade de acordo com os critérios que são descritos adiante.

Somente depois de saber que o seu pedido é compatível com as disponibilidades técnicas da empresa é que a Telerj vai enviar a você, pelo Correio, o seu Contrato de Participação no Plano de Expansão. E aí você garante a sua inscrição pagando a primeira prestação ou pagando integralmente, se a compra for a vista. O seu investimento neste plano você recebe de volta em ações da Telebrás, de acordo com a legislação em vigor. Além, é claro, do telefone, que é desvinculado das ações, e que você poderá transferir a quem quiser.

Este Plano é válido somente para a cidade do Rio de Janeiro, área da Telerj. A forma de pagamento você escolhe na tabela de preços, anexa, cujos valores são válidos até o final do presente trimestre. Uma vez confirmado o seu pedido pela Telerj, você pagará preço fixo, sem qualquer reajustamento, até a última parcela. Os valores que você pagará serão os da tabela vigente na data da confirmação do seu pedido, pela Telerj.

06270341

PEDIDO DE INSCRIÇÃO NO PLANO DE EXPANSÃO DE TELEFONES DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

(ÁREA DE CONCESSÃO DA TELERJ)

PARA USO DA TELERJ	
LOC	5.000
C T	

À Telecomunicações do Rio de Janeiro S.A. — TELERJ, Rio de Janeiro, RJ

Solicito a minha inscrição no Plano de Expansão de Telefones da cidade do Rio de Janeiro conforme as condições gerais de participação constantes do formulário de instruções e nos termos a seguir descritos, com os quais declaro estar de acordo:

a) a confirmação deste pedido de inscrição, pela TELERJ, estará condicionada a existência de disponibilidade técnica na área pretendida, bem como, ao plano de pagamento escolhido e, ainda, à data de entrega deste pedido, na agência bancária.

b) o valor do Contrato, na condição de pagamento escolhida, será o vigente na data da confirmação do presente pedido de inscrição, pela TELERJ.

c) a condição de pagamento não poderá ser alterada uma vez confirmado o presente pedido de inscrição, pela TELERJ.

O SEU PEDIDO

ASSINALE COM UM "X", NOS QUADROS ABAIXO, A CLASSE E A CONDIÇÃO DE PAGAMENTO DO TELEFONE DESEJADO.

OBSERVAÇÕES: 1) Para adequado preenchimento consulte a tabela de preços, na qual se acham indicadas as condições de pagamento existentes para cada classe de telefone e os respectivos valores.
2) Note que, para as classes RESIDENCIAL e NÃO RESIDENCIAL deverá ser utilizado um formulário para cada telefone desejado.
3) Quando o pedido se referir a linhas da classe TRONCO, para ligação em equipamentos PBX ou PABX, poderá ser utilizado um único formulário para cada endereço de instalação, registrando na quadrícula correspondente a quantidade desejada, em algarismos.

SÓ É VÁLIDO COM O CARIMBO DO BANCO

PARA USO DO BANCO

CLASSES		QUANTIDADE
RESIDENCIAL	1	
NÃO RESIDENCIAL	2	
TRONCOS	3	

ASSINALE COM UM X APENAS UMA QUADRÍCULA EM CADA QUADRO

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO	
À VISTA	1
12 MESES	2
24 MESES	4
36 MESES	6

VIRE

CLASSES DE TELEFONES

Você pode pedir telefone para qualquer dessas classes:

a) Classe Residencial: corresponde a linhas telefônicas instaladas em residências e para uso estritamente domiciliar.

b) Classe Não Residencial: corresponde a linhas telefônicas instaladas em estabelecimentos comerciais, industriais ou de serviços (lojas, escritórios, consultórios, bares, etc.).

c) Classe Tronco: corresponde a linhas telefônicas para ligação em equipamentos tipo PBX e PABX (mesas telefônicas).

NOTA: As linhas telefônicas para serem instaladas em equipamentos "Key System" serão sempre das classes: Residencial, quando o uso for estritamente domiciliar até o máximo de três linhas; Não residencial, quando o uso não for domiciliar ou quando a quantidade exceder a três linhas.

PLANOS DE PAGAMENTO

Você tem vários planos de pagamento à sua escolha. O plano escolhido não poderá ser modificado depois de confirmado o seu pedido de inscrição, pela Telerj.

CRITÉRIOS DE PRIORIDADE

A Telerj analisará todos os pedidos de inscrição, observando os seguintes critérios de prioridade para efeito de sua confirmação:

a) Disponibilidade de equipamentos nas Centrais Telefônicas que servem à área para a qual está sendo feito o pedido de inscrição;

b) Plano de pagamento escolhido. Terão prioridade os pedidos de inscrição de pagamento à vista e os de prazos menores,

c) A data de recebimento do pedido de inscrição pela rede bancária.

PRAZO DE INSTALAÇÃO

O prazo de instalação de seu telefone será de aproximadamente 24 meses, contados a partir da data da emissão do Contrato, salvo em casos especiais, cujo prazo será informado quando da confirmação de seu pedido de inscrição.

Muitos telefones vão ser instalados antes desse prazo, porque serão ligados a Centrais Telefônicas já em fase de instalação.

COMO PREENCHER O PEDIDO DE INSCRIÇÃO

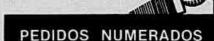
A parte que você vai preencher foi preparada de modo a facilitar a transferência dos dados para o computador. Você deve preenchê-la em letra de forma, legível e sem erros. Se errar, peça novo formulário ao Banco.

O formulario deverá ser preenchido integralmente. A falta de qualquer informação tornará nulo o pedido de inscrição.

Se o pedido for para pessoa que não tenha CPF (esposa, filhos, etc.) deverá constar o CPF do responsável pela inscrição (marido pai, tutor, etc.).

UM FORMULÁRIO PARA CADA PEDIDO

Deverá ser preenchido um formulário para cada telefone de residência ou de negócio (não residencial) desejado. Contudo, se estiver interessado em troncos para mesas PBX ou PABX, você poderá pedir qualquer quantidade de troncos usando um só formulário, desde que seja para o mesmo endereço.

Pedidos para telefones residenciais, não residenciais e troncos devem ser feitos em formulários separados.

PEDIDOS NUMERADOS

Todo pedido de Inscrição é numerado.

É importante guardar esse número, pois somente com ele você poderá acompanhar pelos jornais a confirmação do seu pedido de inscrição e obter informação na Empresa.

O número será necessário, também, para você solicitar qualquer alteração de seu pedido, na Unidade Comercial da Telerj de sua área.

CONFIRMAÇÃO DO PEDIDO

A confirmação do seu pedido de inscrição será feita com o envio, pelo Correio, do Contrato de Participação no Plano de Expansão.

Além disso, a Telerj vai mandar publicar nos jornais de maior circulação do Rio a relação dos números dos pedidos que tiveram suas inscrições confirmadas.

PAGAMENTO

O valor do pagamento e a data do vencimento constarão do Contrato que será enviado pelo Correio. Este Contrato deverá ser assinado por você e apresentado na agência bancária para pagamento.

Lembre-se de que sua inscrição no Plano de Expansão somente se efetivará no ato do pagamento da primeira prestação (ou total, se for o caso) na agência bancária. O recibo passado pelo Banco neste formulário apenas comprova a entrega do seu pedido de inscrição.

SÓ É VÁLIDO COM O CARIMBO DO BANCO

PARA USO DO BANCO

DADOS CADASTRAIS

Informe a seguir, conforme indicado, todos os dados do pretendente (em nome de quem será instalado o telefone), pessoa física ou da firma (pessoa jurídica), nos espaços indicados, necessários ao perfeito cadastramento do pedido. Utilize letra de forma (uma letra em cada quadrícula, quando for o caso).

ASSINALE COM UM X A CARACTERIZAÇÃO DO PRETENDENTE

PESSOA FÍSICA ☐ 1

PESSOA JURÍDICA ☐ 2

GOVERNO

FEDERAL ☐ 3 | MUNICIPAL ☐ 5 | OUTROS ☐ 7

ESTADUAL ☐ 4 | AUTARQUIAS ☐ 6

PREENCHA EM LETRAS DE FORMA OS SEGUINTES DADOS:

NOME OU RAZÃO SOCIAL

ENDEREÇO PARA INSTALAÇÃO

LOGRADOURO (RUA, AVENIDA, PRAÇA, ETC.)			NÚMERO
COMPLEMENTO (BLOCO, APTº, GRUPO, SALA, ETC.)	BAIRRO	CIDADE **RIO DE JANEIRO**	CEP

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

LOGRADOURO (RUA, AVENIDA, PRAÇA, ETC.)					NÚMERO
COMPLEMENTO (BLOCO, APTº, GRUPO, SALA, ETC.)	BAIRRO	CIDADE	ESTADO	CEP	TELEFONE PARA CONTATO

COMO DESEJA QUE SEU NOME CONSTE NA LISTA TELEFÔNICA

IDENTIDADE

NÚMERO

ÓRGÃO EMISSOR

CPF OU CGC

Obs.: para o CPF inclua o número de controle

NO CASO DE PESSOA FÍSICA INFORME A SEGUIR SE O CPF INDICADO CORRESPONDE AO NOME REGISTRADO ACIMA.

SIM ☐ 1 NÃO ☐ 2

NOME DE QUEM PREENCHEU O PEDIDO	ASSINATURA	DATA / /

CADERNO DE
QUADRINHOS
Nº 130 Suplemento do JORNAL DO BRASIL, 17 de setembro de 1978 **Não pode ser vendido separadamente**

PERNA-LONGA

LINDI-NHA!
PERNA'S
ESCRI!
ESQUARC

AGORA, UMA NOTA ESTRANHA!
RASP

APOSTO QUE, COM O DESAFINAMENTO, O PERNALONGA APARECERÁ COR-RENDO!
ESCROOC

VOCÊ GANHOU, FRA-JOLA! PARE COM ISSO E GANHA UM ALMOÇO DE GRA-ÇA!
VOCÊ DENIGRE MINHA MUSICA-LIDADE, CHEFE! AINDA ASSIM, ACEI-TO ALEGRE-MENTE SUA OFERTA!
PERNA'S
SQUEECH

PODE ENTRAR, MAS A CABRA TERÁ DE FICAR DO LADO DE FORA!
OH! VOCÊ ME DILACERA O CORAÇÃO! EU E A CÍNTIA SO-MOS INSEPA-RÁVEIS!

MAS ESTOU CERTO DE QUE ELA SUPORTARÁ FACILMEN-TE MINHA AUSÊN-CIA!
1/16

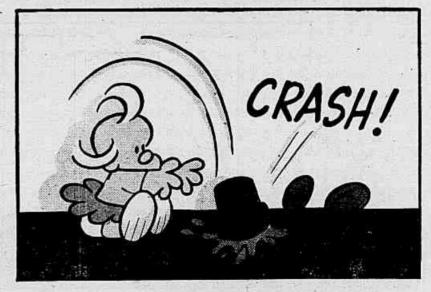
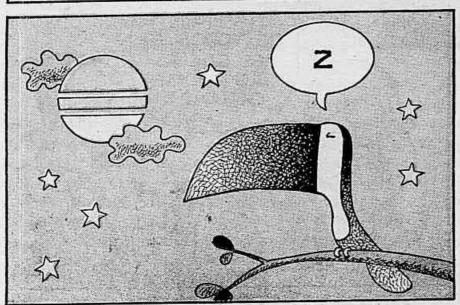
AFINAL, A CÍNTIA ADORA GERÂNIOS!
PERNA'S
CRUNCH
SNARRF
RALPH HEIMDAHL
AL STOFFEL
T.M. Reg. U.S. Pat. Off.
© 1978 by Warner Bros. Inc.

KID FAROFA de Tom K. Ryan

WALT DISNEY MICKEY

CEBOLINHA
MAURICIO
© 1978 MAURICIO DE SOUSA PROD.
286
a mônica é bo
bona e chata e ale
além de fazer
MAURICIO
xixi na cama
ela é muito d
dentuça e abelhuda e introm
etida e princi pa
principalmen
-te é linda, bonita, charmosa,
FIM

Zezé e Cia

de MORT WALKER
e DIK BROWNE

FÊMUR
HECTOR SAPIA
COMO ? NÃO PROVOU NADA DO QUE LHE TROUXE PARA COMER ?
NÃO ESTOU HABITUADO.

NÃO ESTÁ HABITUADO A QUÊ ?
A COMER COM GARFO...

...NA FRENTE DE TODOS ESTES QUE ESTÃO AÍ ME OLHANDO.

SENHOR FEITICEIRO, TEM QUE FAZER ALGUMA COISA PARA QUE EU POSSA SAIR DAQUI.

IMPOSSÍVEL, VOCÊ TEM QUE CONTINUAR.
MAS POR QUÊ ?

PORQUE SENÃO, O QUÊ QUE EU VOU LER NOS DOMINGOS ?

Vida de Passarinho
CAULOS.
011

Z

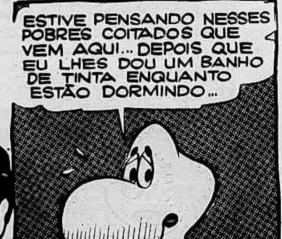
OLÁ, TUCANO!
OI, JOÃO-DE-BARRO!

O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO ACORDADO A ESSA HORA DA NOITE?

EU NÃO CONSIGO DORMIR.
E SE EU CONTAR UMA HISTÓRIA?

ERA UMA VEZ UM CAÇADOR MUITO BONZINHO...

JÁ COMEÇOU MENTINDO!

ARCA dos BICHOS de Addison

VOCÊ, FALAR EM HONESTIDADE?... DEPOIS DE CONSEGUIRMOS O DIPLOMA DE CURA-TUDO, TROCANDO DE LUGAR NOS EXAMES, POR CAUSA DA NOSSA SEMELHANÇA!

CONTINUA

O MAGO DE ID
PARKER e HART
UM SUJEITO ALTO QUER VER O REI.

ESCAAAADA PRO REI!!

SEU IRMÃO-CAÇULA, ALTEZA!
COMO VAI INDO, COMPANHEIRO?!
FIELD ENTERPRISES, INC., 1978

VOCÊ LÁ SE IMPORTA COMO VOU INDO, SEU NANICO?!

6-25

AO CALABOUÇO, PARA UMA SURRA!

B. Parker.

MAS... ALTEZA... É O SEU PRÓPRIO IRMÃO!

INGRATO! MISERÁVEL!

APÓS USAR, TODOS ESTES ANOS, MINHAS ROUPAS VELHAS!!

RITINHA
PIPAROTI
DAMIANA
PITA
É ISSO AÍ, COLEGUINHA! VAMOS BRINCAR?
Daniel Azulay
O CIRCO LAMBE-LAMBE

DAMIANA RESOLVEU CONHECER UMA COLMÉIA E OLHEM SÓ O QUE ENCONTROU!
HORIZONTAL: 1-NOME DA MENINA QUE APARECE NO DESENHO. 6-PREPOSIÇÃO. 7-FIBRA DE PALMEIRA. 9-CONGÊNITA. 10-GOSTO, PALADAR. 12-CAMINHAVA. 13-PRODUTO USADO NO ASSOALHO. 14-EXTERMINAR. 15-ATMOSFERA. 16-ESPÉCIE DE POMBA.
VERTICAL: 1-CAUSA DANO. 2-ANTIGO TESTAMENTO. 3-SIMPLES (Plural). 4-ABECEDÁRIO. 5-ATARA. 8-AGREDIR. 11-VERBAL, VOCAL.
HORIZONTAIS: 1-DAMIANA. 6-ATÉ. 7-RÁFIA. 9-INATA. 10-SABOR. 12-IA. 13-CERA. 14-MATAR. 15-AR. 16-ROLA.
VERTICAIS: 1-DANIFICA. 2-AT. 3-MERAS. 4-ALFABETO. 5-AMARRARA. 8-ATACAR. 11-ORAL.

PARA FAZER ESTE VASINHO BASTA ARRANJAR UM CARRETEL DE LINHA VAZIO, COLAR O PAPEL EM VOLTA E PINTAR!

SE OS AMIGUINHOS SEGUIREM A NUMERAÇÃO DO QUADRO MAIOR POR ESTE EM QUE EU ESTOU, CONSEGUIRÃO FAZER O MEU DESENHO IGUALZINHO DUAS VEZES MAIOR.

QUAIS SÃO OS DOIS AVIÕES IGUAIS?
RESPOSTA 3 E 4

OH, NÃO! É AQUELE GAROTO CHATO DE NOVO!
LOJA DE ANIMAIS

PRRRIII! PI-PI-PRRII!

AU-AU!
AU-AU!
AU-AU! AU-AU!
VOU DAR UM JEITO NELE!

VEJO QUE VOCÊ GOSTA DE BICHINHOS! VENHA VER ESTA ENCOMENDA ESPECIAL!
OBA!

UAAAA!
GRAUR